Jozê Bonifacio de Andrada e Sª

N. em 13 de Jun. de 1763
M. em 6 de Abril de 1838

A.F. Lemaitre, 23 quai de l'Horloge — Imp. Lamoureux, Paris.

HISTORIA GERAL

DO

BRAZIL

ANTES DA SUA SEPARAÇÃO E INDEPENDENCIA

DE PORTUGAL.

PELO

Visconde de Porto Seguro,

Natural de Sorocaba.

2ᴬ EDIÇÃO.

MUITO AUGMENTADA E MELHORADA PELO AUTOR.

TOMO PRIMEIRO.

RIO DE JANEIRO.

EM CASA DE E. & H. LAEMMERT.

[illegible]DOR, 66.

DEDICATORIA

a

Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro II.

SENHOR!

Por segunda vez chego aos pés do Throno de Vossa Magestade Imperial *com o fructo de minhas locubrações acerca da Historia Patria, no periodo de mais de tres seculos anterior á „era da independencia e do imperio."*

Se a voz da consciencia não me accusou até hoje o minimo escrúpulo a respeito da imparcialidade com que tratei sempre de averiguar e de narrar os factos, não posso deixar de reconhecer que esta nova publicação leva grandes vantagens á precedente; assim pela maior cópia de factos apurados, como pela mais exacta apreciação de outros, aclarados pelo apparecimento de novos documentos ou por mais accurados exames.

A Vossa Magestade Imperial, *Senhor, Primeiro Estadista brazileiro que reconheceu e sanccionou a importancia do estudo da Historia da Nação, tanto para contribuir ao maior esplendor della entre os estranhos, como para ministrar*

dados aproveitaveis na administração do Estado, e tambem para fortificar os vinculos da unidade nacional, e aviventar e exaltar o patriotismo, e ennobrecer o espirito público, augmentando a fé no futuro e na glória das lettras, — *a* Vossa Magestade Imperial, *que, com taes miras, Susteve e Levantou mui alto o Instituto Historico Brazileiro, Installando-o no proprio Palacio Imperial, Assistindo ás suas sessões ordinarias, Honrando aos seus socios, e Conferindo-me a mim, filho do povo, o necessario alento para, entre não pequenas contrariedades de todo o género, proseguir perseverante em taes estudos, a que uma innata vocação me conduzíra, desvaneço-me em proclamar que devo o ter conseguido terminar esta obra; preambulo da gloriosa* HISTORIA DA INDEPENDENCIA *que não tardarei a publicar. A acceitação por* Vossa Magestade Imperial *desta dedicatoria e os decretos de 14 de agosto de de 1872 e 16 de maio de 1874, associando-me ao ponto de partida da*

história da civilisação do Brazil, são actos de Sua Imperial Magnanimidade, que por si sós accusarão aos leitores futuros o reinado fecundo que produziu a obra, bem que ainda com defeitos, filha de aturado trabalho de uma vida sempre votada ao estudo e á investigação da verdade.

Que Deus siga abençoando o reinado de Vossa Magestade Imperial, *para maior Glória Sua e felicidade da Patria, são os votos constantes que faz,*

SENHOR,

De Vossa Magestade Imperial,

O muito reverente e leal subdito

Visconde de PORTO-SEGURO.

PRÓLOGO.

„Os povos, disse Toqueville, resentem-se eternamente da sua origem. As circumstancias que os acompanharam ao nascer e que os ajudaram a desenvolver-se influem sôbre toda a sua existencia.“ „Se fosse possivel a todas as nações, prosegue o mesmo publicista, remontar..... á origem da sua história, não duvído que ahi poderiamos descobrir a causa primaria das prevenções, dos usos e paixões dominantes, — de tudo, em fim quanto compõe o que se chama caracter nacional.“

Estas poucas linhas de autoridade insuspeita servirão de carta de recommendação para aquelles que imaginem de menos interesse o estudo da nossa história, nos tempos coloniaes, sob regimen differente do que adoptou o imperio independente e liberal.

„Uma nação, diz outro talentoso escriptor francez, é um gruppo mais ou menos consideravel de familias, provindas ás vezes de sangue mui differente, mas todas unidas pela identidade de espirito público: tem no passado uma só história, não duas: e se della rompesse as tradições, deixaria de apresentar-se devidamente.“ E de feito: a mesma história nos dá exemplos do caro que tem pago algumas nações o pretenderem renegar de todas as tradições do seu passado; custando isso, a

umas o ser victimas do jugo estrangeiro, e a outras a perda de sua paz e tranquillidade, envolvendo-se em guerras civis e de raças interminaveis, sem poderem mais encontrar nucleo de cristallisação, que sirva de base a novos principios de organisação, admittidos por todos os cidadãos, pela poderosa e efficaz sancção dos seculos.

Outras considerações farão ainda mais sensivel a importancia do estudo da história patria colonial. Por occasião de ser proclamada a independencia e o imperio em 1822, o Brazil contava já em seu seio patricios eminentes, cidades policiadas e fontes de riqueza, abertas pela agricultura, pela industria e pelo commercio.

Fôra tudo isso obra do acaso, ou creado de repente? Não. Custára ad vida e o trabalho de um grande número de gerações; e pouco a pouco se haviam ido accumulando os elementos para esse grande acontecimento; e já nas proprias escolas do paiz e da metropole se haviam formado os illustres patricios que encaminharam a obra da regeneração, tendo á sua frente um Principe que até então não viajára em terra estranha. Além de quê; d'entre os proprios colonos primitivos, troncos originarios, neste novo continente, de muitas familias, que hoje constituem o principal de sua povoação, — d'entre esses colonos, dizemos, submettidos ao antigo regimen, que hoje com razão tanto reprovâmos, — e cujos males elles mais que nós soffreram, ameaçados com os rigores do livro quinto das Ordenações e até com as fogueiras da inquisição, muitos nos legaram acções meritorias e de abnegação e desinteresse, que, não só por gratidão como até por con-

veniencia, nos cumpre commemorar; pois, como diz um nosso [1] illustre magistrado, „nada excita tanto o esfôrço do homem para o bem como a recordação das nobres acções dos seos maiores... O zelo de suffragar a virtude dos paes é já nos filhos um princípio de virtude.“ „Supprima-se ás nações o conhecimento do seu passado e teremos a humanidade sempre no berço da infancia.“

Ora, se com respeito a todas os nações são estes principios verdades inconcussas, com mais razão se applicam elles á brazileira; pois que, entre as principaes da America, foi a que custou mais esforços e mores trabalhos aos seus colonisadores, antepassados, em grande parte, como fica dito, dos actuaes cidadãos.

Os estados hispano-americanos, com pequenas excepções, ou apresentaram, como as margens do Prata, campinas em que pouco mais que fazer houve que metter nellas gado, e acoçar os Indios com alguma cavallaria, ou formavam já povos obedientes e com certa civilisação, como no Mexico, em Nova Granada e no Perú, onde, agarrado o antigo chefe, se conseguia submetter logo, mais ou menos facilmente, toda a nacionalidade a elle meio escravisada.

Na America do Norte, não acharam os colonisadores estas facilidades; mas, em troco dellas, encontraram um clima como o donde vinham, rios sem caxoeiras, estradas fluviaes já feitas para penetrarem desde logo pelo interior; e encontraram tambem ou campos ou bosques, sem cobras nem animaes venenosos, e que durante o inverno se despiam de folhas, e permittiam

[1]) O sr. Dezembargador Alencar Araripe.

aos lenhadores livre passagem entre os troncos, os quaes, uma vez cortados, não rebentavam mais; apodrecendo os tocos e as raizes, e deixando dentro de alguns annos a terra fertilisada, e facil de ser surcada pelo arado. A propria neve, que ahi cobre a terra durante alguns mezes de inverno, serve de fecundal-a mais; infiltrando-se nella a agua pouco a pouco, causando a morte ás formigas e a outros insectos damninhos, ao passo que as chuvas torrenciaes muitas vezes prejudicam, varrendo com as enxorradus o humus das pendentes.

Quão differente se apresentou o Brazil aos seus colonisadores! O clima geralmente tropical na beiramar; o sol ahi abrazador para os filhos das zonas temperadas; grande número de caxoeiras nos rios, de navegação semeada de escolhos e de perigos; serras asperissimas, invias e cobertas de espessas e impenetraveis matas; nestas animaes venenosos e cipós e espinhos que embaraçavam o transito, e com uma vegetação successiva, e tão vigorosa que ainda depois de derribado o matto virgem, depois de queimado *encoivarado*, semeado, e recolhida a safra, rebentava de novo com vigor, e se convertia, dentro de pouco, outra vez em matto, se não virgem, de tal natureza que se necessitava repetir igual esfôrço para obrigar de novo a mesma terra a produzir, em vez de arvores seculares, ás vezes de fructos venenosos, os alimentos necessarios á vida do homem.. Ah!.. Quantos não desfalleceram nessa hórrida luta, para elles antes desconhecida, e quanto vigor e quanta fôrça de vontade não foi indispensavel aos que não ficaram no caminho, ou, desfallecidos, não regressaram á patria!

Podemos ter uma idéa do muito que a este respeito

soffreriam os colonos, tanto senhores, como escravos africanos, lembrando-nos de como varios dos proprios grandes donatarios, tâo bem aquinhoados, preferiram abrir mâo da empreza de cultivar e beneficiar os seus grandes senhorios ou verdadeiros estados, dando-se por felizes de haverem podido voltar com vida ao patrio lar!

E que diremos da luta, tantas vezes *inevitavel*, que tiveram de travar com os Indios, e na qual nâo poucos pereceram e foram por elles devorados?! Inevital, dizemos, porque, no estado de fraccionamento em pequenas cabildas, hostis umas ás outras, em que os mesmos Indios foram encontrados, em todo o actual territorio do Brazil, ainda quando os colonos, assim brancos como pretos, conseguiam a amisade daquelles do logar onde desembarcavam, tinham logo por inimigos os inimigos desses novos alliados, e se viam constrangidos a combater aos que destes eram contrarios; conforme succedeu (para citar dois exemplos bem conhecidos) com o Caramurú, na Bahia, e com Joâo Ramalho em Piratininga. E ainda admittindo que muitas vezes abusavam os superiores dos inferiores, os senhores dos escravos, e uns e outros dos Indios, como é certo, nâo é tambem certo que, á custa das lágrimas do exilio, nos legaram elles a nós, seus herdeiros, as casas fabricadas, as fazendas criadas, as villas e cidades fundadas, — a vida, a religiâo, o commercio, a riqueza, a civilisaçâo,... a patria em fim?

Sirvam estas ligeiras consideraçôes para indicar o espirito de tolerancia que reinará nesta obra, que, como

acariciada por nós em toda a vida, aspira, pela sua propria imparcialiadade, a passar á posteridade, tanto no Brazil, como fóra delle. Convencidos igualmente de que a verdade é a alma da história, que só ella pode offerecer harmonía eterna entre os factos narrados, que o verdadeiro criterio da verdade historica não se pode aquilatar senão pela concordancia nos incidentes, não nos poupámos a nenhuns esforços, a fim de remontar ás fontes mais puras. Não julgando sufficiente o que rezam as velhas chronicas, rebuscámos antigos documentos nos archivos, não só do Brazil, como de Portugal, da Hespanha, da Hollanda e da Italia; percorremos pessoalmente todo o nosso littoral; visitámos os Estados Unidos, várias Antilhas e todas as republicas limitrophes; — tudo, ha mais de trinta annos, graças especialmente ás facilidades que nos foram proporcionadas pelo proprio governo imperial, em serviço do estado; e antes, por accidentes, nem que providenciaes, da nossa vida, que nos haviam conduzido a cursar os estudos em Portugal, e a nos familiarisarmos ahi com a sua paleographia e os seus archivos e depositos de documentos manuscriptos, que continham a maior parte dos elementos que deviam vir a servir para reconstruir a história patria. A existencia desses ricos thesouros foi por nós já em parte manifestada ao público em 1839, nos escriptos que publicámos acerca de Pero Lopes e Gabriel Soares. E o cabal conhecimento que delles haviamos adquirido continuou sempre, ainda particularmente, á disposição de todos os illustres patricios que, para seus estudos particulares ou em desempenho de commissões do governo, desde logo, ou depois de alguns desenganos e estereis buscas, se resolviam a

recorrer „a quem sabía e queria auxilial-os“ [1], a fim de poderem encontrar e fazer copiar, grande número de documentos inéditos, dos quaes muitos tem sido já dados á luz.

Em todo caso, hoje nos lisongeâmos de poder com esta obra (que preenche bem ou mal, muitas lacunas na história dos feitos gloriosos dos antigos Portuguezes) corresponder aos bons officios prestados pelo governo da metropole, tanto a nós pessoalmente, como em geral a todos os Brazileiros.

Só o tempo poderá ir melhor descobrindo, aos que se votem a estudos mais profundos da história patria, quanta perseverança pozemos neste empenho, e quâo inabalavel foi a nossa fé para supprir com a applicaçâo aturada a escacez das proprias fôrças....

Acerca do modo como procurámos realisar o nosso proposito cumpre-nos dar algumas explicaçôes.

Pelo que respeita á escolha dos assumptos, que nos deviam merecer a preferencia, nâo seguimos servilmente nenhum modêlo. Longe de nos limitarmos á narraçâo dos successos politicos, ou a estereis biographias dos mandôes, cujas listas ordenadas alias julgamos da maior importancia para a chronologia, procurámos occupar-nos principalmente dos factos mais em relaçâo com o verdadeiro desenvolvimento e civilisaçâo da paiz: comprazendo-nos até de nâo deixar em esquecimento os modestos obreiros que prestaram algum serviço nas lettras ou na indústria, procurando sempre escrever antes um livro util e proprio a estimular o

---

[1]) J. F. Lisboa, Cart. 14ª, de 30 nov. de 1856, p. 87 do folheto „*Os Indios Bravos*“ etc.

trabalho e a prática das boas acções, do que puramente ameno e destinado á simples distracção.

Igualmente nos esforçámos por não ser prodigos nas narrações, nem pretenciosos nos juizos e analyse dos acontecimentos; pondo o maior empenho em commemorar, sempre com o possivel laconismo, e embora com menos elegancia, os factos mais importantes, e esmerando-nos em os descrever com a maior exactidão e clareza. Cada dia nos convencemos mais de que a história é um ramo da crítica, não da eloquencia; e que perante o tribunal della, o historiographo não é um advogado verboso e florido, mas antes um verdadeiro juiz, que, depois de averiguar bem os factos, ouvindo as testemunhas, com o devido criterio, deve, feito o seu allegado com o possivel laconismo, sentenciar na conformidade das leis equitativas da sociedade e humana justiça.

Pelo brilho e ornato do estylo não levamos pois a menor pretenção de campear. Irão os periodos muitas vezes como foram de primeiro jacto concebidos, em presença dos documentos estudados. A's vezes se encontrará um periodo escripto, com a differença de mais de vinte annos de tempo, do que se lhe segue, e do que o precede; e todos sabem como é difficil, ainda aos mais exercitados, o desapegar-se dos travos e resaibos que por algum tempo deixam no gôsto as fontes de que se bebe. A linguagem porém procurámos sempre que saisse puritana e de boa lei; e neste sentido temos mais de uma vez ouvido, com certo desvanecimento, da propria boca de alguns de escriptores nossos, politicos e litteratos, que a nossa obra havia tido grande parte a firmal-os no manejo da lingua vernacula.

Como temos dito por vezes, a escola historica a que pertencemos, é, estranha a essa demasiado sentimental que, pretendendo commover muito, chega a afastar-se da propria verdade. Fazemos a esse respeito uma verdadeira profissâo de fé quando, ajuizando nesta obra a do illustre Rocha Pitta, dizemos ser a do escriptor bahiano „omissa em factos essenciaes, destituida de criterio, e alheia a intençôes elevadas de formar ou de melhorar o espirito público nacional, fazendo avultar, sem faltar á verdade, os nobres exemplos dos antepassados," — e acrescentámos que aquelle autor nâo recorrêra „ás mais puras fontes da história; que e era mais imaginativo que pensador; mais poeta e admirador do bello que crítico, vassallo da razâo e escravo das provas authenticas."

Tambem nos cumpre repetir aqui o que ja outra vez dissemos, que o amor á verdade nos obrigará mais de uma vez a combater certas crenças ou illusôes, que já nos haviamos acostumado a respeitar. Aos que lamentem o ver dissipadas algumas d'essas illusôes de apregoados heroismos, rogâmos que creiam que os haveremos precedido n'essas jeremiadas: e pedimos se resignem ante a verdade dos factos, com tanta maior razâo quando essa verdade, n'este mesmo livro, lhes proporcionará, em vez d'essas illusorias glórias, outras mais incontestaveis; sendo que nâo pequeno número de pontos, em que havia dúvidas, conseguimos deixar esclarecidos; nâo por nossos fracos talentos, mas pelos argumentos incontestaveis que resultam das provas que, mediante aturado estudo, conseguimos reunir.

Quanto ao methodo, bem que preferimos grupar

os assumptos por determinadas epocas, esmerando-nos por que fossem as transições faceis, julgámos podermonos dispensar de adoptar no texto as divisões pedantes e escolasticas, em grandes periodos e em livros; contentando-nos, como na anterior edição, com a simples divisão em secções. Os Romanos chamavam-lhes livros, ao que parece, por que cada um se continha em um rolo de pergaminho.

Pozemos especialmente o maior empenho em guardar na obra toda a maior harmonia; não sendo em umas partes mais minuciosos, somente por que dellas tinhamos á mão mais documentos; mas sim por que assim o reclamava a maior importancia do assumpto; isto afim de que o princípio e fim da obra correspondam ao seu meio. Muitas vezes a concisão que se notará nos terá dado maior trabalho, por obedecer ao preceito do mestre que manda ao escriptor conter-se.

Os nossos escrupulos em condensar foram taes que passaram até a manifestar-se materialmente na propria impressão da obra; pois, em vez de fazer avultal-a, procurámos que saisse tão compacta quanto possivel; vindo a incluir em dois volumes doutrina que poderia bem apresentar-se em dez ou doze, impressos, de outra fórma; e ainda mais, reproduzindo em cada um delles os documentos já extensamente explicados no texto, resultando da obra muito maiores lucros em prejuizo dos candidos adquiridores.

Não nos deteremos aqui apresentando uma resenha dos muitos additamentos e melhoramentos importantes desta edição; começando pela descobrimento da etymologia da palavra „*Tupi*;" pela verdadeira explicação da derrota de Pinzon e das provas de que o cabo da

Consolacion não era o de Santo Agostinho, mas a ponta de Mocuripe; seguindo-se o de que já no reinado de D. Manuel começára a colonisação, e o fabrico do assucar no Brazil, de que a verdadeira data da bulla da criação do primeiro bispado é 25 de fevereiro de 1551, e não 1550 nem 1555, como corre escripto, etc. A estes e outros muitos mais factos inéditos, apurados exclusivamente pelo criterio historico, primam porêm os que respeitam á ethnographia e anthropologia tupi, de cuja lingua procurámos popularisar entre nós o estudo, levando a cabo a custosa reimpressão da grammatica e dos valiosos diccionarios do Pe. Montoya. Foi a melhor resposta que podiamos dar aos que levianamente nos accusam de prevenção contra os antigos habitadores desta região, denominados impropriamente indigenas; esquecendo-se, em taes accusações, de que em 1840 sustentavamos a necessidade do estudo e ensino das linguas da terra [1], a que ja nos votávamos; de que em 1849 [2] propunhamos, que se pedissem das Provincias certas informacões acerca dos Indios; de que conseguiramos a criação no Instituto do Rio da secção de ethnographia, que nelle existe; e finalmente de que fôra nesse campo que mais importantes investigações haviamos tido a fortuna de apresentar acerca da história patria. Algumas notícias aproveitámos tambem de varios impressos modernos; e especialmente das publicações do Instituto Historico, do bem elaborado *Diccionario historico* do Maranhão do Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, das Memorias do Ceará do illustrado dezembargador Alencar Araripe, das *Biographias* pernambucanas do fallecido commendador Mello, da reproducção da obra

[1]) Rev. do Inst. T. III, p. 53.
[2]) Rev. do Inst. XII, 366 e XXI, 431.

de Ives d'Evreux, devida ao nosso erudito amigo o Sr. Ferdinand Denis, e finalmente de umas notas manuscriptas acerca de Matto-Grosso, com que se dignou honrarnos o illustrado almirante Leverger, Barâo de Melgaço.

Além disso, quasi todas as secçôes receberam retoques em favor da maior harmonia do todo. Transferimos para o princípio a secçâo respectiva á descripçâo do Brazil em geral, seguindo-se as respectivas aos Indios, as quaes, nâo só onde estavam causavam grande interrupçâo no fio da narraçâo, como ficam desta forma constituindo melhor ponto de partida da obra toda. Na parte que respeita ás lutas com os Hollandezes, seguimos a nossa história especial desse periodo, supprimindo-lhe, com as devidas remissôes, muitos documentos e notas e discussôes, e alguns topicos vâo ainda com melhoras e retoques.

Deste modo, se já a nossa primeira ediçâo, enriquecida de grande número de factos ineditos, e nâo conhecidos de Southey, lhe levava nesta parte as vantagens por elle proprio previstas [1] ao acabar de escrever, os melhoramentos desta nova sâo taes que dispensam quasi o cotejo, alias hoje mui facil, graças á traduçâo dessa obra em portuguez.

Nâo duvidâmos porêm declarar que nesta ediçâo se nâo encontra ainda a nossa última palavra: mas sim em um exemplar, com grandes margens, em que vamos fazendo correcçôes, que se aproveitarâo por ventura algum dia em um simples supplemento a esta; isto inclusivamente com respeito ás idéas que submettemos á discussâo acerca do procedencia dos Tupis, quando depois de bem debatidas, se haja recolhido mais alguma

[1]) „How much may be added to the history of Brazil, by one who has access to the archives“ etc.

luz. Uma obra desta natureza, em quanto o autor vive e trabalha, não chegou ao seu verdadeiro fim; pelo que, de taes obras, não se podem fazer estereotypicas sendo os autores vivos. Necessitavamos entretanto, por meio desta edição, alliviar-nos dos grandes cuidados que nos estava dando a guarda do seu original, sempre receosos de que, por um incendio ou qualquer outro accidente, se perdessem, para o paiz e para o público, os novos fructos recolhidos nos ultimos dezenove annos, — desde 1857, em tantos proximamente como haviamos levado a reunir os elementos para a primeira edição. Devendo a impressão ser feita em paiz estrangeiro, para facilital-a, assentámos de não copiar de novo todo o original, o que alias sem dúvida lhe teria dado mais fluidez e unidade; preferindo antes, para não ter que lutar com tantas dificuldades na revisão das provas, que o compositor se aproveitasse quanto possivel do texto impresso, onde não havia correcções. Ainda assim os leitores terão que desculpar se as erratas forem muitas, attendendo a haver sido esta edição feita em paiz onde não ha um revisor para a lingua portugueza, e não poder nunca um autor rever bem os seus proprios escriptos.

Caberia talvez aqui concluir com duas palavras acerca da pressa com que foi effectuada a primeira edição, e dos criticos que a sorte lhe deparou. Depois de haver reduzido as nossas explicações a mui poucas páginas, as essenciaes de satisfação ao público, não as julgando de um interesse permanente, maximè para os estranhos, tivemos par mais acertado o deixal-as para um pequeno folheto separado, que opportunamente será publicado.

PREFACIO
da 1ª. ediçâo.

„Uma das maiores emprezas do mundo (dizia o conde da Ericeira, D. Luiz de Meneses) é a resoluçâo de escrever uma historia; porque além de inumeravel multidâo de inconvenientes, que é necessario que se vençam, e de um trabalho excessivo,... no mesmo tempo em que se pretende lograr o fructo de tantas diligencias, tendo-se *consegu*ido formar o intento, vencer a liçâo, assentar o estylo, colher as notícias, lançar os borradores, tiral-os em limpo, conferil-os e apural-os, quando quem escreve se anima na empreza ..— entâo começa a ser réo, e réo julgado com... excessiva tyrannia [1].“

E o conde da Ericeira tinha razâo. O trabalho de uma historia é, como o de um diccionario, tanto mais util ao público e ingrato para o autor, quanto mais de consciencia houver sido feito. Assim como o estudioso que busca no diccionario uma palavra, e a nâo encontra a seu gosto, n'um assumpto a que se dedicou de profissâo, decide por duas ou tres linhas do trabalho de sessenta mil artigos contidos em mais de mil paginas, assim tambem julga ás vezes do todo

[1]) Prologo do „Portugal Restaurado.“

de uma obra historica o ingénuo burguez, só por um facto ou data delle (omittido de proposito, ou alterado em virtude de documentos antes desconhecidos) e o pretencioso grammatico só por uma fraze em que embicou. Mas o historiador soffrerá maiores injustiças, se dotado de convicções profundas e de caracter firme e independente, em vez de adular vãos preconceitos vulgares, teve o necessario valor para enunciar francamente o que pensava, em contra destes. Entretanto é um facto que os contratempos experimentados pelos que se apresentam na arena, não são sempre de má recommendação. Por quanto, além de que menos mérito teria qualquer empreza, quando em vez de trabalho e de trabalhos ella só fosse de gosos e de prazeres, recommenda um conhecido moralista que nos previnamos contra os autores de certas obras em que, no momento de apparecerem, o público só encontra que applaudir [1]; pois o que isso geralmente prova é que os taes autores escreveram menos com o intento de corrigir opiniões erradas, do que de angariarem applausos, radicando ás vezes ainda mais, com a sua autoridade, o erro e a injustiça.

Seja porém como fôr: saiba-se que desde que nos proposemos a consagrar ao Brazil as nossas vigilias, para, no esclarecido reinado de Pedro II, e mediante o seu alto e valioso apoio, escrever, com certa unidade de fôrma e com a dos principios que professamos, uma conscienciosa historia geral da civilisação do nosso paiz, padrão de cultura nacional, que outras nações civilisadas só ao cabo de seculos de independencia chega-

---

[1]) — — —: Neque, te ut miretur turba, lobores Hor. Sat. X.

ram a possuir, ou nâo possuem ainda, fizemos abnegaçâo de tudo: e por tanto arrostámos com os provaveis desasocegos e injustiças futuras, — se é que nâo ja presentes. Embora! Deu-se em todo caso o primeiro passo. Fez-se, por assim dizer, a primeira resenha geral ou antes o primeiro *enfeixe* proporcionado dos factos que, mais ou menos desenvolvidos, devem caber na Historia Geral, em logares convenientes; indicaram-se as fontes mais puras e genuinas; e estes dois serviços (independentes do estylo e da maneira de pensar, que sâo especiaes a cada historiador) ficam feitos. Assim a integridade do Brazil, ja representada magestosamente no Estado e no Universo pela monarchia, vai agora, bem que mui humildemente, ser representada entre as historias das naçôes por uma historia nacional. O optimo é inimigo do menos máu. Nâo era justo que em quanto nâo podiamos alcançar o optimo, nos contentassemos com o pessimo, que pessimo era nâo possuir a naçâo uma historia geral, digna deste nome, e sizuda e imparcialmente escripta. „Primeiro que tudo, ponderava em 1838 o illustre e digno philobrazilico Ferdinand Denis, é da mais alta importancia que os documentos que constituem a historia do paiz sejam alfim recolhidos. Para que as theorias *diarias* sejam uteis, é preciso offerecer-lhes uma baze, ou para melhor dizer, um ponto de partida." Quasi pelo mesmo tempo se creava no Brazil o Instituto Historico, e sem conhecimento deste facto existia em nós, entâo na Europa e ainda frequentando as aulas, o pensamento atrevido (confessamol-o) da empreza desta obra: e ja os estudos preparatorios para um dia a realisar, começados dois para tres annos antes, produziam preliminarmente, nâo só

as *reflexões criticas* á obra de Soares, concluidas (e apresentadas ao vice-presidente da Academia das sciencias de Lisboa pelo dignissimo bispo conde S. Luiz, depois cardeal patriarcha) em meiado de 1838, como a publicaçâo do diario de Pero Lopes effectuada no anno seguinte.

A fundaçâo do Instituto veiu pois a dar-nos grande valor para a empreza, principalmente desde que o augusto Chefe do Estado resolveu collocar-se de facto á frente delle, apreciando altamente os trabalhos acerca da historia patria, pelos auxilios que podem prestar (independemente dos que proporcionam á erudiçâo e á litteratura) ao estadista, ao jurisconsulto, ao publicista, ao administrador, ao diplomata, ao estrategico, ao naturalista, ao financeiro e aos varios artistas; e talvez tambem prevendo que com serviço nenhum melhor do que os que tivessem relaçâo com a historia e geographia (e aqui cabem todos os productos naturaes), poderiam os seus subditos ser uteis ao saber humano em geral, entrando na grande communhâo scientifico-litteraria europea, de que por outro lado tantos auxilios recebemos, por meio da offerta de novos dados, que inclusivamente venham a ser ahi debatidos, em proveito da illustraçâo do paiz. E todo o Instituto confessa, cheio de reconhecimento, que sem a protecçâo valiosa do Senhor D. Pedro II, elle teria deixado de existir: e por sua parte, este minimo socio declara que, sem a correspondente quota que dessa protecçâo lhe coube, o Brazil nâo teria hoje esta obra. Na verdade parece que o illustre Paulista Alexandre de Gusmâo previa uma era de quasi seculo e meio no porvir, quando dizia, referindo-se a outro Augusto Soberano: „Procura Sua

Magestade resuscitar as memorias da patria da indigna escuridade em que jaziam até agora." — Deste modo o honrado senador que do alto da tribuna proclamou os serviços prestados ao paiz pelo Instituto Historico, em summa teceu mais uma corôa de glória a PEDRO SEGUNDO.

A posteridade decretará as producçôes que hâo de aparecer escriptas em cada uma das sempreverdes folhas dessa corôa. Ousadamente nos atrevemos a assegurar que aspiraria a Historia Geral a entrar na competencia, se na vastidâo do plano e vigor da execuçâo houvesse a obra correspondido ao typo que concebêramos, por ventura querendo avaliar a intensidade das fôrças pela immensidade dos desejos. Só na concisâo correspondeu o desempenho ao nosso constante proposito. E procurámos, tanto quanto nos foi possivel, ser concisos, na persuasâo de que nâo era uma historia mais minuciosa a que hoje podia ser mais util; ainda quando fôra possivel escrevêl-a, com certa harmonia, digamos assim, em todas as suas proporçôes architectonicas; o que alias nâo sería facil; quando algumas destas estâo ainda pouco examinadas; e tal exame tem de ser feito pouco a pouco, já pelos futuros editores de documentos ineditos, já por novos historiadores parciaes, que nâo tardarâo a aparecer. Estes principalmente, ao ter presente este todo, o avaliarâo com justiça; e quasi ousamos dizer que quantos mais defeitos lhe achem, isto é, quanto mais o estudem, *mais apreciarâô o serviço preparatorio que aqui lhes offerecemos*, comprehendendo nelle as proprias notas que publicamos no fim, sob o titulo de *Auxilios Chronologicos.*

— Dia virá em que a seu turno os seus trabalhos serão devidamente contemplados na Historia Geral.

Cumpre-nos dizer aqui duas palavras acerca da obra em geral, do estylo e da linguagem do seu autor; o que tudo se confirmará pela attenta leitura da obra.

Depois de uma ligeira exposição dos factos que contribuiram a pôr em contacto, no fim do seculo XV, a Europa com a America, tratamos rapidamente das primeiras explorações da costa, que de pouco interesse real eram para a história do nosso paiz; pois que de tal modo não tinham deixado de si vestigios, que elles, na propria história, se haviam quasi de todo apagado ou confundido. Insistimos porém, mais do que nenhum dos que nos precederam em trabalhos identicos, na verdadeira apreciação comparativa do grau de civilisação dos colonisadores, do de barbarie dos colonos escravos trazidos impiamente d'Africa, e do de selvajaria dos povos, últimos invasores nómades, que occupavam em geral o territorio que hoje chamamos Brazil. —

— No tratar dos colonisadores Portuguezes, dos barbaros Africanos, e dos selvagens Indios procurámos ser tão justos como nos dictaram a razão, o coração e a consciencia. Era essencial partir de apreciações justas e imparciaes para justa e imparcialmente poder caminhar de frente levantada, expondo a progressiva civilisação do Brazil, sentenciando imparcialmente aos delinquentes e premiando o merito, sem perguntar a nenhum se procedia do sertão, se d'Africa, se da Europa, ou se do cruzamento de sangue. De outro modo, mal houvéramos podido consciensiosamente condemnar aos ferozes assassinos do nosso primeiro bispo, aos barbaros aquilombados, aos cobiçosos Mascates e aos infelizes

revolucionarios de 1798, nem victoriar devidamente o Indio Camarâo, o preto Henrique Dias, o Portuguez conde de Bobadela e o pardo sertanejo Manduaçú. — Se houvessemos querido seguir commodamente as pizadas de alguns, que, nos pontos mais dificeis e melindrosos, em vez de os estudar e submetter á discussâo pública, procuram exhimir-se de dar o seu parecer, mui facil nos houvera sido narrar de modo que, se nâo contentasse a todos, pelo menos nâo descontentasse a nenhum; como ás vezes, hoje em dia, fazem certos politicos, de ordinario nâo sem prejuizo da causa publica.

Pelo que respeita a quanto dissemos dos colonisadores e dos colonos africanos, cremos que em geral apenas haverá discordancia de opiniôes. Outro tanto nâo succede porém respectivamente aos Indios, philosophica e profundamente pouco estudados, e que nâo falta quem seja de voto que se devem de todo *rehabilitar*, por motivos cujas vantagens de moralidade, de justiça ou de conveniencia social desconhecemos, — nós que como historiador sacrificámos tudo ás convicçôes da consciencia, e estamos persuadidos de que se, por figuradas idéas de *brazileirismo*, os quizessemos indevidamente exalçar, concluiriamos por ser injustos com elles, com os colonisadores, com a humanidade em geral, que toda constitue uma só raça, e por tanto com a naçâo actual brazileira, a que nos gloriamos de pertencer [1].

Oxalá os leitores façam a devida justiça aos nossos principios, nâo por esta ou aquella passagem da

---

[1]) Veja-se a nossa dissertaçâo = *Os Indios perante a nacionalidade brazileira* = publicada no Panorama de 1857, e tambem na 1ª. ed. desta Historia.

obra, mas pelo seu-conjuncto! Oxalá descubram nella, atravez da ostentaçâo de uma tolerancia civilisadora, os sentimentos de patriotismo nobre e elevado que nos animaram; — nâo d'outro lamentavel patriotismo cifrado apenas na absurda ostentaçâo de vil e rancoroso odio a tudo quanto é estrangeiro! — Oxalá o nosso trabalho concorrera a fomentar, ao menos entre as geraçôes do porvir, o espirito de generosidade que guiou nossa penna em muitas occasiôes, nâo sem que ás vezes nos olhos borbulhassem piedosas lagrimas!

Acerca do estylo nâo daremos muitas explicaçôes; porque talvez nem acertassemos a nos fazer ouvir, quanto mais a entender. Apezar da grave sentença de Buffon, temos a persuasáo de que, como tudo quanto é humano, o estylo depende muitas vezes das disposiçôes do animo, originadas de causas que nem sempre está em nós remover. — Demais: no primeiro volume desta obra, principalmente, capitulo ha escripto com differença de cinco ou seis annos do que lhe está visinho; segundo nol-o permettiam as occasiôes de que entâo dispunhamos, para ir pondo em ordem, e tirando do cahos, os apontamentos que tinhamos, e que até certo ponto nos escravisavam a penna. Impossivel fôra pois evitar que nâo escapassem repetiçôes, incorrecçôes e faltas de clareza, que se vâo advertindo; e bem que sejam muitas, quasi nos admiramos de que, ao tratar de tantos assumptos novos, procedentes de origens tâo desencontradas, nâo commettessemos muitas mais. E' pois o caso de repetir com Rousseau: „*Ce n'est pas assez d'une moitié de la vie pour faire un... livre, et de l'autre moitié pour le corriger.*“ — Assim Deus quizesse conceder-nos essa outra metade....

A linguagem estudámos que saísse castiça e de boa lei, sem com tudo levar os escrupulos ao ponto de não empregar certas palavras e frazes, só porque não se encontravam competentemente alfabetadas, — sendo que algumas deviam merecer preferencia em uma obra acerca do Brazil. Assim como até agora ninguem censurou a Castanheda, nem a Barros, nem a Couto, nem a Lucena, tratando da Asia, o haverem empregado as vozes barbaras *pardáu*, *junco*, *catur* e outras, não haveria razão para que, tratando-se da America, se não adoptassem muitos vocabulos americanos admittidos pelo uso. Com estas convicções, empregariamos *maracá*, *pocema*, *tangapema* [1], *tujuco* e *tujupar*, (mais euphonico nos parece dizer com o povo *tejuco* e *tejupar*), ainda quando o P. Vieira nos não houvera dado o exemplo; e *patiguá* e *tipoya*, ainda sem a autoridade de Simão de Vasconcellos; e *cahiçára*, sem a de Berredo. Por isso, quando se nos offereceu occasião, dissemos *bocaina*, *chapadão*, *coivára*, *giqui*, *itaipava*, *lageado*, *tapéra*, *vaquiano* e outras, admittidas geralmente no Brazil; o que não deve admirar quando, até em Portugal, estão em uso muitas mais vozes originariamente túpicas, das quaes algumas passaram a todas as linguas da Europa. Das conhecidas em Portugal nos limitaremos a citar as seguintes: *ananaz*, *caipira*, *caipóra*, *capim*, *cipó*, *copahiba*, *cutía*, *guaiaba*, *ipecacoanha*, *mandioca*, *piassaba* (ou *piaça*), *pitanga*, *jacarandá*, *poaya*, *tapioca*, e até, em nossa opinião, a mesma hoje portuguezissima palavra *pitada* (de rapé) não, pode vir senão do verbo *pitar* usado

---

[1]) Não *fangapema*, como, por engano da primeira lettra, se lê nas edições de suas obras e nos diccionarios.

no Brazil, da palavra *p'ty'* (esta ultima lettra se pronunciava como em grego, quasi com o som do *u* francez) com que em tupi se designava o tabaco; e que Damiâo de Goes (I, c. 56) e com elle Balthazar Telles adulteraram em *betum.*

Quanto á orthographia, no meio da anarchia que hoje entre nós acerca della reina, tentámos seguir um meio termo; mas nem sempre a paciencia nos acompanhou ao rever as provas, sem alguem que nos ajudasse, como teem todos os autores em seus respectivos paizes. Faremos entretanto quatro simples advertencias: 1.ª Escrevemos sempre Brazil e nâo Brasil, porque originalmente a palavra europea foi introduzida pelos Genovezes e Venezianos, que chamavam *verzino* ao lenho do Oriente que antes servia á tinturaría. — 2.ª Seguindo os classicos, nâo accentuámos, como entre nós se pratica abusivamente, a proposiçâo dativa, senâo quando essa proposiçâo envolve ao mesmo tempo o artigo feminino que se contrahiu nella para evitar o hyato *a a;* por outra, em geral somente se deve accentuar a proposiçâo dativa nos casos em que ella se traduziria em francez por *à la.* — 3.ª Seguindo tambem os mais autorisados cultores da lingua, admittimos a irregularidade dos verbos *construir, destruir*, *progredir*, etc., dizendo *constroe*, *destroe*, *progride*, etc. — 4 ª Escrevemos *onde*, *donde*, *aonde*, reconhecendo casos neste adverbio, que segundo Moraes até admitte o caso por assim dizer composto *a donde.*

———xxx———

HISTORIA GERAL DO BRAZIL.

SECÇÃO I.

(VII. da I. edição.)

Nome de Brazil. Extensão. Paragem central. Formações geognosticas. Diamantes. Ferro. Ouro. Ausencia de terremotos. Climas. Meteorologia. Quadras do anno. Firmamento. Vegetação. Matos virgens. Capoeiras. Catingas. Madeiras. Outras producções. Fructas. Campos virgens. Falta de neve. Animaes. Passaros. Peixes. Contrastes de plantas e de animaes.

Terra do Brazil ou somente Brazil foi o nome dado pelos Portuguezes á parte mais oriental do novo-continente, em virtude de haverem ahi encontrado, em abundancia, certo lenho, que subministrou ao commercio uma tinta vermelha análoga á que até então, com esse nome, a Europa importava da Asia. O novo páu-brazil, que neste novo paiz era conhecido com o nome de *ibira-pitanga* ou páu-vermelho, acha-se classificado pelos botanicos no genero *caesalpinia.* Mais tarde a denominação de Brazil veiu a fazer-se extensiva ao conjuncto de todas as colonias portuguezas neste continente, as quaes, emancipando-se, vieram a constituir o actual imperio brazilico, hoje em dia um dos estados de maior extensão no globo, de cuja superficie terrestre abrange proximamente a decima quinta parte. Dilata-se desde as cabeceiras mais septemtrionaes do caudaloso Amazonas até quasi as margens do Prata, alargando-se muito mais para as bandas do norte, a feição do continente meridional a que pertence, e do qual constitue quasi a metade.

Por toda a extensão que abraçam esses dois grandes rios, se erguem serranias, que produzem variegados valles, por cujos

leitos correm outros tantos rios caudaes. Metade proximamente do territorio mais a noroeste é retalhado em todos os sentidos pelas aguas do mencionado Amazonas e de seus possantes braços. Essas aguas vão com tanta furia arrojar-se ao mar, quasi debaixo da equinocial, que, durante certa distancia da costa, deixam as ondas delle de ser salgadas.

A' superficie desse rio-mar, fluctuam immensas ilhas, cobertas de arvoredo. A estas roubam ás vezes as correntes a terra e as arvores, para engrandecerem outras ilhas, ou para mais abaixo as restituirem á mesma terra firme, donde as haviam desprendido.

Os grandes tributarios da margem direita do Amazonas procedem de serras e chapadões, que se erguem n'uma paragem proximamente central a todo o territorio, da qual vão ao Atlantico, pelo Prata, outras vertentes, depois de contornearem e banharem, com suas aguas, os districtos do sul. Dessa mesma paragem central, de ameno clima em todos os mezes do anno, baixam para o lado oriental outras vertentes; sendo assim a que melhor se presta a ligar entre si todo o systema de communicações fluviaes no imperio, e a que a propria natureza está indicando como a mais adequada para constituir o grande e poderoso nucleo da futura união, segurança e independencia do estado, offerecendo para o estabelecimento de uma grande capital quer o chapadão do Urucuya, quer o de Santa Maria.

Geognosticamente, a base de toda a mencionada extensão territorial é formada de gneiss, e suas competentes transições para as rochas congéneres; apparecendo o mesmo gneiss nas mais altas serras; seguindo-se, em outras formações, tanto de grès de varios caracteres, incluindo os conhecidos com os nomes, de origem brazilica, de *itacolumites* e *itabirites*, como calcareas, umas metamorphicas, outras secundarias; vindo depois os grés terciarios, em que se devem comprehender os das antigas matrizes dos diamantes, os quaes não se tem manifestado senão de lavagem nos rios, ou em conglomeratos de recente formação. — Para as bandas do norte, perto da costa predominam os sandsteins de côr; donde procede o terem, por ahi, os rios menos caxoeiras, por haver podido ser mais efficaz a acção desgastadora das aguas; ao passo que, pela razão

inversa, na costa oriental se encontram em maior número os portos e abrigadas.

Predominam em muitos logares as formações micaceas e schistosas, e não faltam marmores calcareos, especialmente pretos. Abundam as minas de ferro, algumas de grande possança e riqueza; donde principalmente provêm o serem as terras avermelhadas, por se acharem saturadas de oxidos ferruginosos, a logares mesclados até com oxidos de ouro, metal que tambem se encontra em muitos districtos, tanto nativo, em veeiros com o quartzo, e em folhetas ou em pó nos rios, como de muitas outras fórmas conhecidas pelos nomes indigenos de *tapanhuacanga*, *jacutinga*, *guapiaras* etc.

Por toda a extensão do Brazil continental não se encontra um só volcão, nem tem apparecido formações volcanicas; donde procede o ver-se quasi todo este grande imperio isento do flagello dos terremotos, que tanto afligem aos povos de várias das nações limitrofes. Em todo o Brazil, até hoje, não ha memória de se haverem sentido tremores, senão apenas nas suas extremas austro-occidentaes (Matto-Grosso), além de alguns leves abalos nas costas de nordeste (Pernambuco); provenientes sem dúvida, aquelles da proximidade em que se acham das cordilheiras, e estes da de algumas erupções no mar, nas immediações da ilha de Fernando de Noronha, na qual inquestionavelmente predominam as formações basalticas.

N'uma extensão tão vasta e com tão differentes elevações sobre o mar, como tem o Brazil, claro está que varios devem ser os climas e vária a ordem das estações, se estas, com os seus nomes inventados para as zonas temperadas, os podem ter correspondentes na zona torrida; embora haja, até debaixo da equinocial, não só climas temperados, como até frigidissimos e de neves perpetuas, bem que não dentro dos limites do territorio brazilico.

Póde em geral dizer-se que desde as beiras do Amazonas, seguindo pela costa até o sul, nas margens dos rios de todo o littoral, o clima é quente e humido, e apropriado ás plantas que demandam maior gráu de calor com humidade. Matos especissimos, nos logares onde ainda não entrou o machado industrioso, sombreiam essa extensão, refrescada não só, diaria-

mente, pela viração mareira e pelo terral, como tambem pelas chuvas amiudadas, promovidas pelos vapores distillados das mesmas arvores, ou pelas nevoas e nuvens levantadas pelos raios do sol. Experiencias feitas por muitos annos, em mais de um ponto da nossa costa, dão em resultado que, dos dias do anno, são serenos proximamente uma terça parte, a outra nublados, e a terceira chuvosos; sendo destes (que occorrem no tempo de maior calor) mais de metade de trovoadas. A temperatura média, mui analoga por quasi toda a costa, regula, para as bandas do Rio de Janeiro, por dezesete gráos e meio do thermometro de Réaumur. A maior humidade do verão faz que a ardencia do sul nunca se chegue tanto a sentir. Parece providencial nesta terra que os dias mais calorosos sejam justamente os de maior humidade.

Como paiz do hemispherio austral, as quadras do anno andam desencontradas com as da Europa, e verdadeiramente não ha mais que duas estações: a secca e a chuvosa. A estação seca, chamada *inverno*, é a mais fresca: começa no sul em maio, e dura até novembro ou dezembro. Para o norte começa mais tarde: no Maranhão, Pará e ilha de Fernando, principia em julho ou agosto. Os mezes mais frescos são os medios da estação seca, e os mais quentes os medios da estação chuvosa, chamada *verão*. Durante a estação seca reinam os ventos lestes e nordestes; e com elles, junto á costa, correm as aguas para o sul; voltando a tomar a direcção opposta, apenas cessam os mesmos ventos.

Nos páramos dos sertões e nas campinas do sul é o clima temperadissimo; e com menos rigores de frio e calor que o dos paizes cuja bondade de ares é proverbial.

O firmamento ostenta-se no Brazil em toda a sua explendida magnificencia. O hemispherio austral é, segundo sabemos, mais brilhante que o do norte, ao menos nas altas latitudes, donde se não pode ver a bella constellação do Cruzeiro, de todas as do firmamento a que mais attrahe a attenção, ainda dos menos propensos a admirar a criação, nessas myriadas de mundos, que confundem o miseravel habitante deste nosso pequeno planeta.

A vegetação é successiva: poucas arvores perdem as folhas;

algumas dellas carregam de flores, quando ainda os seus ramos vergam com o pezo dos fructos da sáfra anterior; e destes últimos vão uns inchando, quando ja outros estão de vez ou de todo maduros. Nos terrenos de formação de gneiss, em vigorosa decomposição pela acção fortissima da athmosphera e das chuvas torrenciaes, ha mais humidade, e a vegetação é mais luxuriosa, sendo ahi mais admiraveis as mattas virgens. No littoral tem as plantas bastante analogia com as da costa d'Africa fronteira: nos alagados do mar pullulam as rhizophoreas, que chamamos mangues, as quaes se multiplicam pelos proprios ramos, que dos galhos se debruçam a buscar a terra. São arvores como que destinadas pelo Criador para marcar os leitos aos rios dos climas entretropicos, quando as suas aguas se vão mesclando com as salgadas do mar. Seguem muitas euphorbiaceas, malvaceas e leguminosas. Abundam porêm mais que tudo, e que em paiz nenhum, as familias das palmeiras e das orchydeas, parasytas aerias de grandes e notaveis flores. Mas o que torna mais original a vegetação destes paizes é a abundancia dos cipós, que caem verticaes dos ramos das arvores ou as unem umas ás outras, como se fossem a enxarcia de seus troncos contra os tufões, ou finalmente se enroscam por ellas; e ás vezes com tal fôrça que as afogam, ou com tal avidez que lhes chupam o melhor do seu succo, e as assassinam; substituindo assim ao antigo tronco, que apodrece e se consomme com o tempo, outro novo em espiral. Tal é a necessidade das plantas de subirem para buscar a luz do sol, e á face delle apresentarem as flores anciosas de ver amadurecidos os orgãos da reprodução, que todas se fazem egoistas, e até assassinas e verdugos de suas visinhas mais debeis, ou menos astutas. Para vencerem, neste campo de batalha continuo em pró da propria existencia, chegam a mudar de natureza, convertendo-se até arvores em cipós; e vindo inclusivamente, algumas palmeiras a degenerar em trepadeiras. São tambem notaveis as matas virgens tropicaes da America pelos botareos ou contrafortes, que adornam muitos dos troncos d'arvores perto do chão.

Apezar de tanta vida e variedade das matas virgens, apresentam ellas um aspecto sombrio, ante o qual o homem se

contrista, sentindo que o coração se lhe aperta, como no meio dos mares, ante a immensidade do oceano. Taes matas, onde apenas penetra o sol, parecem offerecer mais natural guarida aos tigres e aos animaes trepadores do que ao homem; o qual só chega a habital-as satisfactoriamente, depois de abrir nellas extensas clareiras, onde possa cultivar os fructos alimenticios ou preparar prados e pastos, que dêem sustento aos animaes companheiros inseparaveis da actual civilisação. Ainda assim. o braço do homem, com auxilio do machado, mal pode vencer os obstaculos que de contínuo encontra na energia selvagem da vegetação.

E' tanta a força vegetativa nos districtos quentes que, ao derrubar-se e queimar-se qualquer mato-virgem[1], se o deixaes em abandono, dentro em poucos annos ahi vereis ja uma nova mata intransitavel; e não produzida, como era de crer, pelos rebentões das antigas raizes; mas sim resultante de especies novas, cujos germens ou sementes não se encontram nas extremas da anterior derrubada, e se ignora donde vieram. A este novo mato se chama *capoeira*[2]. Derivando estadesignação de ser analoga essa vegetação á dos *capões*, nome que se dá aos oasis ou bosceagens no meio dos campos nativos, ou virgens. A estranha acepção do vocabulo *capão* derivou da adulteração de *ca-puam*, que na lingua tupi valia tanto como dizer ilha de mato ou mato ilhado; da mesma sorte que se diziam *nhũ-puam* os campos abertos em meio dos bosques cerrados. A roça das capoeiras dá mato *carrasquento*; depois do que vem *catingas*, isto é matos branceacentos, que são, apezar do nome, mais bastos que os das charnecas communs do sul da Europa, de urzes, tejos e carquejas, ou de xáras, estevas e piornos. A vegetação das arvores e arbustos só pára de ser expontanea, quando a terra se tranzita muito, ou se cultiva com gramma ou capim, até que as antigas raizes tenham tempo de secarem e apodrecerem.

Neste clima se produziam e produzem todas essas plantas

---

[1]) „Caité“ chamavam os Indios ao mato-virgem; e infelizmente não tomamos delles esta expressão; melhor andaram os Castelhanos que dos seus Indios adoptaram arcabuco.

[2]) Talvez fôra preferivel, por evitar equivocos, escrever *capôera* e *cápan*.

exoticas á Europa que, por sua utilidade, se fizeram conhecidas no commercio, começando pelo páo-brazil, e as madeiras de construcção e marcenaria, como o *jacarandá*, o vinhatico e o *piquiá* de madeira amarella, os cedros e *maçarandubas* vermelhas, e outras não menos estimadas. São igualmente indigenas as plantas do algodão, da canafistula, da salsaparrilha, da baunilha, do *urucú*, das castanhas e cravo chamados do Maranhão, das *sapucaias*, da gomma elastica, do cacáo, do tabaco, e bem assim as do cará, da *mandioca* e do *aypi*. Ahi se dão alguns fructos regalados, taes como o *ananaz*, rei delles, o *cajú*, fructa duas vezes, o dulcissimo *saputy*, com razão denominado pera dos tropicos, os bellos *maracujás*, as córadas *mangabas*, e as recendentes anonas de várias especies, conhecidas com os nomes de *araticuns*, *átas*, *fructas de conde*; e infinidade de outros pomos que a horticultura fará melhores, e de muitos que a chimica applicada ainda tem de aproveitar e de vulgarizar. Nestes climas é que melhor prosperou, depois, a cultara introduzida da canna, do gengibre, do anil, da canella e do cravo; e, quando mais temperados e humidos, a do café da Arabia, e modernamente a do chá do China: é nelles que as mangas trazidas da India são mais saborozas que as do Oriente; e que a laranja importada da Europa se tornou tão superior a toda a que se conhece; como sem dúvida succederá com os tão celebrados *mangustães* de Java e *duriões* de Amboino e Malaca[1], que esperamos não tardarão a ser importados da Asia, e devidamente cultivados. Para as bandas do sul, e para o interior, nos taboleiros elevados, ja quasi se não produzem essas plantas tropicaes: abundam porêm as myrtaceas de muitos generos, que dão gostosas fructas: as agridulces *pitangas*, os diliciosos *cambucás*, as refrigerantes *ubáias*, os aromaticos *araçás* e *guabirobas*, as saborosas *jaboticábas*, que, quando maduras, negrejam nos ramos, e até nos troncos das arvores, que dellas se veem carregadas. Mirtaceas são tambem as *guaiabas* e as *grumixamas*, que se dão assim nos climas calorosos, como nos mais temperados.

---

[1]) O duriâo *(durio zibethinus)* é uma esterculiacea; e o mangustâo *(garcinia mangustana)* uma guttifera.

Tambem nesses climas temperados se produzem os pinheiros araucarios ou *curîs,* e se topam *campos-virgens,* do mesmo modo que ha *matos virgens.* Por elles se encontra muita ipecacuanha, e se cultiva a vinha, o trigo e as fructas todas dos paizes da Europa central.

Nos logares mais altos, apenas crescem os *sapés* e outras gramineas, e alguns lichens; na vegetação dos quaes termina a escala thermometrica dos differentes climas do nosso territorio. Apezar de tantas serras, cujos pincaros parecem desafiar as nuvens, nenhuma ha que se vista de neves perpetuas, e que se nos figure de longe a estampar a sua alvura contra a fundo azul do firmamento, como se vê em cima dos Andes, neste mesmo continente meridional.

Se as plantas do Brazil tem alguma paridade com as do continente d'Africa fronteiro, não succede assim com os animaes: todos elles são especiaes americanos, sem relação, em geral, com os da zona torrida nos outros continentes, excepto na circunstancia do serem, como ali, mais perfeitos do que os das zonas temperadas e frias, e em maior número os trepadores.

Os quadrupedes longe estão de poderem ser comparados em tamanho aos elefantes, hypopótamos e rhinocerontes do continente fronteiro álem do Atlantico. Em vez destes tres pachydermes, este nosso do sul possuia, como animal mais corpulento, um pachyderme tambem, proboscidio como o elefante, mas menor que a zebra: era o *tapir,* a que vulgarmente, em virtude da dureza do seu couro, chamam anta; nome com que os Europeos denominavam o bufalo, de que obtinham producto analogo ao que veiu a prestar o mesmo tapir. No continente septemtrional distinguia-se entretanto o *bisonte,* ou touro pelludo e barbado.

Entre os animaes pequenos notam-se como generos sem correspondentes no chamado mundo velho, e que só os tem na Australia, o tamanduá, os tatús, as preguiças e os gambás e jaguaticácas. O primeiro é o célebre papa-formigas, do qual se conta que, atacado pelo tigre, o mata com um abraço, em que lhe crava as unhas no costado; os segundos são os conchudos *dasypus.* A's preguiças chama a sciencia *tartigradas;* e aos gambás *didelphos,* conhecidos pelo entresolho do ventre.

Os últimos são os repugnantes *Mephitis faeda*, que tem a propriedade de expellirem de si, quando perseguidos, certo fedor tão repugnante que afugenta os homens e os animaes. Em alguns districtos amazonicos abundam as tartarugas de várias especies, de cujos ovos machucados se recolhe grande abundancia da chamada *manteiga* de tartaruga.

O viveiro ou aviaeio brazilico apresenta originalidade, e passa pelo mais rico da terra em superficie igual. Crê-se que de umas seis mil especies de aves que povoam o nosso planeta, este continente do sul fornece a terça parte; das quaes não cedem muitas em belleza de plumagem ás mais vistosas d'Africa e do Oriente. Taes são as grandes *arâras* e *canindés*, os rostrados *tucanos* e *tucanuçús* de papo amarello, cuja plumagem serve como de arminhos no manto imperial, os vermelhos *guarás*, as roseas colhereiras, os loquazes papagaios, os verdes periquitos, e, mais que todos, os *guainumbîs* ou chupa-flores, de plumas acatasoladas, e que, pela sua pequenhez e vôo rapido, parecem ás vezes zunidores bisouros. — As brancas *arapongas* fazem repercutir nos bosques vibrantes sons, que imitam os da percussão dos martellos de penna nas bigornas dos *ferradores*, cujo nome tomam; ao passo que os *bemtevis* e os *tangarás* justificam no canto os nomes que, onomatopaicamente, receberam. O mesmo succede com a *acauan*, perseguidora das cobras.

Por sua melodia distinguem-se, nas provincias do norte, os *curiós*, tão estimados como os rouxinoes; seguindo-se-lhes os caboclinhos, os bicudos, as *patatibas*, os *grunhatás* de coqueiro, os *vivíos*, e finalmente os canarios, semelhantes aos pintasilgos da Europa. Os *sabiás* de varias especies, communs a todo o Brazil, fazem ouvir longe sons harmoniosos, e os *yapús* ou *chechéos*, *concliches* e *quenquêns* imitam, com mais ou menos exito, os cantos de algumas outras aves.

As garças e mais ribeirinhas coalham, em muitos logares, as margens menos povoadas dos rios piscosos, como não ha noticia em nenhumas outras paragens da terra.

Pelo tamanho, fazem-se notaveis os agigantados *tuyuyús*, os arteiros *jaburús*, chamados pelos naturalistas *tantalos*, e as corredoras emas, que são as avestruzes deste continente. Distinguem-se estas pelo instincto com que, nos incendios dos

campos, procuram resguardar os ninhos, borrifando com o proprio corpo molhado toda a herva em derredor; e os jaburús pela sua tendencia communista, na distribuição por igual que fazem do peixe que tomam, nas montarias que juntos emprehendem.

Como peixes de regalo se recommendam o saboroso *beijupirá* e a garoupa, e no grande rio os enormes *pirarucús;* isto além de muitos mais peixes d'agua doce e salgada, analogos aos de outros continentes.

Para ser mais original, offerece o paiz varios contrastes originaes. A par de plantas de muita virtude medicinal, á frente das quaes citaremos a *copaíba*, a *ipecacuanha*, o *matte* e o *guaraná*, produz tambem, venenos atrocissimos. Ao perseguirdes a inoffensiva anta, a amphibia *paca*, a meiga *cutía*, o corredor veado campeiro ou do mato, estaes em risco d'encontrar um faminto *jaguar*, ou uma medonha *cangoçú* que poderiamos talvez chamar a hyena do Brazil. Ao apontardes á agil *seriema* que avulta no campo, ou ao gordo macuco que rastolha no mato, ou ao astuto *jacú*, escondido no ramagem da *ipéuba*, podereis ver-vos surprehendido pela picada peçonhenta do insidioso reptil, que n'um instante decidirá do fio da vida que havieis recebido do Criador; e achando-vos á beira de um rio, não estaes livre de que vos esteja tucaiando algum traidor *jacaré* ou medonha *sucuriú*...

Mas animo! que tudo doma a industria humana! Cumpre á civilisação aproveitar e ainda aperfeiçoar o bom, e prevenir ou destruir o máu. Tempos houve em que n'algumas das terras, hoje cultivadas ou povoadas de cidades na Europa o feroz urso se fazia temer... E o lobo carniceiro surprehende e devora todavia a ovelha descuidada pelo rafeiro do pastor; e a peçonhenta víbora, e os lacráus e as tarantulus, e as nojentas osgas e salamandras, ainda se não extirparam dos mais bellos jardins das peninsulas banhadas pelas aguas do Mediterraneo...

Para em tudo o paiz ser de contrastes no estado selvagem, achava-se elle, com toda a riqueza do seu solo, e a magnificencia de suas scenas naturaes, e a bondade dos seus portos, tão prestantes ao commercio, possuido pelas gentes que passamos a conhecer.

SECÇÃO II.

(VIII, da I. edição.)

DOS INDIOS DO BRAZIL EM GERAL.

Calculo da população indigena. Ideas de patriotismo. Unidade de raça. Lingua geral. Tupinambá. Nacionalidades. Alcunhas dos bandos. Que significam. Caboclo. Bugre. Emboába. Alcunhas de odio, de respeito, etc. Mais alcunhas no Brazil e n'outros paizes. Apodos. Nome generico de Barbaro ou Tapuy. Nação Tapuya. Barbaros. Significação do vocabulo Tupi. Guaranis. Caribes, Caraibes. Berço dos invasores. Marinha de guerra. Germens de discordia. Vicios. Envenenamentos. Anarchia. Infancia da humanidade. Meninice dos heroes.

Por toda a extensão que deixamos descripta não havia povoações fixas e que descobrissem em seus habitantes visos de habitação permanente. As aldêas se construiam de modo que apenas duravam uns quatro annos. No fim delles, os esteios estavam podres, a palma dos tectos ja os não cobria, a caça dos contornos estava espantada; e, se a tribu ou cabilda era agricultora, as terras em grande distancia pelo arredor estavam todas roteadas e cançadas, pelo que era obrigada a mudar de residencia. Os logares das aldeas abandonadas se ficavam denominando *taperas*[1]. Taes aldêas não eram em grande número; e muitas cabildas, nem se quer em povoações provisorias se juntavam; pelo que o paiz vinha a estar mui pouco povoado. Se nos lembramos de que, em certas paragens, os primeiros colonos exploradores atravessavam extensões de caminho de quarenta e cincoenta leguas, sem encontrar gente, e se estudamos o que ainda hoje passa nesses logares onde o gentio, perseguido de várias partes, se acardumou; e ponderamos quanto tem crescido, á vista d'olhos, tantas povoações e cidades, á medida que ha tres seculos progride a cultura

---

¹) Contracção de *taba-oéra*, „aldea que foi“.

da terra, com os milhões de braços vindos d'Africa, cremos que não andam errados os que, como nós, ajuizam que toda a extensão do Brazil está hoje oito ou dez tantos mais povoada do que no tempo em que se começou a colonisação; e que por conseguinte nem chegariam a um milhão os Indios que percorriam nessa epocha este vasto territorio, hostilisando-se uns aos outros, — ás vezes cada duas leguas, se a terra attrahia por pingue mais alguma gente; como succedia nos arredores da Bahia e do Maranhão, e, em geral, em todas as paragens da costa, onde abundavam os mangues, que no seu lodo ou tujuco offereciam como inexgotaveis *minas* de caranguejos, que lhes proporcionavam seguro e facil alimento.

Conhecido é o axioma de estatistica que, em qualquer paiz, a povoação só toma o devido desenvolvimento quando os habitantes abandonam a vida errante ou nómade, para se entregarem á cultura ou aproveitamento da terra com habitações fixas. Assim, orçando como dissemos, apenas caberiam dois individuos por cada legua quadrada no Brazil; e n'outras paragens deste continente, menos favorecidas pelo Criador, o seu número era muitissimo menor. As guerras de exterminio, que mantinham entre sí, eram causa de que as tribus ou cabildas se debilitassem cada vez mais em número, em vez de crescerem. Além de quê: essas mesmas pequenas cabildas que existiam, mantinham-se por laços sociaes tão frouxos, que tendiam a fraccionar-se cada vez mais e a guerrear-se, ficando inimigos acerrimos os que antes combatiam junctos. E começada uma vez a rixa, era transmittida de filhos a netos; pois que nessas almas, em que tanto predominavam os instinctos de vingança, nenhuns sentimentos de abnegação se podiam abrigar em favor do interesse commum e da posteridade. Nos selvagens não existe o sublime desvelo, que chamamos patriotismo, que não é tanto o apego a um pedaço de terra ou bairrismo, que nem sequer elles como nómades tinham bairro seu, como um sentimento elevado que nos impelle a sacrificar o bem estar e até a existencia pelos compatriotas, ou pela glória da patria. Nem poderiam possuir instinctos de amor de patria gentes que, como nómades, a não tinham, e que limitavam a tão curtos horisontes a idêa da sociabilidade, que geralmente a não

extendiam além dos da sua tribu ou *maloca*, a qual não dominava mais territorio que o dos contornos do districto que provisoriamente occupavam. Essas gentes vagabundas, que, guerreando sempre, povoavam o terreno que hoje é do Brazil, eram pela maior parte verdadeiras emanações de uma só raça ou grande nação; isto é, procediam de uma origem commum, e falavam dialectos[1] da mesma lingua, que os primeiros colonos do Brazil chamaram *geral*, e era a mais espalhada das principaes de todo este continente.

Essa unidade de raça e de lingua, desde Pernambuco até o porto dos Patos, e pelo outro lado quasi até as cabeceiras do Amazonas, e desde S. Vicente até os mais apartadas sertões, onde nascem varios afluentes do Prata, facilitou o progresso das conquistas feitas pelos colonos do Brazil, que, onde a lingua se lhes apresentou outra, não conseguiram tão facilmente penetrar.

Salvando pois como excepção o facto de algumas tribus de nacionalidade differente, e que, no grande terreno que nos occupa, formavam, permitta-se a expressão, como pequenos oasis ilhados e sobre si, em que se haviam estabelecido caravannas refugiadas ou transmigradas[2], eram dialectos da mesma lingua, como dissemos, os que se falavam em geral por toda a extensão do Brazil[3]; e a identidade dos nomes geographicos, e, com raras excepções, dos das plantas e animaes, são sufficientes para nos darem disso a mais convincente prova.

E não so falavam dialectos identicos, como em geral se denominavam a si quasi sempre do mesmo modo: *Tupinambá*. Se no Maranhão como no Pará, na Bahia como no Rio[4],

---

1) Com esta opiniâo vae de accordo quanto dizem a tal respeito Gandavo, Gabriel Soares, o Padre Joâo Daniel, e d'Orbigny. — Vej Rev. do Inst. III. 175.

2) Neste número se devem contar os Aymorés ou botocudos, os Cairiris, e outros.

3) Andan derramados por esta tierra... señorean gran parte de la India y confinan con los que habitan en la sierra (dos Andes). — „Ramirez", Carta de 10 Julho 1528, Rev. do Inst. XV. 27.

4) No Maranhâo tal é o tratamento que se davam, segundo Abbeville: no Amazonas havia Indios deste nome, nâo só no Pará e Tocantins, segundo Berredo, senâo na grande ilha abaixo da foz do Madeira, segundo Acuña (números 22 e 69, f. 9 v. e 35). Na Bahia assevera-o Gabriel Soares; e no Rio de Janeiro Staden, Laet e Thevet.

houvesseis perguntado a um Indio de que nação era, responder-vos-ia logo: *Tupinambá.* Pareceria pois que Tupinambá se chamava o primitivo tronco nacional, donde se tinham separado todos aquelles ramos, garfos e esgalhos, que apezar de se produzirem em terras distantes das em que se haviam plantado, não mudavam de nome. A'cerca porêm da origem do vocabulo Tupinambá tem-se até aqui dito pouco. Esta palavra é verdadeiramente composta de duas: *Tupi* e *Abá.* Da significação da primeira não tardaremos a occuparmo-nos. A última deixava de se acrescentar desde que cessava a liga ou a amizade, e que a nação se fraccionava. Se se declaravam logo inimigos, a alcunha menos injuriosa com que se podiam ficar mutuamente designando era a de *Tupi-n-aem;* isto é, Tupis máos ou perversos. Se não ficavam em desintelligencia, faziam-se muita cortezia em se appellidarem reciprocamente *Tupi-n-ikis;* isto é, Tupis visinhos, contiguos ou limitrofes. *Abá* significava o mesmo que varão; e este titulo não concediam, tal era sua vaidade, senão a si mesmos. E até ás vezes se chegavam a chamar-se *Abá-été,* isto é, pessoa verdadeiramente illustre. E é mui possivel que o appellido de *Pessoa* que tomaram mais tarde para si alguns descendentes dos Indios não tivesse mais origem que o ser uma traducção do vocabulo *Abá.* Raramente encontramos designados por *Tupinambáranas*, ou Tupinambás bravos, aquelles que se apartavam temporariamente, enfurecidos por alguma rixa. Os separados sobrenomeavam ás vezes *Tamoy* (donde veiu Tamoyos) ou Avós[1] áquelles de quem faziam brazão de proceder; e para melhor sustentarem tal brazão se appellidavam a si *Temiminós* ou Netos[2]. Outras vezes so davam simultaneamente o nome de, *Guayá* ou *Guayá-ná*[3], que pode significar „Irmãos", donde veiu *Guaiazes* e *Guaianazes. Amóipiras* pode significar[4] Parentes afastados; ou tambem os da *Outra-banda* (d'algum grande rio, como v. gr. o. S. Francisco), e *Anacés*[5] Quasiparentes.

---

[1]) *Dic. brazil*, p. 17. —
[2]) *Dic. brazil*, p. 54. — Thevet, Cosm., f. 914 v. escreve Tominous.
[3]) Dos Guaianázes visinhos ao Orinoco veiu Guiana.
[4]) Tesoro guarani fol. 32 v. e. 297 v.
[5]) Id. fol. 34 e 113 v.

Tantas vezas apparecem, nos documentos antigos, as mesmas gentes appellidadas por nomes tão differentes, que mais de um escriptor tem sido induzido em anomalias e despropositos, por não se ter prevenido com o ir, como ora fazemos, primeiro elucidar esta questão, dos nomes de nacionalidades, á propria lingua, unica fonte pura.

Quanto á etymologia ou verdadeiro significado da palavra *Tupi*, tão pouco julgamos nós que ella se ligasse a paiz algum, e menos ainda, como se tem dito, que proviesse de um grande chefe desse nome, que regía a nação, quando ella ainda estava compacta. A indole destes Indios e a de sua lingua pedem antes que reputemos esse nome algum collectivo, que os adjectivos *mbá*, *iki*, *aém* e outros taes, não fizessem senão modificar; e julgamos mais natural, seguindo o systema que acima expozemos, antes de nos lançarmos em um fatigoso pélago de conjecturas, interrogar o que queria dizer Tupi. Graças aos mais profundos estudos sobre esta lingua, cremos haver hoje atinado com a verdadeira significação desta palavra. *Y'pi'* quer dizer „principio de geração"; e como a lettra T anteposta a um sustantivo segundo a frase do P.e Figueira, o faz reflexivo de si proprio[1], *T'y'pi'* vem a significar „Os da primitiva geração". Assim pois os que se denominavam *T'y'pi's* ou *Tupis* blasonavam de ser puritanos procedentes da raça invasora. Pela mesma fórma que de *Iby'*, terra diziam *T'iby*, a sua terra, jazigo ou sepultura[2].

Alguns *Tupis* se denominaram *Guaranis* ou Guerreiros; e outros *Caribs* ou *Cary's*, nome este com que invadiam as Antilhas, e se encontrava no de *Caryyós*.

Os senhores da Capitania de S. Vicente chamavam-se a si uns *Guaianás*; outros, que não queriam esquecer a sua procedencia dos *Tamoyos* (avós), chamavam-se *Temiminós* (netos), e outros finalmente se chamariam *Tupinambás*. Alguns dos visinhos os tratavam, como se vê de Staden, por *Tupininquis*,

---

[1]) Gram. do P. Luiz Figueira.

[2]) E o que deve parecer mais raro é que a palavra portuguesa *toca* venha a ter o mesmo significado que a guarani *t'oca* (ou *çoca)*. Adiante veremos que a palavra *oca*, a casa, tinha um nome semelhante no grego antigo, donde procederia talvez o portuguez *toca*.

ou quando contra elles assanhados e em guerra, por *Maracayás* ou Gatos bravos. Se a isto ajuntarmos que os colonos chamavam umas vezes aos da terra *Caboclos*, e outras *Bugres*, confirmaremos quanto são de pouca confiança taes denominações, recolhidas ligeiramente por escriptores pouco observadores ou acaso ignorantes. Bugre não quer dizer mais que carregador ou portador de carga, de *Bohu-rêa*; pelo que ficaram-se assim chamando os Indios escravos. *Caboco* ou *Caboclo* cremos hoje provir de *Caá-boqua*, que significa vergontea ou ramo. Assim tambem hoje pensamos que a origem da palavra *Emboábas*, com que os Indios appellidavam aos colonos, se deve buscar no vocabulo *Amboabâ*, contracção de *Mbae-aba*, e que significa „Feito homem“, isto é „Como homem“ [1].

Seguindo com esta analyse, applicada a muitos outros nomes, que até agora se nos inculcavam como distinguindo nacionalidades, enchendo-se com elles paginas de livros, e obrigando-nos a tomar tedio a tantos catalogos de taes vozes barbaras, a que não ligavamos nenhuma idéa, nos chegaremos a convencer de que taes nomes de nações não são mais do que alcunhas.

Assim eram alcunhas de odio os nomes de *Maracayás* ou Gatos-bravos; de *Nhengaibas* ou Más-linguas. Eram de respeito e consideração as de *Tamoyos* ou Avós, e de *Mbeguás* ou Pacificos.

Como alcunhas de distincção, provindas dos usos dos que as recebiam, podemos considerar as de *Ubira-járas* ou Caceteiros, ou que manejavam páus; de *Taba-járas* ou Aldeados; de *Guatós* ou Navegadores; de *Guaita-cá* ou Corredores; de *Ca-iapó* ou Salteadores dos matos; de *Juru-una* ou Boccas, negras, por levarem os labios pintados de preto; de *Tremembés* [2] ou Vagabundos, nome este só dado pelos que habitavam aldêas ou eram *Tabajáras*. *Camacans* pode proceder de *Cuam-akan*, e significar neste caso Cabeças-enrodilhadas, como *Cambebas* vem sem questão de *Akan-pebas*, Cabeças chatas, e significa quasi mesmo [3] que o vocabulo *Umáua* (Omagua), com que na

---

1) Montoya, *Arte*, p. 12. Pela mesma razão que Anchieta dá *Mbae pirâ* Cousa peixe, isto é, O que parece peixe.
2) Abbeville, f. 189.
3) *Uma* cabeça.

lingua quichua eram appellidados. De todos os antigos habitantes dos territorios que hoje constituem o Brazil, eram estes occupantes das beiras do alto Amazonas, de raça inteiramente estranha aos outros, dos mais civilisados; apezar do uso de se achatarem, em crianças, as cabeças, ficando „parecidas à mitras de bispos". Eram idolatras: vestiam especie de ponchos, usavam por armas de palhetas ou estolicas e esgaravatanas, e ensinaram no Amazonas a extracção e fabrico da gomma elastica. *Purús* ou *Puris*, como vemos appellidar uma cambada do alto Amazonas, e tambem uns hoje no littoral ao sul da Bahia, e outros que (em 1645) havia em Taubaté, não quer dizer senão Antropophagos[1], da mesma fórma que *Kairirîs* queria significar „Os Tristonhos". O nome de *Curúmará* nos denuncía que a praga da sarna assolava os desgraçados que o levavam. Chamavam-lhes os seus visinhos, como nós lhes chamariamos, mui singelamente, Sarnentos. Outras denominações ha que nem citaremos, por que soffreria a modestia mais do que ganharia a curiosidade.

E notaremos de passagem que taes alcunhas não só tinham logar entre os desta raça, como tambem entre outras d'America. Assim o nome de *Aimarás*, ou Saccos, provinha das camizolas[2] que vestiam esses Indios; o de *Moxos* (Moksos)[3], ou Molengas, era dado pelos mesmos Aimarás aos visinhos, que elles despresavam. *Otauás*, na lingua nort'americana mais espalhada, que os Européos chamaram *algonquina*, não quer dizer mais mais que Traficantes; e *Mascutinos* só significa Habitadores das varzeas. *Pampas*, em quichua, significa campo aberto e raso; e, segundo se crê, *Puelche* não queria dizer mais que Orientaes, assim como *Huilliches* Occidentaes, e *Peguenches* os dos Pinhaes[4], etc.

---

[1]) *Tesoro guarani*, f. 319 v.
[2]) „Visten unas camisetas ó patacusmas, como se dixésemos un costal vestido, teniendo por donde saquen la cabeza y brazos" etc. — Vargas Machuca. fol. 132.
[3]) *Vocabul. aimará*, por Bertonio; Juli, Parte 2., p. 224.
[4]) Tambem na antiga Europa, segundo Am. Thierry, *Celtas* significava etymologicamente Selvaticos, *Armoricos* Visinhos do mar, *Alobrogos* Aldeas-altas e *Helvecios* os das Pastagens.

Cumpre, pois, não ligar muita importancia a toda essa interminavel nomenclatura barbara, que alguns autores apresentam, sem o menor criterio, e sem advertirem que ás vezes contam a mesma tribu por duas ou mais, se cada um dos visinhos de differente lado a designava por differente nome ou alcunha, geralmente por injúria ou vituperio; poucas vezes por honra ou apreço [1]. Assim cremos preferivel, para melhor nos entendermos hoje em dia, nomearmos essas parcialidades pelos paizes que habitavam, quando, a ellas tenhamos que referir-nos. O uso consagrou entretanto, com celebridade na nossa historia, a admissão do nome de *Petiguares* para os que senhoreavam na costa desde o Rio-Grande do Norte até a Parahiba; do de *Caités* para os immediatos até o Rio de S. Francisco; do de *Tupinambás* e *Tupiniquins* para os que seguiam ao sul, invadidos ao depois pelos cruentos *Aimorés*. Vinham logo os *Guaïtacás* habitando Campos, os *Tamoyos* nas immediações do Rio de Janeiro até Angra dos Reis; os *Guayanazes* ou *Temiminós* até a Cananea, e os *Cary'yós* ou *Carijós* mais para o sul. Igualmente se fizeram célebres, mais tarde, entre outros os Cayapós em Goyaz, os Muras, Mauhés e Mundrucús no Amazonas e os Guaycurús ou Indios Cavalleiros no Alto-Paraguay. Entre todos, a lingua era quasi a mesma, notando-se apenas que os que ficavam ao sul da actual provincia do Rio de Janeiro, na de S. Vicente, não pronunciavam as articulações consoantes finaes, dizendo por exemplo *acê* e *ajû* por *acem*, (eu saio) e *ajûr* (eu venho).

Além das alcunhas, um nome geral havia, com que cada gremio designava todos os outros que lhe eram absolutamente estranhos, — nome que se pode comparar ao de que na antiguidade usaram os Gregos e depois os Romanos, e talvez antes delles os outros povos donde lhes veiu a elles a civilisação, e ao de que ainda hoje usam os Chins para designar todas as

---

[1]) O antigo escriptor do Brazil, Gandavo, bem que acreditasse que certos nomes designavam verdadeiramente nações differentes, era de opinião que, ainda que todos os Gentios da costa se achavam divididos, „todavia na semelhança, condição, costumes e ritos gentilicos todos são uns". A mesma opinião sustenta Gabriel Soares (I, c. 13, 39, etc.), dos escriptores antigos o que mais se dedicou á ethnographia brazilica.

nações estrangeiras, — o de *Barbaro*, ou na lingua geral *Tapuy*. D'aqui a idéa dos primeiros colonos, transmittida pelos escriptores, e ainda ultimamente por alguns acreditada, da existencia de um grande nação *Tapuya*; quando Tapuyas brancos chamavam os Indios aos Europeos que não eram seus alliados[1].

O sul da Florida era dominado por Caribes e muitos delles haviam tambem antes transmigrado dali para o sul[2], ao passo que desde o Amazonas até S. Vicente, todas as informações, recolhidas em differentes pontos, os fazem transmigrando e invadindo de norte a sul. Os da Bahia asseveravam haverem ahi chegado, vindos do sertão e d'além do Rio de S. Francisco[3]. Os de Cabo Frio pretendiam[4] proceder dos *Caribs* da parte septemtrional do Brazil. Os de S. Vicente tratavam por antepassados aos do Rio de Janeiro e immediações; o que prova como d'ahi provinham. — Por quasi toda a costa do Brazil, em fim, se encontravam tradições de que os *Tupis*, habitantes de qualquer destricto, se haviam deste apoderado, vindo elles conquistadores das bandas do norte, depois de arrojar para o sul outros Tupis que o assenhoreavam. A transmigração invasora se effectuava como em ondas, vindo successivamente uma nova occupar o logar da impellida para diante, sem deixar apoz si mais vestigio do que deixam no ar as ondas sonóras.

Os invasores traziam comsigo bastantes germens de discordia, que vieram a dar mui sasonados fructos venenosos nas suas novas terras. Apenas uns venciam, vinham outros arrancarlhes das mãos a palma da victória, e as hostilidades e vicios não tinham fim. Entre os ultimos era sobretudo lamentavel

---

[1]) No Dic. braz. se encontra (p. 42) por significado de Francez (em geral inimigos daquelles com quem viviam os nossos), „Tapuy tinga", isto é barbaro branco. Na *Gram. Braz.* encontramos (p. 47) *Tapyuya* significando „Barbaro".

[2]) D'Orbigny, „*L'Homme Américain*" II, 268 e seg. Enciso em 1519 tratando das Antilhas diz que os Canibaes da terra firme iam por mar em canôas „fazer la guerra á outras partes y unos á otros". Gumilla acrescenta no „*Orinoco Ilustrado*" (cap. 6.) „La nacion sobresaliente y dominante en Oriente es la nacion Cariba, que se estiende por la costa oriental hasta la Cayana, y aun hoy vive mucha gente de ellos en la Trinidad de Barlovento y en las tres islas de Colorados que están junto á la Martinica, etc."

[3]) G. Soares, P. II, cap. 147.

[4]) Thevet, *Cosmog.* f. 915.

a paixão com que se davam ao peccaminoso attentado que o Senhor condemnou em Sodoma[1], vicio que além de ser aviltador para o homem, tanto contribuia a que a população, em vez de augmentar-se se, diminuisse cada vez mais. Havia em algumas cabildas, concubinos publicos, protegidos pela communidade. O célebre professor George Buchanan apostrophou virulentamente contra esses vicios dos nossos selvagens na famosa satyra, de quarenta e quatro versos latinos, „*In colonias Brasilienses*“, que anda nas suas obras. Tambem não contribuiam menos a diminuir a população os crimes de envenenamentos frequentes, ás vezes de si proprios, pelo uso de comer terra e barro.

Divididos pois os Tupis em cabildas insignificantes que umas ás outras se evitavam, quando não se guerreavam, apenas podiam acudir aos interesses dictados pelo instincto da conservação vital; e, n'uma tão grande extensão de territorio, não apparecia um só chefe que estabelecesse um centro poderoso, como havia no Perú, cuja aristocracia, livre de cuidar só em resguardar-se das intemperies e em adquirir diariamente o necessario alimento, podesse pensar no bem dos seus semelhantes, apaziguando as suas contendas, e civilisando-os com o exemplo, e servindo-lhes de estimulo, para se distinguirem, e procurarem elevar-se. Assim taes rixas perpetuariam neste abençoado solo a anarchia selvagem, ou viriam a deixal-o sem população, se a Providencia Divina não tivesse accudido a dispor que o christianismo viesse ter mão a tão triste e degradante estado!

Para fazermos porêm melhor idéa da mudança occasionada pelo influxo do christianismo e da civilisação, procuraremos dar uma noticia mais especificada da situação em que foram encontradas as gentes que habitavam o Brazil; isto é, uma idéa de seu estado, não podemos dizer de civilisação, mas de barbarie e de atrazo. De taes povos na infancia não ha

---

[1]) G. Soares, P. 2, cap. 179. Ainda os Guaicurús tem alguns que se fingem em tudo do outro sexo, com o nome de „*cudinhos*“. Rev. do Inst. XIII, 358. Segundo Montoya (p. 159), outros os denominavam „*Tebiros*“.

historia: ha só ethnographia. A infancia da humanidade na ordem moral, como a do individuo na ordem physica, é sempre acompanhada de pequenhez e de miserias. — E sirva esta prevenção para qualquer leitor estrangeiro que por si, ou pela infancia de sua nação, pense de ensoberbecer-se, ao ler as pouco lisongeiras paginas que vão seguir-se.

SECÇÃO III.

(IX. da I. edição.)

LINGUA, USOS, ARMAS E INDUSTRIA DOS TUPIS.

Lingua Aparencia. Estatura. Côr baça. Pinturas do corpo. Botoques. Furos na cara. Cabello. Ornatos: aiucará, tapacurá, etc. Tangapema. Maracá. Arcos e frechas, etc. Venenos de hervar. Escudos. Machados. Trabalho de cada sexo. Guerras. Tempo. Preparativos. Surprezas. Prevenções. Taba ou aldêa. Ocas. Ocára. Cahiçára. Tapéra. Caça e pesca. Pindá. Tinguí. Timbó. Puçás. Giquís. Piracuî. Ostreiras. Sernambitibas. Tartarugas. Mondéos. Mimbába. Sementeiras. Milho. Mandioca. Vinhos. Utensilios. Patiguás. Samburás. Pacarazes. Redes, etc. Canoas, remo e leme. Sorte da mulher. Guatós e outros.

O estudo da lingua tupi, que é a mesma que, com o improprio[1] nome de guarani, ainda hoje se fala no Paraguay e em Corrientes, é do maior interesse para, por meio do conhecimento das etymologias, explicar muitos factos. A lingua era agglutinativa, porém com flexões verbaes. Em um trabalho especial aventurámos a idêa de que esta lingua deve ser considerada no numero das denominados de Turan, a par das finnougrias, do turco, do hungaro, do vascuense e até do proprio egypcio antigo.

As articulações não eram em grande número. Faltavam as seguintes: fê, lê, rê, vê e zê fortes; de tal modo que os Indios tupis, ao apprenderem a musica, em logar de ré, fá e lá, pronunciavam rê (brando), pá et ra (tambem brando). — As labiaes *b* e *p* soavam nasalmente; de modo que os mesmos Indios diziam *mboricá*, em vez de *burrica*, e *Mpero*, em vez de Pedro; de sorte que as mesmas duas labiaes podiam ser escriptas com um til em cima.

---

[1]) Guarani vem de guerreiro em tupi; e a lingua era falada por individuos não guerreiros, e até, com pequenas differenças, pelas mulheres, que tão pouco o eram; pelo que seriamos de voto de que se não dê mais á liugua tal nome.

Se porém o número das consoantes, nāo era grande, era-o o dos sons vogaes, podendo-se reduzir nada menos que a quarenta e dois; os quaes são por Montoya designados pelas seis vogaes (contando neste numero o y), cada uma com sete sons differentes, que se distinguem por meio de accentos [1].

Porém, rigorosamente falando, as lettras do nosso alfabeto eram insufficientes para representar todas as articulações guaranís. „Por muitas vezes me aconteceu, diz Vieira, estar com o ouvido applicado á bocca do Barbaro, e ainda do interprete, sem poder distinguir as syllabas, nem perceber as vogaes ou consoantes de que se formavam, equivocando-se a mesma lettra, com duas e tres semelhantes, ou compondo-se (o que é mais certo) com mistura de todas ellas; umas tão delgadas e sutís; outras tão duras e escabrosas; outras tão anteriores e escuras, e mais afogadas na garganta, que pronunciadas na lingua [2]: outras tão curtas e subitas; outras tão estendidas e multiplicadas que não percebem os ouvidos mais que a confusão."

Talvez que com o systema da escriptura arabe, ou ainda com o da devanagari, conseguisse representar melhor os sons tomados da propria boca dos Indios quem esteja no caso de os consultar.

A numeração fundamental não passava de cinco segundo Lery, e Anchieta nem concede o número cinco. [3] Hervas acrescenta que nunca se viu Guarani poder levar a conta acima de trinta, contentando-se, para seus intentos, d'ahi por diante de designar as quantidades pelo collectivo *tuba,* que significa muito.

Da composição dos palavras daremos alguns exemplos: *tayá-çu* quer dizer comedor o *roedor* de tayás; *iby-cuy* (areal), terra em pó; *ca-pî* relva tenra, donde veiu capim, e *ca-pi-uára,* comedor de capim.

---

[1]) No Cap. VII do nosso trabalho, escripto em francez, sobre procedencia dos Tupis, damos uma noticia bastante especificada acerca das particularidades grammaticaes desta lingua.

[2]) Jam lingua sibilando, jam narribus rhonchissando, jam dentibus stridendo, jam guthure strepitando, etc. Dobrizhoffer, II., 163.

[3]) Este systema da numeraçâo „quinqual" é um dos que melhor separa a civilisaçâo mexicana e peruana, que conhecia a decimal, do resto dos Americanos. No Yucatan contavam de cinco em cinco (Herrera, IV, 10, 4). No Orinoco, segundo Gumilla (cap. 48), igualmente.

Afóra a lingua, e certo progresso material na industria, nenhum caracter essencial, nem corporeo, distinguia os Tupis, das raças limitrophes. Eram todos de estatura ordinaria, reforçados e bem feitos; de aspecto tristonho, olhos pequenos, com frequencia negros, encovados e erguidos, por via de regra, no angulo exterior, como na raça mongolica; sobrolhos estreitos e mui arqueados; orelhas grandes, cabello liso, sèguro e sempre negro, bem como as barbas, que arrancavam por costume, e bem assim os cabellos do corpo, pestanas e sobrancelhas, ficando lampinhos; dentes alvos e persistentes, e pés pequenos. Havia, sobretudo entre as mulheres, tipos de feições miudas, que os Europeos elogiavam como formosuras[1]. Porêm todos esses attributos do corpo se achavam, em geral, horrivelmente desfigurados de intento entre os homens.

De côr eram mais ou menos baços, o que talvez procedia tambem do clima que habitavam. Um escriptor[2] do seculo XVI, bastante observador, adverte que na America os habitantes de terras quentes eram mais claros que os das temperadas e frias; bem que, entre aquelles, fossem mais escuros os das planicies e páramos que os das terras montuosas. Eram em geral fleugmaticos e de paciencia oriental para fazerem o que se propunham. Ensinados, deram bons muzicos, e sabedores aturados no estudo.

Quasi todos pintavam o corpo em fórmas a capricho, com tinta negra[3] tirada do genipapo, e a logares, como na face e nos pés, com um fino vermelho que extrahiam do urucú. Alguns sarjavam o corpo com riscos abertos com o dente de cutia, instrumento que lhes servia de lanceta, quando se sangravam. Nessas sarjaduras, em quanto frescas, mettiam alguma côr que as tornasse duraveis; e com ellas presavam-se de va-

---

[1]) Vaz Caminha dizia em 1500 ao rei que vira em Porto Seguro tres ou quatro moças bem moças „e bem gentis; e trinta annos depois, Pero Lopes, chegando á Bahia, achava as mulheres formosas, como as bellas da rua commerciante de Lisboa; e João Daniel*) é da mesma opinião".

[2]) Vargas Machuca, fol. 131.

[3]) Os Arios tambem se pintavam de preto, segundo Tacito: os Bretões de azul, segundo Cesar. („caeruleum... colorem, atque hoc horribiliore sunt in pugna adspectu", *De Bello Gall.* lib. V.)

*) Rev. do Inst. III, 331.

lentões, fazendo geralmente novos riscos, depois de algum grande feito, que por esse meio perpetuavam no corpo. Outros bandos furavam os beiços, principalmente o inferior, pondo no buraco um grande *botoque*, pelo que foram pelos Europeos chamados *Botocudos*. Quando não estava posto o botoque, que elles denominavam *metára*, tinham a facilidade de assobiar com ajuda do labio inferior furado, pelo qual conseguiam encanar o ar do sopro. Tambem furavam as ventas e as orelhas, o que era uso mui geral em toda a America; e nellas encaixavam semelhantes botoques, ou arrecadas de osso. Outros Indios costumavam esburacar as faces, mettendo nestas, de dentro para fóra, dentes de animaes. Não estando os botoques em seus logares, saía-lhes pelos buracos a saliva quando falavam; e, para se fazerem engraçados, deitavam alguma vez por ahi a lingua de fóra. Taes botoques eram não só de osso, como de pedra lisa, ou de barro cosido, ou de ambar, ou tambem de resina de jatahí. O primeiro explorador de toda a costa do Brazil, Amerigo Vespucci, conta-nos que víra individuos com sete buracos na cara: seriam dois nas orelhas, dois nas faces, outros dois nas ventas ou labio superior e um no labio inferior.

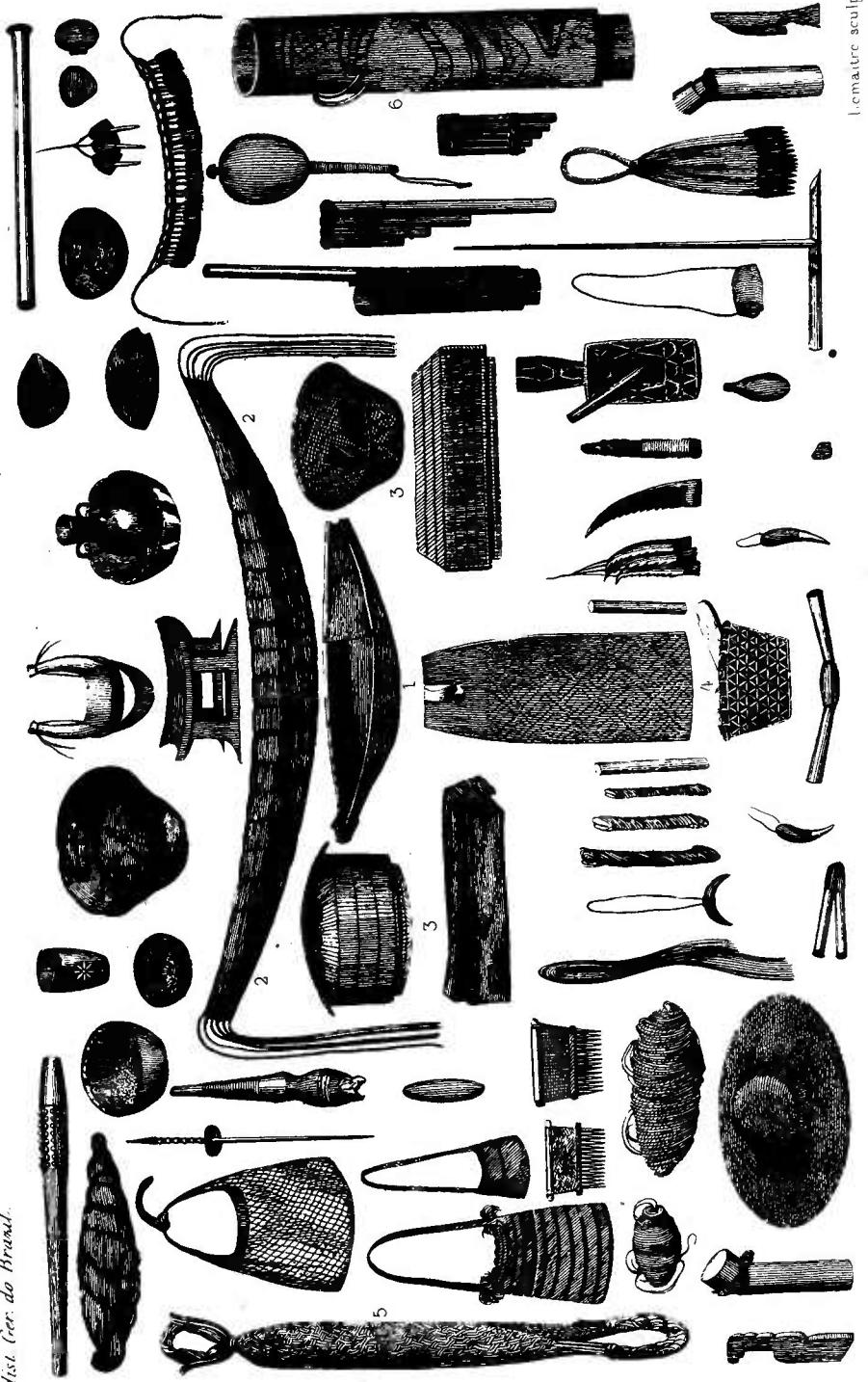
Uns deixavam crescer a guedelha; outros usavam de cercilho, pelo que, em Minas, lhes chamaram os nossos *Coroados*; mas o uso geral era tosquiar e aparar o cabello, mui regularmente, por uma linha que passava pelo cimo das orelhas. Conheciam o uso de lustral-o, untando-o com azeites.

Os principaes ornatos eram fios de contas brancas, feitas de busios ou de dentes dos inimigos, ou de animaes ferozes, mortos pelos que os traziam; de modo que eram como uma especie de cendecoração, quo ninguem se atreveria a usar sem a ganhar.[1] Somente se exceptuavam as mulheres dos que as tinham, maxime se haviam acompanhado os maridos. A taes colares chamavam *aiucará*. Por cada victima juntavam ao colar um dente della, se o podiam obter. Os ornatos vistosos consistiam em pennas, principalmente vermelhas e amarellas, grudadas com a *icica* ou almécega, das quaes tambem ás vezes

---

[1]) João Daniel, na R. do Inst. III, 347.

usavam para ornar os braços e as pernas. As plumas na cabeça eram postas para cima, tendo antes o cuidado de levantarem o cabello, dando-lhe na raiz com a mencionada almécega, para o conservarem assim arripiado. Como os antigos Europeos e Asiaticos untavam a pelle, por se fazerem mais bellos.

As mulheres tambem se pintavam e usavam de contas no pescoço e nos braços; e as donzellas apertavam as pernas, abaixo dos joelhos, com umas ligas vermelhas de algodão que chamavam *tapacurá*.

Pode-se dizer que andavam elles e ellas quasi nús. Alguns, de climas mais frios, se cobriam porêm com pelles de animaes; e outros, para se fazerem temiveis, usavam, por carapuço e mascara, de focinhos de onças e outros animaes „com dentes e com tudo" como diz Pero Lopes, e como ainda vemos em tribus do alto Amazonas.

Em occasiões solemnes os chefes usavam de cocares [1] de pennas, que lhes cobriam o craneo até as orelhas, e aos quaes chamavam *açan-gatáre;* nos pés umas axorcas de certos fructos que junctos tiniam, como cascaveis: e da cintura, pela banda posterior, pendia uma tanga de plumas de ema. Alguns se cobriam tambem de uma especie de mantos ou trofas de pennas, que denominavam *açoyaba.*

A tudo isto ha que ajuntar nos homens as armas, que estimavam sôbre todas as coisas, como instrumentos que saciavam os dois primeiros estimulos mais fortes para todo o Barbaro: — a fome e a vingança. Consistiam as armas: em uma pesada clava ou maça, de quatro faces, com ornatos, e mais delgada e arredondada no cabo; algumas cabildas chamavam-lhe *tamarana*; e quando eram em fórma de remos ou pás e com gumes, as denominavam *tangapemas* [2], e no Amazonas *cuidarús.* Seguia-se um grande arco, que chamavam *úirapara,* tal que, assente no chão e firmado no pé esquerdo,

---

[1]) Estes cocares alêm de ornato serviam de abrigal-os do sol, sobretudo quando remavam.

[2]) Tangapena disse Veira; palavra que se lê nos diccionarios Fangapena por algum engano de côrte no T. Staden diz Iwarapeme. Vasconcellos, escreve Tangapema. Atángapema se lê no Dicc. Braz. p. 37. Parece nome derivado do alfange arabe *yatagán.*

Martius del.

Lemaitre sculp.

USTENSILIOS E INSTRUMENTOS DOS INDIOS.

1, Ubá. 2, Rede. 3, Patiguás. 4, Urupema. 5, Tipetim. 6, Trocano, etc.

A. F. Lemaitre, graveur 23 quai de l'Horloge. Imp. F. Lamoureux, Paris.

com a ponta entre o dedo grande e o immediato (de ordinario por isso mui separados um do outro) ficasse o meio delle correspondente ao peito, com as competentes frechas grandes e pequenas, ao lado direito. Demais: na mão esquerda ia o *maracá*[1] correspondente ao *sistrum* dos antigos, formado de uma *cuia* ou cabaça cheia de pedrinhas, enfiada em um cabo de páo e coroada de pennas de *guarás*: quando a moviam ou chocalhavam fazia um ruido, como o da matráca das nossas igrejas, que no proprio som e nome se parece áquelle instrumento.

Os arcos eram feitos de uma especie de páo duro, elastico e forte, que ainda hoje, em virtude de tal uso, se chama *páo d' arco.* Eram geralmente forrados de *cipó-embé,* e facetados do lado interior, por onde lhes punham um cordel tecido de tucum ou pita, e seguro nas pontas em uns chanfros. As frechas, sempre admiravelmente acabadas, eram umas de *ubá* ou cana brava, outras de tabocas, e outras de *úpi,* ou caniços. Estas, de ordinario so destinadas a matar os passaros, eram as de maior alcance: tinham nas pontas ossos aguçados ou dentes de animaes, e junto do extremo opposto, duas grandes pennas contrapostas, o que concorria a serem mais certeiras, fendendo os ares com um movimento giratorio como o dos projectis dos canhões raiados em nossos dias. As de *ubá* e as de *taquára,* destinadas contra os grandes peixes e animaes, tinham as pontas de taquára, geralmente dentadas ou harpoadas dos dois lados, e com suas pinturas. Entre estas pontas e o corpo da frecha entremeavam de ordinario um troço de haste, de páo ferro ou de páo d'arco, para augmentar o peso da mesma frecha desse lado, afim de fazer maior effeito, quando disparada por elevação. Este troço era tambem com dentes. As frechas de guerra eram de *ubá,* geralmente da altura de uma pessoa sendo os ultimos dois palmos, do extremo, de páu ferro, com a ponta hervada. Para se resguardarem contra o veneno, mettiam as pontas em aljavas, cada uma das quaes de ordinario continha sete frechas. Igual número continham os mólhos

---

[1]) Cabeza de Vaca achou o „maracá" na Florida, e o padre Andrés Perez de Ribas (p. 739) em tribus do Mexico, com o nome de „Ayacaztli".

de azagaias de arremesso de páu ferro, chamadas *curabis*, tambem hervadas, mui finas, e igualmente da altura de um homem. Tambem usavam de lanças de páu ferro, hervadas, mui compridas, que igualmente podiam arremeçar, e as quaes denominavam *murucús*.

As frechas grandes furavam uma taboa a duzentos e trezentos passos. Algumas[1] cabildas se serviam de varapaus de duas pontas e de tres palmos de comprido que, arremeçavam como virotes. No alto Amazonas faziam uso da *esgaràvatana*, tubo ôco, de mais de uma braça de largo, com bocal e mira, e forrado todo de cipó *embé*: com o qual, por meio do sopro, disparavam finas settas ou puas hervadas, com as cabeças envoltas em algodão ou sumaúma; outros usavam de umas *palhetas*, com que arremeçavam dardos.

Serviam-se geralmente os Indios de escudos ou pavezes; que eram pequenos, e ou circulares ou oblongos, e feitos de coura do tapir ou anta, ou da pelle do peixe-boi[2], entretecidos de taquáras[3], á falta de melhores.

Para cortar lenha empregavam uns machados de pedra polida, de ordinario verde, aguçados, e mui analogos aos que usavam os Europeos quando barbaros, isto é, antes de lhes chegar o frequente uso do bronze e depois o do ferro. No Amazonas, onda era para tudo de tanto recurso a tartaruga, faziam desta os machados e mais utensilios[4]. Tambem para os instrumentos de gume empregavam o páo-ferro e o pau d'arco.

O trabalho se repartia segundo os sexos, como passamos a expôr. Os homens aprestavam as armas, iam á guerra, assentavam e construiam as *tabas* ou povoações, e tratavam da caça, e da pesca, e de fazer a roça.

As mulheres se occupavam das sementeiras e plantações, fabricavam a farinha, e preparavam as bebidas; carregavam

---

[1]) Segundo as informações de Soares, os seus „Ubirajáras“ além do Rio de S. Francisco (P. II, cap. 182) eram os proprios habitantes do Amazonas.

[2]) Acuña, n. 25, f. 11.

[3]) Acuña, n. 37, f. 17.

[4]) Acuña, n. 39, f. 18.

nas transmigrações os fardos e as crianças, faziam os utensilios cazeiros, e cuidavam das aves[1] e animaes criados em casa para regalo, os quaes nunca matavam para comer, dando-lhes o nome de seus *mimbába*[2].

A este estreito circulo, que vamos melhor examinar, se limitava a vida social dos Barbaros.

A' guerra offensiva precediam sempre calorosas exhortações, dos chefes e dos maiores oradores; e só era definitivamente decidida por um conselho, em que tomava parte toda a communidade. Neste conselho guardavam a melhor ordem; falava cada um por sua vez, e quasi sempre concluiam por sairem todos concordes na opinião manifestada por algum mais influente, isto é, melhor falador.

O fim da guerra era mais fazer prisioneiros, para os escravisar, ou para tomar vingança, que invadir um paiz para prear as povoações: o que sem embargo tambem succedia. Se não podiam fazer outro mal, deitavam fogo á taba inimiga e se retiravam[3]. A's vezes sómente o desejo que tinha uma cabilda de possuir alguma ou algumas mulheres de seus contrarios, ou de as reivindicar, dava motivo a uma campanha: do que nos não devemos admirar, quando outros selvagens, no dizer de Horacio, brigavam só pela posse de uns covîs ou de algumas bolotas[4].

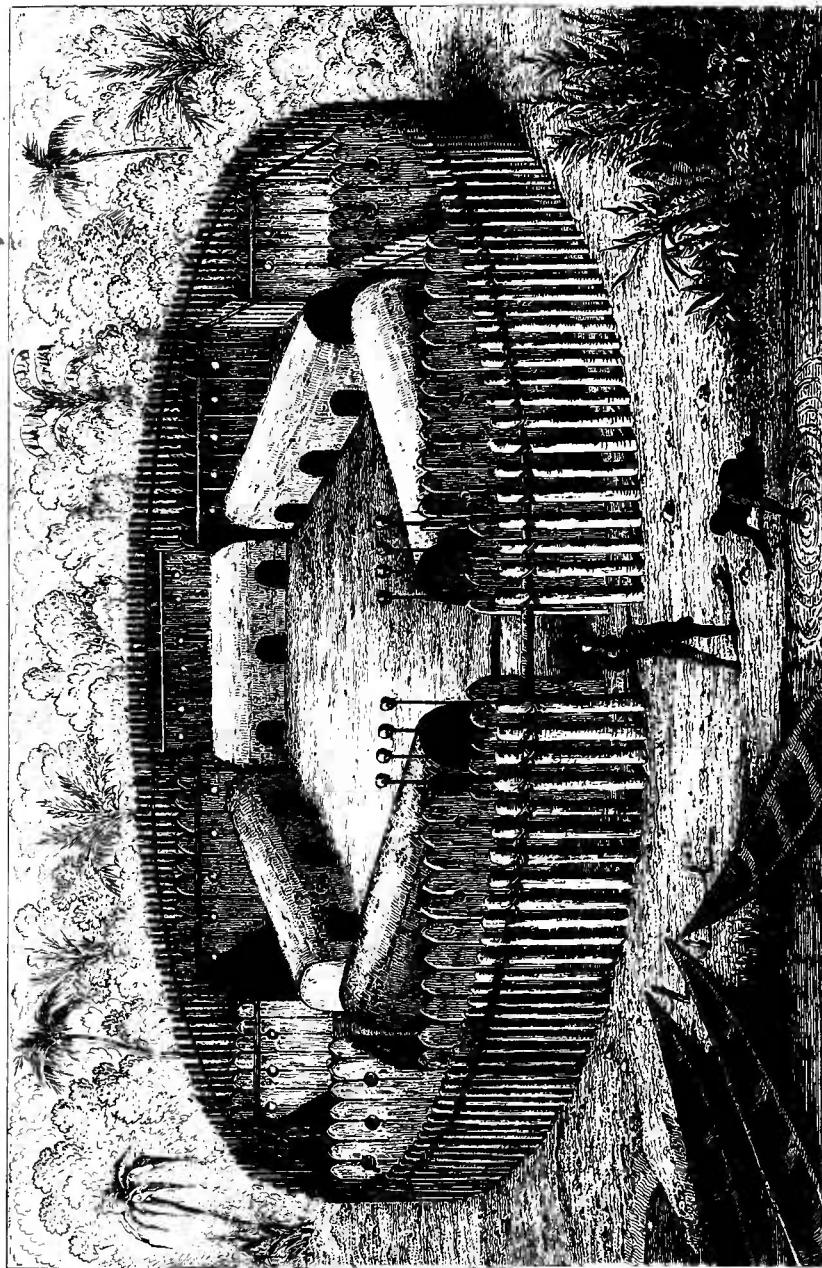
Emprehendia-se a guerra, principalmente na epocha proxima á da madureza do milho, dos aipins ou dos cajús: porque isso permittia celebrar melhor o sacrificio dos prisioneiros com os vinhos que dessas substancias se tiravam.

Todos concorriam em commum para o apercebimento da campanha, que consistia em alguma farinha. A'guerra levavam os escravos, que nunca podiam pertencer á nação que iam guerrear; pois em tal caso por elles houvera começado a vingança. O systema de ataque era em geral, da mesma fórma

---

[1]) Eram ellas que ensinavam os papagaios a falar, e lhes contrafaziam as côres, arrancando-lhes as pennas e deitando-lhes sangue de râs, etc. Soares, II, cap. 159.
[2]) Anchieta, *Arte*, cap. V.
[3]) J. Daniel, Rev. do Inst. III, p. 474.
[4]) Glandem atque cubilia propter pugnabant.

que na America do Norte, o das *tucáyas* ou ciladas, e caíam sobre inimigo com grandes urros e apupadas, quando o achavam mais descuidado[1]. E só no caso de encontrarem resistencia, e de não poderem evitar, se empenhavam no combate, que era ja a braço e a dente, mais que com armas contundentes. Pela mesma razão de deverem evitar essas surpresas que se propunham fazer, ás vezes a distancias enormes, á maneira dos Arabes em suas algáras ou correrias, as marchas eram emprehendidas com todas as prevenções[2]. O arco e a frecha quasi que apenas eram empregados contra os que tratavam de escapar-se, ou que passavam de longe.

A maior glória para o guerreiro era assenhorear-se de um dos inimigos, trazêl-o comsigo prisioneiro, e ufanar-se com as honras do seu sacrificio, ao qual assistiam todos. Os mais déstros na arte da guerra procuravam porêm estar prevenidos, e de atalaias nos cimos das arvores para avisarem do que sentiam, pelo olfato. Tocavam a rebate com um grande tambor[3] dependurado entre dois esteios, e logo acodiam todos. Quando o atacante encontrava estas prevenções, retirava-se ordinarimente. Assim o combate durava pouco tempo, se um dos dois partidos, sem perda dos seus, conseguia aprisionar alguns inimigos; pois o vencedor se dava pressa de fugir com o captivo para o sacrificar. Depois de uma victória, as mulheres apregoavam as novas proezas de seus esposos, e proclamaram os nomes de guerra que acabavam de tomar dos contrarios que haviam morto; — ceremonia, „notavel e de muita graça", pelo fervor com que davam á execução este *rito.*[4]

A abundancia da terra, em caça ou pesca, contribuia, mais que nenhum outro motivo, para que uma cabilda se decidisse a assentar povoação e a levantar sua *taba,* — ordinariamente de grandes casarões ou abarracamentos (*ocas*) de páus e algum barro, cobertos em fórma convexa de folha de pindoba. Eram estes de uns cento cincoenta pés de comprido, quatorze de

---

[1]) Soares, II, 169. — J. Daniel, p. 474. — Coronel Serra. — Rev. do Inst., XIII, 368.
[2]) Soares, II, 167.
[3]) Baena, *Cor. Paraense,* p. 10.
[4]) *Jorn. do Maranhão,* p. 65.

A. F. Lemaitre sculp

TABA OU ALDEA INDIA

largura e doze de altura. Junto ao tecto tinha cada oca, ou grande casarão, *juráus* ou alpendradas, onde se guardavam os utensilios e recolhiam os comestiveis. A's vezes toda a povoação construia para si um só rancho em que cabiam duzentas pessoas[1]. Dentro não havia repartições feitas de tabiques, nem de esteiras, nem de nada, e somente esteios para as redes. No meio da *oca* ou casarão, sem chaminés, accendiam a fogueira para cosinhar e para os allumiar de noite, aquecel-os e livral-os dos morcegos. Eram as *ocas* dispostas, deixando no centro uma área (*ocára*) para a qual de cada rancho havia tres vãos ou portaes baixos, ordinariamente sem porta ou postigo. A *taba*, quando proxima de inimigos, era cercada de uma tranqueira de palancas, de forma quasi sempre pentagonal. A's vezes esta cerca, que chamavam *cahiçára*[2], feita sem fosso[3], era de gissára, ou de taboca. A'entrada della espetavam, em páus a pique, as caveiras dos inimigos; e a explanada em redor tinha algumas vezes fojos estrepados. A's tabas ou aldêas abandonadas, segundo antes dissemos, se dava o nome de *tapéra*: de *taba-oera*, aldêa que foi, o que se applica hoje a um simples sitio ou roça que não tem dono.

Para a caça do chão, tanto do mato como do campo, bem como para a do ar, empregavam o arco e a frecha. As caças mais estimadas eram as dos porcos do mato, e das pacas. Não conheciam os Tupis a lhama, nem a alpaca, — o camello e a cabra deste continente. Menos podiam conhecer o guanaco, e menos ainda as mimosas vicunhas, que só medram nos climas montuosos e frios. Tão pouco usavam do leite de nenhum animal, como alimento ou como bebida. Para a pesca grossa empregavam ás vezes a frecha, mergulhando detraz della logo que a tinham despedido, ou acompanhando-a de um fio com uma paleta no fim, que boiava detraz do peixe fisgado. Usavam tambem de certa especie de anzoes, que denominavam *pindá*, donde veiu o chamarem *pindámonhangaba* ás pescarias feitas com anzoes. Alguns iam áte a nado arremeter os tubarões,

---

[1]) J. Daniel, na Rev. do Ist. III, pagina 348.

[2]) Seguimos a orthographia de Berredo, p. 432 e 433. Jeron. Machado e Soares escreveram „caiçá".

[3]) J. Daniel, Rev. do Inst. III, 349.

com um páo agudo que lhes encaixavam pela guela; com o que os afogavam, e os traziam a terra, e tiravam delles os dentes para as frechas. Porêm o modo como recolhiam mais peixe, era usando nos rios das entroviscadas; isto é, embebedando-o com a planta *tinguí*, ou com achas de *timbó* machucadas, e lançadas na agua. Tambem tinham uma especie de redes pequenas chamadas *puçás*, feitas de fio de tucum, com as quaes pescavam as tainhas (*paratís*), e outros peixes que com a enchente da maré entravam pelos esteiros [1]. Outros apanhavam em *giquís*, que eram uns covos afunilados, ás vezes com duas sangas, que mettiam nos caneiros.

Algumas cambas colhiam tambem nos rios que, depois de trasbordarem, voltavam subordinados a seus leitos, sem que os peixes podessem eximir-se de naufragar na *piracema*.

Para conservar o pescado não usavam de sal: moqueavam-o, como faziam com a carne; e, limpo das espinhas, o reduziam a pó, e preparavam uma certa maça e farinha que denominavam *piracuî*, e que se conservava por muito tempo.

Igualmente aproveitavam de varios mezes do anno em que o marisco (especialmente o *sernambi*), estava mais gordo, para fazerem delle larga provisão, separando-o da casca, que iam amontoando. O uso de preparar taes provisões era um dos com que mais se distinguiam os Caribes do norte, que, para esse fim, effectuavam até expedições á ilha *Anegada*, uma das menores Antilhas [2], ainda hoje mui abundante de taes mariscos. Se durante esta pescaria morria algum companheiro, lhe davam sepultura no proprio monte das cascas d'ostras. Assim pelo menos se podem explicar essas *casqueiras* ou *ostreiras* [3] descobertas no littoral com ossadas humanas, e ja cobertas até de arvores seculares. Taes casqueiras, chamadas ainda nas provincias do norte *sernambitibas* ou *sernambi-teuas*, constituem hoje, para quem as possue, uma verdadeira riqueza, pela faci-

---

1) Soares, P. 2a. cap. 134.
2) *Trans. of the Amer. Ethnol. Soc.*, 1853, pag. 200.
3) Varn., Rev. do Inst. II, p. 522. — Carta sobre este assumpto, em esclarecimento do que se dissera no vol. III., P. 2.ª, das „*Transactions*" da Sociedade Philosophica de Philadelphia, 1828. — Vej. tambem Varn., Rev. XII, 372 e 374, e Fr. Gaspar p. 20.

lidade com que dellas se extrahe a cal. Semelhantes *ostreiras* se encontram ainda nos territorios scandinavos, no norte da Europa e em ilhas do mar Egêo.

Os habitantes das margens do Amazonas usavam para apanhar as tartarugas da mesma industria ainda agora empregada. Esperavam-as quando vinham a desovar, e com um espeque as reviravam para o ar, e d'ahi as levavam a nado, nas canoas, prezas por um buraco feito na couraça, mettiam-as em curraes ou alvercas fechadas, e as nutriam até matal-as. Tambem as apanhavam, acertando-lhes no pescoço com as frechas expellidas por elevação.

Para agarrar os animaes, sobretudo os tigres, usavam de armadilhas ou *mondeos,* onde, ao irem elles a entrar, lhes desandava em cima um grande tronco d'arvore. Tambem faziam fojos, e usavam para os passaros de esparrelas de várias especies. Os do sul empregavam para os veados certas armadilhas, além da bola, que actualmente se usa mais aperfeiçoada.

Proprio dos homens eram ainda o buscar mel selvagem, trazer lenha, e até o ir lavar as redes nos rios.

Passando aos trabalhos que estavam a cargo das mulheres, diremos que ellas viviam menos ociosas que os homens, entre as cabildas agricolas. — Roçada pelos últimos a terra, áquellas pertenciam a plantação do aipim e da mandioca, a sementeira do milho e do mandubi; e para que ellas o não extranhassem, lhes explicavam tal uso pela razão de que era o sexo fecundo ou prolifico o que devia entender-se melhor com a madre terra. Da mandioca fabricavam a farinha, pelo processo grosseiro que depois adoptaram os colonos, e que ainda hoje se pratica nas roças, ralando-a sôbre uma prancha ou superficie com pedrinhas agudas embutidas; e expremendo-a com o *tepetim,* que era um saco de junco oblongo, mui elastico, e que, por meio de um pezo no extremo, apertando o mesmo saco se fazia enxugar a polpa da mandioca ralada, que depois se cosia em tachos ao fogo. A farinha que devia servir para jornadas, á qual chamavam *de guerra*, era cosida de fórma que ficava compacta, em pequenos pães embrulhados em folhas, de tal modo que não lhe fazia damno a agua da chuva, ou de um rio em que caísse. Juntavam-lhe uma pouca de *carimã*, e a

cosiam mais que a outra [1]. Tambem cultivavam a mandioca doce, ou aipím, que comiam simplesmente assado. Do aipim, do milho, e tambem dos cajús e ananazes e outros productos naturaes de sucos sacharinos, convenientemente expremidos e fermentados em talhas, tirävam bebidas espirituosas, que levavam os nomes dos fructos de que se haviam confeccionado, como *aipy-y'*, *auati-y'*, *cajá-y'*, *naná-y'*, *janipá-y'*, *jetic-y'*, *pacoba-y'*, etc. segundo eram feitos de *aipim*, *milho*, *cajás*, *annanáses*, *genipapos* [2],) *batatas doces*, *bananas da terra*, etc. — Mas o nome que davam, em geral, ao vinho era o de *ca-yú-y*, ou licor do *cajú* (adulterado pelos nossos em *cauim*) por isso que este fructo era o que o fornecia em maior abundancia.

Dos utensilios domesticos cuidavam tambem as mulheres. Reduziam-se estes a um *patiguá* [3], *panacú*, ou canastra que lhes servia de arca, algumas talhas ou *iguaçabas* para os vinhos e para a agua, têstos para cozer a mandioca, panellas de barro (*cumã*), uma *cuyambuca* (cumbúca ou cambúca) de guardar farinha, e algumas *cuias* singelas. Estas serviam de copos para beber, e ás vezes de pratos. As redes (*kyçaba*), as cordas (*mussurâna*) e passamanes, feitas umas de algodão e outras de várias embiras, tambem eram da sua competencia. Alguns Indios não conheciam as redes, e tinham apenas em seu logar esteiras, das quaes, alias, tambem faziam uso os Tupis, com a denominação de *pembî*, precedida do nome da planta de que eram feitas, com mais frequencia de *perîs* ou tabúa.

As mulheres mais velhas eram destinadas a oleiras. Misturavam ao barro cinza de certas cortiças, e depois faziam-o em torcidas, e assim o iam unindo e achatando; logo coziam-o em uma cova a fogo brando por cima, e a final o pintavam e envernisavam por dentro com resinas, que por algum tempo equivaliam ao vidrado. As velhas preparavam tambem os vinhos, as farinhas, e os venenos, operação em que morriam algumas. No fabrico dos vinhos faziam-se ajudar das mais moças, que

---

1) Ives d'Evreux, p. 22.
2) *Inni-papoeeywa* de Staden, o que não corresponde ao mamão (*Carica Papaya*), como julgou Burton (Trad. ingl. de Staden, p. 165, nota).
3) Ou „*petiguá*" Vasconcellos, Vida do P. João de Almeida, p. 16. *Putuá* diz o Dicc. Braz., no voc. *Arca*.

Lemaitre sculp

ARMAS E ADORNOS DOS INDIOS.

trituravam os fructos com os proprios dentes, concorrendo a saliva para facilitar a fermentação. Os *samburás* ou balaios [1] de timbós e *pacarazes* [2] de taquáras e cipós, eram obra dos homens, que os faziam com a perfeição que ainda hoje nos dos ja christãos, admiram os estrangeiros, quando se exportam do Brazil.

Para onde quer que o casal se transferia conduzia comsigo todo o enxoval. O homem egoista, a pretexto de que devia ir ligeiro para combater, só levava o arco e as frechas; tudo o mais a mulher. „A rede ao hombro, o patiguá ás costas, o cabaço e cuia dependurados a um lado, o cão atado a uma corda pela mão, e o filho pequeno... n'uma tipoia ás costas [3].“ A carga colonha sustentava-se por diante sobre a testa por meio da *pissama* [4], da maneira que usavam tambem os Mexicanos; e da que ainda hoje usam muitos Indios mansos na roça.

Outro instrumento e até arma indispensavel á maior parte das cabildas era a canoa (*igára*). De ordinario era esta feita de um tronco, carcomendo-o ou cavando-o por dentro, com ajuda do fogo. Havia-as enormes, remadas até por cincoenta e sessenta homens, exactamente como as antigas *pentecontores*, no velho continente. Outras vezes era só uma cortiça de arvore, com pontaletes no meio, e apertada com cipós, para ficar convexa, e lhes chamavam *ubás*. Tal foi o modêlo que ao depois tiveram os colonos, para fazerem as *pelotas* de couros de boi, ainda usadas na passagem dos rios, especialmente no Rio Grande do Sul. Tambem algumas cabildas, especialmente entre os Caités de Pernambuco, faziam canoas de *periperîs*, como os antigos Egypcios as de *papyrus*, planta igualmente cyperacea como a *periperi* (Malachoete riparia, de Nees). Ao remo denominavam *apecuitá*, e á pá do leme *yacumã*.

As canoas, a rapidez de seus movimentos e o modo regular de remar não poderam deixar de admirar os Europeos, com toda a sua civilisação. Tambem por sua parte o que os Indios

---

[1]) *Balaio* é voz africana.

[2]) Era o nome dos conhecidos cestinhos caboclos de várias côres. Rev. do Inst. IX, p. 333.

[3]) Vasconcellos. — Vida do Padre Joâo de Almeida, p. 16.

[4]) *Tupaçama* ou *xama;* Dicc. Brar. voc. *Atilho e Corda.*

mais admiravam dos mesmos Europeos foram as náos, que em sua lingua singela chamavam canoa grande (*igára açú*).

A sorte da mulher era julgada tão inferior á do homem que muitas mães afogavam as filhas ao nascer[1]. Como tambem succedia entre os povos gentios da Europa antes do christianismo, as mulheres quasi não eram mais que escravas. E com mais razão assim deviam ser consideradas pelos Tupis, quando, na America, as suas primeiras mulheres haviam sido tomadas á força, como verdadeiras escravas.

Tudo quanto dissemos se applica especialmente á raça tupi, em geral; pois sabido é que havia e ha ainda Indios que passam todo a vida em canoas, no alto Paraguay, e que por isso são chamados *Guatós*. No Amazonas haviam tambem cardumes de outros que viviam n'agua, em casas construidas sobre esteios; ja porque dos rios se sustentavam, ja por se livrarem assim dos mosquitos e cobras, e mais inimigos.

---

[1]) Gumilla, „*Orin. illust.*“ — Vargas Machuca, fol. 139 v.

SECÇÃO IV.

(X. da I. edição.)

IDEAS RELIGIOSAS E ORGANISAÇÃO SOCIAL DOS TUPIS: SUA PROCEDENCIA.

Significação dos sacrificios anthropophagos. Sepulturas. Camucins. Jazigo ou t'iby'. Tupá. Raios. Superstições. Agouros. Pajés. Abusos destes. Poracés. Seus tristes resultados. Descripção do sacrificio. Partilha do cadaver. Destino dos ossos e dentes. Geração. Nascimento. Velhas. Morubixab. Communismo. Roubo. Hospitalidade. Polygamia. Heroinas Amazonas. Noivados. Recem-nascidos. Doenças. Curativos. Soffrimento. Chorar. Nomes. Sentidos apurados. Caracter. Vida habitual. Banhos. Fogo. Sal. Pazes. Tabaco. Paricá. Guaraná. Coca; etc. Infancia da sociedade. Exemplo. O homem sem leis nem religião. Em todos paizes o mesmo. Carib: S. Thomé e suas pégadas. Sumé. Pajés. Monumentos primitivos. Procedencia plausivel dos Caribs, Tupis ou Guaranis.

Entremos porêm um pouco mais profundamente nesta sociedade selvagem, e vejamos até onde alcançavam as ideas religiosas e a jurisprudencia dos Tupis; e quaes eram os seus usos bons e máos.

Podemos dizer que a unica crença forte e radicada que tinham era a da obrigação de se vingarem dos estranhos que offendiam a qualquer de sua alcateia. Este espirito de vingança levado ao excesso constituia a sua verdadeira fé. — Era o odio excessivo contra os inimigos o principal estimulo que os conduzia até á anthropophagia, facto que, segundo alguns historiadores, se dava igualmente no velho continente, entre os Scitas, dos quaes pareciam proceder.

A anthropophagia não era pois motivada pela gula, senão algumas vezes por aberração; era-o pelo prazer que sentiam na desaffronta, cujos effeitos faziam extensivos a todas as gerações. O instincto de se vingarem era tão excessivo que se julgavam obrigados a trincar todo o animal que antes os molestára, ainda que fosse sevandija. E se não o podiam conseguir ás claras, o obteriam por meio da traição e dos venenos.

Aos captivos de guerra sacrificavam solemnemente no meio de um terreiro, e todos deviam provar sua carne; para desta fórma vingarem os amigos e os antepassados, mortos ou offendidos pelos do prisioneiro. Nesta expiação tomavam parte homens e mulheres, velhos e crianças; e até para os ausentes se guardava, moqueado, algum pedaço. — E tanto era o pensamento de desaffronta e expiação o que nestes sacrificios dominava, que de um inimigo desenterravam o corpo ao cabo de muitos annos, para no cadaver, quebrando-lhe a caveira, delle se vingarem, adquirindo com isso novo tropheo.

O sacrificador de um captivo juntava tambem por esse feito a si mais um titulo de glória; como o contendor em duelo podéra contar mais um vencido. Quando havia muitos prisioneiros, começava a chacina pelos mais gordos. Os malferidos matavam logo. Deviam morrer sem soltar um ai; á maneira de muitos dos nossos martyres anciosos de esperimentarem as delicias da vida eterna.

A vingança ainda além dos umbraes da eternidade, se por um lado não prova bons dotes de coração, descobre que estes povos, ou antes seus antepassados, tinham ideas superiores ás do instincto brutal dos gosos puramente positivos do presente. Estas ideas se justificavam melhor pelo respeito escrupuloso que todos guardavam ás sepulturas dos seus, nem que do velho mundo tivessem recebido, conforme parece confirmar-se por tantas outras inducções que em outro escripto apresentamos, as crenças das penas que soffriam no Averno as almas dos desgraçados que não haviam tido quem na terra lhes sepultasse os corpos. O mesmo uso dos banquetes anthropophagos talvez tivesse, em quem os inventou, origem na crença de que a vingança do inimigo passaria além desta vida, impedindo-se por essa fórma que o cadaver tivesse jamais enterro.

Dispunham alguns as sepulturas dentro dos ranchos em que viviam. A obrigação de abrir a cova correspondia ao parente mais chegado. Ao defunto ou defunta servia de féretro a propria rede; e sendo principal ia trajado de pennas, e com todas as armas, e de comer, beber e fumar, o que se lhe renovava quasi diariamente durante algum tempo, e tinham-lhe fogo acceso por varios dias. A rede ficava suspensa na cova

que se cobria de páos e ramagem e depois de terra. Outras vezes, em logar de rede, de que não faziam uso algumas cabildas, que dormiam sobre folhas no chão (os dos Ilheos e Espirito Santo), mettiam o defunto de cócaras, em posição analoga á dos fetos no ventre, com todos os seus trajos, dentro d'uma talha de barro. Ainda se encontram no Brazil muitas destas talhas com qualquer desaterro, ao abrirem-se estradas. O nome de *cambuchîs* ou *camucîns* dado a todas as talhas e potes pintados, a que tambem chamavam *iguaçabas*, applica-se hoje mais especialmente a estas urnas funerarias; mas o termo geral tupico para o jazigo do cadaver era *t'iby'*, e o dos cemiterios, onde os havia, *t'iby'-coera*.

Na provincia de Minas tem-se ultimamente descoberto sepulcros tambem de barro, não em fórma de talhas, mas sim como caixões, de côr castanha e com pinturas de arabescos e pontinhos, feitos de barro de côres, tudo envernisado com resina. De ordinario só tem cinco palmos de comprido, tres de largo, e tres quartos de palmo de alto.

Apezar da frequencia das trovoadas nestes climas carregados de electricidade, os Tupis não se tinham familiarisado com os seus terriveis fenomenos: e receiavam-se do trovão, que consideravam como uma manifestação de ira de *Ibag* ou do firmamento. Não passava a sua methaphysica[1] mais além deste innato terror; nem concebiam a idéa de um ente superior, immaterial e infinito a reger este infinito Orbe; por mais que nol-o querem fazer crer alguns escriptores, animados de piedade ou de excessiva boa fé, interpretando mal os ditos dos Barbaros, que ás vezes pouco antes, os haviam ouvido dos nossos proprios missionarios. Propendemos antes a crer que acreditavam, como outros povos na infancia, na existencia de um espirito maligno, a que chamavam *Tupán*, e de cujo influxo julgavam os raios uma verdadeira manifestação. Era como um Typheo, de quem, em certas contrariedades, pensavam tomar vingança disparando frechadas contra o firmamento.

---

[1]) „C'est icy qu'il fault que ie me mocque de celuy, qui a esté si temeraire, que de se vâter d'auoir fait vn livre de la religion que tiennent ces sauvages", diz Thevet (Cosm. f. 910).

Além disto, acreditavam, por tradição, na existencia de um certo barbado semideus *Sumé*, que lhes ensinára o uso da mandioca, etc.[1], e que havia tido máo pago, e desapparecêra. Seria o mesmo *Cemi* dos de Cuba e *Tzemes* do Haity, onde o veneravam em forma de idolos. A identidade desta crença se manifesta na existencia, entre os Caraibes, dos *pagés*, sob o nome de *piachés* e *beyés*; — no sul dos Estados Unidos pawas.

Se porém os Tupis não adoravam a nenhum Deus, não deixavam de temer supersticiosamente a influencia de mais outros entes malignos, a que davam os nomes de *anhangá*[2], *jeropary*[3], *curupira*, *caipóra* e outros. De noite não se aventuravam a andar sós, ás escuras. Ouviam como agouro o piar da coruja, e tinham-lhe, como os antigos, certo receio e até respeito, e nunca a matavam. Tambem se considerava de máo agouro que o marido ou companheiro da mulher pejada matasse alimaria prenhe. Assim bem se guardava de caçar o que se julgava causa da gravidez de uma mulher; e morreria de fome antes do que se rosolvería a violar os mysterios da geração: pelo mesmo motivo respeitava então os ovos dos passaros[4]. — De máo agouro era igualmente o facto de embicar o Barbaro de certo modo, e em determinadas occasiões, n'uma anta on n'um ouriço *quanduaçú*. A mulher pejada não podia fabricar os oleos e azeites; tambem lhe era prohibido ajudar a acepilhar as canoas; — prohibições contra que naturalmente nunca se lembrariam de reclamar.

Como não tinham tradições suas, admittiam com a maior credulidade tudo quanto se lhes embutia. Dessa pia fé se aproveitavam certos *pajés* ou adevinhos, que muito nos fazem recordar os jogues da India, e os quaes de tempos a tempos

---

[1]) Desta crença nos aproveitámos na lenda, em estylo biblico, intitulada *Sumé*, imp. ém Madrid em 1855, 8; e reimpressa no *Panorama* n'esse mesmo anno.

[2]) J. Daniel Rev. do Inst. II, 480; Gumilla, *Orin. illustr.* cap. 10; Laet (nas notas a Grocio sobre a origem dos Americanos; Amsterdam 1643) pagina 194.

[3]) Um viajante moderno que havia tratado os Indios de várias provincias do littoral assim o confirma em parte dizendo: „Quanto à religiâo duvido qual adoptem; e só sei que seguem uma seita occulta denominada „Juriparim". Muniz e Souza. Viag. — Rio de Janeiro 1834, p. 28.

[4]) Gabriel Soares, II. 161.

iam visitar as povoações, e quando lhes convinha intimidavam aos desgraçados Barbaros com agouros taes que de pasmo vinham a morrer. Viviam os pajés em brenhas ou em tujupares, longe do povoado, e cada qual tinha autoridade n'um grande districto. Quando se propunham á visitação eram dias de festa n'a taba. Alimpavam-lhes as picadas e preparavam-lhes pomposos recebimentos, com muitos presentes, que denominavam *potába*[1]. Embusteavam os pajés de ter tratos com os mencionados numens diabolicos; e como revelação destes oraculos diziam á pobre gente o que bem lhes parecia. Tambem se inculcavam com dominio sobre os jacarés, cobras e outros bichos agressores do homem.

Das festas religiosas e sacrificios eram inseparaveis as danças chamadas *poracés*[2]: as quaes deviam ser acompanhadas de bebidas fermentadas, de fumar-se muito tabaco ou seus equivalentes, e dos sons de muitos instrumentos. Estas festas acabavam sempre em indisposições de estomago e de juizo, e então havia ferimentos e mortes. Viam-se até mães, que criavam, esquecerem, contra os instinctos naturaes, seus filhos, que, ao cabo de dois ou tres dias sem serem attendidos, eram encontrados mortos de sede e de fome. Havia ainda outras danças, a que davam os nomes de *guáos* e *urucapîs*; mas o nome para as danças, acompanhando o canto em que celebravam as proezas de seus antepassados, era *yeroqui*; o que correspondia aos *areytos* dos Caribes.

Antes de infligirem a morte á victima, atavam-a pela cintura com a corda *mussurana*, cujas pontas se liavam ou sustinham a certa distancia; depois dançavam todos e todas em redor, de axorcas de cascaveis nos pés, fazendo acompanhamento com os religiosos maracás. Nesta dança só não tinham parte as crianças e os velhos, que ficavam sentados para batucarem o tambor, que era oblongo, como o dos antigos Egypcios, e se ouvia a grande distancia. Ao som deste iam todos a fio

---

[1]) Ou antes *poitaba*, comida; do verbo *ayopoi*, eu dou de comer.

[2]) Aprassé, diz Staden. Purassé escrevem outros. No *Diario* de Ribeiro de Sampaio (Mem. Ultr. VI, App. p. 28) imprimiu-se, por algum erro, *Parassé;* erro que passou á palavra immediata, lendo-se *cauza* em vez de *dansa*.

andando á roda, dando patadas e entoando o seu monotono Eh! eh! Além do tambor e do maracá, tinham por instrumentos o *mimby* ou flauta simples, feito de algum fémur ou tibia, e o *torô* ou flauta dobre ou triple, feita de *taquára*, e o buzio *uatapú*, instrumento de que tambem havia feita uso a antiga Europa, sendo até na fabula o symbolo dos Tritões. No tocar guardavam o compasso, andando juntos, e com uma das mãos sobre o hombro do companheiro.

O dia para o sacrificio se fixava para logo que os vinhos eram feitos, e que o prisioneiro posto a bom tratamento parecia bastante gordo e são. Afim de que nada lhe faltasse, durante o tempo que estava esperando a morte, e antes pelo contrario com intento de distrahil-o, até lhe davam por concubina a moça que elle acertava de escolher, a qual, quando morria a victima, tinha que derramar por cerimonia algumas lagrimas, mas, por honra, devia logo depois tragar delle o primeiro bocado, geralmente pudendo.

Chegada a hora do sacrificio, o matador vestido de gala, isto é, tão horroroso como podia fazer-se com suas pinturas, se aproximava da victima, ja tosqueada, e brandindo a *tangapêma*, tambem mui ornada de pennas e tauxiada de cascas d'ovos de côres, embutidas no elemi ou goma *icica*, descarregava o golpe, com que lhe escachava a cabeça, em meio das algazarras, uivos e applausos de toda a comitiva. O sacrificador tinha o direito de lavrar no corpo, com riscos indeleveis, a memória deste feito. Era este evidentemente outro uso do paganismo do antigo continente. Moysés o prohibiu de parte do Senhor, no Levitico[1], com estas palavras: „Não fareis por algum morto incisões em vossa carne, nem figuras nem signos indeleveis."

O dedo polegar era immediatamente cortado ao cadaver, como disparador das frechas e causador das mortes. O tronco do corpo se atassalhava, separando-se os braços e pernas; sendo tudo feito pelas velhas, que moqueavam os pedaços...

Não diremos os mais horrores que praticavam, que não nos propomos a arripiar as carnes dos leitores, como os Barbaros

[1]) Cap. 13, v. 28.

as de suas victimas. Os ossos se guardavam para muitos usos; e as caveiras ou espetavam depois á entrada das aldêas, ou faziam dellas *cuyambucas*. Os dentes recolhiam-se, enfiados em colares, como reliquias, em troféo da grande proeza de trucidar um individuo desarmado, e muita vez innocente, sendo só declarado inimigo em virtude da geração... Irresistivelmente se nos detem a penna nem que corrida de escrever estas miserias da humanidade bestial, que sem nenhum pejo as praticava... Vamos a concluir.

Todos os que assistiam á festa, ou que obtinham um bocado de cadaver se honravam com mais um triunfo; porêm as glórias deste pertenciam principalmente ao matador ou carrasco, que dahi colhia novo titulo, em opposição aos nossos usos em que tal officio é infamante. As mulheres aprisionadas ficavam escravas, e se houve alguma excepção, seria quando se provasse que ellas tinham combatido, pois que então, pela regra geral, deviam morrer. Tambem sacrificavam algumas mulheres, quando queriam declarar a guerra; pois neste caso começavam por quebrar as cabeças ás primeiras victimas que aprisionavam.

A jurisprudencia indiana, se assim lhe podemos chamar, reduzia-se a mui poucos principios. A geração se regulava pela do pae, em opposição com o que se nota em alguns povos barbaros da Africa. A mãe só era considerada, á maneira dos antigos Egypcios, como guarda ou depositaria do feto, até o dar á luz, e nenhuns deveres contrahia com ella o filho que amamentava. O pae denominava ao filho *taíra* ou „o procedente do seu sangue;“ e a mãe chamava-lhe *membira*, „o seu parido“, o procedente de seu seio. Assim as escravas que tomavam os Tupis por mulheres não eram somenos das demais, e aos filhos dellas só passava a condição do pae. — Filho de escravo ficaria escravo: e se o pae havia sido inimigo, ainda que a mãe fosse filha de um principal, havia de ser sacrificado. Assim, excepto os captivos em guerra e seus filhos, e os estranhos que escravisavam por causas accidentaes e tambem os seus filhos, todos nasciam livres, ou gosavam de liberdade individual, — com a sugeição aos mais fortes. A' falta de clareza porêm a tal respeito, devemos attribuir esse fracciona-

mento, essa desmembração em esgalhos tão pequenos como os que encontraram os Europeos. A's vezes não havia para a subdivisão ou independencia mais causas do que os ciumes dados por uma mulher[1].

A repudiada passava ao poder de outro, quando outro encontrava que ainda a quizesse: quando não, desde logo a declaravam velha para os deveres que, como tal, lhe caberiam na communidade. Por morte do marido pertencia a mulher de direito, como entre os Judeus, ao irmão do que fallecera, se elle a preferia.

Os laços da familia, primeiro elemento de nossa organisação social, eram mui frouxos. Os filhos não respeitavam as mães, e so temiam, em quanto os temiam, os pais e os tios. No amor não havia que buscar sentimentos moraes. As delicias da verdadeira felicidade domestica quasi não podem ser apreciadas e saboreadas pelo homem no estado selvagem. Rodeado de feras, ou de homens-feras, mal podem nelle desenvolver-se a parte affectuosa da nossa natureza, a amisade, a gratidão, a dedicação.

Aos principaes ou chefes de cada alcateia ou cabilda denominavam *morubi-châbs*[2]. A fôrça e a audacia[3] o elegia, ou antes o fazia tolerar, em quanto algum rival não vinha a disputar-lhe a obediencia de parte dos seus. Regularmente primavam os mais bem aparentados; e algum tanto influia tambem que fosse parente do anterior, o qual de ordinario, ja em vida, como que apontava por successor o individuo em quem dopositava mais confiança, destinando-lhe empresas arriscadas e de prova. Na guerra commandava o chefe com poder supremo; porêm para ella se dicidir, ou para se decidirem casos mais difficeis, como uma transmigração, ou as dúvidas sobre a morte de algum prisioneiro, era convocada toda a cabilda, que se reunia no terreiro da *taba,* fazendo roda em duas ou tres ordens, segundo o número dos que assistiam. A

---

1) „Guerra... que regularmente... dos ciumes que em cabo uns de outros teem, por respeito dos quaes dão mui facil credito a qualquer suspeita e leve indicio“ (Jer. Machado, Guerras do Rio Parahiba).

2) *Morubi,* o que lida, o que vae á guerra; *chab,* chefe.

3) O mesmo succedia entre os Barbaros Germanos. Tacito, I, 57.

estas reuniões ou concelhos denominavam *Nhêmongaba*, palavra que equivale a parlamento.

Havia entre os da mesma tribu uma verdadeira fraternidade communista. Nenhum comia ou bebia sem que fizesse os outros participantes. Assim mal podiam negociar; e bem que alguns indicios de commercio antigo encontremos no Amazonas [1], parece antes devido a influencia do trato com os Quichuas visinhos, e por ventura o uso se generalizou mais com as necessidades que trouxe o trato da Europa. Os Mauhés do Rio-Negro faziam negocio em canoas, e armas, e preparavam guaraná; e os Mundrucús em ornatos de pennas; e uns e outros vendem aos brancos farinhas e salsaparrilha. A idéa de roubo era quasi desconhecida, e muitas vezes tirar o que outro sem usar possuía nem se considerava delicto. Os parentes tinham direitos de retaliação. Na hospitalidade e generosidade não havia limites, até para os mesmos inimigos, a quem, só depois de ser concedida, se tomavam as contas de se o eram effectivamente ou não.

Em cada *oca* ou rancho viviam varios casaes, com os competentes fogos e redes, em differentes turmas: os morubi-chábas comiam quasi sempre áparte e recostados; e se mantinham de tudo quanto os seus traziam da caça ou da pesca [2]: os mais comiam de gamella em commum, pondo-se de cócaras no chão.

Cada homem, segundo sua valia, tinha uma ou mais mulheres: quàndo eram várias, a primeira, ainda que ja desdenhada e velha, era sempre considerada superior ás outras. Em geral todas aturavam os maridos como escravas: acompanhavam-os, nas suas longiquas jornadas, e ás vezes até nas expedições de guerra. Estes hábitos marciaes e a dura condição em que, sem ter a ellas respeito, as guardavam os maridos, não as levavam a separações; e sérias investigações, feitas com o maior criterio, nos obrigam hoje a dar pouco credito á notícia de uma nação de novas Amazonas, no rio que dahi tomou esse nome, apezar do que a tal respeito informam

---

[1]) Diogo Nunes, Rev. do Inst. II, 366, diz sem embargo que até tinham os caminhos muito abertos pela gente que tranzitava, o que é confirmado pela narração de Orellana que nos transmitte Herrera.

[2]) Gab. Soares, II, p. 160.

varios escriptores, começando por Gabriel Soares em 1587.[1] Orellana, que foi o primeiro autor desse mytho, desceu o rio, quasi desde as cabeceiras do Napo, com semelhante prevenção, mas nunca as viu, nem tão pouco os seus companheiros; conforme conseguimos escrupulosamente averiguar e provar.[2] A idéa das Amazonas existia porém nas Antilhas; e Colombo foi informado de que a ilha de Matinino (Martinica) era habituda só de mulheres.

As moças, ao entrarem na puberdade eram, entre algumas cabildas, suspendidas na cumieira da casa em um cesto c ahi as mantinham a dieta de *mingáo* por dias; e depois as sangravam com uma sarjadura de alto a baixo. Os pretendentes dellas, quando as não tomavam por armas, como ás vezes tinham por mais facil, submettiam-se á dependencia do pae, que se aproveitava da circumstancia para os fazer trabalhar por annos antes de lh'as concederem, e para sujeital-os á sua influencia, contando-os na sua *tribu.* Assim o noivo passava a pertencer á familia do sogro, a quem até devia acompanhar á guerra. O dia das nupcias era festejado com bailes e bachanaes.

A mulher quando paria, ia-se lavar ao rio com o filho, e o marido ficava deitado na rede por alguns dias successivos, sem comer, talvez para que o não perturbasse physicamente o sentimento innato da paternidade.

Ao recemnascido furavam-lhe o beiço inferior, esborrachavam-lhe o nariz[3] e o punham na rede com as armas que deveria manejar, e ahi de continuo lhe estiravam os braços e as pernas, para o fazer forte e agil. A mãe criava o filho até nova gravidez. Assim columim havia que mamava seis e oito annos.

O castigo, como correctivo caridoso, applicado sem espirito de vingança, e que tantas vezes dá mais penas a quem o inflige que ao que o recebe, era inteiramente desconhecido.

---

[1]) Soares, II, 182, esta tradição sobre tudo quando naturalmente por noticias dos Indios diz que ellas eram visinhas dos „Ubirajaras" que nós imaginamos povos do Amazonas.

[2]) Vej. a nota que a este respeito escrevemos, no fim da „*Descripção*" de Mauricio de Heriarte, que publicámos em 1874.

[3]) Abbeville, f. 262.

Nas doenças curavam-se em geral antiphlogisticamente: usavam com muito rigor da dieta de *mingáo,* e até da completa abstinencia; e sangravam-se com o dente da cutia, ou com uma lamina de cristal de roca. O sangrar tambem competia ás velhas. Para cicatrizar as feridas aqueciam-as ao fogo, provocando certa inflamação e insensibilidade local, afim de sairem os humores; e depois faziam fechar e cicatrizar com oleo de cupaiba. Como sudorifico empregavam o pôr-se ao fumo, colocando fogo debaixo das redes em que dormiam. Se o enfermo se achava em perigo, o abandonavam á sorte.

Blasonavam de mui soffredores na doença ou todo outro trabalho, e até no transe da morte. Deviam todos ser dotados de uma impassibilidade espartana. O chorar, o soltar um ai, um gemido, passava pela acção de maior cobardia que podiam cometter. Eram geralmente taciturnos. Em silencio comiam, bebendo geralmente água, quando acabavam. Os vinhos somente se bebiam nas suas festas bachanaes. Nas canoas remavam dias e dias, dormindo apenas duas ou tres horas cada noite. Quando morria algum, carpiam-o as mulheres, que em signal de luto dispunham o cabello de outra forma por algum tempo. O homem não devia chorar nunca: este recurso natural para alivio da dor era considerado como prova de fraquesa e covardia. O verdadeiro bravo devia, para elles, ser completamente insensivel.

Além do nome de nascença, que era de algum animal, planta, etc., como entre nós a maior parte dos appellidos, cada individuo tomava um de guerra, logo que a ella ia; e a tantas acções heroicas assistia, quantos titulos novos para si tomava; dos quaes lavrava no corpo, com riscos indeleveis, a memória em hyeroglificos barbaros, que os outros entendiam. Destes nome participavam tambem as suas mulheres, que de ordinario haviam igualmenta contribuido, ao menos, para o *moquem* dos prisioneires. O ephitheto de grande (*assú*) andava quasi sempre unido a qualquer novo titulo, a que se julgavam com direito por seus serviços.

Tinham em geral os Barbaros mui apurados os sentidos, e mui agudos os instinctos. Viam a grande distancia, sentiam o cheiro do fumo, ou da gente, a ponto de distinguirem a

raça pelo olfato; descobriam a pista da onça, sentiam pelo cheiro a proximidade do jacaré, e pelo ouvido o tinir da cobra cascavel, quando mal poderia sonhar o Europeu que tinha junto a si qualquer destes inimigos. Seguindo uma picada, não lhes faltava o tino, para regressar por ella; e quando muito, se auxiliavam do meio inteiramente primitivo de quebrar ramos d'arvores, de distancia em distancia, ao que chamavam, segundo Montoya[1], *ibapaá*. Varios Indios que foram levados da Bahia ao Rio de Janeiro, fugiram para o mato, e pouco a pouco por terra, apezar das hordas estranhas durante as duzentas leguas de permeio, souberam chegar do novo á Bahia. Assim davam elles sempre bem conta da commissão de mensageiros ou *pareás*.

So eram porêm tam favorecidos nos dotes do corpo e nos sentidos, outro tanto não succedia com os do espirito. Eram falsos e infieis; inconstantes e ingratos, e bastante desconfiados. Além de que: desconheciam a virtude da compaixão. O terror, que, com o nome de Caribs, haviam inspirado aos innocentes Lucayos, em suas frequentes invasões ao archipelago das Antilhas, é um dos factos importantes de que foi testemunho o proprio Colombo em sua primeira viagem. Nem tinham ideas de sã moral; isto é, da que nasce dos sentimentos do pudor e da sensibilidade, da moral que respeita o decóro e a boa fé; e eram dotados de uma quasi estupida brutalidade, e difficeis de abalar-se de seu genio fleugmatico.

Monotona e tristemente passavam a vida habitual, quando não a interrompiam os sobresaltos da guerra, as festas dos sacrificios, ou as visitas dos pajés. Assim a expressão das fysionomias dos Barbaros aos trinta annos, era ou melancolica ou feroz.

Ao levantarem-se, iam ao banho, a que estavam tão habituados que em jornadas, ao verem agua, mettiam-se logo por ella, com o que, quando era má, se poupavam a bebel-a, refrescandose com a que lhe devia penetrar pelos poros. Muitas vezes nas expedições pelo sertão tiveram os nossos occasiões de

---

[1]) *Tes* fol. 3 v.

lastimar este uso, por acharem turvada pelos Indios da vanguarda a unica pôça ou alverca, que para matar a sede acaso encontravam.

Os homens iam á caça; as mulheres cuidavam da comida, e do mais que lhes respeitava. Quando alguma vez se apagava o fogo, o que procuravam que não succedesse, feriam-o pela fricção aturada de dois páos, pondo um firme no chão, e em uma pequena cavidade nelle praticada, introduziam uma especie de vareta, roliça, de páu muito duro, que faziam rolar mui forte e velozmente entre as palmas das mãos, até produzir-se o lume. O banho repetia-se á tarde, àntes de se recolherem; e alguns tomavam um terceiro durante o dia, quando voltavam sujos de lama, ou fatigados da jornada. A caça era comida sempre moqueada. — Alguns dos que viviam pela costa conheciam o uso do sal, e fabricavam um bastante escuro, apurando ao fogo a agua salgada. Nos afluentes do Amazonas, povos havia e ha ainda, que das cinzas de certas plantas, conseguiam até fazer apurar e cristalisar uma especie de salino, que empregavam como sal. Mas o tempêro estimulante mais geral era certa massa, feita com pimenta, a que chamavam *jukiray'*, da qual tinham sempre as cuias cheias, e com uma pinga d'agua estava feito o molho. Usavam tambem do *tucupy'*, que era a agua da mandioca (*maniba*), a qual, sendo cosida, deixava de ser venenosa. A amizade a manifestavam por meio da offerta do tabaco de fumo, ou do uso de correrem a mão pela cabeça daquelle a quem saudavam. Eram estas praticas entre elles o que o osculo entre os antigos, ou entre nós o aperto de mão. No combate, quando se davam por vencidos, atiravam fóra as armas, e punham as mãos sôbre a cabeça.

Além dos excessos do vinho nas bachanaes, usavam do tabaco de fumo, o que faziam principalmente quando peroravam no terreiro, ou quando queriam beber mais. O charuto (*p'tybába*) era um grande canudo de palma cheio de folhas de tabaco. Outros, em uns dos afluentes do Amazonas, em logar de tabaco sorviam *o paricá* ou tomavam o *guaraná*. No Alto Amazonas já faziam algum uso da *coçá*, com o nome de *ipadú*. Mui provavelmente fôra introduzida do Alto Perú, bem como

o fôra, pelos Omáguas ou Cambebas, a industria do fabrico do gomma elastica.

Taes eram os vindiços alienigenas que á matroca percorriam, ha mais de tres seculos, todo o actual territorio do Brazil, e que em parte percorrem ainda alguns districtos delle, cobertos de matos virgens, onde por ora não poude penetrar a luz da civilisação e do evangelho. Não constituiam uma nação, nem mesmo pequenas nações, na accepção em que mais geralmente, em direito universal, se toma hoje esta palavra. Formavam antes muitas cabildas, pela maior parte, procedentes dos ultimos invasores do territorio.

A pintura que fizemos dessas gentes, que mais ou menos errantes disfructavam, sem os beneficios da paz nem da cultura do espirito, do fertil e formoso solo do Brazil, — antes que outras mais civilisadas as viessem a substituir, conquistando-as e cruzando-se com ellas, e com outras trazidas d'além dos mares pela cobiça, essa pintura, dizemos, bem pouco lisongeira é na verdade. A' vista do esboço que traçámos, sem nada carregar as côres, não sabemos como haja ainda poetas, e até philosophos, que vejam no estado selvagem a maior felicidade do homem; quando nesse estado, sem o auxilio mutuo da sociedade, e sem a terra se cultivar sufficientemente, ha sempre, n'uma ou outra epoca, privações e fome; e esta última aos mais civilisados converte em canibaes, como nos provam as historias de tantos sitios e naufragios. Desgraçadamente o estudo profundo da barbarie humana, em todos os paizes, prova que, sem os vinculos das leis e da religião, o triste mortal propende tanto á ferocidade, que quasi se metamorphosea em fera.... As leis a que o homem quiz voluntariamente sujeitar-se, depois de mui tristes soffrimentos do mesquinho genero-humano antes de as possuir, não tem outro fim senão fazel-o mais livre e mais feliz do que seria sem ellas. O proprio Philosopho de Genebra, apezar de suas paradoxaes sympathias pelo estado selvagem, não, duvidou reconhecer as vantagens de substituirmos a justiça e o direito e a razão ao instincto, ao apetite e ao capricho; de vermos desenvolvidas as faculdades, ampliadas as idéas, e „um animal estú-

pido e limitado convertido em um ser intelligente, — em um homem[1]! Assim é que com razão disse Buffon: „Se vivemos tranquillos e somos fortes.... se dominamos o Universo, é porque soubemos dominar-nos nós mesmos,.... sujeitando-nos ás leis... „O homem não é homem (prosegue eloquentemente este grande genio) senão porque soube unir-se com o homem, sob a autoridade de um governo."

O selvagem, cercado sempre de perigos, não sabe o que seja tranquilidade d' alma: de tudo tem que prevenir-se e receiar-se; fica desconfiado de caracter, e inhabil de pensar sequer em concorrer para melhorar a situação da humanidade.

Necessitavamos ajuizar o mais justamente possivel os usos e costumes dos antigos habitantes, para estarmos no caso de melhor apreciar ao diante os factos. — Nem nos humilhe essa triste condição dos habitantes desta terra, n'outras eras: com pouca differença seria a mesma das terras da Europa, hoje tão florescentes, quando os Fenicios, os Gregos, e mais que todos, os Romanos lhes incutiram a sua civilisação, que com a lingua levaram á Lusitania, e que mais tarde, auxiliada na industria pela illustração arabica, e, nos costumes pelas branduras do christianismo, foi trazida a este abençoado paiz, quando, a imprensa publicava os monumentos da civilisação grega e romana, quando a Europa se debatia por interpretar muitos costumes absurdos, e quasi incriveis, descriptos por Herodoto Strabo, Tacito e Cesar. O estudo e a colonisação da America, nessa epocha, deu aos commentadores luz, aos leitores fé. O homem aprende humilhando-se a entender melhor o que dos barbaros germanos nos contam os Romanos, o que das saturnaes da primitiva Italia nos revelam os Gregos. Os tempos heroicos da Europa e da Asia passaram-se naturalmente em meio de scenas analogas ás que acabamos de descrever, tão degradantes, que um chefe da Igreja, Paulo III, julgou necessaria uma bulla para obrigar os christãos a crer que os aborigenes americanos eram, como os demais homens, descendentes do pae Adão.

Monumentos de raças anteriores, analogos aos do Mexico, Centro-America e Perú, não tem por ora apparecido no Brazil,

---

[1]) J. J. Rousseau, *Cont.* c. 8.

se bem que não faltem alguns toscos lavores, praticados na pedra, a respeito dos quaes nenhuns estudos sérios se tem feito. Nada mais natural do que acreditar que, por várias partes, o chamado novo-continente não deixou de ter tido communicação com o antigo; ja depois de primitivamente povoado por gentes da mesma raça mongolia do oriente da Asia, quer antes de se haverem separado os dois continentes pelo Estreito de Behring, quer passando os povos este exiguo estreito no tempo dos gêlos, no que ainda hoje não encontram difficuldade.

Todas as induções porém que offerecemos em um trabalho especial[1] nos levam a acreditar que os Tupis procediam, como os Guanches das Canarias, de povos navegadores do Mediterraneo, que aqui haviam aportado. Com as Canarias deve até haver sido frequente a navegação desde o norte d'Africa, visto que está hoje provado que a lingua dos Guanches tinha muito de berberesca e egipicio-antigo. E entretanto, essa navegação, provavelmente em virtude de frequentes invasões e *barbarisações* dos povos de uma ou outra parte, ou de ambas, se havia quasi perdido; e as ditas ilhas tiveram de ser de novo descobertas; facto que se repetiu depois com a Groenlandia, cuja navegação, que existira com o norte da Europa, chegára a interromper-se.

Os principaes caracteristicos que nos podem indicar a epocha das relações dessas ilhas com os navegadores do Mediterraneo, são: 1.º A falta completa do ferro, e o uso de machados e mais instrumentos de pedra polida, analogos aos que ainda na Europa se encontram nas excavações; 2.º O desconhecimento de moedas cunhadas, para o trato reciproco; 3.º O pintarem-se e riscarem-se os habitantes o corpo de vermelho e outras côres; 4.º O conhecimento da ceramica.

Todos esses caracteristicos eram identicos na America; e não só esses, que consideramos em separado por attenção á chronologia, como os seguintes; 1.º Os cantares monotonos tristes, e as danças em circulo, em uma fila; 2.º As festas *guatativas* ou bachanaes; 3.º As ideas de fatalismo e desprezo da morte,

---

1) „*L'origine touranienne des Américains Tupis-Caribes et des anciens indiquée par la Philologie comparée*", etc. Vienne, 1876.

a resignação e impassibilidade aparente no soffrimento, e o valor para se mutilarem a si proprios; 4.º As industrias nas esteiras, redes, cestos e anzoes de espinhas e de osso; 5.º O uso de fisgar o peixe com dardos, e do das *ostreiras* ou montões de ostras e cascas dos mariscos, que deixavam nas praias, nas epochas do anno em que os apanhavam; 6.º O da farinha feita de raiz do feto canario (Pteris aquilina), cuja idéa não deixa da ter analogia com a da yuca ou mandioca; 7.º O de dar gritos e urros, como os antigos, nos ataques, sempre intentados por surpreza e em ciladas; 8.º O das mumias postadas de cócaras.

Provada a existencia, de antigas relações quasi historicas entre povos do Mediterraneo e as Canarias, ilhas de que até Ptolomeu e Plinio fazem menção, nomeando varias dellas, nada mais natural do que conceber, naquelles tempos de atrazo da navegação, frequentes esgarramentos de alguns barcos, que fossem parar, uns nas costas do Mexico, outros nas do Yucatan e Centro-America, e finalmente outros nas do Brazil e Antilhas. Destes ultimos, bons navegadores, conhecendo já o uso do arco e da frecha, o fabrico das bebidas fermentadas e dos venenos, a arte ceramica, certa agricultura, os instrumentos de pedra polida, e o uso de fogo para varios misteres, provieram os nossos *Tupis,* „os da primordial geração", segundo a significação desta palavra, conforme provámos.

O facto de se chamaram tambem *Caribs* ou *Carys,* de se denominarem *Caryyós* (Carioes escreve o chronista Herrera) os que se achavam na vanguarda do emigração, no sul do Brazil, e de designarem, como honra, com esse nome, aos Europeos que depois aqui aportavam como amigos, (donde proveio *Carγoca*) nos deu as suspeitas de que os primitivos immigrantes teriam este nome. E hoje temos quasi a convicção de que houve effectivamente para o Brazil uma grande emigração dos proprios Carios da Asia Menor, effectuada talvez depois da queda de Troia. Havendo elles estado, nesta guerra tremenda de dez annos entre a Europa e a Asia, contra os Gregos, e havendo ficado victoriosos os Gregos e senhores dos mares, é mais que possivel que os mesmos Carios nem nas suas colonias ao oeste de Africa se julgassem ao abrigo das crueldades que nesses

tempos se praticavam com os prisioneiros de guerra, e que não se reduziam só á escravidão, mas ao sacrificio de muitos e á amputação das mãos e do proprio phallus. Sendo assim por, ventura preferiram confiar-se a esse elemento que lhes era tão familiar, e se lançaram ao oceano á aventura... A fórma das canoas de guerra dos Tupis, semelhantes ás antigas pentecontores, o uso das outras canoas de *periperis*, analogas, como dissémos, ás de papyros dos Egypcios, as pequenas canoinhas *ubás*, nome que tambem se encontrava no egypcio, sob a fórma de *báa* e *uáa*, o uso do maracá, antigo *sistrum*, as superstições por uma ave nocturna, o serem curandeiros os sacerdotes, o uso da circumcisão, que hoje temos averiguado que havia chegado até aos proprios Guaranis do Paraguay, e finalmente certa semelhança entre o tupi e o egypcio antigo, não só nas fórmas grammaticaes, como especialmente em um grande número de palavras (ás vezes até identicas), e significando objectos de uma natureza primitiva e não susceptiveis de soffrer a concorrencia de synonimos, taes como os com que designavam o sol, o fogo, a terra, o campo, a argila, o ouro (nas Antilhas), a agua, o caminho, o cão, a formiga, a arvore, a folha, o espinho, a frécha, e outros, fazem-nos crer que eram de raça aparentada com os Egypcios os ascendentes dos nossos Tupis. Muitos verbos tem tambem significação identica. Semelhantes eram os nomes para designar pai e chefe (em tupi *cháb*); a palavra *taî* nas duas linguas designava „filho“, só na accepção de „gerado“; e finalmente encontramos até que um adverbio de tres syllabas, (em tupi *tequenó*, em egypcio *tekennu*) tinha a mesma signifição de „eis-aqui“. — Por estas analogias e por ventura outras que novos estudos farão apparecer em maior número, inclinamos-nos a concluir que, em todo caso, os Tupis descenderiam de um povo do antigo Continente aparentado com os antigos Egypcios. Que os Carios não eram o gregos, sabemol-o por um verso da Ilíada, dando á lingua o epiteto de barbara, o que é confirmado pelo testemunho de Strabo quando assegura que os mesmo Carios haviam introduzido na propria lingua muitos vocabulos gregos; sendo admiravel que tambem alguns se diria terem passado ao tupi; onde parecem proceder do grego as palavras *catú*, bom, *cunhã*, mulher, *oca*, habitação.

De origem grega parecem tambem os *areitos*, ou cantos heroicos dos Caribes, e *eudinos* de officio analogo aos *Κλεινός* dos Cretenses, a cujo serviço haviam estado algum dia os Carios.

E' mui possivel que o foco, neste continente, desta grande nação, que chamaremos indistinctamente *Tupi* ou *Carib*, fosse nos densos matos das margens do Amazonas; e que nas aguas deste poderoso rio e dos seus braços até as do Orinoco (que todas se communicam) se conservasse como navegadora. A população em maior número, que ainda os primeiros viajantes dão, sobretudo ao territorio tão cortado de canaes junto do Amazonas, desde o Japurá até o Rio Negro, deixa algumas aprehensões para crer-se que d'ahi partiram para quasi todo o continente meridional os conquistadores, trazendo comsigo, não só a dita navegação, como a industria da mandioca, a da cultura do milho, e a das sementeiras de feijão e abobaras gerimús; isto é, uma primitiva agricultura, além de varios instrumentos de pedra polida e de barro cozido, herdados d seus antepassados que haviam passado a este continente.

Para se manterem navegadores, tiveram em seu favor as mesmas cheias do grande rio, que lhes conduzia boiando, desde as cordilheiras do Peru[1], e lhes depunha nas praias (que lhes serviam de estaleiros) grandes cedros; de modo que nem tinham que cortal-os, nem que transportal-os. A conquista, que effectuaram, de toda a costa do Brazil, a deveram seguramente como levamos dito, á superioridade da sua marinha, ou canoas de guerra[2], de que não faziam uso os Barbaros que anteriormente aqui residiam; — embora haja quem sustente que a navegação precedeu ao trato por terra, que os rios foram as primeiras vias de communição dos povos não civilisados, e que a canoa existiu antes da rede ou serpentina, e o navio antes do carro. A proposição pode ser verdadeira para povos

---

[1]) G. Soares, P. II, cap. 183. Acuña, n. 38.

[2]) „Todos los que viveu á las orillas de este gran rio (Amazonas) están póblados en grandes poblaciones y como veneciamos y mejicanos: todo su trato es por agua", etc. Acuña, n. 38 — „Andan derramados (los Guaranis) por esta tierra (la Plata), y por otras muchas, como cosarios, á causa de ser enemigos de todas estotras naciones" etc. — Ramirez, — Carta em 1528, XV, 27, da Rev. do Inst.

ribeirinhos de aguas navegaveis, mas por ventura arriscar-se-iam logo á navegação, ao ver aguas, os barbaros oriundos de páramos secos? Os Aimorés de que ao diante trataremos nos decidirão pela negativa.

Em todo caso, para nós, não cabe a minima dúvida que os Caribs ou Tupis [1] haviam, com inauditas crueldades, invadido uma grande parte do lado oriental deste continente, cujos anteriores habitantes, bem que em maior atrazo, eram, em geral, mansos e timoratos. A seu turno devia chegar-lhes o dia da expiação. Veiu a trazel-o o descobrimento e colonisação, effectuados pela Europa christã.

---

[1]) Falsos, covardes, traidores"... „aleivosos, mentirosos"... nenhuma caridade... „pouca vergonha, muita malicia e vaidade"; diz Mauricio de Heriarte. Não lhes foi mais favoravel Villegaignon (Rev. do Inst. II, 198); e menos o P. Juan Patricio Fernandez, referindo-se aos Chiriguanás e aos Chiquitos (p. 9 e 426). „Son gente mui traidora; todo lo que hacen es con traicion." Luiz Ramirez. — Carta de 10 de julho 1528. — Rev. do Inst. XV, 27. Vargas que tanto os conhecia, diz: „Es gente sin honra (f. 132 v.)... sin género de virtud, cuando no tiene miedo, y cuando lo tiene es gente humilde para todo." (Fol. 140.) — „São viciosos ou inconstantes em toda a extensão da palavra... muito escaços e muito ingratos. inconstantes, desleaes e invejosos... contaminados de vicios.... desmanchados e idolentes." Viag. e Obs. de um Brazileiro", pag. 29.

„Sincero e fiel á amizade „attributo muito raro n'esta qualidade de gente." — Mem. sobre o „Campo de Palmas" do Sr. Bandeira, na Rev. de Inst. XIV, 436.

„Daqui se pode ver o cabedal que se de fazer das palavras dos Indios do Brazil." Moreno, *Jorn. do Maranhão* p. 25.

„Mui varios e mudaveis... assim em nada tem constancia nem firmeza: são muito falsos, inclinados a enganos e aleives." O Jesuita Jeronymo Machado, Conquista da Parahiba 1587.

„Segundo aquelles que nos dão as noticias que as suas peregrinações lhes tem ensinado, todos os Indios são propensos a mentir, são inconstantes, e por isso facilmente passam a rebeldes." (Baena, Rev. do Inst. V. 270.)

SECÇÃO V.

(I. e parte da II. da I. edição.)

DESCOBRIMENTO DA AMERICA E DO BRAZIL.

Raymundo Lull. D. João I. Ceuta. O Infante D. Henrique. Os Reis Catholicos. Os Malhorquinos. Circumnavegação d'Africa. Circumnavegação da Europa. Descobrimentos a loeste. Fernão Telles e Ulmo. Plano de Toscanelli. É realisado pela perseverança de Colombo. Seus estudos. Obra d'Ailly. Descobrimento da America. Indias Occidentaes. Opinião de Strabo. Bulla Pontificia. Justas queixas de Portugal. Convenção de Tordesilhas. Pouca precisão na redacção. Consequencia. Meridiano. Direitos de Portugal a colonisar o Brazil. Cabral. Vista de terra. Monte Paschoal. Pero Vaz de Caminha. Porto Seguro. Seus habitantes. Nome de Ilha da Vera-Cruz. Vasco da Gama. Mestre João. Pouca importancia dada ao Brazil. Descobrimento da costa do norte. Delta do Assú. Maranhão e Amazonas. Hojeda e Vespucci. Cabos de Consolacion e de Rostro Hermoso e Pinzon. Lepe. Opiniões de Martyr e de Enciso.

Os interesses do commercio, mais que a curiosidade natural ao homem, e que a sede das conquistas, tem sido em geral a causa da facilidade do trato e communicação dos individuos da especie humana entre si. Foi ao da especiaria do Oriente que originariamente se deveu o grande acontecimento que denominamos *Descobrimento do Novo-Continente.*

Quando a Grecia, herdeira da antiga civilisação fenicia, babylonica e egypcia, era o foco da illustração da parte occidental e central do chamado Antigo Continente, e levava o seu commercio e semeava as suas colonias desde as costas do Bósforo até os portos do Atlantico, anciava ella por ver-se directamente em contacto com a Asia meridional e oriental, até que, com o poder das armas, lhe satisfez, em parte, essa anciedade o grande Alexandre.

Ambas as civilisações, grega e asiatica, começaram depois a auxiliar-se e a assimillar-se pelas propagandas religiosas do islamismo e das cruzadas. Peregrinos das duas religiões narravam o que observavam, e um dos que publicou observações mais profundas, e que deviam algum dia ter maior in-

fluencia na historia da humanidade foi o beato malhorquino Raymundo Lull.

Lull ou Lullio, como vulgarmente o appellidam, talvez o sabio mais encyclopedico da idade media[1], depois de haver corrido grande parte do mundo, segundo elle ingenuamente diz, escreveu em principios do seculo XIV (1305), um livro intitulado *De fine*[2], no qual lembrou a conveniencia de acabarem os christãos com o improficuo systema das cruzadas maritimas, com que nunca ficariam por uma vez senhores da Terra-Santa; e propoz para aggredir os musulmanos um plano mais razoavel.

Consistia em ir rechassando passo a passo os infieis das terras por onde se avisinhavam da christandade, obrigando-os assim a abandonarem todas as conquistas feitas áquem da Arabia, e a retrocederem pelo mesmo caminho por que tinham avançado victoriosos. Insistia se começasse a nova cruzada terrestre pela conquista de Granada, sendo depois a guerra transferida a Ceuta, e dahi por toda a Africa septentrional, até o Egypto, paiz que se devia tratar desde logo de empobrecer por meio de um aturado bloqueio, que desviasse para outra parte o commercio da especiaria do Oriente; o qual os Catalães e Genovezes, que frequentavam Alexandria, se veriam obrigados a fazer de outro modo, indo inclusivamente em pessoa dizia elle, a „Bagdad e a propria India". As obras de Lull adquiriram nome e fama, e até certa popularidade, no sul da Europa, muitos annos depois; e o dito projecto nellas contido só foi estudado e seguido d'ahi a um seculo, de maneira que pareceu então nascer de novo.

D. João I de Portugal, desejoso de estender mais o seu pequeno reino, por meio de conquistas sobre os infieis, passou a desalojal-os de Ceuta; e os seus herdeiros proseguiram depois n'esse grande pensamento, apoderando-se de outras terras dos Algarves d'Africa.

O infante D. Henrique, filho d'aquelle rei, propoz-se a diminuir a riqueza e por consequencia a importancia do Egypto,

---

1) Navarrete, Hist. de la Nautica, p. 47 e seg.

2) Deste livro *De Fine* se fez uma edição em Malhorca em 1665. Do mesmo livro trata tambem Nic. Antonio, *Bib. Vetus*, Tom. II, pag. 132, Liv. 9., cap. 3, §. 126.)

bloqueando-lhe o seu rendoso commercio da especiaria, não do lado do Mediterraneo, mas, com muito maior ousadia, pelos mares do Oriente, que tratou de buscar, emprehendendo chegar á India por meio da circumnavegação d' Africa.

Mais tarde os reis catholicos, por instincto de conservação, tiveram tambem que realisar a idéa da expulsão total dos infieis, não só do territorio hispano, como de toda a Africa septemtrional, até os Santos Logares [1], idéa que um homem, pela luz do seu genio, havia concebido quasi dois seculos antes. Tanto é certo, ainda que ao mesmo tempo lastimoso, pela pequenhez nossa, que, na historia do progresso do espirito humano, as idéas mais fecundas necessitam de muito tempo para germinarem e fructificarem.

No fim porém do seculo XV, o pensamento de Lull estava tão aceito, e a politica de perseguir os musulmanos a ferro e fogo se havia por tal forma encarnado nos dois reinos da Hespanha, que, se os descobrimentos e conquistas no Oriente e no Occidente se não mettem de permeio, póde ser que ambos esses reinos (acaso reunidos por alguma combinação como a que naquelles tempos se mallogrou) tivessem invadido toda a costa africana do Mediterraneo, e conquistado pelo menos tudo até o Egypto e Arabia Feliz; se é que taes guerras não produzissem algum novo Alexandre ibéro, que victorioso penetrasse por terra, como o macedonico, até o Ganges; — ou até os confins da Asia, cujas riquezas a Europa agora conhecia melhor.

Nem nos admire que fosse originariamente devido aos escriptos de Lull o pensamento da conquista dos Algarves d'Africa, e do desvio do Egypto do commercio da especiaria; quando sabemos que as obras desse distincto escriptor são ainda hoje lidas em Malhorca, ilha que desde o seculo XIII se tornára „o foco dos conhecimentos scientificos na difficil arte do navegador", a ponto que os seus nautas, juntos talvez aos catalães, haviam ja montado os promontorios Nam e Bojador, antes

---

[1]) Podem consultar-se as negociaçôes que a tal respeito tiveram logar entre Portugal e Castella, dirigidas pelo astuto Cardeal Cisneros. Torre do Tombo, C. C. I, 5, 90 e 91, e Santarém, *Quad. El.*, vol. 15, p. 7 a 9.

que o emprehendessem os de Sagres [1], cujo preceptor primeiro foi a nosso ver outro malhorquino, mestre Jacome, „homem mui docto na arte do navegar, que fazia cartas e instrumentos [2], e que não deixaria de transmittir ao proprio infante Dom Henrique as idéas de Lull, com as quaes estaria familiarisado, como todos os seus patricios. Assim o trafico da especiaria veiu a estimular os Portuguezes a emprehender a circumnavegação d'Africa, como o do ambar havia, milhares de annos antes, estimulado os Fenicios á circumnavegação da Europa, desde os confins do Mediterraneo até o Baltico.

Empresa porém tão ousada não podia ser obra de uma só geração. O infante D. Henrique morreu antes de ver realisado os seus planos; mas com elle não morreu o ardor de os levar avante. Descobertas e colonisadas por Portugal as ilhas dos Açores, obteve Fernão Telles, senhor das mais occidentaes dellas, em 28 de janeiro de 1474 [3], uma doação do rei D. Affonso 5º, filho do mencionado D. João 1º., concedendo-lhe quaesquer ilhas despovoadas que encontrasse no Atlantico. E pedindo o mesmo Fernão Telles igualmente a doação da *ilha das Sete Cidades*, ordenou o mesmo rei ao conego da sé de Lisboa, Fernão Martins, (seu grande valido, e que veiu até a acompanhal-o na viagem a França), que consultasse a tal respeito a opinião do célebre mathematico e cosmographo florentino Paolo Toscanelli. Respondeu este, em 25 de junho desse mesmo anno de 1474, que ja por vezes havia sustentado a doutrina de que, seguindo-se pelo Atlantico em direitura ao poente, se chegaria á India, por um caminho mais directo e mais curto: que esta asserção se podia fazer bem sensivel, tendo uma poma ou pequeno globo á vista; mas que, em todo caso, lhe remettia uma mappa ou carta, como as de marear, por elle desenhada, na qual havia marcado todo o *poente* (incluindo a Irlanda), designando nella o paiz da especiaria, e accrescenta:

---

[1]) Humboldt, Ex. Crit. I. 283, 284, e 288.

[2]) Barros, Asia, Decada I, 1.°, 16.

[3]) Todos os documentos que aqui citamos acham-se reproduzidos integralmente no nosso trabalho *„La verdadera Guanahani"*, *An. de la Univ. de Chile*, Jan. 1864.

„Nem vos admire que chame *poente* ao paiz da especiaria, que commummente se diz nascer no levante; porque os que navegarem sem cessar para o poente acharão por essa banda os referidos logares." Conclue informando que, desde a *ilha das Sete-Cidades ou Antilha* a Cipango, havia só a distancia de dez espaços, — no que por certo se illudia.

O recebimento destas informações daria provavelmente logar a que Fernão Telles, então governador e mordomo da princeza filha d'elrei, obtivesse, em 10 de novembro do anno seguinte, uma nova concessão, ampliando a anterior a quaesquer ilhas povoadas, incluindo a das Sete-Cidades, por cuidar o mesmo Fernão Telles que „de serem achadas podiam vir grandes proveitos aos seus reynos".

Não havendo resultado fructo algum destas concessões, ao cabo de perto de nove annos, apresentou-se ao rei D. João 2°, successor do dito Affonso 5°, um Fernão Domingues do Arco, da ilha da Madeira, pedindo a doação de uma ilha que julgava haver divisado ao Oeste, a qual lhe foi concedida em 30 de junho de 1484.

Não se haviam ainda passado dois annos, quando acudiu ao mesmo rei, em Santarém, o povoadar e capitão da ilha Terceira Fernão d'Ulmo, pedindo e obtendo (em 3 de março de 1486) a doação de uma grande ilha ou *terra firme*, que se propunha descobrir por sua conta. A fim de contar com mais recursos para a empreza, este novo concessionario se associou com João Affonso do Estreito, morador no Funchal; e ambos chegaram a emprehender a viagem, sem resultado algum, por falta de perseverança. Esses resultados havia Deus reservado conceder ao insigne genovez Christovam Colombo, o qual no modo como resistiu, com a coragem da convicção, aos obstaculos que se lhe levantaram, e aos muitos desdens com que foram escutados os seus projectos, nos deixou a prova do seu genio.

Esses projectos levou elle á presença do mesmo rei D. João 2°, o qual se dignou responder-lhe, convidando-o, com um salvo-conducto, do proprio punho, para vir á sua presença, em data de 20 de março de 1488. Havia Colombo feito anteriormente várias viagens, algumas d' ellas em navios portuguezes,

e não contente com o instruir-se practicamente na arte da navegação, lia, ácerca dos ramos concernentes a ella, as obras antigas e modernas propagadas pela imprensa, e as commentava á margem, com observações de sua lettra, depois de as estudar e de sobre ellas meditar. Na Bibliotheca chamada *Colombina*, da cathedral de Sevilha, se guarda ainda hoje um d'esses impressos monumentaes; e a sua presença quasi nos faz remontar o espirito a admirar o grande Genovez concebendo a idéa do seu feito. E' o livro um exemplar da obra *Imago Mundi* de um antigo bispo de Cambray, o cardeal Petrus Alliacus (Pierre d'Ailly), compilada de varios autores antigos e daquella idade. Codice veneravel, que por assim dizer foi o cathecismo onde o nauta ousado adquiriu talvez a maior parte dos seus conhecimentos cosmologicos, os quaes acaso não houvera chegado a possuir sem a propagação, pela imprensa, da dita *Imago Mundi*, em principios da última quadra do decimo quinto seculo. Além disso tinha tambem conhecimento da mencionada carta, escripta ao conego Martins pelo dito Toscanelli; pois que este cosmographo lhe mandára della cópia.

Não pertence a esta Historia relatar o modo como sendo as propostas e projectos do mesmo Colombo regeitados em Portugal, foram depois aceitos por Castella, a cujo serviço navegando com tres pequenas caravellas, com a proa no occidente, veiu a encontrar a Guanahani[1] e outras ilhas, das chamadas hoje Antilhas, que tomou pela extrema oriental da Asia, na qual ainda se imaginava quando, mais tarde, abordou ao Continente. E na errada persuasão de haver abicado ás costas da Asia, havendo chegado a ellas desde a Hespanha, sempre por mar, pelo rumo do occidente, morreu o grande homem

[1]) Em nossa opiniâo a *Mayaguana*, e nâo a *Watling*, nem a *Catt*, nem os *Turcos*, etc. No *Diario* do proprio Colombo, que nos foi transmittido por uma copia tirada por Las Casas, temos disso as provas. Os mappas posteriores, incluindo o de Juan de la Cosa, sâo de nenhuma autoridade ao lado da do dito *Diario*, do qual se deduzem razôes, pouco menos que mathematicas, de como a primeira ilha visitada foi a *Maiaguana*. Veja-se, acompanhando a nova ediçâo do dito *Diario*, a nossa memoria intitulada„ *La Verdadera Guanahani de Colon*", nos *An. da Univ. de Chile*, T. 24, anno de 1864.

que verdadeiramente se pode dizer que consummou a obra começada por Alexandre de pôr em communicação reciproca o genero humano.

Deste modo tiveram notícia os geographos europeos de um continente antes a elles desconhecido; e os zelosos propagadores da fé christã encontraram novas ovelhas para aggregar ao rebanho commum.

Apressemo-nos porém a lembrar que esse mesmo continente pelo lado mais septentrional fôra visitado por Europeos [1] da Irlanda e da Islandia, desde obra de quatro seculos; passando-se porém isso como um facto extraviado, sem importancia alguma, desconhecido do resto da Europa (que era quasi toda ella), e sem nenhuma consequencia para a humanidade em geral, como teve o grande feito do audaz Ligurio, — a navegação de Colombo. Em virtude da grande autoridade d'este homem extraordinario, que muitos julgaram como inspirado, começou-se a chamar India a toda a região que se explorava da outra banda do Atlantico, e por conseguinte Indios aos seus habitantes indigenas. Quando, poucos annos depois, os Portuguezes chegaram por mar á *verdadeira India*, e pelo exame dos ultimos confins d'ella, conheceram que era a mesma a que os viajantes tinham chegado por terra, antes de existir aberta a circumnavegação d'Africa, foi que todos reconheceram com maior evidencia o engano de Colombo; e Castella, para não se dar por enganada, começou a chamar ás suas conquistas — *Indias Occidentaes*.

Então se devia admirar a previsão ou o saber de Strabo, quando nos deixou escripto que no meio do Atlantico, distante da desembocadura do Mediterraneo [2], bem poderiam jazer „um ou mais continentes, povoados de differentes raças humanas“.

Em verdade, quanto taes linhas se achavam em Strabo, não admira que os cosmographos mais entendidos não podessem dar credito ás theorias de Colombo de estar a China, pelo

---

[1]) Humboldt, Ex. Crit. II, p. 100 e seg. — Rafn, Antig. amer., na Rev. do Inst. II, 202 a 234.

[2]) Cosmos, I. 152 e 154.

lado do Atlantico, mais perto da Hespanha do que pelo lado do Oriente. Admiremos no grande Genovez a sua fé e perseverança; mas não condemnemos, quando os não podemos chamar a defenderem-se, os cosmographos, que, com as razões que lhes dava a sua sciencia, não acreditaram nas do mesmo Colombo, as quaes, segundo hoje sabemos, não eram de bastante peso; embora o exito da empreza désse a Castella, não a mesma terra para cuja descoberta empenhára a catholica rainha Isabel as suas proprias joyas; mas uma verdadeira mina, que fez os sofregos de colher ouro d'ella esquecerem-se do intento primitivo de quem a mostrou. — Fragilidade humana que, porque n'isso ganhámos todos, chamamos sciencia o que não passou de ser um erro feliz!

Lisboa foi a primeira cidade da Europa onde pisou o heroe do Atlantico, apenas o seu feliz achado lhe acabava de grangear a glória immortal. Logo os reis catholicos trataram de recorrer á Curia Romana, então árbitra suprema dos negocios entre os Principes Christãos, pedindo lhes confirmasse o direito de posse das terras que, a expensas de Castella, acabavam de ser patenteadas á christandade. Alexandre VI não hesitou um momento em conceder quanto lhe era pedido. As concessões estenderam-se a todas as terras e ilhas descobertas e por descobrir [1], que ficassem a loeste da linha meridiana, imaginada a cem leguas das ilhas dos Açores e das de Cabo-Verde [2]. Citemos só o facto, e abstenhamo-nos de censuras á falta de clareza da linguagem da bulla ou bullas concessorias, que não vem a este logar, nem nos consente o respeito com que nos cumpre acatar esses documentos. Baste-nos saber que o rei de Portugal não podia deixar de resentir-se das concessões á Hespanha, que iam aggredir de frente e quasi annullar as identicas a ellas, que haviam feito ao seu reino, (como remuneração dos serviços prestados ao christianismo por alguns

---

[1] „Omnes insulas et terras firmas inventas et inveniendas, dedectas et detegendas versus occidentem et meridiem.“ Bul. Pont.; Nav. II, doc. 18; Muñoz p. 158.

[2] . . . „quae linea distet á qualibet insularum quae vulgaritèr nuncupantur de los Azores et Cabo-Verde centum leucis versus occidentem et meridiem“. Navarr. II, p. 34.

principes da dynastia d'Aviz), varios pontifices, maximè Nicolau V e Calisto III[1]. Este último declarára inherentes ao mestrado da ordem de Christo em Portugal a administração e padroado das terras adquiridas e por adquirir, desde o Cabo Bojador até a India[2], e Xisto IV[3] confirmára ao rei D. João 2º. as bullas de seus predecessores.

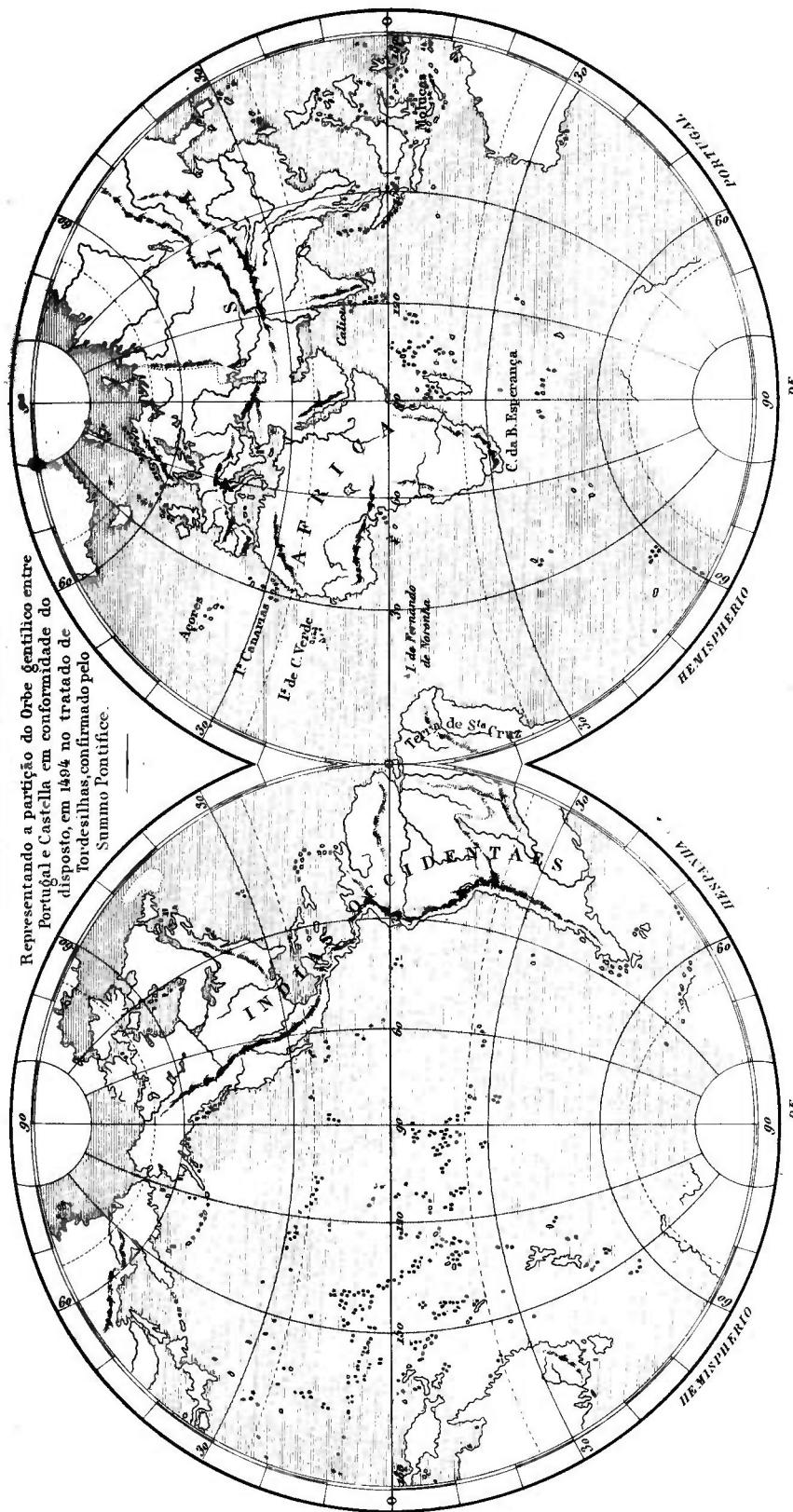
Julgando assim o rei portuguez postergadas as suas doações, e revalidadas em beneficio de outrem, depois de tentar debalde fazer valer os seus direitos junto da Curia Romana e dos reis catholicos (aos quaes enviou expressamente dois agentes, que foram Pero Dias e o célebre chronista Ruy de Pina), assentou que o unico modo que lhe restava de decidir a questão, era o de provar a sorte da guerra nos proprios mares das regiões descobertas. Aprestava-se para isso uma armada, cujo mando chegou a ser confiado ao valoroso Francisco d'Almeida[4], que poucos annos depois tão temido se fez na Asia, quando os reis catholicos, informados do que se estava passando á foz do Tejo[5], e desejosos de não crearem deste lado dificuldades, quando tantos cuidados lhes davam então os negocios na Italia, mandaram a D. João 2º. dois embaixadores, encarregados de encaminhar tudo por meios pacificos, embora viesse Castella e ceder uma parte do que lhe outorgára o Papa. Foram encarregados d'estas propostas de conciliação Garcia de Carvajal e Pedro d'Ayala, que desde logo alcançaram, com suas promessas, sobrestar todos os preparativos de guerra, compromettendo-se a novos ajustes. Houve talvez idéa de se reformar a bulla, ou de fazel-a *emendar*, segundo a expressão dos reis catholicos a Colombo; porém vieram por fim as duas nações a entender-se, nomeando plenipotenciarios para uma convenção reguladora dos limites

---

[1]) A Bulla de Nicoláu V. é de 8 de janeiro de 1454 e a de Calisto 3º. de 13 de março de 1455. — *Prov. da Hist. Gen.* I, 46.
[2]) „Ultra illam meridionalem plagam, usque ad Indos adquisitis et acquerendis" etc, Manif. Leg. de D. Luis Cerdeño §§. 15 e 16.
[3]) Torre do Tombo. M. 26 das bullas n. 10. Id. G. 17, 6, 17 e 18. — *Prov. da Hist. Gen.* I, n. 29.
[4]) Barros, Asia, I, 3º, 11.
[5]) Navarr., II., Docms. 14, 46, 50 e 54.

dos futuros dominios de uma e outra. Esta convenção foi effectivamente assignada em Tordesilhas em 7 de junho de 1494[1]; e a Curia Romana alcançou por este meio sair de apuro em que se via, sendo interpellada de haver feito uma doação de terras já por ella mesma doadas. O meridiano demarcador foi transportado muito para o occidente. Assentou-se que passaria a trezentas e setenta leguas ao poente do archipelago de Cabo-Verde; e não, como havia sido dito na bulla do anno anterior, a cem deste archipelago e do dos Açores, o qual fica, respectivamente ao primeiro, em longitude mais occidental. Infelizmente, ainda com designar, para fixar a linha de demarcação, todo o archipelago de Cabo-Verde, em vez de um ponto delle, não ficava rigorosamente determinada a mesma linha, e na convenção de Tordesilhas se deixavam germens de discordia que depois haviam de desenvolver-se, e promover questões de limites, das quaes nasceram outras, que ainda se não terminaram de todo. Isto apezar de haver-se estipulado que a demarcação effectiva tivesse logar dentro de dez mezes, e de haverem sido depois indicados outros arbitrios[2]; e tambem apezar das promessas feitas pelas duas partes contratantes para que esta negociação de verdadeira concordia se não quebrantasse no futuro.

Sem prevenções de qualidade alguma, entendemos que, assim como a distancia de um continente a outro situado ao poente, se deve rasoavelmente começar a contar desde a paragem mais occidental do primeiro, assim tambem, ao afastarmo-nos de um archipelago, as leguas devem começar a contar-se do último ponto do mesmo archipelago; isto é do mais proximo ao rumo que vamos seguindo. Nesta conformidade a linha imaginária deveria passar 370 leguas para o poente da ponta mais occidental da Ilha de Santo Antão, que é tambem a mais occidental do archipelago[3]; vindo assim o meridiano de demar-

---

1) Ratificada em Arévalo aos 2 de julho, em Setubal aos 5 de setembro desse anno.

2) Navarr. Hist. de la Naut., p. 121 a 123. — Coll. de Viag. tom II, p. 103. T. do Tombo, G. 10, 5, 4. — Bib. R. de Madrid, tom. VI da Coll. d'Ayala.

3) De igual opinião foram o geographo Enciso em 1519, e o filho de Colombo (D. Fernando), nas juntas de Badajoz em 1524. — (Navarr., t. IV, p. 363).

MAPPA-MUNDI

Representando a partição do Orbe gentilico entre Portugal e Castella em conformidade do disposto, em 1494 no tratado de Tordesilhas, confirmado pelo Summo Pontifice.

A de Varnhagen dir.

A F. Lemaitre sculp

A F Lemaitre graveur 23 quai de l'Horloge — Imp F Chardon ainé Paris

cação a caír um pouco a loeste do Pará e da Laguna, na hypothese, pouco favoravel para o Brazil, de serem essas leguas das de deseseis e dois terços[1] ao gráu, e não de quinze, como as contava Colombo, Vespucci, e outros navegantes daquella epoca.

As terras pois que se encontrassem d'esse meridiano para leste deveriam logo ser adjudicadas a Portugal; e neste caso, em virtude das anteriores bullas, tinham de ser administradas pela insigne ordem de Christo, da qual era grão-mestre, não já o Infante D. Henrique, fallecido trinta e tres annos antes (em 1460), mas sim o Duque de Viseu D. Manuel, seu primo, que depois herdou (em 1495) a corôa portugueza, reunindo em si a administração e padroado da dita ordem, e que, em tudo venturoso, recebêra em Tordesilhas um legado, que se póde dizer se continha em um testamento, cujos sellos só em devido tempo se deveriam romper. Claro está que, desde que se entabolavam taes negociações em Tordesillas, é porque se julgava mais que possivel a existencia de novas terras aquem da linha de demarcação, do lado do sul; e por tanto não pode ser conceituada de menos fundamentada a opinião de que, tres annos depois (em 1497), Vasco da Gama, percorrendo o Atlantico ao longo d'Africa, suspeitaria[2] a existencia de terras a oeste.

Assim este legado, que abrangia grande parte das terras do actual Imperio do Brazil, ainda desconhecidas aos Europeos, veiu a pertencer a Portugal, não em virtude do chamado direito de conquista, ou do de descobrimento, equivalente ao de primeiro occupante; mas sim em virtude de um tratado solemne, feito com a nação que descubrira as *Indias Occidentaes,* e sanccionado pelo Summo Pontifice, que então, perante as potencias christãs da Europa, ainda não dissidentes por scismas ou heresias, e formando todas como uma especie de confederação, de que era chefe o mesmo Pontifice, tinha para

---

[1]) Veja-se a nota 4ª., pag. 421 e 422 do vol. I da 1ª. edição desta Historia.

. . . á direita

[2]) „Não ha certeza d'outra, mas suspeita". Camões.

as mesmas a fôrça e prestigio de um direito, a que ellas proprias se haviam sujeitado. Os que criticam a ingerencia da Santa Sé neste negocio esquecem-se de que não vivem no seculo em que ella teve logar.

Como e quando se inteirou Portugal da existencia do legado, a que, com poucos annos de antecipação, dera herdeiro o tratado testamentario de Tordesilhas, como o descuidou a principio, e o beneficiou e aproveitou depois; e finalmente como, atravez de muitas vicissitudes (incluindo acomettimentos e guerras por parte de gentes das quatro nações, que além de Portugal, mais se occuparam de colonias do seculo dezeseis para cá, isto é, da Hespanha, França, Inglaterra e Hollanda), veiu a surgir, na extensão de territorio que o mesmo legado abarcava, um novo Imperio a figurar no Orbe entre as nações civilisadas, regido por uma das primeiras dynastías de nossos tempos..... tal é o assumpto da presente Historia.

Da existencia de uma grande terra, na extensão que lhe coubera em partilha em Tordesilhas, só teve Portugal conhecimento seis annos depois do tratado, em 1500. Proseguindo no empenho de encontrar a India, dobrando a extrema meridional da Africa, viu resolvido esse problema, com a chegada de Vasco da Gama a Calecut, em 1498; com a qual se comprovou a possibilidade de cortar ao Egypto, pelos mares da India, o commercio da especiaria, dando-lhe outro rumo. Afim de assegurar esse commercio em favor de Portugal, por meio do estabelecimento de algumas feitorias, partiu da foz do Tejo, aos 9 de Março de 1500, uma esquadra de treze embarcações, armadas algumas por negociantes particulares[1], mas todas sujeitas á capitania mór de Pedr' Alvares Cabral, individuo de familia illustre, porêm não afamado por feitos alguns

[1]) Cremos que os nomes de sete d'estas embarçaçôes que da India regressaram, nos são dados em um doc. (n. 300, m. 3 do arm. 26) que encontramós, sem data, no Interior da Casa da Coroa (na Torre do Tombo), e que só podemos attribuir a esta expediçâo. Eis esses nomes: náos Espirito-Santo, Santa Cruz, Fror de la Mar, S. Pedro, Victoria e Espera, e galião Trindade.

anteriores. Nas instrucções escriptas que recebeu, e das quaes chegaram providencialmente a nossas mãos alguns fragmentos da maior importancia, foi-lhe recommendado [1] que, na altura de Guiné, se afastasse quanto podesse d'Africa, para evitar suas morosas e doentias calmas. Obediente a essas instrucções, que haviam sido redigidas pelas insinuações do Gama, Cabral se foi amarando d'Africa, e naturalmente ajudado a levar pelas correntes oceanas ou *pelagicas*, quando se achava com mais de quarenta dias de viagem, aos 22 d'Abril, avistou a loeste terra desconhecida. O que desta se apresentou primeiro distinctamente aos olhos curiosos da gente d'essa armada, agora constante só de doze embarcações, por se haver desgarrado dias antes uma dellas, foi um alto monte, que, em attenção á festa da paschoa que se acabava de solemnisar a bordo, foi chamado *Paschoal*; nome que ainda conserva esse monte, mui conhecido dos mareantes, que o consideram entre as melhores balizas para a conhecença d'essa parte do littoral.

A esquadra aproximou-se da costa no dia immediato. O capitão mór mandou um batel a terra; o qual, remando para uma praia em que havia gente, tentou communicar com ella. Mas baldados foram os esforços dos interpretes de linguas africanas e asiaticas, que iam no batel, para se fazerem entender. Assim, o primeiro trato com aquella gente se reduziu a algumas dadivas ou escambos feitos de parte a parte, e mediante as costumadas prevenções. Isto tinha logar no dia 23 de Abril, cujo anniversario, (em virtude da correcção gregorianna em 1582) se deve celebrar dez dias depois, isto é a 3 de Maio, conforme entre nós effectivamente se admitte.

Entendendo Cabral que lhe cumpria haver mais exacta informação da terra que tinha á vista, da qual se poderia aproveitar para fazer nova aguada, e por ventura refrescar os navios com algumas provisões, decidiu exploral-a na manhã seguinte; começando desde logo por buscar uma enseada, em que a frota podesse surgir com segurança. Encontrou-se esta, dez

---

[1]) Veja-se o *fac-simile* da primeira folha do rascunho ou borrão dessas Instrucções, por nós encontrada, e mandada gravar; offerecendo depois o original á Torre do Tombo, onde hoje se conserva.

leguas mais ao norte; e de tão bom abrigo que lhe foi então dado o nome, que ainda conserva, de *Porto Seguro*[1]. Se a aragem, em vez de soprar do sul, levando a armada para o norte, vem deste lado e a leva para o sul, grande risco houvera ella corrido, entre os baixos e recifes dos Abrolhos, que começam justamente, com os de Itacolumi, logo ao sul do Monte-Paschoal.

Não seguiremos agora passo a passo as acções do capitão mór e dos mais da armada, nem as dos n'esta occasião hospitaleiros habitadores d'esta terra, nos oito dias que se demoraram os navegantes, até seguir sua rota para o Oriente. Dispensa-nos dessa tarefa o minucioso chronista deste descobrimento, o ingenuo Pero Vaz de Caminha, cuja narrativa epistolar[4] dirigida ao proprio rei, destas plagas virgens, tanto nos encanta. Não podemos porém deixar de transcrever aqui a sua narração do modo como o capitão mór tratou dois individuos da terra trazidos a bordo, como os mandou sentar no chão em uma alcatifa, á maneira dos orientaes, e como finalmente os agasalhou, até que no dia seguinte os devolveu á terra, ricos de insignificantes presentes. Eis as expressões de Caminha:

„O capitão, quando elles vieram, estava assentado em uma cadeira, com uma altatifa aos pés por estrado, e bem vestido, com um collar de ouro mui grande ao pescoço; e Sancho de Toar, e Simão de Miranda, e Nicoláo Coelho, e Ayres Corrêa, e nós outros, que aqui na náo com elle imos, assentados no chão por essa alcatifa. Acenderam tochas; e entraram; e não fizeram nenhuma menção de cortezia, nem de falar ao capitão, nem a ninguem. Pero um delles poz olho no collar do capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o collar, como que nos dizia que havia em terra ouro. E tambem viu um castiçal de prata, e assim mesmo acenava para a terra e então para o castiçal, como que havia tambem prata. Mostraram-lhes um papagaio pardo, que aqui o capitão

---

[1]) Cabral, quanto a nós, fundeou mais ao sul no porto entre a Ponta Gorda e a foz do Buranhem ou R. de Porto Seguro, abrigado da banda do mar por várias restingas, na mais seca das quaes se effectuaria o acto de posse.

[2]) Guarda-se o original na Torre do Tombo, em Lisboa (Gav. VIII. 2, 8), escripto em sete folhas de papel florete. E' um documento digno de reproduzir-se por fac-simile.

traz, tomaram-no logo na mão, e acenaram para a terra, como que os havia ahi. Mostraram-lhes uma gallinha; quasi haviam medo della e não lhe quizeram pôr a mão; e depois a tomaram como espantados. Deram-lhes ali de comer pão e pescado cozido, confeitos, fárteis, mel e figos passados; não queriam comer d'aquillo quasi nada, e alguma cousa, se a provavam, lançavam-na logo fóra. Trouxeram-lhes vinho por uma taça; pozeram-lhes assim á boca tam-a-lavez, e não gostaram delle nada, nem o quizeram mais. Trouxeram-lhes agua por uma albarrada; tomaram della senhos bocados, e não beberam; somente lavaram as bocas e lançaram fóra. Viu um delles umas contas de rosario brancas; acenou que lh'as dessem, e folgou muito com ellas, e lançou-as ao pescoço. E depois tirou-as e embrulhou-as no braço; e acenava para a terra, e então para as contas e para o collar do capitão, como que dariam ouro por aquillo. Isto tomavamos nós assim pelo desejarmos, mas se elle queria dizer que levaria as contas e mais o collar, isso não queriamos nós entender; porque lh'o não haviamos de dar. E depois tornou as contas a quem lh'as deu. E então estiraram-se assim de costas na alcatifa a dormir... O capitão lhes mandou pôr ás suas cabeças senhos coxins..., e lançaram-lhes um manto em cima. E elles consentiram e jouveram e dormiram."

Copiemos ainda do mesmo Caminha a seguinte pintura que faz dos habitantes:

„A feição delles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos, e bons narizes, bem feitos; andam nús, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma coisa cobrir, nem mostrar suas vergonhas; e estão ácerca disso com tanta innocencia como teem em mostrar o rosto; traziam ambos o beiço debaixo furado, e mettido por elle senhos ossos d'osso brancos de compridão de uma mão travessa, e de grossura de um fuzo d'algodão, e agudo na ponta, como furador. Mettem nos pela parte de dentro do beiço, e o que lhe fica entre o beiço e os dentes é feito como roque d'enxadrez; e em tal maneira o trazem ali encaixado que lhes não dá paixão, nem lhes torva a fala, nem comer, nem beber. Os cabellos seus são corredios, e andavam tosquiados de trosquia alta, mais que de sobre-

pente, de boa grandura, e rapados até por cima das orelhas. E um delles trazia por baixo da sulapa, de fonte a fonte, para detras, uma maneira de cabelleira de pennas d'ave amarellas, que seria de compridão de um conto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas; a qual andava pegada nos cabellos penna e penna com uma confeição branda como cera, e não no era...“

„Andavam ali muitos delles ou quasi a maior parte, que todos traziam aquelles bicos de osso nos beiços, e alguns que andavam sem elles traziam os beiços furados... E alguns delles traziam tres daquelles bicos a saber, um na metade e os dois nos cabos. E andavam ahi outros quartejados de cores; a saber, delles ametade da sua propria cor, e ametade de tintura negra, maneira azulada, e outros quartejados de escaques. Ali andavam entre elles tres ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabellos mui pretos, compridos pelas espadoas...“

No dia 26 do mencionado Abril, que era domingo da Paschoela, foram todos os da armada assistir á missa que foi celebrada em um ilheo ou restinga, que se acha á entrada do dito *Porto Seguro.* Presencearam a solemnidade, cheios de espanto (que alguns dos nossos tomaram por devoção), muitos filhos da terra que ali vieram. Tambem cumpre fazer menção de que, no 1º. de maio seguinte e no meio da solemnidade de outra missa, se effectuou a cerimonia da toma de posse da nova região para a Corôa de Portugal, levantando-se n'um morro visinho uma grande cruz de madeira, com a divisa do venturoso rei D. Manuel.

Do alto desse morro se descobria o mar fenecendo no horizonte; e os que, c'o pensamento na patria, sobre a superficie das aguas estendiam saudosos os olhos, mal podiam imaginar a importancia e grandeza da terra, comprendida dentro da demarcação ajustada em Tordesilhas, cuja existencia iam revelar ao mundo civilisado. E menos por certo imaginariam que nessa terra, dentro de algumas gerações, se havia de organisar uma nação mais rica e mais consideravel do que a mãe patria. Pelas informações que pareciam dar os naturaes, se julgou ser

a terra uma ilha. — Nesta hypothese, Cabral a denominou *Ilha da Vera-Cruz*; commemorando por este nome a festa que ia celebrar a Igreja. O tempo veiu a descobrir quão pouco ha que fiar em informes dados por acenos, em que as mãos fazem o officio da lingua, e os olhos o dos ouvidos. Mais proximos da verdade estiveram os pilotos, arrumando em dezesete gráos de latitude austral o porto, que jaz effectivamente em deseseis gráos e meio escaços.

Assim o descobrimento casual desta região, que era verdadeiramente uma porção remota do proprio continente que mais ao norte estava sendo visitado por Colombo e os mais capitães que na sua esteira successivamente navegaram de Castella, este descobrimento, dizemos, devido a causas que nada tinham que ver com as explorações do célebre Genovez, houvera agora feito conhecer esta quarta parte da terra ás tres, que antes umas ás outras se conheciam, se o discipulo de Toscanelli tivesse, por quaesquer tristes contrariedades, sido embargado, durante mais sete ou oito annos, na execução da sua empresa.

D'esta forma a Vasco da Gama, que dirigiu o rumo dos pilotos de Cabral, é que se deve verdadeiramente o feliz achamento desta terra, — achamento, que, se não se effectuára por esta primeira expedição que o seguiu, não poderia deixar de ter logar n'um des annos immediatos, desde que a navegação da India se tornou frequente. Aberta uma vez aos navios europeos tal navegação, o cabo de Santo Agostinho, promontorio mui occidental desta região, não poderia subtrahir-se por muitos annos aos cruzadores da parte meridional do Atlantico; e o descobrimento desta terra maravilhosa houvera seguramente de realizar-se por qualquer outro capitão, durante o reinado do venturoso D. Manuel, que ainda viveu depois de elle ter logar mais de vinte annos. A epoca do descobrimento, a origem delle e o reinado em que teve logar, vieram a ser perpetuados até no proprio escudo do paiz descoberto, que ainda se gloria de ter por brazão a esphera armillar e a cruz floreteada da ordem de Christo, que eram a divisa daquelle soberano.

Cabral, de accordo com os outros capitães, despachou para

Portugal uma caravella [1], com a feliz notícia, comprovada por não poucas producções do paiz, distinguindo-se entre ellas algumas aráras vivas, e tambem varios vestuarios, armas e utensilios dos hospedes, que tão bem tratára; e ordenou que em terra ficassem dois criminosos condemnados a degredo, afim de irem aprendendo a nova lingua de que não havia interpretes; e no segundo dia de Maio fez-se de vela para o Oriente, com os onze navios que lhe restavam; alguns dos quaes triste fim vieram a ter dentro de pouco, antes de dobrarem o Cabo da Boa Esperança.

Os dois degradados ficaram na praia chorando a sua infeliz sorte, e acompanhando com os olhos as quilhas patrias até que ellas se haviam de todo sumido no horizonte. Acaso as saudades dos que até ali eram seus carcereiros, cresciam com a receio daquelles desconhecidos a cuja mercê ficaram. A caravella, que regressou, talvez percorreria ainda para o norte parte da costa; é porêm certo que a nova que levou á Europa foi a do simples descobrimento de uma ilha, não de um continente.

Tambem nos consta que o aspecto e novidade das côres das grandes aráras, enviadas a Lisboa por Cabral, impressionaram ahi a alguns de tal modo que chegaram a designar com o nome de **Terra dos Papagaios** o novo descobrimento. E este nome, que se encontra em alguns mappas antigos, era até o empregado em sua correspondencia [2] pelo então agente em Lisbõa da senhoria de Veneza, Lorenzo Cretico.

Não ha hoje notícia alguma da correspondencia que dirigiu á côrte Pedr' Alvares Cabral [3]; mas não é sensivel a sua falta, quando possuimos a veneravel carta, que ja o leitor conhece, de Pero Vaz de Caminha; além de outra do castelhano Mestre João, que ía por cirurgião da armada, e tinha presunções de astronomo. Em ambas estas cartas, datadas do primeiro de maio, se chama á terra encontrada *Ilha da Vera-Cruz*: e o nome

---

[1]) Dizem varios escriptores que o commandante desta caravella se chamava Gaspar de Lemos. A um individuo deste nome era tempos depois (12 de ag. de 1531) mandada abonar uma tença de 400 $ reis (C. Chr. II, 170, 45).

[2]) Humboldt, Ex. Crit. V, p. 78.

[3]) Cabral vivia ainda em 1518, anno em que se lhe pagavam, de moradia, 2.437 reis, por mez.

de *Ilha da Cruz* (sem *Vera*) consignava logo o governo no regimento dado a João da Nova, que com quatro caravellas, em parte de armadores (pois de uma dellas sabemos que era capitão Fernão Vinet, florentino, socio da casa de Bartholomeu Marchioni), e com a monção seguinte, ia mandado á India. E como ilha „mui util para refrescarem e fazerem aguada suas armadas da India" dava o feliz monarcha conta do descobrimento aos reis catholicos, em uma carta que lhes escrevia [1], depois de haver regressado de Calecut o mencionado Pedr' Alvares Cabral.

Cumpre porêm declarar que, antes que a fortuna deste chefe fizesse conhecer a Portugal a existencia de terra nestas paragens, já varios nautas castelhanos a haviam encontrado e costeado mais para o norte. Com effeito: dez mezes antes, em fins de junho de 1499, Alonso de Hojeda, navegando em companhia dos célebres pilotos Juan de la Cosa e Amerigo Vespucci [2], se encontrára com terra, proximamente na latitude de cinco gráus ao sul da Equinocial; a qual terra era baixa, alagada e de varios esteiros e braços de rios. Não pode ter sido outra senão a do delta do Assú, na actual provincia do Rio Grande do Norte. Intentou Hojeda proseguir pela costa, no rumo de lessueste; mas não lhe foi possivel vencer a fôrça das correntes, e viu-se obrigado a seguir com estas na direcção de noroeste; e, navegando ao largo, foi somente de novo aportar, segundo parece, em Cayena. No avistar terra junto á foz do Assú fôra o mesmo Hojeda protegido pela Providencia, de um modo analogo como depois o foi Cabral; pois se, durante a travessia do Atlantico, houvesse descaido um pouco menos para loeste, poderia ter naufragado nos perigosos escolhos e baixios (Urcas e Lavadeiras), que par ali jazem, um pouco mais a leste.

Sete mezes depois de haver Hojeda avistado a costa no

---

[1]) Carta de D. Manuel, escripta aos reis catholicos, em 29 de julho de 1501, achando-se em Cintra. Não em Santarêm, conforme se lê no texto do documento imp. por Navarrete, T. III, p. 94.

[2]) Veja a relação da 2ª. viagem deste navegante, ua sua grande epistola escripta a Pedro Soderini em 1504, e o nosso trabalho „*Amerigo Vespucci*", etc. pag. 103.

delta do Assú, Vicente Yanez Pinzon, navegando com uma frotilha de quatro caravellas, approou a terra por essa banda, em 26 de janeiro de 1500, junto a um cabo, que denominou de *Santa Maria de la Consolacion*, cabo que, por muitas razões, julgamos hoje ter sido a chamada ponta de Mocuripe, visinha ao porto da capital da provincia do Ceará, e não o de Santo Agostinho, como se chegou a acreditar. Desde esse cabo, proseguindo o mesmo Pinzon pela costa, no rumo de oeste-quarta-a-noroeste, avistou outro cabo, a que deu o nome de *Rostro-Hermoso*; e o qual, em nossa opinião, não pode ter sido senão a ponta de Jererécoára, ainda hoje notada, entre os praticos da costa, pela sua formosura: e que, ao avistarmol-a por primeira vez de longe, da banda de sueste (em 1861), se nos figurou como um vermelho bico de cysne mergulhando-se no oceano. Logo seguiu Pinzon ao Amazonas, que denominou *Mar-Doce*, e depois foi navegando até o cabo de Orange; ao qual, com toda a probabilidade, chegou no dia 5 de abril (1500); pelo que o denominou de S. Vicente, que era o orago desse dia, e ao mesmo tempo o santo do seu nome [1].

Que o cabo primeiro descoberto por Pinzon não pode haver sido o de Santo Agostinho o passamos a provar com toda evidencia. Depuzeram judicialmente varios [2] dos da tripulação que a mencionada frotilha, desde as ilhas de Cabo Verde, tomou o rumo de susudoeste, e qualquer nauta entendido sabe que, com tal rumo, nenhum barco de vela iria ter ao cabo de Santo Agostinho. Demais: o proprio Pinzon declarou, que desde o primeiro cabo por elle descoberto, seguiu navegando pelo rumo de loeste-quarta-a-noroeste, rumo em que, segundo sua afirmativa, corria ahi a costa [3]; o que não poderia ter logar partindo do cabo de Santo Agostinho; pois, logo um pouco para o norte delle, a costa pende antes para leste, e não para loeste. Além disso: contra uma tal interpretação, a favor do cabo de Santo Agostinho, militam, não só a confrontação do

---

¹) J. C. da Silva, „*L' Oyapoc et l' Amazone*", §§. 2574 a 2582.
²) Colmenero, Ramirez e Valdovinos. Vej. Navarrete, Tom. III, pag. 547, 550 e 552.
³) „Que asi se corre la tierra."

número de leguas nesta viagem navegadas pelo dito Pinzon, que officialmente[1] foram computadas em seiscentas, como tambem o testemunho dos cartographos antigos Juan de la Cosa e Diogo Ribeiro. Aquelle no seu célebre mappa, feito no proprio anno de 1500, sitúa o „cabo descoberto por Pinzon" muito a loeste da terra que ahi se diz „descoberta por Portugal" (Porto Seguro); e todos sabemos que o cabo de Santo Agostinho fica bastante a leste dessa terra. E Diogo Ribeiro, em 1529, indicou o descobrimento de Pinzon para loeste do cabo de S. Roque, e não para o sul.

Para a probabilidade de ser o *Rostro Hermoso* a ponta de Jererécoára, nos abonâmos até com o roteiro de Pimentel, que diz ser este „um monte *formoso*"; e não menos com as palavras do roteiro do pratico Joaquim Duarte de Souza Aguiar, quando diz: „O morro de Jararéquára bem conhecido pela sua fórma e belleza", etc. — Acresce que, a leste de Jererécoára, o promontorio mais notavel que se apresenta é a ponta de Mocuripe; a qual tem até a seu favor a circumstancia de haver podido, nessa paragem, ser a terra vista pelos navegantes, para sua *consolação*, de maior distancia; graças ás visinhas serras de Maranguape, Pacatuba, Aratanha e Cahuhype, que se avistam do mar, desde quinze a vinte leguas.

Um mez, proximamente, depois de Pinzon, aportou tambem, por essa banda, com duas caravellas, ao parecer mais para e poente de *Rostro Hermoso*, — o piloto Diego de Lepe. Travou peleja com os Indios, e perdeu na refrega dez dos da tripulação. Este Lepe, encontrado, annos depois, pelos cruzeiros portuguezes, traficando na costa d'Africa, veiu a morrer enforcado [2].

Estas navegações de navios castelhanos, ao longo da costa do norte, não produziam nenhum resultado de consequencia; e ás vezes até eram sonegadas, como succedeu á de Hojeda que o foi por elle proprio; ou mal interpretadas, como passou com Pinzon, que, alguns annos depois, julgava haver sido o cabo de Santo Agostinho o por elle descoberto. Entretanto

---

[1]) Navarrete, Tom. III, p. 82.

[2]) Carta de Est. de Froes, da ilha de S. Domingos (I, 15, 99).

é certo que das mesmas navegações resultou o terem sido os Castelhanos os primeiros a conhecer e a frequentar essa parte da costa; havendo sido não só, com toda a certeza, descobridores do *Mar Doce* ou Amazonas, como tambem, mui provavelmente, do porto ainda hoje chamado do Maranhão; nome que não será facil averiguar se proveiu, como disse Pedro Martyr [1] do indigeno adulterado [2], ou se de qualquer feito notavel praticado nelle por algum dos da tripulação com esse appellido (Marañon), que já então existia em Hespanha; ou, finalmente, se foi dado por ironia contra algum fanfarrão, que contasse de rio maranhas e proezas dos demais não acreditadas.

O que ora temos por sem dúvida é que esse nome foi de principio dado ao proprio Maranhão de hoje; e que a este se referem com tal nome, não só o mesmo Martyr e o geographo Enciso [3], bem que este com engano na latitude (que, sem dúvida por erro typographico, se diz de $7\frac{1}{2}^0$ em vez de $2\frac{1}{2}^0$), mas tambem todos os cartographos antigos, sem exceptuar Diogo Ribeiro [4].

A' navegação de Lepe se referem, quanto a nós, no mappa de Cosa, as duas significativas caravellas e os dizeres proximos, a loeste do primeiro descobrimento de Pinzon; sendo para lastimar que um rasgão no original nos prive das indicações respectivas ao Maranhão de hoje, onde ainda a haste de uma bandeira indica que teria tido logar a tomada de posse, e por conseguinte a infeliz refrega. Pinzon, depois do segundo cabo, só fôra parar junto á ponta da Tigioca, onde, tambem em uma refrega, perdêra parte dos seus; passando logo além do canal do norte, donde levou comsigo trinta e seis Indios.

---

1) Epist. 532, de 18 de Dez. 1513.

2) Meary? *Mârâ*, segundo Montoya (*Voc.*) quer dizer falta, e tambem calumnia; *Mârandeeguára*, estrangeiro.

3) Do Amazonas trata Enciso, com o nome de *Mar Doce*, dando-lhe sessenta leguas de boca, ao passo que do Maranhão que situa „a 300 *leguas além no Cabo de Santo Agostinho*, e *com baixos a leste da entrada*, diz que tem na boca *mais de quinze* leguas. E Diego Ordaz, em 1531, e o piloto João Affonso, em 1545, não fizeram mais que inventar terem ahi viajado, copiando exactamente o que encontraram no dito Enciso.

4) Temos disso a principal prova no designar o mesmo Ribeiro a ilha do seu Maranhão pelo nome de Trindade, que sabemos haver-lhe sido dado a principio, como adiante se dirá.

SECÇÃO VI.

(II. da I. edição.)

EXPLORAÇÕES PRIMITIVAS DA COSTA BRAZILICA.

D. João Manuel em 1501. Vespucci e Solis. Cabos de S. Roque e Santo Agostinho. Portos ao sul: Bahia, Rio, S. Vicente, Cananea. Cabo de Santa Maria. Georgia Austral. Gonçalo Coelho em 1503. Ilha do Fernão de Noronha. Colonias em Cabo-Frio e Rio de Janeiro. Cari-oca. Bahia de S. Mathias. Gonneville. Brazileiros. Não Bretoa. Maranhão. Indias. Santa Cruz. Antartica. Mundo Novo, etc. Consequencias da partida de Americo. João Dias de Solis. Portugal descuida o Brazil pela Asia. Feitorias. Um pirata. As Molucas. Fernão de Magalhães. O meridiano da demarcação. Contracto de Saragoça. Origem do nome Rio da Prata. El Dorado.

Não sabemos ao certo em que data, do anno de 1500, foi recebida em Lisboa a nova do achamento, por Cabral, das terras de Porto Seguro. Em todo o caso alguma demora houve em aprestar-se uma pequena frota, de trez caravellas, que foi destinada a reconhecer a qualidade, valor e extensão da nova terra descoberta. Só alcançaram os novos expedicionarios a partir, em meiados de maio do anno seguinte de 1501, antes do regresso de Cabral a Lisboa, vindo a encontral-o no porto de Bezenégue (actual Gorée), junto do Cabo Verde.

Deveriam por ventura contribuir a tanta demora as pretenções do governo do mandar na pequena frota exploradora alguns dos pilotos praticos nas navegações anteriores dos Castelhanos a este novo continente, e que esperou chegassem de Sevilha; entrando n'este número o florentino Amerigo Vespucci, que acompanhára pouco antes a Hojeda, e em 1497 — 1498 havia estado em outra grande exploração, desde a costa de Honduras, por todo o golfo mexicano, até a Florida[1].

[1]) Veja-se o nosso opusculo: *„Le premier voyage de Amerigo Vespucci définitivement expliqué"* etc. Vienna, 1869, infolio.

Temos tambem por mui provavel que, para ir n'esta exploração, se fizeram propostas vantajosas a João Dias de Solis, o Bofes de Bagaço, portuguez que se havia passado ao serviço de Castella.

A capitania da nova frotilha foi pelo rei D. Manuel, segundo as conjecturas mais admissiveis, confiada a um de seus favorecidos, D. Nuno Manoel, ao depois guarda-mór e almotacé mór da sua casa, irmão do seu camareiro mór D. João Manoel, e ambos filhos de D. João, bispo da Guarda, e de Justa Rodrigues, ama que fôra do mesmo rei.

A circumstancia de não ser um nauta entendido o chefe da expedição, fez que, na direcção d'ella, tivesse voto preponderante o mesmo Amerigo Vespucci, que a conduziu a buscar a costa proximo á paragem onde estivera com Hojeda. Assim, depois de aportar em Bezenégue, em Africa, veiu avistar terra, a 16 de agosto, na latitude proximamente de cinco gráos, junto do cabo que, em virtude da festa do calendario n'esse dia, recebeu o nome de *S. Roque*, com que ainda hoje é designado.

Dois jovens que então desembarcaram, a tratar com os habitantes, ficaram ahi victimas da barbaridade e anthropophagia d'elles. Assim, por este lado, a primeira ruptura e agressão, entre os da terra e os futuros colonisadores, não partiu d'estes, os quaes, foram victimas da traição, e a deixaram absolutamente impune.

A esquadrilha seguiu para o sul; e o seu chefe, com o calendario na mão, foi successivamente baptizando as differentes paragens da costa, designando á posteridade o dia em que a ellas aportava, do modo seguinte:

A 28 de agosto no Cabo de *S. Agostinho.*
„ 29 de setembro no rio de *S. Miguel.*
„ 30 do dito no rio de *S. Jeronymo.*
„ 4 de outubro no rio de *S. Francisco.*
„ 21 do dito no rio das *Virgens.*
„ 1° de novembro na Bahia de *Todos os Santos.*
„ 13 de dezembro no rio de *S. Luzia* (Rio Doce?.)
„ 21 do dito no cabo de *S. Thomé.*
„ 25 do dito na Bahia do *Salvador.*

A 1° de janeiro (1502) no Rio de Janeiro.
„ 6 do dito na *Angra dos Reis.*
„ 20 do dito na Ilha de *S. Sebastião.*
„ 22 dito no Porto de *S. Vicente.*

A maior parte d'estes nomes ainda hoje subsistem; e alguns foram, com o andar do tempo, substituidos por outros.

Do porto de S. Vicente passou a esquadrilha ao da Cananéa, no qual deixou degradado um bacharel portuguez, que ainda ahi vivia trinta annos depois. Propendemos a crêr que seria este o proprio bacharel Gonçalo da Costa, que ali veiu a ser encontrado por Cabot[1].

Da Cananéa seguiu a frotilha para o sul até o cabo de *Santa Maria,* ao qual deu então talvez este nome, que pouco tempo depois encontramos dado tambem ao rio que hoje denominamos da *Prata;* por ventura por haverem a elle chegado a 2 de Fevereiro, dia da Purificação da Virgem. Apezar de que n'esta parte mui pouco explicito seja Vespucci, na sua narração, unica que d'esta viagem nos resta, entendemos que, ao chegarem a esse cabo, imaginaram que ahi acabava este continente.

Em todo o caso, diz-nos Vespucci que, esmorecendo o chefe, entregára á sua responsabilidade a futura direcção da viagem; pelo que elle, depois de prover como poude as caravellas do necessario, partiu d'ahi no dia 15 de fevereiro (1502), e tomando, á ventura, o rumo de sueste, ao cabo de 50 dias de navegação, no dia 7 de abril, descobriu e depois costeou uma inhospita e grande terra, que não póde ter sido outra senão a ilha hoje denominada *Georgia Austral,* segundo a appellidou Cook ao visital-a, em janeiro de 1775, julgando descobril-a então; sendo certo que além de descoberta por Vespucci, d'esta vez em 1502, havia ella já sido visitada (justamente um seculo antes de Cook) em 1675, por Antonio Rocha, vindo de Chiloe;

---

[1]) Não havemos podido legitimar o nome de Duarte Peres, que dá um escriptor do seculo passado a certo bacharel degradado n'essas paragens, de que faz menção, sem allegar titulos convincentes.

pelo que a denominaram, algum tempo — *Ilha Grande de Rocha*[1].

D'estas plagas inhospitas e tempestuosas, cobertas de nevoas e onde as noites eram mui grandes, resolveu Vespucci regressar a Portugal; e tomando rumo em direitura a Serra Leôa, e d'ahi aos Açores, veiu entrar em Lisboa, no dia 7 de setembro, com duas das caravellas, havendo-se resolvido queimar a outra em Serra Leôa.

As informações dadas por estes exploradores foram pouco favoraveis a uma tão grande extensão de terra; e o proprio Vespucci nol-o confirma, na carta que escreveu ao gonfaloneiro de Florença Pedro Soderini, seu antigo condiscipulo, e que corre inpressa; não hesitando em assegurar-lhe que na terra não havia metaes alguns, nem mercadoria de aproveitar-se, mais que canafistola e o lenho de tinturaria.

Em presença de taes informações, a corôa limitou-se a abandonar a mesma terra á mercê dos especuladores particulares, os quaes á porfia começaram a vir a estes portos, principalmente a buscar tão productivas cargas do tal novo páo-brazil, a ponto que delle veiu a tomar o nome toda a região. Um desses especuladores deve haver sido Fernão de Noronha, o qual, provavelmente pelo S. João de 1503, descobriu a ilha a que então deu o nome d'este santo, e hoje é conhecida pelo proprio do descobridor, que foi tambem o primeiro donatario d'ella.

Ao abandonar, porêm, a corôa á especulação particular o tirar provcito da terra, concentrou os seus cuidados em preparar uma nova expedição mais consideravel, para seguir da extrema meridional d'este novo continente (que então julgaria terminar-se no cabo de S. Maria) até as plagas orientaes da Asia, d'onde já se sabia que provinham as especiarias, e ás quaes se contava chegar com mais facilidade seguindo pelo poente. Era um regresso ás idéas de Toscanelli, ensaiadas por Colombo, e depois realisadas por Fernão de Magalhães.

Organisou-se pois uma frota de seis navios, equipados pro-

---

[1]) Vej. o *Diario Nautico* do mesmo Rocha na *Descripcion Geografica y Derrotero de la Region Austral Magallanica* por D. Francisco de Seixas y Lovera. Madrid 1690, in-4.

vavelmente alguns por conta de armadores particulares; e o porto de Malaca, que na frase de João de Barros (I, 8, 1) era então „emporio e feira universal do Oriente", foi designado como o a que ella devia dirigir-se. Já antes de partir, Vespucci escrevia ao seu antigo patrão Lourenço de Pier Francesco dei Medici, que contava ir breve „ao levante, passando pelo sul[1]".

O commando d'esta importante expedição foi confiado a um nauta mais experimentado. Tal era Gonçalo Coelho, que já no tempo de D. João 2°. encontramos a commandar um navio, indo em 1488 a Senegambia, e conduzindo d'aqui um rei preto a Portugal. Amerigo Vespucci o acompanhou feito capitão de um dos navios; e temos por mui provavel que, na mesma esquadra, se embarcassem João Dias de Solis, e por ventura tambem João Lopes de Carvalho e João de Lisbôa, que, annos depois, apparecem como praticos e conhecedores d'estas paragens.

Os novos expedicionarios não chegaram a partir senão em meiados de 1503; e depois de refrescarem na ilha de Santiago, principal das de Cabo Verde, se encontraram, a 10 de agosto, em presença de outra ilha d'elles desconhecida, a qual era a mesma que, poucos dias antes, havia sido encontrada por Fernão de Noronha, como dissemos, e que ainda hoje leva este nome.

Em um cachopo proximo d'esta ilha naufragou a náo chefe; de modo que Gonçalo Coelho teve que passar-se com a demais tripulação, a outro navio. Este triste acontecimento foi causa de se desmembrar desde logo a mesma esquadra, separando-se o navio de Vespucci e mais outro, dos tres companheiros, os quaes, provavelmente, proseguiram juntos ás ordens do dito chefe Gonçalo Coelho.

O navio de Vespucci e o que se lhe aggregou fizeram rumo para a Bahia; paragèm descoberta na viagem anterior, e que fôra antes assignada como ponto de juncção, em caso de esgarramento.

---

[1]) „*Versus meridiem, a latere orientis,..... per ventum qui africus dicitur*", se lê na traducção latina que d'essa carta foi então publicada, feita pelo veronez Giocondo.

Depois de haverem ambos esperado em vão na mesma Bahia, durante dois mezes e quatro dias, sem que chegasse nenhum dos outros, assentaram de proseguir por sua conta, esperançados por ventura de ainda encontrarem os demais, ou de tomarem em outros portos alguma carga, com que indemnisassem em parte os gastos da viagem.

N'esta conformidade, seguiram para o sul, e foram entrando em differentes portos até chegarem ao de Cabo Frio. Havendo aqui feito boa carga de páo brazil, resolveram regressar com ella a Portugal, deixando no mesmo cabo estabelecida uma pequena feitoria, guarnecida de vinte e quatro homens[1]; tendo Vespucci, antes de partir, effectuado uma excursão pela terra dentro, na distancia de umas quarenta leguas.

Os dois navios vieram a aportar a Lisboa aos 18 de junho de 1504. E, um mez depois, em 16 de julho, ahi entrava igualmente, „vinda do Brazil" a náo de Ruy Mendes. Não podemos suppôr que fosse esta, outra desgarrada da mesma expedição; pois tal circumstancia não deixaria de ser contemplada pelo dito Vespucci, na carta que, em 4 de Setembro, dirigiu ao seu compatriota Soderini, quando ainda nenhumas notícias havia de Gonçalo Coelho, o qual o mesmo Vespucci julgava perdido (segundo elle) „para castigo da sua muita soberba".

Não succedia porêm assim. Gonçalo Coelho havia tambem seguido para o sul, e, segundo revelações deduzidas de alguns antigos portolanos[2], se recolhêra nada menos que á bahia do Rio de Janeiro, e ahi assentára em terra um arraial, onde não tardaria em ter, pelos proprios selvagens, notícias da existencia do outro deixado em Cabo Frio. — Algumas suspeitas levam-nos até a suppôr, que esse primitivo arraial ou alojamento teve lugar junto do riacho que d'ahi tomou o nome de *Carioca* (casa do branco), e que foi n'elle que foram sacrificados

---

[1]) Os novos argumentos apresentados na obra — *Amerigo Vespucci* — confirmaram-se em 1868 á vista do — *Isolario* de Sta. Cruz, MS. da Bibl. I. de Vienna. Vej. a nossa mem. *Dell' Importanza*, etc., imp. pelo Acad. I. das Sc. de Vienna.

[2]) Vej. — *Nouvelles Recherches* — etc. (acerca de Amerigo Vespucci).

á brutalidade dos Barbaros os dois religiosos arrabidos, que dos archivos da provincia constava[1] haverem passado a estas regiões em 1503. Cremos tambem que a demora de Gonçalo Coelho n'estas plagas seria de dois a trez annos, que mandou explorar a costa do sul até a bahia de S. Mathias; que regressaram os exploradores, sem persistir mais em busca da passagem, com que contavam para seguir, por ésse lado, até Malaca; e que finalmente era da sua expedição a náo de que se trata em uma relação ou gazeta[2] que por esse tempo se publicou, com muitas noticias d'estas paragens, e até das grandes riquezas e metaes de um paiz (o Perú) nas cabeceiras do Prata.

Julgamos de tal importancia alguns periodos dessa relação ou gazeta (que suppomos haver sido escripta em Lisboa por um estrangeiro e publicada por primeira vez em 1506) que nos não é possivel deixar de os transcrever aqui integralmente. Depois de dar conta de como um navio recolhêra, no dia 12 de outubro, falto de mantimentos, prosegue o autor:

„Tendo chegado á altura de quarenta gráos, viram como o Brazil concluia por um Cabo que se prolonga pelo mar: e ao montal-o acharam que a terra, como no meio-dia da Europa, se dirigia de leste a oeste. E' como se ao passar o estreito de Gibraltar, se proseguisse pela costa de Berberia. Quando teriam andado umas sessenta leguas além do Cabo, acharam-se com terra firme do outro lado, e tiveram que dirigir-se para

---

[1]) Veja o periodo da *Chron. da Arrabida*, por Francisco Antonio da Piedade, pag. 1ª Liv. 3, cap. 40, n. 603. Não cremos hoje provavel que em 1503 estivessem em Porto Seguro.

[2]) *Zeitung aus Presilig Landt* — No opusculo — *Nouvelles Recherches* — (respeito a Vespucci) pag. 10, 11, 49 e 50, dizemos que esta relação seria escripta em 1506, anno, cremos, em que seria antes publicada em Italia, como o fôra a relação annexa de Pedro Affonso Malheiro, que segundo Panzer (X, p. 24) foi publicada (em latim) em Roma por Joan Besicken em 7 de Novembro de 1506. É sabido como Alex. Humboldt acreditou que esta relação se referia a uma viagem ao estreito de Magalhães, e por conseguinte que só havia sido publicada depois de descoberto este estreito; e como foi o autor d'esta historia quem primeiro indicou que a especie de mar Mediterraneo de que n'ella se faz menção, deve ter sido a grande bahia de S. Mathias, que no seculo 16° era considerada termo, por esse lado, das explorações portuguezas.

o noroeste; mas veiu-lhes tal tormenta que não poderam continuar".

„Obrigados pelos, ventos tiveram que regressar para o Brazil (Presill). O piloto que dirigia este barco, meu intimo amigo, é o mais célebre de quantos pilotos tem elrei de Portugal. Tem feito várias viagens á India; e me assegurou que, segundo seu calculo, não pode haver mais de seiscentas leguas de distancia, desde o dito Cabo do Brazil, que se deve considerar o principio deste paiz, até Malaca. Diz tambem que, dentro em pouco, no commércio da especiaria, o rei de Portugal ganhará muito em aproveitar-se desta nova derrota para a navegação entre Lisboa e Malaca, terra esta para a qual, segundo elle, a costa do Brazil se ia afeiçoando."

„Regressando ao Brazil os nossos viajantes descobriram bellissimos rios e portos de facil entrada, e um paiz tanto mais povoado quanto mais se aproxima do Cabo. Os habitantes são de boa indole, sem leis, nem reis; e só obedecem aos mais anciãos. Teem sempre guerras, mas não se devoram uns aos outros, como no Brazil: matam porém aos prisioneiros sem remissão. A sua lingua differe da do Brazil inferior. Notam-se nesta gente reminiscencias de S. Thomé, e os moradores pretenderam mostrar aos Portuguezes, pela terra dentro, as suas pégadas" ....

„Os naturaes carecem de ferro, e dão, como no Brazil, por um machado quanto possuem. Tambem tereis satisfação em saber que os viajantes annunciam haver obtido na embocadura de um rio[1] que fica na distancia de duzentas leguas áquem do Cabo para a Europa, notícias da existencia pelos sertões de muita prata, ouro, e cobre. Asseguram até que o capitão do outro navio trará ao rei de Portugal um machado de prata. Os naturaes os tem de pedra. Trazem tambem um metal[2] da côr do latão, que não se oxida; ignora-se que

---

[1]) Indubitavelmente o R. da Prata, o que serve a confirmar a estada na B. de S. Mathias.

[2]) Parece alludir a simples amostras de algum mineral, nâo a instrumento fabricado, ainda que tambem do Perú poderia ter vindo algum de bronze, com o machado ou cunha de prata. Os pirites de ferro, tâo communs, sâo amarellos côr de latâo e nâo se oxidam facilmente.

metal seja, quiçá ouro de baixo quilate. Ouviram falar de um povo das serras, rico de armaduras feitas de chapas de ouro, muito delgadas, que os combatentes levam sobre o peito e na testa. O capitão traz comsigo um morador do paiz o qual quiz absolutamente ver o rei de Portugal, e dizer-lhe como se offerece a trazer-lhe tanto ouro e prata que apenas o poderão carregar seus navios".

„Os moradores da costa disseram que, de quando em quando, ahi chegavam outros navios, cujas tripolações se vestiam como os nossos, e tinham quasi todos a barba ruiva. Os Portuguezes creem por estes signaes serem Francezes"....

D'este modo ficaram ainda perdidos e mallogrados para o Estado, os gastos feitos com esta segunda expedição; o que daria ao governo poucos estimulos para empenhar-se tão depressa em outros novos, sem nenhuma esperança de resultados proficuos.

Entretanto não deixaram de aportar n'esta costa, como era natural, os navios das primeiras armadas que se dirigiam á India, taes como das commandadas por Affonso de Albuquerque, pelo almirante Gama, por Tristão da Cunha, e mui provavelmente tambem, antes d'estes, os de João da Nova. De nenhuma d'essas frotas consta ao certo os portos em que entraram, nem o número de dias que n'elles se demoraram, nem os colonos que, contrariados ou por vontade propria, foram por ellas deixados em terra. Pela tradição sabemos que o porto geralmente frequentado pelos náos da India era o de Santa Cruz, ao norte de Porto Seguro, e de mais fundo que este. Tambem, desde os primeiros annos, alguns navios francezes principalmente de Honfleur, trazendo comsigo portuguezes praticos d'estas viagens, começaram a frequentar o nosso littoral; e d'isso foi informado Portugal ao regressar a gente de Gonçalo Coelho em 1506. De um d'elles chamado *Espoir de Honfleur*, de cento e vinte toneladas, tendo por capitão Binot Palmier de Gonneville, temos notícia circumstanciada, de cuja authenticidade não é possivel duvidar-se. Partindo, com destino para a India oriental, em meiado de 1503, veiu a arribar a estas costas; primeiro, ao que parece, entre os *Carijós* do Sul, e segunda vez ao norte do tropico, entre os ferozes *Tupinambás*,

já visitados pelos Europêos, talvez nas immediações de Cabo Frio[1]: e depois cem leguas mais ao norte; por ventura nas immediações de Porto-Seguro, entre os mansos *Tupininquins*, avistando finalmente, no regresso á Europa, a ilha de Fernão de Noronha. Iam a bordo dois portuguezes Bastião de Moura e Diogo de Côito (Cohinto).

Poucos annos depois (1509) foram levados a Rouen sete Indios do Brasil[2].....

Toda a costa, desde o cabo de S. Roque para o sul, começou a ser visitada por um grande número de navios de especuladores, vindo em busca do novo páo-brazil, que se vendia com grande vantagem. Os que se dedicavam a esse trafico começaram a ser chamados *brazileiros*, do mesmo modo que se dizem *baleeiros* os que vão á pesca das baleias, e que se chamaram *negreiros* aos que se occupavam do tráfico dos Africanos negros, e que algum dia se disseram *pimenteiros* os que andavam traficando em pimenta[3]. Tal foi, a origem de se haver adoptado este nome em portuguez, e de não nos chamarmos *Brazilenses* ou *Brazilienses*, como, inquestionavelmente mais em regra, nos appelidam outras nações[4]. Para os selvagens introduziram os Jesuitas a palavra *Brazis:* mas esta denominação, tão apropriada e laconica, caiu em desuso, supplantada pela mais seguida, bem que inexacta, de *Indios;* da qual, com preferencia á de *Indigenas*, igualmente inexacta, e menos usada, nos servimos nesta Historia. E afirmamos ser menos exacta a expressão *Indigenas*, porque as gentes que possuiam, ou antes percorriam o territorio, eram apenas as últimas invasoras delle. Quanto ao nome de Indios, ja admittido como dissemos nas conquistas dos Castelhanos, não fôra

---

1) Apartamo-nos aqui da opiniâo de Sr. d'Avezac, que julga terem sido estas novas arribadas, primeiro em Porto Seguro, e depois na Bahia (*An. des Voy. de junho e julho de 1869.)*

2) Vej. as notas ao „*Ens. Cæsar Chron.,*" Paris 1512.

3) Alv. de 18 de março de 1621. O nome de Mineiros, aos de Minas, veiu a derivar do mesmo princípio. Na ilha de Cuba ainda designam por *Chineros* os que se empregam no tráfico de *coolis*.

4) Franc. Brésilien; Ingl. Brazilian; Allem. Brasilianer; Hesp. Brasileño, etc.

hoje facil explicar por que fórma se introduziu e fez tão familiar por toda o nossa costa; cremos porêm que não é possivel pôr em dúvida que foi dos mesmos Castelhanos que o recebemos e adoptámos. Aos navegantes da verdadeira India não occorreria por certo tal nome.

O trato e o uso familiar fizeram pois que o nome do lenho lucrativo supplantasse o do lenho sagrado; e a designação do paiz por *Terra de Santa Cruz* apenas hoje se póde empregar na poesia ou no estylo elevado, havendo sido baldados os esforços dos que, esquecidos de quão justos e consequentes são os povos na preferencia das denominações, quizeram restaurar o antigo nome, para justificar o qual tão pouco havia concorrido o governo, que só cuidava de arrematar a quem mais dava o *trafico do brazil.* Os contratadores ou arrendatarios, mandavam por sua conta náos a esta *Terra do brazil.* D'uma de taes náos, de que eram armadores Bartholomeu Marchioni, Benedicto Morelli, Francisco Martins e o mesmo Fernão de Noronha, de quem fizemos menção, e que a princípio fôra contratador unico, se conserva o regimento dado ao seu capitão Christovam Pires, e o original do roteiro da viagem até o porto do cabo Frio. A náo chamava-se Bretoa, naturalmente porque nos estaleiros da Bretanha fôra construida. Era piloto João Lopes Carvalho, ao depois companheiro de Fernão de Magalhães na primeira navegação em redor do globo. Duarte Fernandes vinha por escrivão, e de sua lettra é o livro[1] inedito que encontrámos, e démos á luz, do qual consta que a viagem redonda da Bretoa durou oito mezes, contados do dia da partida. Consta igualmente que existia na ilha da enseada de Cabo Frio uma feitoria portugueza, e provavelmente seria a mesma que, em 1504, ahi havia deixado fundada Amerigo Vespucci, segundo vimos. Os da tripolação não podiam passar dessa ilha para o continente, afim de não se deixarem ficar nelle „como algumas vezes haviam feito.“ Recommendava o regimento que fossem

[1]) „Llyuro da naoo bertoa que vay para a terra do brazyll. . . . que partio deste porto de Lix.ª a 22 de feu.º de 511.“ etc. — Vej. este doc. na nota 13 da 1.ª Ed. desta obra, e reimpresso, juntamente com a 4.ª edição do *Diario de Pero Lopes de Souza*, Rio de Janeiro, 1868, 8.

os da terra bem tratados, não se levando delles nenhum para a Europa; ainda que para isso se offerecessem; porque, quando na ausencia falleciam, cuidavam os outros que alguem os matára, para os devorar, „segundo entre elles se costuma". — Apezar desta recommendação, importante por nos denunciar a politica do governo ácerca dos Indios, a Bretoa com a carga de cinco mil toros de brazil e alguns animaes e passaros vivos, levou para a Europa trinta e tantos captivos. Em vista das recommendações terminantes de que fizemos menção, devemos crer que seriam legitimamente *resgatados* de algum outro captiveiro não christão; segundo o que se praticava em Africa; donde veiu chamarem-se de resgate os artigos, taes como facas, machados, espelhos, cascaveis e avelorios, que nos escambos se empregavam. Assim não ha dúvida que alguns Indios eram então levados a Portugal, e o escriptor Damião de Goes nos dá fé de haverem sido varios apresentados a elrei D. Manuel, e até o comprova, mencionando que era então contratador do páu-brazil Jorge Lopes Bixorda; nome que depois encontramos envolvido entre os dos armadores e navegantes que em França se queixavam contra certas piratarias. Dos nossos generos, além de brazil, levavam tambem, muitos navios, peles de animaes, algodão e a pimenta da terra, que começou a fazer concorrencia á *malagueta* da costa da Mina. O páo-brazil se vendia na Europa na razão de um a dois ducados por arroba.

Pelo que respeita á primitiva exploração das costas da norte, além do cabo de S. Roque, por navios de Portugal, as notícias são mais vagas e escaças. Sabemos somente que andou explorando a costa, por essas bandas o piloto João de Lisboa, e que deu até o seu nome a um dos rios áquem do Maranhão; porêm não nos consta em que anno. Sabemos tambem, por um documento de 1514 [1], que, algum tempo antes, percorrêra parte da costa, suppomos que desse lado, um João Coelho, das Portas da Cruz em Lisboa, e que os Indios ha-

[1]) C. de Estevam Froes ao rei D. Manuel, escripta da ilha de S. Domingos em 30 de julho.

viam morto o arauto Diogo Ribeiro, que, com alvará regio, andava a descobrir. Em todo caso, é indubitavel que, tambem por essas bandas, começaram a navegar alguns navios de Portugal. Como porém se limitavam a traficar nas immediações das paragens onde aportavam, e não se propunham a explorar e correr toda essa costa, tanto em Portugal, como em Castella, estiveram por algum tempo na crença de que não havia, por ahi, mais que um unico grande rio, entrando pela terra dentro; pois os que reconheciam o verdadeiro Maranhão, não conheciam o Amazonas actual, e vice versa; donde se originou confusão acerca destes dois rios, vindo ambos a ser designados com o nome de Maranhão; de modo que o proprio Pinzon, descobridor, não do verdadeiro Maranhão, descoberto por Lepe, mas sim da boca do grande rio de Santa Maria do *Mar Doce*, ou actual Amazonas, não duvidou assegurar a Oviedo haver elle sido o descobridor do *Marañon;* e mais tarde Orellana, baixando o mesmo Amazonas, não teve fôrças para fazer acreditar que não era o *Marañon* o rio por que baixára[1], e, para voltar ao mesmo rio, chegava a desejar pilotos portuguezes; „porque eram os unicos conhecedores da costa, que continuamente navegavam".

Amerigo Vespucci, que (com Hojeda) acompanhára a primeira das tres expedições que correram para loeste a parte septentrional da nossa costa, e que depois visitou por duas vezes o littoral, desde o cabo de S. Roque para o sul, foi naturalmente o primeiro europeu que navegou por toda a extensão da fronteira maritima do actual imperio do Brazil, e foi tambem o primeiro que por si proprio se inteirou da grande extensão continental que hoje se chama America do Sul, e que sem injustiça se poderia chamar *America*, como os geographos, estranhos á Hespanha e á patria daquelle navegador, propozeram; pois que só ao continente austral se referia a indicação que em 1507, fez a esse respeito, animado pela grande voga que havia adquirido o nome de Amerigo Vespucci (em consequencia das muitas edições até então publicadas da tra-

---

[1]) Herrera, VI, 9, 6.

dução latina de uma carta sua ao seu antigo patrão Lorenzo de Pier Francesco dei Medici, a respeito da viagem em 1501—1502, em que lhe assegurava haver explorado um novo Continente), o allemão Martim Wadzeemüller (pseudonymo *Hylacomilus*), indicação logo adoptada por Watt (Vadianus), por Schöner, por Pedro Margalho[1], por Benewitz (Apianus) e outros geographos[2] do 16.º seculo.

O mesmo Amerigo Vespucci, de simples socio de uma casa de commercio que era, chegou, por sua habilidade e applicação, a cosmographo ou a engenheiro geographo, como hoje diriamos; e, no sentir do grande Colombo, que se mostra seu amigo, era homem honrado. Não vemos pois justas razões para nos conspirarmos tanto contra o nome que o uso adoptou, no intento de designar a vigorosa companheira da bella Europa, da Asia opulenta, e da adusta Africa. Os que se rebellam, clamando contra a injustiça deste nome, e accusando a memória do homem intelligente e activo, que prestou importantes serviços á civilisação, commettem nesse mesmo acto de rebeldia outra injustiça; e quando querem que os contemporaneos conquistem o nome de *Colombia* para a quarta parte da terra, propôem, não diremos com alguns que uma utopia, mas quem sabe se uma nova injustiça. O nome dado áquellas terras pelo ousado Genovez foi o de *Indias*, ao qual Castella acrescentou depois a qualificação de *occidentaes*. E a designação de Indias Occidentaes nos perpetuaria melhor a obra de Colombo, e o seu genio perseverante n'uma grande idéa, e lembraria continuamente á humanidade como deve ella respeitar o engenho, ainda em seus grandes erros; por quanto destes se póde tanto chegar á verdade, como ao conhecimento della se chega, nas sciencias exactas, partindo ás vezes de hypotheses gratuitas.

O célebre chronista da Asia João de Barros ideou, segundo entendemos, ainda no meiado do seculo XVI, applicar por

---

1) *Phisices Compendium;* Salamantice; 1520. „Prima est Asia secunda Africa et tertia Europa.... addenda tamen veteribus incognita America a Vesputio inuenta que occidentem versus", etc.

2) Veja-se o nosso trabalho „*Jo. Schöner e P. Benewitz (Apianus)*" *etc.* Vienna 1872; e *Rev. do Inst.* Tom. XXXV. P. 2ª. p. 171 e segs.

ampliação a todo o continente o nome „Santa Cruz“, que pretendia essencialmente fazer prevalecer para o Brazil. A denominação de *America* acha-se hoje, quasi com exclusão, absorvida pelos Estados-Unidos do norte, nem que a seu lado se eliminassem todas as outras nações d'aquem do Atlantico, maximè as que constituimos verdadeiramente, na parte austral, outro continente da terra, para o qual ja havia no seculo XVI quem mais apropriadamente propunha a denominação de *Antartica*, idéa que foi realisada com pequena alteração ao nomear-se a Australia. E talvez dia virá em que algum geographo de autoridade, reconhecendo que a actualmente chamada quarta parte da terra, se compõe de dois continentes distinctos, mais marcados que o é da Africa a Asia, ou desta a Europa, se resolva a propôr que a Australia seja o sexto continente, passando ao quinto ou quarto logar a nossa *Antartica;* já com este nome ou com o de *Atlantica* ou algum outro.

As designações de *Mundo-Novo* e de *Novo-Orbe* e até de *Novo-Continente* caem em desuso, por sua propria inexactidão; mas não deixaremos de empregal-as nesta historia.

O governo sollicitára de Roma o reconhecimento dos seus direitos e do tratado de Tordesilhas; o que teve logar pela bulla de Julio II, de 24 de janeiro[1] de 1506. O rei não se dignou acrescentar, aos titulos de seu dictado, algum novo pelo paiz de maior extensão e melhor clima que o de Guiné, donde se gloriava de se chamar senhor: mas hoje possuimos dados que nos comprovam como, durante o seu reinado, algumas providencias tomou para fazer colonisar o Brazil. Sabemos, que em 1516 ordenou, por um alvará, ao feitor e officiaes da Casa da India que dessem „machados e enchadas e toda a mais ferramenta ás pessoas que fossem a povoar o Brazil“; e que, por outro alvará, ordenou ao mesmo feitor e officiaes que „procurassem e elegessem um homem prático e capaz de ir ao Brazil dar principio a um engenho de assucar; e que se lhe desse sua ajuda de custo, e tambem todo o cobre e ferro e mais cousas necessarias“ para a fabrico do dito engenho.[2]

---

[1]) Kal. Feb. — Prov. da Hist. Gen. II, n. 22, pag. 106 e 107.
[2]) O primeiro destes alvarás se achava registado no *Livro das Reportações da Casa da India*, a f. 25, e o 2º. a fol. 42; segundo consta

Segundo as bullas de que anteriormente fizemos menção, as terras do Brazil foram a princípio consideradas da ordem de Christo, e por conseguinte espiritualmente declaradas sujeitas ao vigario de Thomar, que, como delegado do Papa, tinha jurisdicção episcopal em todas as igrejas *nullius diocesis* da ordem de Christo. Por uma bulla de Leão X, de 7 de junho de 1514[1], foi concedido a elrei D. Manuel o direito do padroado e apresentação das igrejas e beneficios nas terras ao sul do Cabo de Bojador; e continuaria o espiritual sujeito á mesma ordem de Christo, se por outra bulla, de 12 de junho do mesmo anno[2], não houvesse sido criado, para as ditas terras, o bispado do Funchal, reduzindo-se a cathedral a collegiada que havia nesta cidade. Assim o bispado do Funchal foi o primeiro, a que, depois da vigairaria de Thomar, se consideraram espiritualmente sujeitos os primeiros colonos e indios christãos do Brazil.

A notícia de como o Brazil podia ir entestar em grande extensão com dominios que deviam ser de Castella, produziu entretanto neste último reino, e com toda a razão, ciumes e cuidados. Foi por isso mandado a Lisboa o cosmographo Juan de la Cosa, de quem acima fizemos lembrança. A algumas providencias tomadas talvez em Lisboa por Cosa nesta missão, e á falta de premios e de novos incentivos a Amerigo, da parte de Portugal, ha que attribuir o seu regresso para Castella; o que foi nocivo tanto ao mesmo Portugal, como ao progresso da civilisação do Brazil. Provavelmente levou comsigo as cartas geographicas que havia levantado; e naturalisado em Hespanha, e ahi promovido a um cargo de importancia, devia, como homem de bem que era, cuidar de servir com lealdade a nação que assim a acolhia, e nelle tanto confiava. Portugal perdeu um servidor activo, de muito prestimo e de grandes espiritos, cuja presença houvera de certo contribuido a auxiliar a memória

---

de uma certidão, passada a 26 de out. de 1757, pelo competente provedor Bernardo de Almada Castro e Noronha, e escrivão Caetano Cordeiro Fialho, a qual temos presente, em publica fórma de 17. de nov. do mesmo anno.

[1]) *Dum fidei constantiam*, etc. Pr. II, n. 42, p. 217.

[2]) *Pro excellente proeminenti*, Pr. II. n. 56 p. 259.

dos estadistas que influiam no governo, afim de não deixarem em abandono, como quasi deixaram, um paiz tão rico, e cujas scenas grandiosas não se apagam jamais da retentiva do mortal, cujos olhos viram uma só vez tantas maravilhas da criação.

Entrando Vespucci de novo ao serviço de Castella, figura-se-nos como mais que provavel, em presenca de certos indicios e induções, por nós em outra occasião[1] offerecidas, que inda fizesse mais duas viagens, ambas para as bandas do golfo de Urabá. O que não ha dúvida é que o governo portuguez, com a idéa de atrahir a si mais pilotos, e por ventura outra vez o proprio Vespucci, despachou para a Andalusia a Alonso Alvares, o qual chegou a entrar em tratos com o piloto Juan Barbero, adiantando-lhe até vinte ducados. Porém sendo taes planos descobertos, o dito Alonso Alvares foi preso, e o rei D. Fernando resolveu que um Alonso de la Puente passasse logo a Portugal, a representar contra similhantes tentativas de sedução[2].

Porêm a Hespanha, ou para melhor dizer Castella, mal podia bastar com gente e actividade para tantas terras que se povoavam ao norte da equinocial, e não era possivel que sem algum grande impulso divergisse a sua attenção para este outro lado.

Fallecendo porêm Americo Vespucci em 1512, succedeu-lhe no posto de piloto mór o mencionado João Dias de Solis. Este nauta tratou de dar impulso a uma nova expedição, para seguir pelo caminho do occidente até Malaca, isto é para effectuar a circumnavegação proposta por Colombo e lembrada de novo, como vimos, em 1503. Pensava Solis partir em abril de 1513, porêm não conseguiu effectuar a viagem antes de 1515.

Avistou Solis a costa do Brazil nos cabos de S. Roque e Santo Agostinho; e logo foi em busca do Cabo Frio, e pelo Rio de Janeiro e Cananea (conforme fizera a frotilha de 1501, da qual julgamos fizera elle parte), seguiu para o rio da Prata, que subiu até uma ilha na latitude de trinta e quatro gráus e dois terços; donde, passando ao Continente, e fiando-se nos Indios, foi por estes morto á traição.

---

[1]) *Nouvelles Recherches sur Amerigo Vespucci,* etc. Vienna 1869.
[2]) Herrera, Dec. I, 7ª, 13.

Os que com elle iam deliberaram logo regressar para a Europa, fazendo escala pelo cabo de Santo Agostinho, afim de levarem dahi á Hespanha alguma carga de páu-brazil. Chegados a Pernambuco, e encontrando ahi uma feitoria com onze Portuguezes, os prenderam a todos, e os levaram comsigo. Queixou-se a côrte portugueza, reclamando o castigo da gente dos navios que haviam acompanhado a Solis; e vieram por fim ambos os governos ao ajuste de serem entregues os ditos onze Portuguezes, em cambio de uns sete Castelhanos, que estavam presos em Portugal, encontrados na bahia dos Innocentes, ao norte da Cananéa [1].

Donde proveiu porém o ter-se chamado *da Prata* o grande rió [2], em cujas margens o metal argentino não se tem encontrado? — A origem não foi outra senão a de haver sido por este lado que primeiro chegaram aos Europeos as notícias mais averiguadas das riquezas do Perú, acompanhadas de amostras de prata, da mesma forma que á foz do Amazonas [3] chegariam com algumas mostras de ouro, para dar origem á fabula do El Dorado. Nem fôra verosimil que, com as aguas navegaveis que baixavam, desde tempos immemoriaes, dos ricos estados do Inca á foz desses dois grandes rios, não tivessem chegado de mão em mão alguns instrumentos dos dois metaes que la abundavam. — Que vieram ao rio da Prata sabemos com toda a evidencia, pelas narrações contemporaneas; e ja, desde 1506, segundo se deduz da relação ou gazeta antes mencionada, o capitão mor Gonçalo Coelho devia ter mostrado em Portugal um machado de prata, dahi trazido. Consta-nos tambem mui positivamente que cinco Europeos vindos com Solis, informados pelos Indios das riquezas existentes nas serras onde havia um „rei branco, que trazia bons vestidos como nós outros" se resolveram a ir la. E emprehendendo a viagem, chegaram até uns „Indios comarcãos á serra que traziam na

---

[1]) Herrera, II. 2, 8. Sem dúvida o porto de Ignape.
[2]) O rio era chamado pelos naturaes guaranis Paranáguaçú.
[3]) Já em 1500 diziam ahi os Indios aos de Pinzon como para as bandas do sertão havia muito ouro. (Pedro Martyr, Dec. I, liv. 9.)

cabeça corôas de prata e umas pranchas de ouro dependuradas do pescoço e orelhas, e cingidos por cintas." — Mandaram disto aviso por doze Indios a varios companheiros, que os não haviam querido seguir; e voltavam carregados de metal, quando, achando-se já n'um dos afluentes do Paraguay, talvez no Pilcomayo, foram acomettidos, roubados e mortos pelos Indios. Entre os que não tinham querido acompanhar os cinco aventureiros, mencionaremos a Henrique Montes e a Melchior Ramirez, que vieram estabelecer-se junto da ilha de Santa Catharina. Mais tres colonos deste tempo viviam ainda annos depois. Francisco del Puerto, que veremos servir de lingua aos navegadores do dito rio da Prata; Francisco de Chaves que se estabeleceu na Cananea; e Aleixo Garcia, que segundo a tradição, aprisionado joven, veiu a prestar importantes serviços na colonisação do Paraguay.

Anteriormente, em 1513, fôra ter á ilha de Porto Rico um navio de Portuguezes, que haviam desamparado a paragem da nossa costa, onde se achavam, em consequencia de um levante dos Indios, dirigidos por um Pero Gallego[1]. O tal navio se encontrava sem leme, comido do gusano, e quasi impossibilitado de navegar. Em Porto Rico tomaram o mesmo navio, e mandaram a tripolação para a ilha de S. Domingos, donde foram remettidos a Castella.

Não nos fôra hoje possivel dar notícia de todos os navios que naquelles tempos, para a nossa historia primitivos, aportavam nesta costa, ás vezes só para buscar abrigo do temporal, ou para refrescar, ou para descançar de longas fadigas; e que por conseguinte na terra não deixavam rasto algum de interesse na historia da civilisação do paiz. — Neste número devemos contar em 1519 o navio do castelhano D. Luiz de Gusman[2], que em vez de seguir de conserva para a India, com Jorge de Albuquerque, veiu desertor e pirata ter aos nossos mares;

---

[1]) Por ventura o hespanhol que no norte do Brazil se fizera botucudo.

[2]) Quintella, Annaes da Marinha, I, 332; Custanheda Liv. V. cap. 15 e segs. As ordens de prisão contra D. Luiz (12 de Janeiro de 1520) se podem ver na Torre do Tombo, Corp. Chr., I, 25, 100 e 101; e tambem Ib. III, 7.º...

mas nem sabemos (e quasi preferimos não sabel-o) em que porto meridional buscou abrigo, para refazer-se de leme, deixando nelle cincoenta e tres da tripulação sacrificados pelos Indios. Façamos porêm excepção em favor da pequena frota do primeiro circumnavegador Fernão de Magalhães. Em vão quiz elle mudar para bahia de Santa Luzia o nome do golfo, em que aportou no dia do orago daquella santa, e ao qual os primeiros navegantes chamaram tão impropriamente *rio* de Janeiro. Deixemol-o passar adiante sem detença; que o resoluto nauta portuense tem reservadas para si paginas mais brilhantes na historia das navegações em torno do globo, que elle emprehendeu levar avante, a preço da propria vida e do labéo (miseravelmente mal cabido, quando se trata de tão grande homem e de tão grande feito) de traidor a um rei e a um paiz que o não ajudavam, e que a applicar-se a Magalhães por parte de Portugal, poderia nada menos que ser tambem por Genova applicado ao grande Colombo. A navegação de Magalhães, com respeito á historia do Brazil, só interessa pelo facto da conquista das Molucas, que fez descubrir as primeiras dúvidas na intelligencia dos pontos questionaveis do tratado de Tordesilhas, pontos que a historia hoje elucida; mas que em direito nunca se aclararam, apezar dos muitos gastos e esforços ostensivos feitos pelas duas coroas, como veremos.

Por parte de Portugal, ja alguns pedidos para que se fixasse a linha divisoria se haviam feito em 1512, em Logroño, sendo embaixador João Mendes de Vasconcelos[1]. Entretanto foi-se isso adiando, até que a chegada dos navios castelhanos ás Molucas, pelo occidente, trouxe a questão de a quem tocava a legitima posse dellas. — E' claro que passando a armilla ou meridiano da demarcação um pouco ao poente do Pará, devia cortar outra vez a equinocial d'ahi a cento e oitenta gráus, e deixar no hemispherio gentilico-portuguez, digamos assim, não só as Molucas, como as Filippinas, e proximamente metade do continente, depois descoberto, a que se deu o nome de Nova-Hollanda. Entretanto o caso não era tão facil de

[1]) Off. de João Mendes de Vasconcellos de 7 de set. desse anno.

decidir como hoje, naquelles tempos em que as longitudes estavam ainda determinadas com pouca exactidão. Para tratar de resolver este ponto, foram nomeados, por parte das duas corôas de Portugal e de Castella, commissarios arbitros: — lettrados, cosmographos e astronomos. Porêm havendo-se reunido na fronteira junto ao Caya, entre Elvas e Badajoz, nada concordaram; começando a dúvida sôbre qual devia ser a paragem no archipelago de Cabo-Verde, a que se havia de considerar referente a lettra do ajustado em Tordesilhas: — os Castelhanos, com a idéa de favorecer a causa das Molucas, pretendiam que fosse o extremo da ilha mais occidental ou de Santo-Antão; e os Portuguezes, esquecendo-se de quanto esta versão, que era a unica logica, os favorecia com mais terras no Brazil, afim de que as ilhas Molucas, por essa pequena differença de longitude, não se lhes escapassem, repelliram-a com tanta energia, como nos seculos seguintes a sustentaram. Finalmente, depois de muitas discussões sem nada se decidir, vendo-se Castella em apuros por dinheiro, resolveu, por contrato assignado em Saragoça, em 22 de abril de 1529, ceder a Portugal, mediante a somma de trezentos e cincoenta mil ducados, os direitos que podesse ter ás Molucas, obrigandose a restituil-a, a todo o tempo que se provasse que estas ilhas não estavam dentro da sua demarcação, mas sim da de Portugal. Em 1531 repetiu de novo em Castella infructuosamente, por parte de Portugal, as instancias para que se decidisse quem havia descoberto o Rio da Prata, se D. Nuno Manuel, se o dito Solis, o embaixador Alvaro Mendes de Vasconcellos[1].

---

[1]) Off. deste embaixador, de 18 de nov. e 14 de dez. do dito anno de 1531, ambos hoje impressos.

SECÇÃO VII.

(III. da I. edição.)

ATTENDE-SE MAIS AO BRAZIL. PENSAMENTO DE COLONISAL-O EM MAIOR ESCALA.

Os Portuguezes na Asia. Os Francezes no Brazil. Recursos do foro e da diplomacia. Ango. Roger. Jaques. Igaraçú e Pernambuco. Diego Garcia e Cabot. D. Rodrigo de Acuña. Porto de D. Rodrigo. Baixos de D. Rodrigo. Suas peregrinaçôes. D. Rodrigo em Pernambuco. Christovam Jaques e os Francezes. Antonio Ribeiro. Idéa de colonisaçâo. Diogo de Gouvea. Meritos de Gouvea. Resolve-se a colonisaçâo do Brazil. Henrique Montes. Martim Affonso de Souza. Poderes que trazia. Pero Lopes de Souza. Reclamaçôes de França. Negociaçôes diplomaticas importantes.

Vimos na secção precedente como já no reinado de D. Manuel, e pelo menos desde 1516, haviam sido dadas algumas providencias em favor da colonisação e cultura do Brazil. Sabemos, além disso, que depois o mesmo rei, ou pelo menos o seu successor apenas começou a reinar, creou no Brazil algumas pequenas capitanias; e que de uma dellas foi capitão um Pero Capico, o qual chegou a juntar algum cabedal. Igualmente sabemos que os productos, que iam então do Brazil ao reino, pagavam de direitos, na casa da India, o quarto e vintena dos respectivos valores, e que, no número desses productos entravam não só alguns escravos, como, em 1526, algum assucar „de Pernambuco e Tamaracá".

Decorriam porém os annos, e o Brazil seguia com o seu immenso littoral á mercê de qualquer navio que o procurava. — Não ha porque fazer censuras. Os reforços e os capitaes empregados na Asia produziam maior e mais immediato interesse, nessa epocha de crise commercial, em que se effectuava em favor da Europa um grande saque das riquezas empatados no Oriente. Além de quê, ainda sem considerar a questão sob miras economicas, é certo que Portugal, forçando os Turcos a levar a guerra á Asia, aliviou por algum tempo a Europa do seu pezo ameaçador, e sustentando o commercio da especiaria por mar, consummou o pensamento de Lull de empobrecer

bastante o Egypto. Ora, não fôra possivel durante essa luta distrahir muitos navios e fôrças para outro continente. Os adustos campos das então recentes glorias portuguezas, — a propria Africa, onde filhos de reis iam armar-se cavalleiros, começou a ser descuidada. E ainda supondo que ja então tivesse occorrido a idéa que depois (nesse mesmo seculo) occorreu, de que no Brazil poderia vir a organisar-se um grande Imperio, a metropole aguardava acaso para isso melhor occasião. A glória que Portugal adquiriu na Asia custou-lhe entretanto a perda de muita da sua população, e o perverter em parte a indole dos seus habitantes, com tantas piratarias e crueldades. Em virtude dellas, o tem coberto de baldões, como se as crueldades e as piratarias não tivessem em todos os tempos sido apanagio das conquistas. Esses heroes da antiguidade que em geral só comtemplamos pelo aspecto maravilhoso, tambem practicaram muitas crueldades e muitas injustiças; porêm como aos panegyristas, que nos transmittiram seus feitos, não faltou manhoso artificio para nol-o contarem a seu modo, occultando tudo quanto lhes não servia ao panegyrico, e nem todos os que leem são pensadores, succede que muitos, inconsequentemente, louvam o admiram na historia como heroicidades feitos identicos aos que em outra epocha, ou em outro paiz, condemnam como miserias e pequenhezas desta ou daquella geração. Se de todas as conquistas dos Gregos e dos Romanos tivessemos historias escriptas pelos seus inimigos ou rivaes, talvez que não admirasse o mundo tantas proezas, nem tantos heroes.

Em quanto porêm Portugal se via a braços com grande número de inimigos no littoral e mares da Asia, onde, em 1521, a sua armada constava nada menos que de uns oitenta e tantos vasos[1], muitos armadores da Bretanha e Normandia, já avesados á navegação das costas de Guiné e da Malagueta, passavam não só a alguns excessos de pirataria com os galeões que vinham da India, como a traficar nas terras do Brazil; onde adquiriam quasi de graça generos, que nos mercados europeos

[1]) Documento da T. do Tombo.

obtinham grandes valores, e os quaes lhes deviam produzir maiores vantagens do que aos contratadores portuguezes; por isso mesmo que não tinham, como estes, de indemnisar a coroa pela faculdade de commerciarem. — Debalde havia Portugal prohibido com duras penas aos seus „mestres de cartas de marear" o fazerem pomas ou espheras terrestres, e o marcarem nos mappas as terras ao sul do rio de Manicongo e das ilhas de S. Thomé e Principe [1]. Debalde prohibia que acceitassem seus pilotos e marinheiros [2] o serviço de mar de outras nações, pensando talvez com isso obstar á propagação dos conhecimentos nauticos pela Europa. Os ousados navegadores de Honfleur e de Dieppe frequentavam cada dia mais os portos do Brazil. As guerras da França não faziam diminuir o ardor e a actividade dos seus homens do mar, estimulados por tantos lucros. Em 1516 haviam chegado a Portugal taes noticias de suas navegações ao Brazil, que elrei D. Manuel mandava por seus agentes representar contra ellas á corte de França [3]. E digamos desde já que tão poderosos se tinham feito alguns armadores, que nem o mesmo governo francez podia sujeital-os, e que Portugal, depois de haver exhaurido na França, perante os tribunaes, os parlamentos e a propria corôa, todos os recursos do foro e da diplomacia, se viu obrigado a transigir e a negociar com os mais notaveis corsarios, que eram João Affonso e o célebre João Ango, ao depois visconde de Dieppe [4]. Todos estes acontecimentos merecem uma historia especial que não duvidamos se escreverá algum dia; pois sobram para ella os documentos, dos quaes somente aproveitaremos agora o que mais de perto nos interesse. Sabemos que, já em vida de elrei D. Manuel, fôra o seu subdito Jacome Monteiro nomeado embaixador junto a Francisco I, com instrucções para representar ácerca das tomadias e das invasões nas suas conquistas, effectuadas umas e outras por Francezes. A Monteiro sucedeu

---

[1]) Alv. de 13 de Nov. de 1504 na Torre do Tombo.
[2]) Ordenaçôes Manuelinas, Liv. V, tit. 98, §. 2. Vej. tambem o tit. 88, §. 11.
[3]) C. de P. Correa de Bruxellas em 5 de Fev. 1517, na Torre do Tombo Corp. Chron. I, 21, 24.
[4]) Ferdinand Denis, „Génie de la Navigation", pag. 113 a 115.

João da Silveira mandado por D. João III, apenas subiu ao throno, com especial recommendação para que ponderasse quão triste era que se estivessem hostilisando no mar os subditos de dois reis e de duas nações que se diziam amigos. Apezar das reclamações que faziam, como levamos dito, os agentes portuguezes, emprehendêra Hugues Roger com felicidade em 1521 uma viagem á nossa costa, e havia notícia de que se preparavam outros navios. Por fim, em 11 de fevereiro de 1526, escrevia o embaixador João de Silveira, como em França se armavam dez navios para virem apoderar-se das embarcações que encontrassem.

Tal aviso, a nosso ver, decidiu Portugal a mandar ao Brazil de guarda-costa, neste mesmo anno, uma esquadrilha composta de uma náo e cinco caravelas, a qual findo certo prazo devia ser rendida por outra. Vinha por capitão mór Christovam Jaques, e trazia de chefes subalternos Diogo Leite, com seu irmão Gonçalo Leite, e Gaspar Correa. O mesmo Jaques era portador de um alvará, passado em Almeirim por Jorge Rodrigues, a 5 de julho de 1526, autorisando a Pero Capico a retirar-se. Esse alvará era concebido nos seguintes termos: „Eu Elrei Faço saber a vós Christovam Jaques, que ora envio por Governador ás partes do Brazil, que Pero Capico, Capitam de *uma das capitanias*[1] do dito Brazil, me enviou dizer que lhe era acabado o tempo da sua capitania, e que queria vir para este Reyno, e trazer comsigo todas as peças de escravos e mais fazendas que tivesse, Hey por bem e me praz que, na primeira caravella ou navio que vier das ditas partes, o deixeis vir, com todas as suas peças de escravos e maiz fazendas; com tanto que virão direitamente á casa da India, para nella pagarem os direitos de quarto e vintena, e mais que a isso forem obrigados, na fórma que costumam pagar todas as fazendas que vem das sobreditas partes“ [2].

Jaques alcançou a costa do Brazil no fim do dito anno; e fundeando no canal que separa do continente a ilha de Itama-

---

¹) Prova que havia mais de uma.

²) *Liv. das Reformações* da Casa da India, fol. 25: Publica fórma de uma certidão em 23 de Janeiro de 1755.

racá, deu ali principio a uma casa de feitoria no sitio, que se chamou „dos Marcos", em virtude dos que ahi depois se colocaram para termos de demarcação, no proprio continente, quasi em frente da entrada do sul do mesmo canal, e da antiga villa da Conceição, situada a cavalleiro, na propria ilha. Esta feitoria, ou outra a par desta, passou ao que parece a ser estabelecida pelo mesmo Jaques no porto de Pernambuco ou antes *Paranámbuko*, nome que significa furo[1] do mar, segundo alguns; mas que parece antes dever derivar-se de duas palavras equivalentes a „mar largo"; visto haver no littoral mais algum *Paranambuco*, sem nenhum furo ou ria.

Deixando fundada essa feitoria, passou Jaques a correr a a costa até o Rio da Prata, onde pouco tempo se demorou, regressando outra vez para o norte, a cometter feitos que não tardaremos em commemorar. Primeiro nos cumpre dizer como por este mesmo tempo estacionavam ou navegavam nas aguas do nosso littoral, duas frotas, ambas de Castella. De uma, que constava de tres náos, era chefe Diego Garcia. Mandava a outra, com igual número de navios redondos e mais uma caravela, Sebastião Cabot, filho do navegador de igual apellido, que descobrira por Inglaterra as costas do Norte deste grande continente. Estas duas frotas haviam deixado a Europa um pouce antes que Jaques. Diego Garcia, que partira primeiro, aportou em S. Vicente; e tantos mezes ahi se demorou que parecia esquecer-se do seu destino, que era subir o Rio da Prata. Por meio da relação que de sua viagem nos transmittiu, não se nos recommenda como homem verdadeiro, nem polido, nem superior á mesquinha inveja, e deve ler-se com precaução. Cabot era mandado ás Molucas por este lado, reforçando outra armada maior que havia partido um anno antes, e da qual em breve daremos notícia. Aportou Cabot em Pernambuco, onde já encontrou a feitoria portugueza, e seguindo a navegação para o sul, só avistou de novo terra nas alturas da ilha, a que então poz o nome de Santa Catharina. Ahi fundeou Cabot, e logo de um porto visinho da parte do sul vieram visital-o mui-

---

[1]) *Pará-ná*, — rio tantas vezes, ou mar, e *bog* furo; ou antes *pucú*, largo, transformado em *mbuku* para a composiçâo, segundo Montoya, Arte, cap. 22.

tos Castelhanos, dos quaes uns ali viviam desde muitos annos[1], e outros desde mui pouco tempo, não havendo querido seguir a D. Rodrigo, de quem passaremos a tratar.

Era D. Rodrigo de Acuña o commandante da náo S. Gabriel pertencente a uma armada[2] que, ás ordens do commendador Fr. Garcia Jofre de Loaysa, partira, antes de Cabot e de Diego Garcia, com direcção ás Molucas, seguindo derrota pelo occidente. Essa armada, largando da Corunha em 24 de julho de 1525, avistára em principios de dezembro a costa do Brazil, ao sul do cabo de S. Thomé, e fôra, pela maior parte, desbaratar-se junto ao Estreito de Magalhães. Não é de nosso proposito contar esse desbarato, ao qual pouco depois seguiu-se a morte de Loyasa e do seu immediato Del Cano; e contentemo-nos de saber que D. Rodrigo achou refugio em um porto, ao sul da ilha de Santa Catharina, e encontrou varios companheiros de Solis, que bastecendo-o de agua, lenha e mantimentos, deram da terra taes informes que muitos da tripolação, alborotando-se, se determinaram a ficar nella, em vez de expôrem-se a novos perigos de mar. As exhortações de D. Rodrigo apenas poderam atrahir-lhe alguns poucos dos alborotadores.

Daqui proveiu a este porto o nome de *Porto de D. Rodrigo*, com que por muito tempo foi conhecido nos mappas e roteiros. Acaso seria o mesmo a que Solis, dez annos antes, chamára Bahia dos Perdidos, talvez em virtude dos mencionados seus companheiros que ahi lhe fugiram ou se perderam; se é que esses individuos não houvessem effectivamente ficado por ahi, voluntariamente ou desgarrados, já desde alguns annos antes.

Com trinta e dois homens menos de tripolação, fez-se por fim D. Rodrigo de vela para o Rio de Janeiro. Neste porto convocou a sua gente a conselho: e nelle foi resolvido que a náo em vez de seguir para as Molucas, voltasse á Hespa-

---

[1]) Talvez em virtude de algum naufragio, na ponta da barra do sul, que ainda hoje se chama dos „*Naufragados*".

[2]) Vej. Herrera, Dec. III; 7. °; 5, 6 e 7. — Vej. tambem Gav. 2, 10, 20, a C. de Antonio Ribeiro, de 28 de Fev. 1525, da Corunha, e a relação da Viagem de Fr. Garcia Jofre de Loaysa pelo capitão Andrés de Urdaneta na *Coll. de Doc. inéd.* de D. Luis Torres de Mendoza, Tom. 5°.

nha, com alguma carregação dc páo-brazil. Dirigiu pois D. Rodrigo o rumo para o norte e entrou na Bahia. — Ahi a tripolação se lhe diminuiu de nove homens, que, indo a terra, la ficaram devorados pelos selvagens, segundo se julgou.

Saindo da Bahia para o norte, pela muita agua que fazia a náo, tratou de arribar, e deu-se a casualidade de que, meiado outubro, fosse entrar justamente n'um porto proximo do rio de S. Francisco, no qual se achavam carregando de brazil duas náos e um galeão de França. Os capitães francezes ao principio offereceram protecção a D. Rodrigo, mandando-lhe até dois calafates; e quando, passados oito dias, se achava a náo hespanhola virada de crena, e impossibilitada de navegar, cairam na fraqueza de ir accommettel-a, intimando a D. Rodrigo que se rendesse. Vendo este que a resistencia era impossivel, metteu-se no batel, foi ter com os Francezes, e conseguiu delles tregoas, ficando de lhes dar vinho e azeite que diziam carecer. Em quanto porêm se negociavam estas tregoas, e os Francezes tendo o capitão castelhano em refens, se descuidavam da náo aggredida, ella conseguia, não só empinar-se e surgir boiante, como picar as amarras, e fazer-se de vela. Quando os Francezes despertaram do seu descuido, já a náo hespanhola ia barra fôra, sem o capitão, nem os marinheiros que o haviam acompanhado. Em vão D. Rodrigo lhes bradava e fazia signaes, em vão os seguia, em um batel á vela. A náo S. Gabriel já nem nas promessas do seu proprio capitão confiava, que a tanta desconfiança levam os desenganos das promessas não cumpridas.

Seguiu D. Rodrigo no batel todo aquelle dia e parte do immediato. Porêm...... baldados esforços! A náo tinha desaparecido no horisonte, e o seu legitimo commandante e fieis remeiros, exhaustos de forças, emproavam para terra e iam varar á costa, a umas dez leguas para o norte do porto donde haviam partido; — naturalmente na paragem que se ficou até hoje chamando os *Baixos de D. Rodrigo*, quasi defronte do rio Cururipe. Dahi se dirigiram por terra, bastante expostos aos selvagens, ao porto que acabavam de deixar.

Ja tinham delle partido as duas náos francezas, e só ficava o galeão. Neste se alojaram os tristes por mais de um mez;

mas acabando o mesmo galeão de carregar, fez-se de vela, desamparando os miseros em um batel, sem mantimento algum!

Não havia porêm soado a hora final aos pobres desamparados. Entregues á providencia, seguiram pelos mares durante vinte dias, nutrindo-se apenas de algum marisco e da pouca fruta que acertavam de colher pela costa, até que na ilha de S. Aleixo lhes deparou Deus porto, onde poderam refazer-se. Nessa ilha tiveram a fortuna de encontrar alguma farinha de trigo, uma pipa de bolacha molhada, um forno, e anzoes com que apanharam muito peixe. De Santo Aleixo passaram á feitoria de Pernambuco [1].

Christovam Jaques se negou a dar-lhes passagem para a Europa, primeiro em uma náo que enviava carregada de brazil, e na qual mui provavelmente se embarcou, com seus haveres Pero Capico, e depois n'uma caravela que igualmente mandou regressar ao reino. Pela primeira escreveu D. Rodrigo ao bispo d'Osma; porêm a carta, em vez de seguir ao seu destino, foi aprehendida; e ainda hoje se guarda no archivo publico em Portugal [2]. Dez mezes depois escreveu outras; uma das quaes para el rei D. João III; e estas chegaram a Lisboa, pela mencionada caravela, ao mando do capitão Gonçalo Leite. As que eram para Castella foram remettidas pelo embaixador em Lisboa [3] Lope Hurtado. Os da náo S. Gabriel, depois de eleger por capitão ao piloto Juan de Pilola, não podendo montar o Cabo de Santo Agostinho, retrocederam á Bahia, para querenar; porêm, inquietados ahi por outra náo franceza, passaram ao Cabo-Frio, e deste a um porto mais ao sul, do qual se fizeram a final de vela para a Europa, chegando a Bayona de Galiza aos 28 de maio de 1527. [4]

Quando a náo hespanhola S. Gabriel, ao querenar, sofria

---

[1]) Em 30 de Abril de 1528 diz D. Rodrigo que havia 18 mezes que ali estava, e em 15 de Junho de 1527 diz que havia 7 mezes.

[2]) G. 18, 5, 20; Navarr., V. 238; Varn. Prim. Neg. Diplomaticas, p. 128.

[3]) Off. do dito Embaixador (em Simancas) M. 368, fol. 5. — Torre do Tombo, P. 1, 39, 133 e G. 15, 10, 30.

[4]) Nav. V. 173 e 233: quanto ao dito porto ao sul de Cabo-Frio, ao qual na relação se chama *Rio do Extremo*, pode suppor-se que fóra a Angra dos Reis ou a Bahia de Guaratiba, em vista do logar que lhe assigna a carta de Diogo Ribeiro (1529).

as bombardadas dos tres navios francezes, navegava pelos mares brazilicos, por aquella altura, a armada de Sebastião Cabot, que deixára Pernambuco no mez anterior. — E ai! dos aleivosos — se nessa occasião se aproximára da costa a esquadra hespanhola! — Porêm Cabot seguia de largo, e só foi de novo avistar terra na ilha de Santa Catharina, como antes dissemos.

As informações que a Cabot deram os Castelhanos, que nesta ilha encontrou, das riquezas do Rio da Prata, o induziram, a pretexto de não poder emprehender maior viagem por se haver perdido a capitana, a subir pelo mesmo Rio da Prata, em vez de proseguir para as Molucas.

Deixando porêm os mais successos desta armada, bem como os outros da sua contemporanea castelhana ao mando de Diego Garcia, e que não pertencem á nossa historia, sigamos a Christovam Jaques em seus feitos. Vimos como, julgando que lhe bastava ter comsigo as cinco caravellas latinas, mandára para o reino a náo, com carga de brazil. Logo depois, andando a correr a costa, com quatro das ditas caravelas, travou peleja com tres navios de mercadores bretões, dois delles de cento e quarenta toneladas. Combateu um dia inteiro, e, saindo vencedor, levou para Pernambuco os prisioneiros em número de trezentos. Segundo nos consta por tradição este combate teve logar n'um reconcavo, pelo rio Paraguassú acima, junto á ilha ainda chamada dos Franceses. Sabendo porém positivamente, por outro lado, que as hostilidades começaram de parte dos navios francezes contra uma das caravellas, pelos tempos contrarios esgarrada das outras, que depois acudiram, só teria o combate logar nessa paragem, se acaso a ella se foram refugiar os mesmos navios, depois de começadas as hostilidades. As queixas do atribulado D. Rodrigo de Acuna, os informes de Gonçalo Leite, que se nos denuncia como pouco affeiçoado ao chefe, e uma carta de Diogo Leite, em que parece censurar quanto no Brazil se fazia, decidiriam o governo em apressar-se a dar por acabada a commissão de Jaques. Para lhe succeder foi escolhido Antonio Ribeiro. E Jaques recolheu ao Reino, com os trezentos prisioneiros estrangeiros que tinha

comsigo na feitoria. Neste número entrou talvez Acuña, em favor de quem se empenharia o mencionado embaixador hespanhol Lope Hurtado.

Quanto a Ribeiro, nenhuma notícia encontramos dos seus feitos em nossos mares. Naturalmente abandonou pouco depois a costa com a esquadrilha, chamada talvez a outro serviço. O certo é que, ficando a feitoria desprotegida, caiu sôbre ella um galeão de França, que a saqueou, conseguindo apenas o feitor Diogo Dias escapar-se em uma caravella, que ali então passava com destino para Sofala.

Christovam Jaques, que havia tido occasião de estudar o paiz e de avaliar a sua riqueza, e que conhecia o estado florecente a que ja nesse tempo tinham chegado as colonias portuguezas da Madeira, dos Açôres e de S. Thomé, onde possuiam importantes solares varios senhores donatarios, cujos avós apenas eram conhecidos, propoz-se a ser tambem donatario no Brazil, offerecendo-se a levar comsigo mil colonos.

Achava-se então em Lisboa Diogo de Gouvêa, um dos Portuguezes mais illustrados daquelles tempos, estabelecido em Pariz, onde dirigia o collegio de Santa Bárbara, do qual sairam para o mundo litterario não poucos alumnos, que lhe deram glória. Gouvêa, que desde 1513 prestava em França nos negocios das tomadias valiosos serviços, empenhou-se com el rei D. João III para que levasse avante os intentos de Christovam Jaques. Parece porêm que ainda então não estava a côrte resolvida a seguir o seu parecer, como depois seguiu, apenas o tempo começou a deixar que se começassem a realisar as previsões do profundo pensador, por ventura antes tratado, como succede ordinariamente, de sonhador e de utopista, pelos que não pensam, ou pelos que não chegam a lobrigar o que elle vê ás claras. Digamos desde ja que o de que tratamos é o mesmo doutor (ou mestre) Diogo de Gouvêa, que depois (1537), foi eleito regente da Universidade de Bordeos, e nesta lente de theologia, em quanto, não passou a Coimbra com muitos outros professores que foi encarregado de ajustar[1].

[1]) Barboza e Mariz enganam-se attribuindo alguns de seus actos a André de Gouvea. Diogo falleceu, com mais de 90 annos, de cónego em Lisboa, em 1557.

Antes de proseguir, cumpre-nos dizer que os interessados[1] nos tres navios aprezados por Christovam Jaques, requereram a Francisco I, por intermedio do conde de Laval, governador da Bretanha, cartas de marca para se indemnisarem de suas perdas, que orçavam em sessenta mil cruzados. Mandou Francisco I a Portugal para agenciar essas indemnisações o rei d'armas Helice Alesge de Angouleme. Chegou este a Lisboa em janeiro de 1529; deu conta da missão, porêm, não sendo despachado durante mais de dois mezes, regressou a França; e poucos dias depois assignava Francisco I uma carta patente de corso, em favor do célebre Ango, contra Portugal. Vendo-se porêm mui necessitado de dinheiro, inclusivamente para pagar o resgate de seus filhos ao vencedor Carlos V, mandou o mestre Pedro de la Garde de embaixador a D. João III, offerecendo-se a caçar as cartas de corso, e pedindo lhe trezentos mil cruzados emprestados. Respondeu o monarcha portuguez (com muitas desculpas e incumbindo de encarecel-as em França o seu embaixador João da Silveira) que por obsequial-o lhe emprestaria cem mil cruzados em dinheiro; e que o mais, que passava e muito de trezentos mil cruzados, lhe cedia tambem de emprestimo, se elle quizesse fazer justiça, obrigando muitos dos seus vassallos a restituir as tomadias illegitimamente feitas. João da Silveira era autorisado, inclusivamente, a agenciar estes negocios concedendo aos individuos que assentasse „algum proveito secreto“ [2]. A este mesmo intento foram de embaixada os dezembargadores Lourenço Garcez e Gaspar Vaz.

Entretanto reconhecêra-se que eram insufficientes as pequenas capitanias, antes fundadas no Brazil, e que as simples armadas de guarda-costa, além de muito dispendiosas, não promettiam toda segurança, sem uma forte colonia n'algum porto visinho, a que ellas se podessem recolher para refazer-se, não só de mantimentos, como de gente, em caso de neces-

[1]) Ivon Cretrugar; Jean Bureau, Jean Jamet, e Guerret Mathurin Tournemouche.

[2]) C. R. a João da Silveira de 16 de jan. de 1530; e sup. no Arm. 26, m. 2.°, n.° 31.

sidade. Ao mesmo tempo a colonia, desenvolvendo-se e crescendo, poderia com seus proprios recursos sustentar tal armada, sem sobrecarregar o thesouro da mãe patria.

A idéa de fundar pois no Brazil uma colonia vigorosa começava a triunfar, quando se recebia em Lisboa uma carta escripta[1] de Sevilha por um Dr. Simão Affonso, dizendo como acabando Sebastião Cabot de chegar mui derrotado do rio Paraná, o haviam mandado ali prender, e de como pensava elle doutor que Hespanha não tentaria para aquellas bandas novas emprezas.

O plano vago da fundação de uma povoação forte no aquemmar se fixou então justamente sôbre essa paragem de clima temperado, e de tantas apregoadas riquezas, que os Castelhanos escarmentados iam por ventura desamparar de todo: sobre as margens do Rio da Prata. Aprompton-se com mais rapidez a frota composta de duas náos, um galeão e duas caravelas. Além das competentes guarnições e tripolações, embarcaram-se nella familias inteiras.... „Vão para o Rio da Prata!“.... E bastava esta voz para não faltar quem quizesse alistar-se... Ao todo contam-se nas cinco velas[2] quatrocentas pessoas. Muitas destas diziam adeus á patria, no momento em que por ventura sonhavam que dentro de pouco volveriam a ella com grossos cabedaes, — com rios de prata. Henrique Montes, que estivera com Cabot e que tinha passado a Portugal, regressava na armada[3] feito *cavalleiro da casa*, e agraciado com o officio de provedor dos mantimentos, assim na viagem, como ao depois, „em terra, em qualquer logar onde assentassem“ os que iam na armada, uns por obediencia ás soberanas ordens, outros por curiosidade, ou por ambição ou sede da riquezas, e alguns até por sua infelicidade, — seus vicios e crimes.

Para commandante fôra escolhido Martim Affonso de Souza, que ao depois se fez célebre na Asia, obrando prodigios de valor. Contava então apenas trinta annos; mas ja, por

---

1) Em 2 de agosto 1530.
2) Em uma destas voltava ao Brazil o mesmo Diogo Leite, que estivera ás ordens de Christovam Jaques.
3) Torre do Tombo, Chanc. de D. João III. — Liv. 56, f. 130 v.

seu bom juizo, havia merecido a honra de fazer parte dos conselhos do rei. A amizade e o parentesco que com elle tinha o védor da Fazenda D. Antonio de Attaide, depois Conde da Castanheira, deviam contribuir muito para a escolha; mas quem como nós téve occasião de conhecer tão cabalmente o dito Castanheira, por toda a sua correspondencia privada e de officio, incluindo a que ao depois por annos entreteve com o mesmo Martim Affonso, em serviço na Asia, não póde, por um só instante, suspeitar que, no animo do conde, a amizade preponderasse ao zêlo pelo Estado, tratando-se de um empregado deste. Além de quê: não era o Conde da Castanheira exclusivo no conselho, — e não se atreveria a fazer ao soberano qualquer recommendação, quando não tivesse o apoio de Antonio Carneiro, que era tambem secretario, mui influente na governação do Estado. Demais: o exito desta expedição e a successiva carreira de serviços de Martim Affonso justificam cabalmente a proposta que delle fez o seu primo e amigo a Sua Alteza, — que tal era o tratamento que se dava ainda ao rei.

Vinha Martim Affonso munido de poderes extraordinarios, tanto para o mar, como para reger a colonia que fundasse; e até autorisado com alçada e com mero e mixto imperio no civel e no crime, até morte natural inclusivè; excepto quanto aos fidalgos, que, se delinquissem, deveria enviar para Portugal. Trazia autorisação para tomar posse de todo o territorio situado até á linha meridiana demarcadora; para fazer lavrar autos, e pôr os marcos necessarios; para dar terras de sesmaria a quem as pedisse, e até para criar tabelliães, officiaes de justiça e outros cargos. As sesmarias[1] deviam ser dadas em uma só vida, o que não parece coherente com o pensamento de ligar a terra á geração perpetuada de pais a filhos. Não sabemos que politica ou que miras envolvia esta disposição, que logo depois se modificou, com melhor conselho.

Com Martim Affonso vinha tambem nesta armada seu irmão Pero Lopes de Souza, moço honrado e de grandes brios

[1]) „Sesmarias são as dadas de terras... que foram ou são de alguns senhorios", etc. Ord. Man. IV, 67; e Filip. IV. 43.

e valor, e igualmente muito bem conceituado perante o mesmo Conde da Castanheira[1]. A' penna de Pero Lopes devemos hoje tudo quanto de mais averiguado sabemos dessa expedição, que se apresentou diante do Cabo de Santo Agostinho no último de janeiro de 1531, depois de haver tido alguns dias de demora, para se refazer de mais mantimentos, na Ribeira-Grande, porto da cidade capital do archipelago de Cabo-Verde.

Para não interrompermos dentro de pouco a narração que vai seguir-se, digamos já que, complicando-se as negociações em França, e havendo probabilidade de que mais se complicariam com alguns feitos da nova armada, foi lá de embaixador, em maio de 1531, o proprio vedor da Fazenda D. Antonio d'Attaide. E á presença nesse reino, durante poucos mezes, deste prudente estadista, a quem por certo não se faz geralmente a devida justiça, attribuimos não só as capitulações celebradas com Ango, mas tambem as boas disposições da parte do almirante de França e outros, para os accordos depois tomados, em virtude dos quaes, em 1537, se installaram em Irun e Fuenterrabia commissões mixtas de Portugal e França, para attenderem ás reclamações de prezas e tomadias, dos queixosos d'uma e outra parte. O proprio João Affonso, de appellido Francez, pratico do Brazil[2] (e que antes de fugir de Portugal fôra mestre de um navio de Duarte de Paz), recebeu d'elrei carta de seguro de que não seria demandado, nem perseguido[3], por incurso nas penas dos *naturaes* que acceitavam serviço do mar das outras nações, ou iam ás conquistas sem licença[4].

---

[1]) A Martim Affonso escrevia de Pero Lopes o C. da Castanheira, em 1538. „Pero Lopes, vosso irmão, está feito um homem muito honrado, e outra vez vos affirmo muito honrado. E digo vol-o assim porque póde ser que por sua pouca idade vos pareça que terá bons principios, mas que não será ainda de todo bem assentado n'isso, como vol-o eu aqui digo que é ainda menos do que o que delle cuido."

[2]) „Joannis Affonsi Francez, qui erat expertus in viagiis ad brasiliarias insulas."

[3]) Casa da Coroa, Arm. 26, 3, 10.

[4]) Ord. Man., Liv. V. tit 98 e 112. — Vej. tambem N. 11 do maç 1.° das leis sem data. A respeito da naturalidade de João Affonso, posta em dúvida pelo douto D'Avezac. vejam-nos esclarecimentos que publicamos no escripto: „*Amerigo Vespucci*", etc.

SECÇÃO VIII.

(IV da I. edição.)

RESULTADOS DA EXPEDIÇÃO DE MARTIM AFFONSO.

Seus feitos. Os Francezes. O Maranhão. A Bahia. Combate naval dos Indios. Martim Affonso na Bahia e no Rio. Ilha da Cananéa. Oitenta homens ao sertão. Padrões da Cananéa. Naufragio de Martim Affonso. Pero Lopes sóbe o Paraná. Martim Affonso fica na costa. Escolha do porto de S. Vicente. Sua descripção. Estabelecimento da colonia. João Ramalho. Etymologia do nome Piratininga. Piracemas. Villas de S. Vicente e de Piratininga. Concelhos das duas vilas. Sesmarias. Direitos dos colonos. Jurisdicção ecclesiastica primitiva.

Acabava Martim Affonso de avistar a costa de Pernambuco, quando descobriu ao longe uma náo franceza. Pouco lhe custou dar-lhe caça, e rendel-a; fugindo no batel para terra toda a tripolação, menos um só homem. Seguiu-se a esta preza a de outras duas náos, tambem francezas, e carregadas, como estava tambem a primeira, de brazil. De uma dellas coube o aprezamento a Pero Lopes, que depois de a haver seguido com duas caravellas, e combatido um dia todo, conseguiu rendel-a.

Feliz com tão boa estréa, dirigiu-se Martim Affonso ao proximo porto de Pernambuco; e dahi resolveu mandar a Portugal uma das náos aprezadas, com a notícia do succedido, levando outra comsigo, caminho do Rio da Prata, e queimando a terceira por incapaz [1]. Igualmente resolveu, talvez em virtude de ordens que tinha, mandar as duas caravellas para as bandas do Maranhão, afim de fazer explorar por ahi a costa, e de

---

[1]) So em Novembro chegou a propagar-se em França, em meio de grandes queixas e alaridos, a notícia dos tres navios aprezados, com a circunstancia, não sabemos se verdadeira, de haver Martim Affonso mandado enforcar o piloto Pedro Serpa, que encontrou em uma dellas. Sendo certo que já então, (principalmente desde a creação, em 2 de agosto de 1525, do officio do Correio mór em Portugal, officio em que foi primeiro provido Luiz Homem, que veiu a ter á sua morte, por

collocar nella padrões em signal de posse. Diogo Leite foi o capitão a quem Martim Affonso confiou o mando dessas duas caravellas. Sabemos que este chefe, percorrendo o littoral de leste-oeste, chegou pelo menos até a bahia de Gurupy, que por algum tempo se denominou „abra de Diogo Leite"; — nome este que já se lê em um mappa em pergaminho de toda a costa, feito por Gaspar Viegas em 1534[1].

Da náo franceza mandada a Portugal foi capitão João de Souza. Além de umas setenta toneladas de brazil, levou trinta e tantos dos prisioneiros, e em fins de julho estava a dita náo fundeada em Villa Nova de Portimão, no Algarve, onde se procedeu á venda da sua carga de brazil, a razão de 800 a 900 reis o quintal[2].

De Pernambuco seguiram os outros navios para o sul, e foram entrar na Bahia de Todos os Santos, descoberta em 1501. Aqui se apresentou ao capitão mór o portuguez Diogo Alvares, que em terra vivera entre os Indios os vinte e dois annos anteriores, e que ahi tinha muitos filhos, havendo-se alliado a uma India, cujo nome primitivo corre haver sido Paraguáçú, Catharina o da pia baptismal.

Por intervenção do mesmo Diogo Alvares, vieram todos os principaes visitar ao capitão mór, trazendo-lhe mantimentos,

---

successor Luiz Affonso em 13 de janeiro de 1533) havia correio público cada oito dias de Lisboa a Burgos, e cada quinze de Burgos a Flandres, devemos crer que os prisioneiros francezes estiveram incommunicaveis em Portugal por algum tempo. Gouvea parecia assustado com a notícia, porêm o embaixador Gaspar Vaz era de parecer que por fim o resultado seria favoravel a Portugal; não querendo outros expor-se ao que acabava de succeder a tantos.

[1]) Mais a Oeste se vê designada a bahia de S. João. Chegaria a ella Diogo Leite, no dia deste santo (24 de junho), depois de haver entrado, a 19 de março, na bahia de S. José, e a 25 do abril na de S. Marcos: se é que estes nomes não haviam sido anteriormente dados por Diego Lepe, em 1500.

[2]) Vej. (no Arm. 25, maç. 9, nº. 5 do interior da Casa da Corôa na Torre do Tombo) um livro rubricado por Diogo Toscano, almoxarife e juiz da alfandega da dita villa. Consta desse livro que Lourenço Fernandes viera por mestre da náo franceza de que João de Souza viera por capitão, sendo marinheiros Rodrigo Eanes e Affonso Vaz, e bombardeiro Aleixo Pinto. Parece que eram no todo 927 quintaes de brazil, dos quaes 17 foram dados de quebra.

que foram retribuidos com as dadivas de costume. Admirou Pero Lopes na Bahia a alvura da gente, a boa disposição dos homens, e a formosura das mulheres, que não achou inferiores ás mais bellas de Lisboa.

Reservando-nos a tratar, mais ao diante, do colono Diogo Alvares e desta Bahia, nos limitaremos agora a dizer que, durante os quatro dias que fundeada se demorou a armada, tiveram os nautas occasião de presenciar um combate naval travado dentro do reconcavo; naturalmente entre os da ilha de Itaparica, e os do lado do norte que senhoreavam as terras onde se assentou depois a cidade do Salvador. Cada esquadrilha constava de cincoenta canôas, guarnecidas algumas destas de sessenta homens, todos escudados de pavezes de côres, semelhante aos que usavam então os guerreiros maritimos portuguezes. O combate durou desde o meio dia até o sol posto; — os da armada europea conservaram-se impassiveis espectadores desta naumachia entretropica, e viram com gôsto decidir-se o triunfo pelos que combatiam do lado em que elles estavam surtos. Muitos dos vencidos caíram prisioneiros; e com estes practicaram os vencedores o costumado uso de os matarem, com grandes cerimonias, e de lhes tragarem depois ¡oh asqueroso horror! as carnes.

Martim Affonso, deixando com Diogo Alvares dois homens e muitas sementes, para saber-se por experiencia o que a terra (que segundo doze annos antes publicára Enciso era *de pouco proveito*) poderia melhor produzir, velejava com sua pequena frota para o sul, quando, ao cabo de alguns dias, foi obrigado a arribar. Entrando na mesma Bahia, em 26 de março (1531), encontrou agora ahi fundeada a caravella que, com destino a Sofala, passára por Pernambuco, e recebêra a bordo a Diogo Dias, feitor do estabelecimento ou feitoria, que o galeão francez havia, mezes antes, saqueado. Martim Affonso, vendo que esta caravella lhe podia servir, decidiu-se a leval-a comsigo. No dia immediato levantaram de novo ancoras todos os navios da armada, e seguiram navegando para o sul até que entraram, em 30 de abril, no porto ou bahia ja então conhecida pelo improprio nome de „Rio de Janeiro“. Para não deixarmos de aproveitar a minima eventualidade no pouco que sabemos

do que então se passou nesta paragem, cujas menores circumstancias hoje interessam a todo o Imperio, transcreveremos fielmente quanto nos transmittiu um dos nautas, que logo veremos donatario de Itamaracá, Santo Amaro e Santa Catharina. E' Pero Lopes quem prosegue, em seu estylo, tão ingenuo como pintoresco: „Como fomos dentro (da bahia de Janeiro) mandou o capitão (Martim Affonso) fazer uma casa forte com cêrca por derredor; e mandou saír a gente em terra, e pôr em ordem a ferraria, para fazermos cousas de que tinhamos necessidade. D'aqui mandou o Capitão (Martim Affonso) quatro homens pela terra dentro: e foram e vieram em dois mezes; e andaram pela terra cento e quinze leguas, e as sessenta e cinco dellas foram por montanhas mui grandes; e as cincoenta foram por um campo mui grande; e foram até darem com um grande rei, senhor de todos aquelles campos; e lhes fez muita honra, e veiu com elles até os entregar ao capitão; e lhe trouxe muito cristal, e deu novas como no Rio de Peraguaý havia muito ouro e prata. O capitão lhe fez muita honra, e lhe deu muitas dadivas, e o mandou tornar para as suas terras. A gente deste rio é como a da Bahia de Todos os Santos; senão quanto é mais gentil gente. Toda a terra deste rio é de montanhas e serras mui altas. A melhores aguas ha neste rio que podem ser. Aqui estivemos tres mezes tomando mantimentos para um anno, para quatrocentos homens que traziamos, e fizemos dois bergantins de quinze bancos.“

Cumpre aqui acrescentar que o mencionado estabelecimento de Martim Affonso, nesta bahia, deve ter tido logar na enseada em que desemboca o rio Comprido; e em uma paragem que, ainda meio seculo depois, se denominava „porto de Martim Affonso“ [1].

Deixando o Rio de Janeiro foram os navios, ao cabo de doze dias de navegação, ancorar da banda de dentro da ilha chamada „do Abrigo“ junto do porto da Cananéa. Por este último, cujas aguas, com o nome de „Mar pequeno“, se estendem terra dentro (desde o rio de Iguape até o sul da barra de

[1]) Gabriel Soares I, c. 52.

Ararapira, onde acaba a ilha que ora chamam do Cardozo) e quasi a communicam com a bahia de Paranaguá, mandou Martim Affonso ao piloto Pedr' Annes, entendido na lingua dos Indios, que fosse, em um bergantim, haver fala dos que ali houvesse. Este piloto voltou cinco dias depois, conduzindo a bordo do bergantim um bacharel portuguez, que havia trinta annos que ali estava, isto é, como vimos, desde a primitiva exploração da costa em 1502, um tal Francisco de Chaves, e varios castelhanos.

Este Francisco de Chaves, naturalmente, era algum dos aventureiros que antes haviam chegado até as terras do Inca. O certo é que, pelas informações que deu e promessas que fez de trazer, dentro de dez mezes, quatrocentos escravos carregados de prata e ouro, Martim Affonso accedeu a mandal-o seguir de oitenta homens armados, metade de arcabuzes, e outra metade de béstas, da sorte dos quaes adiante trataremos.

Quarenta e quatro dias se demorou a esquadra junto da Cananéa, durante os quaes esteve sempre encuberto o sol, circunstancia pouco para admirar aos que saibam que ainda hoje raras vezes elle se mostra radiante aos habitantes desses contornos.

Tambem no ancoradouro se romperam muitas amarras e perderam-se vários ancoras, o que succede ainda agora nesse porto, cujo fundo tem rato, como dizem os mareantes daquelles que rompem as amarras, quando não são de elos de ferro.

Defronte da ilha da Cananéa sae da terra para o mar um pontal de pedra, que se chama hoje de *Itaquaruçá*, onde ainda existem tres padrões de marmore sacharoide, do que se encontra nas formações volcanicas das immediações de Lisboa, os quaes, com toda a probabilidade, foram ali postos durante estes quarenta e quatro dias, apezar do silencio que a tal respeito guarda o (tantas vezes desesperantemente omisso) escriptor dos feitos desta expedição, que merece desculpa; porque não se propunha elle a ser chronista, mas somente a consignar por escripto o seu roteiro ou diario maritimo. Os padrões da Cananéa que examinámos pessoalmente, são de quatro palmos de comprido, dois de largura e um de grossura; e tem escul-

pidas as quinas portuguezas, sem a esphera manuelina, nem castellos; e nenhuma data se lê em suas faces[1].

Com o pensamento sempre na colonisação do Rio da Prata, seguiu Martim Affonso para o sul, e dahi a dias, a 26 de setembro, experimentou tão grande temporal que a capitanea deu á costa, junto ao riacho de Chuy, na actual fronteira meridional do Brazil; do que resultou perecerem sete pessoas.

Reunidos de novo todos os navios, exceptuando um bergantim tambem naufragado, chamou Martim Affonso a conselho todos os que para isso eram, e neste foi assentado que em virtude, não só da falta de mantimentos, originada da perda da capitana, como do mau estado das outras duas náos, que se não poderiam expor aos temporaes do Rio da Prata naquella estação (naturalmente os conhecidos pampeiros), se desistisse da empreza de ir colonisal-o.

Apezar desta resolução, julgou Martim Affonso que, estando tão perto desse rio, não devia deixar para mais tarde o acto da posse delle, por meio dos padrões que levava. Julgando ser para isso sufficiente um bergantim com trinta homens, encarregou o commando deste, e a commissão de pôr os mesmos padrões, a seu irmão Pero Lopes, que se fez de vela em companhia de Pero de Goes, ao depois donatario da capitania de S. Thomé ou Campos de Guaitacazes. — Desempenhou Pero Lopes o mandado, subindo pelo Paraná e Uruguay, e achando-se de volta, decorrido pouco mais de um mez. Desta exploração do Rio da Prata é que seu chefe Pero Lopes, a quem ella deu tantos trabalhos, se compraz de nos transmittir informações muito mais minuciosas do que costuma. Ainda mal, são justamente todas alheias á nossa historia, e mais poderão interessar á dos estados limitrofes do Brazil pelo sul.

Muito provavel é que no entremeio de tantos dias, em que

---

[1]) Como asseverou o meritissimo Cazal, I, p. 227 e 228. — Vej. Fr. Gaspar, p. 32. — An. da Mar^a., p. 401. — Soares, I, cap. 65, e tambem Varnh. na Rev. do Inst. Hist., XII, p. 374 e 375. Convem aqui notar que ja no seculo passado Affonso Botelho, visitando esses marcos, ou antes o que está visivel em cima, diz „que lhe não apparece letreiro algum". Vej. a „Descrip. da comarca de Paranaguá", Ms. na Bib. do Porto, 437.

Pero Lopes demarcava o Rio da Prata, não estivessem ociosos os pilotos que haviam ficado na costa com Martim Affonso. Em terra tiveram occasião de fazer frequentes observações astronomicas[1] sobre a latitude e longitude do logar, e isso lhes daria a convicção, e ao capitão mór, de que aquella costa, e, com mais razão todo o Rio da Prata, ja se achavam fóra, isto é mais a loeste, da raia até onde se estendia, pelo tratado de Tordesilhas, o dominio portuguez naquellas paragens. Ao conhecimento deste facto em Portugal devemos attribuir o não proseguirem em Madrid as reclamações ácerca desse rio; o desistir aquelle reino de mandar mais frotas ás suas aguas; e até o não doar, quando doou outras terras, as que ficaram além das de Santa-Anna, ou da Laguna, onde terminava a courela que de direito ainda por ahi lhe tocava.

Talvez tambem pelo conhecimento desse facto, mais que por serem ahi as terras (no littoral) sáfias e areentas, é que Martim Affonso não se deixou ficar nas plagas da actual provincia do Rio-Grande, onde o lançára de si o proprio mar, e decidiu retroceder mais para o norte, a buscar outro local onde fixar-se de preferencia. Entrando no porto de S. Vicente, o bom abrigo que nelle encontrou para as náos, a excellencia das aguas, a abundancia do arvoredo, encantador principalmente aos que acabavam de viver nos areentos plainos do Chuy, a amenidade do clima, por certo mui preferivel ao do visinho porto da Cananéa, onde nunca se vira o sol durante quarenta e quatro dias, e talvez, mais que todas estas razões, a presença de um colono portuguez, por nome João Ramalho, que ali contava ja vinte annos de residencia, e que, naturalmente avisado pelos Indios, appareceu dando razão da terra e de como toda ella pelo interior era de campos e clima semelhantes aos amenos de Coimbra onde nascera, — tudo concorreria a predispor o animo do capitão mór em favor desta paragem para fundar nella, como fundou, a primeira colonia regular europea no Brazil. E dizemos a primeira, porque não podemos chamar colonias regulares ás pequenas

[1]) Assim nol-o confirma o mathematico Pedro Nunes em uma de suas obras.

feitorias provisorias fundadas antes, nenhuma das quaes vingou até chegar a ter as honras de povoação e de villa.

E'o porto de S. Vicente por assim dizer formado em um canal, que convenientemente se afeiçoa entre duas ilhas de mediana extensão conchegadas á terra firme. Mais mettida por esta adentro fica a que se diz de S. Vicente, cuja planta apresenta alguma semelhança ao perfil de uma cabeça humana, vista pela face direita[1]. Um pouco para o norte, se prolonga a visinha ilha de Santo-Amaro, que nesse rumo, vai fenecer na barra do canal chamado da Bertioga, corrupção de Buriqui-oca, que quer dizer covil de bogios; o que prova que ahi devia de haver muitos; pois eram os Tupis sinceros em taes denominações. Assim á dita ilha de Santo Amaro chamaram elles do *Guaimbé*[2]; planta deste nome, que nella dava como verdadeira praga. A' ilha de S. Vicente chamavam *Orpion* ou *Morpion*[3] nome que somente podemos explicar como uma contracção de *Morubi-nhum*, isto é Campo dos trabalhadores ou lidadores. O nome de S. Vicente lhe proveiu da povoação nella construida, que o recebeu, em virtude de ser o que já tinha o porto.

O local desta última ilha, escolhido para assento da colonia, foi uma quasi insensivel eminencia fronteira á barra e á ilha de Santo Amaro, mui lavada de ares, e situada no meio do isthmo para um farilhão ou promontorio, em que ella remata por este lado. Os morros deste promontorio alimentariam os mananciaes de agua para a povoação; e dariam no principio pedra para as obras; e os matos, que ainda hoje os cobrem, forneceriam com a maior commodidade a necessaria lenha. Um pequeno regato, essencial para muito em qualquer povoação, corre para o lado da barra, e vai desaguar na deliciosa

---

[1]) A boca se representa no Outerinho; Monserrate no logar de olho direito; Santos sobre o cavalete do nariz; a praia de Embaré na papada, etc.

[2]) *Gaibé* escreve o jesuita Simão de Vasconcellos; *Guaybea* diz Thomas Grigs, em Hackluyt, III, 704 e 706.

[3]) Vej. Thevet e Abbeville. Staden diz que *Orbioneme*, *Orbion-ém*, ou *Orpion mà*) e na collecção de Purchas (V, 1242) ha quem a denomine *Warapisumama*. Este último nome aludiria aos guarás, que ali se matavam.

praia que segue contornando a ilha. — Para o rumo opposto, a quasi igual distancia, havia outra vez agua, um mar pequeno, com beiras mui a proposito para porto e varadouro das canôas. Finalmente, do local preferido se descobria, pela barra, o mar até perder-se no horisonte, o que permittiria aos moradores, sem atalaias de aviso, juntarem-se a tempo para acudir e qualquer rebate de pirata inimigo. O viajante que percorresse a ilha de S. Vicente, em busca da melhor paragem para uma povoação, sobretudo no mez de janeiro, em que a praia de Embaré, fronteira á barra, está alagada, ainda hoje não indicára outra mais adequada, se o porto de S. Vicente podesse competir com o de Santos, aliás abafadiço e tristonho.

Martim Affonso não quiz porêm limitar-se a fundar uma só villa. A' vista das informações que lhe deu João Ramalho, assentou de reforçar esta, contra qualquer tentativa de inimigo maritimo, com outra povoação sertaneja, que ao mesmo tempo servisse de guarda avançada para as futuras conquistas da civilisação. As duas villas irmãs ficariam assim no caso de prestarem-se apoio uma á outra, segundo lhes viesse do mar ou da terra o inimigo, ao passo que a maritima receberia, ao mesmo tempo, socorros das náos do reino, a quem por seu turno socorreria.

De S. Vicente para o interior, a umas tres leguas, se levanta o continente, apresentando para o mar um paredão, em forma de serra, ás vezes elevada de mais de dois mil pés. Do cimo manam varios riachos, dos quaes um se despenha com tal furia que de longe se vê branquejar a espuma de seus ferventes cachões. Chamavam-lhe os Indios *Itú-tinga* ou cachoeira branca. As aguas desses riachos, promiscuando-se com as salgadas do mar, recortam todas as planicies debaixo, por tal fórma em esteiros, que, vistas estas dos altos ao longe, mais parecem marinhas de sal, que braços de mar ou de rios. — A' serra denominavam os Indios, como nós hoje, Paraná-piacaba, o que quer dizer „de donde se vê o mar“ [1].

---

[1]) Ruiz de Montoya, *Conq. Espiritual del Paraguay*, fol. 45 f.; se bem que „ver“ se diga (*Dicc. Braz.* p. 78) *Cepiáca.*

Desde aquelles cimos elevadissimos, as aguas baixam com o terreno para o interior, quasi insensivelmente; pois este se reduz na essencia a uma extensa chada ou chapada, que para o sertão se ramifica em varios sentidos até mui longe. A zona visinha ao mar, o paredão de serra para o lado delle, reforçado por muitos espigões ainda o primeiro par de leguas para o interior, são vestidos de vegetação vigorosa de mato virgem, que alcança até um linde que chamam „Borda do Campo"; pois que dahi por diante a terra não é de matos, e apenas, de quando em quando, povoada de reboleiras e de pequenas boscagens, algumas dellas de pinheiros curîs ou araucarios, que os Indios muito apreciavam, pelo alimento que lhes forneciam seus grandes pinhões.

A algumas leguas da Borda do Campo, e proximo de uma ribeira, cujas margens não deixam de recordar as coimbrãs do placido Mondego, era a aldêa em que principalmente vivera João Ramalho, com a sua familia, já numerosa, como se pode imaginar, sabendo que vinte annos passara livremente entre aquella gente, á lei da natureza Chamavam-se, tanto a aldêa como a ribeira, de *Pira-tininga* ou do Peixe-secco [1]; nome que em outros logares do Brazil se pronunciava *Pira-sinunga*, e queria dizer o mesmo. A origem do nome explica a causa porque se fundára ahi a aldêa: provinha aquella das frequentes *pira-cemas* ou invasões do peixe, pelas margens principalmente do chamado *saguairú*, isto é de certos enxurros e desenxurros, digamos assim, demasiado rapidos, a que era, e é ainda, sujeita a dita ribeira; em virtude dos quaes o peixe ficava em secco pelas margens, o que dava aos moradores destas grande fartura; como succede aos povos do littoral quando, com os temporaes, dão certos peixes á costa. O fenomeno das *piracemas* é frequente em varios rios do Imperio, sobretudo na proximidade de sua foz, donde se pode imaginar que vem tal fenomeno a ser como uma pequena pororoca, causada pelo desempate de suas aguas com as do monte do outro rio, em que afflue o da *piracema*. Foi a aldêa de Piratininga que

---

[1]) *Tining*, „seccar". Vej. *Dicc. Braz.* nos voc. „*Secca*" e „*Murchar*" Por ventura a traducção litteral seria „secca do peixe".

Martim Affonso escolheu para fundar a colonia ou villa sertaneja, cujo governo militar confiou a João Ramalho, com o pomposo titulo de guarda-mór do campo. Eis a origem europea da actual cidade de São Paulo.

Ouçamos agora o que nos diz Pero Lopes de Souza, testimunha de vista, durante os primeiros quatro mezes de vida das ditas duas colonias: „Repartiu o capitão mór a gente nestas duas villas, e fez nellas officiaes; e poz tudo em boa ordem de justiça; do que a gente toda tomou muita consolação, com verem povoar villas, e ter leis e sacrificios, celebrar matrimonios e viver em communicação das artes; e ser cada um senhor do seu; e investir as injúrias particulares; e ter todos outros bens da vida segura e conversavel."

Nestas poucas palavras se encerram os pontos capitaes respectivos a qualquer sociedade constituida. Vemos as colonias e as suas competentes autoridades; vemos o reconhecimento das leis; vemos as praticas, assim do que respeita ás consciencias, pelas ceremonias dos sacrificios religiosos, como ao estado social pela celebração dos matrimonios; vemos garantida a segurança individual e a propriedade, e sem valhacouto as tropelias e injúrias. Para nada faltar, como bem essencial na vida „segura e conversavel", diz-nos Pero Lopes que ja viviam os colonos em „communicação das artes".

Tal era o estado florecente das duas colonias, quando Pero Lopes, por ordem de seu irmão, as deixou, fazendo-se de vela aos 12 de maio de 1532.

Em fim Martim Affonso não se descuidou da empresa confiada á sua solicitude, e que mais nol-o recommenda, e o ha de recommendar á posteridade, que todos os outros seus feitos militares (apezar de mui brilhantes, de mais perecedoura memória) practicados nesse Oriente por que tanto se afanava. Emquanto no Brazil, não dava elle nem um dia de féria a seu cuidado. A igreja, a casa da camara, o estaleiro, as sesmarias, o tombo competente para estas, tudo o trazia occupado, — a tudo acudia. Nem lhe consentiu o dever, nem talvez tão pouco a curiosidade, propria da sua idade, o deixar de emprehender uma jornada a Piratininga; e sesmarias chegaram até nós que elle ahi assignou. De falta de actividade nem

sequer na velhice foi accusado. O seu caracter, se tinha defeito, era antes o da vivesa afanosa, e de alguma violencia.

Várias terras de S. Vicente e de Piratininga destinou elle desde logo, como era natural, para rocios e logradouros dos dois concelhos, aos quaes fixou os termos que julgou razoaveis. — Escusamos dizer que estas villas foram fundadas sem differença alguma do que se passaria, tratando-se da installação de qualquer colonia, em uma paragem menos povoada de Portugal. Subentendeu-se que, em legislação e em tudo, os novos moradores e os descendentes destes teriam, em relação á metropole, os foros de *naturaes*; e seriam governados pelas mesmas leis vigentes, das quaes nos occuparemos mais ao diante.

Quanto á jurisdicção ecclesiastica, vimos que em 1514 fôra o Brazil considerado sujeito á mitra do Funchal. Cumpre acrescentar que assim continuou ao declarar-se, em 1534, metropolitana a súa sé, tendo por suffraganeos os bispados de Angra, Cabo Verde, S. Thomé e Gôa, então creados por Clemente VII; o que mais evidentemente se consignou na bulla = *Romani Pontificis* = de 8 de julho de 1539, que reformou a anterior [1].

[1]) (Pr. II, n. 122, p. 726;)-nesta bulla se diz em latim *terras de Brasil, e terrarum de Brasil*, em vez de *Brasiliae*, como hoje, e como já se preferira escrever no hemispherio de J. Schöner (1520).

SECÇÃO IX.

(V. da I. edição.)

SUCCESSOS IMMEDIATOS Á EXPEDIÇÃO DE MARTIM AFFONSO.

Tomada de uma fortaleza e uma náo de França. Resolve-se a partição do Brazil em capitanias. Carta régia a Martim Affonso. Volta de Martim Affonso á Europa. Doze donatarios. Quinze quinhôes. Irmâos Souzas. P. de Goes. Vasco Fernandes. P. do Campo. Jorge de Figueiredo. Francisco Pereira. Duarte Coelho. Pero Lopes. Fernand' Alvares. Ayres da Cunha. João de Barros. Antonio Cardoso de Barros. Poucos competidores. Extensâo das differentes capitanias. Demaziada terra a cada donatario. Parallelo com a colonisaçâo da Madeira e Açôres. Vantagens que se propunha sacar Portugal desta colonisaçâo.

Deixemos porêm por algum tempo a nascente colonia brazileira, e vejamos o que entretanto se passa no resto do Brazil, ou se decide a seu respeito no alèm-mar, isto é, na metropole.

Doloroso é ter que mencionar a sorte dos que da Cananéa partiram pela terra dentro com Francisco de Chaves. Seguindo na direcção do sudoeste, talvez a buscar o rio Paraguay, para naturalmente depois passarem aos estados do Inca, haviam chegado ás margens do Iguaçú [1], quando foram todos traiçoeiramente assassinados pelos Indios. Ignoramos ao justo em que epoca chegaria a S. Vicente a triste nova deste successo, presente ainda na memória de seus habitantes, d'ahi a meio seculo [2], e transmittido além disso até nós pelo adiantado Cabeza de Vaca, que por esses campos passava, mais prevenido contra os Indios, dez annos depois [3].

Em quanto Martim Affonso navegava pelo sul, fôra ter a Pernambuco uma náo de Marselha, com desoito peças e cento e vinte homens, denominada „La Pélerine", e armada á custa

---

1) Herrera, D. VII, 2, 9.
2) Fr. Gaspar, p. 8.
3) Tambem desse infausto successo trata Oviedo, no Liv. 23, cap. 10 (T. 2°. p. 188).

do Barão de St. Blancard[1]. Em logar da feitoria portugueza, de seis homens, que ahi haviam ficado, fez o capitão da Pélerine, Jean Duperet, construir uma fortaleza provisoria, que deixou guarnecida de trinta homens; e regressava á Europa, com uma carga, que (segundo as reclamações posteriores dos interessados, ás quaes nos cumpre dar algum desconto) montava a cinco mil quintaes de brazil, tresentos de algodão (*bonbicis*) seiscentos papagaios, trez mil pelles de animaes, grande número de macacos e muitas bugiarias.

Tanto a náo como a fortaleza franceza tinham de ser mui mal afortunadas. A primeira, entrando no Mediterraneo, se viu necessitada de arribar a Malaga; e, quando deste porto saía, foi apresada pela armada de guarda-costa, que Portugal mantinha á bocca do estreito de Gibraltar, e que, pela mencionada arribada da náo, soubera como vinha ella do Brazil. A fortaleza gallo-pernambucana[2], ou porque Pero Lopes teve conhecimento da sua existencia, ou porque necessitava ir no porto em que ella estava fazer aguada, antes de atravessar o Atlantico, foi por tal fórma pelo intrepido capitão combatida, durante desoito dias consecutivos[3], que se lhe rendeu[4].

Então Pero Lopes, deixando a mesma fortaleza guarnecida de gente sua, ás ordens de um Paullos Nunes, fez-se de vela para Portugal, levando comsigo duas náos francezas que tomára, alguns Indios, e trinta e tantos prisioneiros. No principio do anno immediato aportou em Faro; e desta cidade do Algarve, seguiu logo para Evora, onde então estava a côrte, e ahi chegou, ao que parece, a 21 de Janeiro de 1533. Suas náos se mandaram recolher com os Francezes a Lisboa; e qua-

---

[1]) „Général des armées navales" — diz o Sr. F. Denis no seu interessante trabalho „Le Génie de la Navigation." p. 33. Tambem se escrevia Blanquart.

[2]) Cremos que esta fortaleza sería em um dos morros de Olinda, nome que Duarte Coelho veiu a substituir ao indigena de *Marim*, que tinha no tempo dos Francezes e de Paullos Nunes.

[3]) Processo do Barão de St. Blancard contra Pero Lopes, na nota 32 da 1ª. edição desta Historia geral, e na 3ª. e 4ª. do Diario de Pero Lopes.

[4]) ...... „Pernambuco onde achou os Francezes que tinham feito fortaleza e lh 'a tomou a elles, e ficou pacificamente em poder de Portuguezes." Primeira carta de el-rei ao conde da Castanheira, de 21 de Janeiro de 1533 (copia ms. na coll. do A.).

tro principaes da terra, que o soberano chegou a distinguir dando-lhes o nome de reis, foram por ordem régia vestidos de seda.

Ja havia mezes que, pelos da mencionada náo apresada no Estreito, soubera o governo de como ella havia deixado em Pernambuco um forte com numerosa guarnição; e mandára ordens á costa da Malagueta a fim de que Duarte Coelho, capitão mór de uma esquadrilha ahi estacionada, passasse a Pernambuco para desalojar os intrusos[1]. Com a chegada de Pero Lopes, foi ordenado que a mesma esquadrilha, em logar de ir ao Brazil, ficasse cruzando na altura dos Açôres, e para Pernambuco foi, segundo entendemos[2], despachada (depois de 23 de janeiro de 1534) uma caravella, ao mando de Vicente Martins, com ordens para Paullos Nunes.

Pouco antes, o governo portuguez, instado ainda de França pelo Dr. Diogo de Gouvêa, e receioso do demasiado desenvolvimento que os Francezes iam dando ao seu commercio com o Brazil, viu-se obrigado a adoptar o plano de colonisar, pelo simples meio de ceder essas terras a uma especie de novos senhores feudaes, que, por seus proprios esforços, as guardassem e cultivassem, povoando-as de colonos europeos, com a condição de prestarem preito e homenagem á Corôa. Providencias analogas tinham adoptado, com proveito, os reinos da Europa, para se povoarem com a necessaria disciplina, sobre tudo nos logares fronteiriços aos inimigos, em que, para fugir da perigosa fraqueza, era necessaria toda a união e a maior subordinação; e para convocar colonisadores com alguns capitáes, era indispensavel conceder-lhes, sobre os colonos, que elles contratavam e levavam á sua custa, certo ascendente[3].

---

1) Carta de elrei ao Conde, de 25 de Janeiro de 1533.
2) Vol. II, fol. 208 da Coll. de Cartas do Conde da Castanheira.
3) Para promover a colonisação dos paizes aonde ella não ia expontaneamente não havia então, e nem talvez haja ainda hoje, outro meio; bem que se possam aperfeiçoar cada vez mais as condições, sempre em harmonia com o systema da emphyteusis romana. Somente certos direitos sobre o colono podem estabelecer igualdade em contractos, onde um homem, sem fiador, faz promessas, em virtude das quaes unicamente o donatario lhe abona o custo de seu transporte e outras despezas.

Foi pois, resolvido que o Brazil se dividisse[1] em grandes capitanias, contando para cada uma, sobre a costa, cincoenta ou mais leguas; o que elrei participou logo a Martim Affonso, na resposta ás cartas que o mesmo Martim Affonso escrevera de Pernambuco, dando conta da tomada das náos francezas. Embora seja essa resposta bastante conhecida, por andar reproduzida em muitos livros, julgamol-a de tal importancia que não nos é possivel deixar de incluil-a tambem neste logar: diz assim:

„Martim Affonso, amigo: Eu el-rei vos envio muito saudar.

„Vi as cartas que me escrevestes por João de Souza; e por elle soube da vossa chegada a essa terra do Brazil, e como ieis correndo a costa, caminho do Rio da Prata; e assim do que passastes com as náos francezas, dos cossarios que tomastes, e tudo o que nisso fizestes vos agradeço muito; e foi tão bem feito como se de vós esperava; e sou certo qual a vontade que tendes para me servir.

„A náo que cá mandastes quizera que ficára antes lá, com todos os que nella vinham. D'aqui em diante, quando outras taes náos de cossarios achardes, tereis com ellas e com a gente dellas a maneira que por outra provisão vos escrevo[2].

„Porque folgaria de saber as mais vezes novas de vós, e do que lá tendes feito, tinha mandado o anno passado fazer prestes um navio para se tornar João de Souza para vós; e quando foi de todo prestes para poder partir, era tão tarde para lá poder correr a costa, e por isso se tornou a desarmar e não foi. Vai agora com duas caravellas armadas, para andarem comvosco o tempo que vos parecer necessario, e fazer o que lhe mandardes.

„E por até agora não ter algum recado vosso, — do feito, vos não posso escrever a determinação do que deveis fazer em vossa vinda ou estada, nem cousa que a isso toque: e somente encommendar-vos muito que vos lembre a gente e ar-

---

[1]) Este systema foi tambem seguido pelos Hollandezes quando por 1630 colonisaram nos Estados Unidos, no Delaware, Hudson, etc.
[2]) Não encontrámos até hoje cópia desta provisão.

mada que lá tendes, e o custo que se com ella fez e faz: e segundo vos o tempo tem succedido, e o que tendes feito ou esperardes de fazer, assim vos determineis em vossa vinda ou estada, fazendo o que vos melhor e mais meu serviço parecer; porque eu confio de vós que no que assentardes será o melhor. Havendo de estar lá mais tempo, enviareis logo uma caravella com recado vosso, e me escrevereis muito largamente tudo o que até então tiverdes passado, e o que na terra achastes; e assim o que no Rio da Prata, tudo mui declaradamente, para eu por vossas cartas e informação saber o que se ao diante deverá fazer. E se vos parecer que não é necessario estardes lá mais, poder-vos-heis vir; porque, pela confiança que em vós tenho, o deixo a vós; — que sou certo que nisso fareis o que mais meu serviço for.

„Depois de vossa partida se praticou se seria meu serviço povoar-se toda essa costa do Brazil, e algumas pessoas me requeriam capitanias em terra della. Eu quizera, antes de nisso fazer cousa alguma, esperar por vossa vinda, para com vossa informação fazer o que me bem parecer, e que na repartição que disso se houver de fazer, escolhaes a melhor parte. E porêm porque despois fui informado que de algumas partes faziam fundamento de povoar a terra do dito Brazil, considerando eu com quanto trabalho se lançaria fóra a gente que a povoasse, depois de estar assentada na terra, e ter nella feitas algumas fôrças (como ja em Pernambuco começava a fazer, segundo o Conde da Castanheira vos escreverá), determinei de mandar demarcar de Pernambuco até o Rio da Prata cincoenta leguas de costa a cada capitania, e antes de se dar a nenhuma pessoa, mandei apartar para vós cem leguas, e para Pero Lopes, vosso irmão, cincoenta, nos melhores limites dessa costa, por parecer de pilotos e de outras pessoas de quem se o Conde, por meu mandado, informou; como vereis pelas doações que logo mandei fazer, que vos enviará; e depois de escolhidas estas cento e cincoenta leguas de costa para vós e para vosso irmão, mandei dar a algumas pessoas que requeriam capitanias de cincoenta leguas cada uma; e segundo se requerem, parece que se dará a maior parte da costa; e todos fazem obrigações de levarem gente e navios á sua custa, em tempo certo, como

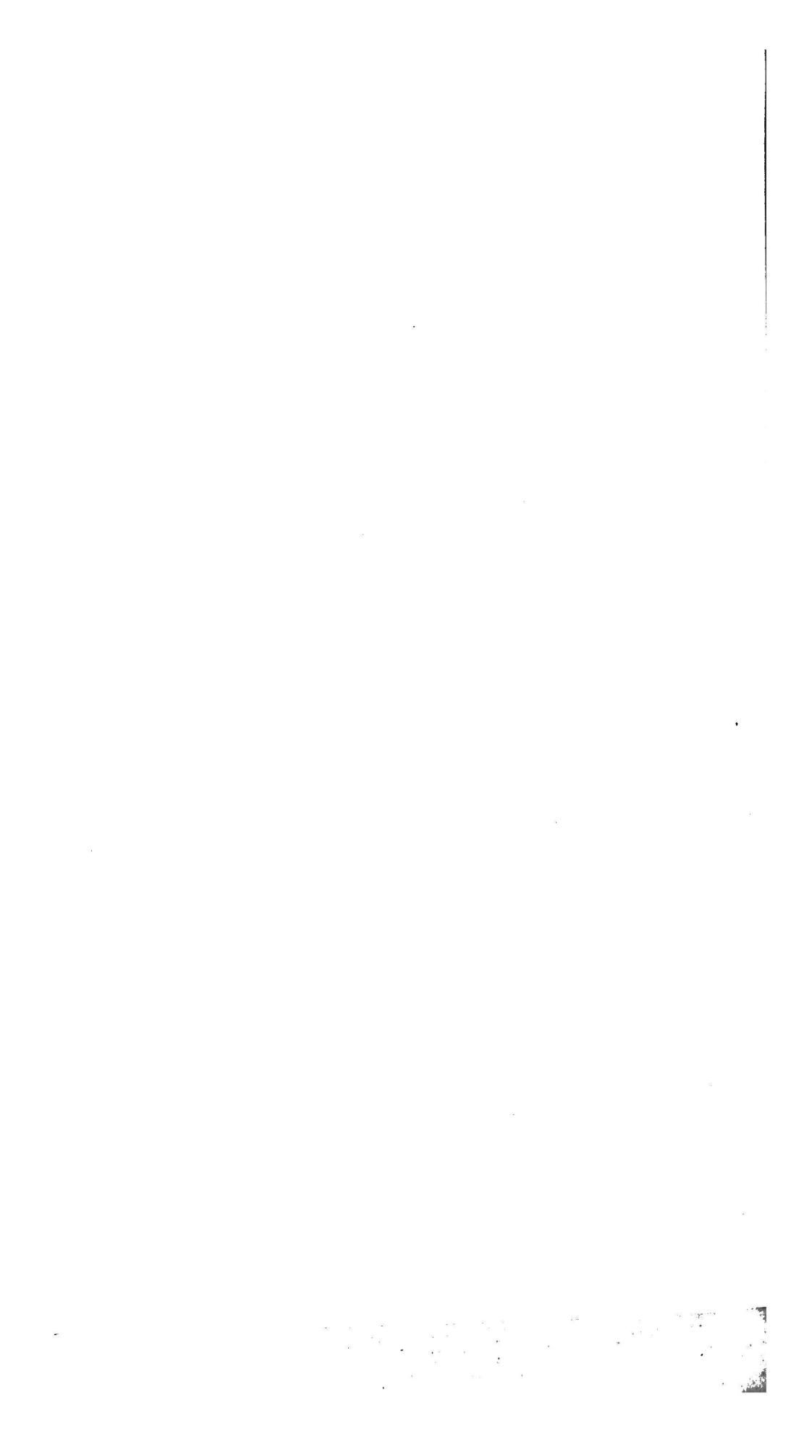
vos o Conde mais largamente escreverá; porque elle tem cuidado de me requerer vossas cousas, e eu lhe mandei que vos escrevesse.

„Na costa da Andaluzia foi tomada agora pelas minhas caravellas, que andavam na armada do Estreito, uma náo franceza carregada de brazil, e trazida a esta cidade; a qual foi de Marselha a Pernambuco, e desembarcou gente em terra, a qual desfez uma feitoria minha que ahi estava, e deixou lá trinta[1] homens, com tenção de povoarem a terra e de se defenderem. E o que eu tenho mandado que se nisso faça mandei ao Conde que vol-o escrevesse, para serdes informado de tudo o que passa, e se hade fazer; e pareceu necessario fazer-vol-o saber, para serdes avisado disso, e terdes ta vigia nessas partes, por onde andaes, que vos não possa acontecer nenhum máo recado: e que qualquer fôrça ou fortaleza que tiverdes feita, quando nella não estiverdes, deixeis pessoa de quem confieis, que a tenha a bom recado; ainda que eu creio que elles não tornarão lá mais a fazer outra tal; pois lhe esta não succedeu como cuidavam.

„E mui declaradamente me avisai de tudo o que fizerdes; e me mandai novas de vosso irmão, e de toda a gente que levastes; porque com toda a boa que me enviardes, receberei muito prazer“ [2].

A recepção desta carta devia apressar a partida do capitão mór para a Europa. Vê-se della que o rei, com o seu conselheiro, o Conde da Castanheira, anciava primeiro ouvir os votos de pessoas práticas, como o capitão mór do Brazil, para não ir tanto ás cegas, na doação das suas terras. Assim o entendeu tambem Martim Affonso; e deixando por seu logartenente, com os poderes que podia delegar, a Gonçalo Monteiro[3], na colonia de S. Vicente, partiu para Portugal; onde chegou naturalmente antes do meiado do anno de 1533.

---

[1]) „Setenta“ se lê nas cópias. Parece porém ter havido engano de algum copista; pois „trinta“ se lê no processo autentico de St. Blancard.
[2]) Segue: „Pero Anriques a fez em Lisboa aos 28 de setembro de 1532 annos-REI.
[3]) Pedro Taques, na Rev. do Inst., IX, 160.

Bem que, como se vê da carta acima transcripta, a resolução de se dividir o Brazil por donatarios foi tomada em 1532, e ja então se fizeram alvarás de lembrança por algumas doações, só em março de 1534, mez em que partia[1] Martim Affonso para a India, é que se começaram a passar as cartas ou diplomas aos agraciados, que gosariam, de juro e herdade, do titulo e mando de governadores das suas terras, as quaes tinham pela costa mais ou menos extensão; e por conseguinte eram maiores ou menores os quinhões, segundo o favor de que gosavam, e talvez os meios de que podiam dispor. Comprehendiam-se nas doações as ilhas que se achassem até á distancia de dez leguas da costa continental. As raias entre capitania e capitania se fixaram por linhas geographicas tiradas de um logar da mesma costa, em direcção a loeste. Assim o territorio ficou verdadeiramente dividido em zonas parallelas, porêm umas mais largas que outras. Este meio de linhas rectas divisorias imaginárias, que ainda com os mais exactos instrumentos n'um terreno muito conhecido seriam quasi impossiveis de traçar, era o unico de que se podia lançar mão, pelo quasi nenhum conhecimento corographico que havia do paiz, além do seu littoral. Em algumas doações, nem foi possivel declarar o ponto em que principiavam ou acabavam. Incluia-se apenas a extensão da fronteira maritima, e designavam-se os nomes dos dois donatarios limitrofes.

Manifesta é a insufficiencia de uma tal demarcação, que, para algumas capitanías, veiu a dar origem a pleitos que duraram mais de um seculo.

Doze foram os donatarios: mas verdadeiramente quinze os quinhões; visto que os dois irmãos Souzas tinham só para si cento e oitenta leguas, distribuidas em cinco porções separadas, e não em duas inteiriças. Com razão deviam elles de ser, pelos serviços importantes que acabavam de prestar no proprio Brazil, os mais attendidos na partilha.

---

[1]) A doaçâo a Duarte Coelho é de 10 de março (1534) e teve apostilla em 25 de set., concedendo-lhe metade da dizima do pescado, que pertencia de direito á ordem de Christo. A 1.ª ediçâo desta doaçâo a Coelho acompanha a *Allegaçâo* de Pegas, em favor da Casa de Vimioso, imp. em Evora, em 1671, 21 pag. de folio.

A Martim Affonso, a quem a carta régia acima fazia terminantemente a promessa, foram adjudicadas, naturalmente por sua propria escolha, as terras da colonia de S. Vicente, e por conseguinte com ella os gastos ja feitos pelo Estado para fundal-a. O não se mencionar esta clausula fez que, em virtude da lettra da carta de doação, se entendesse tempos depois pertencer esta villa aos herdeiros de Pero Lopes, cuja doação começava do lado do norte da barra grande de S. Vicente. Os dois quinhões de Martim Affonso comprehendiam as terras que correm desde a barra de S. Vicente até doze leguas mais ao sul da ilha da Cananéa, ou proximamente até uma das barras de Paranaguá; e para o lado opposto, as que vão desde o Rio Juquiriqueré até treze leguas ao norte do Cabo-Frio, que depois se fixou pela barra de Macahé; ficando por conseguinte suas as magnificas terras de Angra dos Reis, as da soberba bahia de Janeiro, e do Cabo-Frio. Eram nada menos que cem leguas contadas sobre o littoral; mas em virtude do rumo, que durante essa extensão toma a costa, vieram a produzir, na totalidade, em leguas quadradas, alguns milhares de menos do que a varios dos outros, como se verá.

A extensão do Juquiriqueré até a barra de S. Vicente, e a de Paranaguá para o sul até as immediações da Laguna, que chamavam terras de Sant Anna [1], foi doada a Pero Lopes, que, além destas porções, que perfaziam cincoenta leguas sobre o littoral, recebeu, desde a ilha de Itamarará inclusivè para o norte, trinta leguas mais; como abaixo diremos, quando costeando, como vamos, o Brazil de sul a norte, chegarmos co'a nossa resenha, á paragem onde ellas se encontram.

Com a porção mais septentrional de Martim Affonso entestavam as trinta leguas doadas a Pero de Goes, e que iam terminar no baixo dos Pargos, ou antes em Itapemerim proximamente. Era Pero de Goes irmão do célebre escriptor Damião de Goes, e prestára tambem importantes serviços na armada de Martim Affonso, a cuja familia devia ser mui affeiçoado, e até foi elle quem se encarregou de escrever por sua lettra o diario de Pero Lopes, cujo original entregámos,

---

[1]) „Em altura de vinte e oito graus e um terço.“ (Carta de doaç.)

em 1839, pela primeira vez, á imprensa. Essa affeição não deixaria de ser tomada em conta no repartimento da terra para evitar as demandas e pleitos que podessem acaso resultar da falta irremediavel de precisão nas demarcações lateraes.

Contiguo a Pero de Goes, cincoenta leguas sobre a costa, as quaes alcançavam até o rio Mocury, veiu a ficar Vasco Fernandes Coutinho, tambem fidalgo da casa real; e que havendo servido em Gôa, em Malaca e na China, ás ordens de Affonso d'Abuquerque[1], conforme recordam as historias da Asia, depois de juntar algum cabedal se havia retirado á Alemquer (villa situada, como sabemos, a algumas leguas de Lisboa, perto de Tejo) para ahi disfructar, com a ajuda da moradia, de uma tença que recebia do Estado. Naturalmente nessa villa, por intermedio de algum agente do Conde da Castanheira, proprietario visinho seu, se recommendaria para entrar no número dos da partilha.

Do Mocury para o norte vinha a capitania de Porto Seguro, com outras cincoenta leguas concedidas a Pero do Campo Tourinho, rico proprietario de Vianna do Minho.

Seguiam-se os Ilheos, nas cincoenta leguas até a barra da Bahia, doadas a Jorge de Figueiredo Corrêa, tambem fidalgo da casa real, e que exercia na côrte o cargo de escrivão da Fazenda, o qual lhe daria logar a estar informado do que se passava, e a pedir para si o que tão generosamente via conceder a outros. A raia entre esta capitania e a precedente não se indicava.

Tudo quanto se extende desde a barra da Bahia á foz do rio de S. Francisco obteve para si Francisco Pereira Coutinho, exceptuando-se porém o mesmo rio que devia ficar exclusivamente a Duarte Coelho; e, segundo se diz na propria doação, foi-lhe, conferida tal graça, em attenção aos *muitos serviços* que elle havia prestado, assim em Portugal, como „nas partes da India, onde servira muito tempo com o Conde Almirante[2] e com o Vice-Rei D. Francisco de Almeida, e com Affonso d'Albuquerque, e em todos feitos e cousas que os ditos ca-

---

1) Liv. 7, de D. João III, fol. 113 e 187. —
2) Vasco da Gama.

pitães nas ditas partes fizeram, nos quaes dera sempre de si mui boa conta".

As Alagôas e parte do actual territorio da provincia de Pernambuco tocaram, na extensão de sessenta leguas, a Duarte Coelho, valente capitão que muito se distinguira por feitos no Oriente, em cujos fastos achamos mais de uma vez consignado honrosamente o seu nome, em missões ao reino de Sião e á China, no descobrimento da Cochinchina, no recontro que teve com duas armadas, conseguindo fazer vinte e tantas prêsas, e em outras acções illustres [1]. Havia sete annos que voltára do Oriente, e se casára com D. Brites, irman de Jeronymo d'Albuquerque. Como, por occasião da primitiva repartição das terras, lhe haviam ido ordens para navegar até Pernambuco (da costa da Malagueta, onde se achava cruzando), a fim de destruir a feitoria deixada pela náo de Marselha, é natural que d'ahi proviese o ser preferido para esta parte da costa, de que por ventura chegaria a ter conhecimento previo.

Um pouco ao norte da foz do rio Igaraçú ficava a extrema do dominio de Coelho. Á margem esquerda da foz deste rio, no canal de Itamaracá, fôra levantada a feitoria de Christovam Jaques. A uns cincoenta passos ao norte della, onde se diz „Os Marcos", em virtude dos que ahi se postaram, era o ponto donde partia designadamente a raia septentrional da mesma capitania. Para o norte se contavam as restantes trinta leguas da pertença do donatario Pero Lopes, as quaes alcançavam á Bahia da Traição, comprehendendo parte da actual provincia da Parahyba, e incluindo a fertil ilha de Itamaracá.

A extensão do littoral d'ahi para diante, o resto da actual Parahyba e Rio Grande do Norte, couberam a João de Barros e a Ayres da Cunha, de parceria; contando-se-lhes cem leguas além da Bahia da Traição. Seguiam-se sôbre o Ceará quarenta leguas para o cavalleiro fidalgo Antonio Cardoso de Barros, e depois de mediarem setenta e cinco para Fernand' Alvares de Andrade, e que vinham a incluir parte da costa do Piauhy

---

[1]) Barros, III, passim, e Couto, IV, passim. Vej. tambem o t. V. das obras poeticas de Diniz, p. 142 a 144, donde se collige como a essa familia veiu a entroncar-se um homem célebre.

e Maranhão actual „desde o cabo de Todos os Santos, a leste do rio Maranhão, até junto ao rio da Cruz", competiam outra vez áquelles dois donatarios associados, Barros e Cunha, cincoenta leguas mais, começando a contal-as de loeste „desde a abra de Diogo Leite até o dito cabo de Todos os Santos".

Fernand' Alvares d' Andrade, do conselho do rei, era então Thesoureiro mór do Reino[1]. — Em quanto viveu, diz-nos o Conde da Castanheira, foi sollicitador acerrimo em favor de providencias a bem do Brazil.

Ayres da Cunha era um valente nauta que se distinguíra como capitão mór do mar em Malaca[2]. Recolhendo dos Açôres, onde se achava com uma esquadrilha de caravellas de guarda-costa, e onde prestára serviços importantes[3], em setembro de 1533, chegára a Lisboa, commandando um galeão, com o qual se offerecêra a destruir a feitoria que em Pernambuco fundára a náo de Marselha *La Pélerine*, commissão que não lhe foi incumbida, por chegar pouco depois Pero Lopes, deixando concluida essa empresa.

Quanto ao donatario João de Barros, escusado é dizer que se trata do que viria a ser historiador da India, com tanta glória para a nação, e fortuna para a lingua, em que elle tão vigorosamente escrevia. Louve-se muito embora, nos historiadores portuguezes, a critica de Brandão, o colorido de Brito, o frazeado de Souza, de Lucena, ou de Mendes Pinto, sempre haverá que conceder a Barros toda a pureza na linguagem, muita propriedade na fraze, e um estilo elegante, principalmente quando descreve ou pinta certas paragens, ostentando as muitas noções que tinha das cousas do Oriente, como quem, aproveitando-se do seu officio de feitor da casa da India, não praticava em outro assumpto com os que de lá chegavam. Bem alheias vereis sempre as Decadas da Asia, assim dos suporiferos contos de Castanheda e de Azurara, como das prégações homericas do velho Fernão Lopes; e por isso mereceram ellas a glória

---

[1]) Barros, I, VI, 1°.
[2]) Barros, III, 2, 498. — IV, 1, p. 56, 63 e 70. — Couto, IV, 1, p. 40, 41, 88 e 101.
[3]) P. 1, 49, 89 e 91.

de ser o livro portuguez que mais folheou o immortal cantor do Gama. O Conde da Castanheira tinha o erudito feitor da Casa da India em tão boa conta que a seu respeito dizia n'um relatorio[1] ou exposição ao monarcha:

„O feitor hei eu por tão fiel em seu officio que casi me parece que ainda que furtar fôra virtude elle o não fizera: entende o negocio muito bem, ha mister mais favor que sofreadas. Não fôra mau para o negocio da Casa[2] não ser elle inclinado a outros, os quaes, não somente não são illicitos, mas muito proveitosos á terra.“ Estes outros negocios licitos, uteis á terra, a que se mostrava inclinado o pobre feitor, eram naturalmente as occupações de sua penna, que tanta glória dão ao paiz, e que revertem em quem assim o protegia, para escrever suas obras, e colonisar a patria e o orbe com as suas criações. No número destas contariamos hoje uma chronica do Brazil até o seu tempo, se havendo vivido mais annos, houvesse elle podido realizar[3] os seus intentos.

Resta-nos unicamente tratar do cavalleiro fidalgo Antonio Cardoso de Barros, cuja capitania, computada em quarenta leguas de costa, se estendia, áquem da de Fernand' Alvares, desde o Rio da Cruz, em dois gráos e um terço, correndo para leste, até a Angra dos Negros, em dois gráos[4]. Esta capitania tinha apenas seis leguas de espaço de latitude, pois seguia de dois gráos a dois gráos e um terço. — Dos precedentes deste donatario não encontramos noticias. — Segundo certos indicios de ruinas de pedra e cal, encontradas depois na Tutoia, ahi pretendeu estabelecer uma colonia, que se viu obrigado a desamparar; e mais tarde acceitou da corôa um cargo de fazenda para a Bahia, e ao recolher-se ao Reino naufragou, e foi barbaramente assassinado pelos Indios.

Por certas expressões, que lemos no relatorio mencionado

---

[1]) Este relatorio será opportunamente dado á luz.
[2]) Da India, entende-se.
[3]) Varn. na Rev. do Inst. XIII, 396. Barros servira tambem, interinamente, de thesoureino da Casa da India do 1°. de maio de 1525 a fins de 1528. Rib. *Dicc. Chr.* Tom. 2°. p. 272. Recebeu quitação em 20 de out. de 1563.
[4]) Doaç. de Evora, em 19 de nov. de 1535.

do Conde da Castanheira, deduzimos que não houve, entre os poderosos da côrte, grande concorrencia, como dá a entender a carta regia a Martim Affonso, para alcançar taes capitanias, que nem sabiam alguns dos agraciados que coisa eram. Reconhece o Conde que a destribuição não tinha dado ainda tantos resultados como se esperava, e desculpa-se de que a tal respeito não se poude fazer mais, por o não consentirem os que queriam *ir*, „e serem poucos os que sobre isso competiam".

Embora pareça que nada ha que oppor a estas reflexões, porque a necessidade era a lei, e porque urgia o estimulo aos emprehendedores, que naturalmente imporiam as condições, não podemos dissimular que, em nosso entender, o governo andou precipitado em destribuir logo toda a terra, de juro e herdade: reconhecemos a necessidade que havia de colonias por toda a extensão da costa; mas talvez estas se houveram da mesma sorte obtido e outras muitas apoz ellas, se as doações se houvessem limitado, por então, a doze ou mais quinhões muito mais pequenos; e que constassem de algumas leguas quadradas, proximas aos portos principaes da costa, ja então conhecidos e frequentados. A colonisação não se teria disseminado tanto (chegando ás vezes a perder-se), e houvera sido mais proficua, e dado resultados mais promptos; e o governo poderia ter guardado um novo cofre de graças, para recompensar os serviços feitos pelos abastados do commercio que aspirassem a satisfazer a tendencia existente no coração humano de vincular, para seus successores, as fortunas adquiridas. — Com doações pequenas, a colonisação se teria feito com mais gente, e naturalmente o Brazil estaria hoje mais povoado — talvez — do que os Estados-Unidos: sua povoação seria por ventura homogenea, e teriam entre si as provincias menos rivalidades, que, se ainda existem, procedem, em parte, das taes grandes capitanias. ¿Pois é possivel crer que esses poucos que competiam para ser donatarios, como diz o Conde da Castanheira, se não contentassem sem a idéa do dominio de muita terra embora inutil, e sobre que nem sequer podiam saciar com os olhos, mas só com a imaginação, sua cobiça, quando na maior parte eram de sertão, onde não poderiam ir,

nem foram, em sua vida? O mal foi fazer-se tudo á pressa! E o caso é que com isso, por ser mal feito, não se expulsaram de nossos mares os navios francezes, que era o resultado principal que se pretendia obter.

E' certo que a mania de muita terra acompanhou sempre pelo tempo adiante os sesmeiros, e acompanha ainda os nossos fazendeiros, que se regalam de ter matos e campos em tal extensão que levem dias a percorrer-se, bem que ás vezes só a decima parte esteja aproveitada; mas se tivesse havido alguma resistencia em dar o mais, não faltaria quem se fosse apresentando a buscar o menos. Annos antes tinham aparecido colonisadores para os Açôres, com muito mais pequenas doações de terras; e os Açôres e a Madeira teem hoje, proporcionalmente, mais povoação que os districtos de Portugal, naturalmente porque foram as doações mais pequenas e em maior número: e apezar de haverem sido muitos dos colonos estrangeiros, como os que levou Hürter para o Fayal e Bruges para a ilha Terceira, nem por isso a colonia, formada de flamengos, ficou flamenga, nem falando flamengo.

Na distribuição primitiva das terras, sem dúvida se deram mui notaveis desigualdades, não tanto no avaliar as doações pelo maior ou menor número de leguas sobre a costa, que esse foi em geral de cincoenta; bem que por excepção se extendesse a oitenta ou a cem, ou se restringisse a trinta. As maiores e mais caprichosas desigualdades se encontram, quando hoje vamos sobre o terreno apurar até onde chegavam, pelo sertão adentro, os direitos senhoriaes concedidos; e medimos aproximadamente, os milhares de leguas quadradas, que, segundo a correspondente carta de doação, tocava a cada um destes estados, geralmente com maior extensão de territorio do que a mãe-patria; extremando de loeste, pela meridiana da raia que estabelecemos, na supposição de se contarem as leguas como de dezeseis gráus e dois terços.

Procedendo a esta apuração, facil será conhecer que as doações, em milhares de leguas quadradas, vinham a guardar, pouco mais ou menos, as proporções seguintes:

1.° — Duarte Coelho, doze milhares;
2.° — Pero Lopes, sete e meio;
3.° — Francisco Pereira, sete milhares;
4.° — Figueiredo, quasi o mesmo;
5.° — Tourinho, seis milhares e meio;
6.° e 7.° — Barros e Cunha, quasi o mesmo cada um;
8.° — Vasco Fernandes, cinco milhares e meio;
9.° — Martim Affonso, pouco mais de dois e meio;
10.° — Pero de Goes, menos de dois:
11.° — Fernand' Alvares, menos de milhar e meio;
12.° — Antonio Cardoso, pouco mais de seiscentas leguas.

Deste modo a capitania de Martim Affonso, que talvez o doador pensou fazer maior que as outras, saiu das mais pequenas. Ainda nos nossos tempos ha exemplos de disposições legislativas, em que da ignorancia de principios scientificos procedem resultados absurdos, ou contrarios á mente dos legisladores.

Em todo caso, por meio do estabelecimento destas capitanias, pensou o governo de D. João 3e., sem lezar directamente o thesouro da nação, não só assegurar esta grande extensão de terra que a fortuna lhe outorgára, como, com o tempo, recolher, por meio da cultura della, maiores vantagens. — Não ha dúvida que por muito entraria no animo do soberano o pensamento de propagar o evangelho; mas elle o faria, faltando aos seus deveres, se o executasse empobrecendo, em gente e em recursos, o povo que regia, sem esperanças de retribuição. Uma colonia, diz um publicista que se occupou professionalmente do assumpto, „é o resultado da emigração de individuos de que a metropole se priva, com a esperança de poder indemnisar-se mais tarde dos sacrificios que faz; sem o quê, os estabelecimentos que fizesse só lhe causariam damno". Pelo que, o simples facto do estabelecimento de uma colonia por qualquer nação, que a funda com os seus filhos, „a defende com as suas armas e a mantêm por suas leis, como diz Montesquieu, reclama a compensação nas vantagens do seu commercio, com exclusão de todas as outras nações, segundo o direito europeo, ainda praticado em nossos dias por alguns.

SECÇÃO X.

(VI. da I. ediçâo.)

DIREITOS DOS DONATARIOS E COLONOS. PORTUGAL NESTA EPOCHA.

Privilegios ou foros dos donatarios. Privilegios feudaes. Desprendimento da corôa. Foral. Deveres para com o rei e os colonos. Couto e Homisio. Estrangeiros christâos. Leis do Reino. Codigo Manuelino ou cinco livros das Ordenaçôes. Administraçâo dos Concelhos. Juizes de fóra. Mesa da Consciencia. Alçadas. Systema fiscal. O throno. A magistratura lettrada. Aristocracias. Tratantes ou agiotas. Titulos. Fidalgos, Infançôes. Moradias. Brazâo. Fontes de legislaçâo. Tres ordens militares. Nomes e Appellidos. Lingua portugueza. Escriptores antigos. Pronunciaçâo brazileira. Cultura intellectual da metropole. Industria. Civilisaçâo arabe na Hespanha. Architectura. Pintura. Typographia. Marinha. Nautica. Antiguidade do Astrolabio. Seculo XV. A imprensa. Livre exame. Protestantismo. Tribunal da Inquiziçâo. Advertencia.

As concessões outorgadas pelas cartas de doação, passadas quasi por igual teor, são mais latas do que se devia esperar em uma epocha em que na Europa os reis tratavam de concentrar cada dia mais a autoridade, fazendo prevalecer o direito real dos imperadores, com detrimento dos antigos senhores, ou de certas corporações privilegiadas; mas a beneficio em geral do povo. Os meios *feudaes* tinham sido porêm os mais proficuos para colonizar os paizes quasi ermos de gente: por isso mesmo que o desejo do poder existe na natureza humana, e é um estimulo vigoroso para convocar os ambiciosos a exporem no meio de trabalhos, quanto ja tem, para adquirirem mais. E como eterno só é Deus, ao tempo cumpria corrigir o que antes fôra e agora era medida necessaria.

As doações são feitas pelo rei, não só como tal, senão como governador e perpetuo administratador da ordem e cavalleria do mestrado de Christo; e são declaradas válidas, apezar de irem contra as leis do reino que dispunham de outro modo, e principalmente contra a lei mental[1] que, como é sabido,

---

[1]) Ordenaçôes do reino, Liv. 2, tit. 35.

foi aquella com que o rei D. Duarte (a pretexto de que o chorado Mestre d'Aviz, seu pae, a tinha *in mente*) deu o primeiro golpe nos previlegios senhoriaes. As referidas doações são vinculadas, nas familias dos primeiros donatarios; obrigando aos successores herdeiros, sob pena de perdimento da capitania, a guardarem para sempre os mesmos appellidos.

Apezar desta concessão, claro está que, segundo a lei geral, cada herdeiro necessitava sempre da confirmação régia, e ás vezes o mesmo herdeiro a pedia cada vez que a corôa passava a novo rei. Os morgados, isto é, as capitanias, deviam seguir indivisivelmente, assim nos transversaes e ascendentes como nos bastardos, até pela linha feminina, o que fôra abolido pelo dita lei mental. E isto com tanto empenho que, excepto no caso de traição á corôa, o vinculo seguia ao successor, quando o proprietario comettesse crime tal que pelas leis do reino devesse perdel-o.

O donatario da terra poderia perpetuamente:

Chamar-se capitão e governador della;

Possuir na mesma uma zona de dez e, alguns, até dezeseis leguas de extensão de terra sobre a costa, comtanto que fossem em quatro ou cinco porções separadas entre si duas leguas pelo menos, e nunca juntas; sem pagarem outro tributo mais que o dizimo;

Captivar gentios para seu serviço e de seus navios;

Mandar delles a vender a Lisboa até trinta e nove (a uns mais que a outros) cada anno, livres da siza que pagavam todos os que entravam;

Dar sesmarias, segundo as leis do reino, aos que as pedissem, sendo christãos; não ficando estes obrigados a mais tributo que o dizimo.

Competia-lhe:

O direito das barcas de passagem dos rios mais ou menos caudaes;

O dizimo do quinto dos metaes e pedras preciosas;

O criar villas, dando-lhes insignias e liberdades, e por conseguinte foros especiaes, e nomeando para governal-as, em nome delle donatario e de seu successor, os ouvidores, meirinhos e mais officiaes de justiça.

Prover, em seus nomes, as capitanias de tabelliães do público e judicial, recebendo de cada um quinhentos reis de pensão por anno;

Delegar a alcaidaria ou governo militar das villas, nos individuos que escolhessem, tomando-lhes a devida menagem ou juramento de fidelidade;

O monopolio das marinhas, moendas de agua e quaesquer outros engenhos, podendo cobrar tributos dos que se fizessem com sua licença;

A meia dizima ou vintena de todo o pescado; excepto Duarte Coelho a quem foi concedida a outra meia dizima.

Redizima dos productos da terra ou o dizimo de todos os dizimos;

A vintena do producto do páo-brazil, ido da capitania, que se vendesse em Portugal[1];

Alçada, sem appellação nem aggravo, em causas crimes até morte natural, para os peões, escravos e até gentios; dez annos de degredo, e cem cruzados de pena ás pessoas de maior qualidade; e nas causas civeis, com appellação e aggravo só quando os valores excedessem a cem mil reis;

Conhecer das appellações e aggravos de qualquer ponto da capitania;

Influir nas eleições dos juizes e mais officiaes dos concelhos das villas, apurando as listas dos homens bons, que os deviam eleger; e annuindo ou não ás ditas eleições dos juizes e mais officiaes, que se chamariam pelo dito capitão e governador, apezar do que em contrário dispunham as ardenações do reino.

O Soberano promettia além disso que nunca entrariam nas capitanias os seus corregedores, com alçada de natureza alguma, nem jamais seria o donatario suspenso ou sentenciado, sem ter sido primeiro ouvido por elle proprio soberano, que para isso o faria chamar á sua presença.

Deste modo a corôa chegava a ceder, em beneficio dos donatarios, a maior parte dos seus direitos magestaticos; e

---

[1]) Esta parte foi revogada por alvará de 5 de março de 1557. Synops. Chron. de Portug. por José Anastacio de Figueiredo; t. II, p. 18.

quasi conservava sôbre as novas capitanias brazilicas um protectorado, com poderes mui limitados, a troco de poucos tributos, incluindo o do dizimo; do qual tributo ella mesma pagava o culto público e a redizima aos senhores das terras. Quasi que podemos dizer que Portugal reconhecia a independencia do Brazil, antes delle se colonizar. Tal era o empenho que devia levar, graças a Diogo de Gouvêa principalmente, em não ver passar a gente estranha o bello territorio que a sorte lhe dera em partilha! Quantas vezes um só homem, uma só idéa ou pensamento fecundo, pode salvar de todo um paiz!

Porêm as doações constituiram apenas a legitimidade da posse, e os direitos e privilegios do donatario. Falta pois que nos occupemos do titulo do pacto que fixava os deveres deste último para com a corôa, e para com os colonos ou futuros habitadores do couto. Este pacto era o „*Foral* dos direitos, foros e tributos e cousas que na dita terra haviam os colonos de pagar“ [1] ao rei e ao donatario. Era um contracto emphiteutico, em virtude do qual se constituiam perpetuos tributarios, da coroa e dos donatarios capitães mores, os solarengos que recebessem terras de sesmarias. A preferencia dada ao systema de ração (pensão do dizimo) a um foro certo, proveiu de ser elle o mais de accordo com as idéas religiosas dos colonos.

Cada capitania recebeu o seu foral. Nelle se confirmam as doações e privilegios feitos ao senhor da terra; estipulam-se os foros dos solarengos que a haviam de habitar, e as pouquissimas regalias, que a corôa se reservava. Estas se reduziam aos direitos das alfandegas, ao monopolio das drogas e especiaria, ao quinto dos metaes e pedras preciosas que se encontrassem, e, finalmente, ao dizimo de todos os productos pagos ao rei, que como chefe dos mestrado e padroado da ordem de Christo, deveria prover, segundo dissemos, quanto respeitava ao culto divino. Para effectuar as cobranças nomearia o rei os competentes officiaes de Fazenda, equivalentes

---

[1]) Palavras dos proprios foraes. Vej. Doc. VIII e IX app. ao Diario de Pero Lopes, publicado pelo autor em 1839.

aos *mordomos* dos feudos antigos, como almoxarifes e feitores, com seus competentes escrivães.

Os foros concedidos aos colonos ou futuros moradores se reduziam:

A possuirem sesmarias sem mais tributos que o dizimo.

A'isenção para sempre de quaesquer direitos de sizas, impostos sobre o sal ou saboarias, ou outros quaesquer tributos não constantes da doação e foral.

A' garantia de que o capitão não protegeria com mais terras os seus parentes, nem illudiria as datas dellas, para augmentar as suas;

A ser declarada livre de direitos toda a exportação para quaesquer terras de Portugal, pagando somente a siza ordinaria quando se vendessem os productos;

A' franquia de direitos dos artigos importados de Portugal, excepto por navios estrangeiros (tratadores estranhos), em cujo caso pagariam o dizimo de entrada.

Ao commercio livre dos povoadores entre sí, ainda quando de differentes capitanias, e privilegio para só elles, quando não estivessem associados a estrangeiros, negociarem com os gentios da terra;

Além disso cada capitania era declarada couto e homisio; e ninguem poderia por tanto ser nella perseguido, em virtude de crimes e delitos anteriores.

Desta fórma aos estrangeiros christãos (catholicos se entende) não ficava vedado o virem por colonos, como succedeu no principio do seculo immediato; e aos proprios navios estrangeiros se permittia o commercio directo com Portugal; bem que cumulados do grande direito differencial de dez por cento a toda importação, o que equivalia a não se expor a que elles fossem depois carregados para seus paizes; o que segundo parece estivera nos intentos do legislador prohibir. Socialmente reconhecia o foral e doação, além do privilegiado donatario, tres classes distinctas: os fidalgos, os piões e os gentios.

Claro está que em todos os pontos não especificados nas doações e foraes, se consideraram vigentes para o Brazil as leis geraes do reino.

Estas leis eram então as Ordenações, que em virtude do nome do rei que as promulgou (fazendo reformar as *Affonsinas* do meiado do seculo anterior), se ficaram chamando *Manuelinas;* as quaes, additadas e melhor redigidas, se promulgaram de novo no principio do seculo seguinte, reinando um dos Filippes de Castella; pelo que se ficaram chamando *Filippinas.* As fontes originarias destas ordenações eram o codigo wisigothico[1], as leis promulgadas separadamente, desde o principio da monarchia portugueza, as das Partidas de Castella, e todo o direito justiniano e mais codigos romanos, explicados e commentados nas universidades de Bolonha e de Paris.

O codigo *Filippino* promulgado em principios do seguinte seculo, foi pouco mais do que uma nova edição correcta e augmentada do *Manuelino,* que como lei não chegou a vigorar por um seculo; se bem que na sua confecção presidissem muitos mais trabalhos e muitos maiores esforços de codificação que no que lhe usurpou o nome. Occupou-se do dito codigo manuelino, durante deseseis annos, o honrado chanceller mór Ruy Botto, e outros jurisconsultos distinctos; e o proprio rei ligava ao seu codigo tanta importancia que nem sequer o esquecera no testamento; pois recommendára em uma verba deste que obra tão gloriosa para o seu reinado se concluisse; verba com o cumprimento da qual nada tiveram que fazer seus successores, por haver Deus disposto que o mesmo rei só fallecesse depois de receber o codigo a última demão; ficando assim por sua morte publicada em terceira edição[2] em 1521, a collecção das leis patrias por que tanto se empenhava. Verdade é que muitos artigos do codigo manuelino sairam diffusos e com redundancias, e que ás vezes comprehendem até explicações e glossas; de forma que o legislador se apresenta de quando em quando convertido em lente de direito;

---

[1]) „Codigo por que a Nação se havia regido“ lhe chamava, ja em 1814, Vicente A. de Carvalho, „*Mem. sobre a Emphyteuse*“, pag. 17.

[2]) Ja assim o afirmavamos em 1854, na pag. 77 da 1ª. edição desta Historia. No opusculo *Ordenações do Reino* do Sr. Tito de Noronha, pub. em 1873, vem explicada (nas pag. 16 e 17) a razão da raridade das duas primeiras edições de 1512 e 1514: dellas foram mandadas *romper* todos os exemplares, com pena até de degredo aos que o fizessem; isto por C. R. de 15 de março de 1521.

mas estes pequenos defeitos, que em geral não prejudicam á clareza, são inherentes ao estilo da epocha, o qual alias os reformadores filippinos deixaram muitas vezes como estava.

Constam as Ordenações manuelinas de cinco distinctos codigos chamados *Livros*, divididos em titulos.

O primeiro comprehende os regimentos de todos os magistrados do reino, os quaes estavam sujeitos ao magistrado supremo, o rei.

Trata o segundo livro dos direitos e bens da corôa, dos privilegios e jurisdição dos donatarios, dos ecclesiasticos, das igrejas, dos mosteiros, das capellas e dos residuos dos testamentos.

O terceiro comprehende o codigo do processo judicial, ja no tempo[1] das nossas doações alterado.

O quarto vinha a ser o codigo civil. Nelle se estipula sobre successões e contratos, quasi tudo á maneira do direito romano com as modificações, que resultaram da *civilisação* goda, os feudos e morgados, e os dotes e arrhas dos matrimonios.

O quinto livro abrangia o codigo penal, e o do processo das causas crimes; e tornou-se célebre pelo seu muito rigor, e pela frase lugubre, nelle muitas vezes repetida, de *morra per ello;* frase com que por ventura os legisladores haviam pensado amedrentar a sociedade que começava em Portugal a perverterse moralmente.

Nos casos não previstos no codigo, dispunha um artigo[2] que fossem subsidiarios, envolvendo peccado, os sagrados canones; e, não o envolvendo, a antiga legislação romana, embora discorde com os mesmos canones. Na fallencia destas duas fontes de direito, seriam válidas as glossas de Acursio, não reprovadas pelos doutores, e as opiniões de Bartolo não rebatidas pela opinião commum. A jurisdicção primaria em cada terra era exercida pelos *juizes ordinarios*, mudados annualmente, e eleitos d' entre os „homens bons" ou pessoas mais gradas do concelho. — Nas cidades e villas eram geralmente dois, e se denominavam de *vara vermelha*, por ser desta

---

[1]) Lei de 1526, julho, 5.
[2]) Liv. II, tit. 5°.

côr o distinctivo que tinham obrigação de levar sempre comsigo. Nas cidades e villas havia dois. Os mesmos juizes juntos, pelo menos, a dois *vereadores* e a um *procurador* do concelho, constituiam a *camara* ou *senado*, que exercia o governo municipal, e economico do mesmo concelho. O *procurador* servia, nas povoações menores, de *thesoureiro*. Aos vereadores competia a organisarem as *posturas* e vereações. Havia mais, em cada concelho, um escrivão e um *almotacé*; este encarregado da execução das posturas, determinadas pelos vereadores, e de fiscalisar a aferição dos pezas e medidas, os preços dos comestiveis, e de zelar pelo aceio e policia das povoações, etc.

A autoridade dos juizes ordinarios cessava, em parte, onde havia, nomeados pelo rei, *juizes de fóra*, ou lettrados, chamados tambem de *vara branca;* e igualmente havendo juizes especiaes de orfãos, de defunctos e ausentes, do crime e outros, no que era da especial competencia destes.

As Ordenações prohibiam expressamente aos senhores das terras o transtornar ou quebrar o que ellas dispunham acerca das eleições dos officiaes das camaras; mas, segundo vimos, aos donatarios do Brazil fôra concedido o annuirem ou não ás eleições dos juizes ordinarios e mais officiaes, clausula que só durou, em quanto não foram coartados os poderes illimitados, que a principio lhes foram concedidos.

Em cada concelho havia um *alcaide* pequeno, que respondia pelo socego, e fazia as prisões e as citações. Era escolhido pela camara entre os propostos pelo senhor da terra. Na propria casa da camara se dispunha de ordinario o carcere ou prisão municipal.

Nas causas julgadas em primeira instancia, se appellava no reino para a *Casa do Civel*; e desta se podia aggravar para a da Supplicação e Dezembargo do Paço. Porêm, para as capitanias do Brazil, foi primeiro concedido aos donatarios o terem alçada, e poderem conhecer das appellações e aggravos; depois passou esta prerogativa ao Governador Geral, e ao Conselho da India; e só pelo tempo em que se estabeleceram as relações, é que poderam os colonos appellar dellas para o Desembargo do Paço.

Além do codigo manuelino, se haviam publicado, em 1516, o regimento e as ordenações da Fazenda, com as quaes se reformou de todo o systema antigo, e se adoptára um novo systema tributario, em harmonia com a transformação que se operára no Reino, depois das descobertas. Neste regimento se comprehendem o dos vedores da Fazenda, o dos contadores das comarcas e o dos almoxarifes e recebedores, que taes eram os cargos que constituiam a ordem dos fiscaes da renda do Estado.

Para aconselhar a Corôa acerca do regimen dos estabelecimentos de piedade e caridade, como os respectivos ás capellas, hospitaes, albergarias, mamposterias e resgate dos captivos, e tambem aos perdões, ás ordens religiosas, e a varias atribuições da universidade etc., acabava de ser instituido (em dezembro de 1532), um tribunal institulado „*Meza da Consciencia e Ordens*", composto de um presidente e cinco deputados theologos ou juristas.

Na gerarchia governativa, como paiz eminentemente monarchico, tudo ia convergir ao throno, ou antes tudo delle divergia; desde que os reis portuguezes, á imitação dos outros do continente europeu, haviam feito mais dependentes da corôa, não só os antigos senhores das terras, como o proprio clero, restringindo-lhe, por meio de concordatas com a Santa Sé, suas liberdades, e apropriando-se os beneficios e nomeações delles. Sem esse poder quasi absoluto que se tinham adjudicado os reis, valendo-se da magistrature lettrada, classe média entre os grandes e o povo, que se formava nas universidades, talvez não fôra possivel a Portugal ter levado e mantido tão longe suas conquistas, em uma epoca de revolução social, como a que se operou pelo trato da America, e pela facilidade e frequencia do da Asia. Essa magistratura lettrada, por seu saber, por seus enredos, sua actividade, sua loquella e a protecção que lhe davam as Ordenações, redigidas por individuos de sua classe, veiu, pelo tempo adiante, a predominar no paiz; — e até a alistar-se no número de seus primeiros aristocratas, depois de haver em geral hostilisado a classe, antes de chegar a ella. E' a tendencia do espirito humano; e quem sabe se desgraçadamente originada por um principio

de inveja que degenera em orgulho. Entretanto, por mais que corram os seculos, não ha paiz, embora blazone de mui republicano, que não aprecie a sua aristocracia; istó é a nobreza hereditaria; — sendo que a tradicção das familias vem, com o andar do tempo, a constituir a historia da patria. A nação acata nos filhos, e ainda mais nos netos, os nomes e a sombra, digamos assim, dos individuos que lhe deram illustração e glória, como nós em sociedade veneramos até as suas reliquias; e não só o cadaver, como a espada do heroe, que morreu pela independencia da patria; a penna do escriptor que a illustrou pelas lettras; o annel do prelado que foi modelo de saber e virtudes. Além de quê, a experiencia prova que as aristocracias, sustentaculos dos thronos, são ao mesmo tempo a mais segura barreira contra as invasões e despotismos do poder, e contra os transbordamentos tyranicos e intolerantes das democracias.

A aristocracia de serviços e a de nascimento ou de sangue (que não é outra coisa mais que a de serviços, com algumas gerações em cima) começava a mesclar-se bastante com a dos haveres. O que hoje chamamos agiotagem conseguiu nesta quadra monopolisar na Hespanha e Portugal os suores e os trahalhos de toda a industria do lavrador, do armador e até da renda do Estado. O rapido giro de fundos dado pelas lettras de cambio, a promptidão com que se passavam grandos creditos de Lisboa para Sevilha, para a feira de Medina, para Genova, para Flandres, deu aos desta classe, ajudados pela estabelecimento dos correios, de que souberam tirar partido, tal superioridade nos negocios que ninguem podia com elles competir. A's vezes acudiam nas urgencias do estado, e o soccorro era reputado um grande serviço, e recompensado como tal. Outras vezes era o herdeiro de um grande nome, e representante de muitos heroes quem, para poder ter com que acommodar-se ao luxo da epocha, não desdenhava alliar-se com a neta do sayão convertido, cujo descendente se fizera rico tratante, como então se dizia, sem que o vocabulo se tomasse em máu sentido, como as obras delles tratantes ou tratadores vieram a fazer que se tomasse.

A população livre em Portugal, no principio da monarchia,

podia reduzir-se ás duas classes de nobres e plebeios. Os primeiros comprehendiam os *ricos-homens*, „senhores de pendão e caldeira", com *vassallos* a seu serviço, e os *infanções*, que vinham a ser os nobres por linhagem [1] ou *fidalgos* (filhos d'algo), mas filhos segundos, e por conseguinte sem terras e pobres.

O titulo de *dom*, equivalente ao de senhor (de *dominus*) dava-se apenas a principio aos reis, principes e ricos-homens, vindo a ter quasi a mesma valia que ao depois o de duques. Mais tarde o fizeram os reis extensivos aos seus filhos naturaes e aos que muito se distinguiam por altos feitos, como o condestavel Nun 'Alvares e o nauta Vasco da Gama. Tornado porém mui familiar em Castella, e julgando-se autorisados a usal-o todos os que de Castella procediam, veiu a ficar quasi sem valor, principalmente depois do tempo dos Filippes, ordenando-se entretanto, por uma lei que, por caso nenhum, podessem herdar tal titulo os filhos illegitimos.

Os titulos usados nas outras nações mais antigas da Europa, começando pelo de conde, foram pouco a pouco introduzidos em Portugal, a principio com tanta parcimonia que o rei D. Diniz apenas creou dois, D. Pedro o Justiceiro outros dois e D. Fernando cinco. Esse titulo, derivado do nome latino *comes*, companheiro, andára associado em outros paizes aos principaes conselheiros e mais affectos servidores do rei.

D. João 1º., casado com ingleza, e muito imitador de Inglaterra, creou os dois primeiros ducados portuguezes, que foram os de Coimbra e de Vizeu, com o intuito de premiar os serviços de dois de seus filhos. D. Affonso 5º. creou os dois ducados de Bragança e de Guimarães, e os dois primeiros marquezados (Valença e Villa Viçosa), bem como o primeiro viscondado (de Villa nova da Cerveira) e o primeiro baronato (d'Alvito). O titulo de marquez (Marcgraf) era originario d'Allemanha, e correspondia ao dos antigos *Adiantades mores* das fronteiras em Portugal. Entre os cargos de primeira classe se contavam tambem os *alcaides mores*, ou governadores militares das villas ou cidades, ordinariamente hereditarios.

---

[1] Vej. Alv. Ferreira de Vera, Garibai, Zurita e outros.

Elrei D. Manuel, para regularisar melhor as recompensas dos altos feitos, e dar á ordem hierarchica da nação certa disciplina, de accordo com a centralisação monarchica, que triunfára de todo em Portugal, em tempo do seu predecessor D. João 2º, estabelecêra pensões ou *moradias* da Casa real aos descendentes das tres classes de servidores do estado, que requeriam taes assentamentos. Os filhos dos grandes, ou antigos ricos-homens, eram admittidos por moços fidalgos, podendo passar a fidalgos cavalleiros, depois que, por algum feito, fossem armados: os dos simples fidalgos ou *infanções* entravam por moços da Camara, podendo subir, por accesso ordinario, a cavalleiros fidalgos: os dos simples plebeos por moços da estribeira, podendo passar a escudeiros e até subir a simples cavalleiros, como succedeu com o Caramurú da Bahia, com Henrique Montes e outros. Isto, bem entendido, como recompensas hereditarias aos que ja se haviam distinguido, como entre nós ainda se concedem, pela nação, pensões ás viuvas e filhos, pelos serviços dos maridos e pais, mas sem prejuizo de elevar a estes ás classes superiores, quando prestassem taes serviços que viessem a dar glória á mesma nação, e a proporcionar, ainda depois de mortos, estimulos vivos ás successivas gerações. Por esta razão os titulos que importavam glórias nacionaes, dignas de serem perpetuadas, como os concedidos a Vasco da Gama, eram com razão declarados hereditarios. Os grandes senhores e os prelados tinham tambem escudeiros a seu serviço.

As mencionadas honras na Casa Real vieram a ser mui empregadas para recompensar tambem serviços feitos no Brazil, como ja vimos a respeito do Caramurú e de Henrique Montes; pelo que convêm que fique desde ja explicado em que consistiam; e, com maior razão, quando a natural aspiração de cada um a passar á classe superior serviu de estimulo a praticarem-se grandes feitos e trabalhos, e contribuiu a dar ao poder central a fôrça e unidade, sem a qual não houvera obtido tantos triunfos em regiões tão afastados do centro de sua acção. . .

O mesmo rei D. Manuel regularisou na monarchia o uso dos brazões, dando regimento ao rei d'armas, arautos e pas-

savantes, depois de haver mandado tomar a tal respeito informes nas côrtes estrangeiras; convencido de que estava nos interesses da nação, com vantagem para o fisco; sendo mais um recurso de estimulo e paga de serviços, o regularisar o uso das distincções hieroglyphicas da arte heraldica, prohibindo que indevidamente se condecorassem a si proprios, com o seu uso, os que o não legitimassem com a competente licença ou diploma e a paga dos direitos.

Assim como as demais nações do meiodia da Europa, Portugal, que fizera parte do imperio romano, que fôra conquista dos Barbaros seus invasores e dos Mauro-arabes, vencedores destes, herdára de todos instituições e habitos. A legislação civil e as municipalidades eram romanas. Dos barbaros procediam originalmente os foraes e parte da legislação criminal; tambem delles, mais que do senado romano, provieram as antigas *Côrtes* ou congressos, convocados pelos reis, em que, com o andar do tempo, vieram a ter parte os procuradores dos povos, mas a que assistiam a principio só os magnatas, para resolverem o augmento de tributos ou as questões imprevistas. Dos Mauro-arabes foram adoptados os cargos de alcaidesmores, alferes mores, almocadens, adaís, almogavares e outros titulos da milicia. Esta veiu a reformar-se muito com as guerras das cruzadas, onde tiveram origem as ordens militares, isto é as ordens de freires que faziam profissão de combater pela fé de Christo. Destas ordens havia tres em Portugal, a saber: 1.ª a de *Christo*, creada para substituir neste reino a suprimida dos Templarios, cujos bens foram em Portugal confirmados á da Christo em 1319, pelo papa João XXII; 2.ª a de *Santiago* da Espada, a principio rama da de igual nome no reino visinho, donde foi desannexada, por bulla de Nicoláu IV de 1288; 3.ª a de *S. Bento* (vulgo d'Aviz), correspondente á castelhana de Calatrava, da qual so foi definitivamente separada pelo papa Eugenio IV.

Havendo o successor do mencionado rei D. Manuel (D. João 3.º) associado á Corôa os grãos-mestrados destas tres ordens, vieram os seus bens a prestar-lhes muitos mais meios de galardoar os serviços; e cumpre dizer que, em meio de alguns abusos

inevitaveis á condição humana, foi isso de grande recurso para que não deixassem de ser recompensados muitos trabalhos e boas acções, que então se praticaram, especialmente nas colonias.

Seguindo os usos da epoca e da nação, cada individuo, além do nome, tinha o sobrenome. Estes, a princípio, haviam sido sempre *patronimicos*, ou derivados dos nomes dos pais, como ainda hoje usam os Russos. Assim o filho de Pedro (Pero), acrescentava o sobrenome de Perez, e o filho de Alvaro o de Alvarez. Porém ja este costume caía em desuso, adoptando-se o cognome por mero arbitrio, ou contentando-se com o appellido dos pais, juntando tambem alguns, a modo dos Castelhanos, o materno. Quanto aos mesmos appellidos, uns haviam sido tomados ou se tomavam dos nomes das terras, donde procediam, nem sempre solares das respectivas familias, outros haviam provindo de simples alcunhas, taes como os de Leitão e Coelho[1].

Digamos agora duas palavras ácerca do estado em que se achava a lingua, a litteratura e a instrucção no paiz em que se haviam creado os que vieram colonisar o nosso.

A lingua portugueza campeava já na virilidade. No tempo da dominiação romana quasi toda a peninsula iberica havia abandonado as linguas anteriormente ahi faladas, acceitando com mais ou menos corrupção um latim, que depois não deixou naturalmente de soffrer ainda alguma degeneração, com expressões godas e arabicas. No condado portugalense, berço da monarchia de Affonso I, se falaria quasi a mesma lingua que em todo o reino de Leon, a que com a Galliza e as Asturias pertencia, e até com pouca differença a mesma que no Aragão, cujo dialecto ainda hoje se parece muito mais com o portuguez que o castelhano. Pouco a pouco entretanto se foi extremando a linguagem portugueza dos dialectos desses outros districtos.

Alguns trovadores provençaes tinham nas côrtes dos reis D Affonso III e D, Diniz estimulado o apparecimento de muitos trovadores no mesmo genero, no numero dos quaes devemos contar este último rei, e um seu filho natural, o Conde

---

[1]) Alv. Ferr. de Vera.

de Barcellos. A creação da Universidade portugueza, devida ao mesmo rei D. Diniz, as continuas guerras civis, e o augmento das ordens religiosas, em tempos em que as estradas eram pessimas e os povos commerciavam em ponto muito pequeno, deram em grande parte azo á communicação delles uns com os outros, a qual tendia a uniformar a lingua. O praticarem-se altos feitos, que incitavam engenhos a escrevel-os; e logo depois o renascimento da antiga litteratura classica grega e latina na Europa, tudo concorrêra ao polimento da nossa lingua, que, no periodo que esboçamos, contava ja: tres novellistas de cavallarias, Vasco de Lobeira, autor do *Amadiz de Gaula*[1], Bernardim Ribeiro, autor da novella contada na *Menina e Moça*, e João de Barros, o nosso donatario, autor do *Clarimundo*; aos quaes não tardou em associar-se Francisco de Moraes, com o *Palmeirim d' Inglaterra*, tronco fecundo de uma familia de outras novellas de cavallarias de novos Palmeirins: alguns chronistas, como Fernão Lopes, Azurara, Vasco Fernandes de Lucena, Rui de Pina e Resende; alguns poetas, taes como Gil Vicente e o mencionado Bernardim Ribeiro: — sem mencionar os muitos versos de pouca inspiração do cancioneiro de Resende; nem as obras sobre a monteria, a gineta e a moral, attribuidas aos reis D. João I e D. Duarte e ao infante D. Pedro. Na phylologia e na musica adquiríra em Portugal celebridade Arias Barboza, o amigo do physico Pedro Margalho e do célebre escriptor Pedro Martyr.

E' a lingua portugueza, disse um illustre Brazileiro[2] polyglota e encyclopedico, „bella, rica e sonora; menos dura e tarda que a allemã e a ingleza; mais energica e variada ao ouvido que a italiana, mais suave e natural que a castelhana, e superior em tudo á franceza."

Na passagem para o Brazil, antes de aqui se aclimar, modificou-se ella um pouco, sobretudo na pronunciação; ja pela

---

[1]) Em um opusculo especial acerca dos *Livros de Cavallarias*, que publicámos em 1872, provámos que o primeiro livro da novella que por si constitue já uma acção acabada, se deve attribuir, sem a minima dúvida, a este autor.

[2]) José Bonifacio „Poesias avulsas d' Americo Elysio", Bordeos 1825, pagina 110.

maneira como nosso differente clima operaria sobre os orgãos da fala, ja pelo trato de muitos castelhanos, tambem colonos, e pelo do dos habitantes da terra; ja finalmente pela necessidade de adoptar nomes novos para novas ideas; o que fez passar não só a Portugal, como a toda a Europa, muitos vocabulos que são exclusivamente do Brazil; taes como: tapioca, mandioca, cajú, guaiába, jacarandá, copaíba, ananás, piassaba ou antes piassá, ipecacuanha, e outros muitos.

A cultura intellectual de Portugal, isto é, o estado das lettras e das sciencias, pode dizer-se que andava então a par do dos mais paizes da Europa. A Universidade era favorecida pelo soberano, que a doou com seus proprios paços em Coimbra, para onde a transferiu de Lisboa, „vendo que o tráfego da côrte e grande commercio de mercadores (negociantes) naturaes e forasteiros condiziam mal com o repouso e quietação das lettras; e que em Coimbra ficava mais accommodada, tanto pelo sitio, que é quasi no meio do reino, como pela temperança e fartura da terra[1]". As grandes riquezas que em Portugal então havia, e que facultavam os meios de se viajar pelo estrangeiro, a facilidade de entender o italiano e o castelhano, as dependencias de Roma e as pendencias com Castella, o frequente que ja era o estudo do latim, o trato dos estrangeiros instruidos ambiciosos de adquirir glória nas sciencias ou nas armas, ou cubiçosos de fortuna, que, embriagados pelas estupendas novas dos descobrimentos, iam a Portugal com intuito de passarem á India ou á America, — tudo concorria a nivelar este paiz com os outros mais adiantados nessa epocha, em todos os ramos dos conhecimentos humanos.

A industria agricola retrogradava porêm; por isso mesmo que os habitos da guerra não permittiam o socego que exige a cultura do campo, nem os outros meios que havia de adquirir cabedaes, com mais facilidade, podiam estimular a que os braços se dedicassem áquella de preferencia.

Entretanto a civilisação arabe deixára de si traços indeleveis por toda a Hespanha, em differentes ramos que tem

---

[1]) Fr. Bern. de Brito.

relação com a agricultura: na meteorologia, na astronomia, na medicina e na pharmacia. Todos estão hoje concordes em confessar o muito que a civilisação europea deve á invasão arabe-mauritana, ou antes á cultura fermentada no proprio solo hispano, na côrte de Cordova, nos tempos do emirado e califado da dynastia Ommeyada; desde o fim do seculo oitavo até os principios do decimo primeiro; dessa civilisação que produziu os industriosos Ebn-el-Awam, os philosophos Alfaraby, os alchimistas Alhacem, os astronomos Alfergan e os physicos Averroes (Aben-Roiz). Dos Arabes são até na nossa lingua os termos empregados em muitas applicações industriaes: o nôme das *alcórcovas* ou sanjas que se abriam para enxugar as *liziras* ou margens dos rios: o das *acequias* ou *açacaias*[1] e *noras*, com que estabeleciam as regas; o dos *açudes*, com que derivavam as aguas para fazer trabalhar as *azenhas* e *atafonas*; o dos *azerves* com que amparavam dos ventos frios os pomares; o das *beringelas*, *acelgas*, *tremoços e alfaces* que semeavam em *alfobres*; o das *almanjarras* que moviam para prensar a *azeitona*; o dos *azulejos* com que tão profuzamente adornavam os *alizares* dos seus *pateos*, plantados de arvores que davam o *azaár*[2], e adornados de *arrayans*, de *alelis*[3], *alecrim*, *alfazema*, *anémonas*, etc.; o das *açotéas* ou eirados de seus *alcáçares*; e a final o das *azarolas*, *ameixas*, *alfarrobas*, *alperces*, e *romans*, com que ornavam os seus *alfoufes*. Lembram-nos esses nomes de origem arabe, que vão em grifo, e não seria difficil, seguindo os livros que se teem publicado ácerca dos vestigios da lingua algemia em Hespanha e Portugal, descobrir nelles muitos outros vestigios da introducção dos methodos ou industrias, que ainda hoje, no uso vulgar, as etymologias das palavras nos comprovam. Limitar-nos-hemos entretanto ainda a citar, como puramente arabes, os vocabulos *seára*, *sáfra*, *tâmara*, *algodão*, *arroba e alqueire*. Diremos entretanto que os mesmos Arabes consideravam em ponto de vista mesquinho a industria

---

[1]) Açacaias é ainda o nome das hortas regadias em Santarem.

[2]) Nome dado pelos Arabes, e ainda hoje pelos Castelhanos, á flor da larangeira.

[3]) Ou gôivos.

agricola, quando a limitaram á cultura só das terras de regadio; e não propagaram mais a plantação das arvores. Se em paizes humidos pelo solo ou pelos orvalhos, os prados são a baze e a riqueza dos lavradores, nos paizes áridos a cultura das arvores e das vinhas é de todo o proveito não só para se melhorar com estas plantas o clima, mas para que ellas possam subsistir, indo muito ao seio da terra buscar, com as raizes, a frescura e a nutrição para sua seiva, que não teem á superficie, nem podem da árida atmosphera sorver pelas folhas.

Tambem na architectura deixou de si indeleveis vestigios na Hespanha a civilisação dos Arabes. Por elles tinham vindo de Constantinopla á Hespanha, modificados em sua passagem por Damasco, inclusivamente lindos modelos de edificios, e certo gosto original de construcção, que as plantas exoticas dessa architectura que podemos chamar pontaguda não poderam desinçar de todo. E quando, no seculo dezeseis, o descobrimento das Indias, Occidentaes e Oriental, occasionou nos espiritos a grande energia, que se manifestou principalmente nas artes, produzindo uma nova epocha de grandes construcções, como o havia sido anteriormente a do triumpho do christianismo e como o está sendo, em nossos dias, a que inaugura facilidade das communicações proporcionadas pelo uso dos ferreos carriz, ainda a influencia arabe se fez sentir. Esta tendencia de restauração introduziu em Portugal um estylo original, anterior ao *plateresco* hespanhol imitado depois por João de Castilho, e á renascença em Italia. São typos desse estilo, (para que fomos o primeiro a indicar o nome de *manuelino*, que recebeu a sancção do eximio cantor de Camões, o illustre Garrett e do publico portuguez em geral), o mosteiro e a torre de Belem, que se levantavam ambos, quasi á foz do Tejo, quando o Brazil se descobria.

Não nos é possivel falar tão vantajosamente da arte da pintura, bem que alguns nomes de pintores portuguezes se conheciam ja por esse tempo. Entretanto em pintura não havia, nem ainda até hoje houve, escola que portugueza se chamasse.

A typographia corria sim parelhas com a de outros paizes

da Europa; e basta ver a obra de Cataldus[1] Siculus, feita em Lisboa em 1500, isto é, no anno que Cabral aportava á terra de Santa Cruz, para conhecer que não se imprimia então em Portugal peor que na Allemanha ou na Italia. Poucos annos antes, em 1495, haviam dois allemães, Valentim de Moravia e Nicolau de Saxonia, impresso tambem em Lisboa os quatro magnificos volumes *incunabulos* da *Vita Christi*, em portuguez, os quaes são ainda em nossos dias um verdadeiro modelo de perfeita execução typographica.

A arte ou antes a sciencia em que Portugal porêm se avantajava a todas as nações era a maritima; — sciencia caracteristica da actividade do engenho de qualquer povo, e que dá vida a uma arma, árbitra dos destinos dos estados, e até dos continentes, como a historia nos ensina pelos resultados que na sorte da Europa, e talvez da humanidade, tiveram as batalhas navaes de Salamina, Actium, Lepanto, La Hogue e Trafalgar.

Não seguiremos a trilha dos que tem até agora exaggerado os serviços feitos á nautica pelo infante descobridor, de melhoramentos na bussola, nas cartas geographicas e nos astrolabios, — instrumentos estes que ja no seculo XI se construiam com a maior perfeição, segundo nol-o provam alguns que temos visto desses tempos. Limitar-nos-hemos pois a lembrar que os Portuguezes mostraram ás nações da Europa o caminho do mar da India, e que as armadas todas pareciam ser em pequeno número, para sem muita arte, chegar a realisar o pensamento d' Affonso d' Albuquerque de assenhorear todo o mar indico pela simples occupação dos tres pontos: Ormuz, Gôa e Malaca. Foram as viagens da India que mais augmentaram a marinha portugueza; e tanto pedia a necessidade esse augmento que o governo tomou a resolução de proteger o fabrico, ou a compra a estranhos, de náos maiores de cento e trinta toneladas, por meio de gratificações[2] e de privilegios para a preferencia de carga e impostos differenciaes. Assim consta que, em maio de 1521, tinha Portugal nos mares da

---

1) Vimos deste livro o exemplar que possue o Sr. Ferdinand Denis.
2) Reg. da Fazenda, cap. 232.

India, o seu serviço, suas fretadas, oitenta e tantas velas, segundo ja em outro logar fica dito.

Moralmente todos os povos da Europa achavam-se então uns a par dos outros. O seculo decimo-quinto, todo de actividade, de investigação e de inventos, fôra um seculo dos chamados de transicção, bem que todos os seculos se poderiam classificar com tal nome. A invenção da imprensa, antes de acabar a primeira metade delle, lançou em circulação milhares de obras, resultados do cogitar de homens de várias idades e de várias seitas, que entre os contemporaneos vinham, segundo suas tendencias, a uns exaltar a imaginação, fortalecer em outros a razão. Vimos como á imprensa devêra Colombo em grande parte suas lucubrações, e devemos agora ajuntar que a leitura e o estudo nunca lhe entibiaram a fé. Outro tanto não succedia a grande número dos sabios e eruditos desta epocha. A imprensa prestava-se a tudo, não só na Hollanda e na Allemanha, como na França e na Italia. O livre exame de quanto respeitava á religião, invadiu a autoridade do catholicismo, e organisou um sem número de seitas protestantes, das quaes umas atacam reciprocamente, em prejuizo da fé de todas, os dogmas que as outras creem. Tal era a revolução que na Europa se operava nos animos, no princípio do seculo decimo-sexto, e que não era mais que o preludio de aggressões, que se dirigiram á autoridade dos reis e dos governos, e até, como ja então se viu com os anabaptistas d' Allemanha, do proprio direito de propriedade, que nos estimula ao trabalho, e deu origem a tantas grandes acções.

A aprehensão de que se apoderou o governo portuguez ácerca da invasão de herezias, nesta epocha febril, foi tal, que pediu de Roma, e, depois de muita opposição de parte da Curia de 1530 a 1536, chegou a obter no reino, a pretexto de combater o judaismo, a installação do Tribunal da Inquizição. — Triste foi o recurso, segundo a experiencia veiu a mostrar; mas as instancias feitas para obtel-o descobrem-nos que o governo tinha o instincto da necessidade de meios heroicos, — para metter nos eixos a roda da sociedade que se desgarrava e desgalgava.

A origem de semelhante instituição remonta ao 12°. seculo. Os progressos que, em França, faziam as heregias dos Albigenses e outras seitas, se haviam atalhado, organisando-se juntas de eclesiasticos que *inquiriam* quem eram os aliciadores, e os denunciavam á justiça. — Chamavam-se pois *inquisidores*, aos individuos dessas juntas; e, em 1204, foram reconhecidos por Innocencio IV. Imitaram essa instituição os Aragoneses, e em Castella foi introduzida, só contra os Judeos e Mouriscos, em 1478, ou antes, em 1483, quando o célebre Torquemada, de maldita memória, lhe deu a fórma de tribunal.

Quem como nós teve occasião de estudar, em varios autos, as fórmas de processo, que mais tarde se adoptaram para esse tribunal, não pode deixar de falar delle sem desde logo maldizel-o. Entretanto suas influencias perniciosas, que eram quasi todas, só passaram ao Brazil depois deste bastante colonisado e constituido; maximè desde o seculo passado, em que as riquezas começaram a seduzir os cubiçosos fiscaes do chamado *Santo Officio*, — deste *Status in Statu*, cujos dictames, superiores a toda a lei, diminuiam ao rei a magestade, ao governo o poder, aos tribunaes a justiça, aos prelados a autoridade ecclesiastica, e aos povos a liberdade, — não só de discutir, como até quasi de pensar. Para o Brazil nunca se creou uma inquizição especial; ficou elle sempre sujeito á de Lisboa.

SECÇÃO XI.

CHRONICA PRIMITIVA DAS SEIS CAPITANIAS CUJA COLONISAÇÃO VINGOU.

Capitania de Martim Affonso. Ataque de Iguape. Derrota. Ataque a S. Vicente. Invasão do mar. Villa de Santos. Monjôlo. Sua procedencia da China. Engenhos de assucar. Sesmarias. Terras de Pero Lopes. Seus delegados em Santo Amaro. Itamaracá. Pero Lopes vai á India. Sua morte. D. Izabel de Gamboa: seus delegados. Villa da Conceição. Itamaracá. Duarte Coelho. Marim ou Olinda. Recife. Porto de Pernambuco. Villa de Olinda. Sua situação. Desprezo do Recife. Tamandaré. Trabalho dos Indios. Etymologia de Olinda. Nova Lusitania. Prospéra a colonia. Rigor do donatario. Queixas. Viagem á Europa. Rio de S. Francisco. Caxoeira de Paulo Affonso. Cultura do assucar. Igaraçú. Capitania do Espirito Santo. Sesmarias. Villa da Victoria. Principaes colonos. O donatario e seus vicios. Decadencia. Porto Seguro. Seu donatario. Primeira villa. Gentio. Colonos pescadores. Venda da capitania. Capitania dos Ilheos. Romero, delegado do donatario. Morro de S. Paulo. S. Jorge dos Ilheos. Descripção do paiz. Expulsão e reintegração do delegado. Resultados.

Vejamos agora como se conduziu cada um dos senhores isentos ou donatarios das capitanias.

De todos chama primeiro a nossa attenção Martim Affonso de Souza, — o fundador da colonia de S. Vicente, a quem ella fôra na partilha geral com tanta justiça e tanta politica adjudicada. E chama este donatario primeiro nossa attenção, não só porque a sua capitania prosperava, quando ainda estavam em embrião os preparativos para colonisar as outras, como porque havendo ja della começado a tratar anteriormente, ataremos por aqui melhor o fio da narração que devemos levar, passando successivamente a cada uma das outras, por ordem chronologica; segundo proximamente nos constar que foram sendo colonisadas pelos esforços dos donatarios ou de seus delegados.

Na capitania de Martim Affonso, que do nome da povoação capital se chamou de S. Vicente, prosperam as duas villas fundadas. O vigario Gonçalo Monteiro rege na marinha. O sertanejo João Ramalho capitanêa no campo, e influe em Pira-

tininga. E' natural que desde logo em uma e outra villa se organizasse um simulacro de camaras municipiaes, com seus vereadores: — estes provavelmente seriam a principio de nomeação, e não eleição; — pois não se poderia esta fazer, sem se apurarem os homens-bons que, em conformidade das ordenações, deviam ser os eleitores.

Martim Affonso não voltou mais ao Brazil. Recolhendo a Lisboa partiu para a Asia. La se illustrou muito por seus feitos, como capitão mór do mar, e depois como governador; e regressando a Portugal apenas de quando em quando se lembrava de acudir á sua capitania brazilica. —

A'cerca da administração do vigario Gonçalo Monteiro, mui escaços documentos nos foram transmittidos, por se haverem extraviado os livros do tombo da villa de S. Vicente, e por não existir nos archivos da metropole communicação alguma sua. Provavelmente se limitaria elle a corresponder-se com Martim Affonso; mas os papeis deste passariam, com o seu morgado, aos Condes de Vimieiro; e naturalmente vieram a perecer nas chamas, com toda a escolhida bibliotheca dessa illustre casa.

Entretanto, de algumas indicações que aproveitamos de outros documentos, devemos crer que a nascente colonia maritima, logo nos primeiros annos, foi pouco afortunada, e soffreu até uma invasão da parte d'outros colonos, estabelecidos em Iguape. Sabemos esta circunstancia pela apostilla de uma dada de sesmaria concedida por Martim Affonso a Ruy Pinto. Dessa apostilla consta que em 20 de agosto de 1537 não existia em S. Vicente o livro do tombo, em consequencia de o „haverem levado os moradores de Iguape“, o que só poderia ter logar, assenhoreando-se primeiro da dita villa. E o facto de hostilidades com os de Iguape se confirma por um livro da camara de S. Paulo[1], onde lemos que a razão porque Pero de Goes e Ruy Pinto não foram contra os Indios da Curitiba, que haviam assassinado os oitenta exploradores partidos da Cananéa, foi por „estarem occupados com as guerras de Iguape[2].

[1]) De 1585—1586, fol. 13 v. e fol. 14.

[2]) A' vista destes dois factos nenhuma dúvida tivemos em admittir, com prudente reserva, os que nos transmitte Charlevoix. „Hist. do Paraguay“.

Se havemos de dar credito a Charlevoix, escriptor que em outros assumptos nos não merece muito, viera das bandas do sul, com varios Castelhanos, até Iguape, um Ruy Mosquera, e ahi se estabelecera com o degradado bacharel portuguez, cujo nome nos diz que era Duarte Peres.

Por intimação do capitão de S. Vicente, recolheu este último á villa; mas havendo resistido Mosquera e os outros a obedecer á intimação, decidiram os nossos a obrigal-os pela fôrça. Em má hora porêm os foram atacar, pois caíram n'uma emboscada, e nem sequer poderam salvar os barcos ou canoas, dos quaes, se aproveitaram Mosquera e os seus para irem de improviso sobre S. Vicente, pilharem quanto encontraram, e retirarem-se, com os descontentes para o sul, até onde se julgaram seguros de não terem que dar contas de tanta insolencia. Reunindo-se porêm depois desta surpresa, foram em seu alcance os de S. Vicente, commandados pelos ditos Pero de Goes e Ruy Pinto.

O feitor e almoxarife régio Antonio de Oliveira[1] veiu depois a reunir em si os cargos de capitão e ouvidor do donatario. Em seu tempo soffreu a nobre villa de S. Vicente o novo sinistro de uma invasão das ondas do mar, que lhe arruinou pelo menos as casas do concelho e o pelourinho[2].

Além destes reveses, passou por outro que acabou com ella; e poucos annos depois quasi que ja da primeira colonia do Brazil não existia mais que o campo *ubi illa fuit*: as roçadas ou derrubadas dos matos, que antes vestiam o solo e o asseguravam, permittiram que as enxorradas levassem comsigo muita terra até chegar a entulhar o ancoradouro visinho, fenomeno este que se passou em muitos outros dos nossos rios e bahias, e barras delles e dellas, á medida que as vertentes contiguas se cultivavam.

Esta circunstancia deu ao porto de Santos toda a superioridade ao de S. Vicente: e bem depressa a soube fazer valer

---

imp. em 1762, Paris I, p. 51 e seguintes; embora tão combatidos por Fr. Gaspar. p. 86 e seguintes.

[1]) A nomeação régia de feitor e almoxarife tivera logar por provisão de 18 de janeiro de 1537. Liv. 24, f. 104 v.

[2]) Fr. Gaspar, p. 37 e 38.

um dos colonos mais prestantes, que em seu principio teve esta terra, — Braz Cubas.

Este homem activo e emprehendedor, que veiu a ser na capitania não só procurador de Martim Affonso, com quem estivera na Asia e de quem era amigo, como provedor da fazenda real e alcaide mór, conheceu que, havendo-se entulhado, como dissemos, o porto de S. Vicente, esta villa não poderia deixar de passar pouco a pouco para o outro lado da ilha, onde o ancoradouro era mais fundo, e onde a principio se haviam construido as tercenas para guarda das velas e enxarcias das náos de Martim Affonso, que ali haviam recebido concerto. Nesse logar adquiriu terras, e se estabeleceu, construindo ahi o primeiro monjôlo que se conheceu no Brazil, e foi pelos Indios denominado *Enguá*[1]*-guassú* (pilão grande), nome que primitivamente teve o local, onde depois se fundou a villa chamada de Todos os Santos, hoje cidade de *Santos*, villa, que, por influencia do mesmo Cubas, desde logo teve hospital e casa de[2] misericordia, com os privilegios da de Lisboa por alvará regio. Da parochia passou a ser vigario Gonçalo Monteiro, que antes o fôra de S. Vicente.

A idêa do monjolo fôra sem dúvida trazida por Cubas da Asia, e ainda hoje é conhecida na China; sendo-o na ilha Formosa, com o nome de *Chui toi*[3], que equivale a „pilão d'agua". Apezar de ser um tanto primitiva, esta machina hydraulica prestou, e ainda está prestando, bons serviços em todo o Brazil.

Foi igualmente esta capitania a primeira que apresentou um engenho de assucar moente e corrente, havendo para esse fim o donatario feito sociedade com alguns estrangeiros

---

[1]) *Unguá* disse Anchieta, o que desconhecia o sr. Julio Platzmann, quando na sua traducção (§. 32) declarou este vocabulo „von unbekannter Bedeutung".

[2]) Acerca desta instituição se tratava adiante, na Secç. XXIII.

[3]) Facto que conseguimos apurar em 1873, na Exposição Universal de Vienna, em vista dos modelos expostos na secção da China, junto aos quaes se lia o nome em caracteres chineses, ou proximamente 水 碓„ A primeira palavra (chui) quer dizer agua, e por ventura será o mesmo radical da segunda syllaba de mon-jô-lo, — nome que falta averiguar de que provincia sería tomado.

entendidos neste ramo da mechanica agricola, como os Venistes, Erasmos e Adornos, sem dúvida no Brazil mestres e propagadores de tal industria, que primeiro permittiu que o paiz se podesse reger e pagar seus funccionarios, sem sobrecarregar o thesouro da metropole. Se alguns destes não eram já vindos das ilhas da Madeira e S. Thomé, não ha dúvida que muitos dos principaes operarios, dahi vieram, não só para o Brazil, como para as colonias tropicaes da America hespanhola, onde ainda são portuguezes muitos nomes nos engenhos, como safra, chumaceira, etc.

A capitania de S. Vicente contava, aos deseseis annos de fundada, seis engenhos, mais de seiscentos colonos, e muita escravaria africana; e a villa de Piratininga, dentro de dez annos mais, transferida para melhor local, conseguia do donatario um foral proprio, com a data de 5 de abril de 1558. Os moradores se dilatavam, não só pelas duas villas mencionadas, como, para as praias meridionaes, pelas aldêas de Itanhaem e Peruibe, onde tambem se lhes concediam sesmarias. Para as bandas de Guaratiba, foi dada uma sesmaria de oito leguas de terra, depois herdada pela viuva Marques Ferreira, que deixou metade della aos Jesuitas e outra metade a seus filhos Eliseu, e Catharina Monteiro; casada, esta última, com José Adorno[1].

Se Martim Affonso seguia distrahido dos seus estados, para só cuidar de conquistar glória no Oriente, não pensava nesta menos seu irmão Pero Lopes; ao qual, segundo parece, não deveram muita sollicitude suas tres partições. — A carta de doação é do 1.º de setembro de 1534: o foral do mez immediato, e ainda tres mezes depois, teve naquella um codicillo de novas graças. Logo se embarcou para a célebre expedição de Tunis, em que o Imperador Carlos V foi em pessoa contra Barba-roxa: voltando desta expedição, tratou subsequentemente de ajustar seu casamento com D. Isabel de Gamboa, rica herdeira na Côrte; e com esta dama se achava ja enlaçãdo

[1]) Estes herdeiros cederam a sua metade aos Padres, em troco de terras na Bertioga, a 8 de dez. de 1589. Tal foi a baze da Fazenda de Santa Cruz, á qual depois se aggregaram mais algumas terras.

em 1536. Mezes depois, foi mandado aos Açôres esperar o comboy em que regressava da India o capitão Thomé de Souza, que dahi a muitos annos viria governar o Brazil. Logo recebeu ordem para seguir cruzando, desde aquellas ilhas até as Berlengas;[1] e durante este cruzeiro teve occasião de acometter e aprezar com glória um galeão de França.

Com todos estes cuidados pouco poderia providenciar á cerca do Brazil. Entretanto nas terras do sul, que entestavam com as de Martim Affonso, o vigario Gonçalo Monteiro, substituto d'este chefe em S. Vicente, ainda depois de saber como se tinham effectuado as doações, seguiu governando e dando sesmarias[2] nellas; no que lhe succedeu, na parte respectiva a Pero Lopes, um Gonçalo Affonso, encarregado de installar legitimamente a colonia, e de dar as ditas cartas de sesmaria.

Para primeiro assento da povoação escolheu este procurador do donatario, talvez por ordens que delle trazia, a ilha fronteira á ja fundada colonia de S. Vicente; isto é a grande ilha que, nome derivado da abundancia da planta aquatica, que dá em cacho o fructo, que em outras parageus do Brazil dizem *Aninga*. Nesta ilha, da banda de fóra, e a umas tres leguas ao norte de S. Vicente, onde se faz uma enseada fronteira á Ilha do Arvoredo, se fundou a primeira povoação, com o nome de Villa de Santo Amaro, santo que naturalmente seria escolhido por orago da igreja primitiva. Da villa capital passou o nome por ampliação a toda a ilha, e até á capitania, como succedeu nas demais.

Chegaram poucos colonos; distribuiram-se-lhes algumas terras; mas infelizmente bem depressa começaram a ser offendidos pelas assaltadas dos Indios navegadores, que habitavam para o norte até as ilhas de S. Sebastião e Grande, e que estavam no costume de irem, em certas epocas do anno, áquellas paragens.

Para a capitania de Itamaracá chamada de Santa Cruz,

---

[1]) Prov. de 12 de ag. de 1536, na Coll. MS. do Conde da Castanheira, Tom. 2.º fol. 4.

[2]) Em 1536 a Estevam da Costa chegado ali no anno anterior deu terras na ilha de Guaibé ou Guaimbé etc. Taques na Rev. do Inst. IX, 160.

mandou Pero Lopes por seu loco-tenente a João Gonçalves, ao depois nomeado almoxarife e feitor regio, o qual[1] contraátra a fábrica de um engenho de assucar, que não sabemos se levou a cabo.

Fundou João Gonçalves a villa capital, que denominou *da Conceição* na propria ilha que deu o nome á capitania. A importancia que terá em nossa Historia esta ilha, exige que desde ja dediquemos á descripção della algumas linhas. — Itamaracá é nome formado de duas palavras túpicas que significam „maracá de pedra"; chamando os Indios, por pobreza de ideas, *ita* ou pedra a todos os metaes; e designando, em virtude da mesma pobreza, por *maracá* todos os instrumentos musicos, mais ou menos dissonantes, começando pelo sino, que provavelmente sería o primeiro que os mesmos Indios ahi conheceram aos Europeos, em algum barco ou capellinha. A algumas leguas ao norte de Olinda, a costa se recolhe pouco a pouco, formando um seio em que vão afogar-se uns cinco rios caudaes. Em toda essa distancia, desde a foz do primeiro, da banda do sul, até a do último, ao norte, que é o Maçaranduba conhecido por seu ancoradouro, enche por assim dizer o mencionado seio a ilha de Itamaracá, que um estreito, mas profundo canal, em voltas colleadas, aparta do continente. O desenho em planta da ilha lembra o de uma pera, ou antes o de um cajú. Cortado de meio a meio longitudinalmente, e deitado com a semente ou castanha para o lado do norte, vereis em ponto pequeno a ilha em relevo. No pé da fructa, do lado do sul, tendes a villa capital da Conceição, fundada pelo logartenente e ouvidor de Pero Lopes. Para o meio as elevações donde manam alguns rios. — Ao norte, no logar da escurasemente ou castanha, concebei escuros tujucaes, mangues, e marinhas. — Passando porêm da comparação á realidade, é de saber-se que a ilha estende-se em direcção quasi norte-sul, e para este último rumo se alarga e espalma sensivelmento. Tem de a comprido quasi quatro tantos da maior largura. Pelos dois extremos do canal entram os navios, por barras mais ou menos areadas; e fundeadouro para os mesmos é regular, maximè

[1]) F. Gaspar, p. 64.

perto do rio, que dahi tomou o nome (*Igara-açú*). A parte septemtrional é retalhada por esteiros, que se mettem bastante pelo interior; junto ao canal é baixa, paludosa e de mangues.

A circumstancia de ser esse primeiro nucleo de povoação em uma ilha, a tornava mais defensavel aos que nunca deixariam de ter por si pelo menos algum lanchão, armado de artilheria, percorrendo o canal, e impedindo que quesquer Indios inimigos, não dispondo senão de suas canoas e arcos, passassem á mesma ilha.

Infelizmente porém esta colonia, por estar tão visinha á de Duarte Coelho, que não perdoava culpas, couverteu-se em valhacouto de malfeitores e contrabandistas; e a tal ponto que, em 1543, constava que, nos tres annos anteriores, haviam despachado dahi para a Europa, de contrabando, pelo menos, seis barcos carregados de páo brazil.

O activo e valente donatario era demasiado moço c ambicioso para ligar maior importancia a outros interesses além dos da glória. Havia navegado parte da Europa, da Africa e da America, e não prestára ainda serviço algum no grande theatro dos mares da Asia, então o em que os Portuguezes alcançavam as melhores corôas. Lá se foi com uma armada; e, quando ja de volta (1539), encontrou nas ondas a sepultura, perto da ilha Madagascar, segundo se crê.

Faltou pois Pero Lopes do mundo no momento em que a sua perda era a todos mais sensivel. Depois de haver elle lobrigado a trilha que o devia conduzir ao templo da glória, depois que a esposa ccdendo a seu carinho, havia nelle, e, só nelle, posto toda a esparança de gozosa felicidade, e o de um bello renome para seus filhos, depois que as esperanças da patria começavam a desabrochar em favor deste joven pundonoroso... tudo perdido! Em verdade nada pode haver de mais triste, de mais cruel do que uma prematura morte. — Quão differente se nos apresenta o fim do ancião illustre, cuja falta successiva de fôrças physicas o tem ido pouco e pouco desprendendo do mundo, onde havendo cuidado de robustecer com o estudo, cada dia mais, a sua razão, vê na morte o sello da immortalidade de seu nome no porvir, ganha pelos serviços

que teve tempo de legar aos seus semelhantes — á humanidade.

A desventurada viuva (e bem desventurada que não foi esta a unica perda que soffreu)[1] de Pero Lopes ainda o chorava vinte e tantos annos depois, e quasi não podia acreditar que seu marido se houvesse deste mundo ido de todo, sem lhe haver dito o último adeus.

Esta situação da pobre senhora explica o abandono em que tinha as pingues terras, ja então de seu filho maior, chamado, como o tio, Martim Affonso, as quaes, ella por ventura imaginava que ainda algum dia haviam de ser beneficiadas pela actividade do legitimo senhor primeiro. Deste modo, e só tres annos depois que seu marido devia ser fallecido, a desventurada D. Isabel de Gamboa, „moradora na rua do Outeiro, junto ás Portas de Santa Catharina em Lisboa", se resolvia, á fôrça de instancias, a assignar a nomeação de capitão e loco-tenente de seu filho na capitania, ja meio abandonada de S. Amaro de Guaibé[2], em favor de Christovam de Aguiar de Altero, a quem succedeu Jorge Ferreira, e por fim por deposição que fez deste (que era tambem loco-tenente de Martim Affonso em S. Vicente), o cavalleiro fidalgo Antonio Rodrigues de Almeida. Todos seguiram dando ou confirmando sesmarias para as bandas da Bertioga[3].

O territorio da ourela da costa, que ora faz parte das profincias de Paraná e Santa Catharina, constituia a terceira partição ou terceiro quinhão de Pero Lopes, abrangendo proximamente desde Paranaguá até o porto da Laguna. Por toda essa fralda de littoral nenhuma colonisação foi então intentada, que chegasse a nossa notícia.

---

[1]) Na Torre do Tombo, Corp. Chron. P. 3.ª m. 18. d. 68, se encontra uma carta de D. Isabel á Rainha, em que lhe agradece a mercê que lhe faz a ella viuva atormentada de trabalhos. Fala da morte de seu genro, que deixára sua filha tâo joven com duas filhinhas, e pede a S. A. se lembre de sua filha e netas, e acrescenta: „que para mim *que sam morta* nâo quero nada."

[2]) Pedro Taques, Rev. do Inst., IX, 156.

[3]) Mencionarimos as concedidas a um Jorge Grego, que deu seu nome á ilha assim chamada; a Paschoal Fernandes, condestavel da Bretioga, a Braz Cubas (a ilha de Maracanâ, ao norte da de S. Sebastiâo), a Dom. Garocho e a outros. P. Taques, Rev. do Inst., IX, 161.

Depois das duas anteriores capitanias por onde a colonisação do Brazil começára, porque antes tivera nisso parte a Corôa, a que chama primeiro a nossa attenção é a do activo, severo e virtuoso Duarte Coelho: é Pernambuco. Tinha Coelho, além de um coração robusto, a necessaria ambição e mediano desejo de ganho, essenciaes para lidar com vantagem no campo de glória e de fortuna, que se lhe apresentava; e augmentar assim os capitaes de uma e outra, que ja na Asia lhe haviam cabido, por várias terras e navios que tomára ou apresára.

Encommendou de fóra alguns artigos que devia trazer comsigo, e para os quaes obteve franquia[1] na alfandega de Lisboa; e logo depois (outubro de 1534) seguiu viagem, com sua mulher, e muitos parentes seus e della. Tambem enviou ao mesmo tempo outros colonos, fazendo-lhes partidos, segundo seus merecimentos e exigencias.

Vimos como em extensão de territorio, o melhor aquinhoado fôra Duarte Coelho. Acrescentaremos que tambem o fôra igualmente pela maior visinhança da Europa em que estavam suas terras, e pela bondade do clima; pois que proverbiaes são os ares de Pernambuco como preferiveis da nossa costa, apezar da equinocial que lhe fica a poucos gráos do lado do norte. E ainda em outro sentido fôra elle dos mais favorecidos. Nessas terras suas, existia já o nucleo da pequena colonia que Pero Lopes deixára confiada a Paullos Nunes, e é natural que a ella se dirigisse desde logo Duarte Coelho, e que, por conseguinte a primeira povoação por elle escolhída não fosse, como pretendem alguns, Igaraçú. O nome de *Marim* ou *Mayr-y*[2], que primitivamente tinha a aldea que depois cedeu a Olinda o posto, queria como dizer „Agua ou Rio dos Francezes“; e

[1]) Alvará de 2 de outubro de 1534, Torre do Tombo, P. 1.ª, m. 53, d. 118... „mercê... dos direitos que havia de pagar dos ferros e cousas outras que mandára trazer de fóra do reino para provimento de seus navios em que „ora vae“ para o Brasyll: e isto té a quantia de quarenta cruzados do que montarem os ditos direitos“.

[2]) „Marim“ se disse pela adulteraçâo natural portugueza. Aos Francezes chamavam os Indios „Mair“, mas nâo temos encontratodo por que razâo. Lembra-nos se, por serem louros e côr do mel, os denominariam *Mba-yra.* Em Venezuela davam os Indios a qualquer pessoa loura o nome de *catíra.*

denuncia-nos que foram os mesmos Francezes os primeiros que ahi se estabeleceram.

A entrada para o porto é pela estreita barra, que offerece uma abertura ou boqueirão do mencionado recife, nem que de intento interrompido nessa curta distancia. — Da banda de dentro, se encontram os navios como em um remanso, ou doca natural; pois que ahi o arrecife, a logares com mais de dez braças de largo, segundo pessoalmente medimos, só no preamar em que fica ao lume d'água, consente que as ondas o galguem, e vão fazer balouçar um tanto, por mui pouco tempo, os navios que no fundeadouro se acham delle mais chegados. A pedra do arrecife é um grés amarellado, no qual não deixam de exercer alguma acção desgastadora as ondas do mar.

Fenece no ancoradouro, para dentro do boqueirão, um isthmo, esguio e encurvado, chão e arreento, a modo de cabedêlo, que vem do lado do norte, apertado entre as aguas do mar e as do rio Biberibe. A distancia de uma legua, o chão se levanta em promontorio, com morros cobertos de vegetação de mato virgem, que seguem encapellando-se para o sertão, apresentando sempre ás aguas do Biberibe, pela margem esquerda, um marachão mais ou menos elevado. — Sobre esse promontorio, que fica além do cabedêlo, foi que, em virtude da melhoria das aguas, dos ares e do torrão para a cultura, Duarte Coelho assentou a villa capital.

Em quanto pois se aproveitava dos tujupares da aldeota primitiva para o primeiro estabelecimento dos colonos, traçou no alto o assento da nova povoação; apezar de que mais commodo fôra que o porto em que fundeavam os navios lhe não ficasse na distancia de uma legua proximamente, e sim mais perto. Por ventura Coelho esqueceu-se de que effectivamente ía fundar uma colonia maritima, e que uma tal colonia é sempre uma verdadeira terracena, com mais ou menos desenvolvimento, fronteira ao porto dos navios, e tão proximo delle quanto possivel. Tambem deixou de attender a que assentava a povoação junto de um sitio, onde as margens do Biberibe se estagnam em certos mezes do anno. O tempo veiu a corrigir estas desattenções, mas a mui alto preço; pois a villa que se fundava, com tão bons auspicios, não chegou a ceder

de suas prerogativas sôbre a que por si mesma se foi desenvolvendo, junto ao porto do mencionado Recife (nome este que passou á povoação), senão á custa de muitos trabalhos e até de uma guerra civil, como veremos. E' para lastimar, segundo alguns Pernambucanos, que o donatario não tivesse tido desde logo conhecimento do porto de Tamandaré; pois crêem que nelle houvera ficado melhor situada a capital.

Era no verão[1]: e a intensidade do calor da tórrida não fazia diminuir no donatario e seus socios o ardor e actividade com que todos se esmeravam, primeiro que tudo, em levantar por aduas uma especie de castello quadrado, á maneira das torres de menagem dos solares da idade média; pois succedia que neste paiz renasciam as suas instituições, quando na Europa morriam; porque havendo ja preenchido sua alta missão, na civilisação do tantos paizes, começavam a prejudicar á unidade nacional. Para ajudarem no trabalho da (de S. Pedro Martyr) construcção dessa torre, no da primeira capellinha que a devoção dos novos habitantes reclamava, e em outros edificios, tratou o donatario de attrahir os Indios, recompensado-os com ferrinhos e cascaveis, e promettendo-lhes soccorros contra seus inimigos.

Os mesmos Indios trabalhavam pois de mistura com os colonos, e os nomes dos chefes delles Itabira, Itagibe[2] e principalmente o de Uirâ-uby, que traduzido se disse Arco-verde, ficaram memoraveis nos annaes pernambucanos, pelos serviços que prestaram, não só nesta occasião, como ao depois contra seus proprios companheiros, quando se alevantavam e vinham por vezes dar guerra á nascente colonia: e foram sempre repellidos, chegando a perder um olho o cunhado do donatario e a ficar prisioneiro, escapando (diz-se) pela intervenção de uma filha do dito Arco-Verde.

Por fim dirigidos por Momboré e outros chefes, e seguidos de muitos Francezes e de criminosos Portuguezes, tiveram de

---

[1]) Em março de 1548 escrevia Coelho que havia treze annos que estava com elle em Pernambuco o feitor Vasco Fernandes, o que vae de accordo com o que diz o alvará que transcrevemos em um nota anterior.

[2]) „Ita" quer dizer pedra, metal ou materia dura: „Gy", machado, ou instrumento cortante: „Uirà", arco.

refugiar-se ás serras de Ibiapaba[1]. Do frequente uso dos Portuguezes dessa epoca de apodarem de „perros“ aos seus inimigos, ou áquelles que pretendiam injuriar, proveiu talvez aos Indios o darem, tambem por injuria, este nome aos proprios Portuguezes; de modo que não temos por impossivel que desse uzo, e não da ascendencia de um certo Pedro viesse aos Tupinambás a idéa de chamarem Perôs aos colonos portuguezes.

Quanto á etymologia do nome Olinda, que deu Coelho á sua villa capital, os amigos de as indagar, e de as achar em todas as palavras, acreditam com seriedade que proveiu da simples exclamação ! O' linda! proferida pelo donatario, admirando a sua obra, e vendo que ella era boa; exclamação que para ser logicos deveramos crer que desde logo se estampára milagrosamente na povoação, á maneira do O do caroço das tamaras, segundo a crença do vulgo.

Ridiculo como nos parece este conto, temos por muito mais natural que aquelle nome fosse o de alguma quinta ou casa, ou burgo, por qualquer titulo caro ao donatario na sua patria[2], e que elle no Brazil, quizesse perpetuar; como sem tanta felicidade, quiz, tambem com o maior empenho, praticar ácerca do de „Nova Lusitania“ para toda a capitania; que alguem[3], depois, ainda com menos felicidade, indicou para o Brazil todo. Sabe-se tambem que Olinda era o nome de uma das bellas damas na novella do Amadiz de Gaula, cuja leitura estava então mui em voga, não faltando leitores que lhe davam tanta fé, como em nossos dias se dá á historia.

Para boa ordem da justiça mandou o donatario organizar um livro do tombo das terras que dava; e outro de matricula dos que se propunham a gosar dos foros de moradores da sua capitania. De taes assentos fez que tomasse conhecimento o feitor e almoxarife regio, Vasco Fernandes, e o escrivão deste; por isso que seus attestados consulares deviam valer no Reino,

---

[1]) Abbeville cap. 12, fol. 76, 189 v. *Ibiapába* pode decifrar-se *Ibi-mbába* „fim da terra“.

[2]) Comprova-nos esta conjectura o modo como Duarte Coelho datava ordinariamente suas cartas. — „Desta Olinda de Pernambuco“, ou desta „Olinda da Nova Lusitania“. Perto de Lisboa existem freguezias com os nomes de „Linda-a-Pastora, Linda a Velha“, etc.

[3]) Francisco de Brito Freire, „Nova Lusitania“ etc. 1675.

a fim de regularem os privilegios e franquias que teriam nas alfandegas os productos exportados para a capitania.

Promoveu tambem por todos os modos este chefe activo os casamentos dos primeiros colonos com as Indias da terra; e o mesmo continuou a fazer com outros que successivamente e por sua conta mandava vir, não só de Portugal, como das Canarias e da Galliza.

A colonia prosperava, como dizem, a olhos vistos: a industria se desenvolvia; e a renda do estado crescia, a par da do donatario e da dos particulares. As occupações de cada qual começavam a extremar-se definitivamente. — Uns cultivavam o algodão, outros a cana, muitos os mantimentos: estes eram oleiros ou pedreiros, aquelles ferreiros ou carpinteiros. Tanta paz e prosperidade deviam fazer attrahir a Pernambuco muitos colonos bons das outras capitanias, e sobre tudo da de Porto-Seguro, — que não se atemorisavam da reputação de rigoroso com os delinquentes, que em todas as outras capitanias adquirira Duarte Coelho, da qual reputação tinha noticia o soberano, a quem davam de tudo conta, não só o proprio donatario, como alguns dos colonos. Em nossa collecção guardamos o fragmento original da carta[1] ou requerimento de um que se diz „Paio Correia, escudeiro“, queixando-se-lhe, não só do donatario, que o havia condemnado em cincoenta cruzados e em tres annos de degredo, como do almoxarife e feitor da capitania.

Asseveram escriptores sisudos que Duarte Coelho, dera um foral a Olinda, com a data de 12 de março de 1537, e que este foral tivera confirmação em 17 de março de 1550; e igualmente asseveram que fôra 1°. juiz ordinario da villa um João Carneiro[2].

Vendo tudo em boa marcha, Duarte Coelho não duvidou emprehender uma viagem á Europa, para entabolar contractos com alguns ricos mercadores sobre a construcção de obras para o fabrico do assucar, mediante concessões que lhes fazia;

---

[1]) Acha-se impresso na pag. 149 do vol. I da 1ª. edição desta Historia.
[2]) Até hoje não nos tem sido possivel ver tal foral, nem saber nada mais acerca do 1°. juiz ordinario de Olinda.

e em poucos annos ja tinha em sua capitania varios engenhos. Foi naturalmente nesta ida á côrte que o ousado donatario entrou em propostas para realisar o descobrimento do Rio de S. Francisco, o que não teve effeito por serem excessivas as suas exigencias, sendo o resultado definitivo mais em favor delle que da metropole. Cremos entretamto hoje que foi ainda no seu tempo que Paulo Affonso chegou nesse rio á caxoeira, rival da Niágara, que ainda leva o seu nome, e que foi talvez tambem ainda no seu tempo que um Sebastião Alvares a devassou, ficando por lá, sem que delle, nem dos que o acompanhavam, houvesse mais notícia.

Dentro de alguns annos, ja Coelho mandava ao soberano amostras dos seus melhores assucares, e lhe participava como fôra na capitania decidido em juizo que os senhores de engenhos pagariam o dizimo em assucar ja feito; o que elles não queriam, em virtude da „negra cobiça do mundo ser tanta que turba o juizo dos homens, para não concederem no que é razão e justiça[1].

Igualmente bem seguia a colonia de Igaraçú, que ficava na fronteira septemtrional da capitania; ainda que alguma vez os Barbaros lhe apertaram o sitio a tal ponto que acaso ella sucumbiria em 1548, se não chegasse a Pernambuco um navio, cuja tripolação foi convidada a ir em seu socorro, ao que se prestaram todos; indo por mar, e depois pelo rio Igaraçú, em uns lanchões, que tiveram de subir o dito rio, atravez de derribadas, em que eram frechados pelos inimigos.

Da dita tripolação fazia parte um certo Hans Staden, que do facto nos transmittiu notícia; e que caindo prisioneiro dos gentios na capitania de S. Vicente, passou entre elles trabalhos e perigos que se occupou a descrever ao regressar á patria. Como volveremos a tratar de Staden, limitemo-nos a dizer que, segundo elle, os defensores de Igaraçú montavam a cento e sessenta homens, inclusos quarenta Indios amigos. Não temos por impossivel que fosse a acção neste anno travada a que fizesse os da villa invocar para seu orago os Santos Cosme

[1]) D. Coelho em carta de 20 de dezembro de 1548, em que remettia os autos e sentença a elrei.

e Damião, em cujo dia sabemos que uma grande victória foi alcançada pelos seus primeiros moradores.

Contemporanea á fundação da cabeça de colonia de Duarte Coelho foi a de que tratou Vasco Fernandes Coutinho.

Este donatario apenas agraciado, vendeu sua quinta de Alemquer á real fazenda, contrahiu alguns emprestimos, cedeu ao Estado a tença que disfructava, a troco de um navio e varios generos [1], angariou muitos colonos, entrando neste número varios nobres, e disse adeus ao Tejo, com ideas de o fazer pela última vez; e a darmos credito aos que ao depois se declararam seus inimigos, levava comsigo o pensamento de vir a fazer-se algum potentado independente [2].

Seguindo o rumo para o Brazil, foi demandar a altura de sua capitania, e avistando a serra do Mestre-Alvaro, que os maritimos descobrem de longe, em fórma arredondada, emproou a buscar o porto, ja antes conhecido dos navegadores destes mares, que se afeiçoa como enseada para dentro da ponta do Tubarão, ao norte, e do monte Moreno, da banda do sul. Apenas fundeado, desembarcou com toda a sua gente logo á entrada da enseada, á mão esquerda, n'uma especie de saco que ella faz; e ahi principiou o assento da povoação, para a qual invocou a graça do Espirito Santo, dando-lhe este nome; bem que o Barbaro da terra começasse a denominal-a *Mboab*, como designando o sitio habitado pelos emboabas.

Passou á distribuição das sesmarias; entre estas deu a primeira ilha da enseada a D. Jorge de Menezes, e a outra immediata a Valentim Nunes. Por algum tempo, de um e outro guardaram essas ilhas os nomes. — O gentio quiz a princípio resistir; porêm foi vencido, apasiguou-se, e começou a concorrer para os trabalhos da colonia. Introduziu-se a cultura da cana,

---

[1]) Torre do Tombo, P. 1.ª, 53, 29.

[2]) An. do Rio de Jan. I, p. 340. — „E crea V. A. que ja quando partyo... para este Brasill da primeira vez veio com este preposyto e será boa testimunha fernão vyllas e elle a mi mo cometeo e eu lhe dixe que nunqua Deos quysese que fose tredo (traidor) a V. A. e porque os tempos lhe não sosederão nem Deos quis que elle tall desservyço lhe fisese, ho não fes, não porque não fose boa sua vontade.“ — Cart. de Duarte de Lemos de 14 de julho de 1550.

e construiu-se um engenho; mas a maioria dos colonos lavravam suas terras para mantimentos.

Apezar desta aparente prosperidade, a colonia continha de tal modo em si os elementos de dissolução que estes ganhavam terreno, á medida que parecia augmentar aquella prosperidade. A invocação do Espirito Santo estava só nos labios, procedera do habito, não nascera do coração.

Duarte de Lemos, um dos principaes colonos, que obrára na Asia feitos importantes, se desaveiu com o donatario, a quem acompanhára, e de quem recebêra de sesmaria a ilha chamada antes de Santo Antonio [1]; porêm de Duarte de Lemos, apenas o teve por solarengo.

Foi para esta ilha que se passou depois a villa, com a invocação da Senhora da Victoria; situação triste, não só por ser ilhada, o que bem significa separação, como pelo aspecto melancolico, causado pelas altas serras e montes que a rodeam. A antiga povoação do Espirito Santo se ficou denominando Villa-Velha, — como na Bahia a da Victoria.

D. Jorge de Menezes, o das proezas nas Molucas e do descobrimento da Nova-Guiné, e o seu companheiro D. Simão de Castel-Branco, ambos fidalgos condemnados antes a degredo, seguiam conduzindo-se menos regradamente; e o donatario, como se não tivesse com elles ja bastante que fazer, procurava estender o direito de homisio que tinha a sua capitania, acoutando nella os que nas outras commettiam crimes [2]. E' necessario confessar que Vasco Fernandes não era nascido para o mando. Como simples colono houvera sido um companheiro agradavel e obediente: — era um pessimo chefe. Na Asia havia ganho celebridade pela proeza de investir em Malaca com um elefante que com a tromba esgrimia uma espada. Era de caracter docil e jocoso, mas de nenhuma severidade para com os delinquentes e criminosos. Sem pureza de costumes, não podia ser modelo de uns, nem terror de outros. Acabou

---

[1]) Confirmaçâo regia a 8 de janeiro de 1549. Liv. 97 de D. Joâo 3º., f. 1 o 8 etc.

[2]) Em 1550 dera na villa de S. Cruz de Porto Seguro abrigo em seu navio a certos criminosos fugidos da cadêa dos Ilheos.

por dedicar-se com excesso a bebidas espirituosas, e até se acostumou com os Indios a fumar, ou a *beber fumo*; como então se chamava a esse habito, que naquelle tempo serviu de compendiar até onde tinha levado sua devassidão.

A desordem a que chegou esta capitania, e a falta de respeito ao donatario e governador, foram causa de que os gentios se animassem a assaltal-a por vezes, e fizessem exular d'ahi os melhores colonos. De modo que a capitania do Espirito Santo, com tão boas terras, com um porto excellente, com rios navegaveis para o sertão, ficou até os nossos tempos sem desenvolver-se, e reduzida a uma população que não medra, e a um solo cujas matas virgens estão quasi todas sem romper-se.

Quasi simultaneamente com a pintoresca Olinda e a mal aventurada terra do Espirito Santo se colonisava Porto Seguro.

Seu nobre donatario, homem prudente, esforçado, e mui entendido nas cousas do mar, gozava de tal credito na populosa provincia do Minho, nas immediações de sua villa natal de Vianna, que apenas fez constar que daria terras aos que o quizessem acompanhar, se encontrou com tantos que não poude acceitar a todos, e preferiu, depois dos parentes pobres, os de que tinha mui seguras informações. Tendo vendido as propriedades que possuía em Vianna, ahi se embarcou levando comsigo mulher e filhos; e emproando direito ao Brazil, foi demandar o mesmo Porto Seguro, onde a armada do afortunado Cabral entrára sete lustros antes.

Segundo a tradição, o proprio monte onde Cabral deixára plantado o signal da redempção, foi o que Pero do Campo escolheu para assentar a primeira villa que fundou em seus estados. Além desse precedente, que devia influir muito na alma pia do donatario, era o local dos mais defensaveis na proximidade do porto; e nos tempos antigos os bons guerreiros nunca se esqueciam da maxima mui sabida de que a paz não é mais do que a sombra da guerra; isto é, de que o melhor modo de manter a paz é o de ter sempre presente o fantasma da guerra. Assentou pois a povoação na chapada de um monte, situado entre dois rios caudaes; e tão extensa era a dita cha-

pada que podéra em si admittir, para o futuro, uma grande cidade [1].

Os gentios do paiz pareciam ainda mansos e trataveis, como se apresentaram aos primeiros descobridores; mas tão notoria era ja sua volubilidade que, longe de se fiar nelles, o donatario se preveniu; e em pouco tempo conheceu que com razão o tinha feito; por quanto não tardaram elles em darem algumas assaltadas á nova colonia; mas vencidos, e levados depois com alguma politica, a capitania seguiu em paz, bem que modestamente; por isso que a ella tinham accudido mui poucos capitaes. A cultura e fabrico do assucar, só mais tarde ahi começou e mui vagarosamente, de modo que ainda em 1550 com difficuldade podia a capitania dar carga annual para um navio, não sendo muito ajudado do páo-brazil [2] que nella se cortava.

Os colonos cultivavam apenas em suas roças o que restrictamente necessitavam para alimento; e, como homens do mar que pela maior parte eram na Europa, favorecidos pela proximidade dos baixos dos Abrolhos, tão abundante de garoupas, ao mar iam buscar a industria a que mais se dedicaram: — a da pesca. E não só levavam pescado ás capitanias visinhas, como, devidamente preparado, ao proprio Reino. Os pescadores encontravam sempre entre os Indios, pouco amigos de cultivar a terra, gente para suas companhas. Esta vida habituou os Porto-segurenses a certa independencia e desprendimento de si, e ao espirito emprehendedor com que depois, sob a direcção de um sobrinho do donatario, se lançaram d'aqui, primeiro que de outra parte do Brazil, até o âmago do sertão, em busca de minas.

Durante a vida do primeiro donatario a colonia seguiu feliz. Havia nella bons costumes, fazia-se justiça a todos, eram os habitantes tementes a Deus, e observadores da religião, sem a qual não ha sociedade possivel. Pero do Campo foi menos

---

1) Cardim, p. 25.

2) Duarte de Lemos, Carta de 14 julho de 1550, „Os armadores desta capitania e moradores della, nâo tinhâo outro repairo pera pagarem fretes de seus navyos, por ainda haver pouqo asuquere, se nâo ho brasill.

activo e emprehendedor que Duarte Coelho. Tinha deste todo o zêlo religioso, mas faltavam-lhe outros poderosos estimulos da humanidade para emprehender obras grandes. Pernambuco é hoje uma provincia bastante rica e povoada: Porto Seguro ficou sempre pobre, e nem se quer constitue uma provincia, apezar de ter para isso territorio.

Pero do Campo não devia ja existir, pelo menos em Porto-Seguro, em 1550, quando ahi foi mandado por capitão Duarte de Lemos.

Por morte do primeiro donatario, herdou a capitania seu filho Fernão do Campo, e deste passou ella á irman, D. Leonor do Campo, viuva de Gregorio da Pesqueira.

A capitania, em virtude de repetidas invasões dos cruentos Aymorés, não devidamente castigadas ou reprimidas, começou em decadencia, chegando a perder-se a villa de Santa Cruz, ao sul de Sernambitiba, depois da derrota que sofreram os moradores em Comagi, dali a algumas leguas; e muitos povoadores della se passaram para Pernambuco, que prosperava.

Contraste notavel á capitania anterior apresentava a sua visinha do lado do norte, doada a Jorge de Figueiredo. Aqui não faltavam colonos, com sufficientes capitaes, e as terras eram magnificas. O que faltava era governo. Se o houvesse, desde logo ter-se-hia a capitania desenvolvido, e preparado para resistir ás invasões dos Aimorés que a destruiam. A esta falta, na origem, devemos talvez attribuir a que tão pouca consideração alcançasse, desde ha tres seculos, este districto que apenas agora se vae um tanto alevantando. O donatario, em vez de resignar o cargo que tinha de escrivão da Fazenda na côrte, aproveitou-se por ventura das relações que elle lhe poderia proporcionar, para angariar os colonos da primeira expedição que mandou a este seu morgado, e os que pelo tempo adiante foi conseguindo attrahir.

Figueiredo escolheu para delegado, com o titulo de locotenente e ouvidor, a um Castelhano por nome Francisco Romero, que era tido por homem bravo, e que lhe parecia completamente circumspecto. Embarcou-se este com os colonos, e, dirigindo-se á Bahia, proseguiu para o sul, em busca de um local para começar a povoar essas terras que faziam parte

das da sua administração. Julgou achar esse local no cimo do morro de S. Paulo, na ilha de Tinharé, e decidiu fundar ahi a povoação que lhe fôra incumbida.

Com muito trabalho e grande incommodo da gente que levava, tinha começado a lançar sobre o morro os fundamentos de uma villa mui regular, quando informado de que mais para o sul, e por conseguinte em paragem mais central da capitania, se encontrava o porto dos Ilheos, em tudo superior áquelle, abandonou a sua primeira tentativa, e foi definitivamente fundar no dito porto a povoação a que deu o nome de S. Jorge; não tanto por invocar como padroeiro este guerreiro da côrte celestial, como por adular a seu proprio patrono humano, que como vimos se chamava Jorge.

O porto dos Ilheos era assim nomeado, em virtude de varios pequenos que lhe ficam de fóra [1], dos quaes um guarnecido de arvoredo, e os outros escalvados. No mesmo porto, da banda do sul, se mete no ancoradouro um rio navegavel, que hoje se diz Caxoeira, depois de dar uma grande volta, deixando formada uma peninsula elevada, que remata n'um pontal mui propriamente denominado *Fucinho de Cão*. Foi na chapada desta peninsula, banhada, por um lado pelas ondas do porto, e pelo outro pelas aguas do rio, que, a alguma distancia ao norte do mesmo pontal e do morro [2] que lhe fica a cavalleiro, Romero e os seus companheiros assentaram a nova capital. Do outro lado do rio avança sôbre o mar outro promontorio, chamado morro de Pernambuco, que concorre a abrigar o porto pela banda do sul. Todo o paiz visinho era abundantissimo de mananciaes, sendo as chuvas mui frequentes; e o terreno montuoso e coberto de vegetação vigorosa, promettia a este districto, quando bem cultivado, toda a sorte de riqueza e de prosperidade. Passou-se á distribuição das terras. Entre os

---

1) Ilheo Grande, Itapitanga, Rapa e Itaipins.

2) Morro do Matriz Velha. Este nome faz suppor que ahi se teria chegado a fazer algum primeiro ensaio de povoaçâo; bem que as igrejas de S. Jorge e S. Sebastiâo sejam mais centraes; e que a igreja da *Victoria*, do outro lado, faça pensar que ahi se alcançou alguma. Os archivos das camaras dos Ilheos e de Porto Seguro ainda estâo á espera de quem os examine, antes que acabem de perder-se com o cupim.

Lemaitre sculp

OS ILHEOS

Chegada dos Primeiros Colonos

A F. Lemaitre 23 quai de l'Horloge. Imp F. Lamoureux, Paris

nomes dos que foram contemplados com sesmarias, encontramos o de Fernand' Alvares, da Casa da India[1], o qual tendo por seu procurador a um Antonio Vaz[2], chegou a alcançar lucros importantes. — Um escriptor antigo[3] assegura que foi nesta capitania, e por conseguinte não em S. Vicente, que primeiro se plantou a cana, trazida das ilhas da Madeira ou Cabo Verde. Sabendo porêm nós hoje que, já antes da vinda de Martim Affonso, e da distribuição da costa entre os doze donatarios, e desde 1526 pelo menos, era do Brazil mandado algum assucar a Portugal, sería necessario conceder que houvera ahi uma das capitanias fundadas antes do dito anno de 1526.

Não deixou de se construir logo, com a mesma invocação de S. Jorge, uma capellinha em que se podessem celebrar os officios divinos; porêm tudo o mais respectivo á administração e justiça se descuidou. Romero, chefe excellente para commandar tropas em guerra, e para repellir as primeiras accommettidas dos Indios, era completamente ignorante nos assumptos do governo politico; crendo que o seu arbitrio podia em tudo supprir a legislação do Reino, que desconhecia, avexava os colonos, os quaes, começando por suspeitar de sua probidade[4], chegaram contra elle a conspirar por tal modo que o agarraram e o remetteram de presente ao donatario.

Este porêm, movido de suas razões, commetteu a indiscrição de o restabelecer, e introduziu com isso na capitania o pomo da discordia, e concorreu a que ella, quando estava sendo de todas a que mais rendia, succumbisse vergonhosamente, por falta de união e obediencia, ás piáras invasoras dos cruentos Aimorés, que assaltaram e arruinaram varios engenhos.

O primeiro donatario era já fallecido em 26 de setembro de 1551[5]. O seu successor fez desistencia da capitania em favor de um irmão, Jeronymo d'Alarcão de Figueiredo, o que lhe foi confirmado (22 nov. 1552).

---

1) Carta de Duarte de Lemos, 14 julho 1550.
2) Sería o que deu seu nome á ilha tamhem chamada de S. Antonio em Pernambuco.
3) Gab. Soares, II, 34.
4) Carta de Pero Borges, 7 de fevereiro 1550.
5) Segundo se declara na nomeação feita nessa data, em Almeirim, a Sebastião Martins, morador nos Ilheos, para alcaide mór desta capitania; Chanc. de D. João III, Liv. 68.

SECÇÃO XII.

CAPITANIAS CUJA PRIMITIVA COLONISAÇÃO SE MALLOGROU.

Capitanias septemtrionaes. Associação trina. Intentos. Naufragio de Ayres da Cunha. Nazareth na Ilha da Trindade. Maranhão. Sua descripção. Sorte dos colonos. Orellana no Amazonas. Diego Nuñes e João de Sande. Perôs do Maranhão. Castelhano, Botocudo. Capitania de Cardozo de Barros. Ruinas de pedra e cal no porto de Camucim. Capitania de Goes. Ida a Portugal. Contractos. Perdas. Derrota. Evacuação da capitania. Francisco Pereira na Bahia. Estabelecimento. Vicios. Villa da Victoria. Sesmarias. Texto de uma a Diogo Alvares (Caramurú). Insubordinação. Perplexidade do donatario. Seu apuro e prisão. Sua morte. Ilha de Fernão de Noronha. Sua descripção e donataria.

A partição das terras da costa septentrional não entrára a principio nos intentos do Soberano; pois que na carta a Martim Affonso, que em outro lugar fica transcripta, apenas se consigna a extensão desde Pernambuco para o sul. Naturalmente só se tratou do resto do littoral até o Amazonas, ao regressar á côrte Diogo Leite, que, segundo vimos, fôra a explorar por esse lado em 1531. — Provavelmente eram insufficientes os exames por ahi feitos antes.

Como Fernand' Alvares e João de Barros se não atrevessem a deixar a côrte, onde, segundo dissemos, exerciam cargos importantes, se associaram ao capitão do mar e tambem donatario, Ayres da Cunha, para que, com uma frota armada á custa desta associação trina, fosse tomar posse das terras dos tres, e dar principio a seu aproveitamento. — Por sua parte Barros mandava, para o representar, dois filhos, e Fernand' Alvares um delegado de confiança.

Aviou-se em Lisboa a frota, que veiu a constar de nada menos do que de dez [1] navios, conduzindo novecentos homens,

[1]) „Dez navios, e 1500 homens, dos quaes 120 de cavallo", diz um informe da ilha de S. Domingos de fev. de 1536.

dos quaes mais de cem[1] de cavallo. Tanto ruido faziam os preparativos, que o embaixador hespanhol Sarmiento chegou a acreditar que a expedição era mandada pelo governo contra os recentes estabelecimentos castelhanos no rio da Prata; duvidando até da palavra do monarcha portuguez — o piedoso João III, que lhe assegurára o contrário.

Sarmiento, na carta á sua côrte, pondera como os navios (nenhum dos quaes havia ainda regressado) anteriormente partidos para o Brazil, por conta de outros donatarios não haviam levado, como estes, preparativos para a guerra; mas simplesmente gente para povoar, e o necessario á vida habitual e pacifica. E além disso participava como se dizia que os desta expedição, ao desembarcarem, se embrenhariam pela terra dentro até dar com o Perú.

Este último boato devia, ceremos nós, ter todo fundamento. Ja era sabido[2] que as costas da America do sul contorneavam um grande continente, e nada mais natural do que colligir que partindo-se do Brazil, sempre para o occidente, se chegaria aos dominios do Inca do Cuzco, cuja riqueza patenteada de todo pela atroz audacia de Pizarro, poucos annos antes, devia naturalmente excitar a cobiça de muita gente. Para nós é sobretudo grande argumento para crer no boato o terem levado cavallaria, arma esta que valeu mais a Pizarro para vencer que toda a sua audacia; como ja n'outros tempos tinha valido aos Arabes, para o exito feliz das suas conquistas.

Antes da partida dos navios, alcançaram os tres socios a doação especial[3] do ouro e prata que na terra descobrissem, no que tiveram mais favor que todos os demais donatarios. Porém não só se não descobriram minas, apezar de não faltarem ellas no Turiuassú, como nem sequer a colonisação e cultura da terra foi por diante, como vamos a ver.

---

[1]) Galvão diz cento e trinta, e Barros, talvez porque faltaram alguns a embarcar, cento e treze.

[2]) Já pelo mappa de Diogo Ribeiro feito em 1529, em que partindo do isthmo de Panamá seguia a contracosta marcada para o sul até a altura de 10°., se podia prever o facto de que, seguindo-se do Maranhão para loeste, se dava com o Perú.

[3]) Chancellaria de D. João III, Liv. 21, fol. 73 e 74.

A frota sarpou de Lisboa em novembro, e dirigiu-se a Pernambuco, onde aportou com felicidade; e para maior fortuna o donatario Duarte Coelho pareceu como tomar empenho pelo bom exito de uma tão luzida expedição; e desde logo se prestou a dar linguas ou interpretes, e até a pôr á disposição de Ayres da Cunha uma fusta de remos, que podesse ir adiante, sondando, nas paragens menos conhecidas e exploradas.

Com tão bons auspicios deixou Ayres da Cunha o ancoradouro de Pernambuco, seguindo para o norte; e primeiro resolveu desembarcar e estabelecer-se na actual provincia do Rio Grande do Norte, a qual fôra um dos quinhões que coubera em sorte a elle e a João de Barros, cujos filhos iam na armada. O proprio rio Grande, chamado depois pelos Indios *Putigy*, estava já dentro do dito quinhão, e não sabemos por que foi desdenhado, indo Ayres da Cunha, com toda a frota, aportar tres leguas mais ao norte, ao rio chamado *Baquipe*, pelos Indios, e Pequeno pelos nossos, dito hoje Cearámerim. Ahi chegou a desembarcar, com idéa de fundar uma colonia. Encontrou porém tão grande opposição de parte dos Petiguares, unidos a muitos Franceses, que com elles se achavam, que, depois de perder alguma gente, resolveu ir tentar fortuna na terra do seu terceiro socio, Fernand' Alvares d' Andrade.

Fizeram-se pois todos ao mar, tomando tambem comsigo alguns dos náufragos de um galeão de D. Pedro de Mendoza (conhecido por seus feitos no Rio da Prata), os quaes ainda ahi encontraram, havendo outros dos companheiros sido devorados pelos mesmos Petiguares.

Montaram pois o cabo de S. Roque, com proposito de buscarem o porto do Maranhão; porém, por nova desdita, a fusta de remos, que devia conduzil-os, se lhes esgarrou, chegando a andar perdida, e já sem mantimentos nem agua, quando um navio hespanhol a encontrou, e tomando a bordo os tripulantes, os levou á ilha de S. Domingos.

Este incidente não deixaria de contribuir um tanto para os mallogrados successos que sobrevieram, em consequencia do naufragio e morte de Ayres da Cunha, nas aguas do Maranhão. Hoje sabemos que nove dos navios chegaram salvos a essas aguas em março de 1536, e que em 15 de julho deste

anno [1], era já conhecida em Evora essa chegada, sem ser acompanhada de nenhuma notícia contristadora. — Provavelmente, só depois de despachado do Maranhão o barco para Portugal com estas informações, chegaria ali a triste notícia do naufragio e morte do chefe da expedição; morte que sem dúvida sería para ella um grande golpe, e que, em vista dos resultados, lhe veiu a ser funesta; talvez porque nenhum dos outros teria igual prestigio para infundir o necessario respeito a tanta gente, ainda mal disciplinada, e para conter pelo temor, suavisado pela caridade, um tão numeroso e tão vário gentio, como o que habitava a grande ilha, em que se encontra o ancoradouro. Nesta ilha procuraram estabelecer-se, formando uma villa a que, segundo em 1536 escreve o dito Sarmiento, embaixador castelhano em Evora, deram o nome de Nazareth, e admittindo para a grande ilha (do Maranhão) o nome da Trindade, que, se acaso já antes lhe havia sido dado [2], agora melhor devia caber-lhe, pela associação dos tres donatarios.

A quasi duas terças partes da distancia que vai do cabo de S. Roque ao Amazonas, se engolfa a costa bastante para dentro, como se a alagassem ahi os muitos rios afluentes nesta paragem, que destinada a ser terra firme, como que se vinga de os rios lh'o não deixarem ser, apresentando tantos parceis e tantos escolhos, que podéra dizer-se que o mar aqui não se propoz de ser mar. Desses rios os mais caudalosos, e que mais rasgam a costa, são o Meary e o Itapicurú, or quaes, vindo da banda do sul desde certa distancia um tanto parallelamente, depois de encontrarem a agua salgada, seguem ainda a par, inclinando-se um pouco para leste, e formando as duas chamadas bahias de S. Marcos ao poente, e a de S. José, ao nascente, menos vasta do que a primeira. — Entre estes dois grandes rios e seus portos ou bahias, que como dissemos correm a pouca distancia e um tanto a par, se destaca naturalmente uma comprida peninsula ou nesga de terra, cujo extremo se esgarça do tronco principal, e por conseguinte do

---

[1]) C. de Luiz Sarmiento, de Evora, em 15 de julho de 1536.

[2]) No mappa de Diogo Ribeiro de 1529 vem este nome, mas bem podia ser acrescentado depois.

continente, por um canal chamado do Mosquito; deixando formada a dita ilha, cuja figura, mais que uma fórma trapesoidal, apresenta, quando vista na planta, a face de um enrugado velho. Desenhae, voltada para o lado esquerdo, a parte dianteira de um respeitavel carão, com o labio superior mui sumido e o inferior grande e caido, boquiaberto, nariz grande e de cavalete, a testa fugindo em linha recta para traz, e o queixo mui reintrante, o tereis proximamente a figura da planta da ilha, voltada a noroeste; ficando-lhe na boca o porto ou ancoradouro, no labio superior, junto á venta, a actual povoação; — no proprio local, em que, depois de muitos exames e observações que pessoalmente[1] fizemos, cremos hoje que foi situada a povoação primitiva.

A extensão da ilha, de nordeste a sudoeste, é de umas sete leguas, tendo de largura no meio della, metade desta dimensão. E' geralmente a mesma ilha mais elevada que a terra firme visinha, á qual parece pertencer. Vestem-a frondosas matas, e regam-a muitas ribeiras. A principal que era a chamada então de Jeviré, e hoje se diz tambem, como a ilha, do Maranhão, desemboca na bahia de S. Marcos, de modo que do lado da barra serve de abrigar o porto a propria terra do continente fronteiro. O littoral da ilha que corre do porto para leste, um tanto convexamente, e quasi parallelo ao canal do Mosquito, que contorna a mesma ilha do lado do sul, é desabrigado e tem diante o grande parcel chamado da Coroa Grande; no qual por ventura se perderia o dito Ayres da Cunha.

Não possuimos a historia da fundação desta primitiva colonia mallograda; e isso nos faz lamentar que João de Barros nol-a não deixasse escripta, o que o teria feito com tanto vigor, como era viva a lembrança que perpetuamente conservou desta para elle tão mal fadada empreza.

Sabemos somente que, a princípio, estiveram de pazes com os Indios, que fizeram muitas roças, e que mandaram explorar

---

[1]) Nos dias 5, 10, 12 e 12 de abril de 1861, que estivemos percorrendo o porto, examinando Itaqui, a Guia e seus arredores, e havendo tido que arribar á ilha de Medo, no fragil bote em que nos achávamos, em virtude de um tremendo temporal, que se levantou.

os rios visinhos. — Não tardaram porém os mesmos Indios, com a sua proverbial volubilidade, a levantar-se; queimando e destruindo as plantações e sementeiras, e chegando a pôr em apertado sitio a povoação da Nazareth, a tomar-lhe a agua das fontes de beber; de modo que ficaram constrangidos a ir embarcados em busca desta e do necessario alimento, que se reduzia a palmitos, a algum peixe e caça, que conseguiam obter, e a alguns fructos selvagens. — Por fim vendo-se nos últimos apuros, e havendo já perdido muita gente, se resolveram a embarcar-se e, a deixar de todo a terra.

Não sabemos se alguns conseguiram regressar directamente a Portugal; temos apenas a certeza de que tres caravellões, com muitos colonos e uns duzentos Indios, foram ter ás Antilhas, em agosto de 1538[1]; chegando á ilha de Porto Rico dois, com quarenta e cinco dos mesmos colonos, alguns delles casados, e cento e quarenta Indios, entre escravos e livres. O outro caravellão foi aportar na de S. Domingos. — Os desta última ilha, não só lançaram mão dos Indios, como de todos os bens dos infelizes, os quaes, por ordem da metropole, foram mandados reter por colonos. João do Barros, só á custa de muitos trabalhos e despesas, poude rehaver seus dois filhos. E feliz com elles na pobreza, fazia d'ahi em diante protestos de não fundar mais vãs esperanças em vir a ser rico, e assim resignou inteiramente toda a idéa de ser senhor donatario no Brazil. „O principio da milicia desta terra (diz este escriptor) ainda que seja o último de nossos trabalhos, na memória eu o tenho mui vivo, por quão morto me leixou o grande custo desta armada sem fructo algum.“ Galvão acrescenta uma circunstancia que o chronista da Asia teve a virtude de calar, e vem a ser que elle, como de „condição larga, pagou por Ayres da Cunha e outros que lá falleceram, com piedade da mulher e filhos que lhes ficaram“. — Elrei D. Sebastião perdoou depois a Barros a divida de uns 600.000 rs., em que estava alcançado pela artilheria, armas e munições, que lhe haviam sido fornecidas, pelo arsenal regio, para a expedição; e depois

[1]) C. de Porto-Rico de novembro deste anno.

de elle fallecer (1570) fez mercê á viuva de 500.000 rs. de pensão. — E D. Filippe (I de Portugal) concedeu a Jeronymo de Barros, filho do nosso donatario, e talvez como indemnisação dos direitos que tinha á capitania, um tença de 100.000 rs., com faculdade para testar della até a quantia de 30.000 rs.

Por desdita para o Maranhão, a mencionada perda não seria a unica reservada aos navegantes e colonos europeos, antes de chegarem de todo a convencer-se de que essa parte do littoral não se podia affrontar, sem practicos mui conhecedores della.

Pouco depois chegava ao conhecimento do governo portuguez a notícia da tão arriscada como feliz viagem, desde o Napo até a foz do Amazonas, feita pelo capitão Orellana. Esta viagem patenteava de todo, para nos servirmos da expressão da epoca, que o Brazil era a continuação do Perú.

Em quanto pois em Hespanha se preparava Orellana, ou se entretinha com dúvidas em juntar gente para a sua nova expedição (que só veiu a poder realisar em 1549, e com bem má fortuna), como governador e capitão general e adiantado das terras do Amazonas, a que se propunha denominar *Nova Andalusia*, e como tenente de suas fortalezas, com franquias por dez annos de todos os lucros[1], se apresentava em Portugal Diego Nuñes de Quesada, com projectos para uma expedição identica, a fim de varar pelo sertão do Amazonas aos lindes dos Andes. Este Diego Nuñes estivera muitos annos no Perú, e trouxera de la grandes cabedaes[2]. Associou-se pois ao capitão portuguez João de Sande, e parece que os dois chegaram a ordenar quatro navios com ajuda do governo[3]. Pelos apontamentos que nos deixou[4] Nuñes, ve-se que elle tinha cabal conhecimento do alto Amazonas, e da terra do *Machifaro*, de que tambem deram razão Orellana e Orsua.

[1]) Tudo por cedulas de Valladolid, de 27 fevereiro 1544.
[2]) Carta do dominicano Fr. Pablo de Torrez, de Sevilla, 20 novembro 1544 pub. pelo autor, devendo ler-se „*Evora*", nas lin. 6 e 7 de pag. 457, onde se diz = en V^a = e = en otra =.
[3]) Carta de Sevilla de 3 d'outubro de 1544.
[4]) Rev. do Inst., II, p. 364.

Nenhumas noticias nos ficaram d'esta expedição, que, ou não se chegou a realisar, ou por ventura ainda devia mallograr-se, como as outras.

Tão pouco temos até agora podido encontrar um documento historico, que nos dê informações sufficientes e exactas ácerca de um primeiro colono europeu, outro Ramalho ou Caramurú, — que, segundo a tradição no Maranhão, ficou entre os Indios, e veiu a organisar uma grande tribu, conhecida pelo appellido de Perôs, nome com que, talvez por outro motivo, segundo dissémos, ao depois as Barbaros designavam aos Portuguezes. Assim não podemos aventurar se fôra este mesmo ou outro individuo o Castelhano do Rio Grande do Norte, que, segundo um antigo escriptor, se fez botocudo; e depois de effectuar uma visita á França, em um navio desta nação, voltou para o sertão, e ahi se assalvajou outra vez. De um Pero Gallego, mui mettido com os Indios, e que foi causa de um alboroto destes, contra alguns colonos portuguezes, estabelecidos ja por esta banda, antes de 1514, encontramos menção.

De Antonio Cardozo de Barros, a quem coubera parte da actual provincia do Ceará, nenhuma noticia escripta nos ficou do que chegaria a emprehender, para colonisar e aproveitar a capitania que requerêra. Temos porêm por mais que provavel, segundo dissemos, que resultado de seus esforços seriam as ruinas de pedra e cal que, logo á entrada do porto de Camucim, se viam ainda em 1614 [1], e que, como indemnisação desses esforços — mallogrados, é que veiu a acompanhar depois a Thomé de Sousa, juntamente com Pero de Goes, outro donatario mallogrado.

Pareceu esquecido até agora o fidalgo donatario de Campos, o nobre amigo de Martim Affonso, e ora senhor quasi feudal seu limitrofe, não pela escacez das suas trinta leguas, que não são ellas tão insignificantes quando ha principes soberanos que regem estados muito menores, mas sim porque effectivamente a doação dellas só se realizou posteriormente ás outras [2]. Sabemos como tinha ficado por ordem de Martim Affonso em

---

[1]) Diogo de Campos, Mem. Ultram: Vol. 1º. nº. IV., pag. 28.
[2]) Liv. 21, f. 65 e Liv. 22, f. 141 da Chancellaria de D. João III.

S. Vicente, e naturalmente não lhe havia sido possivel fazer antes valer os seus direitos, apresentando para isso o alvará de lembrança que da mercê lhe fôra passado anteriormente.

Depois de attrahir a si o seu irmão Luiz de Goes, e alguns outros parentes e mais colonos, foi tomar posse das suas terras, e assentar nellas alguns ranchos e tujupares, a que deu o nome de *Villa da Rainha.* Tratou então de fixar com Vasco Fernandes a demarcação, que não estava bem deslindada nos respectivos titulos. O rio Itapemerim[1] foi por mutua convenção escolhido para servir de barreira ás pretenções futuras de seus descendentes. Cremos que ja estaria estabelecido na capitania, ou que iria a partir para ella, no meado de 1536, em que se effectuava em um Antonio Teixeira[2] a nomeação de feitor e almoxarife regio na mesma.

O activo Pero de Goes, vendo-se de posse das fecundissimas liziras do Parahiba, cuidou desde logo de introduzir de S. Vicente alguma planta de cana, e começou a cultival-a, ainda antes de ter pensado no modo como conseguiria os meios para fazer um engenho. Convencido de que nada podia emprehender faltando-lhe os capitaes, resolveu passar ao Reino, e assim o executou[3], deixando em seu logar por chefe a um Jorge Martins.

Em Portugal acertou de associar-se com alguns tratadores, aos quaes concedia mais vantagens em todo sentido, entrando no número a melhor qualidade da terra, que as que se proporcionavam em S. Vicente. Conseguiu principalmente entender-se com um mercador de ferragens, que lhe devia fornecer os generos e artigos de resgate, para pagar as roças que fizesse o gentio, e mandar-lhe novos operarios e colonos.

Ufano do bom exito desta ida ao Reino, entrava de novo o donatario pela barra do seu rio da Parahiba do Sul, quando logo soube quanto havia sido desastrosa a curta ausencia que

---

1) ...„que tem na bocca á entrada algumas ilhêtas de pedras, e de baixamar descobre outra“... acrescenta, como explicação a confirmação regia de 12 de março de 1543. (Liv. 6 da Chancellaria de D. João III, f. 51 v.)

2) Liv. 21, f. 139 da Chancellaria de D. João III.

3) Carta de Duarte Coelho de 27 de abril de 1542. (Cópia na Coll. do A.)

de sua propriedade fizera o que para vel-a tem cem olhos, como diz a fabula antiga.

Tudo se desbaratára: os colonos tinham pela maior parte desertado, e á frente delles o administrador. Pero de Goes soffreu muito desgosto; mas de grandes animos e affeito aos trabalhos, não se descoraçoou: angariou de novo o gentio; e emprehendeu outras plantações. Foi em pessoa ao Espirito Santo, e trouxe dahi um official de engenhos, com o qual começou a correr suas terras, e além de duas engenhocas de cavallos, que fez perto da costa, se deliberou a construir, na distancia de dez leguas pelo ria acima, onde havia bastante ferida de agua, um grande engenho; e dahi a pouco escrevia a seu socio que esperava dentro de um anno mandar-lhe duas mil arrobas de assucar. Instava entretanto por mais trabalhadores, e pedia sessenta escravos de Guiné[1].

Porêm novos trabalhos o esperavam. O insulto e traição feitos por um pirata da costa, Henrique Luiz, ao chefe do gentio do districto, entregue pelo mesmo pirata aos seus maiores inimigos, valeu de toque de rebate: e os engenhos e povoações foram assaltados, os canaviaes incendiados, e tudo destruido. Pero de Goes ainda juntou os seus, e offereceu resistencia; mas teve de ceder com a perda de vinte e cinco mortos, e com o ficar elle ferido e com um olho de menos. Quiz fazer pazes; mas os Indios lh'as quebraram com mil traições. E como diariamente perdia alguns homens, e padecia mais fome, e ninguem o socorria, foi constrangido a deixar a terra, — que de todo ficou despovoada de colonos.

Passando-se á visinha capitania do Espirito Santo, e desta recolhendo a Portugal, deixou em poder dos Barbaros alguns edificios ja feitos de pedra e cal; facto que nos pode ministrar clara idéa de como por ventura succederia em outras paragens da America, v. gr. no Iucatan e no valle de Mississipí, onde se encontraram mausoleos que eram, não obra dos Barbaros que senhoreavam a terra no seculo XVI, mas sim de outras gentes semi-civilisadas, e quem sabe se idas algum dia do

---

[1]) C. a Martim Ferreira: original na Bib. pub. eborense.

velho Continente, e d'ahi expulsadas ou exterminadas por esses invasores vindos do norte, cujo número infinito era sufficiente para triunfar, ainda de gentes mais fortes e mais civilisadas, quando em menor número.

Parece que a penna se nos resiste a tratar do donatario da Bahia, nem que movida pela dor que nos punge o coração, ao considerar seu triste fim.

Não ha dúvida que é assumpto de que não nos podemos occupar, sem que se nos repasse a alma de magoa, que desejaramos poupar de repetir, se, pela importancia do assumpto, não foramos a isso obrigados, pela severa tarefa que nos impozemos, desde que ousámos levantar o pensamento a ser fiel, bem que humilde, historiador da patria.

Todavia não é só o sinistro verificado com o primeiro donatario da Bahia que nos levou a deixal-o para o último logar. E' que elle, ja velho e sem energia, não conseguiu, quanto a nós, preparar-se logo. Nem que a sua boa estrella o retivesse, criando-lhe difficuldades, para poupar-lhe os padecimentos e horrenda morte que veiu a experimentar.

Sabemos porêm que ja em dezembro de 1536 se achava Francisco Pereira com seus colonos na Bahia de Todos os Santos, extremo meridional da sua capitania, e melhor porto della. Pouco mais de um anno antes, em Agosto de 1535, haviam sido ahi sido encontrados apenas nove colonos europeos, pelo hespanhol João de Mori, que, com uma de duas náos saidas de S. Lucar, naufragára em Boipeba. No número dos nove, se comprehendiam naturalmente Diogo Alvares e o seu genro Affonso Rodrigues, natural de Olvidos, e casado em 1534, com a sua filha Magdalena. Este seria provavelmente um dos dois deixados por Martim Affonso, ou dos tres que ficaram da náo de Pero Lopes, quando regressava ao Reino.

Taes primeiros colonos, meio afeitos ja aos habitos dos Barbaros, enlaçados com suas familias, *tapejáras* ou vaqueanos de todo o reconcavo, e sem prestigio algum perante elles, foram a peor praga que podia cair sôbre a recente colonia, que Francisco Pereira tinha de fundar. A mesma facilidade de trato que, por intermedio desses christãos gentilisados, tinham os

novos colonos para se derramarem pela terra, em virtude da excessiva viabilidade que ella offerecia, nas communicações aquaticas, de umas paragens para outras, não só os pervertia, como os expunha a serem innocentemente sacrificados ás mãos dos gentios, quando se arredavam um pouco mais. A par destes males resultava outro maior. A colonia se dissolvia; os acostumados a obedecer perdiam o habito da disciplina; e o chefe começava a não ter fôrça para fazer-se temer e respeitar.

Effectuára o donatario seu desembarque e primeiro estabelecimento logo da barra para dentro, á mão direita, na linda paragem que ainda hoje se chama da *Victória*, pela primeira que ahi alcançaram os colonos, quando de surpreza os atacaram os Barbaros, e a piedade lhes suggeriu uma capellinha á Rainha dos Ceos, invocando-a n'um feito que julgaram milagroso. Perto dessa povoação em que estava, e que depois se disse *Villa Velha*, deu tambem, em fins de 1536, sesmarias a Pedro Affonso, bombardeiro, a Sebastião Aranha, a Francisco d' Azevedo, a Fernão Dolores, a Paulo Dias, outro genro de Diogo Alvares, e finalmente a este, cujo texto de doação foi o unico que (com algumas pequenas faltas) chegou até nós, e aqui o transcrevemos, com a propria redacção menos correcta, obra de Rodrigo Fernandes, tendo tido por unica assignatura o sello do donatario, o que deixa suspeitas de que não saberia escrever. Eis [1] o mencionado documento:

„Saibam quantos esta carta de sesmaria virem que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1536, aos 20 do mez de Dezembro da dita era, Francisco Pereira Coutinho, fidalgo da casa d'el-rei nosso senhor, capitão e governador da Bahia de Todos os Santos, faço saber como por esta minha carta dou ora novamente a Diogo Alvares, morador em a dita Bahia, quatrocentas varas de terra de largo e quinhenas de comprido; convêm a saber: as quatrocentas de largo

[1]) Supprimos com reticencias certas frases, onde suppomos ter havido erro de transcripção. Em todo caso, julgamos da maior importancia este documento, cujo teor possue o archivo dos Benedictinos da Bahia; porquanto do mesmo teor seriam provavelmente todas as primeiras cartas de sesmaria de Francisco Pereira.

se começarão a contar da banda de leste do caminho do concelho, que vai pelas cabeçadas das terras dos moradores desta fortaleza: convêm a saber: Fernão Dolores, Pedro Affonso, bombardeiro, e Sebastião Aranha; e dali a leste até o rio dos Seixos, que é o primeiro que está na dita..., o qual rio parte com Paulo Dias da banda de leste; e dali, do dito rio dos Seixos, do mar directamente ao norte,... as ditas quinhentas varas de comprido, e vai intestar com o outeiro grande, e torna d'ali a léste a partir com terra de Francisco de Azevedo, e d'ali directamente ao mar contra o sol, outras quinhentas varas. As quaes quatrocentas varas de largo se rezam largas por costa, como pelo meio, como por cima: as quaes varas acima conteudas é cada uma de duas varas e meia de medir o costumado, por onde foram medidas; de que está feito assento por padrão.

„A qual terra assim lhe dou e outorgo, com todas as entradas e sahidas, serventias e fontes e rios, mattos, arvoredos de toda a sorte e maneira, que dentro na dita terra houver, de que se aproveitar possa. E que o dito Diogo Alvares, deste dia para todo sempre, possua a dita terra, tudo inteiramente como cousa propria, e outros quaesquer bens seus, em todos seus ascendentes, e descendentes que delle succederem, e hajam e gozem livremente, e aproveitem, sem pagar outro nenhum foro nem direito que pagar possam, sómente o dizimo a Deus dos fructos e novidades que a dita terra der. E outrosim lhe dou e outorgo, pela mesma maneira, deste dia para sempre, ao dito Diogo Alvares, como herdeiros acima conteúdos, a cambôa de pescar, que está ao pé desta fortaleza; com tanto que elle, ou seus herdeiros, que a possuirem, paguem os direitos da posse, e do que na dita cambôa pescar ou matar, conforme ao foral d'el-rei nosso senhor. A qual terra e demarcação o dito Diogo Alvares, e herdeiros que a possuirem, serão obrigados de alimpar e aproveitar, para as novidades e fructos que lhe bem vier, de modo que dentro em cinco annos, do dia da feitura desta, aproveitem e façam bemfeitorias nella, conforme aos titulos d'el-rei nosso senhor das datas das terras e sesmarias, sob as penas nelle conteudas; roçando, alimpando e plantando na dita terra, para seu proveito, como dito é, e lhe

aprouver... suas novidades e fructos, pela maneira sobredita, sem pagar cousa alguma, sómente o dizimo a Deus.

„E por assim haver por dada e entregada e outorgada... por bem de minha doação, e poder que me Sua Alteza deu e outorgou, lhe mandei.... para sempre, para sua guarda, e possuimento e de todos seus herdeiros: a qual mando que seja sellada do sello de minhas armas que perante mim serve. Rodrigo Fernandes a fez, por meu mandado e autoridade. Feita na dita Bahia em o dito dia, mez e era acima escripto.“

Só mais tarde Francisco Pereira começou a conhecer o erro de ter deixado espalhar a sua gente, e de haver até para isso concorrido, chegando a dar sesmarias no Reconcavo, que devia guardar para mais tarde. Assim consta-nos que das terras do esteiro de Pirajá passou elle titulo ao colono João Velloso, que ja no seu tempo começou a fazer ali um engenho.

Vendo-se com o inimigo tão perto, quiz ainda o donatario tocar a reunir, e a muitos obrigou a que assim o fizessem.

Outros depresaram suas intimações, e á furia dos Indios vieram depois dispersos a succumbir, e a pagar caro sua desobediencia. Os que obedeceram, não vendo como rudes que só nessa obediencia podiam encontrar salvação, gritavam contra o arbitrio, e introduziam na colonia ja desmoralisada a insubordinação; e com a maior covardia chegavam a açular os Barbaros a aggredir; — á maneira dos miseraveis anões politicos de todas as nações, que desejam ás vezes a victória dos inimigos da patria, pensando que com ella tomam vingança do partido a elles contrário que tem o poder. O donatario além de velho, estava achacoso, e, apezar da grande escola practica que tivera na Asia, mostrava-se agora molle e falto de energia; e não sendo severo para com as máos, tornava taes os que dantes eram bons. Perplexo para castigar, e irresoluto para tomar uma grande decisão, qual seria a de uma arrancada a ferro e fogo atravez das fileiras dos inimigos; deixando-se pelo contrário envolver por estes, bem que defendendo o terreno palmo a palmo, teve que retirar-se sobre o pontal da barra chamada de *Santo Antonio*, e naquelles tempos,

do Padrão, — por um que ali haviam inaugurado os primeiros exploradores da costa. O apuro chegou a tal ponto que, faltos de agua, tinham de mandar caravellões por ella á visinha capitania dos Ilheos; e em vez de voltarem com agua, a matar a sede aos que pela escacez della tanto soffriam na trincheira da barra, alguns passavam de todo a outras capitanias.

Neste comenos fundeou no porto uma caravella, que se dizia chegar de Portugal, com um alvará regio para a prisão do velho chefe. Era portador do alvará um clerigo de missa, que chamavam o Bezerra, e que d'ali fugira mezes antes, com outros descontentes. Apresentando-se com o alvará perante as autoridades inferiores da colonia, com quem estava naturalmente mancommunado, resultou dahi a prisão do donatario, apezar de suas immunidades. Desde logo, cada um ficou livre de seguir para onde melhor lhe pareceu. A resolução geral que tomaram foi a de passarem todos a acoutar-se[1] na proxima capitania dos Ilheos.

O tal alvará era falso, e a acção practicada chega a ser infame, pelo escarneo feito a um velho contrariado; e mais se aggrava com a circumstancia de ser executada pelo ministro de uma religião toda de paz e de amor.

O donatario, assim desamparado, retirou-se para Porto Seguro, onde esteve mais de um anno; até que, instado por Pero de Campo e convidado de novo pelo gentio da Bahia, e seus socios, os christãos gentilisados (que haviam contribuido a expulsal-o, e que ora em sua busca mandaram a Diogo Alvares), voltava lá outra vez a estabelecer-se, quando o navio em que ia naufragou na costa fronteira á da antiga povoação; onde, depois de escapar do mar, não conseguiu escapar-se das fauces dos Barbaros anthropophagos da Ilha de Itaparica, que o prenderam e devoraram, com quasi todos os que com elle iam, salvando-se porêm habilmente o mesmo Diogo Alvares[2].

---

[1]) Carta de Pero Borges, de 7 de fevereiro de 1550. Dita de Duarte Coelho de 20 dezembro 1546. (Cópias na Coll. do A.)

[2]) Não Francisco Alvares, como se lê em Mariz, nem Lourenço Alvares, como se lê no *Peregrino da America*.

Primeiros martyres da civilisação da terra bahiana! A grande obra que emprehendestes, e por que vos sacrificastes, veiu a realisar-se. O solo que regastes de vosso sangue é um dos mais populosos e mais productivas do Imperio de Santa Cruz; e os seus habitantes mais piedosos ainda se lembram de vós em suas orações ao Senhor dos justos, que distribue a quem os mereceu galardões sempiternos!

Depois das doze capitanias do continente, justo é que tratemos tambem da ilha adjacente, que, em virtude do nome do seu proprietario, passou a chamar-se de Fernão (ou Fernando) de Noronha, em vez de ilha de S. João, como primitivamente. Jaz esta ilha, ao nordeste do cabo de S. Roque, umas setenta leguas: tem tres de comprido, e é montuosa, de penedias e mui boas aguas, e com poucas porções de terras de cultura. Abundam nella as rolas e os ratos, dos quaes tomou nome um ilhéo que fica ao norte, tendo mais tres, o do *Meio*, *Rasa* e *Grande:* — tudo é de formação vulcanica, segundo se pode ver dos basaltos e trachytes, chamados „seixos de Fernando“, com que estão calçadas as ruas do Recife. Abundam os arbustos denominados *mulungú* e *burra*, planta excessivamente caustica, de virtudes por em quanto desconhecidas, e por ventura abundante em acido prussico.

A doação fôra feita no reinado anterior, e confirmada por D. João III em 1522, afim de que o donatario na ilha lançasse gado e a rompesse e aproveitasse, segundo lhe aprouvesse, obrigando-se ao tributo do quarto e dizimo. Em 20 de maio de 1559 [1] foi confirmada a doação em outro Fernão de Noronha, neto do descobridor, outorgando-lhe elrei nova carta de doação, com todas as clausulas concedidas aos outros donatarios, incluindo *as respectivas aos Indios*, apezar de não haver nenhuns na dita ilha.

O primeiro donatario e seus successores apenas se limitaram ao goso de se chamarem donos da ilha; pois que nada fizeram, contentando-se de tirar a confirmação em cada novo

---

[1]) Bras. Hist. nº. 33.

reinado [1]. Não consta que mandassem colonos, nem invertessem nella cabedaes; por quanto, annos depois, ainda estava deserta [2]: e d'ahi a um seculo, a encontraram tambem despovoada alguns viajantes, e ainda mais de dois seculos depois (em 1737) estava quasi abandonada.

---

[1]) A ilha seguiu ainda por muito tempo na familia do donatario, a cujos herdeiros foi confirmada pelo alvará de 8 de janeiro de 1693. Talvez só passou de todo á Corôa quando della fizeram entrega os Hollandezes, que foram os que mais cuidaram de seu aproveitamento. Em 1602 havia ali, talvez por conta do donatario, apenas um feitor com treze escravos d'ambos os sexos. (Quintella, II, 139.)

[2]) Nâo podia ser outra a ilha „de seis leguas de comprido, em que havia só passaros em tanta quantidade que se matavam á mâo", a que segundo diz Schmidel (cap. 4) aportaram, aos dois mezes de viagem, os navios da armada de D. Pedro de Mendoza.

SECÇÃO XIII.

VIDA DOS PRIMEIROS COLONOS E SUAS RELAÇÕES COM OS INDIOS.

Adopçâo dos alimentos, agricultura e utensilios. Adopçâo das canoas e da pesca e caça dos Indios. A mulher, elemento de fusâo. Caríbocas, mamelucos, etc. Scenas primitivas. Trabalho dos Indios. Festas religiosas. Festas publicas e das familias. Escravos Indios. Crueldades exaggeradas. Governo dos Indios. Sua ferocidade, indomavel por meios brandos. O emprego da fôrça reconhecido necessario. Opiniâo de Pedro Martyr. Necessidade d'Africanos. O pseudo-philantropo Las Casas, negreiro. Os Jesuitas. O trafico favorecido. Consequencia. Locuçôes viciosas.

Como nenhum dos donatarios tivesse os meios necessarios para beneficiar nem a centesima parte da terra que podiam tomar para si, o maior empenho de todos fôra o de angariar moradores que levassem capitaes, e que se propozessem a receber terras de sesmarias e a cultival-as. Os artigos de exportação que primeiro mais se cultivaram foram o arroz e o assucar: valia a arroba deste do melhor, a quatrocentos réis, preço equivalente a oito alqueires de arroz em casca.

Vendo-se em pequeno número e tão desamparados, os christãos em cada uma das capitanias começaram por afazer-se a muitos usos dos Barbaros, nos objetos domesticos e de primeira necessidade. Destes adoptaram o uso do tabaco de fumo [1], e com tanto amor que se tornou geral, e passou á Europa, e ja no seculo seguinte constituia um dos ramos da industria e producção do Brazil. Quiz a Igreja oppor-se a este uso, declarando-o rito gentilico; e prelado houve que chegou a prohibil-o, com pena de excommunhão, dando alguma vez aos que fumavam na Igreja de penitencia o trazerem os *pytimbáos* [2] ou grandes charutos ao pescoço; mas tudo foi debalde.

---

[1]) O tabaco ja era na Asia conhecido, e de lá nos veiu o vocabulo „charuto".

[2]) Moraes dá catimbáo por cachimbo pequeno. A origem é de *p'ty'*, tabaco, donde *p'ty'-mbába.*

Dos mesmos Barbaros adoptaram os colonos o uso do milho e da mandioca, e todos os meios de cultivar e preparar estas duas substancias alimenticias, bem como as aboboras, o feijão, etc. Delles, e não de Portugal, foi tomado o systema, ainda hoje seguido geralmente pelos nossos lavradores, de roçar e derrubar, cada dous ou tres annos, novas mattos virgens, queimal-os, encoivaral-os, e por fim semeal-os, ficando o terreno atravancado de tocos e madeiros, que pouco a pouco se vão apodrecendo, continuando a estrumar a terra, mas dificultando o passo aos trabalhadores, e roubando ás sementeiras muita superficie. Em Portugal não se roçavam matas para semear a terra de legumes: as mattas eram raras, e por conseguinte uma riqueza por si sós. O proprio vocabulo *Coivára,* do qual tomámos o verbo *encoivarar,* é uma voz tupica, derivada de *Cog,* roça.

Dos Indios adoptaram tambem o uso da farinha de *mandioca,* bem como o das folhas da planta ou *maniçoba,* [1] como hortaliça; para o que usaram tambem dos folhas do *tayá* ou *tayobas,* e dos olhos tenros das aboboreiras *gerimús,* cujo guisados chamaram *cambuquira* [2]. Além disso cultivavam os carás e inhames, e ainda mais o excellente aipim ou mandioca doce, comido assado, simplesmente ao borralho, e sem mais preparativos. — Dos Indios adoptavam os nossos o *pirão. Mingáo* é tambem nome dos Tupis, que chamavam ao caldo *migan.*

As bananas da terra foram tambem um dos primeiros alimentos que mais se generalizou, em quanto da ilha africana de S. Thomé não se transplantaram as que por isso ainda hoje tem este nome. Alguns pés desta planta, ao abrigo do choupana ou tujupar [3] de um colono, lhe asseguravam a subsistencia sem o trabalho; pois que, como diz um contemporaneo, parece que a bananeira, que alguns creem ser a figueira do Paraiso terreal, foi a planta dada ao homem para o deixar

---

[1]) „Oba“ significa folha: ou, em geral, roupa.

[2]) Adulteraçâo de „Coan Kyra“, grelo ou olho de qualquer planta; Dicc. braz. p. 74.

[3]) Nesta palavra preferimos sempre seguir a orthographia do P. Vieira admittida por Moraes. O. Dicc. Braz. escreve *„tejupaba“*; Cardim, p. 99, „teijupaba“; Soares, *„tajupar“*; Callado, Valor. Lucid., 160, *„tugipar“* e Abbeville „aiupawe“. Varn. Com. a Soares, 241.

falhar ao preceito de ganhar o sustento com o suor de seu rosto. O vocabulo *banana* é africano: *musa* lhe chamavam os Arabes: *pacoba* os nossos Indios.

Na primitiva construcção das casas, em vez de pregadura se adoptou o *cípó-embé*, para segurar as ripas, conforme usavam os Indios. Tambem se adoptaram as proprias formas de suas cântaras ou vasos de barro, para trazerem agua do rio ou das fontes; e em outros artigos domesticos foi a adopção dos usos tão excessiva que até com elles vieram o proprios vocabulos de lingua tupi, os quaes para sempre no Brazil accusarão a sua procedencia, como dissemos[1] ácerca dos Arabes na Hespanha. São tambem puramente Indios os vocabulos *Chará, Guapiára, Apicum, Massapé, Cherapy, Coivára, Pipóca, Tipoia*[2], *Picumã*[3], *Chulé, Chué, Teteia, Tapejára, Pixuna, Tocayar, Coroca, Catapóra, Canhambola*[4], *Pixaim, Cauîra, Pitiú, Garajáu* e muitos outros.

Dos Tupis adoptaram os nossos quasi tudo quanto respeitava ao barquejar, bem como á pesca e até á caça.

A atrevida jungada de Pernambuco, semelhavel aos pangaios da Africa oriental e da India, que ainda hoje acomette os nossos mares, com pasmo do viajante europeu, que mal concebe como haja quem arrisque a vida sobre uns toros ligeirissimos mal unidos, que vão quasi debaixo d'agua navegando dias e dias longe da terra, — as frageis ubás de cortiças que se deslizam sobre as aguas do Amazonas, — as soberbas canoas feitas de um só tronco cavado, que ás vezes se arrostam pelo alto mar, de umas para outras de nossas provincias, e que remadas a vinte pás por banda poderiam porfiar em velocidade com a galeota imperial, para não dizermes com um vapor dos nossos dias, — bem como as balsas de molhos de timbó ou perîperî.... ¿o que vem a ser tudo senão remanescentes da industria selvagem? Tão pouco foi importação européa a humilde canoinha, pouco maior do que uma arteza caseira, e tal como ainda hoje

1) Secç. X, pag. 159.
2) Verificámos ser voz tupi.
3) *Pi-cumã*, pó ou fuligem da panella.
4) Alias *Canhembóra*, o que anda fugido, de *canhê* fugir.

a vemos nos sacos ou conchas em que remanseam as nossas pintorescas bahias ou caudalosos rios, movida brandamente pela yacumá do indolente pescador, sentado á popa, e apupando de quando em quando, com o rouco busio *uatapy*, qual fabuloso Tritão, pensando com isso chamar o vento.

O uso que ainda se faz desse buzio por busina, o emprego do fortissimo fio do tucum, adoptado de preferencia para as linhas de pesca, e para a rede *puçá* [1] ou *jareré*, a prática de *tinguijar* os rios, e o dos *giquis* nos caneiros, — tudo foi adoptado dos que estavam por esta terra.

Não ha ainda muitos annos que todos ouviamos aos pretos e pretas (africanos), que vendiam agua pelas ruas da capital, o apregoal-a gritando, com aspiração, *Heh!* Pois bem: esse monosyllabo era herança dos antigos escravos de ganho indios, que com tal exclamação, não adulterada, apregoavam em sua lingua: *Agua!*

E o que dissemos da agricultura, da industria, da navegação e da pesca, com mais razão applicariamos á caça, se os colonos não viessem munidos dos instrumentos de invenção de recente data, — as armas de fogo; e, ainda assim, muito teve que aprender do Barbaro o colono caçador, não só para ser *mateiro*, isto é para saber andar no mato, como para conhecer muitas industrias especiaes da mesma caça, tanto de monteria, como de volateria; e para moqueal-a.

Assim forçoso nos é reconhecer que a nova industria se deixou absorver judiciosamente pela dos Indios, em tudo quanto ella tinha de aproveitavel. O uso da rede e a frequencia dos banhos, tomados pelo menos duas vezes por dia, symbolisam ainda hoje o triunfo dos usos que pareceram de todo razoaveis.

Um dos elementos que mais aqui concorreu para a fusão das nacionalidades tupi e portugueza foi a mulher. Os primeiros colonos que vieram ao Brazil, e que se familiarisaram e alliaram com a cabilda visinha do porto em que ficaram, juntavam-se logo, mesmo sem ser em lei da graça, com alguma India, que, segundo vimos, os proprios escriptores não deixa-

---

[1]) Poçá escreve Moraes. V. este A. no vocabulo Rodofolle.

vam de achar bonitas. Por outro lado, ellas tinham, e tem ainda hoje as meio domesticadas, muita disposição para se unirem aos Europeos, não só, como, querem alguns por causas physiologicas, que nos não pertence individuar, como por se libertarem assim do mais duro captiveiro, que lhes davam os seus maridos. A's vezes deslizavam-se mesmo os colonos pelos abusos da polygamia, como fez João Ramalho em Piratininga; e os resultados, apezar de serem irreligiosos os meios, não podiam deixar de ser em favor da fusão das duas nacionalidades[1]. Os nascidos das raças cruzadas diziam-se em fraze tupi *curíbocas,* porêm o uso fez preferir o nome de *mamelucos,* que se dava em algumas terras da Peninsula aos filhos de christão e moura. — Os descendentes dos primeiros colonisadores começaram a designar com a expressão africana *mazombos* aos filhos dos chegados da Europa, reservando o termo portuguez *creoulos* para os filhos dos Africanos; chamando a estes *ladinos,* quando ja instruidos na lingua e serviço da casa etc. A abundancia que havia de mestiços e mamelucos, que, segundo os Jesuitas, eram os autores de tantas invasões de Indios indomitos no sertão, vem em auxilio dos que cremos que o typo indio desapareceu, mais em virtude de cruzamentos successivos, que de verdadeiro o cruel exterminio. Contra as allianças destas gentias com os christãos, nunca houve prevenções, como havia contra as das mouras e judias: naquellas o proprio acto do matrimonio religioso era um triunfo: quem não tinha outras crenças não deixaria de seguir as do esposo. Todos os documentos dos tempos antigos e modernos nos descobrem, tanto aqui como nas colonias dos Castelhanos, as tendencias dos Europeos a este cruzamento successivo de raça, que fez que a americana não se exterminasse em parte alguma, mas antes se crusasse e refundisse[2]. O nome curiboca applica-se hoje no Pará

---

[1]) „Participant aux lumières de son père sans abandonner entièrement les coutumes sauvages de sa race maternelle, le métis forme le lien naturel entre a civilisation et la barbarie. Partout où les métis se sont multipliés, ou a vu les sauvages modifier peu à peu leur état social et changer leurs moeurs.“ (Toqueville, *Dem. em Am.,* Cap. 18.)

[2]). Ni al computar la aminoracion de la raça india se ha tampoco ido a investigar la parte que de ella se ha convertido em sangre criolla ó mestiza, ó refundido em las demas estas . . . Los españoles y los negros

aos descendentes mestiços das raças africana e americana: *cafusos* aos da raça africana e parda. *Canicurús* chamam os Barbaros áquelles dos seus que transigem com a civilisação, começando por aldear-se.

Passavam-se nesses tempos primitivos, nas colonias brazileiras nascentes, analogas scenas ás que haverão tido logar em todos os paizes mais atrazados, que começam a ceder o passo á nacionalidade, que nelle se introduz com a superioridade e encantos da civilisação sobre a barbarie. Os selvagens prestavam-se gostosos a trabalhar nas roças ou derrubadas, nas sementeiras e plantações, e na construcção das casas, a troco de uma vara de linho, ou de um anzol, ou de um pedaço de ferro ou enfeite de vidro, que reputavam de grande valor, só porque mediam este pela impossibilidade que teriam de produzir taes artigos, que lhes eram de tanta utilidade. Assim, o que delles se não alcançaria por punhados de ouro[1] ou de prata, se obtinha por algum ornato de vidro, ou por um pedaço desse metal que mais utilidade nos presta, e só desconsideramos pela abundancia com que se apresenta sobre a terra; e quem sabe se, ao realisarem elles esses primeiros contractos e escambos com os Europeos, se persuadiam ficar de muito melhor partido e haver logrado aquelles que effectivamente os logravam.

Os habitos religiosos presidiam na vida dos moradores, especialmente nas colonias que mais prosperavam; como S. Vicente, Porto Seguro e Pernambuco. — Os colonos, como quando estavam a bordo, se reuniam em terra todas as noites para rezar o terço; e introduziam a saudação do „Louvado seja Nosso Senhor Christo“ que ainda hoje se usa proferir, ao

---

careciendo en America de mujeres de su especie respectiva, en proporcion de sus exigencias fisicas, necesariamente habian de recurir á las mugeres del pais. (Vadillo, Apuntes, etc., 3 ed., p. 52 e 53.)

[1]) E' digno de citar-se o facto passado em 1556 a uma frota da Nova Hespanha, cujos Indios, da prata que se salvou em terra, só roubaram o canhamaço dos sacos, de modo que veiu a encontrar-se, d'ahi a cinco mezes, na praia todo o metal. Deste facto nos conservou memória Fr. Thomaz de Mercado, na sua obra, impressa em Salamanca em 1569, com o titulo: — Tratos y contratos de mercaderes, etc. fol. 18 v.

render os quartos, em alguns dos nossos navios, e que veiu a ser a que geralmente dizem nas differentes provincias os Africanos captivos.

Durante o anno, as festas do kalendario romano celebravam-se com o maior escrupulo, ainda naquelles usos em que a differença dos climas e dos productos do solo pediriam menos rigorosa observancia. Esta porêm parecia aos colonos que os conchegava aos seus parentes no além-mar. O dia de anno-bom, era festejado com o banquete que lhes permittia sua pobreza; no entrudo arremedavam-se, perante os gentios, as loucas saturnaes de outros gentios antigos. Nem aquelles podiam entender donde vinha aos hospedes, de um dia para outro, e sem beberem vinhos, tanta embriaguez; — nem porque se offendiam os amigos mais intimos, lançando-se agua, ovos e farinhas; que então não eram taes acomettimentos feitos como depois com limõesinhos de cera e aguas de cheiro. Vinham, as endoenças e suas consoadas de confeitos, e as igrejas juncadas de plantas balsamicas. Seguia a festa do Maio, com flores, e a do Espirito Santo, com a doçaina e a competente gaita de folle e o imperador de um só dia. As fogueiras e os foguetes de S. Antonio, S. João e S. Pedro, e do padroeiro ou padroeira de logar, eram indispensaveis. Finalmente vinha cerrar o anno o Natal, com seus presepios, seus autos sacros representados, sua missa do gallo, e seu bacorinho morto.

Nas cerimonias religiosas consistia a principal parte da vida domestica desde o berço. — O baptisado do recemnascido fazia-se com a possivel pompa; o dia da primeira communhão era de grande festa na familia, como precursor do matrimonio, sacramento este ao qual os pais procuravam encaminhar seus filhos apenas entravam na puberdade. Os trages, entre a gente de prez, eram identicos aos que se usavam na metropole, e as modas variavam como la.

Não se envergonhavam os christãos de roçar mato ou de cavar com a enchada, ao lado dos Indios, seus amigos, ou de algum escravo que destes adquiriam. No captivar o gentio da propria capitania foram os donatarios mui parcos, e só consideravam legitimamente seus os que haviam sido aprisionados na guerra. E devemos confessar que esta prática, fundada

no chamado direito dos vencedores, tinha tendencias civilisadoras, e em alguns pontos chegou a produzir o influxo benefico de poupar muitas vidas, fazendo que os mesmos vencedores guardassem, para resgatar com os nossos, os prisioneiros que segundo seus habitos deviam matar.

Quanto a nós, tem-se clamado demasiado injustamente contra as tendencias dos primeiros colonos de levarem a ferro e fogo os Barbaros da terra, agrilhoando-os, matando-os ou escravisando-os. Não sejamos tão injustos com os nossos antepassados, nem tão pouco generosos com os que da mudez dos sepulcros não se podem defender. Para provar a humanal fraqueza, os nossos instinctos de vingança, não necessitamos ir contender com os ossos dos antepassados, para os quaes só nos cumpre pedir paz e commiseração, quando até alguns (os dos devorados pelos Barbaros) nem sepultura tiveram. Houve sim, como adiante veremos, quem abusasse, quem sem caridade pretendesse conculcar as leis divinas e humanas, e introduzir, com piratarias e crueldades, a anarchia e a dissolução nas primeiras povoações que o christianismo fundava no Brazil. Mas taes monstros da sociedade eram a excepção, e muitos delles tiveram o merecido castigo.

Por via de regra, para com os Indios, os donatarios conduziram-se ao princípio do melhor modo que lhes era possivel. A'frente de um limitadissimo número de colonos, contando entre elles alguns escravos de Guiné, ou criminosos, senão inimigos figadaes, por castigos que se tinham visto obrigados a aplicar-lhes ainda durante a viagem, passando em revista, ao pôrem os pés em terra, o maior número de gentios que se reuniam de todos os contornos, para admirar aquellas canoas colossaes (igara-açú), que os haviam transportado, e para tratar de obter alguns cascaveis c outras frioleiras de resgate; e vendo diante de si guerreiros tão fortes e tão destros, que nunca deixavam o arco e a frecha, que acertavam com esta, a grande distancia, no passaro que voava, e no peixe que rapidamente fendia as aguas, os donatarios não podiam, excepto em caso de demencia, deixar de conhecer que a melhor e mais segura politica era a de attrahir a si, pelos meios da persuasão, taes elementos de fôrça.

Neste intento, começaram em geral a obsequiar e presentear os Indios, seguindo a practica que aos primeiros exploradores era recommendada pelo proprio Soberano. Passavam depois aos contractos; e da falta da execução destes, entre os particulares, procediam motivos de desintelligencia. O Barbaro, vaidoso e independente, desconhecendo os direitos da razão e a supremacia da consciencia, nem sequer admittia a admoestação que alguma vez, de parte de um ou outro colono e do proprio donatario, provinha de verdadeira caridade evangelica. Demais, dissimulado sempre, e tendo[1] para si que é ardil de ataque e de desaffronta o que, á nossa rasoavel maneira de ver, é traição e aleivosia, aproveitava-se da primeira occasião para commetter um assassinato, crime que o nosso direito pune com a pena de Talião.

Por outro lado, os mesmos Barbaros reputavam como a maior prova de covardia de um homem o não saber ser altivo e insultante contra os que o iam matar. Entre elles, como ja vimos, o prisioneiro, seguro de que tinha de morrer, era obrigado a fazel-o a sangue frio, indo para o sacrificio de frente levantada, como para o combate. Antes de succumbir lhe cumpria, com ameaças, vingar-se dos que o matavam: devia dizer-lhes como os seus companheiros o haviam algum dia de vingar, matando-os a elles todos, e como a elle proprio não o privavam da vida, senão quando ja lhes tinha feito todo o mal que podia. O conhecido escriptor francez Montagne transcreve, em seus *Ensaios*[2], a seguinte mostra de taes discursos: „Vinde bem hardidamente, e juntai-vos todos para me devorar. E comereis pedaços da carne de vossos pais e avós, que serviu de pasto ao meu corpo. Estes musculos, esta carne, e estas veias são as vossas, meus pobres tontos. Não encontrareis

---

1) Liv. 1.º cap. 30.

2) ... „com notoria aleivosia apparecem como amigos... se reconhecem descuido que os assegure de sua premeditada atrocidade, sem perigo de alguns dos seus, infallivelmente accommettem... E de tantas atrocidades se gloriam como de um heroismo, ficando com mais nome, e mais respeitado em toda a nação aquelle que commetteu mais crimes. Se pelo contrário acham a cautella precisa, e que os desanima da sua perfidia, com a maior dissimulação tudo occultam; e sabem mostrar a mais fingida e sincera urbanidade, repetindo com a maior familiari-

outra sustancia, senão de vossos progenitores. Saboreae bem; que saboreareis a vossa propria carne.“

Podemos pois imaginar que pouco favoravel juizo faziam dos Europeos, vendo-os chorosos e pusilanimes e covardes no acto para o qual elles reservavam a ostentação do seu maior valor. Os christãos, aprisionados ás vezes ao acabarem de chegar da Europa, ignorando os usos barbaros e a sorte que os esperava, quando levados ao sacrificio, alheios inteiramente a taes scenas hórridas, não podiam deixar de atemorisar-se; e desconhecendo a nenhuma piedade destes homens ferozes e duros de coração (por isso mesmo que gastando-se-lhes toda a sensibiliade nos proprios males, nenhuma lhes ficava para os estranhos) e o facto de que o sacrificio do prisioneiro de geração contrária era para elles de religiosa vingança, bradavam misericordia aos ceos e a elles, que despresavam nessa occasião as lagrimas, como se fossem derramadas por pusillanimidade. O resultado era julgarem-se cada vez mais valentes e mais fortes que os Europeos.

Da menor rixa se originava uma desordem; nesta cada um pugnava pelo seu companheiro, e pelo direito que julgava ter por si. A guerra estava declarada. Os Indios retiravam-se e preparavam-se para, na forma de seu costume, dar a vingativa assaltada de surpreza. Os christãos ou se fortificavam, ou, depois que conheceram que os gentios tomavam por covardia quaesquer esforços para com elles se reconciliarem, e que, aleivosos, tinham a maior repugnancia de entrar em combate franco corpo a corpo, saiam a aggredil-os; e os prisioneiros de guerra traziam-os para captivos. E cumpre confessar que nem havia nesta pena retaliação; quando os mesmos gentios, logo que se declaravam inimigos dos nossos, os ma-

---

dade as suas visitas, até ver se encontram occasião para o seu atroz proceder..... Sem que tanta cobardia e atrocidade os envergonhe, antes della fazem garbo, tratando de estulticie o modo de fazer a guerra dos Portuguezes e Hespanhoes, — dando e recebendo golpes, ainda a mesma morte de frente a frente.. que isto só nescios fazem, quando na guerra o modo delles... é o mais seguro e prudente; porque fazem estragos sem receberem damnos, espreitando uma e muitas vezes occasião opportuna.“ (Almeida Serra, Rev. do Inst. XIII, 369 e 370.)

tavam e devoravam. — E a principio (em quanto se não fez frequente o uso dos saios ou gibões d'armas de seda acolchoados de algodão, introdusidos das Antilhas, menos pesados que as cotas de malha, e sufficientes para embotar as frechas), tinham elles pelo número grande superioridade.

Foi a experiencia [1], e não o arbitrio nem a tyrania, quem ensinou o verdadeiro modo de levar os Barbaros, impondo-lhes á fôrça a necessaria tutella, para acceitarem o christianismo, e adoptarem habitos civilisados; começando pelos de alguma resignação e caridade, fazendo-se moralmente melhores; aproveitando-se de mais bens, incluindo os da tranquillidade do espirito e da segurança individual, á sombra de leis protectoras.

Conheceu-se que ou se havia de seguir tal systema, ou de abandonar a terra, para evital-o. Sabemos quanto cumpre na historia não desculpar os erros, e quanto os exemplos que nos levam a aborrecer o vicio são quasi de tanta instrucção, como os que nos fazem enamorar das acções virtuosas; mas temos que o habito de esquadrinhar o lado desfavoravel dos factos, para depois contar como verdade o que se maliciou, é reprehensivel tendencia do ânimo, que em vez de artificio inculca existencia de peçonha.

Está porêm reservada aos nossos vindouros a tarefa de condemnar ou de justificar o proceder dos antepassados, segundo por fim venham a conduzir-se com os Indios que ainda temos [2]. A experiencia de cada dia [3] nos está provando que

---

[1]) „E'bem que estejam (os Indios) obrigados continuamente mais de temor e fôrça dos brancos que de palavras.“ — (Baena, Rev. do Inst. V. 270.) „Importa estarem (os Indios) obrigados continuamente mais de temor e força dos brancos que de palavras“ dizia Diogo de Campos, companheiro de conquistador do Maranhão em 1614.

[2]) Havendo, na noite de 3 para 4 de fevereiro de 1855, os Indios de Campo de Palmas atacado a fazenda do capitão Hermogenes, os nossos prenderam o cacique, pozeram-o no tronco, e depois o mataram: „unico meio (diz o correspondente do J. do Com. de 30 de abril desse anno), que tinham ao seu dispor, para *amedrontar e afugentar* o inimigo.

[3]) Em 1763 escrevia um respeitavel prelado, o bispo do Pará Fr. João de S. Jose (Rev. do Inst., IX, 339). „Por esta indulgencia que experimentam os Indios se fazem insolentes; nem ha semana na cidade de

„sem o emprego da fôrça... não é possivel repellir a aggressão dos mais feroses[1], reprimir suas correrias; e mesmo evitar as represalias a que ellas dão logar[2].“ Entre os Indios era tul a idéa dos beneficios da ameaça e do terror, que elles proprios pretendiam intimidar aos céos, disparando-lhes fréchas, com intento de aplacal-os[3].

Com a jurisprudencia que se havia adoptado ácerca do gentio barbaro da terra, aliás inteiramente em harmonia com a que ainda hoje aconselham os publicistas mais liberaes, houvera aquella seguido cultivando-se, sem a dependencia tão immediata dos braços dos pretos africanos, que as providencias philantropicas, ao depois adoptadas em favor das raças americanas, tornaram indispensaveis.

Ja nesses tempos havia o illustre escriptor Pedro Martyr, n'uma carta[4] que escrevia ao arcebispo de Calabria, consignado estas memoraveis palavras: „Ácerca da liberdade dos Indios ainda não se sabe o que mais convêm... Uma longa experiencia ensina que a sujeição é necessaria aos que, quando privados de senhores e de tutores, voltam a seus antigos usos e idolatrias.“ Desde 1504 fôra em Castella declarado legitimo o captiveiro dos Canibaes, manchados não só pelo horror da antropophagia, como pelos vicios de nefandas bestialidades. — Annos depois, defendiam e sustentavam essa decretada escravidão, muitos religiosos[5] de S. Domingos e de S. Francisco; sendo certo que os meios coercivos, mais ou

---

Belêm em que deixem de haver facadas, pancadas e algumas vezes mortes. Temos por certo que esta casta de gentios não se encaminha sem a fôrça“, etc.

1) Palavras do ministro do Imperio, (Mont' Alegre), no seu relatorio á Assemblea geral legislativa em 1852. Veja-se a nota 63, na pagina 458 do 1.º vol. da anterior edição desta Historia.

2) „Só com o medo se alcança alguma cousa delles“ diz o missionario Fr. Apolonio de Todi; An. do Rio de Jan. VI, 183.

3) Rev. do Inst. VIII, 361.

4) Carta 806. — Vej. Humboldt. Ex. Crit., II, 283. — O pensamento de Martyr é o que depois parafraseou o jesuita Vieira, comparando graciosamente o nosso gentio ás estatuas de murta dos jardins, as quaes, se bem que mui faceis de reduzir-se a conveniente fórma, vecejam continuamente, propendendo ao seu estado natural de arvores. (Vieira, Serm., III., 403).

5) Herrera, III, 8, 10.

menos crueis, foram os que geralmente se empregaram para domar ou submetter á razão, quer as turbas de Barbaros, na Asia e na Europa, quer (ainda nas melhores idades do christianismo....) as multidões desenfreadas ou semi-barbarisadas... Pelo que respeita aos demais Indios, adoptou Castella o arbitrio de os confiar a encommendeiros que se obrigavam a cuidar de sua reducção, educação e conversão[1].

As providencias de mal entendida philantropia, decretadas depois pela piedade dos reis, e sustentadas pela politica dos Jesuitas, foram a causa de que os Indios commeçassem pouco a pouco a serem unicamente chamados á civilisação pelos demorados meios da catechese, e que ainda restem tantos nos sertões, devorando-se uns aos outros, vexando o paiz e degradando a humanidade. — Era uma verdadeira monomania do pseudo-philantropico Las Casas a de deixar aos Americanos todos no mesmo estado em que estavam; pois que a verdadeira philantropia ou a amor da humanidade não era quem o movia, quando elle por outro lado prégava a conveniencia da escravidão africana, e em 1511 lembrava, para haver mais escravos, que não pagassem direitos os Africanos que se levassem á America! Nem que o seu proposito fosse transportar á mesma America toda a Etiopia. Em nossos dias, Las Casas, o philantropo proverbial Las Casas, devia ser perseguido como negreiro, ou ao menos como cumplice em defender o trafico africano.

Pelo que respeita aos Jesuitas, cumpre dizer que os primeiros, e principalmente os dois a quem o Brazil reconhece dever maiores serviços, Nobrega e Anchieta, não eram elles sectarios das ideas de Las Casas. Aquelle escrevia mui terminantemente a Thomé de Souza[2]: „Em mentes o gentio não for senhoreado por guerra e sujeito, como fazem os Castelhanos nas terras que conquistam, e no Paraguay fizeram com mui pouca gente senhoreando o maior gentio que ha na terra . . ." „E se o deixam em sua liberdade e vontade, como é gente brutal, não se faz nada com elles, como por experiencia vimos

---

[1]) Herrera, I, 9, 14; I, 10, 12; II, 1, 11; II, 2, 6; etc.
[2]) 1559. An. do R. de Jan., VI, 8.

todo esse tempo que com elles tratamos, com muito trabalho, sem delle tirarmos mais fructo que poucas almas innocentes que aos céos mandamos."

De igual opinião era tambem Ruy Pereira, outro jesuita, que aplaudia haver certo governador[1] deixado de seguir pseudo-philantropias com os Indios: „Ajudou grandemente a esta conversão, diz, caír o sr. governador na conta, e assentar que sem temor não se podia fazer fructo."

Anchieta[2] escrevia pouco depois que haviam projectado fazer a guerra aos Indios contrarios „para que podessem viver com alguma paz e socego, e juntamente começassem a abrir algum caminho para se poder prégar o evangelho, assim aos inimigos como a estes Indios; sobre os quaes ja temos sabido que *por temor se hão de converter mais que por amor*". E o proprio P. Antonio Vieira, tão apregoado defensor dos Barbaros, dizia, em carta do Pará, de 14 de dezembro de 1655, ao secretario d' Estado Pedro Vieira da Silva[3], que André Vidal, a quem elogia, „ficava dispondo umas tropas, que hão-de ir ao sertão, do que esperamos *primeiro a quietação e paz, e depois uma grande conversão de almas*".

Se o uso e as leis tivessem continuado a permittir que a cobiça dos colonos bem encaminhada arrebanhasse os selvagens do Brazil, sugeitando-os primeiro, não se teria ido aquella exercitar, além dos mares, buscando nos porões dos navios, e entre os ferros do mais atroz captiveiro, colonos de nações igualmente barbaras e mais supersticiosas, essencialmente intolerantes, inimigas de toda a liberdade, e que como que ostentam a raia da separação com que se extremam dos Indios e dos seus civilisadores. Sem identidade de lingua, de usos e de religião entre si, só a côr e o infortunio vinha a unir estes infelizes, communicando-se na lingua do colono, estrangeira a todos, e por isso sempre por elles cada vez mais estropeada, em detrimento até da educação da mocidade, que, havendo começado por aprender com elles a falar erradamente,

---

1) Men de Sá. — Set. 1560.
2) 1561. An. do R. de Jan., VI, 57.
3) Coll. de Mss. da Bib. de Jesus em Lisboa, Tom. 16 pag. 23.

tinha depois mais trabalho para se desavezar de muitas locuções viciosas.

Além das relações com os Indios do districto em que se fixavam, emprehendiam os colonos, tanto por mar como terra dentro, algumas de trafico e resgate com outros Indios mais distantes. A essas relações deveram os mesmos colonos o conhecimento, que prompto adquiriram, não só de toda a costa que percorriam em caravellões, em barcaças e até em jangadas, como dos proprios sertões, que devassavam em pequenas troças, chamadas *bandeiras*; pois não havia cabilda d'Indios, assaz numerosa, que se atrevesse a atacar quarenta homens juntos, bem armados e de sobre-aviso. As colonisações das actuaes provincias de Sergipe e Alagoas, e das da Parahiba ao Pará, e das do sertão, foram precedidas de taes expedições, que, apezar de feitas com o intento principal de *resgatar* escravos, não deixavam de ser exploradoras.

SECÇÃO XIV.

ESCRAVIDÃO D'AFRICANOS. PERIGOS AMEAÇADORES.

Origem da escravatura africana. Condição do escravo. Tolerancia no Brazil. Raças africanas escravisadas. Jurisprudencia. Fecundidade. Caracter. Religiões. Bens e males provindos d'Africa e do captiveiro. Perigos imminentes do Brazil. Desmoralisação. Piratas. Degradados. Homisios. Queixas de Duarte Coelho. Colonisação por muitos degradados. Excepções. Desmoralisação e irreligiosidade. Náos Francezas. Eloquente brado de Luiz de Goes. Providencias. Queixas dos donatarios. Sorte destes.

O principio da escravidão foi antigamente admittido por todos os povos, ainda o reconhecem algumas nações da Europa, e até o tolera o Evangelho. A introducção porêm da escravatura dos Africanos foi em Portugal uma especie de continuação á da dos Mouriscos vencidos nas guerras de religião, em represalia ao que elles faziam. A necessidade de braços nas colonias portuguezas das ilhas da Madeira e de Cabo-Verde, a abundancia que delles havia na costa de Guiné, tão proxima, e senhoreada por Portugal, tinha induzido a muitos proprietarios a mandar por elles; porêm como foi estabelecido[1] que nenhuns de taes escravos podessem ir de umas colonias para as outras, sem darem primeiro entrada no porto da capital, afim de pagarem siza, converteu-se Lisboa em um grande mercado de escravos africanos, do qual não deixariam de aproveitar-se com algumas *peças* (como então se dizia e se disse por muito tempo[2] depois) os donatarios, que tanto necessitavam de braços, e que não sabiam se poderiam contar ou não com o gentio de suas capitanias. Os escravos eram considerados, como na legislação romana, *coisa* venal; e as Ordenações Manuelinas tratam delles em uma secção, cujo titulo[3] por si só nos revela a consideração em que os haviam: diz assim; „Como se podem engeitar os

[1]) Vej. Reg. da Fazenda.
[2]) Vieira, Sermões, VI, 397.
[3]) Liv. 4, tit. 16.

escravos e bêstas por os acharem doentes ou mancos.“ As Ordenações Filippinas, que as substituiram, alteram-o deste modo[1]: „Quando os que compram escravos, ou bêstas os poderão engeitar por doenças, ou manqueiras.“

Em nosso entender, os escravos africanos foram trazidos ao Brazil desde a sua primitiva colonisação; e naturalmente muitos vieram, com seus senhores, a bordo dos primeiros navios que aqui aportaram, comprehendendo os da armada de Cabral. Porêm a verdadeira introducção dos escravos de Guiné, e depois de quasi toda a Africa, isto é, do trafico em ponto maior, proveiu, em primeiro logar como fica dito, de se haver promulgado como illegal a escravatura india, com raras excepções, das quaes se os poderosos abusavam[2], outros se receavam, só para não virem a achar-se no caso de ter que pleitear o seu direito. Em segundo logar proveiu de se haver ja nas Antilhas conhecido por experiencia que os Africanos eram mais fortes, e resistiam mais ao trabalho aturado do sol, do que os Indios.

Os engenhos de assucar necessitavam, é verdade, arduo trabalho e muitos braços; mas talvez teria havido modo de se não dar, apezar disso, tanta latitude á introducção dos Africanos, ou de se haver aberto mão da cultura da cana.

Parece que, logo a princípio, no Brazil, onde a natureza é tão fecunda que permitte conseguir talvez resultados iguaes aos de outros paizes com metade do trabalho, ninguem se lembrou de que bastava que os colonos ou os Indios trabalhassem nas lavouras desde as cinco até ás oito ou nove da manhã, e desde as quatro ou cinco até ás seis e meia da tarde, descançando assim, ou empregando-se em casa, durante as sete horas mais calmosas do dia. E isto, apezar de que, segundo hoje sabemos, era esta, entre os proprios Indios, a prática geral, antes da chegada dos Europeos.

O direito da siza dos escravos foi na metropole rematado por contracto; e a um pedido de Duarte Coelho, para introduzir livres certo número delles, respondeu-lhe o rei que não

---

[1]) Liv. 4, tit. 17.

[2]) Veja-se o testamento de Jeronymo d'Albuquerque.

lh'a podia dar, em quanto o prazo do tal contracto não expirasse.

Como a colonisação africana, distincta principalmente pela sua côr, veiu para o diante a ter tão grande entrada no Brazil, que se póde considerar hoje como um dos tres elementos de sua população, julgâmos do nosso dever consagrar algumas linhas neste logar a tratar da origem desta gente, a cujo vigoroso braço deve o Brazil principalmente os trabalhos do fabrico do assucar, e modernamente os da cultura do caffé; mas fazemos votos para que chegue um dia em que as côres de tal modo se combinem que venham a desaparecer totalmente no nosso povo os caracteristicos da origem africana, e por conseguinte a accusação da procedencia de uma geração, cujos troncos no Brazil vieram conduzidos em ferros do continente fronteiro, e soffreram os grilhões da escravidão, embora talvez com mais suavidade do que em nenhum outro paiz da America, começando pelos Estados Unidos do Norte, onde o anathema acompanha não só a condição e a côr, como a todas as suas gradações; sendo neste ponto, como em outros muitos a nossa monarchia mais tolerante e livre que essa arrogante republica, que tanto blasona de suas instituições liberrimas, e cujo aristocratico cidadão não admitte a seu lado, nas reuniões politicas, nem as civis e sociaes, o pardo mais claro, por maiores que sejam seus talentos e virtudes.

Não é nosso intento entrar aqui em explicações anatomicas sobre a apparencia physica dos povos d'Africa; nem nos interessa agora indagar como a pelle parece preta, como o cabello se apresenta em fórma de carapinha (o que aliás não é symptoma infallivel das raças pretas), nem qual seja a theoria dos angulos *faciaes*, tudo o quê deve ainda ser submettido a novas observações para dar resultados seguros e simples, capazes de serem aproveitados em uma historia civil.

Tão pouco temos por essencial dar[1] um extenso catalogo das differentes nações de raça preta, que os novos colonos preferiram nesta ou naquella epoca, e para esta ou aquella provincia.

---

[1]) Seguindo a Prichard, que acredita demasiado a Oldendorp.

Pode-se dizer que a importação dos colonos pretos para o Brazil, feita pelos traficantes, teve logar de todas as nações, não só do littoral d'Africa que decorre desde o Cabo-Verde para o sul, e ainda além do Cabo da Boa Esperança, nos territorios e costas de Moçambique; como tambem não menos de outras dos sertões que com ellas estavam em guerra, e ás quaes faziam muitos prisioneiros, sem os matarem. Os mais conhecidos no Brazil[1] eram os provindos de Guiné (em cujo número o comprehendiam Berberes, Jalofos, Felupos, Mandingas), do Congo, de Moçambique, e da costa da Mina, donde eram o maior número dos que entravam na Bahia, que ficava fronteira e com mui facil navegação; motivo porque nesta cidade tantos escravos aprendiam menos o portuguez, entendendo-se uns com outros em *nagô*. Nessas nações a liberdade individual não estava assegurada; pelo que os mais fortes vendiam os fracos, os pais os filhos, e os vencedores, com muita maior razão, os inimigos vencidos. Assim, ainda passando taes gentes ao Brazil, com as condições da escravidão romana, isto é, de serem coisa venal ou bem movel, melhoravam ellas de sorte; bem que o acto de as escravisar era injusto, principalmente por não ser emprehendido por idéa alguma philantropica, e pelo contrário dar em resultado um insulto á humanidade, pelo ataque feito a um tempo ao individuo, á familia e ao estado donde eram arrancadas.

A fecundidade dessas raças, em seus paizes, era tal que permittiria até povoar o orbe todo de negreria, se de todo o orbe fossem navios por colonos dellas. E o certo é que, passando á America, ainda em captiveiro, não só melhoravam de sorte, como se melhoravam socialmente, em contacto com gente mais polida, e com a civilisação do christianismo. Assim a raça africana tem na America produzido mais homens prestimosos, e até notaveis, do que no Continente donde é oriunda.

Estes povos pertencentes em geral á região que os geo-

---

[1]) Na obra „*Naturaleza Politica*“ do P. Alonso de Sandoval, pub. em Sevilla em 1627, cap. 16, se encontra uma lista e nomenclatura com muitos informes dos Africanos que iam a Cartagena de Indias, em parte applicaveis ao Brazil. Podem ver-se os desenhos de varios individuos dessas raças na *Narrative* da viagem de C. Wilkes, Philadelphia, 1845, pag. 54 a 63.

graphos antigos chamavam Nigricia, distinguiam-se sobretudo pela facilídade com que supportavam o trabalho no littoral do Brazil, facilidade proveniente da sua fôrça physica, da semelhança dos climas, e não menos de seu genio alegre, talvez o maior dom com que a Providencia os dotou, para supportar a sorte que os esperava; pois que, com seu canto monotono, mas sempre afinado e melodioso, disfarçam as maiores penas.

Dos mencionados povos negros, alguns havia com ideas religiosas de islamismo, e até ja de christianismo, em virtude da visinhança dos estabelecimentos e feitorias dos Europeos; mas pela maior parte eram gentios ou idolatras: em geral andavam nús; lavavam-se a miudo; e, muitos delles, em pequenos, golpeavam a cara por distinctivo de nação. — Alguns adoravam idolos, outros animaes; acreditavam estes em calunduns, quigilas e feitiços, aquelles faziam sacrificios e offertas aos que tinham bastante charlatanismo para se inculcarem por seus sacerdotes.

Da Africa não recebemos só colonos africanos captivos. Ao trato da navegação, em alguns de seus portos, devemos a introducção de algumas plantas, como dos *quingombós* ou quiabos e maxixes, do feijão preto (segundo alguns), do capim de Angola, do coqueiro de dendê, dos guandús e da malagueta, bem como de algumas comidas e *quitutes*, conhecidos com nomes africanos, sobretudo na Bahia. A bebida do aloá pode ser introducção da Asia, mas alguns a teem por africana. São tambem d'Africa as palavras quitanda, quenga, senzala, calundum, caçula, bunda, mocotó, tamina, moxinga, mocambo, quilombo, matombo, mazombo, marinbondo[1] quinguingú, curinga, mocotó, cabungo e outras muitas, incluindo várias que passaram á Europa; taes como: coco, papagaio, macaco, muringue, cacimba, tanga, quindins, gerebita, moleque e outras.

Se os colonos escravos africanos concorriam a augmentar a riqueza pública com o seu trabalho, por outro lado pervertiam os costumes, por seus habitos menos descorosos, seu pouco pudor, e sua tenaz audacia. A escravidão, como ella foi admittida entre nós, alheia á ternura da familia, endurecia

---

[1]) *Maribúndo*, o formigâo, Cannecatim, Coll. sobre a lingua bunda, p. 138.

o coração dos escravos, os quaes não queriam adquirir inclinações que de um a outro momento lhes seriam contrariadas, nem podiam interessar-se tanto pela prosperidade de seu proprio senhor; visto que d'ella nada lhes cabia em sorte, desde o dia em que passavam a outro dono.

Passemos porêm a apreciar outros vicios e miserias que tendo, como tiveram, melhor cura e remedio, eram os que, na infancia de todas as nossas capitanias, pareciam ameaçal-as de perigos mais imminentes.

Provinham estes perigos:

Da extraordinaria desmoralisação a que tinham chegado principalmente as colonias do Espirito Santo, Ilheos, Itamaracá e Bahia (antes de perder-se); duas das quaes quasi que se haviam convertido em valhacouto de contrabandistas;

Da insubordinação e irreligiosidade que ia lavrando em todas as outras, em consequencia dos degradados que choviam da mãe patria;

Das expedições francesas, cada vez mais ameaçadoras.

O primeiro destes males, a desmoralisação de algumas colonias, chegou a ser tal que nellas se armavam navios de contrabandistas, ou para melhor dizer de piratas, que iam a corso pela costa. Estavam os mares do Brazil ainda peor do que nesse tempo os de Tunes e d'Argel. Seis caravellões, preparados n'uma das capitanias do sul, foram á Parahiba do Norte tratar por sua conta com os Indios e *fazer brazil*, para vender não sabemos onde. O capitão de Itamaracá asylava naquella ilha aos que fugiam de Olinda, para escapar ao merecido castigo a que por seus delictos os condemnava o severo Duarte Coelho, que, apezar da repugnancia que tinha de desmoralisar perante os Indios, o prestigio dos seus patricios pervertidos, teve alguma vez de mandar enforcar alguns por incorrigiveis. Um certo Henrique Luiz e outros da capitania do Espirito Santo foram a Campos; e sob pretextos de resgate, apanharam a bordo um chefe indio, e o foram entregar (naturalmente a troco de alguma vantagem) a seu maior inimigo. Todo o gentio de Campos se vingou da aleivosia, assaltando a colonia de Pero de Goes, queimando-lhe os canaviaes, e hostilisando-o a tal ponto que se viu obrigado e evacuar, como fica dito precedentemente.

Alguns navios traziam de Portugal colonos contra sua vontade; e succedeu que estes se levantavam, deixando n'algum porto menos frequentado o capitão, e mais gente que se não associava a elles, e seguiam o rumo que lhes parecia. Um dos taes navios foi á Bahia vender roupas, e d'ahi se passou aos Ilheos, e quem sabe se depois á Turquia, onde a pirateria contra os christãos seria por ventura virtude, como era heroicidade nos tempos dos primeiros povos da Grecia, que se deram á navegação. Desta praga de piratas provieram, por muito tempo, as queixas e rivalidades de umas capitanias para as outras, á custa das quaes viviam os inimigos.

Assim, a intelligencia que alguns donatarios queriam dar ao homisio e couto, fazendo-o extensivo aos crimes comettidos nas capitanias, apresentava por absurdo que um criminoso poderia só no Brazil perpetrar onze crimes, e ter igual número de homisios successivos. Já em 1546 se queixára a tal respeito o velho Duarte Coelho, pedindo ao rei que ordenasse aos outros donatarios e seus capitães que satisfizessem ás precatorias para entregarem os criminosos; porêm nada tinha conseguido. — Dahi odios e rixas, entre os capitães e as capitanias, que infelizmente medraram, e alguns duravam ainda ha pouco, com grande prejuizo da causa popular.

Os degradados, que o mal entendido zêlo do governo pelo Brazil agora começava a mandar em maior número, concorriam a augmentar a triste situação das capitanias. Nas Ordenações Manuelinas ainda não ha degredos para o Brazil. Foi em 1535 que o governo ordenou que se entendersem para o Brazil os com que ellas presenteavam ás ilhas de S. Thomé e Principe; número que foi augmentado por outras providencias tomadas em 1551 e 1564. Verdade é que a Pernambuco é que cabiam mais geralmente em partilha as taes remessas, por ser conhecido o rigor com que os sabia levar seu velho donatario, que a final se viu obrigado a representar contra esse abuso, em uma carta dirigida ao rei[1]: „Certifico á V. A., e lh'o juro pela hora da morte, que nenhum fructo

[1] Carta de Duarte Coelho de 20 de dezembro de 1546.

nem bem fazem na terra, mas muito mal. Creia V. A. que são peores cá na terra que peste; pelo que peço a V. A. que pelo amor de Deus tal peçonha me cá não mande." Alguns de taes degradados conseguiam fugir para as outras capitanias, sobretudo para aquellas onde não estavam os donatarios em pessôa. — Nellas se insinuavam com os capitães ou administradores, que, tendo em tudo a mesma alçada e autoridade que os donatarios, em certas causas mais que a Casa do civel da Côrte, ou os protegiam directamente, ou, pela protecção que davam aos seus amigos, com cargos ficticios de tabelliães, inquiridores e outros, concorriam a dispensar a estes dos mais trabalhosos e importantes naquelles tempos, como eram os do concelho; de modo que estes vinham ás vezes a ser desempenhados por degradados, por culpas d'infamia, e *desorelhados*. Ja se vê que impossivel fôra advogar a opinião de que para a colonisação do Brazil não concorreram alguns degradados. Em Portugal os habitantes, pervertidos moralmente com tantas fortunas, bem ou mal adquiridas na Africa, e principalmente na India, ja não eram os mesmos do seculo anterior. O espirito de cavallaria tinha perecido, e com elle o desinteresse, a boa fé, e a ambição de glória, nascida da elevação do espirito. O desejo de conquista nascia só da cobiça. Os crimes não tinham fim, e os legisladores, conhecendo que eram insufficientes todos os esforços e rigores do Livro quinto das Ordenações, para fazer barreira ao vicio, que estava menos no homem que na sociedade, viam-se obrigados a commutar em degredos muitas condemnações á morte.

Assim pensamos que, com narrar os factos como se passaram, em nada degraduamos a actualidade, tanto mais quando é bem sabido como nas aristocraticas capitanias de Pernambuco, S. Vicente, e ao depois na da Bahia, donde procederam os povoadores do Rio de Janeiro, Maranhão e Minas, as familias principaes, fazendo timbre da sua origem, se extremaram sempre, evitando allianças com individuos cujos precedentes não conheciam. Isto sem levar em conta que os povos não começam em geral aristocraticamente, e que a estirpe dos nobres patricios de Roma provinha dos estupros commettidos

nas Sabinas, pelos bandidos que as roubaram. Se no seu tempo [1], Barros ponderava a origem humilde da nobreza das ilhas adjacentes a Portugal (Madeira e Açôres), ja enlaçada com os descendentes dos companheiros de Affonso Henriques, com igual razão podéra hoje notar a mescla genealogica, não só da raça portugueza com a asiatica, como da dos descendentes dos companheiros de Pelayo, com as dos caciques da America, ou com a do tecelão [2] da opulenta patria dos Dorias, rival de Veneza. Por outro lado: tão rigorosas foram as penas, que no codigo Filipino, promulgado no princípio de seculo seguinte, são castigadas com degredo para o Brazil culpas mui leves e até simples pecados, havendo quem, feita a conta, assegure que, nas mesmos Ordenações, são, de duzentos cincoenta e seis casos de degredo, para o Brazil oitenta e sete, — mais de um terço.

Voltando porêm ao nosso assumpto, cumpre saber que a desmoralisação e irreligiosidade, em várias das capitanias nascentes, chegou a tal ponto que se commettiam assassinatos, entrando no número dos criminosos alguns ecclesiasticos. Muitos destes, não só deixavam de cumprir os preceitos da Igreja, como, ás escancras, faltavam á sociedade, vivendo escandalosamente na polygamia. Colono houve em Pernambuco que se lançou á vida gentilica, da qual apenas saiu, quando se lhe offereceu mais tarde occasião de ir ver seus pais em Portugal. Alguns Indios, depois de ja christianisados e domesticados, e de haverem até feito viagens á Europa, voltavam por qualquer capricho á selvageria [3]. Em poucas palavras: a religião e a moral, primeiras columnas da humana felicidade, estavam abaladas, ou antes tombadas; a honradez, que deve presidir nos negocios publicos, como nos particulares, cedia o passo ao cynico egoismo; e já quasi começava a justiça equitativa, e por conseguinte a boa fé e a confiança, a fugir desta terra.

Mas outro perigo crescente punha em maior risco toda a

---

1) Barros, II, 5.°, 11.
2) O pae de Colombo era tecelão de Genova.
3) Veja o folheto publicado em 1551 pelos jesuitas, intitulado „Copia de unas cartas, etc.“, f. 8 e 10.

colonia, e ameaçava a ruina e a perda do Brazil. Eram as náos francezas; as quaes, não passando anteriormente do Cabo de Santo Agostinho, ou quando muito da Bahia, desde que estas terras tiveram donatarios, se avezaram ao Cabo Frio e Rio de Janeiro, Ilha Grande e Ubatuba, de modo que ja por estes portos não ousavam mostrar vela os navios portuguezes. A Bretanha e a Normandia consideravam as terras do Brazil tão suas como o proprio Portugal. Até á França levavam Indios, e em vez de torneio chegaram a representar em Ruão um combate e festim de nossos selvagens [1], nos dias 1 e 2 de outubro de 1550.

A longiqua colonia de S. Vicente, que até então tinha crescido com a paz em prosperidade, esteve, em consequencia do trato dos navios francezes, em termos de ver cortadas as suas relações com a mãe-patria.

Foi dessa capitania de S. Vicente, que tão célebre devia um dia fazer-se nos annaes brazilienses, que partiu o brado mais energico, pelo qual a Côrte se inteirou bem ao vivo do perigo em que estava todo o Brazil. Levantou esse brado Luiz de Goes, irmão do donatario de Campos, e ao depois jesuita, a quem a Europa deveu a primeira planta de tabaco que recebeu d'America. Goes, em uma carta datada de Santos, depois de um preambulo de submissão e humildade, levanta assim a voz: „Se com tempo e brevidade V. A. não soccorre estas capitanias e costa do Brazil,... ainda que nós percamos as vidas e fazendas, V. A. perderá a terra.“ Como se não estivesse bem seguro do apreço que a Côrte daria á perda do Brazil, por muito embriagada com o Oriente, acrescenta: „e que n'isto perca pouco aventura a perder muito... queira Deus não se vão (os Francezes) a dobrar o Cabo da Boa Esperança.“ E receoso ainda de que não fosse bastante o ter falado assim ao interesse, tenta tambem demover a piedade: „Soccorra V. A., e com „braço forte, que tudo se ha mister, e se não o mover a terra e os inconvenientes acima ditos,

---

[1]) Veja o interessante folheto publicado em 1850 pelo Sr. F. Denis. „Une fête brésilienne, etc.“

haja V. A. piedade de muitas almas christans.“ Finalmente depois de ponderar que no Brazil tinha gasto mais do que possuia, e o melhor tempo de sua vida, conclue: „O que me fica para gastar é a minha vida e de minha mulher e de meus filhos, das quaes a Deus e a V. A. farei sacrificio, e, em mentes nos durar, sempre rogaremos a Deus pela vida e estado de V. A.“

A eloquentes instancias de Goes, ja precedidas dos avisos prudentes de Coelho, e das notícias do desastroso caso do donatario da Bahia, levaram o Governo a adoptar a final meios mais heroicos, para fazer articular de novo o corpo que se desmembrava. No princípio do anno anterior (1547), com a chegada da notícia da perda da capitania da Bahia, o Governo, ou verdadeiramente então Fernand' Alvares de Andrade, que tomára a si os negocios do Brazil, chegára a mandar armar um navio, no qual devia ir com socorros Jorge Pimentel, passando Henrique Mendes de Vasconcellos da costa da Malagueta ao mesmo Brazil. Depois houve plano de criar uma companhia de armadores em grande, talvez semelhante ás de commercio que mais para o diante se estabeleceram; porêm a final, graças á presença na Côrte de Pero de Goes, e á sua illustração e genio activo, se assentou, em fim do mencionado anno de 1548, no melhor partido, qual o de criar no Brazil um centro de poder, para accudir onde houvesse mais necessidade. Foi tambem resolvido que se retirassem aos donatarios algumas das prerogativas, de que não tinham sabido usar convenientemente, como a alçada que no civel e crime possuiam sobre os colonos; devendo, desde então entrar em suas terras corregedores e outras justiças, e podendo elles ser suspensos das suas jurisdições.

Os donatarios não deixaram de aggravar; mas apenas foi attendido Duarte Coelho, que pouco tempo sobre-viveu. E na verdade o não exceptual-o fôra quebrarem-se-lhe doações e promessas, quando sua boa administração e serviços mereciam antes novas recompensas e estimulos.

Aos outros donatarios só bens, e nenhuns males iam fazer as novas providencias. — Dos primitivos, tres ja os levára Deus, todos por naufragio; outros haviam insensivelmente de-

sistido de suas doações; dois (Martim Affonso e Figueiredo) se limitavam a assignar uma ou outra providencia, que lhes pediam seus loco-tenentes-ouvidores. Restavam pois, além de Duarte Coelho, quatro: destes, um (Pero do Campo) morreu logo, dois (Pero de Goes e Cardozo de Barros) nada tinham de seu, e o quarto (Vasco Fernandes) ja nenhuma influencia tinha nos seus subditos, e se considerava, por varios títulos, de todo perdido.

SECÇÃO XV.

ESTABELECIMENTO DE UM GOVERNO CENTRAL NA BAHIA.

Thomé de Souza, governador. P. Borges, ouvidor geral. Antonio Cardoso, provedor mór. Provedorias parciaes. Seu regimento. Pero de Goes, capitão mór da costa. Milicia. Compra da capitania. Colonos. Descripção da Bahia. Ilhas. Paraguaçú. Uguape, Matoim, Pirajá. Desembarque. Assento mais proprio para a cidade. Itapagipe. Cidade do Salvador. Sua fundação e muralha. Suas armas. Villa Velha. Cidade baixa. Sesmarias. Gados. Braços. Os Indios. Systema de terror. A religião. A musica. O novo Orfeo. O P. Navarro. O Caramurú. O Caramurú, origem desta alcunha. Emprego dos Jesuitas. Relaxação de costumes. Matrimonios. Cruzamentos de raças. Os Jesuitas contribuem á unidade brazileira. Correição do ouvidor geral e do provedor mór. Pero de Goes: Peleja em Cabo Frio com uma náo franceza.

Resolvido o governo da metropole a delegar parte da sua autoridade em todo o Estado do Brazil n'um governador geral, que podesse cohibir os abusos e desmandes dos capitães móres donatarios, ou de seus loco-tenentes-ouvidores, que acudisse ás capitanias apartadas em caso de guerras dos inimigos ou de quaesquer arbitrios, autorisando que fiscalisasse em fim os direitos da Corôa, conciliando ao mesmo tempo os dos capitães e os dos colonos, determinou fixar a séde do governo geral na Bahia, por ser o porto mais central, com respeito a todas as capitanias. Assim o declara expressamente a carta régia de 7 de janeiro de 1549: „Vendo em quanto cumpre ao serviço de Deus e meu conservar e enobrecer as capitanias e povoações que tenho nas minhas terras do Brazil, ordenei ora de mandar fazer uma fortaleza e uma povoação grande e forte na Bahia de Todos os Santos, por ser para isso o mais conveniente logar que ha nas terras do Brazil, para d'ahi se dar favor e ajuda ás outras povoações, e se ministrar justiça, e prover nas cousas que cumprem a meu serviço, e aos negocios da minha fazenda, e ao bem das partes.“

Deste modo a centralisação administrativa, propriamente

dita, era acompanhada da dos negocios da Justiça e da dos da Fazenda, sujeitos aos cargos de ouvidor geral e de provedor mór, que pela mesma occasião se instituiram. Igualmente foi nomeado para defender o littoral um capitão mór da costa, como havia na India. Mais ao diante, para mandar as armas na capital, se criou tambem o cargo de alcaide mór. Todos estes cargos eram providos só por tres annos, como estava em uso a respeito de alguns no reino e nas outras conquistas.

Para governador geral foi escolhido Thomé de Souza, filho natural d'uma das primeiras casas do reino, distincto por seus grandes dotes governativos, e pelo valor e prudencia, que provára em muitas occasiões difficeis na Africa e na Asia. Quatorze annos antes ja este capitão merecia grande conceito ao Conde da Castanheira, quando (escrevendo a Martim Affonso) dizia delle, ao partir para a India, que „cada vez lhe ia achando mais qualidades boas, tendo sobre todas a de ser sisudo.“ — Para a colonia que ia fundar possuia ainda a de saber fazer-se querer: — a de ser superior sem deixar de ser companheiro. O regimento que, em data de 17 de dezembro de 1548, lhe foi dado, constante de quarenta e um artigos, e mais sete supplementares[1], é um modêlo de tino governativo, e prova o muito conhecimento que ja seu redactor, o Conde da Castanheira, tinha do Brazil. Nelle se ordena a escolha de outro local, sem ser o preferido por Francisco Pereira, para se fundar a capital brazilica. Recommenda-se o bom tratamento dos gentios, estabellecendo-se alliança com os Tupininkins; visto que os Tupinambás se haviam levantado. Impõe-se pena de morte aos colonos, que fossem buscar Indios para os escravisar, prohibindo-se tambem o vender-lhes armas, e o embrenharem-se os mesmos colonos pela terra dentro, communicando-se, pelo sertão, de umas capitanias ás outras. Fixa o regimento o termo da cidade a seis leguas, para cada lado. Estabelece o modo de se darem as sesmarias para os engenhos d'assucar; devendo os proprietarios destes obrigar-se a moer as canas dos lavra-

[1]) Impresso na integra pelo autor, para fazer parte do seu *Archivo* Diplomatico Brazilico antigo.

dores visinhos, sob as clausulas que o governador designasse. Tambem seriam obrigados os senhores dos engenhos a fortificar estes; fixando-lhes o regimento quanto armamento deviam ter; bem como o minimo que, em cada capitania, deviam ter os donatarios. Providencêa contra os abusos de luxo nos vestuarios. Dispôe acerca da fortificação da cidade capital, da construcção de navios, da perseguição dos corsarios. Igualmente recommenda o estabelecimento de feiras periodicas, e a exploração e descobrimento de todo o rio de S. Francisco. O governador poderia, aos que prestassem bons serviços, armar cavalleiros; prover os officios da justiça e fazenda, ainda quando fosse em degradados, por certos crimes; conceder donativos, e adiantar ordenados. Nos casos ommissos, deveria consultar os principaes empregados, e as pessoas mais idoneas; prevalecendo porém a sua opinião, em havendo discordancia; mas lavrando-se, da sessão da junta, um termo ou acta, que deveria ser enviado á côrte. Tal foi a origem das „juntas geraes", que tanta importancia vieram a ter no regimen colonial, o qual veiu a constituir-se mais constitucionalmente que a propria metropole.

Para o cargo de ouvidor geral, com alçada e autoridade de passar provisões em nome d'elrei, foi nomeado o desembargador Pero Borges, que servira de corregedor no Algarve[1], e que tinha reputação de homem justo, se bem que no Brazil veiu a adquirir a de excessivamente severo e pouco caridoso. No regimento que recebeu[2], foi-lhe concedido conhecer nas causas crimes por acção nova; e teve alçada até morte natural, exclusivè, nos escravos gentios e piões christãos livres; aos quaes, quando competisse pena de morte, poderia esta applicar-se sem appellação, concordando nella o governador geral, e não concordando, teria de remetter os autos ao corregedor da côrte, com o prezo. Nas pessoas de mór qualidade teria

---

[1]) Elle proprio o diz. Enganou-se pois o chronista Andrada dizendo que o fôra em Elvas.

[2]) Não encontrámos até agora o teor deste regimento; porêm temos motivos para suppor que, com pequenas differenças nos dezoito primeiros artigos e ommissão dos cinco ultimos, era análogo ao de 14 de abril de 1628, dado ao ouvidor geral Paulo Leitão de Abreu.

o ouvidor alçada até cinco annos de degredo. Taes disposições, de mais rigor do que as contidas nas doações, não deixaram de apresentar alguns inconvenientes, que ao diante se corregiram modificando-as. No civel, foi dada ao ouvidor alçada até sessenta mil reis; isto é, até o dobro da que tinha o tribunal da côrte.

Estes poderes eram independentes do governador, que não foi autorisado a amnistiar nem a castigar; e o tempo veiu tambem a provar que melhor houvera sido que a magistratura judicial não tivesse delle tanta independencia. Antes de partir, em 15 de janeiro de 1549, recebeu Borges a promessa de ser feito dezembargador da supplicação se bem servisse, e dois dias depois ordenou elrei que á sua mulher, Simoa da Costa, se mandassem abonar quarenta mil reis annuaes.

O cargo de provedor mór da Fazenda alcançou Antonio Cardoso de Barros, cujo nome não nos é estranho; pois foi elle o donatario mangrado de uma das doze capitanias da costa. Era a Antonio Cardoso mui recommendado em seu regimento o providenciar convenientemente, em cada uma das capitanias, ácerca das casas d'alfandega e dos contos (da thesouraria), e fazer pôr em ordem a escripturação dellas, organizando, em livros separados, os lançamentos das differentes rendas e direitos; — em fim, cumpria-lhe prover e zelar tudo o que respeitasse á Fazenda pública.

Para este fim, o seu regimento foi acompanhado de outro da mesma data[1] aos provedores e officiaes das capitanias, os quaes até então faziam o que bem lhes parecia: e sem lei que os sujeitasse, não podiam zelar muito os interesses da Corôa, quando em alguns pontos, como Itamaracá e S. Vicente, eram elles ao mesmo tempo os delegados dos donatarios. A este regimento deveram todas as capitanias os livros das provedorias que, bem compulsados, serão a melhor fonte das historias parciaes de cada uma das provincias, que ainda os conservem, como os conserva a de S. Paulo; os quaes, apezar de folheados por Taques e Fr. Gaspar, ainda podem offerecer á curi-

[1]) Datado de Almeirim aos 17 de dezembro de 1548.

osidade pública, e á chronica da provincia, muitas notícias importantes [1]. Com a organisação das provedorias, não somente ganhou o Estado, estabelecendo sua boa arrecadação, como ganharam muitos particulares, em terem em taes livros um tombo das suas sesmarias.

Os provedores são por esse regimento encarregados da cobrança do dizimo, e declarados juizes das respectivas alfandegas, ácerca do melhor serviço das quaes se dedicam muitos artigos. A's ordens dos provedores se deixam os escrivães, que ás vezes o eram igualmente das alfandegas, e tambem os recebedores e almoxarifes e seus escrivães. Para a cobrança dos direitos do dizimo da calda do assucar e outros, se obriga aos almoxarifes a ter um livro com os nomes dos lavradores [2]. Dispõe-se ácerca dos testamentos, e da fazenda dos defuntos e ausentes que devia ser enviada a Lisboa, por um dos primeiros navios, ao thesoureiro dos defuntos de Guiné. Concede-se aos provedores o julgarem, sem appellação nem aggravo, sobre as anteriores datas de sesmarias; havendo somente a tal respeito appellação ao provedor mór, em valores maiores de dez mil reis. Prohibe-se aos colonos internarem-se pela terra, e communicarem por esta via de uma capitania ás outras, afim naturalmente de favorecer-se a navegação. Providencea-se ácerca da commercio de cabotagem, estimulando sobretudo por meio de alivio dos tributos e de premios, os barcos de remos de mais de quinze bancos. Igualmente se procura promover ja no Brazil, para que se aproveitem suas boas madeiras, a construcção de navios de cento e trinta toneis para cima. Declara-se finalmente independente da mais justiça da terra a administracção da Fazenda.

Para o cargo de capitão mór da costa, foi escolhido o mallogrado donatario de Campos, Pero de Goes, que á custa dos trabalhos passados tão bem conhecia as terras e os mares

---

[1]) Deste aviso, que já se publicára na 1ª. edição (I, p. 194), resultaram muitos documentos obtidos na provedoria de Pernambuco, pelo fallecido commendador Mello.

[2]) Se taes livros ainda se encontrassem ainda em Porto Seguro e nos Ilhéos, que noticias não nos poderiam elles offerecer!

do Brazil; pelo que não trazia elle outro regimento mais do que o governar-se pelo que lhe desse Thomé de Souza.

Além destes quatro chefes, foram desde logo nomeados, com os competentes estipendios:

Francisco Mendes da Costa, escrivão dante o provedor da Fazenda;

Antonio dos Reys, escrivão da provedoria, alfandega e defunctos;

Pedro Ferreira, thesoureiro das rendas;

Miguel Moniz, escrivão dos contos;

Christovam d'Aguiar, almoxarife dos mantimentos, tendo seu escrivão;

Manuel Lourenço, vigario da igreja matriz;

Diogo de Crastro (sic), boticario;

Luiz Dias, mestre das obras da fortaleza; ao qual depois succedeu Lopo Machado;

Miguel Martins, mestre de fazer cal;

Diogo Peres (sobrinho do anterior) mestre pedreiro, além de muitos outros; bastando-nos dizer que o número total dos que se embarcaram, vencendo ordenados, subia a tresentas e vinte pessoas.

Para a segurança da terra ordenára elrei que cada donatario tivesse em sua capitania, com a polvora necessaria, pelo menos dois falcões, seis berços, seis meios-berços, vinte arcabuzes ou espingardas, vinte béstas, outras vinte lanças ou chuços, quarenta espadas e outros tantos gibões d'armas, d'algodão, dos que se usavam.

Aos senhores de engenhos e fazendas obrigava a quatro terços de espingardas, vinte espadas, dez lanças ou chuços, vinte dos ditos gibões; e a todos os outros moradores ao menos a alguma arma; devendo, os que a não tivessem, tratar de havel-a dentro de um anno. Ao provedor mór competia fazer este exame, e comminar as penas em caso de falta. Tal foi o começo da milicia regular de segunda linha no Brazil.

O tempo veiu logo a confirmar o acerto de todas estas providencias, e ainda mais a escolha do varão avisado que foi incumbido de lhes dar cumprimento; sendo que muitas

vezes as mais acertadas se mallogram ao ser a sua execução confiada a um individuo que não se acha na altura de quem as concebeu.

Porêm a capitania da Bahia pertencia de direito ao filho do donatario. Este ficára pobrissimo, e sem meio algum para proseguir na malfadada empreza de seu pae, ainda quando para isso tivesse mais fortaleza de coração que elle. Contratou pois com a corôa de ceder-lhe a capitania, a troco de um padrão de quatrocentos mil reis de juro por anno, pagos pela redizima da mesma capitania, e vinculados para si e seus herdeiros.[1] Antes de prompta a expedição, escreveu el-rei por, um barco que largava para o Brazil, a seguinte carta regia ao Caramurú: „Dioguo Alvares. Eu el-rey vos envio muyto saudar. Eu ora mando Thomé de Souza, fidalgo de minha casa, a essa Bahya de Todos os Santos, por capitão governador della, para na dita capitania, e mais outras desse Estado do Brazil, prover de justiça della e do mais que ao meu serviço cumprir; e mando que na dita Bahya faça hũa povoação e assento grande e outras cousas do meo serviço: e porque sou informado, pela muita pratica e experiencia que tendes dessas terras e da gente e costumes dellas, o sabereis bem ajudar e cõnciliar, vos mando que tanto o dito Thomé de Souza lá chegar, vos vades para elle, e o ajudeis no que lhe deveis cumprir e vos elle encarregar; porque fareis nisso muito serviço. E porque o cumprimento e tempo de sua chegada, ache abastada de mantimentos da terra, para provimento da gente que com elle vay, escrevo sobre isso a Paulo Dias, vosso genro, procure se haverem, e os va buscar pelos portos dessa capitania de Jorge de Figueiredo, sendo necessario

---

[1]) No Liv. 7.º f. 110 v. da Chancell. de E. Joâ II, está lançada a postila por Christovam Benavente, mestre em artes e escrivâo da Torre Tombo, em favor de Manoel Coutinho. A este ultimo foi passada a carta de juro, em 16 de agosto de 1576; — e se constituiu, em seus descendentes, o chamado *Morgado do Juro* que por descuido dos ultimos herdeiros chegara a prescrever, quando, em 1796, Jose de Seabra, *sendro ministro do reino*, alcançou o decreto do 13 de maio, supprimindo por seus serviços a prescripçâo em favor de seu filho, e agraciando a este como herdeiro de sua mâe.

vossa companhya e ajuda, encommendo-vos que o ajudeis, no que virdes que cumpre, como creyo que o fareis." [1]

Aprompțada a nova expedição colonisadora da Bahia e regeneradora do Brazil, partiu ella de Lisboa no primeiro de fevereiro, e aportou no seu destino a 29 do seguinte mez. [2] Constava a armada de tres náos (Conceição, Salvador e Ajuda) duas caravellas e um bergantim. Viera na primeira o proprio Thomé de Souza, na segunda Antonio Cardozo, e capitaniava a terceira Duarte de Lemos. As caravellas eram mandadas por Pero de Goes e Francisco da Silva. Haviam acompanhado a Thomé de Souza, além dos chefes mencionados e as outras pessoas notaveis, que deviam exercer cargos importantes, o padre Manuel da Nobrega, com outros religiosos da Companhia de Jesus, designados para fundarem o primeiro collegio na Bahia, muitos casaes que vinham ahi estabelecer-se, seiscentos homens d'armas, e quatrocentos degradados.

Os Jesuitas, estavam em Portugal recebendo todo o favor do governo, e ja antes haviam passado alguns á Asia, contando-se no número o padre Francisco Xavier, hoje canonisado pela Igreja.

Deixemos porêm fundear successivamente todos os navios nessa espaçosa Bahia, e dediquemos a nossa attenção a percorrel-a em todos os seus reconcavos, não só até onde os olhos podem alcançar, do ancoradouro para o interior, como pelo reconhecimento que vamos a emprehender de toda ella, para melhor fazermos idéa do local, onde ora nos achamos.

Chamaram os primitivos descobridores Bahia de Todos os Santos a um lagamar que se fórma na costa do Brazil, em altura de treze gráos escaços, com a entrada voltada ao sul.

---

[1]) Segue: Bertolameu Fernandes a fez em Lisboa a 19 de novembro de 1548. — Rei. „Sobrescripto — Por El-Rei — A Dioguo Alvares, cavalleyro de sua casa, na Bahya de Todos os Santos." Vej. a notícia do achado deste documento, pelo autor, no *Diario Official* do Rio de Janeiro de 13 de nov. de 1872.

[2]) Primeira carta de Nobrega escripta na Bahia. (Coll. na Bib. Pub. de Evora.) Na traducçâo italiana imp. em 1558, na Coll. *Diversi Avisi*, etc., lemos que a viagem fôra de 56 dias, o que daria a chegada a 26 de março.

E' um mar povoado de muitas ilhas, e circumdado, na extensão de umas vinte leguas, de caprichosos remansos e portos, onde despejam suas aguas infinidade de regatos, que correm atravez de terras cobertas de viçosa vegetação, deixando o solo fertilisado e cortado, para um e outro lado, por frequentes igarapés ou esteiros. A maior das ilhas, e que se pode quasi considerar continuação da terra firme (sendo apenas desta separada por um canal coberto de pequenos ilhéos, que formam como a ossada da continuação de uma a outra) tapa e abriga de tal modo do lado de fóra o dito lagamar que, em sua extensão de seis leguas, se reduz o contorno dessa ilha a costa bravia do mar.

A' mão esquerda de quem entra na Bahia, vem afluir as aguas do rio Paraguassú, de margens pintorescas e elevadas, navegavel por barcos grandes até a Caxoeira, que deu nome á actual cidade perto della, que assim se nomêa. Antes de chegar á mesma caxoeira, as aguas se derramam pelos vastos e ferteis seios de Iguape e Maragogipe, separados por um grande lago, no meio do qual campêa a ilha chamada dos Francezes, que, segundo a tradição, presenciou a derrota que lhes deu Christovam Jaques. A' mão direita, ao entrar do mar na mesma bahia, em distancia de uma legua, se mette pela terra dentro um esteiro de muito fundo, e capacidade para náos de primeiro porte, denominado de Pirajá. Logo detraz deste, estão as vertentes de um ribeiro chamado então Camuriji[1], e hoje Vermelho, que indo com as suas aguas lançar-se na costa do mar, e por conseguinte fóra da barra, deixa como ilhada toda a extensão de terreno, geralmente montuoso, áquem delle, desde o Pirajá até á costa. Um dos pontos dessa extensão mais proximo ao mar tinha, com preferencia a qualquer outro, de ser escolhido para o primeiro assento da cidade, quando reunisse a circunstancia de não ficar longe do melhor ancoradouro dos navios. Para os fundos do Reconcavo, desde as bocas do Paraguassú e do Pirajá, ha uma infinidade de outros reconcavos menores, cujas terras são fertilissimas; distinguindo-

[1]) Rio de Camuris, segundo Anchieta.

se os valles do Acupe[1] e Santo Amaro, e tambem os de Matarípe, Pacé e Cotigipe. A amenidade e primor destes terrenos, abundantes alguns de marisco, se realça com a presença de varias ilhas, taes como as de Cajaiba, Madre de Deus, Bimbarra, Maré, Frades e outras. E' uma paragem, esta da Bahia, por muitos titulos análoga á da antiga Grecia, e se é verdade que a impressão do logar, em que se é creado, exerce no homem grande influencia, não se deve estranhar que, em todo o Brazil, os Bahianos se tenham sempre distinguido pelo engenho.

Apenas fundeada a armada, acudiram de terra muitos colonos, antes nella estabelecidos, e que, apezar do triste successo do donatario Coutinho, haviam tido manha para conservar-se em meio dos gentios. Eram mais de quarenta[2], e entrava neste número Diogo Alvares, ahi residente havia perto de quarenta annos, e de quem ja em outro logar fizemos menção, e devemos mais adiante tratar de novo; visto que, com o nome de *Caramurú*, chegou a adquirir celebridade na nossa historia.

Os da armada foram logo aposentar-se junto da arruinada capellinha da Victória, que concertaram, para nella começarem a celebrar suas prácticas religiosas. Ficava esta logo á entrada da bahia, no local onde já antes fôra assentada a povoação, a qual igualmente estivera por algum tempo mais no fundo do Reconcavo, na defensavel peninsula de Paripe, entre a propria Bahia e o enteiro de Matuim; visto que, trinta e tantos annos[3] depois, era esse local considerado como o assento da primeira povoação neste porto.

Em todo caso, Thomé de Souza tinha no seu proprio regimento, como vimos, instrucção de mudar a povoação do logar

---

[1]) O furo do Acupe, formado pelas aguas de Iguape, atravez do paredão de grés, que forma a *conca* da bahia, é um fenómeno geologico digno de estudo.

[2]) Primeira carta de Nobrega na Coll. de Evora. Outro colono de importancia, que ja ahi encontrou Thomé de Souza com filhos foi Paulo Dias, por quem, em 7 de Agosto de 1558, escreveu o Dr. Pero Borges uma carta de recommendação a elrei, relatando os serviços delle. F. d'Andrada conta trinta, e acrescenta que estavam ahi „com Grammatão Telles". Todos serviriam de ajudar aos recem-chegados, ainda não vaqueanos ou *tapejáras*, como elles.

[3]) Segundo Gabriel Soares. *Paripe* tambem se dizia *Porto do Tubarão*. Era uma adulteração de *Iperú-ipe*.

em que estava, se encontrasse outro melhor. E reconhecendo-se que a paragem da Victoria demasiado junto da barra, ao mar do ancoradouro, e falta d'agua, não era a mais a proposito para a cidade, tratou da escolha de outro local, que não tivesse taes inconvenientes.

Estudada minuciosamente a topographia do terreno visinho, apresentaram-se pareceres para que a nova cidade se assentasse sobre a peninsula de Itapagipe, que se fórma desde o ancoradouro até o esteiro de Pirajá; isto é nas immediações do sitio, hoje chamado do Bomfim, para onde expontaneamente ora se vão agrupando muitos moradores. Ponderavam os de tal parecer, que nessa peninsula, começando a edificação desde o pontal, por ser o terreno plano, as ruas se traçariam melhor, as casas ficariam seguras e a abrigo de desmoronamentos, que pareciam imminentes nas immediações do ancoradouro, e a fortificação se executaria com mais facilidade, por isso que a defensa da banda da terra se limitava á de um pequeno isthmo. Acrescia que, quanto ao ancoradouro, mais seguros se achariam os navios, para aquella banda, dos ventos do quadrante do sul, visto que não seria difficil remover ou acautelar os inconvenientes de uma pequena restinga que por ali se estendia. Desse ancoradouro os navios descubririam ao longe a barra, entre a ponta do Padrão e a ilha de Itaparica, e poderiam previnir-se a tempo contra os inimigos que se apresentassem a entral-a.

Apezar porêm de tão judiciosos opiniões, prevaleceu a de subordinar-se o assento da cidade ao pouso atéli habitual dos navios, ajudando muito para isso a circunstancia de uma fonte na praia, e junto ao logar mais conveniente para o caes, da qual os mesmos navios faziam aguada. Vinha esta paragem a ficar situada, a meia distancia, entre a reputada melhor e a povoação primitiva.

O tempo veiu a mostrar que ainda não era a mais a proposito; e a voz geral, que assim o apregôa, sirva de exemplo da muita circunspecção que devem ter aquelles a quem cabe a glória de fundar uma cidade ou qualquer outra povoação, em paragem que há que occupar ou que civilisar.

PENINSULA DE ITAPAGIPE EM 1549.

(Paragem da Bahia de Todos os Santos onde melhor se houvera assentado a cidade do Salvador)

1 Ilha de Itaparica. _ 2 Barra da Bahia _ 3 Assento da cidade _ 4 Esteiro de Pirajá _ 5 Praia de Itapagipe _ 6 Outeiros do Bomfim e Monserrate

A. F. Lemaitre, graveur 23 quai de l'Horloge — Imp. F. Lamoureux _ Paris

Ha que advertir que, do lado do norte da Bahia desde a barra, ou antes desde o local visinho a esta junto á primitiva povoação, para dentro, o solo se eleva sobre a praia, apresentando uma serie de encostas pendoradas, cuja terra vermelha, então vestida ainda de mato virgem e em algumas partes já de capoêras, originadas pelas roças dos colonos do primeiro donatario, se desmorona com facilidade. A chapada de uma dessas encostas mais visinhas ao ancouradouro foi o sitio pelo qual Thomé de Souza por fim se decidiu; talvez porque, devendo a nova cidade ser ao mesmo tempo praça forte, julgou conveniente a esta uma paragem tanto a cavalleiro sobre os contornos, com agua potavel perto, corrente por um lado e nascente por outro; circunstancia que tambem se não dava em Itapagipe, e que era importante a quem não podia começar por construir um aqueducto.

Sobre a encosta se abriram obliquamente duas ladeiras, hoje denominadas do Páo de Bandeira e da Misericordia, que conduziam desde a praia ás portas da cidade, de uma e outra parte della. A mesma cidade coroava a chapada de norte a sul, desde o local que foi dado para collegio dos Padres da Companhia, até o em que, sob a invocação de N. S^a^. da Ajuda, se edificou a primeira capella-matriz. E ahi, roçado o matto, Thomé de Souza, como prudente capitão que era, se foi aproveitando delle para construir uma forte tranqueira, com a qual desde logo ficassem os colonos ao abrigo das inconstancias do gentio. — Terraplenado um tanto o local, traçou as ruas e praças, fez a distribuição de differentes solares, marcando o dos paços do concelho, da casa do governo, e da dos contos. Para a primeira vivenda dos colonos, construiram-se provisoriamente, com ajuda de muitos Indios, alguns como tujupares cobertos de palma. Depois tratou Thomé de Souza de dar mais solidez á cerca, substituindo-a por uma forte muralha de taipa, com duas torres para o lado do mar e quatro pela banda da terra, de que ja não restavam vestigios alguns manifestos nesse mesmo seculo, segundo Gabriel Soares.

A este arrayal, ainda apenas em principio, deu o primeiro Governador Geral do Brazil o religioso nome de „*Cidade do*

Salvador[1]", e assim se lhe chama em todos os documentos contemporaneos, e não cidade de S. Salvador, como hoje dizem, talvez porque este nome foi o preferido na bulla da criação do bispado. — Ao mesmo tempo deu á *futura* cidade por armas em campo azul uma pombinha, tendo no bico um ramo de oliveira com a divisa „*Sic illa ad Arcam reversa est.*" — E em verdade a cidade do Salvador era effectivamente o symbolo da paz com que o Senhor acudia ao Brazil. Ao logarejo primitivo junto á barra se ficou por muito tempo chamando *Villa Velha,* sendo que com tão poucos annos precedera a sua nascença á da sua orgulhosa visinha. Esta, dentro de alguns mezes, ja contava cem cazas regulares, todas no alto; pois que as da praia, tão expostas, apezar da muralha, a ser soterradas por algum desmoronamento, ja se construiram muito depois, em virtude das exigencias do commercio, que se occupa mais do presente, que do futuro. O terreno da cidade foi fixado, na conformidade do proprio regimento dado a Thomé de Souza, á distancia de seis leguas para cada banda, exceptuando-se as terras ja doadas.

Por tres capitulos do seu regimento, vinha o Governador Geral autorisado para conceder sesmarias nesta capitania, em nome d'elrei, com as mesmas clausulas que as davam os donatarios nas outras. Dellas se levava methodicamente um tombo, que não existe. Terras no esteiro de Pirajá sabemos porém que foram dadas a Simão da Gama de Andrade, o qual tendo vindo por commandante do galeão S. João Baptista, preferiu ali ficar, recebendo uma legua de sesmaria, além da ilha dos Frades, em 17 de janeiro de 1552. No Pirajá tiveram igualmente sesmarias Affonso de Torres e João Vellosa. A extensa ilha de Itaparica foi por Thomé de Souza, ou por seu successor, doada a D. Violante de Tavora, mãi do Conde da Castanheira, então ministro da Corôa; mas nem a agraciada, nem os seus herdeiros vieram della a aproveitar-se, apezar da outorga pelo Soberano de um foral e de muitos confirmações regias; por se haver sempre opposto ao acto de posse a Camara

---

[1]) Brito Freire andou correcto, designando a cidade com este nome, em vez de *S. Salvador* como outros ja no seu tempo.

da cidade, allegando uma clausula do dito regimento de que o Governador a cada pessoa só daria de sesmaria a terra que podesse beneficiar, obrigando-se a ir nella viver dentro de tres annos, o que não se realisára com a mencionada D. Violante, nem com seus herdeiros. — A cultura progrediu de modo que nesse anno já a freguesia da terra recebeu setenta e seis mil reis de dizimo.

A' falta de gados que depressa se fez sentir, como uma das necessidades mais urgentes das roças e lavouras, acudiu Thomé de Souza mandando desde logo que uma caravella, a *Galga* por nome, fosse exclusivamente destinada a ir buscal-os ás ilhas de Cabo-Verde, levando para a permuta cargas de madeira, a qual obtinha nesse archipelago mui subido preço. Braços para o trabalho não escaceavam. Os Indios comarcãos se acardumavam em torno da civilisação, para disfrutar della os beneficios, com o suor do seu rosto, conforme o divino preceito; e a troco de machados, tisouras, anzoes, espelhos ou avellorios, ajudavam ás roças e plantações. Porém não reconheciam autoridade nem direito algum, e a vida patriarchal não póde subsistir sem a obediencia mais ou menos cega da communidade. Os roubos eram frequentes, e os castigos reputados mui injuriosos ataques. Se porêm a amisade durava, se era sincera a alliança com alguma cabilda, este só facto excitava o ciume de outra visinha, dali duas ou tres leguas, que, declarando-se em hostilidade contra os amigos de seus rivaes, os assaltava quando descuidados. Deste modo foram victimas do cannibalismo quatro desgraçados colonos, que se atreveram a embrenhar-se um tanto pelo interior. — Soube-o Thomé de Souza: e encarregou da desaffronta a Pero de Goes, o qual, conseguindo prender dois principaes dos culpados, os mandou fusilar á bocca de um canhão [1], como primeiro ensaio do systema de terror, que os proprios padres da Companhia, começando por Nobrega, julgaram de boa fé que era o mais conveniente para a sujeição dos adultos; seguindo-se depois, e só depois, os esforços para a conversão pacifica pelos meios da caridade evangelica, e pelos mais de que dispõe a nossa religião, cujo

[1]) Carta de Goes de 18 de Julho 1551.

chefe morreu por nos salvar, e cujos principios são axiomas de moral em qualquer paiz. Na verdade mais que nenhuma outra é ella „merecedora de converter a si as almas pelo resplandor da doutrina, pela nobreza do sacrificio, pela policia do culto, pela pureza dos costumes, pela justiça e justificação dos preceitos, pela magestade do premio", segundo se expressa um dos primeiros escriptores [1] da nossa lingua. Para a conversão dos columins, ou crianças gentias, os meios que melhor se estrearam foram principalmente a musica, o canto e o apparato deslumbrador das cerimonias, que os enfeitiçava. Feitos acolytos os primeiros piás mansos, todos os mais caboclinhos lhes tinham inveja, do que se aproveitavam os jesuitas entrando com elles pelas aldeas em procissões, de cruz alçada, entoando a ladainha, cantando rezas e arrebanhando muitos; com o que se honravam á vezes o pais. A musica atrahiu assim á civilisação, do meio dos bosques, muitos que se estavam criando para homens-feras; e Nobrega foi quasi um segundo Orfeo em nosso paiz.

O. P. João de Azpilcueta Navarro, aproveitándo-se do trato de tantos piás, começou com assiduidade a estudar a lingua, a reduzil-a a grammatica, e por fim a prégar nella: e para que os sermões produzissem mais effeito, e não parecessem menos inspirados e persuasivos que as endemoninhadas praticas dos pajés, tratou até de imitar os usos destes, fazendo biocos e visagens, dando de quando em quando gritos mais agudos, batendo com o pé no chão, etc. — Com isto não fazia mais do que, muito antes delle, haviam feito na Europa os apostolos do christianismo, que capitularam muitas vezes com o paganismo, admittindo varias praticas barbaras. — Ao mesmo tempo o P. Nobrega prégava aos colonos, e dirigia a escola, á qual concorriam não só os filhos destes, como varios meninos orfãos vindos de Lisboa, e até alguns piás da terra. O collegio jesuitico se estabeleceu n'um dos logares mais bellos da cidade, sobranceiro á bahia, com vistas não só para ella até mui longe, onde ja aparecem pardo-azuladas algumas das ilhas que a povoam, como tambem para o mar a grande distancia.

---

[1]) Lucena, II, c. 12.

Favorecendo os padres foi que Diogo Alvares prestou serviços pelos quaes merece que neste logar lhe dediquemos algumas linhas. Morador na Bahia desde o anno 1510[1], ahi resistira a todas as inconstancias dos gentios; porque, tendo-se criado entre elles desde moço, talvez fôra ja outro gentio em tudo, menos na côr da pelle e no pouco que ainda se lembraria da sua lingua. Tinha muitos filhos, e estava assim aparentado por afinidade, ao modo da terra, com muitos da cabilda a que se aggregára. A tradição, em harmonia com alguns documentos, faz-nos crer que, em certa conjunctura, vendo-se em grande apêrto e ameaçado do gentio, usou de um ardil que o salvou, e foi causa de receber dos Indios a alcunha de *Caramurú*, por que ficou sendo conhecido. Vejamos qual foi este ardil, e deixemos de parte a questão secundaria de averiguar se teve logar por occasião do primeiro desembarque do colono e quando elle ainda seria muito moço, ou se depois, como imaginamos nós, quando foi arrojado com o donatario Coutinho na costa da ilha de Itaparica. Diz a tradição que, achando-se Diogo Alvares na praia, armado de uma espingarda, e vendo-se cercado de muitos gentios, julgou que os amedrontava disparando um tiro, e que tão bom effeito surtiu, que o julgaram munido de um poder sobrehumano, e estiveram logo por tudo quanto quiz. O nome *Caramurú* é o de certa enguia electrica; isto é o de um peixe comprido e fino como uma espingarda, que por suas virtudes de fazer estremecer, e por damnar e ferir, poderia ser applicado ao tremendo instrumento (oriundo tambem agora do mar) e por uma facil e insensivel ampliação ao seu portador. Delle Caramurú se valeram muito os primeiros missionarios e o mesmo Thomé de Souza, para angariar a si os Barbaros visinhos, com ajuda do temor que se lhes chegou a inspirar.

Os Jesuitas encontraram na Bahia um dos principaes da terra que se dizia christão, e outro que em dois dias aprendeu o alphabeto, e que se propoz a seguil-os em tudo. A am-

---

[1]) „O Caramurú perante a Historia; Dissertação escripta pelo autor desta historia, premiada pelo Instituto Hist. do Rio de Janeiro, na Rev. X, 129. O mesmo autor cedeu o premio (uma medalha de ouro) para o mesmo Instituto o offerecer em novo concurso.

bos deram toda a protecção, o que serviu de estimulo a se converterem alguns mais. O padre Leonardo Nunes e o irmão Diogo Jacome foram mandados aos Ilheos e a Porto Seguro, donde voltaram, depois de ahi colherem alguns fructos espirituaes, entre os colonos e seus escravos.

De volta, e em quanto não iam, como foram logo para São Vicente, assistiram a uma pomposa festividade que se fez para celebrar o dia de Corpus. As ruas estavam enramadas; havia danças e invenções; jogava a artilheria da cerca do Collegio, e muitas trombetas acompanhavam o côro de vozes que regia o dito padre Leonardo. Com tudo isto se deslumbravam os Indios, e a tal ponto que ao depois pediam aos Jesuitas que lhes cantassem, como faziam na procissão.

Maiores embaraços encontrávam porêm estes ecclesiasticos para acudir com remedio á relaxação de costumes, que começava a grassar entre os colonos, sobretudo no que respeitava ao sacramento do matrimonio, pelo exemplo dos gentios e de alguns Europeos gentilisados. A falta de mulheres com quem os novamente chegados podessem casar-se, provocados a isso pelo governador e pelos padres, promoviam nelles tendencias de requestarem as mulheres da terra. Viu-se um colono ir pedir ao governador por mulher uma escrava sua, propondo-se a forral-a; outros brigavam por ver quem havia de ficar com a criada ou ama de uma familia que viera na armada. A' vista do que, o padre Nobrega[1] não fazia senão instar para que da côrte mandassem orfãs, ainda que fossem *erradas*, pois que todas casariam; visto ser a terra muito *grossa* e *larga*[2]. E outrosim instavam, tanto Nobrega como o governador, pela vinda de um bispo, para consagrar oleos e chrismar, ou pelo menos de um vigario geral, para castigar e emendar muitos abusos dos sacerdotes, que seguiam, em todas as capitanias, vivendo escandalosamente amancebados. Os seculares, dizia Nobrega[3]

---

[1]) Carta de 9 de Agosto de 1549.

[2]) Isto succedia ao principio. Pouco depois era necessario dar officio aos que quizessem com ellas casar; e Men de Sá o propunha em 1563, o que se não executara. Vej. a Carta de Fr. André Torneiro de 20 de fevr.º de 1564. Torre do Tombo, P. 1.ª, M. 106. D. 122.

[3]) Carta de 9 de agosto de 1549.

com toda a razão, tomam o exemplo dos sacerdotes, e os gentios o de todos. Da propria capitania de Pernambuco, apezar dos esforços do donatario, que ora por velho pouco mandava, diz elle que ali viviam mui seguramente nos peccados de todo o genero, e tinham o peccado por lei e costume, e que entre os ecclesiasticos se fazia muito mais escandaloso. „O sertão, acrescentava, está cheio de filhos de christãos, grandes e pequenos, machos e femeas, com viverem e se criarem nos costumes do gentio. Ha grandes odios e bandos; as cousas da igreja mui mal regidas e as da justiça pelo conseguinte.“

Tudo mostrava a necessidade de acudir com prompto remedio á religião, poderosissimo instrumento de civilisação e de moral.....

Entretanto os mencionados factos confirmam o que ja em outro logar dissemos: que a gente de origem europea posta em contacto com a da terra não a exterminou, absorveu-a: — amalgamou-se com ella. Tal é a verdadeira razão porque de nossas provincias desappareceu quasi absolutamente o typo indio.

Nobrega apenas recebeu para o seu collegio mais padres, como tinha pedido, tratou de espalhar por todo o Brazil os seus combatentes; e com isso, favorecendo a unidade proverbial da Companhia, concorreu muito para favorecer tambem a do Brazil, entabolando mais frequencia de noticias e relações, de umas villas para as outras, e contribuindo, com as pacificadoras palavras do Evangelho, para estabelecer mais fraternidade, entre os habitantes das differentes capitanias, e para destruir o feio habito, resultante de falta de educação dos habitantes, de se estarem umas ás outras injuriando com doestos, ainda quando mais polidos que os de piratas, ladrões e queijandos. O padre Navarro foi mandado para Porto Seguro, onde estavam os melhores interpretes da lingua tupi: — talvez ainda, em avançada idade, algum dos deixados por Cabral, e depois pela segunda armada exploradora. Logo o seguiram os irmãos Francisco Pires e Vicente Rodrigues. Este ultimo ja ali tinha construido uma hermida, pela qual começava o povo a ter devoção, fazendo romarias; especialmente desde que correu a voz de que uma fonte visinha era milagrosa para

os enfermos. Affonso Braz e Simão Gonçalves foram mandados para o Espirito Santo; o padre Manuel de Paiva tinha ido aos Ilheos, donde foi obrigado depois a voltar, para tomar conta do collegio da cidade, em quanto Nobrega ia visitar as capitanias do sul.

Esta visita se levou a effeito por ordem de Thomé de Souza, que desejoso de ser informado de tudo, mandou que fossem igualmente para essas bandas o ouvidor geral e o provedor mór, em uma esquadrilha de duas caravellas e um bergantim, ás ordens de Pero de Goes; a qual, sarpando da Bahia, meiado o anno de 1549, entrou successivamente nos Ilheos, em Porto Seguro, S. Vicente; e depois, á volta, no Espirito Santo e outra vez nos Ilheos.

Na primeira dessas capitanias foram presos alguns colonos, que se haviam refugiado, por crimes de pirateria ou pelo ultrage feito ao donatario da Bahia. Infelizmente vários delles poderam depois escapar-se para Porto Seguro, onde lhes deu homizio, como dissemos, o donatario do Espirito Santo, que ahi se achava surto no porto de Santa Cruz. Nas outras capitanias se occupou mui zelosamente o ouvidor geral de pôr em ordem as coisas da justiça, mandando que nenhum degradado servisse nos officios, e provendo que os cargos do concelho ficassem reduzidos a um juiz ordinario e dois vereadores, servindo um de provedor e outro de thesoureiro; não só pela falta que havia de gente, como porque, dizia Borges, por propria experiencia sabia como as demandas eram em tanto maior número, quantos mais juizes e escrivães havia. Metteu tambem na ordem alguns tabelliães, que nem estavam encartados, nem juramentados, nem tinham livros de querellas, e as tomavam em pedaços de papel, levando, ás partes o que bem queriam. Degradou de umas para as outras capitanias alguns colonos que viviam abarregados, deixando de o fazer para a costa d'Africa, como dispunham as Ordenações, porque em sua opinião, para a colonisação desta terra ir avante, era necessario em muitos casos deixar de seguir estas, que haviam sido feitas „não havendo respeito aos moradores do Brazil."

O provedor mór tambem por sua parte tratou de dar ordem a todas as provedorias, nomeando para ellas pessoas de con-

fiança, e entendendo-se com os donatarios, ou seus loco-tenentes sobre as melhoras necessitadas nas alfandegas, almoxarifados e collectorias.

Quando o ouvidor geral e o provedor mór haviam despachado de S. Vicente, Pero de Goes voltou para o norte. Entrando no Rio de Janeiro, encontrou fazendo brazil dois Francezes, que logo prendeu e depois mandou á Bahia. Um era grande lingua, e bem aferrolhado foi, mettido em um bergantim, para servir de interprete no commercio da costa. O outro era habil ferreiro, e ficou na cidade do Salvador, fazendo béstas e espingardas. Thomé de Souza dizia mui tranquillamente delles ao rei que os não mandára enforcar, porque tinha necessidade de gente que não cobrasse do Thesouro.

Do Rio de Janeiro passou Goes ao Cabo Frio, onde encontrou uma náo franceza. Combateu com ella [1] durante dois dias e meio, mas não conseguiu apresal-a, não só pelo máo estado em que levava a sua esquadrilha, como por se haver apartado uma das caravellas, cujo capitão, Christovam Cabral, foi por isso deposto e preso no Espirito Santo; onde Goes teve que demorar-se alguns dias, soccorrendo o ouvidor geral, „por a terra estar quasi perdida com discordias e desvarios, por nom estar Vasco Fernandes n'ella e ser ido" [2]. Seguindo pélos Ilheos, onde o ouvidor geral se deixou ficar, para continuar na sua correição, veiu Goes a entrar na Bahia em outubro. De Goes informava o governador, que cumpria em tudo seus deveres de boa vontade, que da terra, em que gastára mais do que tinha, conhecia as industrias melhor que ninguem, e que só por bem do serviço público se havia dedicado na cidade do Salvador á construcção de uma das suas melhores casas.

---

[1]) C. de Goes de 29 de abril de 1551. Rev. do Inst., V, 443. Leu-se e imprimiu-se por engano 1554.

[2]) „Não sei se lá, se onde", acrescenta Goes, alludindo aos boatos de que desertára para França, como pensava Duarte de Lemos, em carta que escrevia ao Rei, em 14 de julho de 1550.

SECÇÃO XVI.

CRIAÇAO DE UM BISPADO. CONCLUE O GOVERNO DE THOMÉ DE SOUZA.

O padroado. Primeiro bispo. Verdadeira data da bulla da criação do bispado. Partida immediata do bispo. Extensão da diocese. Indios. Iperú e Miranga. Visita Thomé de Souza as capitanias do sul. Pintura do Rio de Janeiro. S. Vicente. Naufragio de Senabria. Communicação de S. Vicente com o Paraguay por terra. Projectos de Thomé de Souza. Noticias de minas. Vantagem de se não ter achado minas. Primeira exploração dos sertões de Minas. Thomé de Souza. Seu regresso e destino. Armada de Luiz de Mello. Sua perda.

Em quanto toda a actividade, de que démos conta na secção precedente, se desenvolvia no Brazil, a Côrte não estava occiosa, e continuava por sua parte a ajudar a que se lavasse a cabo a obra da regeneração do novo Estado, que com a vinda de Thomé de Souza havia cobrado os alentos de vida de que ia carecendo. — Ao embaixador em Roma Balthasar de Faria passaram-se ordens terminantes, em 31 de julho 1550, afim de impetrar a bulla para a criação de um novo bispado, com a sé na propria cidade do Salvador, acrescentando-se-lhe que impetrasse tambem o provimento da nova mitra em favor de Pero Fernandes Sardinha, que estudára em Paris, onde tomára o gráo de bacharel, e nesse tempo era clerigo em Evora.

A bulla da criação do novo bispado, que se chamou de S. Salvador, continha a um tempo o provimento e a confirmação do dito bispo; e foi expedida, segundo nossas finaes averiguações,[1] aos 25 de fevereiro do anno de 1551; e não do de

[1]) A bulla principía „*Super specula militantis Eclesiae*". O seu original se guardá na Torre do Tombo (A. 12, m. 31, n. 1). Foi pelo 1.ª vez impressa, em 1806, pelo Dr. Miguel Leitão na sua „*Refutação*" etc., e reimpressa em 1808 pelo bispo Azeredo. Reproduziu-a o sr. C. Mendes em 1866 no seu *Direito civil Eclesiastico*, I, 521 — 529. Mas a apuração do verdadeiro anno da data, de ser 1551 e não 1550, só foi por nós feita, annunciando-a por 1.ª vez em 1874 no Postfacio da 2.ª ed. da *Hist. das Lutas*, pag. XI e segs.

1555, ou de 1550 como se chegou a acreditar. O bispo não se demorou muito em seguir para o seu destino; effectuando a sua partida de Lisboa em fins de setembro[1]; de modo que, antes do fins desse mesmo anno, se achava ja na diocese.

Ficavam pertencendo á mesma diocese, declarada suffraganea do arcebispado de Lisboa, todas as terras do Brazil, desannexadas para este effeito da mitra do Funchal; — bem entendido porém que, como terras que eram do padroado da ordem de Christo, continuavam sujeitas *in spiritualibus et in temporalibus* ao seu grão-mestre, que era agora elrei D. João III, a quem, pela morte de elrei D. Manuel, o papa Adriano VI conferíra essa dignidade em 1522; e depois vieram a tel-a todos os reis seus successores. Pois que fallecendo (em 22 de julho de 1550) o mestre das ordens de Santiago e San Bento, D. Jorge, o Papa Julio III, imitando o que ja a curia concedêra á Hespanha para augmentar o poder real, annexou e incorporou para sempre o grão-mestrado das tres ordens na Corôa; com o que, de então em diante, coube no Brazil aos reis, a apresentação das igrejas e beneficios, e a cobrança e administração dos dizimos[2].

O nosso primeiro prelado, sem deixar de conhecer os abusos ecclesiasticos que iam pela sua diocese, sobretudo no que respeitava ao desejo do ganho (mal de que até padecia o que fazia as vezes de vigario á sua chegada), não entrou nas reformas com excessiva severidade, por lhe parecer „que nos principios (assim o diz em carta ao rei) muitas mais cousas se hão de dissimular que castigar, maiormente em terra tão nova". Concorde com os Jesuitas sobre os effeitos prodigiosos da musica no coração humano, pediu que lhe mandassem orgãos

---

[1]) No alv. de 16 e c. regia de 22 deste mez (1551) se dizia que o bispo „ora vae" para a Babia: onde J. P. Ribeiro assegurou (D. Chr. III, 192) que chegára em fins do seguinte outubro.

[2]) Essa annexaçâo e incorporaçâo teve logar pela bulla *Praeclara charissimi* do 3°. das kal. de janeiro 1551, ou de 30 dez. de 1551, cujo texto se encontra na Torre do Tombo Gav. IV, I, 18; V, I, 9 e V, 3, 4; havendo della varias ediçôes; v. gr., H. G. II, n. 121, 718; Est. de Chr; duas do bispo Azeredo Coutinho, de Londres 1817 e 1818, na *Copia da carta* ao Sr. Dom Joâo VI, p. 114 e segs, e na *Copia da Analyse* etc., pag. 260. José de Seabra, que foi quem refferendou a C. de lei de 19 de junho de 1789, enganou-se dizendo no preambulo que esta bulla fôra „dada em Roma aos 4 *de janeiro* de 1551".

para a nova sé. Ao mesmo tempo participava haverem chegado de S. Vicente algumas notícias de descoberta de ouro, as quaes, no seu entender, muito conviria mandar assoalhar pela Europa, para que a cobiça delle estimulasse a vinda de muitos colonos. Quanto aos Indios, sabemos que entregára a sua submissão ao governador; o qual não se descuidava de seguir ácerca delles o systema de os amedrentar, com que tão bem se dera. Dois dos chefes mais poderosos dos arredores da Bahia, o Tubarão (Iperú) e Miranga, antes unidos, se desavieram e malquistaram por este tempo, com o que mais seguros ficaram os colonos.

Cumprindo as ordens do rei, empenhou-se Thomé de Souza na construcção de uns modestos *paços* para o primeiro bispo, perto da nova cathedral; passou alguns alvarás de fiança e perdão a varios christãos que andavam *homisiados* entre os gentios; mandou pagar a Braz Cubas duzentos mil reis que despendera, guerreando o gentio levantado em S. Vicente. Coube-lhe igualmente dar cumprimento a uma ordem, de 20 de julho (1551), dispondo que os que, nesse anno e no immediato, passassem á Bahia, ou ao Espirito Santo, á propria custa, tivessem isenção dos dizimos por cinco annos, e concedendo aos lavradores, vindos das Ilhas, viagem gratis e a dita isenção por tres annos; e quando fossem carpinteiros, calafates, tanoeiros, ferreiros, serralheiros, bésteiros, pedreiros, cavouqueiros, serradores ou oleiros, gosariam da dita isenção pelos cinco annos; pagando porêm a redizima e os demais direitos.

Por esse tempo ja a cidade capital se achava bastante bem fortificada, e toda muralhada de taipa, tendo dois baluartes, um delles de madeira de mangue, junto á praia, guarnecido com dois camêlos, dois falcões e uma duzia de berços. A dita muralha de taipa saiu um pouco alta, e não deixou de soffrer na invernada desse anno, mas logo se reparou, fazendo-se, para mais segurança, rebocar de cal. A casa da camara e cadeia, bem como, na ribeira, a da alfandega, armazens e ferrarias, tudo estava ja acabado e coberto de telha[1].

---

[1]) C. do mestre das obras Luiz Dias, de 15 de ag. de 1551; em que pede licença para regressar ao Reino, por ser ja velho e mal disposto, e para amparo de „uma velha, que tinha“.

A petição de Francisco Rodrigues, procurador do concelho da cidade, veiu Thomé de Souza a resolver, em 31 de maio de 1552, que, além das seis leguas designadas para termo da mesma cidade, de cada lado, a camara houvesse mais uma sesmaria de tres leguas ao longo do mar; começando a contal-as desde duas leguas além do Rio Vermelho, e indo para o sertão todo o espaço que fosse de campo bom para pastos; e exceptuando as matas e as aguas [1].

As informações que deram ao governador Thomé de Souza os chefes das repartições da Justiça, da Fazenda, e da Marinha, puzeram-o em circunstancias de administrar desde logo com mais confiança, tendo junto a si pessoas de tanto voto com quem aconselhar-se. Entretanto não deixavam as proprias relações desses conselheiros de lhe criar desejos de por si mesmo avaliar e conhecer tudo, até porque havendo ja associado o seu nome a este paiz, e desejando que a sua obra não ficasse perdida, contava seguil-a com os olhos ainda depois de recolher á patria, e estar nas circunstancias de apreciar de la os factos, e de informar o governo ácerca delles. Além disso, as noticias que haviam chegado á côrte da costumada frequencia dos navios francezes, maximè no porto do Rio de Janeiro, haviam produzido uma ordem expressa para o fortificar, e convinha-lhe indagar se nas capitanias do sul adquiria gente e meios para fazel-o, pois ali da Bahia nada podia então dispensar.

Determinado assim a correr as capitanias, só o poude verificar no fim do anno de 1552. E com uma náo e duas caravellas, sob o mando de Pero de Goes, e em companhia do padre Nobrega [2], que pela segunda vez passava ao sul, abalou o primeiro governador do porto da povoação que deixava fundada.

Nos Ilheos destituiu ao capitão que estava, e nomeou em seu logar a João Gonçalves Drummond, „fidalgo de cota d'armas", procedente da Ilha da Madeira. Aqui, e nas outras terra para o sul, foi provendo á segurança das povoações e

---

[1]) A Camara só veiu a tomar posse desta concessão, em Itapuão, aos 16 de nov. de 1557.
[2]) Cart. deste P. a Thomé de Souza em 1559.

dos engenhos, mandando levantar muros ou tranqueiras e deixando alguma artilheria á responsabilidade dos almoxarifes. Fez igualmente levantar pelourinhos nas villas, e construir cadêas e casas de audiencia, onde as não havia, e até n'alguns pontos providenciou ácerca do endireitamento das ruas, quando isso se podia conseguir sem opprimir muito os povos.

Ao entrar de passagem no porto do Rio do Janeiro, Thomé de Souza parece não ter expressões com que encarecer a sua importancia. Ouçamos o que escreve ao rei. „Mando o dibuxo delle (Rio de Janeiro) a V. A., mas tudo é graça o que delle se póde dizer, senão que pinte quem quizer como deseje um rio, — isso tem este de Janeiro. Parece-me que V. A. deve mandar fazer ali uma povoação honrada e boa; porque ja nesta costa não ha rio em que entrem Francezes senão neste. E tiram delle muita pimenta; e fui sabedor que um anno tiraram cincoenta pipas; e tirarão quanta quizerem; porque os matos a dão da qualidade desta de cá, de que V. A. deve ter informação. E escusar-se-hia, com esta povoação, armada nesta costa. E não ponha V. A. isto em traspasso... E se eu não fiz fortaleza este anno no dito rio, como V. A. me escrevia, foi porque o não pude fazer, por ter pouca gente, e não me parecer siso derramar-me por tantas partes. E ácerca deste caso e de outra bahia que se chama Angra dos Reis dará a V. A, larga informação Pero de Goes.“

Na capitania de Martim Affonso [1] approvou o governador a fundação da villa de Santos, onde se achava ja a alfandega, defronte do melhor porto da ilha: e sem deixar de reconhecer que esta, com só tres leguas de extensão, era pequena para duas villas, não se atreveu a abolir a de S. Vicente, por ser a primeira fundada no Brazil, e ter muito boas casas de pedra, e uma honrada igreja, e um collegio da Companhia de Jesus, pouco antes estabelecido.

Tambem preveniu as duas povoações das assaltadas que em suas canoas continuamente davam os gentios visinhos, pela

---

[1]) Devia estar ali em 8 de fevereiro, em que tambem se achava P. de Goes, segundo Fr. Gaspar, p. 42 e 43.

barra da Bertioga, fundando uma villa, e fazendo fortaleza[1], da qual mandou a planta a elrei. Era uma torre quadrada com tres andares de frestas ou séteiras, flanqueadas por duas como guaritas circulares da mesma altura.

Em quanto nesta capitania parava Thomé de Souza, vieram informal-o de que uma armada de D. Fernando de Senabria, que ia para o Rio da Prata, naufragára perto da ilha de Santa Catharina, e de como para aquellas bandas estavam ao desamparo umas sessenta pessoas, das quaes metade mulheres. Fez buscar a todos; e vendo que entravam no numero dos que haviam salvado só as vidas a viuva e filhas de Senabria, e mais nove ou deź nobres, repartiu com elles e ellas quanto á custa de seu trabalho havia junto, diz elle, durante trinta e cinco annos. Parte da gente que se salvou foi d'ali por terra até a cidade da Assumpção no Paraguay, que, segundo afirmavam, devia estar quasi naquella altura, e na distancia de menos de cem leguas. Sabemos que a communicação, desde as proximidades da ilha de Santa Catharina, ja havia sido levada a effeito pela expedição de Cabeza de Vaca, que do porto do rio de S. Francisco havia subido ás cabeceiras do Iguaçú, e chegado por este até o Piquery[2]; e tambem temos hoje a certeza do facto da viagem que fez o allemão Ulrico Schmidel, do Paraná até as terras de João Ramalho, na capitania de S. Vicente[3]. Esta communicação para o Paraguay, por via de S. Vicente, tinha-se feito tão frequente que no anno de 1552 a alfandega deste porto havia rendido cem cruzados mais, de coisas que ali traziam os Castelhanos a vender. Thomé de Souza tomou providencias para vedar esta communicação, e exclama, dirigindo-se ao rei: „Parece por constellação não se poderem os Portuguezes em nenhuma parte desapegar dos Castelhanos. „Acrescenta que embora o julgassem máo *espherico*

---

[1]) A' vista disto parece inventada a provisão de 25 de junho de 1551, que cita Fr. Gaspar (225 e 226), todo empenhado em fazer crer que a divisão dos dois donatarios irmãos tivera logar pela barra da Bertioga, e não pela de S. Vicente, como succedia.

[2]) Herrera, VII, c. 2. p. 8.

[3]) Southey, I, 350 (2.ª Edic.) e I, 473 da trad. em portuguez; onde se deve ler *Borda do Campo*, por *Fôrça do Campo*. Schmidel designa João *Ramalho* por João *Reiwielle*.

e peor cosmographo, elle „não sabia d'isso nada, senão desejar que o mundo todo fosse de seu rei". Esta informação levou a côrte de Portugal a prevenir em Castella ao seu representante João Rodrigues Corrêa que reclamasse contra os Castelhanos da Assumpção, que entravam nas terras do Brazil, com morte de muita gente[1]; ao passo que, pouco depois, escrevia a côrte de Castella á de Lisboa[2] representando contra „os máos tratamentos e oppressões que o governador e outras justiças da costa do Brazil faziam a seus subditos, que iam e vinham do Rio da Prata."

Por esta occasião, criou Thomé de Souza a villa da Conceição de Itanhaem, á qual mandou reunir toda a gente derramada por aquellas praias meridionaes da capitania.

Subindo serra-acima, fez tambem juntar á Borda do Campo todos os povoadores por ali dispersos, erigindo a villa de Santo André, no logar em que estava uma hermida de igual invocação. Cercou-a, e nomeou capitão della a João Ramalho, de quem já nos occupámos, e que n'aquelles sitios vivia desde mais de trinta annos antes, e que tinha filhos e netos sem conto. Um dos fins desta povoação era o de impedir que por ali se fizesse frequente o commercio para o Paraguay; seguindo-se assim no Brazil, a respeito da Castella, a mesma politica reservada que usava a metropole. Dadas estas e outras providencias, regressou Thomé de Souza á cidade do Salvador que fundára, e que já estava anciosa de o ter de volta.

Apenas chegado, despachou para Portugal a Pero de Goes, encarregando-lhe de informar minuciosamente á côrte de tudo quanto passava, e de sollicitar a realisação das providencias que elle governador por escripto propunha. Estas se reduziam a pedir: 1.º O refôrço de dez individuos habeis e honestos, em quem podesse confiar, para os fazer capitães das terras e officiaes da Fazenda; 2.º Que se resolvesse que todos os donatarios viessem morar nas suas capitanias, a não terem motivo muito justo que os impedisse; 3.º Que se enviasse para a cidade do Salvador um capitão especial ou alcaide mór, que

---

[1]) Da Coll. de S. Vicente, III, fol. 49 e 313.
[2]) Valladolid, 24 de novembro de 1555. (1, 97, 21.)

podesse pela mesma cidade responder, durante a ausencia do Governador geral, em suas visitas ás outras capitanias; 4.º Que se lhe mandassem recursos para povoar o Rio de Janeiro, onde, em seu entender, conviria ter outro ouvidor; 5.º Que se ordenasse que nas villas de Santos e S. Vicente se construissem castellos, por isso que, por muito derramadas as povoações, não era possivel mural-as.

Igualmente propunha Thomé de Souza a suppressão dos cargos de provedor mór e de capitão mór do mar. Tudo quanto correspondia áquelle podia, em sua opinião, ficar unido ao ouvidor geral, não só por maior economia, como por mais autoridade, conservando, para regularidade do serviço, ás suas ordens um escrivão da Fazenda e outro da Justiça.

Quasi todas estas propostas vieram a acceitar-se; umas logo, outras pelo tempo adiante; ou pelo influxo que ficaria tendo Thomé de Souza nos negocios do Brazil, ainda depois de regressar á Europa, ou porque a experiencia comprovava a sua necessidade.

Porêm outro assumpto chamava agora as attenções do Governador geral. Os rumores da existencia de minas de ouro, cuja descoberta tanto lhe estava recommendada, cresciam todos os dias.

As noticias vindas de S. Vicente, e de que á Côrte dera conta o bispo, se tinham seguido outras mandadas de Pernambuco pelo provedor mór; mas eram especialmente as recemchegadas de Porto Seguro, onde estava por capitão Duarte de Lemos, que mais visos tinham de verdadeiras. Uma partida de gentios, ali arribada do sertão, dava conta de que, para as bandas do grande rio de S. Francisco, se encontravam serras com esse metal amarello, cujos pedaços iam ter aos rios; e ao mesmo tempo apresentavam mostras de várias pedras finas, entrando neste número algumas verdes como esmeraldas.

Thomé de Souza, apezar de practico e maduro para se deixar levar por exaggerações, havia no anno anterior mandado uma galé para o norte, a ver, se entrando pelos rios dentro, „na direcção donde ficava o Perú,“ se encontravam

alguns indicios de minas. Dessa galé, cujo mando dera a Miguel Henriques, e de que fôra por comitre Pedro Rebollo, piloto da costa, não tivera mais notícia. Pelo que, escrevia agora á côrte que não falaria outra vez em ouro, em quanto não o mandasse devéras, e que, nas diligencias por elle, andaria „com muito tento, e pouca perda de gente e fazenda", esperando antes que Deus o ordenasse, como e quando quizesse; pois que, empreguemos ainda suas expressões embora familiares, „por muito madrugar não é que havia de amanhecer mais cedo." Entretanto chegava desta vez a persuadirse de que taes notícias, acompanhadas de tantos signaes, bem que exaggerados pela imaginação do povo, deviam ter fundamento, sobretudo desde que houve a convicção de que a „terra do Brazil e a do Perú eram a mesma[1]." O tempo veiu a confirmar que tinham todo o fundamento as novas acreditadas pelo acautelado capitão; mas Deus não havia querido ordenar que ellas se confirmassem, antes de estar mais assegurado o Brazil. As expedições que se emprehenderam não tiveram exito. E felizmente que o não tiveram, pois a descoberta de minas no sertão, quando ainda existia tão pouca gente na costa, a teria deixado deserta, e della se haveriam talvez apoderado os Francezes.

A primeira pessoa indicada pelo capitão de Porto Seguro, Duarte de Lemos, e que devia ir com vinte homens, foi o piloto Jorge Dias[2] sobrinho de Pero do Campo; porêm depois Thomé de Souza chegou a querer para chefe da expedição, por se offerecer para ella com muito enthusiasmo, um hespanhol chamado Fillippe Guillen[3], homem de bastante capacidade e engenho, e entendido em mineralogia e em tomar as

---

[1]) Estas ideas de Thomé de Souza eram as mesmas de Duarte de Lemos, por elle nomeado capitão de Porto Seguro, donde em carta de 14 de julho de 1550 dizia: „Como está na comquysta de V. A. todo e a mór parte que vay do Perú, e que está nesta altura de dezasete gráos que he aonde esta capitania está."

[2]) Carta de Duarte de Lemos acima citada.

[3]) Em 1551, havia sido feito Cavalleiro de Christo, com a tença annual de 50,000 reis. — Cremos que houve engano afirmando-se nas obras de Gil Vicente que Guillen passára a Portugal em 1519. Pelo que ahi se lê, fôra Guillen boticario, não em Sevilha, mas no Porto de

alturas. Este Guillen havia sido boticario na Andaluzia, e chegára a adquirir reputação como grande jogador do xadrez. Havendo descoberto um novo meio para observar as longitudes, passou-se, em 1525, a Portugal, esperando que ahi lhe premiassem e adoptassem o invento [1]. Foi primeiro, em 1527, empregado na casa da India. Em 1538 passou ao Brazil, com Vasco Fernandes. Em 1551 partiu para a Bahia, e ahi perdeu a mulher e um filho que tinha, e foi, com os tres filhos que lhe ficáram, exercer em Porto Seguro um emprego de Fazenda. Com as novas de ouro, que ahi teve, enthusiasmou-se; e escreveu a Thomé de Souza inculcando-se para a empreza. Mas Guillen ja tinha sessenta e tres annos; adoeceu dos olhos, e nada realisou [2]. Pelo que, mui provavelmente, foi encarregado della o dito Jorge Dias, que partiu com doze homens; aos quaes acompanhou o padre Navarro, da Companhia de Jesus, que nos deixou da viagem succinta narração, em uma carta impressa em hespanhol em 1555 [3]. Depois de andarem tres mezes por entre matos e terras humidas, atravessando muitos rios, subiram a serra do mar, da qual baixaram até o Rio de S. Francisco. N'um afluente deste chamado *Monayl*, construiram canôas, nas quaes desceram algumas leguas pelo dito grande rio. Conhecendo porêm que era imprudente seguir por elle, pelo muito gentio inimigo que encontravam, resolveram-se a retroceder, e chegaram a Porto Seguro, quando ja Thomé de Souza havia partido para o reino. O padre Navarro falleceu pouco depois, do cançaco destes trabalhos [4].

Tal foi a primeira excursão de maior consideração com que

Santa Maria. Ahi se diz tambem que „era grande logico e muito eloquente, de muito boa prática, que antre muitos sabedores o folgavão de ouvir; disse a elrei que lhe queria dar a arte de leste a oeste, que tinha achada... fez-lhe elrei por isso mercê de cem mil reis de tença, c'o habito e corretagem da casa da India, que valia muito".

[1]) Navarrete, Hist. Naut. pag. 178, 182 e segs.

[2]) Regressando á Bahia, veiu a ser encarregado do caminho até o porto. Foi mais tarde nomeado provedor em Porto Seguro, donde escrevia recommendando o descobrimento de minas em 12 de março de 1561, na idade de 74 annos.

[3]) Traduzida, publicada pelo autor desta Historia, na nota 70, pag. 460 a 462 da 1ª. ed. desta obra.

[4]) Vej. „Historia de las Indias" de S. Roman.

os nossos colonos devassaram os sertões do Brazil, pela parte em que ainda hoje a natureza está indicando a mais facil communicação deste lado da costa para o seu âmago; circunstancia esta a que então se reunia o ser o gentio do mais pacifico do littoral [1].

A' expedição de Jorge Dias seguiu-se outra, á frente da qual foi Sebastião Fernandes Tourinho. Entrou pelo Rio Doce, e depois de subir o Acecî quatro leguas, andou onze dias por terra no rumo de N. O., e chegou á serra que chamou das *Esmeraldas*, por haver nella encontrado umas pedras verdes, que sem dúvida seriam turmalinas.

Thomé de Souza governou até 13 de julho de 1553, vindo nesta data a entregar o bastão a seu successor D. Duarte da Costa, do Conselho de D. João 3°, e filho de um embaixador de Portugal junto a Carlos V. Foi nomeado por tres annos, por carta regia de março de 1553, analoga á da nomeação de Thomé de Souza. Desde 1551 lembrava este illustre governador que em janeiro do anno seguinte se acabavam os tres annos por que viera, e pedia ser rendido, para se reunir á sua velha esposa, e a uma filha moça que deixára em Portugal, se ainda vivessem; no que não fiava, quando lhe havia acontecido escrever do Brazil a pessoas que ja estavam no outro mundo. O rei não annuiu logo ao seu pedido, e o reteve por anno e meio mais do que lhe promettêra, mas depois recompensou-o amplamente, segundo mereciam os seus serviços. Além de ser feito vedor da Casa Real, em 12 de janeiro de 1558, deu-lhe uma commenda lucrativa na ordem de Christo. E pouco depois foram-lhe concedidas seis leguas de terra para as bandas da Pojuca, ao norte da Bahia; e esta concessão, logo dez dias depois (20 out. 1563), se fez extensiva a mais oito leguas até o Rio Real. Provavelmente as passaria, depois por venda, ao seu antigo *criado* Garcia d'Avila, donde procederia o ter este vindo a possuir tão grande cabedal.

---

1) .... „a terra onde está ho oro; porque por nenhuma terra d'estas partes podem mylhor yr a elle que por esta de porto seguro por ho gentio della estar mui de pas e muito nossos amigos mormente dispoies que V. A. mandou a sua armada a esta terra.“ C. de Duarte de Lemos de 14 de julho de 1550.

Thomé de Souza havia cumprido a sua missão. O Brazil ficava constituido: a autoridade e a lei ja haviam feito sentir suas fôrças beneficas: a moral pública ganhára muito. Ficando assim na Côrte, teve pelo tempo adiante muitas occasiões de dar conselhos em favor do Brazil; pois tanto o ficou amando que estimava delle todas as notícias, para o que conservou sempre correspondencia com o padre Nobrega. Uma das providencias que logo se lhe attribuiu, e que por tanto consideramos ainda como do seu governo, e por isso aqui a contemplamos, foi a de uma nova expedição, mallograda infelizmente, no norte do Brazil.

Luiz de Mello, com trezentos homens de pé e cincoenta de cavallo, além de muitas mulheres, deixou Lisboa em 1554, á frente desta expedição [1]; a qual, segundo o embaixador hespanhol em Portugal, tivera origem das notícias de minas que dera o dito Thomé de Souza [2]: — naturalmente pelos da mencionada galé de Miguel Henriques. Ha probabilidades [3] de que essa epedição se dirigiu ás aguas do Amazonas, não ás do verdadeiro Maranhão [4].

Porêm ainda então não tinha de começar a colonisação das terras por essa banda. Da armada que (segundo o dito embaixador, não concorde com Soares) se compunha de oito ou nove caravellas e alguns bergantins, tudo á custa da Real Fazenda, apenas conseguiram escapar-se Luiz de Mello, com alguns dos compaheiros, que foram, como os seus predecessores de naufragio, ter ás Antillas.

Voltando Mello a Portugal, passou á India, onde obrou feitos distinctos [5]; e regressando á Europa com grossos cabedaes, projectava tornar a estabelecer-se no Brazil, quando no mar desappareceu, na náu S. Francisco, em que navegava.

---

[1]) Gabriel Soares diz-nos que esta constava de tres náos e duas caravellas.

[2]) Officio do dito embaixader hespanhol D. Luis Hurtado de Mendoza, escripto em Lisboa a 26 de fevereiro de 1554. Ainda não era partido. Do capitão Luiz de Mello iuforma Hurtado que era irmão de D. Juana de Loronha, dama que fôra da imperatriz, casada com D. Juan Manrique.

[3]) Ant. Pinto Pereira, P. 2ª. p. 7 e 58.

[4]) Ver-se-ha na Secç. 33 que, em 1608, o procurador da Corôa sustentava que Luiz de Mello havia sido donatario do Pará, não do Maranhão.

[5]) Couto, VII, 5, 2, e IX, cap. 27.

SECÇÃO XVII.

GOVERNO DE D. DUARTE DA COSTA. TENTATIVA DE VILLEGAGNON.

Concessões feitas ao novo governador. S. Paulo de Piratininga. Seu bello clima. Tebiriçá e Cauby. D. Alvaro, filho do governador, origem de males. Alcaide mór da cidade. Physico. Cirurgião. Outros novos empregados. Ordenados. Más novas. Naufragio e assassinato do primeiro bispo e outros. Rebates dos Indios contra a cidade. D. Alvaro os derrota. Fuga dos Barbaros. Humildade dos vencidos. Sua submissão. Esquadras de tropa permanente. Queixas do povo. Situação do Espirito Santo e de Pernambuco. Capitanias do sul. Morubixaba Cunhambebe. Seu retrato. O allemão Hans Staden e seu captiveiro. Peregrinações de Staden. Navios Francezes. Villegagnon no Rio de Janeiro. Fortalezas francezas na Lage e no Ilheo immediato. Motim. Reforço de Bois le Comte. Escriptor Lery. Insta o povo por outro governador. Morte do Caramurú.

A D. Duarte da Costa haviam sido concedidos mais 200 $ reis de ordenado, além dos 400 $ que tinha Thomé de Souza; trazia a concessão de liberdade de direitos, por tres annos[1], aos novos colonos; e vinha autorisado a aparelhar, para guarda costa, os navios que necessitasse, dos muitos que ja havia „feitos na terra".

Os dias amenos que passára o Brazil, e principalmente a cidade do Salvador, durante a administração de Thomé de Souza, se embruscaram pouco depois da sua partida; e o governo de D. Duarte da Costa póde citar-se para exemplo do mal que pode causar a um povo inteiro a desunião entre um chefe da administração e o da diocese[2], e de quanto tal desunião é facil de fomentar-se, quando homens tão elevados, em vez de perdoarem reciprocamente com caridade alguma leve

---

[1]) Alv. de 23 de julho de 1553, ampliação do de 20 de julho de 1551.

[2]) „Não deixarei de relatar o açoute de Nosso Senhor que deu a esta Bahia nas guerras que permittiu que houvesse entre o bispo e o governador D. Duarte, o qual, eu não tenho por mais somenos castigo, e que mais damno fizeram na terra que as guerras que se fez com o gentio porque.... se engendrou a morte a muitos e perderam a honra e fazenda e a terra perdeu a muitos povoadores." — Nobrega, C. a Thomé de Souza 1559.

falta ou indiscrição, se tomam de ira e se deixam levar pelas mesquinhas intrigas de aduladores, ainda mais mesquinhos que ellas.

Antes de continuarmos a tratar do novo governador, convêm dizer que com elle viera para a Companhia de Jesus um poderoso refôrço; não só pelo que respeitava ao pessoal (em que se comprehendia o ex-reitor do collegio de Coimbra Luiz da Grã, o irmão José de Anchieta, ao depois tão célebre que passou a ser tido por thaumaturgo) como pela resolução que chegára da instituição no Brazil de uma provincia áparte, para fundar a qual vinham poderes ao P. Nobrega. Este zeloso jesuita, que até então não se havia descuidado de cumprir seus deveres, pareceu cobrar novo ardor ao ver-se provincial. Do collegio de S. Vicente, onde se achava, passou com alguns dos novos socios a Piratininga, com projecto de fundar ahi para a Companhia uma casa, ou principio de um novo collegio, no meio desses campos tão amenos, e de um clima que, mais que ao da Europa, é comparavel ao da pitoresca ilha do Atlantico que alguem poeticamente chamou „Flor Oceana“. Ahi nunca são excessivos nem o frio nem o calor; e o ananaz sazona á sombra da pereira, e os sarmentos dos vidónhos se entresacham nos caramancheis com as hastes trepadoras dos maracujazeiros; — de modo que ao lado do cacho d'uvas recende muitas vezes dependurado o aromatico maracujá. Effectivamente deram logo traça á edificação da nova casa, não na propria villa antiga de Piratininga, á margem do Tieté, mas sim no cimo de um morro sobranceiro a ella, e ilhado pelos valles de dois pequenos ribeiros, que com os nomes de *Taîbatâî* e de *Anhangába-hy*, isto é, de Apertado[1] e de „Agua da diabrura“, vão afluir no mesmo Tieté, cuja veiga toda do mencionado morro se domina. Para orago da nova casa foi invocado o intrepido apostolo das gentes S. Paulo, dizendo-se a primeira missa no proprio dia em que a Igreja celebrava a sua conversão. Depois, os Jesuitas conseguiram que os moradores da villa baixa passassem para perto de seu Col-

---

[1]) Vej. Montoya, fol. 354.

legio de S. Paulo; e que a antiga e primitiva villa Piratininga viesse toda a transferir-se para o alto, e a chamar-se de S. Paulo, nome este que, em vez de S. Vicente, veiu depois a extender-se a toda a capitania, desde que para essa villa foi levada a sede da mesma capitania.

Entre os morubixabas ou principaes dos campos visinhos nos conserva a historia os nomes de dois a que muito deveram os nossos colonos; — Tebiriçá e Cauby[1]; — o primeiro dos quaes tomou no baptismo o nome de Martim Affonso, e o segundo o de João, — naturalmente este em attenção ao nome do rei João III, ao do donatario aquelle.

Deixemos porêm ja os de S. Paulo, e voltemos a tratar de D. Duarte e do seu governo, contra o qual tudo se conspirava.

E possivel que D. Duarte chegasse ao Brazil animado de muito bons desejos; mas do seu governo não o podemos nós deduzir. Trouxera comsigo um filho, D. Alvaro da Costa, moço que havia servido em Africa: e que, pela idade ou pelo caracter, não reunia os dotes que devem suavisar as maneiras de todos os jovens, principalmente dos que se dedicam á vida publica, quando são mais vivos e talentosos. O bispo que, segundo ja sabemos, era de parecer que se não devia ser na terra demasiado rigoroso, viu-se obrigado a admoestar ao dito moço, ou a fazer n'uma pratica allusão a certo facto escandaloso pelo mesmo comettido. Protestou D. Alvaro tomar vingança; e valendo-se da predilecção natural da paternidade, e da cega prevenção do juiz que é ao mesmo tempo pae, conconseguiu alborotar a cidade; fazendo que o governador hostilizasse todos os que se mostravam partidarios do bispo, que era homem ja de sessenta annos, e que, só fizera advertencias ao governador ou ao seu filho, porque assim julgava cumprir com os deveres da caridade evangelica; não só em respeito a elles, como principalmente ao povo que arbitrariamente tyrannisavam. A desordem foi crescendo, graças a certos su-

---

[1]) „Tebiricá" poderia significar „Içá (formiga) dos velhacos" e „Cá-uby" „Mato Verde".

jeitos que sempre apparecem em taes occasiões, contando tudo quanto ouvem, e inventando até o que não ouvem.

As consequencias das desordens eram aggravos continuados de D. Alvaro, e vexações injustas do governador, que fez com que o bispo fosse chamado á côrte. Dá pena ler as cartas que ainda hoje se guardam na Torre do Tombo, todas asselladas com o cunho do partido a que pertencia o que as dictava e assignava. A camara da cidade, presidida pelo successor de Pero de Goes na capitania mór da costa (Francisco de Porto-Carreiro[1], o licenciado Jorge Fernandes, e algumas outras pessoas principaes, eram contra o governador, e por conseguinte em favor do bispo. Igualmente os seguia Antonio Cardoso; mas a este o daremos se quizerem por suspeito, como queixoso do governador, por lhe haver feito suspender seus ordenados de provedor mór, apenas terminára o praso de um anno, em que no dito cargo havia sido reconduzido; e por mais algumas accusações que nos dispensaremos de mencionar, por não termos dellas provas para mancharmos a memória de um dos doze primeiros donatarios, e do primeiro provedor mór deste Estado, que tão tristemente veiu a findar seus dias. As funcções de seu cargo passaram a ser exercidas pelo ouvidor Pero de Borges, conforme propozera Thomé de Souza, e seguiu com elle o successor do dito Borges[2], até que a experiencia provou alguns inconvenientes, na reunião dos dois cargos. Segundo tambem propozera Thomé de Souza, havia sido approvada a separação do cargo de capitão da cidade do de governador do Estado, e em tal conjunctura, fôra nomeado alcaide mór da mesma cidade Diogo Muniz Barreto[3]. Tambem não deixaremos para depois o dar conta da instituição de um protomedicato, ou antes da nomeação[4] pela corôa de um physico para a nova colonia. Foi o dito li-

---

[1]) Nomeado em 18 de abril de 1553 — Dois dias despois era nomeado Christovam Cabral para capitão de uma caravella ou navio de remo.

[2]) O licenciado Braz Fragoso, mandando-se lhe abonar (3 de ag. 1557) mais 60 $, por servir de provedor mór, além dos 200 $ que recebia como ouvidor geral.

[3]) Nomeado por carta de 2 maio de 1554. Chanc. de D. João III, Liv. 59, fol. 13 v.

[4]) Em 20 de abril de 1553.

cenciado Jorge Fernandes o primeiro que exerceu o cargo, cujo ordenado annual não passava de sessenta mil reis; — somma que não deixava de guardar proporção com a de duzentos mil reis, a que montava a congrua do bispo. Fôra igualmente nomeado[1] um mestre Pedro, cirurgião, para a capital do novo Estado, um Rodrigo de Freitas para thesoureiro do rendas, um Pero Carvalho para seu escrivão, e um Diogo Gonçalves Vieira, para provedor e contador.

Lamentando os tristes acontecimentos que tiveram logar durante a administração de D. Duarte, apressemo-nos a dizer que alguns não se devem tanto attribuir a ella, como á sua má fortuna. Os Francezes appareciam no Brazil em maior fôrça que nunca, e chegaram a estabelecer-se no Rio de Janeiro. Os gentios do Espirito Santo e de Pernambuco cobravam alento, e vinham assolando e ameaçando as povoações. Os Indios da costa, desde Cabo Frio até S. Vicente, atreviam-se a ir em suas canôas de voga arrancada prender á vista de terra, as caravellas que velejavam para S. Vicente. E, por fim, para que as calamidades se fizessem tambem sensiveis na capital, esteve esta ameaçada pelo gentio, que lhe bateu ás proprias portas; e depois chegou e enlutar-se com a noticia de que o seu primeiro prelado, acompanhado de alguns ecclesiasticos e de muitos principaes da terra, e familias que iam para Portugal, na náo Nossa Senhora d'Ajuda[2], haviam naufragado, não longe, sendo logo devorados pelo gentio. „Ali acabaram, diz Nobrega, clerigos e leigos, casados e solteiros, mulheres e meninos. Ainda escrevendo isto, se me renova a dor que tive quando vi que não havia casa em que não houvesse prantos e muitas viuvas e orfãos.“ Lamentemos sua tristissima morte, e console-

[1]) 24 de abril dito. De mais outro *selorgião* do primitiva cidade chegou o nome até nós; — o mestre Jorge de Valadares, ao qual em 10 de março de 1557 se mandaram liquidar contas.

[2]) Eis a lista que mandava a camara da Bahia na representação contra o governador de 18 de dezembro de 1556; O bispo, com o deão e dois conegos, Antonio Cardoso de Barros, Lazaro Ferreira, Francisco Mendes da Costa, Sebastião Ferreira (que ia por procurador da cidade) marido de Clemencia Doria, a sogra de Rodrigo de Freitas, a mulher de Braz Fernandes, seu pae Antonio Pinheiro e a „velha que veiu com as orfãs“.

nós ao menos, além da idéa de que Deus os terá em sua presença no número dos martyres, a justa esperança de que dia virá em que algum digno successor do primeiro prelado do Brazil se illustre, dedicando á memória deste e dos seus companheiros no martyrio, um monumento de piedade; — uma capellinha gothica nessa paragem em que morreram tantas victimas dos arbitrios de um governador, e do cannibalismo das gentes que o christianismo veiu a converter e a reduzir ao gremio da civilisação. Já é tempo de abandonarmos nossa apathia pelo passado; e o melhor modo de fazermos que o povo não seja indifferente é o de lhe despertar e avivar, por meio de monumentos d'arte, os factos mais notaveis. Os monumentos são as pégadas da civilisação em qualquer territorio: são as barreiras que devem extremar os tempos historicos desses de barbaridade, de cujas rixas cannibaes se não levantavam, e ainda bem, nem sequer provisorios trofeos.

O naufragio teve logar nos baixos chamados de D. Rodrigo, quasi á foz do Rio Coruripe; e a matança dos naufragos um pouco mais ao norte, em um local na margem esquerda do Rio de S. Miguel, que ainda hoje é indicado pela crença popular; a qual acrescenta a observação de que o sangue do primeiro bispo do Brazil tornou esteril todo o territorio.[1]

Durante a sede vacante, de alguns annos, ficou ao vigario geral do bispado, o Dr. Francisco Fernandes, o cuidado deste rebanho; e, a nos regularmos pela conta que deu o segundo bispo, importantes serviços prestou ao Brazil, cujas differentes capitanias visitou.

Antes do fatalissimo naufragio, tinham tido logar os factos que apontámos, e de que nos iremos succesivamente occupando, senão pela ordem em que succedederam, ao menos pela que melhor pareça accommodar á nossa relação.

---

[1]) Rev. do Inst., II, p. 112. O quadro que publicámos desta matança foi tomado de outro Ms. cujo autor parece ter tido presente as palavras de Brito Freise ((§. 149, p. 77): „O bispo ... posto de joelhos com os olhos e as mãos levantados para o Ceo, esperou os golpes da morte, sem mudança no rosto."

O ataque do gentio contra a cidade veiu nem que de molde para que o joven D. Alvaro tivesse occasião de remir em parte as faltas que commettêra. E' por isso que nos daremos pressa a tratar delle primeiro, desejosos de alivial-o um tanto da tremenda reprovação moral em que o deixámos.

Deram os gentios rebate, contra o seu costume, ao meio dia, começando por investir o engenho de Pirajá; donde passaram a fortificar-se no Porto Grande, entre esse engenho e a cidade; porêm, ao mesmo tempo que uns, com esta investida, aprisionaram muitos christãos, iam outros assaltar em Itapoam as manadas e os vaqueiros de Garcia d'Avila, joven criado com Thomé de Souza, e que chegando com este governador á Bahia sem cabedaes, era agora um dos primeiros proprietarios do districto.

Fôra o ataque dirigido comtoda a premeditação pelos Barbaros; por isso mesmo que o executavam quando o governador, chamado a Pernambuco pelo perigo em que estava capitania, tinha poucos dias antes deixado a Bahia, onde, em virtude do temporal, se vira obrigado a arribar e a ter alguma demora, o que lhe permittiu dar as necessarias providencias.

Foi, como dissemos, seu filho D. Alvaro o encarregado de castigar o insulto que se estava fazendo á cidade. O joven capitão, naquella mesma noite, á frente de setenta homens de pé e seis de cavallo, acommetteu a tranqueira que ja haviam feito os gentios, e depois de alguma resistencia a entrou, apezar das cavas estrepadas com que estava defendida. O chefe dos Barbaros ficou prisioneiro, e a derrota veiu a ser maior; porque, quando aquelles iam a retirar-se, se acharam sem as canôas, que haviam sido tomadas ou queimadas por Christovam d'Oliveira, capitão da náo Esperança, fundeada na Bahia; e o qual, com os bateis artilhados, fôra tornear o inimigo pelo lado do esteiro, que alêm de Itapagipe se espreguiça pela terra dentro.

Logo o governador mandou D. Alvaro a Itapoam, com cento e sessenta homens; porêm os gentios dessa banda, ja inteirados do que succedera aos outros, faziam pé atraz, cedendo humildemente, e entregando o gado que haviam tomado, e os prisioneiros que retinham.

MATANÇA DO 1º BISPO DA BAHIA E DE SEUS COMPANHEIROS

A.F. Lemaitre, 23 quai de l'Horloge — Imp. F. Lamoureux, Paris

Os do lado do Pirajá voltaram no dia immediato em número muito maior, — de mais de mil, e circumvalaram de tres cercas o dito engenho, em que estava seu dono o provedor mór que fôra. De novo lá acudiu, com quanta gente poude juntar, o mesmo D. Alvaro, e foi dar em cinco aldêas, em uma das quaes se fizeram os inimigos firmes. Passou D. Alvaro a desalojal-os de uma grande cerca, a que se haviam recolhido, e na qual apresentaram tal resistencia que Christovam d'Oliveira, que commandava a dianteira, teve o braço atravessado de uma frecha; o escrivão dos contos Pero Fernandes recebeu outra na testa; sendo igualmente feridos de frechadas, d'entre os principaes, Manuel Jaques[1], capitão de um navio que fôra soccorrer Pernambuco, Fernão Vaz e Ayres Quinteiro. D. Alvaro foi mais afortunado; pois todas as feridas recebeu no cavallo que montava. Os vencidos retiraram-se para a banda do Rio Vermelho. Mas constando na cidade que se começavam a reunir em quatro ou cinco tabas, guarnecendo-as de cahiçáras, la foi ainda D. Alvaro; porêm, á sua aproximação, fugiram todos espavoridos, e seus trabalhos foram desfeitos e as aldêas incendiadas.

Estes acontecimentos, talvez crueldades, longe de incitarem os gentios a tomarem vingança, produziam o effeito contrário[2]. Os mesmos que conhecidamente haviam estado nas conjurações, e ás vezes ja no campo, apenas ellas se mallogravam, prostravam-se ante o vencedor, de um modo para nós aleivoso e ignobil; porêm astucioso para elles, que desconheciam o brio, e as nossas leis de honra[3].

Apenas correu a notícia do desbarato causado por Dom

---

[1]) A este Manuel Jaques, como capitão de navio Santo-Antonio, que se fazia prestes, em 1551, para vir ao Brazil se mandava dar regimento, em carta datada de Almeiriu em 6 de março desse anno.

[2]) E da guerra bem dada ou mal dada soube (Nosso Senhor) tirar esse bem que os Indios ficassem sujeitos e medrosos e dispostos para agora receber o Evangelho e a doutrina de Christo (Nobrega, Carta a Thomé de Souza 1559).

[3]) Dos indigenas americanos em geral, diz Vargas Machuca, fol. 132 v. „Es gente sin honra, los mas principales mienten en cuanto dizen e prometen. Son muy amigos que el Español les guarde la palabra, no sabiendola ellos guardar."

Alvaro, vinham ou mandavam de todas partes os principaes dar preito ao governador, assegurando-lhe que sempre haviam sido seus amigos, e fazendo entrega da gente que em suas aldêas detinham captiva. No número se incluiu por esta occasião o Tubarão (Iperú), um dos mais temidos principaes daquelles contornos, e que era visinho dos levantados, e pòr ventura com elles mancommunado.

Apezar de tanta submissão, o governador tratou logo de organizar seis companhias ou antes esquadras; e deu o mando dellas a alguns dos mais notaveis da terra, que eram de sua parcialidade. Ao mesmo tempo requereu, pela armada que fazia regressar ao reino, por não ter meios para pagal-a, que se lhe mandassem com que manter de soldada uns oitenta homens d'armas, ou ao menos os do pequeno número ja organisado, quando saissem a pelejar. — Eis a origem de um primeiro contigente de exercito no Brazil.

As mencionadas victórias não faziam o governador nem seu filho mais populares. Queixou-se o povo de que elles decidiam a guerra, sem tomar accordo com os que em taes negocios deviam ser mais interessados, e pediam por isso ao rei que o novo governador que fosse nomeado trouxesse a mulher, mas não filho homem solteiro, se o tivesse; pois agora pae e filho abusavam de tal modo, que só cuidavam de seus lucros, assim no conceder as licenças para o resgate com o gentio, e em occupar nisso os bergantins do Estado que deviam estar correndo a costa, como no dar officios de escrivão da camara, juiz e escrivão dos orfãos, inquiridor e escrivão d'almotaceria, alcaide do campo e carcereiro; e em destribuir as terras a forasteiros que as tornavam a vender aos colonos, concedendo-as até do rocio da cidade, o qual chegou a reduzir-se a quarenta braças. Além disso queixava-se de commetter o governador o arbitrio de não deixar sair para o Reino os que, não sendo seus apaniguados, podessem ir representar contra elle, chegando a prendel-os, quando julgava que ás escondidas o queriam fazer.

O povo estava vexado, e só tinha em seu favor o recurso da ordenação de dar por suspeito o proprio ouvidor, mui ligado ao governador. — Mas este recurso custava-lhe caro, pois que, para evital-o, havia o mesmo ouvidor proposto e conseguido

que por cada suspeição se deviam depositar dez cruzados, somma que muitos pobres não tinham.

Na capitania do Espirito Santo, onde mais que nas outras se havia admittido o uso da idade média de se vender o gentio a si ou de se *furtar a si mesmo*, como dizia Nobrega, tanto dessa pratica absuram os colonos, que sendo os vendidos volueis e em grande número, se levantaram, destruiram muitas fazendas e mataram os principaes; a saber: D. Jorge de Menezes, D. Simão de Castello Branco, Bernardo Pimenta e Manuel Ramalho. Depois continuou a mesma capitania apouquentada dos Barbaros visinhos, ameaçada dos Francezes, e por fim, sempre em contendas e guerras civis taes, que deixou de medrar. Se a colonisação tem caminhado de outro modo, se é levada a cabo com mais gente, e emprehendida pela corôa (como maior capitalista) á maneira da Bahia e do Rio, talvez seria hoje a provincia do Espirito Santo uma das mais ricas do Brazil, e a cidade da Victoria, ou alguma outra construida em sitio apropriado no continente, um dos seus emporios. Neste caso houveram ¿quem sabe? os habitantes desta provincia sido os descobridores das Minas, a parte de cujo territorio se acha geographicamente ligada.

Em Pernambuco depois da morte do donatario Duarte Coelho[1], ficou sua mulher D. Brites d'Albuquerque por governadora e administradora da capitania, e ahi se achava em 26 de março de 1577, em que encontramos o seu nome em uma doação. O joven segundo donatario Duarte Coelho d'Albuquerque e seu irmão Jorge d'Albuquerque Coelho, ja nascido no Brazil[2], estavam então educando-se em Portugal.

O gentio que tanto havia experimentado a têmpera do velho capitão, ao saber que elle deixára de existir, juntou-se em grande número, e veiu assolando e incendiando quanto topava. Assaltou Igaraçú, e destruiu inteiramente um engenho ja ali acabado. Outro engenho (de Santiago), feito por Diogo Fer-

---

[1]) Em 1554, e segundo Jaboatão (Preambulo p. 87), a 7 de agosto; mas parece haver sido no principio desse anno; pois já em 10 de maio era passada a carta de confirmação em favor de seu filho (Liv. 3°. de Filipe 1°., f. 282).

[2]) Em abril de 1539.

nandes e seus socios, naturaes de Vianna do Minho, com mui boas terras, excellentes aguas, madeiras e lenhas, e em que se fabricavam por anno dez mil arrobas de assucar, foi abandonado por falta de gente e armas com que se defendesse. Em vista do quê, D. Brites confiou a seu irmão Jeronymo d'Albuquerque o governo da capitania. Este capitão, apenas se desenganou de que era necessario conter a insolencia do gentio, reuniu quantos dos seus poude; deu nelle devéras, e em 28 de agosto de 1545 ja o julgava submettido, atemorisado, e „callado", segundo se expressa na carta que então escrevia ao rei. Este bravo chefe teve ainda para o diante[1] occasião de prestar muitos serviços á terra que adoptára por patria, e á qual legou, com sufficientes bens, vinte e quatro filhos, entre legitimos e naturaes[2].

Se pela banda do norte os Barbaros não levavam a melhor, outro tanto não succedia para o sul, a contar do Espirito Santo. Todos os morubixabas ou chefes dos mesmos Barbaros, desde o Cabo Frio até a Bertioga, estavam unidos e prestavam obediencia a outro chefe maior que chamavam Cunhambebe[3], o qual se gabava da proeza de haver trincado carnes de uns dez mil dos seus inimigos, para cuja morte concorrêra. Se bem que a presença dos Europeos, tão superiores aos Indios nos meios de ataque e defensa, lhes poderia instinctivamente haver aconselhado esta harmonia ou alliança contra o inimigo commum, somos antes propensos a crer que ella não procedia tanto da abnegação dos chefes subalternos, como do ascendente que sobre elles exercia o grande Cunhambebe, que, todos tinham razão para temer. Cunhambebe foi, dos chefes que dominavam, com a sua marinha de canôas, todos os reconcavos

---

1) Segundo Jaboatão falleceu em 1594: e seguramente depois de 13 de novembro de 1584, em que assignou o testamento; do qual se collige parte de sua vida e de sua descendencia.

2) Foi d'uma filha sua natural Catharina d'Albuquerque, casada com o Florentino Filippe Cavalcanti, que procedeu a familia Cavalcanti d'Albuquerque, ou antes (á maneira antiga ainda usada em Hespanha) Cavalcanti e Albuquerque. Segundo Villas Boas, este Filippe Cavalcanti passára de Florença a Portugal pelos annos de 1558.

3) Quoniambebe diz Staden. Este nome pode traduzir-se: „O voar da mulher" „Cunhâ-bébé".

e angras desde a dos Reis até ás da Ilha de S. Sebastião, o que mais fortuna conseguiu em suas tentativas, não só de arremettidas por mar ás colonias de S. Vicente e de Santos, pela barra de Bertioga, e a esta mesma barra depois que teve fortaleza; como nos ataques e abordagens que ousava dar ás galés e caravellas que por ali passavam sem artilheria, e até ás artilhadas e mui bem guarnecidas, que fundeavam e se descuidavam durante a noite. As primeiras victórias lhe tinham augmentado a audacia, e seu nome se repetia, na colonia de S. Vicente e nas galés de toda a costa, com tanto terror como pouco antes, nas aguas e costas do Mediterraneo, se proferira o do celébre Hariadam Barba-Roxa. Cunhambebe ja não temia a artilheria, e de tal modo com ella se familiarisou que se contava que, havendo-se apoderado de dois falcões, os levava comsigo carregados, e sobre os proprios hombros lhes dava fogo em retirada, se era necessario, aguentando elle o recúo [1].

O escriptor francez André Thevet quiz-nos deixar deste temivel chefe tão exacta pintura que até o retrato possuimos, com a perfeição proverbial de todos os dos personagens do tempo que incluiu na sua cosmographia. Era Cunhambebe bastante alto, membrudo, e de horrenda catadura: levava furado e com um botoque no sentido vertical o labio inferior: nas orelhas arrecadas não desproporcionadas, e ao pescoço um collar de busios em volta dobre, do qual pendia, na dianteira, um grande caramujo. Era de feições grandes e grosseiras: as rugas da frente e das faces descobriam quantas vezes em vida conhecêra o perigo a que se arrojára. A expressão do rosto podemos dizer que respirava uma melancolia feroz.

Todos os chefes dos contornos prestavam, como diziamos, cega obediencia a este Barbaro temivel, que era o primeiro a sacrificar-se na occasião do perigo, e que, apezar de implacavel sempre para os inimigos e orgulhoso dos proprios feitos de um modo insupportavel, não deixava de prestar-se a certos armisticios com os navios portuguezes, que, devidamente prevenidos, vinham fazer resgates ou propor conciliações, como

[1]) Thevet dá deste facto uma gravura ua sua célebre *Cosmographia.*

succedeu com os Jesuitas, cuja roupeta acataram sempre elle e os seus successores.

Podemos ter uma perfeita idéa do que era o governo e o dictatorado de Cunhambebe, pela peregrinação que ahi fez como captivo Hans Staden, o qual, conseguindo escapar-se, voltou a Hesse, sua patria, e em Marburg publicou em allemão a narrativa de quanto soffrêra e observára, e merece que lhe dediquemos algumas linhas.

Staden, que pela segunda vez viajava para estas paragens, havendo estado da primeira vez em Pernambuco (donde fôra, como vimos, de socorro a Igaraçú) havia sido um dos naufragos da mallograda expedição do hespanhol Senabria, e em S. Vicente se aposentára em casa de seu patricio Heliodoro Eoban, filho do poeta allemão deste appellido, e feitor do engenho do genovez José Adorno. Mandado por Thomé de Souza para servir de bombardeiro na fortaleza da Bertioga, um dia que se descuidou pelo mato, foi assalteado pela gente de Cunhambebe. Despiram-o, levaram-o por mar a Ubatuba, então simples aldêa d'Indios; onde depois de lhe raparem as sobrancelhas e cortarem-lhe as barbas, lhe fizeram a cerimonia do *poracé*. Ahi ficou por escravo do chefe Iperúaçú ou Tubarão-grande; e passou a ser apresentado a Cunhambebe, que se desvanecia ao ouvir da propria boca do prisioneiro quanto o seu nome era conhecido e temido na terra de *Morpion*[2] ou de S. Vicente.

Seria demasiado longo e alheio a nosso fim, acompanhar o prisioneiro em todas as suas peregrinações obrigadas. Bastenos saber que os Indios não o mataram, pelas continuos protestos que elle fazia de não ter que ver com os Portuguezes, aos quaes foi pelos Indios obrigado a fazer fogo com a sua espingarda. A obra de Staden nos informa de um incendio lançado pelas canôas da Bertioga á aldêa india Mambucaba[3], de uma victória ganha pelos de Cunhambebe, em certa ex-

---

[1]) Helio Eoban que nasceu em 1488 e falleceu em 1540.
[2]) Vej ante, secçâo VIII, pag. 123.
[3]) De *Mbocáboç*, que segundo Montoya (Vocab., p. 241) significa fortaleza ou sitio fortificado.

pedição que fez com trinta canôas, guarnecida cada uma de mais de vinte combatentes; e nos dá a final clara idéa da frequencia com que vistavam os navios Franceze estas paragens, — principalmente o Rio de Janeiro.

Tal frequencia dos navios francezes não era desconhecida na cidade do Salvador, onde por outro lado se sabía que as náos dessa nação ousavam até chegar d'ali doze leguas, a Tatúapára; — não falando em tres junto ao Porto dos Francezes, duas das quaes avistára o donatario do Espirito Santo vindo de Pernambuco. Um Gaspar Gomes, dos Ilheos, saido de S. Vicente, fôra por outro lado detido dois mezes e meio no Rio de Janeiro por uma náo franceza, cujo commandante o não deixou seguir, em quanto não acabou de carregar obra de sessenta moios de pimenta e algum brazil. O mesmo Gaspar Gomes dava razão de que ali tinham ficado linguas e feitores preparando mais carga, e de que em Cabo Frio carregava outra náo. Estas notícias confirmava o ouvidor geral, que chegára de nova correição; e Luiz Alvares, morador em S. Vicente, que dizia haver encontrado uma náo de trezentos homens, da qual se escapára fugindo; e finalmente Braz Cubas, vindo de Santos, dava notícia de uma fortaleza que se construia em Cabo Frio[1]. Pouco tempo depois chegava tambem a notícia de que ficavam muitos da mesma nação estabelecidos em uma ilha á boca da enseada do Rio de Janeiro, com a circunstancia de não serem catholicos, como até então; porêm sim hereges da seita de Calvino. Era ja a notícia da empresa de Nicolao Durand de Villegagnon.

Este ousado nauta, natural de Provins, tinha-se antes feito célebre principalmente pelo modo com que, apezar dos cruzeiros inglezes, havia atrevidamente transportado para França a Rainha Maria de Escocia, que estava em Dunberton[2], porto de seu reino. Espirito emprehendedor e amigo da celebridade, teve occasião de saber o que era o Brazil, e como tanta riqueza e tanta terra e tantos portos estavam desattendidos. Ideou pois uma colonisa-

[1]) Esta noticia é confirmada pelo que nos diz Thevet, f. 909. — Os Francezes começaram por estabelecer-se em Cabo-Frio.
[2]) Thuanus, citado por Southey. I, 280.

ção em ponto grande nestas paragens, escolhendo desde logo para o assento della a portentosa bahia de Janeiro, chamada por alguns do paiz *Iterone* ou *Nicteroy* e por outros *Guánabará*[1]. Deve porém advertir-se que ja, pelo menos desde 1554, haviam sido na mesma bahia concedidas sesmarias por Pedro Ferraz Barreto, loco tenente de M. Affonso a Jorge Pires, seu filho Simão Machado e outros.

Para levar ávante o seu plano, ideou Villegagnon angariar em favor delle ao almirante de França Gaspar de Colligny, representando-lhe como se podia no Brazil criar um asylo para os emigrados protestantes, do qual, a todo tempo, haveria facilidade de hostilizar os Hespanhoes, afim de fazer-lhes divergir para estas bandas os seus recursos bellicos. O projecto agradou a Colligny, e, approvado por Henrique II, foram a Villegagnon cedidos dois navios, com os quaes partiu do Havre; e ao cabo de uma pessima viagem, no principio da qual se vira forçado a arribar a Dieppe, alcançou o desejado porto.

Reservando para quando nos occuparmos adiante da fundação da nossa cidade capital a descripção da magnifica bahia chamada Rio de Janeiro, saibamos por agora, e tanto nos basta, que perto do meio da barra desta bahia existe um ilheo quasi razo com o mar, e a modo de uma grande lage, que na verdade parece que a poz naquelle sitio a mão de Deus, para servir como fortaleza á defensa de todo o porto. Foi ahi que primeiro desembarcou o ambicioso e hypocrita aventureiro, e tentou construir uma bateria de madeira. Vendo porêm que o ilheo ou *Lage* se alagava com as marés enchentes, e que não tinha recursos bastantes para domar então a furia das ondas e construir fortaleza com muralhas nesse logar, passou a fortificar-se n'outro ilheo maior um pouco mais dentro á mão es-

---

[1]) Se é que da parte de quem primeiro escreveu esta palavra (que assim foi impressa em 1557, em França, nas datas de umas cartas) não houve algum equivoco em vez de „Guá-ná-para“ ou „Pará-ná-guá“: nome este em que tão commummente os Indios designavam os lagos ou os lagamares no Brazil, e que quer como dizer „Saco do mar“. Quanto ao nome *Nicteroy* parece-nos que a verdadeira etymologia deve ser „Rio da agua fria“: *ig*, agua *teroig*, frio. Não podemos comprehender como outros desencantam nesta palavra o significado de „agua escondida“.

querda, ao qual então denominavam de *Serigipe*[1]. D'ahi veiu o ter-se chamado, a este ilheo maior e á fortaleza, *de Villegagnon;* o que, adulterado pela nossa gente, se ficou dizendo, mais aportuguezadamente, Villagalhão[2]. O fundador havia-lhe dado o nome de Colligny, em honra de seu protector, e reservára o de Villa-Henrique (Henryville) para o estabelecimento sobre a praia visinha na terra firme[3] onde principiaria a cidade, se elle persiste. O cosmographo André Thevet pretendeu que o paiz se ficasse chamando *França Antartica,* e assim o designou ja no proprio titulo do livro das coisas singulares do Brazil que publicou em 1558[4].

Apenas estabelecido, despachou Villegagnon para a Europa um navio, e ponderava a Colligny o exito da expedição, e as boas disposições que encontrava na gente da terra, para a qual pedia missionarios da seita de que se queria fazer patrono, antes ainda de nella se alistar do coração.

Se nessa colonia tem desde o principio reinado a necessaria harmonia, e se os colonos francezes, ja seguros dos Barbaros, passam para o continente, á chegada dos reforços esperados, e fazem algumas plantações, e adquirem por meio destas o amor á terra que dá a propriedade della, quando amanhada com o proprio suor, talvez ninguem houvesse podido mais desalojal-os; e o Rio de Janeiro e seus contornos, pelo menos, pertenceriam hoje, como Cayenna, á França ou formariam acaso uma nação independente de colonisação franceza, ou,

---

[1]) Consta dos apontamentos das informações que Men de Sá obteve dos linguas em 1558, e que remetteu á côrte, os quaes desgarrados do documento original, que se guarda na Torre do Tombo, vieram casualmente a nosso poder, mui sumidos de lettras. „Serigipe" composta de „Seri" caranguejo deste nome, „gy-pe", (cabo de machado ou instrumento cortante) applicado ao caranguejo quer dizer os seus ferrões.

[2]) Não falta quem pretenda resuscitar para a fortaleza o antigo nome e orthographia. Quanto a nós não ha para isso mais razão do que para chamar-se em Pernambuco forte do „Bruyne", a que todos chamamos hoje do „Brum". *Vilagalhão* se lê no mappa do Rio de Janeiro da *„Razão do Estado do Brazil em 1612"*.

[3]) Provavelmente no local onde hoje está assentado o edificio da Santa Casa da Misericordia.

[4]) *„Les Singularitéz de la France-Antartique."* — O original desta obra guarda-se na Bibliotheca Pública de Pariz, segundo fez conhecer o Sr. Ferdinand Denis.

Deus sabe! quasi africana, como o Haiti, se é verdadeira a idéa que alguns tem de que os Francezes, com excesso amigos da sua França, não são um povo colonisador. Mas melhor o tinha disposto a Providencia, em favor da futura unidade da actual nação brazileira, que fala toda a mesma lingua, e professa, Deus louvado, a mesma religião.

A ilha não continha manancial algum, o que obrigava, aos moradores, ao trabalho de irem todos os dias por agua. Os viveros começaram a escacear, e os colonos se viram necessitados, para não morrerem á fome, de sustentar-se da mandioca e outro mantimento do paiz, a que não estavam habituados. A colonia vivia descontente. Neste comenos quiz Villegagnon obrigar a um Normando, grande lingua dos Indios, a casar-se com uma gentia com quem estava em relações, segundo o uso adquirido no paiz, onde havia tanto tempo residira. Tanto bastou para que esse homem se declarasse cabeça de motim contra o chefe. Este, descobrindo uma conspiração de uns vinte e seis individuos, mandou enforcar e estrangular o cabecilha, pôz dois em ferros; um dos quaes se afogou no mar. Aos mais perdoou, — naturalmente depois de lhes exigir juramento de fidelidade.

Entretanto chegava á colonia um refôrço de perto de trezentos homens, em tres navios armados por conta da corôa. Commandava-os Bois le Comte, sobrinho de Villegagnon; e vinham junctamente dois theologos calvinistas, sendo um delles Jean de Lery, Genebrino, a cuja penna devemos um importante livro ácerca desta expedição, com muitas notícias sobre a ethnographia dos Indios, livro que só mais de vinte annos depois se imprimiu[1]. O refôrço, longe de trazer á colonia franceza paz e concordia, como julgava Villegagnon, em uma carta que escrevia a Calvino, veiu augmentar o número dos queixosos contra aquelle chefe, e descobriu que elle, pelo seu caracter despotico e bulhento, daria pouco que fazer aos legitimos dominadores da costa do Brazil.

---

[1]) La Rochelle, 1578; Rouen, idem; e depois Génêve, 1580; La Rochelle, 1585; e Paris, 1586.

Porêm nem em S. Vicente, nem na Bahia, se conheciam estas desordens, que lavravam na colonia, ainda apenas nascida; e naturalmente só se teria notícia do partido que entre os gentios ganhava Villegagnon, tão em extremo justo e liberal com elles (aos quaes mandava ensinar „todo o genero de officios e d'armas"), quão rígido com os seus, que fazia enforcar sem processos[1]. D. Duarte da Costa, conhecendo, em todo caso, que cumpria desalojal-os, pedia refôrço a Portugal, onde, pela morte de D. João III, fôra acclamado rei seu neto D. Sebastião, e durante a menoridade, regente do reino a Rainha D. Catherina sua avó. Ao mesmo tempo, não cessavam as representações do povo contra elle governador e seu filho, e contra o ouvidor geral, pelos vexames que lhe faziam. Em 1556 pedia a camara da Bahia, a altos brados, „em nome de todo o povo que, *pelas chagas de Christo*", mandasse a metropole com brevidade governador e ouvidor geral, retirando os que estavam, pois para penitencia de peccados ja bastava tanto tempo. Essas repetidas representações nem por isso faziam que mais depressa se aprompt asse a partir o individuo designado tempo antes para desempenhar o primeiro daquelles cargos. O mencionado segundo governador, antes de largar o mando, em 16 de janeiro de 1557, doou a seu filho e successores, uma sesmaria de quatro leguas de terras, entre os rios Paraguassú e Jaguaripe[2], que elrei reduzia, em 1565, a uma capitania, com parte das clausulas concedidas aos primeiros donatarios.

Nos ultimos mezes do governo de D. Duarte, falleceu na povoação do Pereira, junto á Bahia, o célebre Diogo Alvares, Caramurú[3].

Quando as notícias da communicação das colonos da Assumpção para o rio de S. Francisco do sul, e a da occupação do Rio de Janeiro pelos Francezes chegaram á Corte de Castella, baixaram dali ordem em 1557, ao governador do Rio

---

[1]) Carta de Men de Sá, Pizarro, I, p. 14.
[2]) Conf. a Alvaro da Costa em 27 de nov. 1565 — Liv. 17 D. Leb. e D. Henr. f. 61.
[3]) Accioli, Mem. da Bahia, III, 205.

da Prata, no mez de fevereiro, para fazer uma povoação no dito rio de S. Francisco; e em maio para desalojar os Francezes, fazendo igualmente alguma povoação onde assentasse melhor, se assim o julgasse necessario[1].

---

[1]) Lib. *Rio de la Plata* (Acad. de la Hist. en Madrid) B. fol. 29 e 33.

SECÇÃO XVIII.

MEN DE SÁ. EXPULSÃO DOS FRANCEZES. CAPITANIA DO RIO DE JANEIRO.

Socorro ao Espirito Santo. Morte de Fernão de Sá. Carta Regia a Men de Sá. Carta Regia á cidade a favor dos Jesuitas. Missões de Indios. Os Barbaros submettidos pelo terror. Soccorro aos Ilheos. Peleja-se nadando. Recolhe Men de Sá. Chega a frota ao Rio de Janeiro. Rende Men de Sá o forte de Villagalhão. Vai a S. Vicente. Guerras e explorações no Sertão. Invasões dos Aimorés em Porto Seguro. Purís. Suá origem provavel. Missões junto á Bahia. Aulas da lingua Tupi. Prosperidade da Bahia. A colonisação do Rio de Janeiro. Estacio de Sá. Vai a S. Vicente. Reforços das differentes capitanias.

A situação crítica em que estava o Brazil pedia um governador activo, entendido, e sobretudo honesto. Todos estes dotes reunia o dezembargador Men de Sá, fidalgo de Casa e do Conselho do Rei, irmão do conhecido poeta Francisco de Sá de Miranda, e que no cargo de chefe da administração geral do Brazil sustentou os creditos de que ja gosava[1], como „homem de grande coração, zelo e prudencia, acompanhado de lettras e experiencia de paz e de guerra.“

Foi nomeado em 23 de julho de 1556, por tres annos, com os mesmos vencimentos e poderes que o seu predecessor.

Chegando á cidade do Salvador, logo Men de Sá „come„çou a mostrar sua prudencia, zêlo e virtude.“ Cortou as „longas demandas que havia, concertando as partes, e as que „de novo nasciam atalhou da mesma maneira; ficando as au„diencias vazias, e os procuradores e escrivães sem ganho, que „éra uma grande immundice que comia esta terra, e fazia gastar

---

[1]) „E pois serve V. A. tão bem“, etc. diz o bispo Conde de Coimbra, em carta que escreveu a elrei em 17 de junho de 1547, na qual pede não consentisse S. A. que este desembargador fizesse obras na igreja de Nogueira, que nelle renunciára seu irmão, antes della prior. A carta de administração da Capella está no Liv. II, da Chanc. de D. João III, f. 104 v. A. de Desembargador da casa da Supplicação, no Liv. 31, f. 97.

„mal o tempo, e engendrava odios e paixões. Tirou quanto „poude o jogo, que era outra traça, fazendo a todos entender „em seus trabalhos com fructo[1]."

Seguiu Men de Sá occupando-se na Bahia em animar o adiantamento das obras da sè, e o acabamento de um engenho, começado antes por conta do Estado. Porêm ao que mais que tudo se dedicou, como assumpto que tambem lhe estava recommendado, foi a cuidar do gentio. Começou por fazel-o reunir em grandes pegulhaes, ás ordens de um *meirinho* ou principal d'elles mesmos, aggregando-lhes parochos da Companhia de Jesus; quer dizer, começou por organizar de cada quatro ou cinco tabas ou aldêas indias uma só *missão*; instituto este que depois cobrou tanto desenvolvimento em outros districtos, em favor da mesma Companhia. Então se fundou a missão de S. Paulo junto ao rio Vermelho, proximo da cidade; a do Espirito Santo, no rio de Joanne, e outras. A todos os Indios visinhos da Bahia, prohibiu Men de Sá, com graves penas, a pratica da anthropophagia[2]. Um principal da ilha de Cururupeba despresou esta prohibição, e proseguiu em suas bachanaes. Soube-o o governador, e logo o mandou prender por uma partida que confiou a Vasco Rodrigues de Caldas. Foi ao principal tão proficua esta prisão, de quasi um anno, que veiu a ser um dos melhores amigos dos colonos. Cada nova experiencía vinha confirmar com quanta verdade escrevêra ao rei a camara da Bahia: „Se V. A. quizer tomar informações por pessoas que bem conheçam a qualidade do gentio desta terra, achará que por mal e não por bem se hão de sujeitar e trazer á fé; porque tudo o que por amor lhe fazem attribuem é com medo e se danam com isso."

Estavam ja, pelo terror, os gentios á roda da Bahia sujeitos, excepto os do Paraguassú, que caiam de improviso sobre as canoas dos nossos sempre que podiam. Uma occasião apoderaram-se de alguns escravos africanos, e intimados para os restituir, o recusaram fazer. Para obrigal-os, mandou o gover-

---

[1]) Palavras do P. Nobrega em carta escripta a Thomé de Souza em 1559.
[2]) Nobrega, Carta a Thomé de Souza em 1559.

nador contra elles, com alguma gente, o mencionado Caldas. Este ousado caudilho saíu a acommettel-os, e sem perda de nenhum christão, de tal arte deu nos Barbaros que, como diz um contemporaneo jesuita[1], „quebrou o encantamento dessa gente", que era de modo que ás suas terras ninguem atéli ousava aproximar-se. O resultado immediato foi a submissão de alguns principaes, e a entrega pontual de quanto haviam tomado, não só os castigados, como os visinhos.

Duas entradas mais, com igual exito, que por esse lado fez o mesmo Caldas, acabaram de submetter de todo o gentio desse destricto, que era o primeiro a implorar a nossa amisade, apenas se persuadia de que o não temiamos. Taes resultados acabaram de convencer a Men de Sá, como tinham chegado tambem pela propria experiencia a convencer a Thomé de Souza, de que o bem áquelles miseraveis canibaes devia ser feito á fôrça, e apezar delles[2], que por não conhecerem a caridade evangelica nem a piedosa philantropia, não julgavam possivel que outros homens se votassem exclusivamente ao seu bem, como nos diz a historia do christianismo que, com a maior abnegação, se tem votado tantos martyres, muitos dos quaes glorificamos em nosso kalendario. Facil era de ver que os Indios, crianças pelo entendimento, só podiam ser conduzidos á civilisação, tendo sobre elles os chefes a mesma autoridade e supremacia carinhosa que sobre os filhos e pupilos concede a nossa legislação aos pais e tutores.

Estes beneficios eram tanto mais de reconhecer-se, quando o governador se occupava disso, em meio de outros cuidados e da pungente magoa que lhe devia causar a perda de um filho sacrificado aos Barbaros; pois viu-se obrigado a attender com soccorros aos clamores dos habitantes da capitania do Espirito Santo, que, a braços com os seus Indios levantados, teriam de todo abandonado a terra, se lhes não acode tão depressa o novo governador, com um refôrço ás ordens de seu filho Fernão de Sá.

Este joven chefe expirou ferido de uma frechada, apenas

---

[1]) Nobrega em 1559.
[2]) O. P. Nobrega 1559.

havia cumprido a sua missão, e lhe succedeu no mando um certo Diogo de Moura. Pela gente do Espirito Santo poude Men de Sá informar-se, mais por menor, de quanto se passava com os Francezes do Rio de Janeiro, e enviar á côrte uns apontamentos do que colhêra, aos quaes acrescentava: „Todo o seu fundamento é fazerem-se fortes; têem muita gente e bem armada; as suas roças não são senão de pimenta. Prazerá a Nosso Senhor que se lhes desfarão todos estes pensamentos."

Para tal fim propoz Men de Sá que se tomasse a Vasco Fernandes a capitania que este donatario velho, aleijado, e sem meios, nem esperanças de a poder restaurar, se promptificava a ceder á Corôa, e lembrava, para proteger as capitanias do sul, que no Espirito Santo se fundasse outra cidade real, como aquella do Salvador, lembrança que depois modificou preferindo, como Thomé de Souza, o Rio de Janeiro, apenas viu sua portentosa bahia. Além desta lembrança, fazia á côrte várias outras, algumas das quaes a Rainha-regente veiu a approvar, como se pode colligir da seguinte carta régia que lhe dirigiu:

„Men de Sá, amigo: Eu a Rainha etc. — Por D. Duarte da Costa recebi vossas cartas, pelas quaes me daveis conta da maneira em que me ficaveis servindo nessas terras; e depois recebi as vossas cartas do primeiro de Junho e dez de Setembro; e por ellas soube como a capitania de Vasco Fernandes Coutinho ficava muito pacifica, e o seu gentio tão castigado, mortos tantos, e tão principaes, que parecia que não levantariam tão cedo cabeça: e recebi muito contentamento com estas boas novas; posto que das de Fernão de Sá, vosso filho, acabar nesta guerra me desaprouve muito. Mas sendo tanto em seu logar e em cousa de tamanho meu serviço, não ha ahi que fazer-se senão dar-se a Nosso Senhor por tudo muitos louvores, como vejo que fazeis, o que vos agradeço muito. E quanto á determinação em que ficaveis de irdes á capitania do Espirito Santo, eu tenho por certo que, quando vos parecesse meu serviço terieis cuidado de o fazer, e de prover em tudo conforme a confiança que de vós tenho. Em quanto ao que toca aos Francezes, e ás informa-

ções que delles e do que fazem me enviais, folguei de me avisardes de tudo tão particularmente. E porque por outra carta vos escrevo o que ácerca disso hei por meu serviço, não tenho nesta que vos dizer; somente que tenho por certo que assim mesmo me daes conta, procedereis conforme a importancia em cada uma dellas; e de maneira que me haja em tudo por muito servido de vós, e assim vos encommendo muito que o façaes, e que tenhaes destas cousas o cuidado que de vós espero.

„Os poderes[1] que pedis vos mando, conforme aos de que usava Thomé de Sousa, por provisões de fóra, para o que cumpre a bem da justiça; e assim podereis conhecer dos aggravos que o ouvidor faz ás partes, posto que caiba em sua alçada; e assim das mais cousas que apontaes não foi possivel irem-vos nestes navios; mas parece-me bem o que dizeis, e eu terei lembrança de se vos enviarem nos primeiros.

„Por diversas vias soube do muito favor que daveis aos padres da Companhia de Jesus, para o que cumpre ao serviço de Nosso Senhor; e recebi disso o contentamento que é razão e requer o intento que se teve no descobrimento dessas terras; que é ser Nosso Senhor nellas tão servido e seu nome tão conhecido e louvado como por tantas razões o deve ser. E porque o meio disto se conseguir é o dos ditos padres, que são tão virtuosos como sabeis, e que com todas as suas fôrças tanto procuram servir a Nosso Senhor, vos encommendo muito que tenhaes particular cuidado, como sei que tendes, de os favorecer e ajudar no que vos requererem e virdes ser necessario. Em quanto á carta que vi que vos parecia que devia de escrever á camara do Salvador, para que ajudasse e favorecesse os ditos padres, na conversão dos gentios, vos envio com esta agradecer-vos e juntamente dares-lh'a, e trabalhardes para que assim o façam, dizendo-lhes o grande contentamento que disso receberei, e quanto me desaprazeria do contrário. E pois que como digo, pella pressa com que estes na-

---

[1]) Estes poderes relativos ao ser augmentado a alçada ao governador foram datados de 7 de março de 1557. Depois foram ainda mais augmentados em 8 de março de 1569.

vios partem, não houve logar de escrever algumas cousa ques quizera, por esta mesma razão não vae esta tão larga como tambem quizera; mas falo-hei nos primeiros navios. E entretanto vos encommendo muito que, do que toca a meu serviço nessas terras, tenhaes aquelle cuidado que eu confio de vós, e de sempre me escreverdes como fazeis, o que vos parecer."

A carta régia para a camara da cidade do Salvador, mencionada na antecedente, era concebida nos seguintes termos:

„Vereadores e procuradores da cidade do Salvador. Eu a Rainha etc. Ainda que seja tanto de vossa obrigação favorecerdes e ajudardes aos padres da Companhia de Jesus, que nessas terras estão e andam na obra da conversão dos gentios dellas, assim pelas obras em que se empregam, como por suas muitas virtudes, e pela consolação que essa cidade com tal Companhia deve receber, todavia sendo essas partes tão remotas, pelo que por esse respeito pode haver nos moradores dellas algum descuido, pareceu-me dever-vos escrever sobre isso, e encommendar, como encommendo muito, que queiraes haver por muito encommendado aos ditos padres, e os favoreçaes em tudo que para a conversão dos gentios e mais obras espirituaes for necessario; e que aos gentios que se fizerem christãos trateis bem; e não os avexeis; nem lhes tomeis suas terras; porque, além disto assim ser razão e justiça, receberei muito contentamento em o assim fazerdes, pelo exemplo que os outros gentios receberão. Agradecer-vos-hei muito terdes destas coisas muita lembrança e em efectuardes como confio; porque do contrario podéra deixar de me desaprazer muito."

Começava Men de Sá a dedicar-se a formar um plano ácerca do melhor meio de civilisar neste sentido os Barbaros, quando ali chegou notícia de como outros Barbaros tinham em grande aperto a capitania do Espirito Santo e dos Ilheos, e de que seus habitantes, até então em paz, ao ver os inimigos possuidos de um inexplicavel panico, haviam abandonado os engenhos, ficando circumscriptos á povoação, onde por unico sustento estavam reduzidos ás laranjas que colhiam de alguns quintaes.

Partiu o governador em pessoa, soccorrel-os a e tanto a

tempo chegou que, se tardára um pouco, se houveram rendido todos, ja quasi sem alento.

Men de Sá desembarcou com a sua gente á meia noite; e aproveitando-se da escuridade, que parecia maior a quem não conhecia a terra, seguiu para o sul, em busca dos inimigos que lhe não fizeram frente, e, deixando-o pelo contrario passar, começaram a hostilizal-o pela retaguarda. Então o bravo Vasco Rodrigues de Caldas resolveu replicar-lhes com uma manobra igual, e, embuscando-se, caíu sobre elles quando passavam. Como porêm eram grandes nadadores, e o mar estava perto, lançaram-se todos a nado; o que vendo os nossos, seguiram-os com os Indios amigos; e sobre as aguas a grande distancia[1] da praia, se travou uma peleja, como não sabemos de outra tal; mas não nos admire: — que para se hostilisarem serão os homens capazes de vir a combater nos ares. A victória se decidiu em favor dos nossos nadadores, que ja levavam em seu favor a força moral, visto que os outros não haviam buscado o mar senão como refugio.

Outros feitos teve ainda o governador nesta pequena campanha que louvar e premiar ao mesmo Caldas, cujo esfôrço reanimava os outros, de modo que, se elle houvera antes estado nos Ilheos, não consentira a vergonha que passaram os seus habitantes de se encurralar, em número de mais de mil, a ver o inimigo em frente, matando seus gados, e destruindo todas as fazendas sem dar-lhe o merecido castigo.

O gentio atemorisado pediu pazes, e Men de Sá, concedendolhas, voltou á capital; onde receberia a notícia de que, por carta regia de 29 do março desse anno (1559) dirigida ao capitão da ilha de S. Thomé, em Africa, fôra mandado que, em presença de certidão do governador do Brazil, cada senhor de engenho deste estado poderia mandar vir até cento e vinte escravos do Congo, pagando só o terço de direitos em vez da metade, como era costume.

No mez de novembro do mesmo anno (1559), chegava á Bahia, commandada pelo capitão mór Bartholomeu de Vas-

---

[1]) De uma grande legua, diz o P. Nobrega a quem devemos esta narraçâo.

concellos da Cunha, a armada destinada ao Rio de Janeiro contra os Francezes, devendo receber de Men de Sá as ordens convenientes sobre o modo de os aggredir, atacando-os, ou obrigando-os pelo bloqueo. Tratou logo Men de Sá, ajudado da influencia do novo prelado D. Pedro Leitão, chegado a 9 de dezembro de 1559, e dos jesuitas, de reunir todos os gentios alliados e homens de guerra, que se julgou poderem dispensar-se na cidade do Salvador; e para a capitania de S. Vicente escreveu Sá que, com as fôrças de que podessem dispor, pois que tanto lhes ia a seus interesses, se achassem á barra do Rio de Janeiro, no dia que aprazou, e em que elle com a fôrça da Bahia contava ali chegar. Para sollicitar este reforço de S. Vicente se offereceu o padre Nobrega, que estava na cidade do Salvador.

Assim prevenido, partiu Men de Sá para o sul. Compunha-se a sua armada de duas náos e oito embarcações menores. Chegadas á barra do Rio de Janeiro, esperaram que se lhes reunisse um bergantim e muitas canoas de guerra, vindas da capitania de S. Vicente [1], para entrarem na enseada. Aos da fortaleza que, como vimos estava construida na ilha que ainda hoje se chama corruptamente de Villagalhão [2], intimou o governador por escripto que se rendessem, ao que elles „responderam soberbamente“. A ilha tinha de natureza nos estremos dois pequenos morros, e em cada um delles haviam os defensores construido grandes rancharias; e sobre o meio, em cima do rochedo que se elevava uns cincoenta ou sessenta pés [3], ficava a casa abaluartada do governador. Copiaremos aqui a descripção desta fortaleza-ilha que nos deixou um contemporaneo: [4] „Tudo o que é ilha era fortaleza, e tudo o que era fortaleza ilha, e toda excepto um pequeno porto na praia era

---

1) Carta da Camara de S. Paulo de Piratininga de 20 de maio de 1561.

2) Assim lhe chamou ja Diniz na sua notavel, mas hoje pouco lida ode (a 43), a Men de Sá:

„E que, o Villagalhão, que te valeram
Os altos muros que vaidosa alçaste,
E de merlôes soberbos coroaste?“

3) Marc Lescarbot, „Hist. de la France Antartique“, p. 207, citado pelo senhor Ferdinand Denis, no „Brésil“ de „L'Univers“, p. 44.

4) Chron. de D. Sebastião, pag. 165.

cercada de penedia brava, onde bate o mar cousa de 100 braças de comprido e 50 de largo, em cujas duas últimas pontas levantou a natureza dous cabeços talhados no mar, e no meio de ambos um singular penedo, como de quatro braças de alto e seis em contorno. Da circumferencia dos recifes e penedia delles tinham feito defensavel muralha, dos dous cabeços, com pouco artificio, duas juntamente naturaes e artificiosas fortalezas: e do penedo, um pouco mais cavado ao picão, caixa de polvora, segura e constante contra todo artificio".

As vivendas construidas eram de madeira e cobertas de palha, ao modo dos selvagens. Resolvido o ataque, em 15 de março de 1560, começaram os nossos a desembarcar na ilha, e a assestar nella artilheria, com a qual e a das náos combateram a fortaleza por dois dias e duas noites, até que os Francezes, sem agua nem polvora, capitularam [1], em número de setenta e quatro, e alguns escravos; aos quaes depois se uniram mais de quarenta, dos de um navio aprezado, e de outros que andavam em terra. Por fortuna foi proposta a capitulação justamente quando tambem aos nossos se acabavam as munições, e estavam já pensando no modo de recolher a artilharia que haviam desembarcado [2]. O número dos gentios que estavam em favor dos Francezes, orçava o governador em mais de mil [3], „tudo gente escolhida, e tão bons espingardeiros como os Francezes". Villegagnon não se achava então na ilha, havendo partido para França oito ou nove mezes antes. Nunca mais voltou ao Brazil, e annos depois o encontrâmos reclamando indemnisações, á embaixada portugueza em Pariz, as quaes naturalmente foram satisfeitas [4].

---

[1]) Men de Sá, em officio de S. Vicente, de 19 de junho, diz que „negociára" com a guarnição. Thevet (Cosmog. f. 908 v.) diz que se entregára esta „par composition;" e acrescenta, que só havia no forte dez Francezes: mas sua autoridade é dada por suspeita pelos proprios contemporaneos. Tambem cae em dizer, que a esquadra de Men de Sá se compunha de „26 navires de guerre et quelques vaisseaux à rame", fol. 908 v.

[2]) C. de Nobrega, do 1°. de junho de 1560.

[3]) Oitocentos, segundo Nobrega, em C. do 1°. do junho 1560.

[4]) Da carta do embaixador João Pereira Dantas (R. Arch., P. 1.ª, M. 106, Doc. 45, de 10 de janeiro de 1563) consta que esta era a opinião do embaixador, e até a da sua corte, e que aquelle julgava chegada a occasião de o attender „para o callar".

Na capitania de S. Vicente ordenou Men de Sá que se effectuasse de todo a mudança da villa de Piratininga [1] para junto da casa de S. Paulo, construida pelos Jesuitas no alto. Foi levado a isso pelas insinuações dos padres, que lhe fizeram ver como ficariam assim mais ao abrigo dos assaltos dos Barbaros do que á beira do rio. Além disso decidiu seguir o exemplo da Bahia e fazer aos Indios contrarios guerra aberta. Para esta se preparou uma expedição, que, depois de embarcar-se no Tieté, seguiu até um porto, donde, levando os expedicionarios as canoas por terra, chegaram ao rio dos inimigos. „Esperamos em Nosso Senhor (ajunta o jesuita Anchieta ao dar a notícia), pois este é o remedio com que esta *brava* geração se quer [2]... não tenhamos inveja aos da Bahia.“ Ahi providenciou tambem o governador, a ida ao sertão, em busca de ouro, do provedor Braz Cubas, com um Luiz Martins, mineiro vindo do Reino [3]. Os desta jornada, que se fôram gente entendida encontrariam ouro no proprio morro onde estava a casa de S. Paulo, andaram, segundo o dito Cubas [4], umas trezentas leguas sem fructo; mas, ao voltarem dessa cançada digressão, o acharam „mui perto“; naturalmente para as bandas de Jaraguá. — Em 1562 se mandavam as amostras delle, bem como de umas pedras verdes que *pareciam esmeraldas*. Estas seriam provavelmente as conhecidas turmalinas.

Regressava Men de Sá para a Bahia, quando estando avante como o Espirito Santo, e resolvendo entrar neste porto, encontrou ahi em mãos do ouvidor a renúncia que da capitania acabava de fazer o seu donatario Vasco Fernandes, que no anno seguinte (1561) falleceu. Os moradores da terra estavam ja decididos a evacual-a. Chegando porêm o governador, foram-se a elle, com as mulheres e os filhinhos, pedindo-lhe encarecidamente que a tomasse para a corôa. Fez-se disso um instrumento; e Men de Sá limitou-se a nomear a Belchior de Azeredo [5] apontado pelo povo, para ahi governar.

---

[1]) Carta da Villa de Piratininga de 20 de maio de 1561.
[2]) Vej. ante Secç. XIII,
[3]) Nomeado em 7 de setembro de 1559.
[4]) Carta de Cubas e elrei, de 25 d'abril de 1562, na Coll. do A.
[5]) An. do Rio de Janeiro, I, 321.

As duas capitanias de Porto Seguro e dos Ilheos passavam, proximamente por essa occasião, a familias estranhas aos primeiros donatarios, por contractos de vendas, autorisadas pela Corôa. A primeira, por morte de 2º donatario, foi vendida por sua viuva D. Leonor do Campo ao seu solarengo o duque de Aveiro, autorisando-o a isso elrei, com a clausula de que, por sua morte, passaria a doação a seu filho segundo, para quem assim constituia um morgado. A venda se fez por um padrão de juro de doze mil e quinhentos reis, e mais dois moios de trigo por anno, em vida da cessionaria, que recebeu além disso seiscentos mil reis.

Quem poderá crel-o, a não nol-o dizer tão seguramente a historia, que por tão mesquinho preço se haviam de ter vendido mais de seis mil leguas quadradas de terra! — Hoje não diremos mil leguas, nem cem, nem uma, porêm certo número limitado de braças tem tal valor, em qualquer das povoações mais importantes, que se contam nessa tão grande extensão de terras.

A capitania seguiu em decadencia; e muitos povoadores della se passaram para Pernambuco, que prosperava. Como provedor succedeu a Filippe de Guillen o escudeiro João Gonçalves Frade.

A capitania dos Ilheos passou a Lucas Giraldes, que a comprou (6 de nov. 1560) ao 3.º donatario Jeronymo de Alarcão, aquem fôra cedida por seu irmão Jorge de Figueiredo, primogenito do 1º. donatario. A confirmação regia foi dada a 20 de fevereiro de 1561.

Proseguiu Men de Sá viagem até entrar na Bahia; e desde logo, em harmonia com a sua anterior idéa de fundar outra cidade real no sul do Brazil, começou a insistir pela colonisação do Rio de Janeiro; afim de que tambem no melhor porto do sul houvesse outra cidade *Salvadora* destas paragens.

No emtanto se occupava de enviar, para varios districtos, homens emprehendedores, afim de explorarem o paiz. Antonio Dias Adorno foi para as bandas do Rio das Caravellas; Vasco Rodrigues de Caldas tambem fez uma entrada, e um Antonio Ribeiro, chefe de outra bandeira, perdeu, com muitos dos seus,

a vida ás mãos dos Barbaros, em uma cilada, por se haver fiado nas aparentes amisades destes.

Entretanto se occupava a metropole de dar um novo regimento (11 de maio de 1560) aos mamposteiros para a redempção dos captivos, aos quaes haviam já sido por elrei D. Manuel concedidos alguns privilegios. Ao mesmo tempo essa instituição era introduzida no Brazil, provavelmente por influxo da *Mesa da Consciencia,* afim de proteger a liberdade dos Indios. Para cada capitania foi pelo menos nomeado um mampateiro, e de alguns possuimos até os nomes; taes são Francisco Fragoso, de Pernambuco, Pedro Leitão, de Itamaracá, Onofre Pinheiro, da Bahia, e Antonio Lopes Faleiro, dos Ilheos.

Igualmente se nomearam varios empregados especiaes para tratarem de fiscalisar os bens dos orfãos e ausentes, e foi impetrada uma bulla (28 de janeiro de 1561), pela qual Paulo IV concedeu aos bispos do Brazil maiores latitudes, a respeito das dispensas de parentesco para os casamentos dos Indios e Africanos.

No meio deste empenho da Côrte de attender a quanto respeitava á religião e aos estabelecimentos de caridade, foi nomeado Braz Cubas (em 8 de maio de 1563) provedor e contador dos residuos, e capellas, hospitaes confrarias, albergarias e gafarias dos capitanias de S. Vicente e Santo Amaro.

Ao mesmo tempo, novos perigos vinham reclamar os cuidados do governador em outra capitania: — na de Porto Seguro. Ameaçada estava a dita capitania de perder-se inteiramente, succumbindo á anarchia e ás assoladoras invasões de uns novos inimigos que, com o nome de Aimorés [1], ali se apresentaram, vindos do sertão, havidos pelos outros Barbaros por mais que barbaros, e com uma lingua inteiramente desconhecida, e os usos estranhos a todo o mais gentio do Brazil. Não construiam tabas nem tujupares; não conheciam a rede, e dormiam no chão sobre folhas; não agricultavam coisa al-

---

[1]) Este nome da nacionalidade foi naturalmente dado pelos Indios. Aimoré na costa do Brazil è um peixe como o enxarroco, e de ovas muito peçonhentas. Os antigos escreviam Gaimurés e ás vezes sem accento Gaimures.

guma; andavam em pequenos magotes; não sabiam nadar, mas corriam muito, não havendo outro meio de se lhes escapar mais de que o de entrar n'agua, se a havia perto; arrancavam a fala com muita fôrça desde a garganta; e (o que era mais para temer) eram anthropophagos, não por vingança e satisfação de odios inveterados, mas por gula. Tudo induz a crer que eram da mesma nação representada pelos chamados agora Purís, que tambem, como este nome o diz[1], são gulosos de carne humana, e preferem, como se conta dos tubarões d'Africa, á carne dos brancos a dos negros, aos quaes chamam „macacos do chão". E' horroroso escrevel-o; e asseguramos que o animo quasi se nos soçobra ante taes factos.

Onde estava e como veiu do sertão este gentio que primeiro chegou á costa junto do rio das Caravellas? Eis o enigma que só por conjecturas pode explicar-se. A estranhesa da lingua, e sobretudo o ser muito guttural, nos deve fazer crer que elles eram garfo extraviado de algumas das raças meridionaes patagonicas ou araucanas. A ignorancia da natação, e do fabrico e uso das canôas, e a prenda de grandes corredores[2], nol-os apresentam como criados em páramos sem arvores nem rios, e por coseguinte como Pampas meridionaes. Estas conjecturas se verificariam, ao fazerem-se mais minuciosos estudos „linguisticos" nos sertões da Patagonia, se acaso se encontrasse algum dialecto parecido com o actual destes Botocudos.

Contra taes bandorías de Barbaros mandou o governador soccorros a Porto-Seguro, com o ouvidor geral Braz Fragoso, cuja presença[3] muito valeu a pôr tambem em ordem, entre os moradores, os negocios da justiça.

Entretanto seguia na cidade do Salvador Men de Sá favorecendo as missões jesuiticas. Ja se tinha o seu número elevado a dez, na distancia de doze e mais leguas, para os differentes

---

[1]) Puris è o mesmo que Purûs, e quer dizer (Vej. p. 102.) antropophago.

[2]) „Un dia están en un lugar y otro dia en otro.... andan contra todas las otras generaciones como salteadores de caminos," etc. Carta de Guillen.

[3]) Em 17 de Janeiro de 1561 ainda elle se não achava de volta de Porto Séguro. Carta de Guillen de 12 de março de 1561.

lados da Bahia até Camamú. Missão havia que contava cinco mil neophytos. Baptizavam-se estes aos milhares: ás vezes assistia a isso o bispo D. Pedro Leitão, que por suas proprias mãos administrava tambem este sacramento, e o do matrimonio em lei da graça, aos que se preparavam para recebel-o.

Ja Men de Sá anteriormente[1] havia feito menção de trezentos e quarenta e sete baptizados na aldêa do Espirito Santo (Abrantes), em um só dia; bem como de escolas em que havia até trezentos e sessenta piasinhos, sabendo ler e escrever; o que aprendiam com facilidade, pois de intelligencia natural não era falta esta gente.

Entendemos que as mencionadas missões estavam temporalmente sujeitas aos jesuitas, porêm na apparencia a uma especie de alcaide ou meirinho dos proprios Indios, que em tudo cumpriam as ordens dos padres, os quaes allegavam a pouca despeza que se fazia em vestir taes chefes. Segundo os jesuitas, até lisonjeava os Indios o terem tronco e pelourinho, como as villas dos colonos, bem que apenas aquelle servia contra os pequenos que não estudavam. Aos mesmos jesuitas, em virtude das proprias ordens superiores mui terminantes, concedia o governador a maior proteção. Por ordem regia, de 12 de fevereiro de 1557, fôra mandado abonar a cada um quatro panicús de farinha, um alqueire de arroz ou milho e um cruzado em dinheiro. Em 1559 ordenou Men de Sá que a cada um se désse, além disso, por anno, cinco mil reis e doze cruzados em ferro. Mas o alvará de 7 de nov. de 1560 ordenou que se désse aos mesmos padres a redizima, ou decima parte de todos os dizimos, com o que ainda não se mostraram satisfeitos; pelo que vieram a pedir e a alcançar (em janeiro de 1576) dois contos e duzentos mil cruzados de mantimento, e mais quinhentos cruzados para a fabrica dos collegios.

Os jesuitas tinham nestes collegios aulas da lingua tupi, ás quaes mui graciosamente lá entre si chamavam *de grego*[2]. E' para lamentar que este bello exemplo não se tenha seguido;

---

[1]) Em carta escripta do Rio de Janeiro aos 30 de março de 1560.
[2]) Carta do P. Ruy Pereira em setembro de 1560 in fine.

sendo para a catechese então, como hoje para a litteratura brazileira, a antiga lingua da terra de muito mais importancia do que o estudo do grego ou de outras linguas sábias[1].

Pacificos[2] seguiam os Indios nos contornos da cidade, e em poucos annos se via prosperando e crescendo em população a colonia de Thomé de Souza. Sobretudo esmerava-se Men de Sá em attrahir para ella commerciantes abastados, e navios mercantes; pois em seu entender „os armadores eram o nervo do Brazil". Os habitantes não deixavam de pugnar por suas liberdades, e a camara requeria reducção na somma sobre que o ouvidor geral tinha alçada, e propunha que esta passasse a um tribunal presidido pelo governador, e de que fizesse parte a mesma camara. O intrepido Vasco Rodrigues de Caldas foi incumbido de levar os pedidos á metropole, os quaes não foram attendidos, talvez por se achar então o governo meditando ácerca do Brazil outras decisões, como vamos ver.

Cabe aqui fazer declarar que Men de Sá, sollicito em promover o desenvolvimento da Bahia, deu muitas sesmarias, pelo Reconcavo, a individuos que as aproveitaram. Entre ellas citaremos a de duas leguas de terra, na entrada do Paraguassú a Fernão Rodrigues Castel Branco; a de outras duas leguas a Francisco Toscano; a de uma legua, acima da ilha dos Francezes, a Egas Moniz Barreto, natural da ilha da Madeira; a de meia legua a Paulo Dias, acima do rio de Sergipe do Conde, a de uma legua, defronte da ilha da Maré, a Sebastião Alvares. O nome de Sergipe do Conde teve origem em haver herdado o 3.º Conde de Linhares uma sesmaria, que ahi tivera o proprio Men de Sá.

---

1) Varn. Mem. sobre o estudo e ensino das linguas indigenas. — Rev. do Inst., III, p. 366. Idem Comm. 34 e 131 á obra de Soares, na Rev. do Inst., XIV, 374 e 391.

2) „Esta a terra tão pacifica que não somente os brancos vão muitas leguas por ella dentro seguros, mas um Indio d'aqui, indo por entre os contrarios, tornou sem lhe fazerem mal. Ella diz que diziam: este é amigo dos brancos, se lhe fizermos mal, matar nos-hão." E acrescenta as palavras transcriptas no nosso texto (p. 179). „Ajudou graudemente a esta conversão cair o senhor governador na conta, e assentar que sem temor não se podia fazer fructo." (Cart. do jesuita Ruy Pereira, em 1560.)

A instancias de Men de Sá e dos habitantes do Brazil, resolvêra a final a côrte a mandar nova frota para colonisar o Rio de Janeiro; sendo primeiro reforçada pelos recursos que no Brazil mesmo se podessem juntar. E para que tudo se levasse á execução com o maior accordo possivel, confiára o cargo de capitão mór a Estacio de Sá, sobrinho do proprio governador. Chegada que foi á Bahia a frota, despachou-a immediatamente Men de Sá para o sul, com todo o auxilio que poude dispensar-lhe, e determinou que fosse nella o ouvidor Braz Fragoso, que acabava de regressar de Porto Seguro, afim de agenciar com os capitães do Espirito Santo e S. Vicente que contribuissem quanto lhes fosse possivel para a empresa.

Estacio de Sá, em chegando á altura do Rio de Janeiro, com o reforço que conseguiu no Espirito Santo, e que foi de consideração, acompanhando-o até o proprio capitão-provedor Belchior de Azeredo e o valente temiminó Martim Affonso Arariy-boya, com todos seus Indios, entrou na enseada para ver se tentava fortuna, sem mais soccorros. Logo se apoderou[1] de uma náo franceza, cuja tripolação se passára para terra. Porêm vendo que os gentios disparavam frechas contra os bateis, quando se aproximavam das praias, e que devia preparar-se para grandes hostilidades, resolveu ir primeiro a S. Vicente, buscar maior número de combatentes, incluindo ja algumas cabildas de gentios das bandas de Ubatuba, novamente attrahidos por Anchieta. Foi por occasião de ficar Anchieta só e desarmado, como refens, entre estes Indios, que, segundo elle diz, compoz um poema em latim á vida da Virgem, constante de perto de seis mil versos, onde termina com a seguinte dedicatoria: „Eis, mãi santissima, o Carmen que offereci em vosso louvor, vendo-me cercado de inimigos, — quando, com a minha presença tranquilisava os Tamoyos irritados, e desarmado ajustava pazes com armados Barbaros. Então vossa bondade teve, com amor materno, cuidado em mim, e, á sombra de vosso amparo, vivi seguro em corpo e

[1]) Anchieta, carta de 9 de julho de 1565.

alma.“ Sem dúvida a semelhantes desterros e á necessidade, em que muitas vezes se viu, de entender os selvagens e ser delles entendido, deveu o conhecimento que adquiriu da lingua túpica, chegando a compor acerca della a primeira grammatica, que depois, em 1595, foi dada á luz em Coimbra; e que, se bem que laconica, modelada mais sobre o latim que sobre a indole da propria lingua túpica, e até um tanto obscura, foi a base sobre que depois trabalharam outros. Ao fazer-se Estacio de Sá de vela, encontrou os ventos tão ponteiros que teve que arribar ao mesmo Rio de Janeiro; afortunadamente para um bergantim que ali ancorára na noite anterior, trazendo a seu bordo o padre Nobrega, que julgava encontraria fundeado dentro o mesmo Estacio de Sá, e que houvera acaso sido capturado, sem essa arribada. Logo seguiram todos para o porto de Santos, a buscar reforços.

Pela segunda vez a capitania de S. Vicente se prestou, talvez mais do que lhe permittiam suas fôrças, para o bem de todos, — para o Brazil não ser dilacerado. Todas as canoas em estado de se armarem em guerra, quanto mantimento se poude juntar, para dois ou tres mezes de sustento aos trezentos homens da expedição [1], retendo só o indispensavel para não morrerem de fome os que ficavam guardando a terra, quanta gente, enfim, podia combater, casados e solteiros, anciãos e adolescentes, muitos escravos de Guiné, e até os Indios em quem depositavam maior confianca, — tudo esta capitania, sem excepção da nova colonia de Piratininga, tão exposta ás aggressões do gentio do sertão, — tudo sacrificou a boa gente para o bem da nova patria commum. Qual fenix que succumbe por dar vida á sua prole, assim a colonia mais antiga do Brazil se exhaure agora de fôrças e não cura mesquinhamente se isso prejudicará ao seu futuro desenvolvimento, e concorre quanto pode a dar existencia a um emporio mais poderoso.

E aqui nos cumpre notar que os esforços simultaneos que ora faziam, não só esta, como outras capitanias, contra o

---

[1]) Anchieta, carta de 9 de julho de 1565.

inimigo commum, — eram novos elementos que iam estreitar, pelos laços do coração, a futura união brazileira, que os Hollandezes contribuiram depois a fazer apertar muito; e a Deus praza que para todo o sempre, afim de que esta nação possa continuar a ser a primeira deste grande continente antartico, e algum dia se chegue a contar entre as mais consideradas no universo, o que sem muita união nunca poderá succeder.

SECÇÃO XIX.

NOVA CIDADE DE S. SEBASTIÃO. OS INDIOS E OS JESUITAS.

Descripção do porto. Prodigios: o Pão d'Assucar e o Pico. A Gavia. O Corcovado. Rio Macacú. Ilhas da enseada. O Cabo-Frio. O gigante. Cidade primitiva. Como se defende. S. Sebastião. Armas. Novas pelejas. Partem os navios. Governo civil da colonia. O jogo. Confraria de S. Sebastião. Chega Men de Sá com reforços. Estancias inimigas. Ataques e victórias. Morre Estacio de Sá. Seu elogio. Transfere-se a cidade para o morro do Castello. Parte Men de Sá. Salvador Correa e Christovam de Barros. A liberdade dos Indios e os Jesuitas. Elogio destes. Queixa-se o povo de serem os Indios servos dos Jesuitas. Nova carta régia em favor dos Indios. Providencias em virtude daquella liberdade tomadas.

Reforçada a expedição colonisadora do Rio de Janeiro, depois que ja velejavam os barcos menores e vogavam oito canoas, levou ferro a náo capitânea, e era o vento tão galerno e de feição que no mesmo dia chegou ella á ilha de S. Sebastião, onde só vinte e quatro horas depois vieram ter os barcos pequenos e as canoas. D'ahi por diante deviam proseguir com mais cuidado, pois ja se achavam em terras cujo gentio era contrário. A princípio seguiram todos unidos; porêm logo desarvorou a capitânea, e abandonando os que comboiava, foi arribar á Ilha-Grande. Os barcos pequenos e as canoas seguiram seu rumo ao longo da costa, e foram esperal-a á entrada do Rio de Janeiro. — Cançados de aguardar, e faltos já de mantimentos e de agua, estavam a ponto de verem-se os nossos abandonados dos dos Indios amigos, que se propunham a entrar na enseada ou a irem-se para suas terras, quando chegou a capitânea, como logo depois o refôrço de mantimentos que trazia das villas do norte um João de Andrade, a tempo mandado de S. Vicente pelo capitão mór. Assim todos juntos, em fim de fevereiro [1], entraram na mesma maré pela barra da enseada que iam avassallar.

[1]) Carta de Anchieta de 9 de julho de 1565.

E agora que o theatro de nossas emoções se transfere a esta paragem, convem que o leitor a tenha presente, para o que nos esforçaremos por lhe transmittir uma leve idéa das scenas em cuja descripção quasi imaginamos que todas as palavras se nos desbotam.

E' o porto que por um notavel engano cosmografico, se ficou chamando Rio de Janeiro, e que melhor diriamos Bahia de Janeiro, um verdadeiro seio do mar, que, sem exaggeração, podia conter em si todos os navios, que hoje em dia cruzam os oceanos, ou fundeam em seus ancoradouros. — E' mais que uma enseada ou simples lagamar: é um grande golfo, ou antes um pequeno mar mediterraneo, que, por um pequeno estreito, de oitocentas e cincoenta braças[1] de largura, se communica com o Atlantico; é um prodigio da natureza, tal que, aos mesmos que o estão admirando, lhes está parecendo fabuloso.

Não ha viajante antigo ou moderno que não se extasie ante uma tal maravilha do Criador. Os que tem corrido os emporios do Oriente, visto as scenas do Bosforo, todos são unanimes em reconhecer que esses considerados portentos da hydrographia, ficam a perder de vista, quando se comparam ao que ora temos presente. Semelha-se antes em ponto maior a um dos lagos do Salzkammergut, ou ainda da Suissa ou da Lombardia, com aguas salgadas em vez de doces, e com verdura variegada em vez de neve, nos mais altos serros que se descobrem ao longe. Napoles, com a sua pintoresca bahia e os visos fumegantes do seu Vesuvio e a Soma, nada tem de comparavel ao nosso porto-prodigio.

As serras azuladas pela distancia, em que, os pincaros alcantilados e nus parecem encarapitar-se a desafiar as nuvens, abarreirando contra ellas dos furacões o porto por esse lado, fazem contraste com os outeiros de terra avermelhada, em cujas cimas, coroadas de palmeiras, ondeam estas os ramos com a viração da tarde. Os morros graniticos, a logares descarnados, de fórma mais ou menos regularmente conica, que atalai-

---

[1]) Corographia Brazilica pelo P. Manuel Ayres do Cazal. II, 11.

em toda a bahia, contrastam igualmente com as varzeas e encostas vestidas de vigorosa vegetação perenne, cuja bella monotonia elles estão nem que collocados ali para quebrar. Entre esses morros, dois acham-se como de sentinella, para registrar a entrada da barra. Chamam-se em virtude das suas fórmas o *Pão de Assucar* e o *Pico.* Mais para o sul fica a *Gávia*, que parece ter no cimo um taboleiro como as dos cestos da gavia dos mastros, nos antigos navios. Outro morro dirieis postado como para offerecer de seu cimo um ponto quasi no firmamento, donde o homem fosse absorto admirar o conjuncto de tantos prodigios. Por estar como vergado, nem que a fim de permittir mais facil subida, lhe chamaram o *Corcovado*, denominação esta que, além da falta de caridade da parte de quem a deu, envolve uma especie de ingratidão dos que ora a seguem. E máu grado nosso lh'a applicamos tambem neste momento, em que, sobre o seu proprio cume[1], concebemos estas poucas linhas, tendo a nossos pés a cidade, e em torno della suas vistosas chacras, e alcançando a vista ao longe o horisonte onde o farelhão ao Cabo-Frio parece confundir-se com os plainos do Atlantico.

Do mais alto das serras, que se elevam para o interior, manam por entre morros e outeiros uma porção de riachos e ribeiros, muitos dos quaes, depois de precipitar-se de caxoeira em caxoeira, vão despejar suas aguas em sacos e remansos ou pequenas enseadas, que como para receber aquellas se encolhem deste grande seio, vindo a consentir que entre cada duas de taes enseadas se avance e boje caprichosamente uma esvelta peninsula, cujos airosos coqueiros se espelham nos dois mares, que, de cada lado, mandam ondas salgadas a chapinhar-lhe as faldas. O maior de taes ribeiros, isto é, o que traz sua origem de mais longe, e cae mais no fundo do golfo (ao qual roubaria o nome que tem se effectivamente elle fosse rio) chama-se de *Macacú.*

A configuração geral de um mappa deste porto do globo é, em ponto diminuto, a mesma que apresenta o Brazil todo;

---

[1]) Effectivamente esta descripção foi primeiro traçada a lapis, no cimo do Corcovado em outubro de 1851.

e não faltarão fatalistas que em tal fórma vejam alguma mystificação. Infinidadc de ilhas e ilhotes de todos tamanhos, desde entre estes o simples pedrouço ou escolho á flor d'agua, até no número daquellas, a que se espalma chegando a contar tres leguas de comprimento, e que contêm engenhos e chacras, convertem esta bahia em um pequeno archipélago, cuja ilha maior, bem como a sua immediata em tamanho, chamada Paquetá, escondem-se la no fundo do seio. — A communicação das suas aguas com as do Atlantico tem logar na altura de vinte e tres gráos escassos; isto é, na distancia de dez gráos da barra da Bahia, e quasi debaixo do tropico de Capricornio. A entrada se effectua em uma costa mui elevada que, desde o visinho promontorio, o Cabo-Frio, d'ali umas vinte leguas, vem correndo leste oeste, e prosegue á esquerda da barra, apresentando-se, a quem chega de fóra, como um gigante colossal deitado resupino, da fórma que dormiam os Indios do paiz. Os nautas o encaram tranquillos, e o admirram á vontade; por quanto ao vêl-o, quando chegam, ja consideram terminados os riscos da viagem. A barra do Rio de Janeiro é das que se conhecem com mais facil entrada.

Estacio de Sá, tendo que fundar uma povoação entre esta Babylonia de aguas e de ilhas, e que mais Babylonia ainda faziam as turbas de gentios e de Francezes que dc tudo estavam de posse, assentou que não devia expor a primeira colonia muito pelo seio adentro. Fundeou logo á entrada, e á sombra do cabucho do Pão d'Assucar [1], e na peninsula que se fórma do lado delle, entre o mar largo e o primeiro saco ou concha da bahia, desembarcou, com projectos de lançar os fundamentos da futura cidade, agora avassaladora da enseada, mais tarde de todo o districto. — Começou-se logo a roçar o mato, e a fazer, antes de tudo, uma tranqueira, que servisse á defensa contra qualquer surpreza; construiram-se arruados alguns ranchos ou tujupares de taipa de sebe, ao

[1]) . „Junto a um altissimo penedo, que, pela fórma delle, se chamou *Pão de Assucar*, e outra *penedia* que por outro lado a cercava", diz a *Chr. de D. Sebastião*, p. 351. — Portanto foi esse local, como sempre julgámos, na Praia Vermelha, e não no Morro de S. João.

modo dos dos Indios, e abriu-se na gândara junto á praia uma cacimba; tudo isto apezar das ciladas que por terra e por mar, intentavam os Barbaros, cujo principal Ambiré era destrissimo no armal-as aos inimigos.

Avistando Estacio de Sá uma náo franceza, legua e meia para dentro da bahia, passou com quatro barcos a rendêl-a. Desta ausencia da tranqueira ou do arrayal, quizeram aproveitar-se os inimigos, e com quarenta e oito canoas cairam sobre elle: mas os defensores arremetteram fóra da cerca os atacantes, e os obrigaram a retirar-se. Apenas o capitão mór enxergou este combate em terra, deixou tres navios contra a náo inimiga, e recolheu á povoação em uma galé de remos. Logo a náo capitulou, com a condição de poder retirar-se para França, com sua guarnição de cento e dez homens, que se diziam catholicos [1].

A' colonia desde logo o seu povoador deu a cathegoria de cidade [2], denominando-a de — S. Sebastião, — em memória do joven rei, por antonomasia *o desejado*, por havel-o sido tempos antes de nascer; porêm que melhor lhe quadra por que o foi por seculos, depois de perder-se nos páramos adustos da Africa. Arbitrou o capitão mór que o termo da cidade se estenderia, como o da Bahia, até um raio, para cada lado de seis leguas; e para patrimonio da camara e rocio da povoação doou legua e meia de terra [3]. Por armas lhe concedeu um mólho de settas, allusivas ás que haviam servido ao supplicio do santo invocado, e quem sabe se ás aprehensões que teria dos que, começando por elle, viriam a cair victimas de frechadas até o final triunfo da civilisação nesta terra.

Persuadidos os Indios de que seriam baldadas mais tenta-

---

[1]) Carta de Anchieta e Rev. do Inst., VI, 410. Teve logar o ataque em 13 de março de 1565.

[2]) Ann. do Rio de Janeiro, I, 101; e Anchieta carta de 9 de julho de 1565; e Rev. do Inst. VI, 410 etc.

[3]) Taques, na Rev. do Inst., IX, 322, e Pizarro, VII, 154. Estas doações eram feitas em conformidade dos recentes poderes que trazia, e não do alv. de 30 de nov. de 1530, como pretenderam os juizes dos feitos da Corôa do Rio de Janeiro, no injusto accordam de 20 de junho de 1612, que por consulta do Dez., do Paço, foi devidamente annullado em 10 de abril de 1821 (*Copia da Sentença*, imp. em 1829, 11 pag. 4°.)

tivas contra a cidade, haviam-se callado por algum tempo, esperando socorro que pediram de Cabo-Frio. Chegado este, constante de tres navios francezes e trinta canoas de guerra, emprehenderam com a maior audacia novo ataque. Porêm a cidade se achava a esse tempo de tal modo cercada e guarnecida de artilheria, que houveram de desistir do intento.

Ja então tinham os nossos um baluarte de taipa, e alguns ranchos e „casas cobertas, e feitas em redor da cerca muitas roças [1], e plantado legumes e inhames"; e o capitão mór, para prender melhor os seus á terra e tirar-lhes do pensamento a possibilidade da retirada, despediu todos os navios. — Sem os incendiar, como Agatocles em Africa, sem os encalhar, como practicára alguns annos antes Cortés no Mexico, conseguiu resultados identicos.

Não poderiamos seguir relatando todas as escaramuças e mais incidentes que tiveram logar no prazo de perto de um anno que o capitão mór Estacio de Sá dirigiu a colonia; nem as arrancadas e combates com os Indios, que vinham a palpar a nossa tranqueira, com mais frequencia depois que se partira a esquadrilha protectora.

Faremos entretanto menção de um recontro em que, só com oito canoas o bravo Belchior de Azeredo, provedor [2] e capitão mór do Espirito Santo, aprisionou depois de renhido combate naval, no fim da enseada, e naturalmente para as bandas de Paquetá [3], duas canoas inimigas, de vinte que então reuniam para darem cilada á nascente colonia. Ja antes, em 15 de outubro de 1564, havia tido logar outro combate naval; e seguiu-se ainda depois um terceiro, que podéra haver dado mais que fazer, se Francisco Velho, saindo do arrayal a buscar madeiras para a capella de S. Sebastião, não tivesse descoberto as 160 canoas, que, escondidas detraz de uma ponta de terra se preparavam para dar a costumada assaltada de surpreza.

---

[1]) Outra prova de que não teria isso logar no morro do S. João. — Carta de Anchieta de 9 de julho de 1565. Nova prova offerece o mappa da *Razão do Estado* etc.

[2]) Liv. 14 de D. Seb. e D. Henr. fol. 131.

[3]) Muito longe, em parte onde ainda não foram canoas da nossa gente, e por ser distante de seis a sete leguas.

A cidade defendia-se e sustentava-se; mas os nossos sem esquadra não podiam fazer se temer sempre das náos francezas, que por vezes entraram a commerciar. Uma destas trazia artilheria, armas e mais petrechos, e tudo deixou em terra com gente, que não só concorrêra com os Indios a que estes fizessem suas fortificações, com baluartes e ao modo europeu, como os industriára no manejo das armas de fogo.

Porêm Estacio de Sá, com quanto occupado com os inimigos, nem por isso se esquecia de que a sua principal missão não era guerrear, senão fundar uma colonia. Desde que chegou, havia nomeado juiz ordinario *da cidade* a Pero Martins Namorado, que devia entender do cargo, quando é certo que o havia exercido como pedaneo em Santos.

Para estabelecer a policia entre os habitantes, lançou o dito capitão mór um bando, prohibindo com grandes penas os jogos de cartas, dados e bola. Porêm os colonos estavam de tal modo mettidos no vicio do jogo, aliás (conjunctamente com o ocio e a murmuração) tão frequente nos acampamentos, como a bordo, que dentro de pouco se viu obrigado a conceder uma amnistia aos processados por taes delictos, com a condição de que, d'ahi em diante, os que incorressem em desobediencia pagariam cem mil reis de condemnação para a confraria de S. Sebastião, que então instituíra. Era a pena pecuniaria a mais apropriada a castigar a cobiça do ganho; e a experiencia provou logo em favor della.

Com as formalidades usadas em taes occasiões, dera Estacio de Sá posse da alcaidaria mór da cidade a Francisco Dias Pinto, que fôra capitão de Porto Seguro, e que, para o novo cargo, tivera provisão de epocha anterior, isto é, de quando o governador geral e seu sobrinho effectuavam na capital do Estado outras nomeações de cargos civis[1]. — Estacio de Sá deu algumas terras de sesmaria pelo reconcavo do Rio de Janeiro: entre estas nos constam as de Guarihy a Pero Martins Namorado e Jose Adorno, e as de S. Lourenço a Antonio de Marins, as quaes depois (16 da março 1568) foram adjudicadas ao chefe indio Arariboya.

---

[1]) Ann. do R. de J. I, 103, 106 e 107.

Inteirado porêm Men de Sá, pelas informações levadas por Anchieta (que fôra ordenar-se á cidade do Salvador), de que a nova colonia de S. Sebastião se achava outra vez apertada, por muito gentio inimigo, do qual cumpria desafogal-a, para que, dedicando-se melhor seus habitantes á cultura, não estivessem dependentes das outras capitanias e expostos á mingua, o representou á Côrte, e obteve d'ali trez galeões, dos quaes veiu por capitão mór Christovam de Barros. Juntando a esses galeões dois navios que andavam na costa, e mais seis caravellões, se passou em possoa ao Rio de Janeiro, com todos os soccorros de gente, e mantimentos que poude juntar. Pernambuco ja desassombrado das guerras que o segundo donatario, ajudado por seu irmão e successor, tivera que dar ao gentio para o aquietar, enviou por esta occasião, de contingente, cem homens e alguns mantimentos. Acompanhava o governador o segundo bispo D. Pedro Leitão, que aproveitava agora a occasião de tomar conhecimento desta parte da sua vastissima diocese.

Chegados ao Rio de Janeiro, reuniram-se em conselho os que eram para isso, e foi assentado que no dia immediato, isto é no da invocação do Santo Padroeiro da cidade, se buscasse o inimigo em seus proprios alojamentos. Haviam-se estes fortificado em duas grandes estancias. Ficava a primeira, chamada de *Uruçú-merim*[1], junto á foz do ribeiro da Carioca[2], hoje denominado do Catete[3]; isto é, no fim da praia ora dita do Flamengo. Era um forte intrincheiramento que dispozera Bois le Comte. A outra ficava na ilha maior da enseada, chamada pelos Indios *Paranápecú*[4] e pelos nossos do Maracaiá ou do Gato; porque o chefe dos Indios alcunhados

[1]) *Yrassumerim* so lê no *Santuario Mariano*, T. 4, pag. 5.

[2]) „Cary-oca", casa do braneo; o que prova ser o nome da tal casa forte que estava ahi construida quando Men de Sá della informava. „Na enseada da „Carioca" que está da lagea para dentro um tiro de berço, onde desembarcam junto de uma aguada, está uma casa grande com artilheria e dizem ser fortaleza."

[3]) Catete vem naturalmente de „Caeté", mato verdadeiro, isto é mato virgem.

[4]) Sem duvida *Paranâ-apecú*, lingua de mar, e não *Paraná-pucú* (Mar largo); pois que esta última palavra se devia pronunciar nesse caso „*Parana-mbucú.*

Maracayás ou Gatos bravos ahi residia. Era esta ilha a que pouco depois se denominou, como ainda hoje, do Governador, por haver sido metade della dada de sesmaria por Men de Sá a Salvador Corrêa, ao depois governador do Rio de Janeiro; cabendo a outra metade ao almoxarife regio Ruy Gonçalves. O primeiro obteve a confirmação em Lisboa aos 13 de fevereiro de 1576[1].

A primeira tranqueira, na terra firme, foi tomada logo de assalto; e de onze Francezes que ajudavam a defendel-a, cairam mortos seis, e foram os outros cinco passados á espada. De nossa parte falleceu o capitão Gaspar Barboza, „de muito esforço e virtude", e a sua perda foi de todos mui sentida.

Retiraram-se os fugitivos para a dita ilha maior, ou de Paranápecú, e então a luta se apresentou mais porfiada. Echoava pelas quebradas das serras o estrondo da artilheria, zuniam nos ares as frechas despedidas e os pelouros disparados; afuzilavam os mosquetes, e toda a scena se fazia mais horrivel com os urros barbaros dos Indios. Por fim a victória se decidiu pelos nossos, e a forte tranqueira foi assaltada. Infelizmente recebeu na refrega uma frechada o bravo Estacío de Sá, e da ferida veiu a morrer um mez depois. Assim perdeu a vida asseteado, como o padroeiro (cujo dia era o em que foi ferido) da cidade que fundára, e a que dera nome, e da qual os symbolos do martyrio do mesmo padroeiro vieram a ser as insignias ou armas.

A cidade festejou por muito tempo esse triunfo, com oito dias de luminarias, e ainda hoje conserva um oitavario religioso, dando-se durante os tres dias 17, 18 e 19 de Janeiro uma salva ás oito da noite.

Escriptores pagãos considerariam a Estacio de Sá como a victima innocente votada em holocausto aos deuses infernaes, para aplacar suas iras contra os novos colonos. A religião manda-nos curvar a cabeça ante os decretos do Altissimo; e a justiça com que escrevemos obriga-nos a declarar que á sollicitude deste primeiro capitão e ao seu esfôrço, prudencia

[1]) Liv. IX de Filippe 1.º do R. Arch. Fol. 274.

e animo piedoso[1], deve a cidade o contar a fundaçao do primeiro quartel de 1565, sem que nenhum revez interrompesse seu progressivo desenvolvimento neste seculo e no seguinte.

A sepultura do primeiro capitão mór do Rio é para o Brazil uma veneravel reliquia, que não só a piedade, mas tambem a gratidão, nos impõe o dever de acatar, como de um heroe martyr, que sacrificou sua existencia pelo paiz, que hoje se deve gloriar em proclamal-o seu cidadão adoptivo. No rancho ou tujupar que servia de ermida no primitivo povoado, se lhe fizeram as honras funebres; e dezeseis annos depois, apenas acabada uma das capellas da igreja de S. Sebastião (do morro), se lhe trasladaram para ella os ossos, e se lhe poz uma campa, que ainda em nossos dias se conservava com a competente inscripção, que fielmente copiámos, e em outra occasião publicámos.

Desassombrada toda a enseada dos Francezes alliados dos Indios, e intimidado e quieto o gentio, decidiu Men de Sá escolher outro local para fixar o nucleo da cidade que devia presidir aos destinos deste grande porto, melhor e mais apropriado do que a acanhada peninsula do Pão d' Assucar. Transferiu-a pois um pouco mais para dentro da enseada, e marcou o assento della sobre o morro mais saliente para o mar e sobranceiro ao pouso habitual dos navios, isto é, ao ancoradouro fundo e mais abrigado, que estes encontravam passado um primeiro pontal de rocha. Esse morro, que que se extende para os lados com tres espigões ou contrafortes, é o último de uma orla delles que ahi faz como o dorso da peninsula que com elle ficou assenhoreada. Para o interior seguem-se outros que depois tomaram os nomes de Santo-Antonio, Senado, Paula Mattos e Santos Rodrigues. Mediando um grande valle, a logares alagado e de mangues (onde hoje se veem as ruas centraes da cidade) levanta-se do outro lado, mais para o interior, outra orla de montes por detraz dos quaes se mettem ainda as aguas da bahia. Chamam-se hoje de S. Bento, Con-

---

[1]) „Se não fosse o capitão mór tão amigo de Deus, tão manso e affavel que nunca descança de noite e de dia accudindo a uns e a outros sendo o primeiro nos trabalhos", etc. (Anchieta, C. de 9 de julho 1565.)

ceição, Livramento, Graça de Deus e S. Diogo e seus satellites Saúde e Gamboa. Do lado da barra levanta-se o de Santa Theresa que é como espigão do Corcovado, ramo da serra da Tijuca, separada do Pão d' Assucar e Babilonia. — No alto desse morro, que hoje se diz „do Castello", assentou pois Men de Sá a nova povoação, que fez fortificar, acompanhando-a dos edificios competentes para a casa da camara e outros. A' cidade confirmou para rocio e patrimonio legua e meia de terra, e para termo a distancia de seis leguas [1], segundo o que á antiga fixára Estacio de Sá. Na construcção dos edificios particulares favoreceu a muitos, que deram o exemplo, e successivamente foi tendo imitadores. Infelizmente aqui, como já succedera em S. Vicente, na Bahia e nas demais povoações, adoptou-se demasiado o systema de construcção de Portugal; e nem da Asia, nem dos modelos de architectura civil arabe na Peninsula, isto é, do uso dos numerosos pateos com repuxos, e dos eirados ou açotéas, houve quem se lembrasse como mais a proposito para o nosso clima. Para a adopção de certos habitos tudo depende do principio.

A' companhia de Jesus, representada então pelo P^e^. visitador Ignacio de Azevedo, doou Men de Sá sitio para se fundar no Brazil um terceiro collegio, o que foi confirmado pelo cardeal regente em 6 de fevereiro de 1568, devendo cada padre receber de congrua o mesmo que os da Bahia. Successivamente adquiriram os padres umas seis leguas de terra em Macacú, que lhes foram cedidas por Miguel de Moura, e depois adquiriram (para os seus Indios) mais duas leguas até a serra dos Orgãos [2]. Em 11 de fevereiro desse mesmo anno de 1568, approvou o rei a inauguração do collegio em S. Vicente para cincoenta padres, com os mesmos mantimentos que os da Bahia. Em 16 do março seguinte, aceitando Martim Affonso Araryboya, que muito havia ajudado nas guerras dos nossos durante quatro annos, o estabelecer-se no Rio de Janeiro, com toda a sua familia, parentela e Indios, lhe fez Men de Sá

[1]) Taques, Rev. do Inst., IX, 322. (Confira Ann. do Rio de Janeiro, I, 114; e Pizarro VII, 154.)
[2]) Liv. 26 de D. Seb. e D. Henr. f. 312 e Liv. 5°. do Filipe 1°. — f. 66 e Liv. 10 f. 165.

doação de uma sesmaria, de uma legua de terra sobre a bahia, e duas pela terra dentro, na margem fronteira á cidade, desistindo para esso fim nessa mesma data, dessas terras Antonio de Marins, a quem antes haviam sido doadas [1].

Todas as doações fazia o governador, em nome do rei, e sem satisfações algumas ao donatario, on a seu logar-tenente. E bem que esta parte da costa havia cabido na repartição primeira a Martim Affonso, a capitania do Rio de Janeiro, depois de fundada a cidade, foi em nosso entender considerada, com toda a provincia da Bahia, exclusivamente da corôa. E' provavel que Martim Affonso, que ainda então [2] vivia, fosse o primeiro a ceder de seus direitos; pelas vantagens de segurança contra os Francezes, que dessa fundação colhia a sua capitania de S. Vicente, ja colonisada; mas não encontrámos a tal respeito aclaração alguma nos archivos.

Tendo dado as necessarias providencias, deixou Men de Sá o Rio de Janeiro, havendo confiado a sua capitania e governo a outro sobrinho, Salvador Corrêa de Sá, a quem investiu de todos os poderes de que gosava, nos assumptos da justiça e da fazenda. Antes de partir, passou várias provisões, nomeando os individuos [3] que deviam exercer os cargos de alcaide mór, de ouvidor, juiz dos orfãos, feitor da fazenda e outros. Salvador Corrêa nomeou depois alguns cargos, como foi o de medidor das terras [4], e diversos que vagavam [5].

Succedeu a Salvador Corrêa o mesmo Christovam de Barros, que chegára commandando a armada de socorro [6], e que havendo regressado á côrte, vinha agora nomeado capitão e go-

---

[1]) Rev. do Inst. XVII, p. 301 e segs. devendo corrigir-se *Men de Sá*, onde se lê *Mendonça* ou *Mendes de Sá*, e na lin. 5 de pag. 304 „*gentio temiminó*“, onde se dir „genero terminimos“.
[2]) Ainda vivia (e sirva-nos de rectificação) em 16 de março de 1566. — Hist. Gen., VI, 241 e 243. Mais: em 20 de abril seguinte alcançou um alvará para que no caso de não ter successão seu filho herdeiro Pero Lopes passasse a casa á sua filha D. Ignez Pimentel. M. Affonso só veiu a fallecer em 1571.
[3]) Ann. do Rio de Janeiro, I, 112 e 113.
[4]) Ibid., I, 294, 295, 300 e 301.
[5]) Ann. do R. de Jan., I, 300.
[6]) Fôra desta nomeado capitão mór em 10 de março de 1566.

vernador por carta de 31 de outubro de 1571 [1]. Era filho do donatario Antonio Cardoso de Barros, assasinado pelos Indios.

A Christovam de Barros deveu a cidade a construcção das muralhas e torres, todas de taipa: donde provêm que o morro da Castello não conserva ja nenhuma dessas torres; que se houveram sido de pedra, contando ja tres seculos, dariam á cidade o aspecto de um passado mais veneravel.

Seu antecessor, nos seis annos [2] que desta primeira vez exerceu o cargo, prestou mui assignalados serviços á nova cidade, ainda então aberta e sem muros. Entrando uma vez no porto quatro náos francezas, que se dirigiram da banda d'além da cidade, no reconcavo de S. Lourenço, onde estava assente, com sua tribu, o principal Martim Affonso Ararigboya [3], com intentos de se apoderarem delle, para o entregarem á vingança dos seus contrarios, mandou Salvador Corrêa ás ordens de Duarte Martins, socorros ao chefe alliado durante a noite. Com a vasante da maré, as náos francezas appareceram de madrugada em seco, e poderam ser canhoneadas á vontade por um falcão único que havia em terra; mas vindo a enchente se fizeram á vela e ao mar. Depois foi Salvador Corrêa em pessoa, com reforços que recebeu de S. Vicente, atacar os inimigos ao Cabo-Frio, e ahi se apoderou de uma dessas náos. „Acometteram (diz uma chronica antiga) os nossos a subida trez vezes: mas como ao entrar ficavam a peito descoberto, foram rebatidos com os piques e com alcanzias de fogo, e nestes tres acomettimentos caiu sempre o governador ao mar, sem saber nadar, e sempre foi livre pelos nossos Indios. Prolongava-se a briga travada de parte a parte: o capitão na náo, vestido de armas brancas, brigando com duas espadas, defendia e animava aos seus com valor, discorrendo por todo o convés: entenderam os nossos, que neste consistia a dilataçaõ do successo; mas como andava tão bem armado, não entravam com elle as settas. Entrou em brio um frecheiro, perguntou se tinham aquellas armas algum lugar por onde entrasse huma frecha? Disseram-

1) Liv. 27 de D. Seb. e D. Henr. f. 329.

2) E' elle quem nos ajusta a conta em uma representaçâo feita em 1584.

3) A circumstancia de ser este Martim Affonso *temininó*, faz nos crer que podia ser o proprio *Araraig* de Piratininga, sobrinho de Tebireçá, que tivesse vindo dali, como colono, ao Espirito Santo.

lhe que pela viseira: bastou o dito para o effeito, disparando huma frecha, que pelo mesmo lugar penetrou o olho, e interior da cabeça ao capitaõ contrário, e deu com elle no convés, á vista do que desmayaram os soldados; fugiram para debaixo depois de mui bem feridos: entraram, os nossos: e renderam a náo á vista dos mesmos Tamoyos contrarios, que como escaldados, naõ se atreveram a ajudar a seus amigos."

„Mandou o Capitaõ Governador dar á vela, e entrou com a náo no Rio. Deu o saco aos soldados, que em breve tempo appareceram todos vestidos dos melhores panos do mundo. A artilharia applicou-a á defensa da cidade. A náo mandou o dito Capitaõ mór a Men de Sá, seu tio, com a relaçaõ deste bom successo, e ficou elle sómente com a glória delle, naõ tomando cousa alguma do despojo para si."

Tanto Christovam de Barros, como Salvador Correa e Martim de Sá concederam muitas sesmarias, cujos registos, de 1578 em diante, ainda ha poucos annos vimos no Rio do Janeiro[1].

Voltemos porêm a Men de Sá. Com sujeitar por terra os gentios, apenas havia elle cumprido uma parte da sua missão a respeito delles. Restava-lhe a mais importante: a de ver como se deveriam governar de modo que podessem ser mais uteis a si e ao Estado. Por lei antiga, e pela jurisprudencia ainda de nossos dias[2], os prisioneiros feitos em guerra justa podem, em certos casos, sujeitar-se á servidão. — Os colonos, poucos em número, julgavam-se com direito a ressarcir-se, dos perigos passados nas guerras e do sangue derramado, com o trabalho dos prisioneiros. — Este meio de recompensa, equivalente ao das *encomiendas* de guerra da America hespanhola, começava tacitamente a seguir-se no Brazil; porêm oppozeram-se a elle os jesuitas; e o tribunal pouco antes criado na côrte, com o titulo que explica o seu fim, de Meza da Cons-

---

[1]) No escriptorio do actual tabeliâo da Côrte Silveira da Mota, Tom. 1 a 4. Em todas se vê exarada a propria assignatura do governador. São livros de que quanto antes se devera mandar tirar cópia.

[2]) Vattel, „Droit des Gens" Liv. I, c. 7. §. 81; Montesquieu, „Esprit des Lois" Liv. X, c. 3.

ciencia declarou-se em favor delles; por fôrma que, encontrados os pedidos dos mesmos jesuitas com os dos povos, as deliberações da côrte e dos governadores eram ora em favor de uns, ora de outros. E' por isso que a legislação especial ácerca dos Indios do Brazil, dada por sua ordem chronologica, apresenta uma serie de contradicções, que melhor chegaram a manifestar-se, por vias de facto, nas sublevações que teremos de historiar pelo tempo adiante. A principio os donatarios haviam admittido o systema de distribuir os que se aprisionavam em guerras (se os não tomavam para si) pelos colonos principaes, ou que mais serviços haviam prestado nas mesmas guerras. Commetteram-se porêm com o tempo abusos, e se intentou tratar de algum outro meio de resolver o problema, o qual se complicava com as ideas de philantropia e de liberdade delles, que os jesuitas prégavam mais com a palavra do que com o exemplo; pois que não começaram por libertar os que lhes davam obediencia. Não temos nenhuma sorte de prevenções contra os illustrados filhos de Santo Ignacio, que tão assignalados serviços prestaram á instrucção publica e ao christianismo; mas quando os documentos accusem delles algumas irregularidades, não trataremos de as contar com artificiosos disfarces, que antes pareceriam adulação injusta. Os povos viram, na pretendida philantropia e protecção dos Indios, uma verdadeira decepção contra elles, quando os braços começavam a escacear para as primeiras necessidades da industria. A côrte, sem conhecimento do caracter dos Indios, e influida pelos mesmos jesuitas, julgou a principio dever libertar aquelles completamente. Representou o povo em contra, provando que os que pertenciam ás aldêas ou missões da Companhia eram sim absolutamente immunes, e protegidos contra toda a classe de tropel estranho, mas que, bem considerado o caso, eram verdadeiros servos; pois trabalhavam como taes, não só nos Collegios, como nas terras chamadas *dos Indios*, que acabavam por ser fazendas e engenhos dos padres jesuitas. Se das roças se sustentavam os trabalhadores, outro tanto se passava com os dos mais habitantes; e se o trabalho era suave, é porque os operarios eram em grandissimo número. Além do que, não tinham os jesuitas meios de provar aos co-

lonos sua abnegação, quando a titulo, de ordinaria, cobravam soldos avultados das rendas da colonia. Eram ainda então os religiosos da Companhia os unicos que havia nas colonias brazileiras; assim com elles tinha exclusivamente de travar-se a luta mui frequente entre o povo e o clero, quando este chega a alcançar grande preponderancia, ou aspira a uma especie de supremacia nos negocios temporaes.

A'vista destas representações, assentou a Meza da Consciencia que unicamente se limitassem os abusos com restricções; começando ella por arrogar-se o direito de decidir se as guerras eram ou não emprehendidas com justiça, e fixando os casos em que, a não ser por guerra, podiam considerar-se captivos estes ou aquelles Indios. Só poderiam ser captivos legalmente, além dos aprisionados em guerra justa, os que fossem pelos pais entregues, afim de cuidarem da sua educação, a novos *padrinhos* ou senhores, ou os que se vendessem tendo mais de vinte annos; clausula esta admittida, segundo sabemos, na antiga legislação semi-feudal da Europa e nas leis carlovingias.

Os abusos porêm, que no interpretar estas clausulas se cometteram, obrigaram a côrte a novas recommendações. E o proprio Men de Sá, ja antes de visitar pela segunda vez o Rio de Janeiro, havia recebido a seguinte carta régia:

„Men de Sá. — Amigo. — Eu elrei vos envio muito saudar. Porque o principal e primeiro intento em todas as partes da minha conquista é o augmento e conservação da nossa Santa Fé Catholica e conversão das gentios dellas, vos encommendo muito que deste negocio tenhaes nessas partes mui grande e especial cuidado, como de cousa á vós principalmente encommendada; porque com assim ser, e em taes obras se ter este intento, se justifica o temporal que Nosso Senhor muitas vezes nega, quando ha descuido no espiritual.

„Eu sou informado que geralmente nessas partes se fazem captiveiros injustos, e correm os resgates com titulo de extrema necessidade, fazendo-se os vendedores pais dos que vendem, que são as causas com que as taes vendas podiam ser licitas, conforme ao assento que se tomou. Não havendo as mais das vezes as ditas causas, antes pelo contrário, intercedendo fôrça,

manhas, enganos, com que os induzem facilmente a se venderem, por ser gente barbara e ignorante, e por este negócio, dos resgates e captivciros injustos, ser de tanta importancia, e ao que convem prover com brevidade, vos encommendo muito que, com o bispo, e o padre provincial da Companhia, e com o padre Ignacio de Azevedo, c Manuel da Nobrega, e o ouvidor geral que lá está, e o que agora vai, consulteis e pratiqueis este caso, e o modo que se póde e deve ter para se atalhar aos taes resgates e captiveiros, e me escrevaes miudamente como correm, e as desordens que nelles ha, e o remedio que pode haver para se atalhar e os taes injustos captiveiros se evitarem; de maneira que haja gente com que se grangeem as fazendas, e se cultive a terra, para com a dita informação se tomar determinação no dito caso, e ordenar o modo que nisto se deve ter, que será como parecer mais serviço de Nosso Senhor e meu. E em quanto não for recado meu, que será com ajuda de Nosso Senhor brevemente, se fará ácerca disso o que por todos for assentado.

„Muito vos encommendo que aos novamente convertidos favoreçaes e conserveis em seus bons propositos, e não consintaes serem-lhes feitas vexações nem desaguisados alguns, nem lançados das terras que possuirem; para que com isto se animem a receber o sacramento do baptismo, e se veja que se pretende mais sua salvação que sua fazenda; antes aos que as não tiverem queirais, e ordeneis como se lhe deem de que commodamente possam viver; e sendo possivel, dareis ordem como alguns Portuguezes de boa vida e exemplo vivam nas aldêas entre os que se convertem, ainda que seja com lhes fazerdes algumas vantagens."

Para deliberarem segundo o ordenado nesta carta, se reuniram ao governador o bispo, o ouvidor geral Braz Fragoso e alguns padres da Companhia, e todos concordaram nos capitulos seguintes, que foram assignados pelo governador, pelo bispo, e pelo dito ouvidor. 1.º Que se algum Indio se acoutasse ás missões dos jesuitas só sairia, por ordem expressa do governador, ou do ouvidor, quando o reclamante provasse a legitimidade da posse e da servidão. 2.º Que o ouvidor fosse, cada quatro mezes de correição pelas missões e aldêas, ouvir as partes e administrar justiça. 3.º Que se nomeasse

aos Indios um curador (e foi escolhido Diogo Zorrilla alcaide do mar da Bahia)[1], e se impozessem penas a quem casasse as Indias com escravos. 4.º Que os resgates com os Indios, apezar do que dispunha o foral, não fossem válidos sem consentimento das autoridades. 5.º Que os jesuitas entregariam, dos que tivessem em suas aldêas, os que confessassem ser captivos, ou quizessem, livres, servir este ou aquelle colono. 6.º Que o morador que á fôrça tomasse algum Indio proprio, acoutado nas missões, perdesse, por este simples facto, todos os direitos que antes tinha a elle, passando o Indio a ficar aggregado á Companhia.

Estas disposições foram tomadas com tanta latitude em favor dos jesuitas, que começaram os habitantes a queixar-se de que os padres os vexavam com arbitrios e sofismas sempre que podiam: mas o clamor foi geral quando a experiencia mostrou os resultados dellas, que não eram outros senão privar de braços o lavrador pobre, em favor da Companhia, que desde logo começou a medrar e a ganhar consideravelmente na cultura de suas terras, constituindo-se uma verdadeira associação industrial, com a qual nenhum capitalista podia competir.

D'aqui data, verdadeiramente, como em outro logar dissemos, o maior incremento da importação dos escravos africanos. Os moradores vexados pelas dúvidas que de continuo nasciam sobre as provas que se lhe exigiam da ligitimidade da posse dos Indios, começavam a preferir braços, cuja *legitimidade* lhes fosse mais facil justificar. Para abonar os escravos pretos, então que não havia africanos livres, bastava a côr do rosto.

Encerraremos este capitulo dando conta de uma resolução por este tempo tomada pela Côrte. Consistiu em ordenar, por uma provisão[2] de 6 de março de 1565 que as náos destinadas á India que não podessem la chegar, não arribassem de modo algum ao Brazil; mas regressassem antes a Portugal: pois daquellas arribadas, alias frequentes, resultava fugir a gente, estragarem-se as náos, a enxarcia etc.

---

[1]) Foi approvado pela Côrte em de 25 fev. de 1576.
[2]) R. R. VI, p. 12 e 13.

SECÇÃO XX.

PROSEGUE O GOVERNO DE MEN DE SÁ: SUA MORTE.

A escravatura segundo Fr. Thomas de Mercado. Abusos do trafico segundo o mesmo. Sevicias a bordo pintadas pelo mesmo. Conclue a citada obra de Mercado sobre os escravos. A philantropia dos Jesuitas no Brazil não passou á Africa. Juizo acerca de Men de Sá. Desejava a dimissão. Captura do successor nomeado. Lei sobre armas. Lei ácerca da liberdade dos Indios. Começa a predominar a influencia dos Jesuitas. Tributos. Minas. O Rio de Janeiro e Pernambuco por este tempo. Reconducção de Christovam de Barros no Rio. Ilha Grande.

As exageradas pseudo-philantropias em favor dos Indios serviram a fomentar o trafico africano; assim a pretexto de se aliviarem sevicias (que d'outra fórma se poderam ter combatido) contra as gentes de um paiz que se pretendia civilizar, começaram os particulares a enviar navios além do Atlantico a inquietar povos alheios, de igual barbaridade, e a prendel-os e a trazel-os em cadêas, e a fazer que muitos fallecessem nos navios, e a que importassem com males de lepra, a lepra ainda maior da escravidão hereditaria. Inaugurou-se então um systema de colonisação de escravos, cujos graves inconvenientes desde logo começarem a manifestar-se, de tal modo que ja em 1569 publicava um escriptor philantropo protestos contra os abusos que se praticavam; isto apezar de admittir como principio que o „captivar ou vender pretos ou qualquer outros individuos era negocio licito e de *jure gentium*, no dizer dos theologos, como a divisão e partição das coisas; dando se muitos titulos, segundo elle, em virtude dos quaes podia uma pessoa ser justamente captivada e vendida."

Nesses titulos admittia o mesmo autor, entre os povos não christãos, a guerra, o castigo por certos crimes, e a extrema necessidade dos pais; mas logo acrescenta os abusos que, a pretexto desses tres titulos, se originavam, nesses mesmos povos não christãos e barbaros, havendo quem, por

meio da compra, estimulasse novos pretextos para a escravidão, como succedia existindo o que se chamava o *trafico de Africanos.*

Isto sem falar das crueldades que se davam, ao transportal-os em grandes carregações, e que já nesse tempo descrevia com vivas côres o dito escriptor, Fr. Thomas Mercado do seguinte modo:

„Os titulos e causas injustas que referi crescem e vão em augmento ao presente, mais que nunca, pelo grande interesse que, tiram dos mesmos pretos. Porêm é, e tem sido sempre, pública voz que de duas partes que sae, uma é enganada ou tiranicamente captiva ou violentada; além de que (ainda que isto é accidental) os tratam cruelissimamente no caminho, quanto ao vestuario, comida e bebida. Pensam que economisam, trazendo-os nus, matando-os de fome e sede; mas enganam-se; pois que antes perdem.

„Embarcam n'um navio, ás vezes pequeno, quatrocentos ou quinhentos, e ja o fedor ou catinga basta para matar os mais delles. Com effeito morrem muitos: pois maravilha é não diminuirem de vinte por cento. E para que ninguem pense que exagero, dirci que não ha quatro mezes que dois mercadores... sacaram para a Nova-Hespanha, de Cabo-Verde, n'uma náo quinhentos; e n'uma só noite amanheceram mortos cento e vinte; porque os metteram como porcos n'um chiqueiro, ou ainda peor, debaixo da coberta: onde seu mesmo folego e catinga (que bastavam para corromper cem ares e sacal-os a todos da vida) os matou. E houvera sido justo castigo de Deus morrerem juntamente aquellas homens bestiaes que os levavam. E não parou nisto o negocio que, antes de chegarem ao Mexico, morreram quasi tresentos.

„Contar o que passa no tratamento dos que vivem seria um nunca acabar. E espantamo-nos da crueldade que usam os Turcos com os christãos captivos, pondo-os de noite em suas masmorras! Certo muito peor tratam estes mercadores christãos aos pretos que ja são tambem fieis; porque na praia, ao tempo de embarcal-os, os baptizam, a todos juntos, com um hyssope, o que é outra grandissima barbaridade.“

Até aqui Fr. Thomaz de Mercado em 1569.

Pelo que nos toca mais particularmente cumpre não deixar de ponderar que o habito e a necessidade de andarem os escravos Africanos, para poderem trabalhar, quasi nus, não deviam ser favoraveis á moralidade pública, que se embotava de sensibilidade, educada ante tal falta de pudor.

Assim em vez de servidão provisoria, necessaria, experimentada em muitos outros paizes, admittida pelos publicistas mais liberaes, se perpetuou no Brazil outra servidão que nos abstemos de qualificar, e que ja agora não podemos dispensar por uma geração mais, — sem grandes males para o paiz.

Debalde os moradores apresentavam argumentos: debalde pediam elles para o seu gentio do Brazil, no Brazil, as mesmas practicas e leis seguidas em Africa com „o gentio d'Africa". Os jesuitas a tudo se oppunham; pela simples razão, segundo seus inimigos, que d'Africa não pretendiam elles o dominio: não lhes agradava o clima. Se algum dia a Companhia de Jesus recobra outra vez seu antigo desenvolvimento, tem que desaffrontar-se desta accusação, passando a missionar nos certões da terceira parte da terra, em que na verdade a sua historia apresenta feitos de escaça importancia na conversão de tantos milhões d'almas que a povoam.

Notou-se que á medida quo os Indios se viam mais protegidos e mimados, mais insolentes se tornavam. Em 1568 se amontinaram muitos delles meio-convertidos; e fizeram bastantes mortes; e taes motins ainda depois se repetiram. Estas desordens eram seguidas de outras, provenientes das grandes oscilações que experimentava a moeda de cobre, e que muito faziam soffrer o povo [1].

Os engenhos se tinham extendido pelo interior da Bahia, e as roças dos particulares iam entrando pelas terras proximas das aldêas jesuiticas, as quaes elles diziam haverem sido dadas de sesmaria aos seus Indios. — E representando neste sentido ao governador, este sempre em deferencias com elles,

---

[1]) Em 1551 havia sido levantado o valor ás moedas de cobre. Em 1556 e 1560 havia-se reformado esta medida. Em 1568, em consequencia da invasâo do cobre falso, baixou-se de novo esse valor, e foram mandadas indemnisar as perdas e damnos, etc.

mandou lançar um pregão ordenando que ninguem roçasse taes terras, sob pena de perdimento das bemfeitorias, além da multa de cincoenta cruzados, metade para o denunciante, e a outra metade para as obras da fortaleza da cidade.

O governo de Men de Sá é entretanto um dos que a historia deve considerar como dos mais proficuos para o Brazil, o qual se pode dizer ter sido por elle salvo, — principalmente das invasões francezas, e das dos Indios. Sua politica para com os colonos foi em geral tolerante. Á propria Rainha D. Catharina escrevia elle: „Esta terra não se pode nem deve regular pelas leis e estylos do Reino. Se V. A. não for muito facil em perdoar, não terá gente no Brazil; e porque o ganhei de novo, desejo que se elle conserve".

Men de Sá velho e cansado de servir, e de ser mal attendido, „pelo pouco fundamento que da terra se fazia", e de estar ausente da sua familia, instava por que lhe mandassem successor.

Ja em 1560 o pedia assim: „Peço a V. A. que, em paga de meus serviços, me mande ir para o Reino, e mande vir outro governador; porque afianço a V. A. que não sou[1] para esta terra. Eu nella gasto muito mais do que tenho de ordenado: o que me pagam é em mercadorías, que me não servem. Eu fui sempre ter guerra e trabalhos onde hei de dar de comer aos homens, que vão pelejar e morrer, sem soldo, nem mantimentos; porque o não ha para lh'o dar. — Sou velho, tenho filhos que andam desagasalhados: uma filha que estava no mosteiro de Santa Catharina de Evora, mandou Fr. Luiz de Granada que se saisse. Não sei quanto serviço de Deus nem de V. A. foi deitar uma moça de um mosteiro na rua, sendo filha de quem o anda servindo no Brazil".

Annos depois escrevia ao secretario d'estado Pero d'Alcaçova Carneiro, filho de Antonio Carneiro e Conde da Idanha, a seguinte memoravel carta, cujo anno se não menciona; mas que se póde colligir ser do tempo da regencia de cardeal D.

---

[1]) Sam dizia aqui e na carta seguinte, em vez de sou. Assim se escrevia n'aquelle tempo, e se pronunciava.

Henrique, e quando D. Sebastião teria ja alguma parte no governo, pois se trata de „Suas Altezas." Diz assim:

„Senhor. — Todas as vezes que podér hei de alembrar a V. M.cê o perigo em que todas estas capitanias estão pela sua má ordem e pouca justiça, porque trabalhe, por serviço de Deus, com Suas Altezas que a provejam de algumas cousas que na sua carta aponto. Eu sou um homem só, e quanto tenho feito, em todo o tempo que ha que estou no Brazil, desfaz um filho da terra em uma hora. — S. A. dá as capitanias e os officios a quem lh'os pede, sem exame se os merecem. E cá não ha official que preste, nem capitão, que defenda uma ovelha, quanto mais capitanias, de tanto gentio e degradados. Tomo a Deus por testemunha, e a V. M.cê lhe lembro, que faço mais do que posso. — A mercê que lhe peço é que me haja licença de Suas Altezas para me podêr ir, que não parece justo que, por servir bem, a paga seja terem-me degradado em terra de que tão pouco fundamente se faz[1]".

Cremos que a esta carta foi devida a nomeação em 6 de fevereiro de 1570[2] de D. Luiz Fernandes de Vasconcellos, que não chegou a lhe succeder; pois que a frota de seis navios e uma caravella em que vinha, com o padre Ignacio de Azevedo nomeado Provincial, e um refôrço á Companhia de Jesus de mais de sessenta militantes, foi desbaratada e aprisionada por navios dos Huguenotes; ás ordens, uns de Jaques Sore, e outros de Jean Cap de Ville[3], corsarios cujos nomes sentimos concorrer a fazer mais conhecidos.

Assim viu-se obrigado Men de Sá a conservar ainda o mando; e bem que os espiritos se lhe afrouxavam, elle não se cançava de obedecer e de ser leal.

Em seus ultimos dias, fez promulgar varias leis: a primeira obrigando os colonos do Brazil que tivessem quatro centos mil reis a apresentar um arcabuz, um pique ou uma lança, uma

---

[1]) Segue a conclusão: Nosso Senhor a vida e estado de V. M. acrescente. Do Salvador a 10 de Agosto. — Servidor de V. M. — „Men de Sá".

[2]) Liv. 28 de D. Seb. e D. Henr. fol. 34. Vasconcellos trazia mais 200 $ reis de ordenado; i. é. 800 $.

[3]) Southey, I, 320 e seguintes.

rodela ou adarga, e um capacete ou cellada. Uma provisão (16 de março de 1570) concedia isempção de tributos aos engenhos que se fizessem dentro de dez annos, pagando apenas o assucar dez por cento á entrada no reino; providencia que depois foi mais de uma vez renovada, bem que desta 1ª. vez fosse resolvida como uma especie de indemnisação pela perda soffrida na rebaixa que se decretou em toda a moeda de cobre, afim de evitar o contrabando que della se chegára a fazer.

Outra lei versava ainda sobre os Indios, que agora quasi todos se declaravam de uma vez forros. Consideramos de tal importancia seu texto que julgamos dever aqui transcrevêl-o.

„D. Sebastião etc. Faço saber aos que esta lei virem que sendo eu informado dos modos illicitos que se tem nas partes do Brazil em captivar os gentios das ditas partes, e dos grandes inconvenientes que disso nascem, assi para as consciencias das pessoas que os captivam pelos ditos modos, como para o que toca a meu serviço e bem e conservação do estado das ditas partes, e parecendo-me que convinha muito ao serviço de Nosso Senhor prover nisso em maneira que se atalhasse aos ditos inconvenientes, mandei ver o caso na Mesa da Consciencia, pelos Deputados do despacho della, e por outros lettrados; e conformando-me nisso com sua determinação e parecer: Defendo e mando que daqui em diante se não use nas ditas partes do Brazil dos modos que se até ora usou em fazer captivos os ditos gentios, nem se possam captivar por modo nem maneira alguma, salvo aquelles que forem tomados em guerra justa que os Portuguezes fizerem aos ditos gentios, com autoridade e licença minha, ou do meu governador das ditas partes, ou aquelles que costumam saltear os Portuguezes, ou a outros gentios para os comerem; assi como são os que se chamam Aymorés e outros semelhantes. E as pessoas que pelas ditas maneiras licitas captivarem os ditos gentios serão obrigadas, dentro de dous mezes primeiros seguintes, que se começarão do tempo em que os captivarem, fazerem escrever os taes gentios captivos nos livros das provedorias das ditas partes, para se poder ver e saber quaes são os que licitamente foram captivos. E não o cumprindo assim no dito tempo de dous mezes: Hei por bem que percam a acção dos

ditos captivos e senhorio. E que por esse mesmo feito sejam forros e livres. E os gentios que por qualquer outro modo e maneira forem captivos nas ditas partes declaro por livres, e que as pessoas que os captivarem não tenham nelles direito nem senhorio algum."

Esta lei de liberdade dos Indios havia levantado no Brazil tão grandes alaridos que chegavam á côrte de continuo, e foi necessario modifical-a, por uma carta régia, cuja execução não coube ja a Men de Sá, a quem em 1573 se concedia o suspirado regresso á patria, — regresso que não chegou a realizar, por haver Deus disposto de sua vida, ao cabo de dezeseis annos de governo. Não nos consta que deixasse testamento, documento este no qual, (quando feito a sangue frio e antes dos derradeiros momentos, em que o espirito se acha naturalmente acobardado e enfraquecido) nos houvera revelado por ventura algumas circunstancias importantes á historia[1].

Os supramencionados favores aos jesuitas deviam concorrer a que o governador Men de Sá, aliás integro e bom, mas desejoso de ceder seu posto, não fôra rendido. Durante o seu governo, haviam os padres adquirido no Brazil tal ascendente que ja para o fim tinham mais poder que o governador. Por uma carta régia obtiveram elles, afim de fabricarem dois collegios, o producto das condemnações e penas pecuniarias impostas pelas magistraturas judicial e administrativa, com direito de nomearem o recebedor; e por outra carta régia foi ordenado ao governador geral que confirmasse as datas e doações das terras a elles feitas, ainda que não as houvessem bemfeitorisado, sem embargo de quaesquer ordens ou direito em contrário." Um alvará, de 5 de maio de 1570, recommendou que se pagasse pontualmente o que se lhes devesse de seus ordenados; e isso mesmo se repetiu depois em outro de 14 de fevereiro de 1575. —

---

[1]) Mas tal é a condiçâo humana que nos nâo deve admirar que um homem de juizo tâo sâo, e jurisconsulto para mais, se houvesse descuidado de cumprir, para com a sua familia e para com a posteridade, esse dever que a tantos aterra, a ponto de o evitarem; apezar dos males que d'ahi resultam, — pelo que entre os Romanos era considerado como ignominia o morrer *ab intestato.*

Tambem a este governador caberia o fazer cumprir o regimento dado aos capitães mores, em 10 de dezembro de 1570, o qual, na Côrte, foi uma especie de preparativo de tropas para a infausta expedição, que veiu a ter o desfecho em Alcacerquibir.

O illustre Men de Sá começava de dia para dia a esmorecer A muitas propostas suas não se attendia, e o laconismo das respostas que se davam ás suas correspondencias era tal (depois da primeira carta régia que transcrevemos) que succedeu ás vezes com poucas linhas e um só aviso[1] corresponder a tres correios seus; tudo se reduzia a promessas, e a assegurar-lhe a muita confiança que nelle tinha o governo. Entretanto sabemos, por outro lado[2], que corria no Brazil que elle no Reino „não tinha ninguem por si." Veiu a fallecer em 2 de março de 1572[3]. Pode-se dizer que aos seus esforços deveu o Brazil o começar a viver independente de soccorro.

No Rio de Janeiro não occorrera novidade. Christovam de Barros ahi construira um engenho, por sua conta. — Em 1569[4] assentára o bispo de revestir o parocho da cidade com as attribuições de ouvidor ecclesiastico, constituindo-o, ao mesmo tempo, delegado seu nos artigos do Santo-Officio, de cujo tribunal de Lisboa era o bispo no Brazil commissario ou subinquisidor. — O primeiro parocho que teve taes poderes foi Matheus Nunes. O dito Christovam de Barros, em outubro (31) de 1571, foi reconduzido no governo por mais quatro annos. Ao mesmo tempo recebeu ordem para que considerasse devolutas e destribuisse as terras que dentro de um anno não fossem aproveitadas. Para mestre das fortificações do Rio de Janeiro foi nomeado Francisco Gonçales. A respeito da Ilha Grande, que havia sido doada, em 24 de janeiro de 1559, com dez leguas de costa fronteira, na Angra dos Reis, a um Dr. Manuel da Fonceca, nenhumas notícias podémos colher.

---

1) Os rascunhos destas respostas de que temos cópias, em nossa collecção, se encontram a fol. 227, 231, 281 v. 356, etc. do L. X da Coll., chamada de S. Vicente de Fóra, — conhecida dos eruditos.
2) Carta de Nobrega a Thomé de Souza de 5 de junho de 1559.
3) Miralles, p. 321.
4) Prov. de 20 de Fev. e 15 de Agosto. Vej. Pizarro II, 38; e Ann. do Rio de Jan. 179.

Sabemos porém que não beneficiou essas terras; apezar de haver dellas pedido e obtido confirmação regia em 28 de julho de 1573 e 12 de outubro de 1575.

Pernambuco prosperava, graças á pacificação e sujeição dos Indios, para que tanto acabava de contribuir Jorge d'Albuquerque, irmão de 2° donatario e seu successor, favorecido pelos ataques dirigidos contra os Caités por outros Indios do sertão.

Antes de passar adiante, cumpre dizer que em quanto o Brazil chorava a morte do seu terceiro governador, soffreu a perda do segundo prelado da diocese, D. Pedro Leitão, que acabava de fazer uma visita a Pernambuco. Ambos haviam favorecido o ascendente nos negocios publicos dos padres da Companhia de Jesus. O último lhes legou a sua livraria. Convocou Leitão o primeiro synodo braziliense, ao qual só concorreram clerigos da Bahia, nenhum lettrado ou canonista. Entretanto neste synodo resolveram-se várias mudanças nas Constituições de Lisboa, até ali em vigor, e se ordenaram alguns dias santos, differentes dos adoptados no kalendario metropolitano.

SECÇÃO XXI.

REDUCÇÃO DO RIO REAL, ITAMARACÁ E CABO FRIO. MALLOGRO NA PARAHIBA.

Dez capitulos ácerca do captiveiro dos Indios. Dois governadores Brito e Salema. Conquista do Rio Real. Itamaracá. Projecto de occupação da Parahiba mallogrado. Sujeição de quilombos. Antonio Luiz Adorno chega ás minas de turmalinas. João Coelho de Souza chega aos sertões de Minas. Antonio Salema em Cabo-Frio. Reunião dos dois governos. Desmembração ecclesiastica. Acacerquibir. O cardeal rei. O prior do Crato. Filippe II. Sua aclamação no Brazil. Vantagens e inconvenientes. Idéa de independencia. Lourenço da Veiga. Projectos de Fructuoso Barboza. Governo interino. Cosme Rangel. Abusos. Mesteres. Novo mallogro na Parahiba. Galeões inglezes em Santos. Esquadra de Diogo Flores. Salvador Correa no Rio de Janeiro.

Men de Sá não teve por successor um governador geral: teve dois. Em fins de 1572 resolveu a corôa dividir o Brazil em dois estados, criando um novo das capitanias do sul, com a sede na cidade de S. Sebastião (Rio de Janeiro), e continuando a cidade do Salvador (Bahia) como capital do estado do norte, comprehendendo os Ilheos até o limite com Porto Seguro, ficando esta última capitania ao governo do sul.

Para o governo do último foi escolhido o conselheiro Luiz de Brito d'Almeida; e para o do sul o dezembargador Antonio Salema, que como acabamos de referir estava de correição em Pernambuco, onde recebeu a notícia. Dos precedentes do primeiro nada sabemos. Salema, depois de haver regido em Coimbra uma cathedrilha de Instituta, e a cadeira do *Codigo*, passára, em 1570, á Casa da supplicação, e logo fôra mandado com alçada em correição a Pernambuco, onde recebeu a notícia do novo despacho.

Na carta, nomeando a Luiz de Brito, passada em Evora aos 10 de dezembro de 1572, dá o rei razão da novidade que introduzia, do seguinte modo: „Dom Sabastião etc., faço saber aos que esta carta virem que consyderando eu como por as terras da costa do Brazill serem tão grandes e tão distantes

humas das outras e auer ja agora nelas muitas povoações e esperança de se fazerem muytas mais pelo tempo em diante, não podiam ser tão inteiramente governadas como compria por hum so governador, como te qui nelas ouve, asentei asy para o que convem á conversão do gentio daquellas partes, e se dilatar nelas nosa santa fe, como para mais brevemente se administrar a justiça e elas se poderem melhor defender, e por outros respeitos, de mandar dous governadores ás ditas partes, hum para residir na cidade do Salvador da capitania da Bahia de Todos os Santos, e outro na cidade de são Sebastião do Rio de Janeiro, e governar cada hum deles as terras de seus lemites, comforme a repartição que para yso mandei fazer; e vendo ora como para os cargos de *capitão* da *dita capitania da Bahia de Todos os Santos* e do *governador geral dela e das capitanias e terras que ha da banda do norte e asy da parte do sull ate a capitados Ilheos e lymite della, por onde parte com a de Porto Seguro*, que he huma das ditas duas governanças, he necessaria huma pessoa em que concorrão as partes que para isso se requeren, e pela muyta confiança que tenho de Luiz de Brito Dallmeida do meu conselho que em tudo o de que o emcaregar me sabera bem servir, e o fara com o cuidado e vigilancia que se dele espera, e como ho sempre fez, nas cousas de que ate qui foi encargado, e por folegar de lhe fazer mercê ey por bem, etc."

Salema se juntou primeiro na cidade do Salvador com o seu par, o governador Luiz de Brito, e ouvindo ambos o novo ouvidor geral Fernão da Silva e os padres da Companhia, reconsideraram as disposições da lei última acerca da liberdade dos Indios, em conformidade com as seguintes determinações, contidas n'uma carta régia e tal respcito: „No que toca ao resgate dos escravos, se deve ter tal moderação que não se impida de todo o dito resgate, pela necessidade que as fazendas delles tem, nem se permittam resgates manifestamente injustos, e a devassidão que até agora nisso houve."

As conferencias havidas sobre este assumpto produziram o accordo de 6 de Janeiro 1574 com os dez artigos que passamos a resumir. O primeiro prohibia os resgates de gente entre os Indios mansos ou de pazes. Pelo segundo se exceptuaram da prohibição os Indios que depois de aldeados se fos-

em para o mato, e andassem ausentes por mais de um anno. Limitava o terceiro a escravidão dos Indios aos aprisionados em guerra manifestamente licita, e aos que, estando captivos de outro gentio, e com mais de vinte e um annos de idade, preferissem o captiveiro dos nossos. Pelo quarto se declararam defesos os resgates feitos sem licença dos governadores ou dos capitães; sendo incumbidos do exame delles os provedores, e mais dois individuos, eleitos em camara no principio de cada anno. Dispoz-se pelo quinto que as pessoas vindas com os Indios de resgate, quer por mar, quer por terra, se apresentassem na respectiva alfandega, antes de haver feito escala ou communicado com alguem. Recommendou-se pelo sexto que os Indios do resgate, nesta conformidade registados, que fugissem, seriam a todo tempo entregues a seus primeiros senhores, mediante a propina de mil reis, e a indemnisação das despezas. Pelo setimo os Indios resgatados de que não houvesse registos declaravam-se forros. Pelo oitavo se fixou que fossem consideradas guerras justas as que os governadores fizessem conforme seus regimentos, ou as que occasionalmente se vissem obrigados a fazer os capitães, com voto dos officiaes da Camara e outras pessoas de experiencia, dos padres da Companhia, do vigario da terra, e do provedor da Fazenda, de cuja resolução se devia lavrar auto. O nono declarou forros os Indios que os capitães tomassem sem esta última clausula, e as penas que soffreriam, tanto elles capitães, como outros quaesquer individuos que fossem contra o que ora se delibe rava. Mandou finalmente o decimo que os delinquentes, sendo piões, fossem açoutados em publico, com baraço e pregão, e pagassem quarenta cruzados de multa; e sendo de maior qualidade, além da dita pena em dinheiro, fossem condemnados a dois annos de degredo; isto afóra as outras penas em que podessem incorrer, segundo as ordenações, leis e regimentos do Reino.

Approvadas estas disposições, seguiu Antonio Salema a tomar conta do governo do sul, que exerceu, bem como Luiz de Brito o do norte, durante quatro annos. — Ambos os governadores se distinguiram pelo empenho com que procuraram promover a exploração do paiz e afastar para mais longe a

extremadura que separava a civilisação da barbarie. — As disposições supramencionadas, a respeito dos Indios, vinham favorecer a realisação desse empenho; por quanto os colonos se prestavam agora mui voluntariamente para todas as conquistas, como o mais seguro meio de adquirir as melhores terras e os braços para as beneficiar.

De Luiz de Brito várias são as emprezas que nos cumpre historiar. A mais importante, e tambem por ordem chronologica a primeira, foi a do ataque e reducção do gentio das terras do Rio Real, ao norte da Bahia, e o estabelecimento nessas terras da primeira villa, com a invocação de *Santa Luzia,* com o que deixou prevenida a formação da capitania, depois chamada de Sergipe. Esta conquista fôra primeiro intentada pelo poderoso proprietario Garcia d'Avila, cújos campos de criar se extendiam para essas bandas do norte. Luiz de Brito, vendo por um lado a Garcia d'Avila sem fôrças sufficientes, e por outro muitas vantagens que o Estado poderia tirar da occupação desse territorio, tão abundante de páo-brazil, decidiu-se a essa occupação, que realisou com felicidade.

Outra aventura do mesmo Luiz de Brito foi a de uma nova tentativa, semelhante a esta do Rio Real, sobre o Continente, e em terras por prescripção ja tambem da Coroa, para o norte da ilha de Itamaracá.

E' de saber que o districto fronteiro a esta ilha, que até então, em virtude da propria fertilidade das bordas do seu canal e dos rios que a elle vem desaguar, e dos seus muitos mariscos e caranguejos, attrahia continuamente bandorias de Indios indomitos, começava a prosperar; havendo nas immediações varios engenhos de assucar, cujos senhores se arriscavam aos perigos inherentes á visinhança dos Barbaros, em troco das muitas outras vantagens que tiravam, estabelecendo-se em uma das paragens mais ferteis e mais bellas do littoral brazileiro; tanto mais quanto a ilha fronteira lhes servia sempre de valhacouto seguro, em caso de invasão dos mesmos Barbaros. — Assim a ilha de Itamaracá podia então considerar-se a atalaia da civilisação brazileira avançando para a norte, da mesma fórma que mais tarde (e ainda agora), pela bondade de seu porto, e a excellencia e abundancia das suas aguas e

provisões, se considerou como posição de muita valia, para a defensa contra um inimigo superior no mar.

Itamaracá era porém não só a atalaia, o posto avançado da civilisação, mas ao mesmo tempo o seu abrigo em caso de algum desastre; e os emprehendedores, que se estabeleciam pelos rios do continente visinho, punham antes nella as esperanças do refugio do que em Igaraçú, villa alias mais proxima, porêm no continente. Os mais ousados iam na dianteira, e em geral eram os ricos, por condição geral humana mais cobiçosos. Um destes, Diogo Dias, aventurou-se a ir estabelecer engenho no Tracunhaem, chamado hoje rio de Goyanna. Veiu o gentio da Parahiba e deu cabo de tudo, e orgulhoso de sua obra ameaçava o resto da comarca. — Informado Luiz de Brito do succedido, ordenou a Fernão da Silva, que reunia os cargos de ouvidor e provedor mór, que fosse a Pernambuco fazer alardo de gente, e pôr pelas armas cobro a taes ameaças, occupando o rio da Parahiba. Obedeceu Fernão da Silva: arranjou alguma fôrça, e partiu com ella. O gentio á sua chegada retirou-se; mas corrido de ceder a tão poucos, intentou um ataque, e obrigou-os a todos a fugir pela marinha, até se refugiarem em Itamaracá. — Incommodado Luiz de Brito com este revez, e instado pelos moradores de Pernambuco, e principalmente pelos de Itamaracá, para que contivesse os agressores Barbaros seus visinhos, reuniu na Bahia uma frota de doze navios, da qual deu a capitania mór a um sobrinho, Bernardo Pimentel d'Almeida, e com a mais luzida gente da cidade, se embarcou elle em pessoa em setembro de 1575. — Os ventos ponteiros e os mares de levadío conspiraram-se porêm contra os seus designios. A frota dispersou-se. Uns, e entre estes o governador, voltaram á Bahia. O capitão do mar, seu sobrinho, arribou a Pernambuco, com algum navio mais; e cançado de esperar, regressou tambem por fim á Bahia. Seguiram-se no districto desta cuidados serios por alguns pretos fugidos, que insurrectos em quilombos ameaçavam a tranquilidade dos lavradores. Era o primeiro ensaio dos bens com que nos mimoseára a pseudo-philantropia. Conseguiu o governador sujeital-os, mandando contra elles uma companhia d'Indios ás ordens de Onofre Pinheiro, mamposteiro dos capti-

vos da Bahia; porêm tantos gastos havia feito com a mallograda expedição á Parahiba, que não ousou acometter de novo a empreza de sua conquista.

Em tempo de Luiz de Brito, e ainda por ordem sua, foi Antonio Dias Adorno ao sertão em busca das minas de esmeraldas, que se diziam encontradas por Sebastião Fernandes Tourinho. Adorno subiu pelo rio das Caravellas, com cento e cincoenta de comitiva, e mais quatrocentos Indios e escravos, e depois proseguiu a pé, e chegou á tal serra chamada das Esmeraldas; encontrando turmalinas verdosas da banda do norte e outras azuladas da parte de leste, e de ambas as sortes trouxe muitas. Para o regresso, dividiram-se em duas escoltas descendo uns pelo Rio de Belmonte, até o mar, e seguindo Adorno por terra, até a Bahia, depois de passar pela fazenda de Gabriel Soares de Souza, perto de Jeguiriçá [1]. As informações que então obteria este fazendeiro do proprio Adorno, induziriam por ventura seu irmão João Coelho de Souza a emprehender uma nova exploração, chegando a descobrir ouro e pedras nos sertões, e tendo a desdita de fallecer nas cabeceiras de rio Paraguassú, quando regressava. Deixou porêm recommendado que levassem ao irmão, Gabriel Soares, o seu roteiro, com todos as indicações do que encontrára; o que induzia a este a passar á Côrte, afim de ahi requerer certos auxilios e privilegios, para emprehender de novo taes descobrimentos, como veremos.

Pelas bandas do sul, Antonio Salema imitava, nas tendencias guerreiras, a Luiz de Brito, seu par, do melhor modo que podia. Ameaçado de contínuo pela visinhança incommoda dos Indios de Cabo-Frio, instigados por muitos Francezes, que ahi se haviam estabelecido em uma feitoria, onde faziam grande contrabando, principalmente de páu-brazil, resolveu-se o governador a reduzir essa paragem. Reuniu pois na Cidade uma fôrça de mil homens, comprehendidos setecentos Indios alliados. E para esta fôrça o Espirito Santo contribuiu com seu

---

[1]) Gab. Soares, I, cap. 37 e 40.

tanto, e da capitania de S. Vicente acudiu tambem com algum auxílio o delegado do donatario[1].

Melhor seguiriamos agora nossa narração, se não tivessemos nesta conjunctura que lastimar o não apparecimento, ou talvez a perda, de um livro escripto pelo proprio governador, ácerca dos feitos desta jornada, da qual, vencedor como Cesar, quiz ser tambem o commentador, e n'esta parte com mais authenticidade[2] do que o vencedor da então barbara Europa central e occidental. Somente sabemos que a victoria[3] foi completa; e que o número dos prisioneiros se avaliou em muitos mil[4].

Apezar da glória que nessas jornadas adquiriram os colonos do sul, como na do Rio Real os do norte, a experiencia fizera conhecer inconvenientes na desmembração do Brazil, cujas fôrças com a divisão se enfraqueciam notavelmente, de modo que se tornavam menos aptas para acudir juntas a um ponto onde se apresentasse o perigo. — Em vista pois dos proprios informes dos dois proconsules, a Côrte resolveu repor a governança no mesmo pé em que estava, nomeando „capitão da Bahia e governador geral da dita capitania e de todas as mais terras e capitanias do Brazil", a Lourenço da Veiga[5], do conselho do rei. A carta de nomeação, em data de 12 de abril de 1577, do mesmo theor das dos seus predecessores, confere-lhe seiscentos mil reis de ordenado. — Trazia Lourenço da Veiga um regimento, datado de 6 de maio desse mesmo anno, e recommendavam-se-lhe várias reuniões e suppressões de empregos. Eram mandados reunir em um só cargo os de

---

[1]) Rev. do Inst., VI, 407.

[2]) Do livro de Salema dá razão não só Gab. Soares, e com elle Mariz e Barboza; mas tambem Fr. Vicente do Salvador, que recommendava a Salvador Correa o livro „sobre a historia do Rio de Janeiro que fez o Salema".

[3]) Podéra julgar-se que só tivera logar em 12 de fev. de 1578, — pelo que dizem o Ann. do Rio de Jan., I, 300 e 329. — Com os Francezes estariam talvez alguns Inglezes, e isso daria provavelmente logar ás informações de D. P. de Sarmiento. — „Viaje", p. 349. Salema regressou a Lisboa e em 15 de jan. de 1577 se lhe mandava pagar; foi nomeado dezembargador dos Aggravos em 1583 e falleceu em 18 de março de 1586.

[4]) Gabriel Soares, I, c. 55. Ahi se lê que C. de Barros assistiu á jornada.

[5]) Não Diogo Lourenço, como escreveu Southey, sem nenhuma correcção do seu traductor (I, 442), e outros compiladores.

escrivães da fazenda e dos feitos; os de thesoureiro e almoxarife, com um só escrivão; — reduzindo-se os vencimentos ao escrivão dos contos, provedor e seu escrivão, patrão da ribeira, meirinho da correição; e mandando-se abolir o de fisico, mestre das obras, um dos dois carpinteiros da ribeira e outros.

Em cambio, augmentavam-se, segundo vimos (pag. 294), os mantimentos aos Jesuitas, e concediam-se ao governador para sua guarda (por carta ao provedor de 6 de setembro de 1577) doze homens, vencendo cada um 500 reis por mez. Por uma provisão, de 12 de setembro desse mesmo anno, foi conferido a Salvador Corrêa de Sá o governo do Rio de Janeiro, devendo Lourenço da Veiga, em virtude da distancia a que ficava esse governo, munil-o de mais poderes, no acto de lhe dar posse.

A idéa da divisão administrativa do Brazil havia sido acompanhada de outra, posta já tambem em execução, desmembrando do bispado do Salvador as capitanias do sul, e nomeando-se para ellas um administrador ecclesiastico, independente da jurisdicção do bispo. A respeito desta desmembração nada se alterou até o seculo seguinte, em que se creou aqui um novo bispado. Foi primeiro administrador o bacharel Padre Bartholomeu Simões Pereira[1]. — No intento de favorecer os clerigos do Brazil, evitando-lhes trabalhos e despezas, resolveu[2] tambem elrei, cujo era o padroado, segundo vimos, que para os beneficios podessem elles ser apresentados pelos governadores. Assim praticou tambem a Hespanha, comettendo aos vice-reis dos seus Estados americanos o que ali se chamou vice-padroado.

Lourenço da Veiga recebeu o bastão de governador em principios desse anno[3], fatal para a metropole, pela perda, nos campos de Acacerquibir em Africa, da flor da sua nobreza e da do rei cavalheiro D. Sebastião; — perda á qual pouco

---

1) Carta régia de 11 de maio de 1577. — O desmembramento fôra concedido por breve de Gregorio XIII de 19 de julho de 1575. (Ann. do R. de Janeiro I, 316.)
2) Alvara de 7 de fevereiro de 1576. — Ann. do Rio de Janeiro, I, 310.
3) Pizarro, II. 113.

sobreviveu o grande epico do Tejo, que no anno immediato se despedia do mundo, proferindo a conhecida fraze de que *morria com a patria.*

Se este lamentavel successo não houvera de poucos annos sido precidido de tantas victórias alcançadas sobre os Rumes no Oriente pelos Portuguezes, e da derrota da armada turca em Lepanto pela sua inimiga commandada por D. Juan d' Austria, a Europa em quanto destroçava suas proprias entranhas, e adulterava o espirito do evangelho, a titulo de decidir pelas armas onde estava a maior pureza do christianismo, — a Europa, dizemos, e com ella toda a christandade, houvera talvez succumbido ante o arrojo e a intolerancia das forças mussulmanas; c escusado é dizer qual houvera sido tambem naturalmente a sorte da America. Porêm na batalha de Lepanto (1571), principalmente, se resolveu em relação á Europa, a questão do triunfo do christianismo pelas armas; e o desastre de Portugal em Acacerquibir foi todo em proveito da nação vencedora de Lepanto, — ou antes do filho de Carlos V, — do sombrio Filippe II, intelligente e astuto soberano, — que de uma cella do Escorial governou grande parte da terra, a ponto de que, como se dizia então, nunca o sol tinha para elle occaso, isto é nunca deixava de esclarecer algum ou alguns dos seus estados. As vicissitudes por que passou a metropole no reinado, fertil d'intrigas politicas, do velho cardeal-rei D. Henrique, que succedendo na corôa ao sobrinho extraviado em Africa, chegou a ter idea de cazar-se [1], a inquietação dos povos, ao verem que não havia do reino herdeiro jurado, a turbulenta acclamação, por morte do rei-cardeal, do Prior do Crato D. Antonio, obrigado a ceder de suas pretensões ante as armas victoriosas do Duque d'Alba, general do exercito que veiu de Castella demonstrar os direitos da fôrça de Filippe II, tudo devia concorrer a que não podesse a mesma metropole acudir ás colonias; pois mal pode dar providencias quem as necessita para si. A metropole vencida pela astucia de Filippe II, e pelo apoio de uma nobreza egoista e pouco patriotica, sujeitou-se a

[1]) A tal respeito vimos em Hespanha uma carta autographa do Cardeal-rei annunciando a Filippe II o seu projecto.

este rei, apresentando mui pouca resistencia[1], e nas côrtes de Thomar se resolveram as clausulas da annexação. Portugal acclamando o dito rei, seguiria como estado independente, governando-se por suas proprias leis, publicadas em portuguez, e usando nellas o soberano simplesmente do dictado dos reis portuguezes. — No reino e colonias, serviriam os cargos do Estado unicamente os filhos dellas e delle, e só Portuguezes poderiam pela mesma fórma ser delegados immediatos do soberano, quando não cometesse o cargo a Principes ou Princezas de sangue. Assim o Brazil continuava, e effectivamente continuou, colonia de Portugal, que sob o dominio castelhano conservou, em geral, como até ali, o monopolio do nosso commercio em favor dos seus portos e productos. Mostrou-se pois o Brazil absolutamente alheio á questão dynastica. Indifferente lhe parecia que o monarcha fosse desta ou daquella rama, e que morasse em Lisboa ou em Madrid; em Cintra e Almeirim; ou em Aranjuez e no Escorial. — Talvez antes só vantagens pensaria colher com acclamar rei o soberano, mais rico e poderoso do seculo, — o soberano que dispunha dos thesouros do Mexico e do Potosi, e que por meio delles tinha exercitos, e em seus museus e galerias as obras primas dos primeiros artistas do tempo. Essa união devia parecer um dom providencial, toda em seu beneficio. Por meio d'ella desappareceriam as dúvidas e questões que, tarde ou cedo, deveriam surgir de novo ácerca da demarcação e traçado da sua raia, segundo a linha recta designada pelo tratado de Tordesilhas; ao passo que, vassallos do mesmo principe que todos os demais estados da America do sul, poderiam os povos do Brazil livremente commerciar com os seus visinhos, mandando-lhes seus productos, e gosando, contra os piratas e entrelopos, da protecção das mesmas esquadras que, indo

[1]) Acerca desta expedição da „União de Portugal a Castella", escreveu em italiano uma mui curiosa historia Jeronymo de Franchi Conestagio, a qual em 1610 se publicou em castelhano, e merece muito conceito; pois segundo Francisco Manuel de Mello foi ella originalmente escripta por D. João da Silva, conde de Portalegre, cujas cartas (de 1579 a 1601) preparadas em 1619 para serem impressas por Gaspar Clemente Botelho, se conservam no *British Museum*, Mss. Add. Num. 20. 929.

para o Prata ou para o Pacifico, tinham forçosamente de velejar ao longo de suas costas.

Fatal engano, que dentro em pouco tinha de produzir crueis decepções! Aquelle pequeno reino, bem que um tanto desorientado com a revolução social que n'elle haviam occasionado as fortunas facilmente adquiridas na Asia, havia tido sempre o bom senso, quanto á politica do continente europeu, de procurar aproveitar-se da independencia que lhe dava a sua situação em um canto d'elle, a fim de manter paz com todos; em quanto, pelo contrário, os herdeiros de Isabel a Catholica, não contentes com extender suas conquistas pelos dominios que lhes offerecêra o genio perseverante de Colombo, haviam sido levados, pela ambição, a sustentar guerras não só na Italia, na França, na Allemanha e nos Paizes Baixos, como até contra a Turquia.

E claro está que, sendo a maior parte d'estes inimigos nações maritimas, a propria vastidão, quasi immensa, da nova monarchia a cujos destinos se havia associado a nascente colonia brazilia, difficultava a sua defensa, e a deixava vulneravel, como uma das paragens a que menos lhe interessava attender. E com effeito, o Brazil, onde ainda não haviam sido descobertas as minas de ouro e diamantes, o Brazil com a sua escassa producção de assucar e do páo que lhe dera o nome, não podia ser guardado pelos novos reis estrangeiros, com o mesmo empenho com que tratavam de guardar o Mexico e o Perú, dominios que, com o enorme producto de inexgotaveis minas de ouro e prata, os ajudavam em tantas guerras.

Fez-se entretanto no Brazil a acclamação de Filippe II; bem que, ao menos na Bahia, se effectuou sem a formalidade do juramento; a qual só teve logar mais tarde, aos 25 de maio de 1582, por indicação vinda da côrte.[1] Segundo direito, o immediato successor do Cardeal era a infanta D. Catherina, neta d'elrei D. Manuel, como filha do infante D. Duarte; ao passo que Felippe 2.º bem que igualmente neto do mesmo rei, era-

[1]) Vej. as Alleg. de Direito que offereceram ao rei cardeal na causa de successão, etc. a 22 de out. de 1579.

por sua mai, irmã do mesmo D. Duarte. Deste voto foram os homens mais lettrados do tempo [1].

O Prior do Crato, vendo mentidas as suas esperanças de sustentar-se em Portugal, protegido pela França, tentou fortuna não só nos Açores (onde por algum tempo resistiu pela sua causa a ilha Terceira), como no Brazil, a cujas camaras e governadores escreveu, confiando as cartas a várias náos francezas. Ainda quando a tentativa não fosse tardia, por haver o Brazil aclamado já a Filippe II, era mui impoliticamente executada; pela simples circunstancia de trazerem as náos emissarias a bandeira franceza, até ali tão hostil á nascente colonia brazileira. No Rio de Janeiro, Salvador Corrêa, bem que então a braços com os Indios, intimou a tres náos que entraram que não communicassem com a gente da terra, e como o quizessem executar á força, disparou contra ellas [2], obrigando-as a fazerem-se ao largo.

Parece que um D. Pedro da Cunha (a darmos credito ás palavras de um seu descendente), fôra de voto que, ainda antes de se fazerem em Portugal esforços para a resistencia contra todo o poder de Filippe II, se empregassem os poucos recursos disponiveis, para armar uma expedição maritima, em que os fieis Penates do mythologico fundador de Ulisséa viessem preservar no Aquem-mar o nome e a corôa de Portugal, estabelecendo-se com toda a gente no Brazil, onde por ventura os ampararíam as nações da Europa, rivaes da Hespanha. Este grande pensamento realisado logo, e antes que os governadores do Brazil tivessem tempo de prestar juramento ao novo soberano estrangeiro, e que este podesse dar providencias ácerca de uma surpresa que se lhe fazia tão longe, e em paiz

---

[1]) C. R. de 16 de nov. de 1581, apresentada em Camara aos 19 de maio de 1582; sendo juiz ordinario Francisco Fernandes Pantoja; e vereadores Antonio da Costa, Fernão Vaz e Gabriel Soares de Souza; procurador da cidade João Ribeiro; e escrivão da Camara João Pereira. G. XIII, 7, 18.

[2]) Soares, I, 56. — Filippe II escreveu por esta occasião a Salvador Corrêa e á cidade de S. Sebastião „agradecendo-lhes o que haviam feito em seu serviço". — Teve isso logar em 1581. — Jarric, III. c. 29. — Antes em 18 de maio de 1580 haviam estado no Rio quatro náos de guerra francezas. Hackluyt, III, 705.

a que tão pouca importancia ligaria, houvera no seculo XVI visto proclamar-se uma monarchia independente na América. Cumpre porêm declarar que essa monarchia (se bem que ja a si o Estado se nutria de rendas proprias) não teria ainda elementos sufficientes para cuidar de sua prosperidade, nem gente para tratar das coisas da governação: e que posta, como naturalmente se poria logo o novo reino, á mercê e dependencia de alguma das rivaes da Hespanha, concluiria por ser della preza.

O governador Lourenço da Veiga, succumbindo talvez aos embates de tão extraordinarios successos, falleceu na Bahia, em 4 de junho[1] de 1581. Durante os tres annos atribulados do seu governo, passaram no Brazil alguns acontecimentos, que nos cumpre registar. No de 1579, foram incendiados em nossos portos onze navios[2] de Dieppe e do Havre, que naturalmente seriam surprehendidos fazendo contrabando. O certo é que o norte do Brazil, principalmente além do rio Parahiba até o Maranhão, era nesse tempo mais frequentado dos Francezes que dos nossos, e uma mappa que vimos em Paris, dessas paragens, começando mais ao sul desde o Rio Real, feito neste mesmo anno em Dieppe por Jaques de Vaudeclay, patentêa o bem informados quc do toda essa costa estavam os Francezes, e os seus intentos de nos guerrear, ajudados dos Indios e dos proprios recursos do paiz.[3]

Veiga no principio de seu governo chegára a dar ordens ao ouvidor geral e ao provedor mór, afim de que ambos tratassem dos meios dc effectuar uma nova cxpedição á Parahiba. Entretanto porêm se apresentára, offerecendo-se para realisar a empreza, Fructuoso Barboza, rico proprietario de Pernambuco, o qual, passando á côrte, ahi se comprommettera a colonisar a nova capitania á sua custa, mediante a condição de ser por dez annos capitão mór ou adiantado della, cobrando ao mesmo tempo todas as rendas. Em 25 de janeiro de 1579

---

1) Miralles, p. 325.
2) Ternaux Compans, „Not. de la Guiane Française“, p. 19.
3) Do mesmo cartographo possuimos tambem outro mappa do Cabo Frio e Rio de Janeiro, marcando-se junto desta cidade o logar por onde ella deveria ser „tomada“.

lhe foi feita esta concessão, sendo nomeado „capitão de mar e terra" da gente que levasse. Preparados quatro navios, com muitas familias para povoar a terra, com soldados para a defender, e com clerigos e religiosos de duas ordens, uns Benedictinos e outros mui provavelmente Carmelitas [1], vieram fundear defronte do Recife; e demorando-se ahi alguns dias, tal tormenta sobreveiu que os navios se esgarraram, e Barboza teve que regressar á Europa. O navio em que estavam os Benedictinos foi a nosso ver arribar á Bahia, pois justamente nesse mesmo anno (1580) pretende um Benedictino brazileiro [2] que ahi chegaram os primeiros monges desta ordem. Segundo conjectura identica, é possivel que os Carmelitas desde então ficassem em Pernambuco.

Por fallecimento de Lourenço da Veiga, e em falta de vias de successão, foi assentado pela camara da cidade que o bispo e o ouvidor geral se reuniriam a ella, para seguirem todos attendendo á governança do Estado. — O bispo não se mostrou tão ambicioso como o ouvidor geral Cosme Rangel [3] de ter grande influencia no governo, e a camara, reconhecendo neste mais lettras e bastante actividade, se deixou por elle a principio levar, adoptando todas as disposições que propunha. Porêm tão prompto como enxergou que nem todas ellas provinham de ardentes desejos de governar com acerto, e que antes pelo contrário algumas descobriam segundas intenções de cobiça e ambição delle Rangel, que ja se chamava governador, começou a retrahir-se, e a não approvar senão o que julgava merecer approvação. O bispo e outros moradores principaes por sua parte retiraram-se da cidade para as roças. Enfadado Rangel com os tropeços que nos camaristas encontrava a satisfação de seus arbitrios, intrigou a obra de uma reeleição de vereadores, na qual introduziu os individuos que mais lhe accomodavam, e por este meio se apoderou absolutamente do governo, e fez autoar alguns

---

[1]) Franciscanos diz o autor „Da Conquista da Parahiba"; preferimos a versão que se deduz de Fr. Manuel de Sá.
[2]) Fr. Gaspar da Madre de Deus.
[3]) Cosme Rangel acabava de ser provedor na ilha da Madeira, quando foi nomeado ouvidor geral em 1578.

dos que se lhe oppunham. Até então, nem na Bahia, nem, que nos conste, em outra terra do Brazil, havia (como em Portugal succedia desde os annos de 1535 [1]) mesteres nomeados para concorrerem com a camara, no dar os regimentos aos officios e taxar certos preços de mão d'obra. Cosme Rangel *decretou* a introducção, para talvez deste modo recompensar na Bahia alguns mechanicos, que haviam votado no sentido que elle desejava. Entre os autoados e presos por Cosme Rangel, aos quaes todos depois amnistiou a côrte, mandando cassar e queimar os processos, encontramos o nome de Manuel de Sa, „sobrinho de Men de Sa“, provedor d'alçada da cidade. O provedor mór Christovam de Barros, ja senhor de um novo engenho na Bahia, e amigo de Gabriel Soares tão pouco era affecto ao intruso chefe.

Do governo interino de Cosme Rangel nada nos consta que honra lhe possa fazer. — Na Bahia os que mais se prezavam, incluindo o bispo e o alcaide mór, viviam no campo, para fugir de sua presença. Nas immediações de Itamaracá, os Indios andavam alevantados; e uma guerra que com poucas forças lhes deu o capitão Antonio Rodrigues Bacellar, não fez senão ensoberbecel-os e exaltal-os mais. Fructuoso Barboza, refeito de suas avarias, regressára a Pernambuco; e dahi, de accordo com a capitão e ouvidor Simão Rodrigues Cardozo, partira para a Parahiba por mar, em quanto o mesmo Cardozo com duzentos homens de pé e de cavallo e muito gentio, fôra por terra. Barboza, depois de incendiar cinco [2] náos francezas, de oito que encontrou varadas no porto, das quaes tres acertaram de escapar-se, votou-se a tal abandono, que em uma cilada os Indios inimigos, com alguns Francezes, lhe mataram uns quarenta homens, entrando neste numero um filho seu. Sería por esta occasião que tambem caiu morto Manuel de Azevedo, proprietario da ilha então chamada da Conceição, na bocca do Rio Parahiba, que havia occupado com uma tran-

---

[1]) Vej. Ant. J. de Gouvea Pinto, Res. chron. p. 19.
[2]) Esta ilha foi depois (11 de abril de 1596) doada de novo por Feliciano Coelho a Isabel Caldeira viuva do mesmo Azevedo; e posteriormente a herdou seu genro Manuel Homem da Silva.

queira, cuja artilheria fôra dahi retirada pelo dito Fructuoso Barboza[1]. E ja lhe preparavam um ataque em fórma ao arrayal em que estava, do lado do norte do rio, defronte do Cabedêlo, quando o mesmo Barboza resolveu retirar-se, com toda a sua gente, não sem grande desar, nem sem que dahi resultasse o crescer, e muito, a arrogancia dos mesmos Indios, e os perigos dos visinhos de Itamaracá, que chegaram a reduzir-se unicamente a trinta e dois, havendo os Barbaros destruido no continente tres engenhos que já moiam.

Durante o governo interino de Rangel foi agasalhada na Bahia uma náo ingleza, que desembarcou mais de trinta mil cruzados de mercadorias, bem que por varios abuzos só dellas cobrou a alfandega duzentos e vinte mil reis[2] de direitos. Recebeu uma grande carga de assucar, do qual tambem apenas um terço se despachou.

Outro navio com mercadorias inglezas entrou em Santos, com tolerancia das autoridades; o que não nos deve admirar sabendo que tal navio ahi viera, em virtude de carta de ordem dirigida a Londres, pelo inglez John Whithall, casado com uma filha do senhor de engenho José Adorno. — Pouco depois, teve logar nesse porto a entrada de dois galeões de guerra da mesma nação, ao mando de Edward Fenton, os quaes desembarcaram alguns da tripolação, a pretexto de estabelecer em terra uma forja e um forno de pão ou biscoito. Quizeram oppor-se-lhes o alcaide mór Braz Cubas e o capitão Jeronymo Leitão: mandaram a bordo José Adorno e Estevam Raposo, que favoreceram[3] os intrusos. No emtanto em uma noite de luar entravam pela barra tres náos. — E dentro de pouco estavam ás bombardadas contra os galeões inglezes ali surtos. O fogo seguiu vivo quasi toda a noite: os galeões inglezes picaram amarras e fizeram-se ao largo; mas tal avaria haviam causado a uma[4] das náos atacantes que foi logo a pique.

---

1) Segundo a chronica da Parahiba em 1582; de Jarric (III, c. 31) e Hackluyt (III, 778) se pode entender o de 1581.
2) C. de Manuel Telles de 7 de ag. de 1583, e de Martim Leitão de 15 de abril 1584. — Peter Cander em Purchas IV, 4187.
3) Autos a tal respeito. Papeis de Simancas no Arch. de Indias em Sevilha. (II, 5, 2, 21).
4) Santa Maria de Begonia.

Estas náos eram hespanholas; mandava-as Andrés Igino[1], e faziam parte da poderosa armada de Diogo Flores Valdez, que então seguia para o Estreito de Magalhães. — Dessa armada de Diogo Flores haviam aportado no Rio de Janeiro, o almirante Diogo de la Ribera e Pedro Sarmiento, com cinco navios, que se fizeram de vela para o seu destino em novembro de 1583[2].

Com as duas náos que lhe ficaram, se fez Igino de vela, depois de haver aproveitado do material e gente da afundada, para construir e deixar guarnecido um forte na entrada da barra de S. Vicente.

No Rio de Janeiro, Salvador Corrêa estava sempre álerta; e em continuos rebates de dia e de noite; já dos Indios (*Tamões* lhes chama), já dos Francezes, amigos destes; porêm nem ali, nem em Cabo-Frio, haviam nos ultimos tempos entrado corsarios: pedia armas e munições; as quaes lhe foram mandadas, incluindo umas colubrinas; e perguntado pela Côrte se devia de preferencia fortificar-se o Rio de Janeiro ou povoar-se Cabo-Frio, foi de parecer que se reforçasse aquella cidade, porque depois seria facil povoar-se o Cabo, com gente d'ella mesma; e isto com tanta mais razão quanto no Cabo-Frio não havia agua senão muito pela terra dentro. Propunha a princípio o mesmo Salvador Corrêa que se fizesse fortaleza na *Lagea* „que está na entrada da barra"; porém depois[3], consultando melhor o caso, com um engenheiro que no porto ficára da armada castelhana, conveiu, em virtude da facilidade de ter os materiaes, em votar por duas fortalezas nos promontorios da mesma barra, segundo as traças ou plantas que mandou ao soberano. Os Jesuitas seguiam augmentando as suas

---

[1]) C. de Manuel Telles de 7 d'ag. 1583.

[2]) C. de Salvador Corrêa de 7 de março de 1584.

[3]) C. de Salvador Corrêa de 7 de março de 1584, respondida em 27 de março de 1585. — D. Alonso de Sotomayor, governador do Chile e outros capitães de armadas escreviam então á côrte recommendando Salvador Corrêa; e o governador Manuel Telles, a quem elrei ordenou que désse informação delle, disse, em carta de 14 de agosto de 1584, que a dava „muito boa assim por pessoas que daquellas partes vieram, como por um Balthazar Machado, por quem mandára vizitar as fortalezas, e que era merecedor que S. M. lhe fizesse honra e mercê.

rendas, obtendo *para os seus Indios* grandes doações de terras. Em 24 de janeiro de 1583 foi confirmada, aos das aldeas de S. Bernabé e S. Sebastião, uma sesmaria de duas leguas, *junto da Fazenda dos Padres*, e aos de S. Lourenço outra de quatro leguas, de Macacú á Serra dos Orgãos, tambem *junto ás terras dos Padres*.

---

do desbarato de Fructuoso Barboza, de que antes tratámos, e requerendo ao governador mantimentos, nada era mais natural do que o lembrar-se o mesmo governador de lhe commetter agora a empreza da occupação dessa capitania [1]. Achando-se conformes no arbitrio Diogo Flores e os principaes da terra, começou-se o apresto da armada; e entretanto Manuel Telles Barreto dispoz que o thesoureiro e o ouvidor geral passassem a Pernambuco, afim de angariarem para a empreza, nesta capitania e na de Itamaracá, quanta gente e recursos podessem.

E agora seja-nos permittido por algum tempo concentrar toda a nossa attenção na paragem onde se vai decidir se a civilisação tem de caminhar ovante para o norte, ou de retirar-se corrida, como já começava a succeder, do grande theatro fronteiro á ilha de Itamaracá, que não se assegura sem a occupação da Parahiba. — Compõe-se este nome *Parahiba* de duas palavras que significam simplesmente *Rio-Máu*. Para nomear os rios, que só delles agora nos cabe falar, os Indios, como os mais povos na infancia da civilisação, empregaram além das designações que lhes indicavam os sentidos, outros predicados puramente subjectivos, isto é, deduzidos das relações que com elles Indios tinham os objectos nomeados. — Aos primeiros pertencem, segundo o aspecto mais ou menos turvo das aguas, os nossos innumeros rios *Una, Pitanga, Tinga*, etc.; isto é, Negro, Vermelho, Branco, etc. Nos segundos contamos os que eram redondamente chamados Bons ou Máus, ao que parece, segundo haviam sido, ou a gente que os habitava, favoraveis ou contrarios a quem os designava. Dahi os nossos *Parahiba, Parnahiba* ou *Paranahiba*, Rio-máu; *Paracatú*, Rio-bom; *Parapanápanema*, ou *Ipanema*, Rio ou Agua malfadada [2], e outros. Os primeiros Europeos, antes de interrogar os Indios, cujas respostas não seriam mais razoaveis do que os arbitrios, alias louvaveis e pios, de dar a tudo o nome do santo do dia na folhinha, invocaram para o rio de que trata-

---

[1]) C. de Manuel Telles de 7 d'ag. de 1583 e 25 de fev. 1584.
[2]) *Pané*, desdita, desgraça (*Tesoro* de Montoya, fol. 26.) A' margem de um rio *Ipanema* teve logar o nascimento do autor.

mos a S. Domingos; mas este nome ficou apenas escripto nos antigos *portolanos* de pergaminho, e nas primeiras cartas que se gravaram; e o nome de Parahiba vingou. — Jaz a foz deste rio em sete gráos escaços; o porto se vai afeiçoando muito para o sudoeste. A' entrada não tem uma legua de largura; e da banda do sul se limita esta distancia pelo pontal de um extenso cabedêlo, extrema de uma peninsula que se vai alargando para o sul, até a margem esquerda do Guaramame, entre o mesmo Parahiba e a costa do mar, ahi arregoada pelo Jaguaripe e Piratiba, separados um do outro pelo Cabo Branco. O rio Parahiba, depois de entrado, espraia-se para a direita e esquerda, em virtude de uma ilha então chamada da Conceição, de meia legua de comprido, que lhe desvia as aguas para os lados. Em frente do principio e fim da ilha, desembocam da banda do norte duas ribeiras; a que está á barra, depois de fraldejar o monte em que dahi a tempos se edificou a igreja da Guia. Da banda do sul, isto é, á margem direita do Parahiba, são os tributarios menos consideraveis, e antes podem chamar-se ribeiros; levam pouca agua, e vem de perto; pois todos nascem dentro da peninsula triangular que descrevemos. Começando da barra, citaremos, a pouco mais de uma legua della, o *Tambahy*; dahi a duas leguas, o *Inhaby;* legua e meia acima, o *das Marés*, seguindo-se o *Tibery* um pouco mais caudal. Nas immediações do porto e nas terras elevadas, o paiz banhado é de aguas e de terras suculentas de vegetação vigorosa. Porêm no interior ha muitas catingas; o clima é geralmente seco; pelo que a cultura dos Indios já por ahi se limitava a algodoaes, como hoje. Tal é o districto que em 1584 esperava ainda os beneficios da civilisação, que o general hespanhol Diogo Flores tentou então levar-lhe.

A'cerca deste acontecimento não temos que lamentar, como outras vezes, chronicas ou correspondencias perdidas. Pelo contrário: temos correspondencias: e temos tambem uma chronica especial: não desejando porêm ser pesados ao leitor, deixamos ao tempo que se encarregue de publicar em outro logar esses documentos, dos quaes só aproveitaremos o essencial á nossa narração, que será por certo mais desapaixonada do

SECÇÃO XXII.

MANUEL TELLES BARRETO. A PARAHIBA. TRES ORDENS RELIGIOSAS.

Rendas do Estado. Fortalezas. Diogo Flores Valdez. A Parahiba. Etymologia. Descripção. Arredores. Preparativos em Pernambuco. Filippe de Moura. O donatario e seu tio. Forte na Parahiba. Navios incendiados. Derrota dos auxiliares. Cerco ao forte. Soccorros. Combate do Tibery. Regresso. Abandono do forte. Desuniões entre os Indios. Colonisação da Parahiba. Desampara-a o chefe. Novos reforços. Elogio de Barreto. Vinda dos Benedictinos, Capuchos e Carmelitas.

Em nove de maio de 1583 aportou na Bahia o novo governador Manuel Telles Barreto, nomeado desde 20 de novembro de 1581 para os cargos de „capitão da cidade do Salvador e governador da dita capitania e das outras do Brazil. Em 24 de setembro de 1582, recebeu em Portugal quinhentos cruzados para lhe serem descontados depois de chegar, com o ordenado de 800 $ reis, e autorisado (desde o 1°. de outubro do anno anterior) a trazer comsigo, para sua guarda, vinte homens, com o vencimento de 15 $ cada um. A cidade do Salvador estava inquieta e anciosa pela sua vinda, afim de livrar-se, sem recursos violentos, dos arbitrios de Rangel — Desde logo foi Barreto informado de tudo, e tratou de conciliar os animos, começando por sustar os processos dos perseguidos, propondo á côrte que mandasse queimar todos os autos a tal respeito, precedendo a concessão de uma amnistia ampla. Acceitou a côrte o arbitrio, e o governador, convocando á sua morada os principaes da cidade, não deixou de fazer valer a clemencia do novo soberano n'este acto. Tambem a côrte approvou a supressão dos mestéres introduzidos arbitrariamente por Cosme Rangel.

Trazia Barreto especial recommendação de praticar com Antonio Dias Adorno, que, segundo vimos, havia antes chegado á serra das Esmeraldas (turmalinas), na actual provincia de Minas; porêm quando chegou a Bahia, já elle era fallecido, segundo o participou e elrei em carta de 7 de agosto. Não

que a chronica[1], alias de testemunha ocular, embora nos diga que, como religioso que era (jesuita), a escreveu pelo preceito da obediencia, o que o obrigaria a ser imparcial.

Com sete navios hespanhoes e dois portuguezes, de Diogo Vaz de Veiga, que tinham vindo do Reino com o governador Telles Barreto, sarpou Diogo Flores da Bahia, fazendo rumo para Pernambuco, aonde com a frota passava de visitação o bispo D. Antonio Barreiros, que ahi estivera quando, perto de oito annos antes, chegára da Europa. — Aos vinte dias de viagem, fundeava a pequena esquadra diante do Recife, e Diogo Flores ia a terra concertar-se com D. Filippe de Moura, (capitão e logartenente do donatario e irmão de D. Christovam de Moura) e mais autoridades, ácerca da maneira como deveria effectuar-se a marcha por terra até a Parahiba dos auxiliares reunidos ja ali e em Igaraçú e Itamaracá, em quanto elle Diogo Flores seguia por mar. — Era D. Filippe de Moura casado no Brazil com uma filha de Filippe Cavalcanti[2], e desde pouco fôra provido no logar que occupava, a consentimento do governo da metropole; que, havendo-se esforçado em fazer partir o donatario, encontrando nelle desculpas e resistencias, accedêra por fim a consentir que mandasse em seu logar „algum homem cavalleiro de confiança.“ As resistencias de Jorge d' Albuquerque (que pouco antes succedêra na capitania a seu irmão fallecido)[3] a soffrer novos trabalhos, podem explicar-se pelos muitos que em vida passára, assim no mar, onde em 1565 estivera quasi perdido, como nos campos infaustos de Alcacerquibir, onde esteve a ponto de perecer. Elle porém allegava primeiro os projectos de um casamento[4], e depois o não ter ainda successão. — Seu tio Jeronymo d'Albuquerque

[1]) O autor deste livro que podemos intitular „Da Conquista do Rio Parahiba“ foi o padre Jeronymo Machado, segundo do proprio texto se deduz.

[2]) Por 2ª. vez com D. Genebra Cavalcanti. Sua 1ª. mulher fôra D. Isabel de Albuquerque. Este D. Felippe falleceu em 1611.

[3]) Liv. 3º. de Felipe 1º. fol. 282.

[4]) Conta-se que no curativo, durante sete mezes, das ferida recebidas por Jorge de Albuquerque em Alcacerquibir, lhe tiraram 20 ossos, e que depois andára em muletas quatro mezes, e que offerecêra uma dellas ao altar da Senhora da Luz em 23 de abril de 1582. De sua

seria impossivel que esse fallecimento viesse a contribuir a que se animasse Gabriel Soares a tomar a iniciativa da empreza de outra expedição, em ponto grande, contando com os auxilios e protecção de governo, e concessão de privilegios, para pedir os quaes se embarcou para a Europa no anno seguinte, como diremos.

Dedicou-se Barreto a cuidar da defensa da cidade, e a informar-se do estado do thesouro colonial. — A receita montava a trinta mil oito centos e vinte e cinco cruzados, dos quaes ja então se remettiam para Portugal dez mil, vindo a ficar para as despezas vinte mil oito centos e vinte e cinco. — Desta somma sete mil e quinhentos cruzados, isto é, mais da terça parte, era applicada á manutenção dos padres da Companhia; e, calculadas as outras despezas, havia um deficit de perto de dois mil cruzados. Tinha arrematada esta renda um Bento Dias de Santiago; porêm não se incluiam nella as capitanias do sul, pelas irregularidades que até ahi houvera na contabilidade e cobrança. Para pôr uma e outra em ordem, e ao mesmo tempo inspeccionar as fortalezas do sul, mandou o governador por uma provisão[1] a Balthazar Machado, com poderes ás ditas capitanias; do que lhe resultou conhecer que era geralmente nellas maior a despeza do que a receita[2]. Pediu o governador que ficassem no Brazil os dez mil cruzados que se enviavam para o reino; e provavelmente isso lhe foi deferido, em consequencia de se dar a casualidade de haver gasto nesse anno, e no anterior quasi igual somma, com os aprestos que se fizeram nos navios de Diogo de la Ribera e de Pedro Sarmiento, da esquadra de Diogo Flores Voldez, que aportaram no Rio de Janeiro; e depois com oito náos que, regressando do Estreito, com o proprio Diogo Flores, entraram na Bahia; sem falar nas que mais, tarde, com o mesmo Sarmiento, aportaram em Pernambuco, nem com os aprestos para a colonisação da Parahiba, de que nos vamos occupar.

Entrando Diogo Flores na Bahia, pouco depois da nova

---

[1]) Prov. de 4 de junh. de 1583; An. do Rio de Jan., I, 302.
[2]) C. de Manuel Telles de 14 d'agosto de 1584.

ainda então vivia; mas provavelmente decrepito; e perseguido além disso por inauditas[1] queixas, que contra elle e seus filhos naturaes formulava a sogra[2].

Combinado o plano, fez-se de vela Diogo Flores; e com tão felizes auspicios que, ao chegar á Parahiba, encontrou ahi seis náos francezas, das quaes mandou incendiar cinco, que estavam em seco, depois de haver esbulhado dellas quanto foi possivel. A outra náu conseguiu desferir o panno e abalar. — Os de terra, acompanhados de D. Filippe de Moura e de Fructuoso Barboza, em fôrça de cem de cavallo, mais de duzentos de pé, cento e tantos Africanos e quinhentos Indios, chegaram depois; havendo tido apenas no caminho um pequeno encontro com alguns Indios.

Imaginando Diogo Flores que o sitio do Cabedêlo, á foz do rio, e á sua margem direita (onde hoje está assentada a fortaleza desse nome), fixado pela Corôa no regimento de Fructuoso Barboza, não era o mais apropriado a um nucleo de povoação, preferiu situar o forte dali a uma legua, mas do outro lado; sôbre o continente, e defronte da extrema occidental da ilha da Restinga; talvez por que desse lado o chão firme, um pouco mais elevado e proprio para a cultura, ficava mais perto da barra do que o sitio da margem direita em que veiu a situar-se a povoação. Sendo que a propria circunstancia de ficar da banda do norte ou margem esquerda do rio offerecia maior segurança de que não fugissem alguns colonos e Indios que tinham ido contrafeitos. Traçado o forte, confiou Diogo Flores a sua alcaidaria e obras ulteriores a

---

1ª. mulher D. Maria de Menezes, com quem casou em 18 de dez. de 1583, teve uma filha, nascida em 1585. Da 2ª. D. Anna de Menezes lhe nasceram o seu successor Duarte Coelho d'Albuquerque, e Mathias d'Albuquerque.

[1]) Inf. em 7 de Julho de 1584, III. 20, 53.

[2]) Carta de Telles Barreto de 7 d'agosto de 1583, em que diz, que D. Joanna se queixava do dito Jeronymo, chegando a explicar o modo, mencionando actos que nos abstemos de perpetuar. Por outro lado Jeronymo d'Albuquerque, pelo testamento feito em 13 de novembro de 1584, annullou o anteriormente feito com a sua esposa, D. Felipa de Mello, filha da dita D. Joanna, e prevenia que nunca podesse vir a ser administrador ou tutor de seus herdeiros seu sogro D. Christovam de Mello, ou coisa sua.

Francisco Castejon[1], deixando ás suas ordens cento e dez soldados hespanhoes, uma náu portugueza e dois pataxos, e se fez de vela para a Europa no dia de San Filippe e Santiago, 1°. de Maio de 1584; e allegando este motivo ordenou que de S. Filippe se chamasse o forte. Era como querer justificar-se da adulação que rendia ao soberano. — Daqui veiu talvez a idéa a Fructuoso Barboza de chamar depois á povoação *Cidade Filippea*.

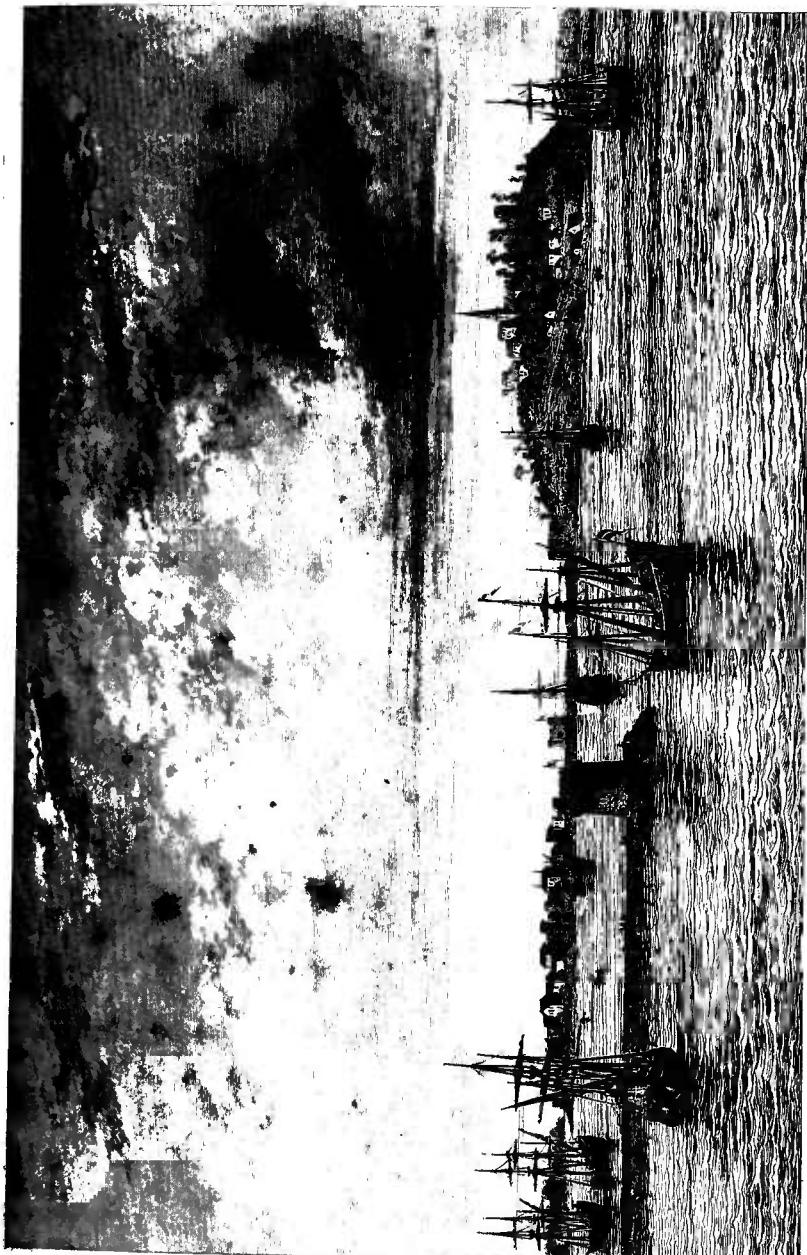
Em quanto os Castelhanos seguiam acabando o forte, os auxiliares de Pernambuco, pretextando não quererem estar ociosos, sairam a bater o campo, caminho do sertão. Depois de haverem injustamente destruido uma taba dos Indios, foram mui mal tratados em uma cilada, que os mesmos offendidos ou seus amigos lhes armaram n'um sitio chamado *Leritibe* ou campo das ostras, e, com perda de mais de cincoenta colonos e de centenares dos Indios domesticos, tiveram que refugiar-se á sombra do forte; ficando muitos atolados e mortos pelos tujucaes; e recolhendo-se por fim os restantes a Olinda, tão enfadados da jornada como se pode crer.

Com esta victória tomaram os Indios visinhos folego, e começaram a hostilisar a colonia; a ponto de lhe pôrem sitio, apertando este, cada vez mais, com auxilio dos Francezes, por circumvalações e zigue-zagues feitos durante a noite com troncos de palmeiras. Chegando porêm por mar com socorro o capitão de Itamaracá Pedro Lopes, o alcaide deixando-o no forte, foi com as embarcações chegadas e as que ali havia, ao rio Mamanguape, onde estavam duas náos de França, sem as tripolações, que pela maior parte achavam-se em terra, auxiliando os sitiadores Indios.

Conseguindo queimal-as, e voltando logo á Parahiba, acometteu os sitiadores de modo que os obrigou a retirar. Não duraram porêm muito os effeitos da victória; os contrarios, robustecidos pelo auxílio de um novo alliado, que se lhes aggregou, o valente *Pirajyba*[2], que pouco antes havia nas serras

---

[1]) Castrejon, segundo outros. Seguimos a orthographia mais autorisada.
[2]) „Braço de Peixe" traduz o A. contemporaneo. Talvez o nome significasse „Espinha", alcunha mais rasoavel, e mais propria de guerreiro.

destroçado certa escolta de uns cem, que com um Gaspar d'Ataide e Francisco de Caldas se haviam aventurado até lá, ameaçaram senhorear-se da nascente colonia, e ao depois se triunfantes as de Itamaracá e Pernambuco. Então estas duas capitanias visinhas, conscias de quanto mais lhes interessava guerrear longe o inimigo commum, prepararam um formidavel soccorro. Constava de perto de duzentos de cavallo, e tresentos de pé, afóra os Africanos e os Indios em grande número. Mandava os novos auxiliares o ouvidor Martim Leitão, que para o cargo de ouvidor que occupava fôra nomeado em 9 setembro de 1583. Por immediato, com o titulo de mestre de campo, ia Francisco Barreto seu cunhado. Acompanhavam-o Micer Hyppolito „antigo e mui practico capitão da terra, „Gaspar Dias de Moraes, soldado de Flandres", os capitães de ordenanças de Olinda Simão Falcão e Jorge Camello, os do Cabo e de Igaraçú João Paes e João Velho Rego; e além destes, mais dois capitães chamados „de mercadores", que foram Fernão Soares e Ambrozio Fernandes.

Deixando de contar as prevenções adoptadas na marcha por terra, baste saber que os auxiliares pernambucanos não chegaram ao forte senão depois de baterem, em dois recontros, os do Piragyba que lhes disputaram o passo, — primeiro em um morro, junto dos tujucaes do Tibery, cubertos a seu modo por cahiçáras, e senão depois de errarem pelos matos, abrindo picadas, e destruindo mondeos, e queimando tabas e mantimentos, a fim de privar delles e dellas os contrarios, isto por toda a margem direita do Parahiba até abaixo do Tambahy, acima da ponta do Cabedêlo, onde foram passar o rio em barcos. — Chegados ao forte, e vendo-o ja desafogado dos sitiantes, parte dos quaes eram os vencidos no Tibery, resolveram recolher-se de novo a Olinda, depois de haverem feito, sem resultados, uma saida para o sertão até a planicie das ostras. No forte apenas dos auxiliares ficou Pedro Lopes, com alguma gente sua.

Em má hora porém haviam os de Olinda determinado retirar-se. Os que ficaram, enfadados logo da soledade, e depois das doenças do sitio, e das perseguições do inimigo, e do desamparo e da fome, começaram a esmorecer, e a buscar pre-

textos para queixumes; isto durante dois mezes; até que no de junho[1], attendidos menos do que disseram queriam ser, queimaram o forte, botaram a artilheria ao mar, metteram a pique um navio que ahi ficára para os proteger, e se recolheram a Itamaracá. Naturalmente Castejon e Pedro Lopes se dariam para isso as mãos. E eis que depois de tantos trabalhos e de tantos gastos, tudo estava como antes. No rio Parahiba não existia se quer uma casa!

O que porêm não tinham podido conseguir os Europeos e Pernambucanos, apezar de tantos esforços baldados, e gastos perdidos, e victimas sacrificadas, e trabalhos sem fructo, vai ser feito pelos proprios Indios, com as suas tristes desuniões continuadas, tão proveitosas sempre aos invasores. Se da união nasce a fôrça, da desunião sómente fraqueza resulta; — e o maior ascendente que em todos os paizes tem tido a civilisação sôbre a barbaric vem de que esta, composta de elementos dissolventes, não se une, ao passo que a nação civilisada, que com ella se pôe em contacto, tem nas suas mesmas leis os laços da união. Brigado o Pirajyba com os Indios a quem se alliára, porque estes o trataram de covarde, por não haver sustentado o passo do Tibery (apezar que a peleja esteve ahi tão renhida, que a decidiu não a cobardia dos contrarios, senão o valor dos auxiliares), é certo que da briga houve conhecimento em Pernambuco. E não faltou quem della tirasse partido; como entre nós mesmos, gente que nos prezamos de civilisados, não falta quem faça operar em beneficio proprio, ou dos seus, as fôrças negativas das inimisades alheias. Trataram os de Pernambuco de angariar o Pirajyba, promettendolhe socorros para se vingar dos que o haviam ultrajado; e como no Barbaro o instincto da vingança é superior a tudo, acceitou o homem a offerta: e logó João Tavares, escrivão da Camara e Juiz dos orfãos de Olinda, partiu para a Parahiba; e no dia 2 de agosto, que era o de Nossa Senhora das Neves, subia o rio, quando se avistou com o chefe Indio, jus-

---

[1]) C. de Leitão a elrei de 12 de julho de 1585; e C. regia a Fructuoso Barboza do 1.º de outubro do mesmo anno.

Lemaitre sculp.

VISTA DO RECIFE E D'OLINDA EM 1630.

Imp. Lamoureux Paris

tamente no sitio fronteiro ao varadouro, que veiu a ser escolhido para fundar-se a cidade, que foi chamada de N. Sª. das Neves, sobre a chapada de uma montanha que se eleva sobre o mesmo varadouro, á margem direita do rio, tres leguas acima da sua barra, aonde se extendem as marés. E' porêm inquestionavel que melhor situada houvera ficado, como cidade maritima, na peninsula visinha ao Cabedelo, de local mais lavado de ares, sem dependencia das marés, e mais defensavel, e de facil fiscalisação a alfandega.

D'ahi a tres mezes, ia Martim Leitão com muita gente a povoar a terra. Depois de estudar os arredores, com Manuel Fernandes, „mestre das obras d'elrei", designou o local para o novo forte, no dia 4 de novembro de 1585, sobre a dita chapada, junto do afluente *Sanhoá*, de meia legua, cercada d'agua, e com muita pedra[1] de construcção perto. — Traçou-o com quinze braças de vão em quadro, e duas guaritas ou baluartes, que com oito peças flanqueavam as faces. Sobre a porta se levantou uma torre para o capitão, com duas varandas; tambem se fez uma casa com armazens para o almoxarife. O official allemão Christovam Linz ficou dirigindo a obra, com a gente de trabalho, em quanto os da milicia effectuaram tres correrias, na segunda das quaes chegaram muito além da bahia da Traição, afugentando della uma náo de França, destruindo tres ferrarias que encontraram, vencendo em dois recontros os Indios, e trazendo muitos mantimentos. E na terceira, em dezembro de 1586, sairam os auxiliares com os do Pirajyba a atacar os Indios da serra da Capaoba, cinco jornadas para os sertão, e actualmente denominada *Serra da Raiz.* Voltadas depois as armas para o mar, passaram a derrotar o Indio chamado do Tujucopapo, nome que vale o mesmo que tujucaes ou tremedaes. — Seguiu-se a obra de outro forte e de um engenho no Tibery.

Em quanto tantos esforços se faziam do lado do norte, para

[1]) A pedra é um grés calcareo mui facil de ser lavrado e trabalhado, como a chamada pedra *boroeira* das antigas cathedraes gothicas; mas ás vezes tem transições a verdadeiro marmore calcareo, de que se faz cal, com a qual bem se poderiam abastecer as outras provincias do Imperio.

occupar a Parahiba, os Aymorés repetiam do sul da Bahia seus ataques. Foram contra elles mandados, com muitos Indios e Africanos, Diogo Corrêa de Sande e Fernão Cabral d'Ataide.

Manuel Telles Barreto falleceu no governo, correndo o anno de 1587. Do seu tempo encontramos notícia de tres grandes sesmarias conferidas pela corôa. A primeira, de doze leguas de terras, nas margens do Rio Real, em 24 de fevereiro de 1583, a Brites de Carvalho, viuva de Duarte Dias de Carvalho, fallecido em Africa; a segunda de cinco mil braças em Itamaracá, que eram de Bento Dias de Santiago, e que, por haverem prescripto, foram dadas a D. Jeronyma d'Albuquerque, em 6 de janeiro de 1594; a terceira, de uma legua de comprido e duas de largo, concedida em 30 d'agosto de mesmo anno (1584), a Vicente Rangel de Macedo, em Huratayp, junto de Jaguaripe.

A' administração do mesmo Barreto deveu sem dúvida o Brazil todo os maiores serviços. Cassou os processos iniciados contra alguns moradores pelo despotico ouvidor Rangel; fomentou as composições dos roceiros com os traficantes d'escravos, afim de serem estes pouco a pouco embolsados, sem prejuizo da agricultura; alcançou[1], depois de ver com horror o mallogro de duas tentativas, que um Alvaro Rodrigues chegasse ás minas de salitre; zelou o pagamento das dividas á Fazenda, pelas quaes foi preso o almoxarife de Pernambuco Vicente Correa, e era perseguido no Reino, pelo juiz de India e Mina, o provedor Miguel Gonçalves Vieira, que se escapára; e finalmente cumpriu, até onde lhe foi dado, a sua principal missão, que era cuidar da defensa do Brazil. Sollicitou e alcançou para as principaes cidades artilheria e munições; e fez que em todas se construissem alguns fortes, pedindo para isso do Reino um *fortificador;* na Bahia, onde ja em seu tempo estavam por terra as muralhas, levantou duas estancias sobre a barra, e mandou fazer duas galés para servirem de canhoneiras. As informações e influencia de Telles

[1]) Estas tentativas foram primeiro uma escolta de quarenta homens, e depois uma segunda de setenta, mandados por Braz Pires Meira, que lá ficaram todos victimas da traição dos Indios.

Barreto attribuimos tambem ainda a lei repressiva acerca do captiveiro dos Indios de 22, de agosto de 1587, bem com o regimento de 25 de setembro desse mesmo anno, criando uma relação neste Estado, o que não se levou desta feita adiante, como diremos na seguinte Secção.

Ao governo do mesmo Barreto, ou antes á epocha da colonisação da Parahiba, anda tambem associada a do estabelecimento no Brazil de tres ordens religiosas; a saber: dos Benedictinos, de Franciscanos Capuchos de Santo Antonio, e dos Carmelitas observantes. — Os primeiros já em 1584 [1] ficaram estabelecidos na cidade do Salvador, e pouco depois, protegidos por Salvador Corrêa, passaram a organisar outra abbadia no Rio de Janeiro [2], e por provisão do bispo D. Antonio Barreiros, outra em Olinda em 1596. E se foram extendendo até contar no Brazil sete abbadias e varias presidencias. Mais se propagaram os Capuchos. A primeira introducção destes foi devida a Jorge de Albuquerque, o qual, sendo Geral em Portugal Fr. Francisco de Tolosa, os pediu para a sua capitania, e lhe foi mandado como custodio Fr. Melchior de Santa Catherina, acompanhado de mais cinco frades: isto em virtude das lettras passadas pelo dito Geral em 13 de março de 1584 [3]. Chegaram ao Recife em abril de 1585, e tomaram posse da hermida de *N. Sra. das Neves,* em 25 de out°. A nova custodia de Olinda, ainda sujeita a Portugal, foi confirmada por bulla de Xisto X, de 3 de setembro de 1586. Organisando-se em provincia independente, se dividiram depois em duas; guardando uma, com a cabeça na Bahia, o mesmo nome, e tomando a outra o „da Conceição do Rio de Janeiro", cidade

---

[1]) Barreto, em carta a elrei de 14 de ag. de 1584, respondendo a outra de recommendação em favor dos Benedictinos, diz que „haviam sido mui bem recebidos, que iam em crescimento, mas que necessitavam que S. M. lhes fizesse alguma esmola por conta da Fazenda. Foi só no capitulo de Pombeiro (em 1584) que a Congregação de Portugal admittiu a nova abbadia, e elegeu para ella o Pe. Fr. Antonio Ventura. Rev. do Inst. II, 435.

[2]) Ann. do R. de Jan. V, 275 e seg.

[3]) Um alv. de 12 de outubro de 1584 concedeu-lhes *de ordinaria,* uma quarta de farinha para hostias; uma quarta d'azeite para a lampada; duas arrobas de cera e uma pipa de vinho. O mesmo foi concedido 36 annos depois para os novos conventos do Rio, Pojuca e Recife.

onde fixou a sua casa capitular[1]. — Os Carmelitas observantes vieram pelo mesmo tempo[2]: fundaram primeiro conventos em Olinda e em Santos; e chegaram tambem a constituir duas provincias, uma nas capitanias do sul, e outra nas do norte. Os Carmelitas calçados entraram mais tarde, e delles, como de outras communidades, nos occuparemos ao diante. — Aqui baste só consignar que os conventos cresceram logo em número tal que foi necessario á côrte prohibir[3] a fundação de mais, sem licença regia.

Para concluir consignemos aqui que em 1586 foi a Pernambuco[4] um peruleiro que contou como um seu irmão, fugido do Perú, descêra até o Amazonas, depois de atravessar duas caxoeiras, e dali passára ás Indias occidentaes.

---

1) H. VII, 212 e seg.

2) Em 6 de jan. de 1580 haviam sido nomeados em Portugal quatro Padres desta religião, para acompanharem Barboza á Parahiba (Fr. Man. de Sá, Mem. Hist..... Carmel., n.° 47 e 50).

3) C. R. de 16 de out. de 1609. Em 23 de fev. de 1624 foram fixadas as condições para a edificação de mais conventos de Santo Antonio no Brazil. Pelo Alv. de 22 de junho de 1723 se prohibiram novos conventos.

4) *Dial. das Grand. do Brazil.*

SECÇÃO XXIII.

O BRAZIL EM 1584. — MISERICORDIAS. LITTERATURA CONTEMPORANEA.

O Brazil e Gandavo e Camões. Gabriel Soares. Fernão Cardim. Seus serviços. Situação das capitanias. Itamaracá. Pernambuco. Engenhos, riqueza, luxo, etc. A Bahia. População. Edificios. Trato. Riqueza. Ilheos. Porto Seguro. Duque d'Aveiro. Espirito Santo. Rio de Janeiro. Seu adiantamento. S. Vicente e Santo Amaro. Atrazo das capitanias do sul. Suas villas. S. Paulo: Seus habitantes. Producção total do assucar. Importações. Riqueza. Misericordias e irmandades. Leis absurdas. Camões e seus contemporaneos. Goes e Sá de Miranda. Pedro Nunes. O sol dos Tropicos.

É tempo de pararmos um pouco a contemplar os progressos feitos durante meio seculo de colonisação. Porêm antes cumpre que dediquemos algumas linhas para dar a conhecer dois escriptores contemporaneos, que nos vão servir de guias, e que fazem ja honra ao Brazil-colonia, onde muitos annos viveram, e onde falleceram.

As obras de Gabriel Soares e de Fernão Cardim não só se devem considerar como producções litterarias de primeira ordem no seculo XVI, mas tambem, principalmente com relação ao nosso fim, como verdadeiros monumentos historicos, que nos ministram toda a luz para avaliarmos o estado da colonisação do nosso paiz, na epocha em que escreveram, o 1º. em 1584 e o 2º. um anno antes.

Como producção litteraria, a obra de Soares é seguramente o escripto mais producto do proprio exame, observação e pensar, e até diremos mais encyclopedico da litteratura portugueza nesse periodo. Nos assumptos de que trata, apenas fôra precedido uns dez annos pela obra[1] muito mais laconica,

---

[1]) „Historia da provincia Sancta Cruz a que vulgarmête chamamos Brazil: feita por Pero de Magalhâes de Gandavo", etc. anno 1576. Acha-se reimpressa no Tom. 21 da Rev. do Inst.

mas que lhe serviu de estimulo, do grammatico Pero de Magalhães de Gandavo, autor que publicou o primeiro livro em portuguez acerca do Brazil, e que ainda mais estimâmos, por haver sido amigo de Camões, e por haver, por assim dizer, posto em contacto com o nosso paiz o grande poeta, quando este escreveu em verso a epistola offerecendo-a a D. Leoniz Pereira, antigo governador de Malaca,

„A breve historia sua que illustrasse
A terra Santa Cruz pouco sabida[1].“

Nos Lusiadas apenas Camões se lembrou do Brazil, escrevendo uma vez este nome, e outra o de *Santa Cruz*[2]; nunca o de America.

Seja embora rude, primitivo e pouco castigado o estylo de Soares, confessamos que ainda hoje nos encanta o seu modo de dizer; e ao comparar as descripções com a realidade, quasi nos abysmâmos ante a profunda observação que não cançava, nem se distrahia variando de assumpto.

Como corographo, o mesmo é seguir o roteiro de Soares que o do Pimentel ou de Roussin; em topographia ninguem melhor do que elle se occupou da Bahia; como phytologo faltam-lhe naturalmente os principios da sciencia botanica; mas Dioscorides ou Plinio não explicam melhor as plantas do velho mundo que Soares as do novo, que desejava fazer conhecidas. A obra contemporanea que o jesuita José de Acosta publicou em Sevilla em 1590, com o titulo de *Historia Natural e Moral das Indias*, e que tanta celebridade chegou a adquirir, bem que pela fórma e assumptos se possa comparar á de Soares, é-lhe muito inferior quanto á originalidade e cópia de doutrina. O mesmo dizemos das de Francisco Lopez de Gomara e de Gonçalo Fernandez de Oviedo. O grande Azara, com o talento natural que todos lhe reconhecem, não tratou instinctivamente, no fim do seculo passado da zoologia austro-americana melhor que o seu predecessor portuguez; e n'uma ethnographia geral dos povos barbaros, nenhumas paginas po-

---

[1]) Camões: Ded. da obra de Gandavo.
[2]) „De Santa Cruz o nome lhe poreis“. Camões X, 140; Veja tambem Ib. II, 45; V, 4; VII, 14: X, 63 e 139.

derão ter mais cabida pelo que respeita ao Brazil, que as que nos legou o senhor de engenho das visinhanças do Jequiriçá. Causa pasmo como a attenção de um só homem poude occupar-se em tantas coisas „que juntas se veem raramente,“ — como as que se contêm na sua obra, que trata a um tempo, em relação ao Brazil, de geographia, de historia, de topographia, de hydrographia, de agricultura entretropica, de horticultura brazileira, de materia medica indigena, das madeiras de construcção e de marcenaria, da zoologia em todos os seus ramos, de economia administrativa e até de mineralogia [1]!

Pouco depois de haver o Brazil passado ao dominio do rei de Hespanha, avisava profeticamente ao governo da metropole o dito Gabriel Soares:

„Vivem os moradores tão atemorisados, que estão sempre com o fato entrouxado para se recolherem para o matto, como fazem com a vista de qualquer náo grande; temendo serem corsarios: a cuja affronta S. M. deve mandar acudir com muita brevidade; pois ha perigo na tardança, o que não convem que haja; porque, se os estrangeiros se apoderarem desta terra, custará muito lança-los fóra della, pelo grande aparelho que tem para nella se forteficarem; com o que se inquietará toda a Hespanha, e custará a vida de muitos capitães e soldados, e muitos milhões do ouro em armadas, e no aparelho dellas, ao que agora se pode atalhar acudindo-lhe com presteza devida.“

A obra de Fernão Cardim, que só viu a luz em Lisboa, em 1847, com o titulo posto pelo editor (o proprio autor desta historia) de *Narrativa epistolar*, por constar verdadeiramente

---

[1]) A primeira ediçâo começou-se na typographia do Arco do Cego, in fol.; mas nâo se concluiu, nem se expoz ao público: realizou-se a publicaçâo pela primeira vez nas Memórias da Academia de Lisboa em 1825, no t. III das do Ultramar. Os primeiros 29 capitulos se deram do novo á luz pelo MS. da Bil. R. de Paris, no jornal „O Patriota Brazileiro“, Paris, 1830. Porêm a ediçâo mais correcta é a do Rio de Janeiro em 1851, com as commentarios que lhe juntou o A. da presente historia, quando primeiro secretario do Instituto. Soares partiu para Europa em 1584 (Carta de Christ. de Barros de ag. de 1584) depois de haver feito testamento na Bahia em 10 de ag. deste anno, approvado em 21 d.º

de duas cartas que dirigiu ao provincial da Companhia em Portugal, é seguramente mais insignificante e destituida de merito scientifico que a precedente; entretanto recommenda-se pelo estylo natural e fluente, e pela verdade da pintura feita com os objectos á vista, e as impressões, ainda de fresco recebidas dos encantos virgens que regalavam os olhos de quem acabava de deixar a Europa nos fins do inverno. — Cardim, que havia chegado ao Brazil com o governador Telles Barreto em 1583, prestou depois [1] á Companhia, da qual foi mais tarde eleito provincial no Brazil (cargo que exerceu ainda muitos annos do seculo seguinte), serviços importantes, no número dos quaes devemos incluir o haver a ella attrahido tão valente campeão como veiu a ser o Padre Antonio Vieira.

Passemos porêm a proveitar do conteudo destas obras, para offerecer aos olhos do leitor um quadro do estado em que se achavam então as differentes capitanias que existiam no Brazil.

A Parahiba acabada de fundar tinha um engenho em construcção por conta da Fazenda. Começava esta nova capitania a render ao Estado quarenta mil cruzados, que em tanto se arrendou o seu contracto do páo-brazil.

Na ilha de Itamaracá, do mesmo donatario que Santo-Amaro, seguia prosperando a pequena villa da Conceição, situada no seu extremo meridional; e nos rios ou córregos immediatos moiam tres engenhos.

Passemos a Pernambuco, que era então sem dúvida a capitania mais adiantada e rendosa, e de todo o Brazil a única em que realmente havia ja luxo e trato cortesão. Contavam-se nesta capitania mais de dois mil colonos e outros tantos mil escravos: daquelles mais de cem teriam passante de cinco mil cruzados de renda, e alguns de oito e dez mil. E dava-se na terra a circunstancia de serem todos gastadores, de modo que ainda com taes rendas, que eram enormes para aquelle seculo, havia muitas dívidas, em virtude dos escravos

---

[1]) Cardim entrára na Companhia em 1555, de 15 annos de idade, e falleceu em 27 de janeiro de 1625; por conseguinte com 85 de idade.

de Guiné que, morriam em grande número. — Eram frequentes as festas e os jantares; trajavam os homens veludos, damascos e sedas, e dispendiam briosamente com cavallos de preço, com sellas e guiões, das mesmas sedas da roupa. Para o complemento do luxo de hoje só faltariam carruagens, que em Pernambuco e outras terras do Brazil nem tinham ainda entrado, segundo parece, no tempo de Vieira[1]. — Além dos cavallos, havia cadeirinhas, ou palanquins, introduzidas da Asia, e que ainda se vêem em tão grande número na Bahia, e as serpentinas ou tipoias que eram como liteiras ou padiolas feitas de uma rede, e levadas por dois homens. Só em vinhos se consummiam annualmente em Pernambuco muitos mil cruzados. Filhos da villa de Vianna eram a melhor parte dos ricaços da terra; e a tal ponto tinham ali influencia que diz o jesuita, tal vez por graça, que em logar de *Aqui d'Elrei* se gritava *aqui de Vianna!* Admirava-se o padre visitador dos leitos de damasco carmesim, franjados de ouro, das ricas colchas da India", que lhe offereciam na cama de dormir, e dos presentes, visitas e convites que recebia. Segundo o testemunho de Cardim, havia então na capitania sessenta e seis engenhos, que lavravam por anno duzentas mil arrobas d'assucar, de modo que eram necessarios quarenta ou mais navios para o levar. Possuia Olinda uma boa igreja matriz, quasi acabada, de tres naves, e muitas capellas, — um collegio da Companhia, com lições de casos, de latim e de primeiras lettras, e boa casaria de pedra e cal. Em Pernambuco, exclamava Cardim, se encontra mais vaidade que em Lisboa! As senhoras tambem ostentavam luxo, e gostavam mais de festas que de devoções. No Recife apenas havia um começo de povoado com alguns armazens, e uma ermida com a invocação do Corpo Santo. O páo-brazil estava arrendado, por dez annos, em vinte mil cruzados cada anno; e o dizimo dos engenhos em desenove mil. O donatario Jorge d'Albuquerque cobrava para si uns dez mil cruzados do tributo do pescado, redizima e outras rendas. No sul do capitania, para as bandas de Porto

---

[1]) Sermões, VIII, 436.

Calvo, se ia estabelecer Christovam Linz, que chegou a possuir sete engenhos.

Quanto á Bahia, capitania da corôa, mais conhecida que as outras a deixamos pelo seguimento da nossa historia: havia então nesta capitania tambem uns dois mil colonos, quatro mil escravos africanos, e seis mil Indios christianisados. Exportava annualmente para cima de cento e vinte mil arrobas d'assucar (o melhor de toda a costa) de seus trinta e seis engenhos; donde resultava que o termo medio do producto de cada engenho regulava por tres mil e tresentas arrobas. Contava dezeseis freguezias, um collegio dos padres, um mosteiro de S. Bento e outro de capuchos, além de mais quarenta igrejas e capellas. Os barcos e canoas de remo, só no Reconcavo, avaliavam-se em mil e quatrocentos. — Tinha ja a cidade do Salvador bons edificios, porêm a sé estava, como a de Pernambuco, por concluir. Havia nella cinco dignidades, seis conegos, dois meios conegos, quatro capellães, um cura e coadjutor, quatro moços de coro e mestre de capella, dos quaes muitos não eram sacerdotes, em geral mais mal pagos que os capellães dos engenhos; cujos logares os ecclesiasticos preferiam. O edificio do collegio era grande, bem acabado; e havia nelle aulas de theologia, de casos, duas de humanidades, um curso d'artes, além das primeiras lettras. Tinha de renda trez mil cruzados, e sustentava de ordinario uns sessenta discipulos. Entre os habitantes notava-se igualmente muita abundancia e rico trato, se bem que menos luxo que em Pernambuco. Nas casas havia bons serviços de prata. As senhoras tinham bastantes joias. Tambem se viam cavallos bem ajaezados, e até os peões trajavam de setim e damasco, e suas mulheres vasquinhas e gibões das mesmas telas. E pois que nesta capitanias as communicações se faziam principalmente por agua, eram os jovens Bahianos menos amigos de montar a cavallo que os Pernambucanos. — A capital contava apenas oitocentos moradores livres, e as casas não passavam ainda fóra das portas de S. Bento e do Collegio, ou sé actual. As rendas da camara não excediam de cem mil reis annuaes.

Seguem as tres capitanias dos Ilheos, Porto-Seguro e Es-

pirito Santo, que apezar de seu fecundo solo, e dos muitos rios que as retalham, e dos frequentes portos que offerecem ao commercio, haviam progredido mui pouco, como seguiu succedendo até hoje. — Tão nociva lhes foi a influencia da falta de uma colonisação simultanea, que podesse absorver os selvagens, em vez de se deixar por elles tragar.

A capitania dos Ilheos achava-se reduzida á villa de S. Jorge, apenas com uns cincoenta colonos, em vez de quatrocentos ou quinhentos que tivera; e unicamente contava tres engenhos, de oito ou nove que possuira, e algumas roças de algodão e mantimento. Para cada lado da villa, os habitantes não se estendiam mais de duas ou tres legoas, pela ourela da costa, e apenas meia legua para o sertão.

Não era mais lisongeiro o estado da capitania de Porto Seguro; se bem que nesta havia, além da villa capital, com quarenta colonos, a de Santa Cruz, e duas aldêas de Indios, a de S. Matheus e a de Santo André. A gente era pobre: havia um só engenho de assucar; o gado vacum morria de certo capim *mata-pasto;* mas em troco os jumentos e cavallos cresciam em tal quantidade que daquelles havia bravos pelos matos. As arvores de espinho eram sem conto, e os habitantes fabricavam, para exportar, agua de flor de laranja. Era donatario o primeiro duque de Aveiro D. João d' Alencastre, por contrato que, segundo dissemos [1], fizera com a terceira donataria D. Leonor do Campo.

Um tanto melhor se achava a capitania do Espirito-Santo: contava sôbre cento e cincoenta visinhos, que possuiam seis engenhos d'assucar, muito gado e algodões. A Companhia tinha tambem seu collegio e igreja regular, e várias aldêas que administrava. Havia aquí mais gentio manso que em nenhuma outra parte; e os colonos serviam-se muito delle, de modo que apenas existia escravatura africana. Era desta capitania terceiro donatario Vasco Fernandes, filho do outro de igual nome, de quem ja tratamos; mas pouco depois falleceu, ficando governadora D. Luisa Grinaldi, sua mulher, que fez antes de muito entrega ao quarto donatario Francisco de Aguiar.

---

[1]) Vej. Secç. XVIII, p. 291.

A capitania do Rio de Janeiro, bem que apenas contava vinte annos desde fundada, tinha cento e cincoenta colonos e tres engenhos, trabalhados principalmente pelos Indios. Havia um collegio da Companhia, em que se ensinava o latim, e que recebia das rendas públicas dois mil cruzados. Igualmente seguiam subsistindo a casa de misericordia e o hospital, quasi no proprio sitio em que ainda hoje estão. Abundava a fructa e a hortaliça, e era tanto o pescado que valia o de escama a quatro reis, e o de pelle a real e meio a libra. Ainda então vivia Martim Affonso[1], commendador de Christo, Indio antigo, *abaeté e mocaçára*, que servira muito aos colonos na conquista desta paragem. Os tres engenhos de que fizemos menção, eram: um de Christovam de Barros, de agua; outro do proprio governador, na sua ilha, movido por bois; e finalmente um terceiro, começado por Salema e por concluir, do patrimonio real.

„Está tão mistica a capitania de S. Vicente com a de Santo Amaro (dizia um dos escriptores contemporaneos que nos vão guiando) que, se não foram de dois irmãos, amanharam-se muito mal os moradores dellas." — Ja então na pratica se começavam a realizar os temores de Gabriel Soares, e principiavam a germinar as questões, que pouco depois foram levadas aó julgamento dos tribunaes. Reservando para o diante o tratarmos de qual era a verdadeira linha de raia, nos limitaremos aqui a consignar que, fallecido o primeiro donatario em 1571, e morto o segundo, seu filho, nos campos africanos de Alcacerquibir, era já, por confirmação regia, Lopo de Souza, neto do primeiro, o possuidor da capitania de S. Vicente. A de Santo Amaro, por morte de Pero Lopes, passára successivamente a dois de seus filhos, e por fallecimento destes recaira em uma irmã delles, D. Jeronyma, ja então viuva de D. Antonio de Lima, de quem tivera D. Isabel de Lima, que veiu a ser a quinta donataria[2].

---

[1]) Ararigboya.

[2]) Esta D. Isabel apezar de casar-se, nâo deixou descendentes. Segundo a Hist. Gen. a desposou Francisco Barreto; e segundo um documento que recolheu Taques „(Rev. do Inst., IX, p. 163)" um André d'Albuquerque, que vivia em Setubal. Naturalmente se casou duas vezes. Em tal caso da segunda vez foi com Francisco Barreto.

Apezar porêm de haver nas terras chamadas de S. Vicente duas capitanias e dois donatarios, na realidade quasi que se imaginavam uma só; e inclusivamente tinham um só provedor, contador e alcaide mór, que era o velho[1] Braz Cubas; se bem que as sesmarias, nas terras julgadas do neto de Martim Affonso, eram unicamente concedidas pelo seu logar-tenente Jeronymo Leitão, e as da neta de Pero Lopes pelo governador Salvador Corrêa, seu bastante procurador para isso. Entretanto, para a resenha que vamos fazendo, as consideraremos uma única, e nos occuparemos indistinctamente das villas e povoações de ambas.

E' necessario confessar que por este lado, principalmente perto da costa, o Brazil se tinha por ventura atrazado em vez de melhorar. Vimos que quarenta annos antes havia ja ahi seis engenhos e uns seiscentos visinhos. A colonisação do Rio de Janeiro, e os maiores atractivos de prosperidade na Bahia e Pernambuco, e a bondade do clima de Piratininga tinham privado S. Vicente de muitos moradores, e a escassez de navios de commercio para ali, e a presença dos últimos piratas, haviam-a despojado de muita da sua riqueza. Bem que em peor estado, as duas capitanias sostinham entretanto ainda os mesmos engenhos.

A villa de S. Vicente se empobrecera de um modo sensivel; e estava reduzida a uns oitenta colonos, além dos padres do collegio da Companhia, que, a pedido da gente de Santos, o visitador Christovam de Gouvêa ordenava agora que para esse porto se transferisse. Eram apenas seis, os quaes ali „se viam como eremitas, por toda a semana não haver gente, e aos domingos pouca[2].“

Menos habitantes colonos, e mais pobres, contava a villa da Conceição de Itanhaem, dez legoas pela praia, caminho da foz do Rio de Iguape.

---

[1]) Braz Cubas teria então uns oitenta annos, pois falleceu, com oitenta e cinco, em 1592; como se collige de seu epitaphio no presbiterio da hoje matriz de Santos, que consigna os seus principaes feitos, que explanará a sua biographia melhor do que esta historia o podéra aqui tentar.

[2]) Cardim, p. 107.

Poucos mais moradores que S. Vicente tinha Santos: em uma e outra villa escaceavam os braços; e pouco antes haviam ambas dirigido uma supplica a Jeronymo Leitão para proceder contra os Indios, que tanto mal haviam feito á capitania[1]. Naturalmente menos população que todas teria a villa de Santo Amaro, junto da qual possuia um engenho Francisco de Barros. Ao norte da Ilha de Santo Amaro havia bem guarnecidas as duas fortalezas de S. Filippe e de Santiago, á boca da barra da Bertioga; e da banda do sul, á entrada de S. Vicente, e nas terras que haviam sido de Estevam da Costa, havia (no forte que pouco antes se fizera) uma guarnição de cem soldados, com capitão e alcaide.

S. Paulo de Piratininga era a terra mais povoada do districto, e continha tanto e meio dos colonos da de Santos ou da de S. Vicente. Ja seus habitantes se mostravam naquelle tempo amigos de cavalgar e fazer „escaramuçar e correr seus ginetes.“ — Os paulistas „do meio daquelle sertão e cabo do mundo“, vestiam-se ainda á moda antiga „de burel e pellotes pardos e azues, de petrinas compridas...“ e iam nos domingos á igreja „com roupões ou bernéos de cacheira, sem capa“. — Não tinham na villa parocho[2], e seis ou sete padres da Companhia eram os seus unicos ecclesiasticos. Havia muito gado, e muitas vinhas, de cuja uva se fazia certo vinho que se bebia „antes de ferver de todo.“ Igualmente abundavam, entre as arvores da Europa, os marmeleiros, e se fazia muita marmelada. O trigo e cevada produziam bem, se o semeavam; escaços eram porêm os vestuarios pelo pouco trato do commercio. O fabrico do tal vinho cessou acaso com as prohibições, que depois se fizeram em favor do commercio de Portugal. Os habitantes eram servidos pela escravaria da terra, e nas visinhanças havia, entre outras aldêas, a da Conceição dos Pinheiros.

Tratando da principal producção do Brazil naquella epocha, a do assucar, contavam-se em Pernambuco sessenta e seis en-

[1]) Por primeiro vigario foi mandado, alguns annos depois, o P. Lourenço Dias Machado. Rev. do Inst. II, 433.
[2]) „Arch. da Cam.“ de S. Paulo, L. 1585—1586 fol. 13 v. e 14.

genhos; na Bahia trinta e seis, e nas outras capitanias juntas metade deste número. Total dos engenhos cento e vinte. Referimos o número dos engenhos, porque cremos este o melhor meio de dar uma idéa do estado de prosperidade e riqueza do paiz. Um engenho por si é ainda hoje equivalente a uma grande povoação, e representa não só muitos braços, como as necessarias terras de canaviaes, de mato, de pasto e de mantimentos. Com effeito, além da casa do engenho, da de moradia, senzalas e enfermarias, havia que contar com uns cem colonos ou escravos, para trabalharem umas mil e duzentas turefas de massapé (a novecentas braças quadradas por tarefa), além dos pastos, cercas, vasilhames, utensilios, ferro e cobre, juntas de bois, e outros animaes.

Annualmente produziam os ditos engenhos uns setecentos mil quintaes de assucar ou setenta mil caixas, número igual ao dos mil cruzados que pagava o mesmo assucar de direito de sahida, na razão de cruzado por caixa de dez quintaes.

O consummo no Brazil de generos estrangeiros vindos do Reino, avaliava-se em quatrocentos mil cruzados, e por tanto em oitenta mil a renda que produzia ás alfandegas de Portugal o não estarem os nossos portos abertos ao commercio das outras nações.

As fortunas eram geralmente, sobre tudo em Pernambuco, na Bahia e no Rio, isto é, nas terras que ja recebiam escravaria africana, bastante desiguaes; e um dos meios com que mais dinheiro se juntava era o trafico dos pretos. A's vezes associavam-se alguns senhores de engenho, e mandavam navios por escravos africanos, que lhes saíam assim muito mais em conta do que comprando-os aos traficantes, os quaes, principalmente a prazos, effectuavam as vendas com muita usura.

Os pobres encontravam ja, em algumas povoações, apoio efficaz n'uma instituição pia introduzida em Portugal no seculo anterior, a fim, não so de recolher os peregrinos, como as antigas albergarias, mas de curar os enfermos, de enterrar os mortos, de educar e dotar as desvalidas orfãs, e de praticar obras de misericordia. Pelo que, o estabelecimento, onde em cada povoação isso era adoptado, se chamou *Santa Casa da Misericordia* ou simplesmente *A Misericordia* ou *A Santa Casa*, como

entre nós se diz muito. — A primeira casa de misericordia em Portugal foi a de Lisboa, instituida pela Rainha D.ª Leonor, em agosto de 1498; — bem que recommendada a instituição ás outras cidades e villas do reino, pela C. R. de 14 de março de 1499, como... „uma confraria para se as obras de misericordia haverem de cumprir, especialmente acerca dos prezos pobres e desamparados... e assim em muitas obras piedosas[1] etc.“ Em Santos foi a instituição introduzida em 1543 por Braz Cubas, e não nos consta de povoação brazileira que antes a tivesse. — Nas cidades do Salvador e de S. Sebastião foram ellas erigidas contemporaneamente com as mesmas cidades; e tanto a ellas, como ás de outras cidades do Brazil, os reis não tardaram em conceder privilegios analogos aos de que gosava no Reino a de Lisboa. Além das Misericordias para os pobres desamparados, havia tambem irmandades, ou communidades, em que sob a invocação de algum santo, e com certas practicas devotas, os irmãos se obrigavam, por compromissos, a se prestarem varios auxilios. — Dessas irmandades, as ordens terceiras, que depois se estenderam tanto, annexas a ordens religiosas ou dellas derivadas, produziram, e produzem ainda, com seus hospitaes, beneficios incalculaveis.

O Brazil se podia considerar a mais importante das possessões portuguezas que Filippe II havia aggregado á sua corôa, pois que as colónias da Asia iam em manifesta decadencia, e o commercio do Oriente, desde o principio, longe de criar raizes em Lisboa, não serviu senão a dar maior importancia ao mercado de Amsterdam, e a fazer levantar a Hollanda. — Portugal se locupletára, sim, com as primeiras riquezas da Asia; mas por outro lado perdêra a sua prosperidade real, despresando a agricultura e a industria; de modo que, apenas lhe faltou a fôrça, não poude nutrir o commercio

---

[1]) O seu compromisso foi confirmado por alvará regio de 4 de julho de 1564, reformado em 10 de maio de 1618. O compromisso dado á dita misericordia de Lisboa se declarou extensivo á do Espirito Santo por Alv. do 1.º de julho de 1605; á de Olinda por resolução regia de 26 de janeiro de 1606, e a de Itamaracá por dita de 8 de abril de 1611. — O Alv. de 18 de out. de 1806 o fez extensivo a todas as misericordias que não tivessem outro. A Ordem terceira de São Francisco da Penitencia do Rio data de 1622.

do Oriente, que passou a mãos estranhas, onde estavam os capitaes, que algumas providencias absurdas faziam desviar do reino e possessões. Nesse número se devem contar a perseguição impoliticamente exercida, contra os judeos e christãos novos[1], a inquisição, e talvez não menos, uma lei prohibindo que se cobrassem juros ao dinheiro[2]. Por lei de 30 de junho de 1567, provisão de 2 de junho e alv. de 2 de julho de 1573, foi prohibido passarem os christãos novos ás colonias. Estas disposições foram revogadas pelo alvará de 21 de maio de 1577.

O dominio da maior parte dos littoraes da Asia que, segundo alguns, concorrera á desmoralisação dos Portuguezes, produziu por outro lado nos animos tal energia, que além da glória maritima e militar que a nação adquiriu (e que será perduravel para sempre nos fastos da Historia universal e na do progresso do espirito humano) talvez que a essa energia deveu o grande desenvolvimento que então tiveram a sua litteratura e lingua. Os escriptores *quinhentistas*, isto é, os do seculo XVI, são ainda os mais lidos e preferidos pelos melhores puristas. Desta epocha é o primeiro escriptor portuguez, chamado principe dos poetas da toda a Hespanha, — o grande Camões. O argumento capital de sua epopea é a navegação do Oriente; e Camões não houvera produzido um tal poema, no juizo de Humboldt, uma das primeiras obras do engenho

---

1) Declaradas de novo em vigor por leis de 18 de janeiro de 1580 e 26 de janeiro de 1587. Esta prohibição foi levantada em 31 de julho de 1601, estando a corte em Valhadolid, mediante 200,000 cruzados offerecidos pelos judeos, acrescentando-se em 24 de novembro desse mesmo anno que, ninguem lhes chamasse „christãos-novos, confessos, marranos ou judeos.“ — Foi isto outra vez revogado em 13 de março de 1610, voltando tudo ao ordenado em 1587. Tornou em 17 de novembro de 1629 a protecção de 1601; porém uma consulta de 29 de abril de 1630 opinava que se devia revogar na parte em que se lhes consentia passar ás colonias. (T, IV, 72 e 73; V, 23, VI, 25.)

2) Além desta lei de 16 de junho de 1570, contrária a toda a economia politica, dessa que já se conhecia antes de ter tal nome, promulgou nesse mesmo anno, D. Sebastião outra mais absurda, em 28 d'abril, na qual ordenou que „pessoa alguma não podéra comer nem dar a comer á sua mesa mais que um assado e um cosido, e um picado ou „desfeito“, ou arroz ou cuscuz, e nenhum doce, como manjar branco, bollos de rodilha, ovos mechidos, etc.

humano em relação á vida maritima, se não tivesse peregrinado até a China „novos perigos vendo e novos damnos“. As decadas de Barros (depois proseguidas por Couto) são em prosa a historia dos feitos portuguezes na Asia, illustrada tambem pela descriptiva penna de Lucena, na conquista espiritual, e pelas admiraveis, e ás vezes fantasticas, pinturas das maravilhas da Asia, que devemos ao livro das *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto. A's obras destes escriptores deve a lingua portugueza muito. Como autores de chronicas se assignalavam Damião de Goes, escrevendo as de D. João II e D. Manuel (que o bispo Osorio depois magistralmente latinava), e Francisco de Andrada a dę D. João III. Entre os poetas contemporaneos de Camões, recommendam-se o philosopho e moralista Francisco de Sá de Miranda, o suavissimo Bernardes, cantor do rio Lima, e o douto Ferreira [1], autor da primeira tragedia sobre Ignez de Castro. Goes e Sá de Miranda interessam mais que os outros ao Brazil, como irmãos que eram um do donatario das terras de Campos Pero de Goes, e outro do terceiro governador do Estado, Mcn de Sá. Poetas conhecidos foram tambem Jeronymo Corte Real e Vasco Mausinho. Como prosadores recommendaveis mencionaremos a Jorge Ferreira de Vasconcellos, autor de uma novella de cavallarias acerca das proezas de uma segunda *Tavola Redonda* [2], e de mais tres novellas-comedias, intituladas *Eufrosina, Ulyssipo* e *Aulegrafia;* e contentar-nos-hemos em citar os *Dialogos* de Heitor Pinto e de Amador Arraes; pois fôra divergir de nosso intento tratar delles por extenso. Com mais razão devemos ser desculpados se não tratarmos de outros de menos nomeada, e se não fizermos dissertações ácerca da litteratura castelhana desta epoca, que alguma voga, especialmente a dramatica, veiu a ter no Brazil.

Nas sciencias as maiores illustrações como que se desenvolviam no Oriente. O grande mathematico Pedro Nunes, o

---

[1]) Que por modos diversos
Ou deu versos ás leis ou leis aos versos“
(Diniz.)

[2]) Vej. a nossa publicação = „*Da Litt. dos Livros de Cavallarias*“, com o respectivo additamento.

seu discipulo D. João de Castro, o medico observador Garcia d'Orta[1], — todos talvez deveram ao sol dos tropicos o reflexo da sua glória: sendo certo que concorre muito a fecundar o genio a contemplação da natureza, em o maior número de paragens da terra, diversas em clima e em productos naturaes; bem como o trato dos homens e a vista dos objectos d'arte contribuem a apurar o gôsto e a formar o artista; quer este maneje o pincel, o escopro, ou o compasso; quer possua o segredo de fundir em palavras ou sons articulados, quer em sons musicos, os seus pensamentos, isto é quer seja pintor ou esculptor e architecto, quer poeta ou musico. Para nós é certo que (occupando-nos só da poesia) Camões não houvera sido o que foi e o que é, se não tivesse tido tanto trato com differentes povos, e se com as scenas novas e originaes que de continuo lhe deviam proporcionar as terras, os mares e as cidades da Asia, não houvesse tanto enriquecido a fantesia.

---

[1]) *Colloquios da India.* Veja-se a 2.ª edição publicada, pagina por pagina, conforme a 1.ª de Gôa em 1563, pelo Autor desta Historia em 1872.

SECÇÃO XXIV.

GOVERNOS INTERINO, DE D. FRANCISCO, E DE DIOGO BOTELHO. COLONISAÇÃO DE SERGIPE, E RIO GRANDE; MALLOGROS EM MINAS E NO CEARÁ.

Governo do bispo e do provedor mór. Insulto, por navios inglezes, á Bahia. Giraldes, governador nomeado. Não chega ao Brazil. Mallogro de uma Relação. Vinda de só tres dezembargadores. Um provedor de defunctos e ausentes. Expedição contra Sergipe e fundação dessa nova capitania. Cidade de S. Christovam. O indio Porquinho. Governador D. Francisco de Souza. Expedição do escriptor Gabriel Soares de Souza a Minas. Seus grandes privilegios, e completo mallogro. Morte do mesmo Soares. Seu testamento. Corsarios estrangeiros. Tributo do Consulado Saquêo de Recife por James Lancaster. Pain de Mil em Sergipe. Hostilidades de uma esquadra franceza contra os Ilheos, e Parahiba. Anarchia nesta Capitania. Passa a governal-a Feliciano Coelho. Fundação da capitania do Rio Grande-Forte dos Reis Magos. Cidade do Natal. D. Francisco visita o Espirito Santo, o Rio e vae a S. Paulo até o morro de ferro. Augmento da supremacia dos Jesuitas. Bandeiras dos Paulistas contra os Indios. Governador Diogo Botelho. D. Francisco consegue escapar-se da residencia ou syndicancia de seu governo. Severidade do governador Botelho. Questões com os Jesuitas. Mallogro da colonisação do Ceará pelo capitão mór Pero Coelho de Souza. Seu regresso e grandes calamidades. Quem foram os culpados. Fructos colhidos destas tentativas mallogradas. Petiguares na Bahia e no Itapicurú. Indio Sorobabé. Sua desgraça e exilio em Evora. Pesca das Balêas. Ataque á Bahia por navios hollandezes. O governador persegue os prevaricadores e promove a criação de novas justiças e outros empregados necessarios. Sebastião de Carvalho. Conselho da India. Mallogro da missão dos Jesuitas na Serra de Ibiapaba.

Por morte de Manuel Telles Barreto, recaiu o governo em mãos do bispo D. Antonio Barreiros, associado ao provedor mor da Fazenda Christovam de Barros, que já, com o titulo de capitão, governára o Rio de Janeiro, e era filho do primitivo donatario do Ceará, depois primeiro provedor mór da Fazenda do Estado, o mallogrado Antonio Cardozo de Barros, morto ás mãos dos selvagens de Sergipe, em companhia do primeiro bispo do Brazil D. Pedro Fernandes Sardinha.

A estréa destes dois governadores interinos foi pouco afortunada. Acabava Christovam de Barros de assentar-se da cidade para o Reconcava, a fim de recolher esmolas para

a casa da Misericordia, de que fôra neste anno eleito provedor, quando duas náos inglezas e uma zavra, tomando fóra da barra um patacho hespanhol, que partia para o Rio da Prata, e sabendo, pela tripulação delle, que na cidade estava de chefe um bispo, abalançaram-se a entrar, assenhoreando-se logo de todos os navios fundeados no porto, incluindo nesse número uma urca artilhada do mercador flamengo Duarte Osquer (Esquert?), cuja tripolação se lhes uniu; e, todos juntos, começaram ás bombardadas contra a cidade, com intento de a render, e obrigal-a sem dúvida, a pagar um bom resgate. Os moradores começavam já a ausentar-se, quando acudiu felizmente do Reconcavo o dito Christovam de Barros, e os obrigou a todos a fazer pé atraz; no que foi muito ajudado por um morador, chamado Antonio de Araujo, e até por uma mulher, cujo nome infelizmente não encontramos mencionado; a qual veiu a cavallo desde Itapuan, e, com o seu exemplo, obrigou a retroceder os que fugiam.

Vendo os aggressores que a cidade não se rendia, e não se atrevendo a correr o risco de effectuar um desembarque, passaram a roubar pelo Reconcavo; mas isso apenas durante alguns dias, em quanto o mesmo Christovam de Barros não acabou de organisar uma esquadrilha de barcaças dos engenhos, guarnecida de soldados com pavezes; da qual, confiando o mando a Sebastião de Faria, obrigou os invasores a retirarem-se, depois de sairem mallogrados em algumas tentativas; sendo a mais notavel a derrota que sofreram em um desembarque effectuado na ilha de Itaparica, em que foram mui escarmentados por Antonio Alvares Caapára; o qual, ao saber que elles haviam passado a fazer aguada no Camamú, ainda la se dirigiu, com toda a sua gente, a perseguil-os.

O successor effectivo de Barreto não foi pela côrte nomeado senão a 9 de março de 1588. Recaiu a escolha em Francisco Giraldes, do conselho do rei, e quinto donatario dos Ilheos; e veiu a ser o segundo que teve o titulo de *Governador Geral.* Em 19 do mesmo mez, foi nomeado Antonio de Magalhães para acompanhar o mesmo governador, como sargento mór do Estado, cargo novamente creado; competindo-lhe, além das obrigações que tinham no Reino os que

havia em cada commarca, que era a inspecção das ordenanças, tudo quanto respeitava ás fortificações e artilheria.

Pretendeu tambem a Côrte que com o dito governador geral viessem desde logo os membros da nova *Relação* ou tribunal, que, no anno anterior (1587) resolvêra crear na Bahia; e ao qual já déra até o competente regimento (25 de setembro)[1], havendo depois designado a ordem das cathegorias dos dez ministros que a deviam compôr; a saber: chanceller; dezembargadores do aggravo; ouvidor geral; juiz dos feitos; provedor dos orfãos e residuos; dito dos feitos; promotor da justiça e dezembargadores extravagantes.

Em 21 de março, foi nomeado Chanceller Luiz Machado de Gouvea, e, em differentes datas, antes e depois, os demais ministros, entrando nesse número Antonio Coelho de Aguiar e Gaspar de Figueiredo, — que vieram depois a exercer o cargo de ouvidor geral, e Balthazar Ferraz, que ja escrevia da Bahia aos 22 de outubro desse amo e que mais tarde (12 de fevereiro 15 91) veio a ser encarregado de uma syndicancia fiscal, e que ainda na Bahia vivia, no cargo de provedor mor da Fazenda, vinte annos depois)[2]. De todos os demais dezembargadores, cujos nomes nem mencionaremos, foram estes tres os unicos, (até onde temos podido averiguar), que chegaram ao Brazil; e dois delles (Gaspar de Figueiredo veiu só em 1591) porque se embarcaram separadamente dos demais companheiros; os quaes, tendo chegado a partir, em companhia do dito governador geral nomeado, e havendo o navio em que vinham, soffrido duas arribadas, não ousaram metter-se por terceira vez no mar; fallecendo o governador algum tempo depois, e deixando a metropole em traspasso, por muitos annos, o tornar effectiva a installação da Relação decretada.

Desta mesma epoca data a criação de um provedor de defuntos e ausentes, sendo nomeado para o cargo André Martins Tinoco, e dando-se-lhe regimento em 23 de março do dito anno (1588)[3].

---

[1]) Liv. 1º das Leis, desde 1570 a 1612, fol. 172 a 180.

[2]) Pelo que lhe foi revogada a licença, que lhe déra o governador Diogo Botelho, para effectuar a compra de um engenho.

[3]) Veja a *Coll. Syst.* de Nabuco, Vol. II, 32 a 36 — Quasi toda a legis-

A metropole não tratou logo de nomear successor a Francisco Giraldes. E tanta foi nisso a demora que o mencionado duumvirato, do bispo e provedor mór, permaneceu no governo interino durante uns quatro annos proximamente, e teve tempo para emprehender e levar a cabo uma grande empreza de civilisação, — a fundação da capitania de Sergipe.

Além das razões que deviam mover os dois governantes a commetter a acção piedosa de reduzir á christandade a terra onde havia tido logar o martyrio do primeiro prelado do Brazil, antecessor de um delles, e do pai do outro, militavam ademais outras de estado, mui poderosas, que aconselhavam a occupação dessa paragem. Por meio della, se ia assegurar ao mesmo tempo, todo o destricto, desde a desembocadura do rio de S. Francisco, para o sul e para o norte, e se ia facilitar o trato por terra da Bahia até Pernambuco, cuja communicação por mar, em barcos de vela, era dificil, por haver que esperar a monção; de modo que muitas vezes se obtinham na Bahia respostas de Portugal, antes que de Pernambuco.

Além disso, os navios francezes frequentavam muito essas paragens, a buscar ahi páo-brazil, algodão e pimenta da terra, e a enseada de Vazabarris era o proverbial escolho, mui frequente infelizmente, dos navios que saiam da Bahia ou a demandavam; e não convinha que estivesse tal paragem em mãos inimigas, para que, ao menos em terra, encontrassem refúgio seguro aquelles que o mar tivesse arrojado de si.

Foi assim, projectada e resolvida definitivamente a occupação e colonisação dessas terras, e o estabelecimento ahi de uma nova capitania regia, que veiu a chamar-se de *Sergipe de El Rei.* O nome de Sergipe, proveiu do de *Cirizippe* ou *Cerigipe,* dado ao rio, em virtude de um chefe poderoso que pouco antes ahi dominava. Etymologicamente este nome parece querer significar „Ferrão de Ceri", como a respeito de outro ja fica dito em uma secção precedente.

A empreza se apresentava como facil, desde que este chefe

---

lação sobre este assumpto, e sobre capellas e residuos, se pode ver nos tom. 1.º, 2.º, 3.º (até p. 84) do Appendice da mesma Collecção.

depois da conquista do Rio Real e fundação da Villa de Santa Luzia, se havia submettido, juntamente com outro, por nome Apiripé, e que caira morto de bala um terceiro, não menos temivel, por nome Suruby.

Submettido o projecto á Côrte, veiu de lá approvado; com o que se facilitou muito a sua realisação; porque sendo, por essa approvação, declarada justa a guerra, declaração que só a Côrte podia fazer, em virtude da recente lei de 22 de agosto de 1587, ficariam considerados justamente tomados e escravisados os Indios que resistissem, o que sería, como effectivamente foi, um grande incentivo para se offerecerem a tomarem parte nella os principaes moradores de Bahia e até de Pernambuco, cubiçosos de augmentarem a sua escravaria.

Apregoada a guerra, e appellidados os que a ella quizessem concorrer, se chegou a reunir, em fins de 1589, uma fôrça respeitavel, levando comsigo seis peças de bronze, dois falcões de dado e uma peça de colhér, á frente da qual se poz o proprio Christovam de Barros em pessoa; e, deixando a Bahia ao cuidado do bispo, emprehendeu a marcha ao longo do mar, confiando a vanguarda a Antonio Fernandes, e a retaguarda a Sebastião de Faria; e encarregando. ao mesmo tempo aos dois irmãos Alvaro Rodrigues e Rodrigo Martins que, com, mil Indios, e cento e cincoent amoradores (entre brancos e mamelucos), caminhassem pelo sertão, arrebanhando, em sua ajuda, quantos Indios podessem.

Estes ultimos desempenharam tão bem o encargo, que, a pouco andar, se encontraram com perto de tres mil frécheiros, e se julgaram bastante fortes para desde logo seguirem seu caminho, e se lançarem a acometter os inimigos, sem esperar pela chegada de Christovam de Barros, com as suas tropas regulares e artilheria. E bem caro lhes ia custando o arrojo; pois o inimigo, em muito maior número, chegou a tel-os cercados, e em grande aperto, e teria dado cabo de todos, se não corre tão prompto Christovam de Barros onde elles estavam, obrigando os sitiantes a fugir, com perda de uns seiscentos, a troco de apenas seis dos nossos, o que succedeu no dia 23 de dezembro de 1589.

Era chefe ou morubixaba principal em todo esse districto um Indio nos documentos antigos designado por *Mbapeva* ou tambem *Baepeba.* Passou este chefe a postar-se, com a toda a sua gente, que se calculou chegar a uns vinte mil frécheiros, na Varzea de Vazabarrís, perto do littoral, e ahi se fortificou em tres cercas ou tranqueiras que se prestavam mutua defensa. Avançaram contra ellas os nossos, entrincheirando-se igualmente por sua parte, e tomando-lhes a agua de que bebiam, o que custou várias escaramuças, com perda de uma e outra parte. Seguiram-se dois ataques dos nossos á primeira e segunda das cercas, que não deram mais resultado do que novas perdas de gente de ambos os lados, maior porêm da dos contrarios, que não tinham artilheria. A final, vendo Baepeba que o sitio continuava apertado, e falto de agua, resolveu-se a emprehender um ataque, effectuando, a um tempo, uma arrancada de todas as suas tres cercas. Para transmittir as ordens ás duas outras cercas, escolheu varios emissarios, que se expuseram a atravessar o campo pelos nossos occupado, e dois delles conseguiram chegar a seu destino.

Sairam pois os das duas outras cercas, como retirando-se, e queriam os nossos perseguil-os; mas Christovam de Barros não lh'o consentiu e mandou apenas contra elles os de cavallo, que eram em número de sessenta. Deste modo se apertou mais o sitio contra a unica cerca restante, na qual estava Baepeba. Este, vendo-se mais apertado, resolveu a abrir-se caminho a ferro e fogo; e assim o poz por obra, na noite do dia de Anno Bom (1º de janeiro) de 1590. — Tomados de surpreza, retiraram-se os nossos a principio; mas animados pela presença e instancias de Christovam de Barros, obrigaram os inimigos a recolher-se de novo á cerca. E, entrando nella apoz elles, mataram uns mil e seiscentos, e fizeram captivos uns quatros mil, fugindo ainda muitos para o sertão.

Desassombrado assim todo o districto de inimigos, passou Christovam de Barros a cuidar no melhor modo de o assegurar e povoar. Junto á foz do proprio rio de Sergipe, actual Cotindiba, sôbre o isthmo que perto de mar fórma ahi o d-tague do Poxim, levantou um forte, que ainda annos depois era reconhecido com o nome de *forte velho*, e junto a elle

fundou um verdadeiro arraial, a que ja deu o nome de cidade. De modo que da „fortalcza e cidade de S. Christovam do rio de Sergipe“ datou várias sesmarias, começando pela, antes doação, que, em 9 de abril (de 1590), fez a seu filho Antonio Cardozo de Barros (para não dizer a si proprio) „de todas as terras desde o mesmo rio até o de S. Francisco“. — E, depois de haver distribuido outras terras, deixando ahi por capitão a Thomé da Rocha [1], dos que o ajudaram na empreza, e incumbindo a Rodrigo Martins de perseguir o gentio, que se havia escapado para a banda do norte do mesmo rio de S. Francisco, se recolheu á Bahia.

Os pastos de Sergipe eram de bastante boa qualidade, e os moradores começaram logo a metter gado nelles; e, com tanta fortuna, que dahi a poucos annos, esta nova capitania abastecia de bois os engenhos da Bahia e até os de Pernambuco.

Os primeiros moradores não se deram entretanto muito bem no local escolhido pelo fundador da colonia, e preferiram passar-se a um outeiro na outra margem [2], fazendo ahi nova fortaleza, e levantando a igreja matriz, com a invocação tambem de S. Christovam, como a primeira, que, em honra do dito fundador, Christovam de Barros, deram igualmente á nova cidade.

Como as terras ao norte do rio de S. Francisco eram de Pernambuco, não tardaram em oppor-se a Rodrigo Martins uns chefes de bandeira, que se diziam autorisados pelo donatario dessa capitania. Foi um delles Francisco Barboza da Silva, que, proseguindo nas emprezas em que andava contra os Indios, e em que fôra já uma vez desbaratado, veiu nellas a perder a vida. Succedeu-lhe Christovam da Rocha, que

[1]) Em 10 de dez. 1604 tiveram approvação regia novos empregados nomeados para esta capitania, mas não encontramos registo de patente regia de capitão della anterior á C. de 19 de maio de 1611 a João Mendes.

[2]) Provavelmente foi esta a mudança, a que, segundo refere Jaboatão, teve logar em 1595 ou 1596. Sabemos que este escriptor pretende que a segunda mudança foi para a margem direita do Poxim: mas, nesse caso haveria que admittir terceira para a S. Christovam de que se apoderaram os Hollandezes em 1637, e foi ao depois incendiada.

chegou em um caravellão, com quarenta homens; e este se uniu a Rodrigo Martins para marcharem juntos contra os mesmos Indios.

Emprehenderam ambos a marcha, seguindo, rio acima, pela margem do dito rio de S. Francisco, e haviam passado ja além do Sumidouro deste, quando, no rancho de um indio chamado *Tumã*, se desavieram, querendo cada um ter melhoria em seu quinhão dos Indios captivados; pretendendo Christovam da Rocha ter maior parte, posto que houvesse concorrido com menos gente. Com esta dissidencia, se quebraram os concertos, e Rodrigo Martins se retirou, associando-se o dito Rocha a Antonio Rodrigues de Andrade, tambem de Pernambuco, que levava comsigo cem escravos pretos, e com o qual poude melhor entender-se; e ambos se concertaram para irem contra um célebre Indio, que os nossos haviam denominado *Porquinho* (provavelmente *Priá*), e que nesta occasião, já muito velho, se converteu, e foi baptisado com o nome de Manuel, fallecendo pouco depois; e deixando os seus sacrificados á cobiça dos dois socios, que, depois de feitas as partilhas, se retiraram.

A occupação de Sergipe e a das terras ao norte do rio de S. Francisco vieram a facilitar muito o desenvolvimento da colonisação das Alagoas, do que, desde pouco, cuidavam, pelo lado do norte, os moradores de Pernambuco. Em 5 de agosto de 1591 cedia Pedro Homem de Castro, procurador do donatario de Pernambuco, a Diogo de Mello, uma data de sete leguas para o sertão e cinco á beira do mar, sendo tres para o sul e duas para o norte do rio de S. Miguel, foz das Alagoas; e logo depois, começava a erigir-se em uma pequena enseada, no fundo da Alagoa do norte, a villa chamada nova „*de Santa Luzia*“, por devoção do seu fundador que era cego. A villa da Magdalena (hoje cidade das Alagoas) foi fundada uns vinte annos depois, segundo veremos.

D. Francisco de Souza, immediato successor de Giraldes, só veiu a ser nomeado no 1.º de dezembro de 1590; e não chegou á Bahia senão a 9[1] de junho do anno seguinte (1591). Devia esse governador effectivo ter partido no mez de março,

[1]) „Domingo da Santissima Trindade“, diz um escriptor antigo.

e provavelmente o acompanharia o novo sargento mór do Estado Pedro de Oliveira, nomeado em principios desse mez. Nesta sua primeira administração, que durou mais de dez annos, D. Francisco conseguiu fazer-se querer dos povos e das autoridades, nem sempre em vantagem do serviço público e do da colonia, cuja governo lhe fôra confiado.

Tres foram os assumptos a que dedicou mais particular attenção: o descobrimento de Minas; o defender-se de continuos ataques de corsarios, levantando novas fortificações em alguns portos; e a occupação definitiva do Rio-Grande (do N.), fundando ahi uma nova capitania. Foi este último o serviço de mais consideração que prestou ao Brazil, graças ao muito que para elle o ajudaram os capitães, de Pernambuco, Manuel Mascaranhas e, da Parahiba, Feliciano Coelho. Occupemo-nos porêm, um a um, mais particularmente dos tres assumptos mencionados.

Da idéa de grandes descobrimentos de minas vinha já, desde a Europa, mui embuido o dito governador, provavelmente em virtude das conversações que ahi teria tido com Gabriel Soares de Souza, que, depois de haver gastado, principalmente em Madrid e em Lisboa, uns seis annos em requerimentos, afim de alcançar certos privilegios e protecção das autoridades para a empreza de taes descobrimentos, era justamente despachado de tudo, desesete dias (18 de dezembro) depois de nomeado o dito governador, e vinha a partir de Lisboa quasi ao mesmo tempo que elle; achando-se um e outro ja de partida, quando foi expedida a carta de 27 de março (1591) ordenando que regressassem com assucares as duas urcas, em que vinham. Na vespera, em 26 de março, fôra ainda assignada a patente de Agostinho de Soutomaior, chegado de Monomotapa, como provedor das minas do Brazil; e consta-nos que além deste, foram nomeados pela mesma occasião, para igualmente servirem no Brazil, Christovam, lapidario de esmeraldas, e mais tarde (5 de nov. 1591) João Corrêa, feitor de minas de ferro.

Os primeiros cuidados de D. Francisco, logo que chegou á Bahia, foram os de dar cumprimento e execução ás ordens

recebidas para que auxiliasse efficazmente a Gabriel Soares, na sua projectada expedição á actual provincia de Minas, subindo pelo Paraguassú até as suas cabeceiras e passando depois destas ás vertentes do rio de S. Francisco, segundo um roteiro, que, conforme dissemos, uns sete annos antes, recebêra, deixado por seu irmâo João Coelho de Souza, o qual, depois de haver percorrido os sertões durante tres annos, e de haver nelles descoberto metaes preciosos, e, segundo parece, até ja diamantes, ao fallecer, quando regressava de taes descobrimentos, nas cabeceiras do rio Paraguassú, lhe mandára entregar a sua derrota por um portador de confiança.

Era Gabriel Soares nascido em Portugal, talvez na propria cidade de Lisboa, onde tinha duas irmãs. Em 1567, passava a Monomotapa, acompanhando a Francisco Barreto, quando, arribando á Bahia, preferiu ficar nesta cidade, onde foi medrando; chegando a fazer-se até senhor de um grande engenho de assucar no rio Jequiriçá. Por morte de seu irmão João Coelho, de quem já tratamos, herdeiro do seu itinerario do descobrimento de várias minas nos sertões, resolveu passar á Europa, a requerer concessões e previlegios; mas houve tal dilação no despacho de seus requerimentos que, tendo partido da Bahia em fins d'agosto de 1584, só depois de meados de dezembro de 1590 foi despachado. Nesse intervallo, talvez com objecto de recommendar-se, offereceu, no 1.º de março de 1587, a D. Christovam de Moura, estadista influente no governo, o precioso escripto acerca do Brazil de que já demos notícia.

As concessões obtidas pelo mesmo Soares reduziram-se:

A uma carta regia ao governador do Brazil, afim de que fossem postos ás suas ordens duzentos Indios frecheiros; e a mais oito alvarás, todos da mesma data, dispondo:

Que o mesmo Gabriel Soares de Souza, „Capitão mor e governador da conquista e descobrimento do rio de S. Francisco", teria o direito de nomear, por seu fallecimento, um successor que gosaria dos mesmos titulos e podêr.

Em ter faculdade de prover todos os officios da justiça e da fazenda no seu districto.

Em lhe ser concedido, para quatro cunhados e dois primos, que com elle iriam, o habito de Christo, com 50 rs., e no

fim da jornada, e fôro de fidalgo e moradia para os mesmos; e mais dois habitos para os capitães que o acompanhassem.

Em poder conceder o foro de cavalleiros fidalgos até cem pessoas dos do seu sequito.

Em poder fazer promessas de mais recompensas aos que se distinguissem.

Em lhe ser facultado o tirar das prisões, para levar comsigo, os condemnados a degredo que escolhesse, sendo de officios mechanicos, mineiros, etc.

Em ser a estes contado, como tempo do degredo, o da expedição.

Finalmente, em ficar autorisado, se quizesse, a proseguir os descobrimentos ainda mais além do Rio de S. Francisco; e por conseguinte até dos proprios terrenos das actuaes provincias de Goyaz e Matto Grosso, se la chegasse.

Os alvarás, mandados passar por Estevam da Gama, foram escriptos por João da Gama, ambos mui provavelmente ainda aparentados com o famoso descobridor da India, Vasco da Gama. Depois de chegar a Lisboa, para se embarcar, obteve o mesmo Soares mais duas graças, em 27 de janeiro immediato; a saber um a ordem para nesse porto se lhe dar embarcação, e mantimento ordinario ás pessoas que com elle iam, e outra para o Governador do Brazil lhe dar cincoenta quintaes de algodão em caroço, do que houvesse pertencente á Fazenda, afim de se fazerem armas, para os que o deviam acompanhar á nova conquista.

Auxiliado com tantos favores, partiu a final de Lisboa, o novo „capitão mor e governador“ Gabriel Soares de Souza, na urca flamenga denominada *Grifo-Dourado*, em 7 de abril de 1591, conduzindo comsigo uns tresentos e sessenta homens, incluindo quatro religiosos carmelitas, um dos quaes, Fr. Hieronymo de Canavezes, veiu até a ser depois provincial.

O projecto de Soares era chegar ás cabeceiras do Rio de S. Francisco, onde se deviam encontrar as minas, de que nos logares de que levava nota pelo roteiro de seu irmão, dava conta o mesmo roteiro; e cuja existencia veiu a confirmar-se no seguinte seculo; pois essas minas se achavam evidente-

mente no districto da provincia, que, pelas que depois nella se descobriram, se ficou chamando de *Minas*, como sabemos.

Infelizmente, o seu completo descobrimento e exploração, e por conseguinte o principio da colonisação nesse districto, ainda então teve de ficar aprasado, em virtude dos successivos mallogros que acompanharam a dita expedição de Gabriel Soares, incluindo a sua propria morte, succedida proximamente na paragem onde tivera logar a de seu irmão, e a de um Indio, por nome *Aracy* (o Sol) que lhe servia de guia.

O principio do mallogro da expedição procedeu de haver, em meiados de junho, naufragado a urca onde vinham todos, em Vazabarris; onde, graças á recente colonisação por Christovam de Barros, não cairam victimas dos Indios.

Salvando-se a maior parte da tripulação, passou o mesmo Soares á Bahia, onde refeito com os auxilios que lhe deu D. Francisco de Souza, emprehendeu a expedição, indo primeiro ás suas terras, onde acabou de prover-se de carnes e farinhas, e logo varou até metter-se no conhecido Boqueirão, por onde forçosamente devia entrar para seguir caminho, subindo com o rio Paraguassú pela margem direita.

Seguiu sempre subindo até o arrayal, mais ou menos encostado á margem direita do mesmo rio até uma paragem, em que, com parte da gente que levava, deixou assentado um arraval; por ventura a proprio chamado de João Amaro; pois tinha ordem de ir deixando no caminho pequenas povoações, ou arrayaes fortificados, de 50 em 50 leguas, proximamente. — No caminho, até esse arrayal, lhe adoeceram muitos homens de sezões, e perdeu muitos animaes mordidos dos morcegos; pragas estas que deviam ser mui nocivas, quando os sertanejos tiveram mais tarde que abandonar este caminho, cortando do Boqueirão ao arrayal de João Amaro, pela chamada *Travessia* terreno sem pastos e quasi sem agua.

Desse primeiro arrayal, proseguiram, sempre pela margem direita do Paraguassú acima, não sem grandes trabalhos para evitar ciladas dos gentios, a abrir picadas, e juntar os animaes, que se extraviavam, e ás vezes de todo se perdiam, já mordidos das cobras, ja comidos pelos tigres; e finalmente pelos obstaculos offerecidos pelo proprio rio, que ladeavam;

o qual, com suas subitas cheias, deixava muitas vezes os expedicionarios ilhados, e na necessidade de esperarem que as aguas baixassem.

Por fim, chegaram ás primeiras grandes vertentes que vem do S. O.; e tomaram por uma dellas, começando a subida da serra, não longe, ao parecer, da actual povoação de Santa Isabel do Paraguassú. — Para transpôr a dita serra, gastaram alguns dias, cobertos de nevoeiros, com bastante frio, não havendo por ahi lenha para se aquecerem, nem pasto para os animaes, que já estavam mui dizimados, de nada lhes servindo muito salitre que tinham á vista. Aqui começaram todos a esmorecer; e como perfaziam ja cincoenta leguas desde o arrayal anterior, decidiu-se Gabriel Soares a fundar o segundo; mas logo, cançado dos trabalhos, adoeceu, e falleceu pouco depois.

Substituiu-o immediatamente no mando o mestre de campo Julião da Costa; o qual, vendo-se privado do guia Indio *Aracy*, por ventura esmoreceu. Retirou-se com todos os da expedição para uma paragem mais sadia, e dahi escreveu ao governador, narrando-lhe o succedido, e pedindo-lhe novas ordens. Resolveu então este mandar regressar toda a expedição, e apoderando-se de todos os roteiros, premeditou já então vir a recolher della os fructos, como particular, apenas largasse o governo. E' o que devemos concluir, em vista do que depois praticou, vindo a requerer e obter os mesmos privilegios e concessões outorgados a Soares, e ainda outros mais.

O grande interesse que nos merece Gabriel Soares, como chefe dessa expedição, embora mallograda, e ainda mais como um dos primeiros escriptores acerca do Brazil em todos os ramos, e com especialidade das notícias ethnographicas dos Indios, nos induzem a incluir aqui os clausulas principaes do seu testamento, que deixou na Bahia, feito em 10 de agosto de 1584, antes do embarcar-se para a Europa, a requerer. Depois do cabeçalho, e de mais seis itens, encommendando-se á virgem e a varios santos prosegue:

„Donde quer que eu fallecer, me enterrarão no habito de S. Bento, havendo mosteiro de sua ordem, onde me enterrarão;

e não havendo maneira deste habito, e havendo mosteiro de S. Francisco, me enterrarão no seu habito, e os religiosos de ambas estas ordens me acompanharão, e a cada um darão de esmola cinco mil réis, e pelo habito dez cruzados.

„Se Deos fôr servido que eu falleça nesta cidade e capitania, meu corpo será enterrado em S. Bento da dita cidade, na capella mór, onde se me porá uma campa com um letreiro que diga *AQUI JAZ UM PECCADOR*; o qual estará no meio de um escudo, que se lavrará na dita campa; e sendo Deos servido de me levar no mar ou em Hespanha, todavia se porá na dita capella-mór a dita campa com o dito letreiro, em a qual sepultura se enterrará minha mulher Anna de Argollo.“

„Acompanhará o meu corpo, se fallecer nesta cidade, o cabido, a quem se dará a esmola costumada, e os padres de S. Bento levarão de offerta um porco e seis almudes de vinho e cinco cruzados.“

„Acompanhar-me-hão dous pobres, cada um com sua tocha ou cirios nas mãos, e darão de aluguel á confraria donde fôrem, um cruzado de cada uma, e a cada pobre pelas levarem dous tostões.“

„Não dobrarão sinos por mim, e sómente se farão os signaes que se fazem por um pobre quando morre.“

„Deixo á casa da santa misericordia desta cidade quarenta mil réis de esmola, para se dourar o retabulo, e para missas (?) cinco mil réis.“

„Deixo á confraria do SS. Sacramento cinco mil réis e á de Nossa Senhora do Rosario dous mil réis.“

„Far-me-hão no mosteiro de S. Bento, quer falleça nesta capitania, quer em outra qualquer parte, tres officios de nove lições, em tres dias a fio; tanto que eu fallecer, ou se souber a certeza de minha morte, em cada officio se dará de offerta um porco e cinco alqueires de farinha, e não me farão pompa nenhuma; sómente me porão um panno preto no chão, com dous bancos cobertos de preto, e em cada um cinco velas accesas.“

„Em cada officio destes me dirão cinco missas rezadas, á honra das cinco chagas de Nosso Senhor Jesus-Christo, com seus responsos sobre a sepultura.“

„Nos outros dias seguintes, me dirão em tres dias afios cada dia cinco missas rezadas; as primeiras cinco á honra dos gozos de Nossa Senhora, e a outro dia as outras cinco á honra dos cinco mysterios gloriosos da Madre de Deus, conforme a contemplação do Rosario, e no outro dia as outras cinco á honra dos cinco passos dolorosos da Madre de Deos."

„Me dirão na mesma casa, acabados os officios atraz, cento e cincoenta missas rezadas e quinze cantadas, e ás cantadas darão de offerta a cada uma sua gallinha e canada de vinho, e umas e outras sahirão com seu responso sobre a minha sepultura, e as missas se repartirão pela maneira seguinte."

„Nos primeiros cinco dias se dirão, em cada dia, dez missas rezadas e uma cantada, como acima fica dito, á honra dos prazeres que se contemplam no rosario de Nossa Senhora."

„Nos outros cinco dias logo seguintes, se dirão em cada dia outras dez missas rezadas e uma cantada, á honra dos cinco mysterios dolorosos da Virgem Nossa Senhora."

„Nos outros cinco dias seguintes se dirão em cada dia outras dez missas rezadas e uma cantada á honra dos cinco mysterios gloriosos da Virgem Madre de Deos. E se não houver padres no dito mosteiro, que bastem para dizerem estas missas juntas, humildemente peço ao padre abbade que ordene com os padres do collegio ou da Sé, com que se possam dizer estas missas, como tenho declarado, porque tenho confiança na Madre de Deos que, no cabo destas missas, sahirá minha alma do purgatorio."

„Como se acabar de dizer estas missas, como tenho declarado, ao outro dia seguinte se me diga um officio de nove lições, como os que acima tenho declarado."

„Mando que se digam pela alma de meu pai e mãi cincoenta missas rezadas, as quaes se dirão como se acabarem as que acima tenho declarado."

„Mando que se tomará de minha fazenda a valia de quinhentos cruzados, que se repartirão por cinco moças pobres, cem cruzados por cada uma, para ajuda de seus casamentos, o que repartirá o padre abbade, com informação do provedor da santa misericordia."

„Eu tenho duas irmãs viuvas; uma se chama D. Margarida de Souza e outra Maria Velha, ambas moradoras em Lisboa, e não tenho herdeiro forçado, e darão a uma dellas de minha fazenda, do rendimento della, vinte mil réis a cada uma, e fallecendo alguma dellas ou sendo já fallecida, darão á que ficou viva, cada anno quarenta mil réis em sua vida tão sómente, os quaes lhe mandarão por lettra a Lisboa, de maneira que lhe seja paga a dita quantia.“

„Declaro que tenho um livro das contas que tenho com as pessoas a quem devo, pelo qual se fará conta com as pessoas a quem estou em obrigação, ao pé de cujo titulo fica assignado por mim, ao qual livro se dará inteiro credito, porque, pelas declarações delle, deixo desencarregada minha consciencia.“

„Neste mesmo livro de minha razão tenho escripto o que tenho de meu, assim de fazenda de raiz, como escravos, bois de carro e eguas, e outros moveis, Indios fôrros; e nelle tenho em lembrança os encargos em que estou, assim ás pessoas que me servem e servirão, como a outras pessoas, ao qual se dará outrosim inteiro credito; por que o fiz só afim de concertar minha consciencia, o que não posso tratar nem esmiunsar neste testamento pelas mudanças que o tempo faz, e eu não saber qual ha de ser a derradeira hora que meu Senhor ha de chamar-me, para a qual não achei melhor remedio que este“.

„Depois do meu fallecimento se ordenará o inventario de minha fazenda, e se fará conta do que devo, e se porá om ordem de se pagarem as minhas dívidas, para o que se venderão os moveis de casa, bois e eguas, e assucar que se achar, e para o que restar se concertarão meus testamenteiros com os credores para se pagarem pelos rendimentos de minha fazenda, se disso fôrem contentes, o que se ha de negociar de maneira que a minha alma não pene na outra vida, por isso; e não querendo elles esperar, em tal caso se arrendará o engenho de antemão ou se venderão as novidades delle; e quando isto não bastar, se venderão as terras que tenho na Jequiriçá, que com as aguas e fazenda valem muito, por serem muitas e boas: em tudo farão meus testamenteiros de maneira que eu fique desencarregado.“

„Declaro por meus testamenteiros ao Rev. padre Fr. Antonio Ventura e a minha mulher Anna de Argollo, para que ambos façam cumprir este meu testamento como se nelle contém; e sendo caso que ella, ou por não poder estar presente na cidade, ou por suas indisposições, não possa acudir a fazer cumprir este meu testamento, que tudo o feito pelo Rev. padre sómente fica valioso. E porque o tempo faz grandes mudanças, que com ellas ha viver, e morrer, e ausentar, não podendo por algum licito impedimento cumprir o Rev. padre este meu testamento, digo que em tal caso seja meu testamenteiro o Rev. padre que lhe succeder no cargo de abbade do dito mosteiro de S. Bento; mas ainda que o Rev. padre Fr. Antonio Ventura não seja abbade, sempre quero que elle seja meu testamenteiro."

„Como Nosso Senhor não foi servido que eu tivesse filhos de minha mulher, nem outros alguns, nem sobrinhos, filhos de meus irmãos, nem herdeiros forçados a quem pertença minha fazenda, e porque não herdei de meus pais, nem de meus avós, e adquiri por minha industria e trabalho, e por ventura alguns encargos de consciencia que ora não sei declarar, digo e declaro por meu herdeiro de toda a minha fazenda ao mosteiro de S. Bento da cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, com condição que eu e minha mulher Anna de Argollo nos enterremos ambos na dita capella-mór, que ora é, e fallecendo antes que se faça a capella-mór da igreja nova, passarão a nossa ossada á dita capella-mór da igreja nova, onde estará a minha sepultura, com a campa no meio da capella, com o letreiro[1] que atraz fica declarado."

„Serão obrigados o abbade e religiosos que ora são, e ao diante fôrem, me dizerem cada dia uma missa rezada por minha alma, para emquanto o mundo durar, com seu responso sobre a sepultura, e cada anno, pela semana dos Santos, um officio de nove lições."

„E sendo caso que Deos se sirva de me levar para si no mar ou em Hespanha, donde meus ossos não podem ser trazidos a este mosteiro, digo que, sem embargo disso, se me

---

[1]) Acha-se com effeito na capella mor uma campa com a inscripção.

ponha esta sepultura na capella-mór delle, para lembrança de se me dizer o responso sobre ella e para se enterrar minha mulher tão sómente."

„Declaro que os chãos, que tenho nesta cidade, que houve de Antonio de Affonseca, de Anna de Paiva, de Pedro Fernandes e de Braz Affonso, e a terra que tenho vallada no caminho da Villa-Velha, da banda do mar e da outra banda que foi de Antonio de Oliveira, queria que ficasse tudo a meu quinhão, por tudo ser mui necessario para o mosteiro, onde podem fazer muitas teresenas ao longo do mar para alugar, e pelo *caminho acima muitos fóros de casas*, e *muitas casas ao longo da estrada, que tudo, pelo tempo adiante, virão a render muito para o convento*."

E porque hei este testamento por acabado, pelo qual dou por revogado todos os que tenho feito antes deste, e este só quero que valha, porque esta é a minha derradeira vontade, o qual fiz por minha mão e assignado por mim. — Gabriel Soares de Souza [1].

Porêm assumptos mais graves que os de minas demandavam agora toda a attenção do governador. Tratava-se nada menos que da conservação e defensa do territorio. O littoral via-se cada vez mais ameaçado de corsarios e piratas não so inglezes e hollandezes, como tambem francezes. Estes ultimos se achavam quasi de posse de todos os portos do Rio Grande para o norte, e contavam por ahi com toda a indiada a seu favor, e tinham sempre em cheque a Parahiba.

Esta última capitania, depois de pacificada, fôra, por ordens vindas da metropole, mandada entregar ao seu capitão mor de direito, Fructuoso Barboza, que, por seu procurador D. Pedro de la Cueva, soubera na Côrte fazer valer os seus direitos. Recompensou Barboza o serviço do mesmo Cueva, confiando-lhe o mando de todos os soldados hespanhoes que tinha na capitania; mas, dentro de pouco, esses dois chefes se desavieram, e os Indios, sempre auxiliados pelos Francezes, amea-

---

[1]) A approvaçâo deste testamento foi feita em 21 de agosto de 1584, e a abertura em 10 de julho de 1592.

çaram de novo absorver a capitania. Foi necessario que regressasse de Itamaracá o capitão Pero Lopes Lobo, que bateu os Indios, varrendo delles os sertões a grande distancia.

Com aquiescencia do ouvidor geral Antonio Coelho de Aguiar, resolveu-se então Fructuoso Barboza a transferir-se (1591) para junto do Inhoby; porêm, distrahindo para o forte que ahi construiu fôrças do Cabedêlo, cairam sobre este os Indios e o arrassaram, bem como todas as obras que na ilha da Restinga, então chamada da Conceição, tinha um Manuel de Azevedo que a recebêra de sesmaria. — Acudiu porém a salval-a, em 1592, Feliciano Coelho, nomeado capitão della. Este novo chefe viu-se obrigado a expulsar os padres da Companhia (1593), confiando suas aldeas aos Franciscanos, aos quaes tambem logo (1596) expulsou, depois de haver derrotado, em varios recontros, os Indios sublevados, com reforços que lhe foram enviados de Olinda; em um dos quaes foi ferido, vindo a ficar aleijado de uma perna.

O frequente uso, até então seguido, de preferirem os commerciantes de Lisboa o fretarem, para o Brazil, urcas flamengas, mais bem construidas e artilhadas do que os barcos portuguezes, não só foi prejudicial á marinha de guerra, que da mercante se alimenta, como levou ao Brazil muitos estrangeiros que, com o andar do tempo, se converteram em espias e em inimigos declarados, especialmente desde que, com a sua união á demais Hespanha, os Paizes Baixos começaram a considerar como inimigos, sempre que isso lhes convinha, Portugal e as suas colonias. O crescimento das piratarias, e o do commercio menos licito, que se havia feito em algumas alfandegas, levou a metropole, primeiro, a ordenar (12 de fev. de 1591) ao dezembargador Balthazar Ferraz que syndicasse a tal respeito, dando-lhe um regimento em vinte artigos no qual lhe ordenou que fosse correr a costa, chamando a si os livros das alfandegas e almoxarifados, desde quinze annos antes, tirando devassas acerca até de descaminhos de munições e artilheria do Estado, e no anno seguinte (30 de out.), a crear uma especie de Meza ou tribunal, com o titulo de *consulado*[1], que mediante

[1]) J. P. Rib; Diss. Chron. Tom IV, p. 1ª. p. 199.

um augmento nos direitos de tres por cento de entrada e saida na mesma metropole, devia cuidar de assegurar o comboy dos navios das conquistas, mantendo sempre uma esquadra de 12 navios armados. Infelizmente, o tributo ficou estabelecido; mas tal esquadra nunca appareceu, e os corsarios cresciam em audacia. E por sua parte Balthasar Ferraz não se moveu da Bahia, nem o governador a isso o obrigou.

Em 1591 o inglez Thomas Cavendish veiu tentar fortuna aos nossos proprios portos, e de intento lhe consagraremos mui poucas linhas. Suas proezas se reduziram a saquear Santos, a queimar S. Vicente, vindo a encontrar resistencia, não só em Santos, ao voltar ahi segunda vez, como tambem na Capitania do Espirito Santo [1]; concluindo por fallecer no mar, dentro de pouco tempo, provavelmente ralado pelos remorsos.

Dahi a perto de quatro annos, teve logar o saquêo do Recife pelo corsario James Lancaster, com tres navios, juntos a mais quatro de um pirata Venner: todos se apresentaram diante do porto em sexta feira de paixão, ultimo de março de 1595. — Os aggressores atacaram o forte que defendia a terra, guarnecido de sete canhões; e os defensores, acobardando-se á vista de tanta audacia, se retiraram para Olinda, deixando os corsarios e piratas senhores do Recife, onde se demoraram trinta e um dias, que tantos lhes foram necessarios para transportar, em quinze barcos (incluindo, além dos seus, alguns hollandezes e francezes, que no proprio porto fretaram), tudo quanto encontraram armazenado no mesmo Recife.

Em 1597, apezar do estado de guerra em que estavam a Hespanha e a França, dois navios desta nação vindos d'Africa, desesperados com a invasão das bexigas a bordo, foram apresentar-se na Bahia, e outro commandado por *Pain de Mil* [2] foi tomado em Sergipe, onde ficaram prisioneiros cento e deseseis homens que o tripolavam.

Onde porém as Francezes se apresentavam em aberta hostilidade neste anno foi na Parahiba. Trezentos e cinco-

---

[1]) Rel. de Fernão Guerreiro, Fol. 114.

[2]) Assim escreve Pyrard (II, 568). Outras dizem *Pais de Mil.* Mas o primeiro nome nos parece preferivel, pois Amador Rebello (1598, p. 239) escreve *Pá de Mil.*

enta homens, desembarcados dc treze navios, acometteram o forte de Santa Catharina do Cabedello, apenas defendido por vinte homens e cinco pequenas peças de artilheria; mas tal foi a resistencia que apresentaram, que os atacantes se viram obrigados a reembarcar-se, com grande perda. O commandante do forte morreu nessa heroica defensa, deixando ao seu successor, João de Mattos Cardozo, um digno exemplo que elle soube imitar trinta e quatro annos depois contra os intrusos Hollandezes. Muito provavelmente esta frota de treze navios era a mesma que havia pretendido antes saquear os Ilheos, entrando dez barcos e ficando ao mar trez maiores. Os habitantes, repostos do primeiro panico, fizeram pé atraz no monte da hermida da Victoria, donde obrigaram os agressores a retroceder para a villa, que começaram a saquear, depois de se fortificarem na casa de um Jorge Martins. Elegendo então os habitantes por chefe a um mameluco, por alcunha o *Catuçadas*, este, ajudado de um Christovam Leal e de vinte socios mais, obrigou os invasores a embarcar-se com grande perda[1].

As náos francezas passaram da Parahiba ao Rio Grande, ainda não occupado. O capitão mor da Parahiba, Feliciano Coelho, achava-se então ausente no sertão, donde acorreu ao littoral apenas avisado do que se passava, e por duas vezes foi atacar nos seus proprios alojamentos, no mez de julho desse anno, os que haviam favorecido os invasores, em cujo número entravam alguns Francezes, que na terra se achavam, desde que, com o capitão Rifault, haviam naufragado nos baixos da ilha de Santa Anna, do Maranhão, e dos quaes, nesta occasião, o mesmo Feliciano Coelho tomou prisioneiros quatorze.

Sem dúvida estes acontecimentos haverão muito contribuido para que não se aprazasse por mais tempo a occupação do Rio-Grande, ja mui expressamente recommendada pelo soberano, ao proprio governador e ao capitão mór de Pernambuco, Manuel Mascaranhas, que devia obrar com a ajuda e conselho

---

[1]) Jab. Preamb., p. 55.

do mesmo Feliciano Coelho, para quem vinham tambem, a esse respeito, directamente ordens regias[1]; recommendando-se ao mesmo tempo, ao Governador que da Fazenda real gastasse quanto fosse para isso necessario, e désse provisão a Manuel Mascaranhas para fazer outro tanto em Pernambuco.

Taes ordens foram pontualmente cumpridas; e eram todas necessarias; pois que a nova Capitania do Rio Grande não se chegou a erigir senão á custa de ainda mais gastos, sangue e trabalhos que a sua visinha da Parahiba. O Governador desde logo aplicou para os gastos della, não so o restante do producto dos dizimos, como os direitos de saida do assucar, e da siza dos escravos vindos d'Africa, e mais doze mil cruzados, parte do que tomára a uma náo da India, que arribára á Bahia[2].

E Manuel Mascaranhas, não só deixou ordens ao seu locotenente em Pernambuco que aplicasse para mantimentos quanto podesse forrar das despezas, como lançou mão de 8: 992 $ 833 reis do cofre dos defunctos e ausentes, os quaes depois teve que restituir á sua custa[3], embargando-se-lhe para isso as rendas de uma commenda! Tambem o capitão da Parahiba, Feliciano Correa, contribuiu com gente, que acompanhou em pessoa, e do seu locotenente recebeu mantimentos e vitualhas. Isto além do soccorro, que, segundo veremos, enviou directamente a metropole ao Rio Grande, e de muitos particulares, que morador houve que, só á sua parte, contribuiu com dez mil cruzados. Partiu Manuel Mascaranhas de Olinda por terra, para a Parahiba, levando tres companhias de gente de pé e uma de cavallo, das quaes iam por capitães Jeronymo de Albuquer-

---

[1]) C. R. de 9 de nov. de 1596 e 15 de março de 1597. Veja a resposta de Feliciano Coelho em 20 de agosto de 1597, que, sendo aprehendida, foi em 1600 impressa em inglez em uma collecção conhecida, adulterando-se a assignatura em „*Feliciano Cieça de Carualsho*".

[2]) Essa náo devia ser provavelmente de Diogo Dias, chamada S. Francisco, da qual o governador tomou, ao todo, o valor de trinta mil cruzados. F. V. do S. IV, 23.

[3]) Ouvida a Meza da Consciencia por C. R. de 20 de julho de 1604, e mandada sobrestar a execução por dois mezes, foi por fim obrigado a pagar pela C. R. de 31 de julho de 1606.

que, Jorge de Albuquerque seu irmão, Antonio Leitão Mirim e Manuel Leitão.

Na Parahiba os esperava uma esquadra mandada da Bahia pelo Governador, e constante de seis navios e cinco caravellões, de que era capitão mor Francisco de Barros Rego e almirante Antonio da Costa Valente; e nella se embarcou Manuel Mascaranhas, levando comsigo, por engenheiros, dois padres jesuitas (Gaspar de Sampère, e Lemos), e, como linguas, dois capuchos, Fr. Bernardino dos Neves (filho do Capitão João Tavares) e Fr. João de S. Miguel; e, por terra, se incumbia de seguir, á frente das quatro companhias de Pernambuco e de uma da Parahiba, de que era capitão Miguel Alvares Lobo, em número total de cento e setenta e oito homens, além dos Indios auxiliares: estes passavam de oitocentos, guiados por seus principaes, entrando neste número o Pedra-Verde (Metaraoby) de Pernambuco, o Piragibe da Parahiba, e o Páu Secco das extremas da Paraiba, do lado do norte.

Pouco depois de passarem as fronteiras da Parahiba, em 17 de dezembro de 1597, o mal das bexigas invadiu de tal modo estas fôrças, que chegaram a cair por dia dez e dose; á vista do que, Feliciano Coelho se julgou obrigado a retroceder para a Parahiba, com todos, promettendo voltar quando estivessem curados. Só o capitão Jeronymo de Albuquerque, seguiu logo.

Manuel Mascaranhas chegou com a esquadra em frente do Rio Grande, em principios de 1598; e só entrou depois de haver feito sondar e descobrir o porto por dois caravellões, visto que além de barra dificil, entrada ella, torce e se esconde logo para sul. Nessa mesma tarde desembarcou, com alguma gente, no pontal do recife (semelhante ao de Pernambuco), que fica ilhado, á foz do rio, á margem direita; onde logo começou a entrincheirar-se, com varas que fez cortar nos mangues visinhos, para se pôr ao abrigo de alguma surpreza do gentio; o qual com effeito, não tardou a atacal-o, dahi a poucos dias, mui de madrugada, acompanhando-se de mais de cincoenta francezes; do que resultou sair ferido no pescoço o capitão Rui de Aveiro Falcão. As hostilidades contra os novos hospedes seguiram depois, quando iam por lenha, e até por

agua ás cacimbas immediatas á cerca[1]; de modo que Manuel Mascaranhas se achava em grande aperto, e ameaçado de ter que abandonar o forte, quando felizmente mui a tempo lhe chegou reforço de uma urca, vinda de proposito da metropole, com artilheria, munições e outros provimentos, com a circumstancia extraordinaria de ser mandada por Francisco Dias de Paiva, em cuja casa se havia criado o Capitão mór, a quem agora vinha a salvar. So algum tempo depois, no mez abril, se apresentou Feliciano Coelho, com a gente da Parahiba, que constava de duas companhias, de sessenta arcabuzeiros cada uma, vinte e quatro de cavallo e tresentos e cincoenta Indios frécheiros, com os seus principaes.

Acabado o forte, que foi denominado dos *Reis* (talvez porque se principiaria no dia 6 de janeiro) fez Manuel Mascaranhas entrega delle a Jeronymo de Albuquerque, tomando-lhe a menagem do costume, no dia 24 de junho; e veiu nesse mesmo dia a dormir na aldea do chefe indio *Poty* on Camarão[2], onde ja se achava aposentado Feliciano Coelho; com o qual, na maior união, regressou; vencendo no caminho até a Parahiba, várias cercas, com que os Indios pretenderam atravessar-lhes o passo.

Jeronymo de Albuquerque conseguiu dentro de pouco fazer pazes com os Indios de todo o districto, tanto da marinha, como do sertão; e, ajudado de um principal alcunhado Ilha Grande, conseguiu atrahir a si os maiores principaes pitiguares, que eram, além do joven Camarão, o Zorobabé e o Páu-Secco.

Feitas as pazes com os Indios, passou Jeronymo de Albuquerque a fundar no proprio Rio Grande uma povoação. E como era para isso impropria a porção do arrecife ilhada (em preamar) em que estava o forte, segundo ainda hoje se pode ver escolheu, para isso o primeiro chão elevado e firme, que

---

[1]) As que ainda hoje se veem, perto de forte.
[2]) Esta circumstancia prova que este Indio devia ser amigo antigo dos colonos. E o ser do Rio Grande não é obstaculo insuperavel á possibilidade de que se houvesse o pai c a familia passado aos nossos, em tantas occasiões que se teriam para isso apresentado, ainda em tempo das confederações contra o velho Jeronymo d'Albuquerque e seu filho, do mesmo nome, que fez excurções para estas bandas.

se apresenta á margem direita do rio, obra de meia legua acima de sua perigosa barra. Este rio sobe, como o da Paraiba, tomando para sudoeste, e estreitando-se regularmente entre medãos de areia e terrenos até então cobertos de mangue. A dita povoação, depois villa e cidade, de cujo nome ainda não conseguiu fazer-se digna por seu correspondente crescimento [1], se chamou *do Natal*, em virtude sem dúvida de se haver inaugurado o seu pelourinho ou a sua igreja matriz no dia 25 dezembro desse anno da fundação (1599). Expulsos, por esta forma do Rio Grande os Francezes, passaram a frequentar a costa do norte, e era conveniente perseguil-os ainda la, ao que se offereceu Pero Coelho de Souza, cuja empreza so veiu a emprehender no governo de Diogo Botelho, que succedeu a D. Francisco de Souza.

Além do tributo de um cruzado por caixa de assucar, que então foi arbitrado, para acudir aos gastos com a conquista do Rio Grande, se estabeleceu, com o nome de „imposição", um direito sôbre os vinhos, de 1400 reis por pipa, o qual, pela camara de Olinda foi votado dos 16 de janeiro de 1599, e veiu, por então, a produzir uns dez mil cruzados cada anno; mas da sua arrecadação o thesoureiro respectivo não deu nenhumas contas nos primeiros annos, como diremos. Este imposto, que devêra ser de circumstancia, só com o fim de acudir com urgencia á construcção das fortificações e á reedificação de varios templos, (que alias deviam correr por conta do Estado, que para isso cobrava os dizimos), veiu pelo abuzo e prepotencia a ficar, como tantos outros depois, com o caracter de permanente. — No tempo de D. Francisco se efectuaram no Brazil fundições de alguns canhões: do que sem dúvida procederia a nomeação (8 de nov. de 1607) de Domingos Rodrigues como *fundidor mór do Brazil*. Teria talvez isso logar em Pernambuco, onde o autor da *Razão do Estado do Brazil* confirma a existencia de taes fundições, assim de canhões como de sinos.

---

[1]) Sem dúvida a capital da provincia que alguns querem levar ao valle de Ceará-merim, ficaria melhor nas cabeceiras do Guamaré, ponto central; fazendo-se uma estrada de ferro para a foz deste rio, que offerece um porto limpo e de accesso não perigoso.

Seguros, porêm, o Rio Grande e a Parahiba, melhorada a fortificação no Recife, confiada ao cargo do seu novo capitão João Rodrigues de Almeida, e seguindo em obra cinco fortes para defender a Bahia, incluindo o de Santo Antonio da Barra (de que fôra pelo soberano nomeado capitão Sebastião de Brito Correa), julgou o governador poder aventurar uma visita ás capitanias *debaixo*, como então chamavam, no norte, ás do sul. Movia-o a isso especialmente a curiosidade de examinar por seus olhos as minas d'ouro, que ja em pequena escala se começavam a minerar em alguns districtos.

Deixando pois o mando da Bahia confiado ao seu capitão mór Alvaro de Carvalho, fez-se de vela em outubro de 1598, levando comsigo a sua guarda, um engenheiro allemão, chamado Geraldo, e um mineiro, igualmente allemão, por nome Jaques.

Aportou primeiro no Espirito Santo: e dahi despachou a Diogo Martins Cão para examinar as minas chamadas de Esmeraldas; e, em principios de dezembro, mandou, por via de Santos, o capitão Diogo Ayres de Aguirre, com duzentos Indios destinados a trabalharem nas minas de ouro em S. Paulo.

O espirito Santo estava em perfeita paz, desde que o seu capitão Miguel de Azeredo conseguira reduzir pelas armas o gentio Guaitacá, que com as suas frequentes correrias molestava os colonos. Já, em 1595, um Pero Luiz se encontrára, mui longe da capital, com dois Indios principaes, Ignacio de Azevedo e Arco Grande, e com ellas fizera pelo sertão um giro de umas quatrocentas leguas.

Seguiu para o Rio de Janeiro, onde pouco se demorou, passando a Santos; e em maio seguinte já se achava em S. Paulo. Daqui passou ao morro de Biracoyava ou Araçoyava, junto á actual fabrica de ferro do Ipanema; e ahi no local chamado „Fabrica Velha", no valle das Furnas, onde Affonso Sardinha tinha já um forno catalão de fundir ferro, lançou o fundamento de uma villa, com o nome de Nossa Senhora de Monserrate, a qual não foi por diante. No 1º. de dezembro desse mesmo anno, achava-se de regresso em S. Paulo; e ahi confirmou a nomeação de Diogo Gonçalves, como capitão das minas descobertas. Em fevereiro de 1601 visitou as minas de Jaraguá e Vuturuna; e cinco

mezes depois nomeava André Leão para penetrar, com uma partida de tropa, no sertão, em busca de minas de prata.

Em 1602, sabendo que chegára a Bahia o seu successor, embarcou-se em Santos directamente para a Europa, depois de haver passado (18 de junho) procuração para a cobrança na Bahia de seus vencimentos atrazados.

Durante a sua estada em S. Paulo, alguns navios hollandezes entraram na Bahia (23 de dezembro de 1599). Outros, sob Olivier van Noord pretenderam em vão fazer aguada no Rio; e Jaques Porcel, de Dieppe, foi tomado em Cabo Frio por quatro caravellas e varias canoas de Indios.

A questão mais espinhosa em S. Paulo, como em todo o Brazil não era a das minas, que seguiam lavrando-se pacificamente, como ainda pouco rendosas; era a dos Indios, — aos quaes os religiosos da Companhia tanto queriam amparar, que chegava a ser impossivel a nenhum morador excepto aos mesmos religiosos, o valer-se do serviço delles, ainda mediante contractos de paga de aluguer ou soldada. E o peor era que os padres tinham tambem fazendas e engenhos, e os seus generos competiam no mercado com os do povo, que pagava mais caro os braços que necessitava para a sua indústria. Os moradores de S. Paulo, julgando-se opprimidos por arbitrios que classificavam de hypocritas e até de interesseiros, e necessitados de braços para a agricultura e a lavra das minas, em vez de fazer contractos com os que estavam sujeitos aos Jesuitas, ou de irem buscar negros além dos mares com barbara crueldade nos porões dos navios, assentaram de valer-se de outro meio, alias menos vil do que este último, por isso mesmo que mediava uma luta na qual expunham suas vidas. Organisaram-se em *bandeiras*, e começaram a ir prender Indios bravos mui longe, e fôra da jurisdicção dos Padres. Fizeram bem? Afirmal-o fôra tão pouco humano como defender menos nobremente qualquer outra escravidão. O certo é porêm que os interesses do Estado, não estão em alguns casos (temporariamente) de accordo com os sentimentos da mais generosa philantropia, que alias desde seculos prega e proclama louvavelmente a Igreja..... E' assumpto melindroso sobre que mais vale discorrer menos. Não se nos leve porêm

a mal se ousamos pedir que se deixe em paz a memória dos primeiros christãos nascidos na terra sobre que foi embalado o nosso berço; quando os audazes aventureiros, a quem o Imperio deve a vastidão de suas fronteiras, tão accusados andam já por esse mundo, não só de salteadores, como tambem, abuzando-se da significação dupla de um palavra, de infieis mestiços e descrentes *mamelucos.*

Entretanto baixára a lei de 11 de novembro de 1595, ordenando que se houvessem por livres todos os Indios captivados em guerras não emprehendidas por provisões assignadas pelo proprio soberano, em cuja execução não se mostrou D. Francisco demasiado riguroso em S. Paulo.

Apezar disto, é certo que durante o governo do mesmo D. Francisco, se augmentou ainda a preponderancia dos Jesuitas no governo do Brazil, com o ficarem senhores, não só da instrucção pública, apresentando-se com os tres collegios da Bahia, Rio e Pernambuco, no primeiro dos quaes, além das primeiras lettras e latim, ensinavam a theologia, mas tambem, do governo e administração dos Indios, pelo alvará de 26 de julho de 1596, que lhes concedeu esse privilegio, com preferencia a todas as outras ordens e a todos. Do favor por D. Francisco concedido aos padres, pode-se ter idéa pelo seguinte facto. Nas guerras contra os Indios, teve Feliciano Coelho de incendiar e destruir algumas aldeas, onde prégavam os mesmos padres. Requereram estes ao Governador para que Feliciano Coelho fosse obrigado a indemnisal-os, por haver destruido aldeas que ja *eram delles,* e o Governador, longe de zelar pela jurisdicção regia, despachou-lhes: „*Como pediam.*“ Coelho ao contar o facto a elrei acrescenta: „Se V. M. não olha por isto, nem manda o que se ha de fazer sobre este particular (dos Indios), haverá grandes dissenções e rebeliões entre nós, e antes de muito nos degolaremos uns aos outros.“

A's favoraveis informações do mesmo Governador deveram ainda os padres os dois escandalosos alvarás de 20 de julho de 1604 para que os da Bahia podessem apontar dos engenhos, onde houvesse assucar, aquelles que escolhessem, sendolhes os seus tres mil cruzados de mantimento, abonados nesse assucar, avaliado a 700 reis por arroba; e que os do Rio rece-

bessem tambem em assucar, ao mesmo preço, o seu conto de reis, em Pernambuco, onde o assucar era inquestionavelmente melhor do que no Rio.

Durante o governo de D. Francisco de Souza, tomára grande incremento o commercio do Brazil com o rio da Prata. Tivera origem em um navio mandado pelo bispo de Tucuman á Bahia, para comprar vestimentas ecclesiasticas, o qual tantos lucros deixou que foi tendo imitadores. Apezar da tolerancia que nisso houve, em virtude da união com Castella, era a prata que vinha para o Brazil avaliada em quinhentos mil cruzados. A côrte castelhana havia permittido, por cedula de 20 de agosto de 1602, certo commercio de generos de Buenos Ayres para o Brazil; mas em consulta de 26 de novembro de 1605, ordenára que se provesse de remedio ao damno que dahi resultava ás terras do rio da Prata.

Não faltaram accusações á côrte contra desmandes e neglicencias de D. Francisco no governo do Estado, onde ficou sendo nomeado com o apodo de D. Francisco *das Manhas*. Já o capitão mór da Parahiba Feliciano Coelho, em carta ao rei de 20 de agosto de 1597, o havia accusado de gastar da Fazenda, construindo engenhos para si. O certo é que o governo da metropole, tres annos depois, ordenou expressamente que lhe fosse tirada a *residencia* ou syndicancia, louvavel uso que era para os povos uma garantia de serem melhor governados, e para os governadores immediatos uma advertencia para governarem melhor. Essas ordem passadas em 21 de julho e 16 de agosto de 1605 foram lembradas em 24 de abril do anno seguinte, sendo até em 30 de nov. designado para isso o magistrado. Mas em quanto estas ordens se expediam em Portugal, D. Francisco punha em jogo todas as suas *manhas* e o favor dos Jesuitas na côrte da Hespanha, e obtinha grandes concessões para descobrir minas das quaes nos occuparemos mais ao diante.

Para succeder a D. Francisco de Souza fôra nomeado, em 20 de fevereiro de 1601, Diogo Botelho, do conselho do rei, e individuo mui distincto pelas suas luzes, probidade, caracter e tino de mando. Foi-lhe elevado o ordenado a trez mil cru-

zados, sendo-lhe conferido o titulo de „governador geral"; anteriormente apenas concedido a Lourenço da Veiga e a Francisco Giraldes; mas que seguiram tendo todos os successores do mesmo Botelho. Chegou este a dar alguns passos para vir com o titulo de vice-rei; mas não o conseguiu, concedendo-se-lhe porêm o poder trazer comsigo vinte homens para a sua guarda. Parece que vieram com este governador um mineiro allemão e um padre agostinho, castelhano de naçāo, para passarem ás minas de S. Vicente, e que igualmente o acompanhou, como sargento mór do Estado, o conspicuo e activo Diogo de Campos, ao depois autor do importante livro „*Razão do Estado do Brazil*", e escriptor da conquista do Maranhão, e um dos chefes por occasião da mesma conquista.

O governo de Botelho offereceu um notavel contraste com o do seu predecessor D. Francisco. Foi este de largos annos, de poucos o de Botelho; mostrou-se D. Francisco nimiamente tolerante com as faltas e desmandes, Botelho rigido e severo com os delinquentos e zeloso propugnador do justo e do honesto; sendo um dos magistrados de mais intelligencia, honradez e energia que vieram ao Brazil, a quem votou muitas horas de cogitar, para procurar resolver as questões de maior transcendencia na administração do Estado. Dedicou-se a estudar os abuzos que existiam na cobrança dos tributos, de modo que fez elevar bastante as rendas do Estado que em 1602 davam apenas 106 mil cruzados á metropole. Propoz Botelho a separação dos officios incompativeis e o estabelecimento de ordenados aos empregados do fisco, que antes se pagavam por suas mãos, a razão de tantos por cento. Ao mesmo tempo procurou que não ficassem impunes os culpados em descaminhos da Fazenda pública [1], e os implicados em causas crimes até de homicidio; oppoz-se a que, se estabelecessem novos conventos de frades ou se introduzissem os de freiras, admittindo-se apenas simples recolhimentos [2]; tambem se oppoz aos

---

[1]) Antonio da Rocha, escrivâo da alfandega de Pernambuco e Antonio Vaz, dono da ilha de S^to.^ Antonio, porteiro e juiz das execuçôes.

[2]) C. R. de 2 de set. 1603. D. Isabel de Albuquerque ja em 15 de abril de 1606 estava em um recolbimento em Olinda.

aforamentos *in perpetuum*, que algumas camaras haviam feito aos Jesuitas, o que contribuiu a fazer-se delles e do bispo mui malquisto [1]. Distinguiu-se por fim Botelho pelo modo como se dedicou a estudar as questões que tinham relação com a civilisação dos Indios. Botelho desaprovava — esta sería outra causa de queixa dos Jesuitas — como inefficazes e menos uteis ao Estado os meios adoptados pelos padres de os aldear collectivamente; e preferia antes (como tambem succedeu ao autor deste livro que afoutamente o aconselhou apezar da reprovação e *pocemas* de muitos) a prática de os trazer, embora com alguma quebra de sua liberdade, para os povoados, como, com exito para a civilisação, se praticou nos estados hispano-americanos, no que tão pouco teve quem fosse de sua opinião.[2]

Deixando porém para depois o darmos conta dos trabalhos propriamente da iniciativa do novo governador, occupemo-nos primeiro de um que elle encontrou, por assim dizer, já preparado pela fôrça dos acontecimentos, como succedêra ao da occupação do Rio Grande, no tempo do seu predecessor. Referimo-nos á exploração da costa mais além, e aos primeiros esforços para continuar, com a propria gente do Brazil, a colonisação para essa banda, devida á inicitava, do infeliz e mallogrado Pero Coelho de Souza.

Pero Coelho, cunhado de Fructuoso Barboza, depois de haver sido capitão de uma galé d'elrei, se estabelecêra na Paraiba, e fôra ahi vereador da camara pelos annos de 1590. A' vista dos resultados já adquiridos na propria Parahiba e em Sergipe e no Rio Grande, levantou o pensamento a fundar á sua custa e de alguns socios mais, uma nova capitania no Ceará, e obteve para isso da côrte a patente de capitão mor e mais concessões, como indemnisação de haver elrei retirado ao seu cunhado a Parahiba que lhe havia doado.

---

[1]) Teve este com o governador certa questão de precedencias, que a côrte diferiu por alv. de 4 de dez. de 1604 (em conformid. da C. R. de 30 de abril deste mesmo anno) que se considerasse válido o disposto para os bispos do Funchal, de Angra e de Africa (T, IV, 82) isto é, que nas igrejas tivesse o prelado a precedencia.

[2]) Consultas de 31 de janeiro e de 21 de julho de 1605. Antes a C. R. de 30 de abril de 1604 mandára ouvir sobre isso reservadamente o bispo e o ouvidor geral. As respostas foram as provisões de 5 de jun. de 1605 e de 4 de março de 1608.

Competentemente ajudado por Diogo Botelho, que então se achava em Pernambuco, começou Pero Boelho em preparativos, e depois de haver despachado da Parahiba tres barcos com polvora, munições e mantimentos para o rio Jaguaribe, partiu elle (em julho de 1603) por terra, com sessenta e cinco soldados e duzentos Indios frécheiros, indo estes ás ordens de seus principaes Batatan, Caraguatin, Mandiócapuba e Guaratinguirá (petiguar este e tabajares os tres primeiros), e sendo cabos daquelles Martim Soares Moreno, Simão Nunes Correa e Manuel de Miranda.

Chegados ao Ceará, onde já se achavam a esperal-o os tres barcos, conseguiu em pouco tempo fazer pazes com os Indios visinhos, que se proposeram acompanhal-o até as ferteis veigas da serra de Ibiapába[1].

Dirigiram-se pois ao longo da costa á foz do Camucim; onde chegaram a 18 de janeiro de 1604, e logo no dia seguinte, se encaminharam para o sertão. Meia legua antes de chegarem ao pé da serra, foram recebidos com muitas frechadas, e até com tiros de mosquete, que disparavam sete Francezes, que ahi estavam com os Indios.

Os nossos, obrigando os contrarios a retirarem-se, avançaram até com duas horas de sol, e situaram-se no pé da serra, em um sitio onde não tinham lenha, nem agua, e em que foram hostilisados grande parte da noite, até que um aguaceiro, que caiu pela madrugada, veiu a sacial-os, e a carne de um cavallo que ainda levavam, serviu, de manhã, de refeição aos soldados unicamente; pois não poderia chegar a todos que, entre grandes e pequenos, passavam de cinco mil almas.

A's 10 horas da manhã, se ouviu um toque de corneta entre os da serra: e um dos linguas que levava Pero Coelho, e que era frannçez, designado pelos nossos com a alcunha de o *Tuim-merim*, alcunha que lhe teriam dado os Indios[2], lhe

---

¹) Segundo Dias (Dicc. p. 65) terras quebradas; parece-nos porém mais acertada a etymologia de „fim da terra."

²) Da tendencia dos Indios a darem aos estrangeiros alcunhas mui apropriadas trata o P.ᵉ Ives d'Evreux (ed. de 1864, pag. 221), chegando

pediu licença para corresponder ao toque, indo á fala, com os seus compatriotas do partido contrário, o que lhe foi concedido pelo Capitão mor; mas dessa entrevista nenhum proveito resultou; pois ás duas horas, começou uma peleija que durou até á noite, em que elles se retiraram a uma cerca que tinham no alto; no ataque da qual, desesete dos nossos ficaram mortos, e varios outros feridos. No dia seguinte, á custa de novas perdas, foi tambem tomada a cerca do alto, a cuja defensa ajudavam deseseis Francezes, com seus mosquetes. Nella foram encontrados muitos mantimentos; de modo que os nossos ahi descançaram durante vinte dias; no fim dos quaes, passaram a tomar mais duas cercas de Jeropary-assu (Diabo-Grande) e de outro principal cujo nome os nossos disseram Mel-Redondo (*Irapuam*) [1], ficando nesta ultima prisioneiros dez Francezes, que Coelho depois mandou as governador Diogo Botelho. Aos que escaparam, perseguiram os nossos quatro jornadas; e conseguindo parlamentear com os Indios, pela mediação dos proprios Francezes, que com elles estavam, vieram a pazes; reunindo-se milhares delles, com o dito seu principal *Mel Redondo*, e mais outro denominado *Aba-una*. Com todos se dirigiu Pero Coelho ao Parnahiba, por elles chamado Punaré; e projectava seguir até o Maranhão, quarenta leguas mais avante; mas não o realisou, por se lhe opporem os seus, que andavam já enfadados e meios nús.

Viu-se pois Coelho obrigado a regressar ao Ceará. E deixando ahi por capitão a Simão Nunes Corrêa, com quarenta e cinco soldados e muitos Indios, voltou á Parahiba, a buscar sua mulher e filhos e a sollicitar alguns auxilios.

Tardou porém Coelho em regressar anno e meio; — muito mais do que desejava, e do que esperavam Simão Nunes Correa e os cabos e soldados, que haviam ficado ás suas ordens, e que se haviam recolhido a um forte, que construiram.

Chegando porêm a final o capitão mor com a sua familia,

---

a citar o caso, que bem poderia ser o deste interprete, de haverem designado por „papagaio pequeno" a um francez mui fallador. Por ventura sería tambem pequeno de estatura.

[1]) *Eyre apouâ* diz Abbeville (f. 319) significava *Mel redondo;* e era o nome que davam os Indios a uma estrella, a qual „paroit fort ronde et est fort agréable à voir."

em uma caravella, explicou como principal causa da demora os trabalhos que passára, a fim de alcançar os auxilios que a colonia necessitava, e os quaes por fim havia conseguido, e não tardariam a chegar em outro barco.

Diogo Botelho não se havia descuidado em fazer partir dc Pernambuco esses auxilios, gastando, por conta da „imposição" dos vinhos, mil cruzados, dos quaes se deveria embolsar a Fazenda pública com um certo número de Indios que fossem captivados legalmente na nova conquista. Infelizmente taes auxilios foram confiados a um João Soromenho, o qual, em vez de os levar a Pero Coelho, passou a captivar Indios, sem respeitar os que já estavam de paz; e com esses captivos regressou, a vendel-os; de modo que foi necessario vir depois ordem[1] para serem libertados, castigando-se o dito Soromenho. Entretanto o soccorro promettido pelo capitão mor aos colonos não chegava, e elles, vendo-se faltos de roupa e de mantimento, n'aquella paragem denominada „Nova Lisboa", requereram ao Capitão mor que pelo menos se transferissem para mais junto de terra povoada, isto é, do Rio-Grande, afim de poderem dahi obter mais facilmente quanto carecessem.

Deferiu-lhes o Capitão mór; e com todos passou á foz do Jaguaribe, fixando-se na sua margem esquerda, protegidos por um forte, que provavelmente sería o mesmo que encontrâmos nessa paragem designado com o nome de S. Lourenço. Porêm succedeu que dahi, Simão Nunes Corrêa, com a maior parte dos colonos, cançados de novas esperas, se passaram á outra margem, e regressaram para o Rio Grande, deixando o Capitão mor e sua familia só com dezoito soldados, mais ou menos estropiados, havendo-os tambem abandonado os Indios, que não se conformavam com o residir em terra tão ingrata, como é essa parte do littoral, junto da costa.

Vendo-se Pero Coelho assim abandonado naquellas inhospitas plagas, sem um bote ou jangada ás suas ordens, nem recursos com que construil-a, resolveu regressar tambem para

---

[1]) Soromenho foi mandado prender por prov. regia de 19 de set. de 1606, e ós Indios foram restituidos á sua terra, com mantimentos e ferramentas. C. da Cam. de Olinda de 10 de dez. de 1608.

o Rio Grande, com os poucos que haviam permanecido a seu lado, e sua mulher e cinco filhos. A estes fez caminhar adiante, seguindo-se os soldados e detraz de todos elle e a mulher.

Logo na primeira jornada começaram os trabalhos. Caminhavam pela areia, e quando o sol a aqueceu, sentiam as crianças doloridos os pés, e causava compunção o seu choro, que era acompanhado da lástima dos soldados e dos gemidos da pobre mãi.

No segundo dia, já o capitão mór teve que carregar dois filhos pequenos, que não podiam mais andar; e começaram as queixas pela falta de agua, o que não se remediou senão no dia seguinte em que, encontrando uma cacimba, descançaram todos junto della dois dias. No sexto dia a marcha se efectuou com grandes receios dos Indios selvagens visinhos, dos quaes se viam de longe fumaças, e se tiveram por de inimigos. Mas, dentro de pouco, se apresentaram outros dois inimigos peores na fome e na sede, das quaes começaram a morrer alguns

O primeiro que se enterrou foi um carpinteiro; e nesta occasião os que já não podiam andar disseram ao Capitão mor que os deixasse ali ficar, que com a morte se lhes acabariam os trabalhos, como succedia áquelle que ali sepultavam.

Animados entretanto por Pero Coelho, proseguiram a marcha, porêm não tardou a morrer outro homem; e então D. Thomasia, que assim se chamava a mulher do capitão mór, ao ver-se com os seus filhos em redor de si, dizendo-lhe que não podiam mais com tanto sofrimento, e que antes queriam morrer como aquelle homem, começou a chorar, c a dizer ao marido que salvasse elle a vida, que ella antes morreria ali em companhia de seus filhos. Ouvindo taes exclamações, tambem os soldados choravam, e o capitão mór, graças á sua muita constancia, animava a todos, promettendo-lhes que dentro de pouco encontrariam agua. Mas as duas cacimbas que encontraram, chamadas *Amargosa* e *da Guamaré*, eram taes, que ninguem dellas podia beber. Em cambio, tiveram que passar uns mangues, com o lodo até a cintura, onde ao menos encontraram alimento em uns carangueijos urutús, que comiam taes como os tomavam.

Dali marcharam para as Salinas varios dias; e estando nellas, viram passar um barco, mas não conseguiram ser delle vistos, e, pouco depois, morreu o filho mais velho do capitão mor, de 18 annos de idade; e se pode fazer idéa de como ficariam os paes; acabando de perder o animo todos os soldados que se viam tão fracos que o menor vento os derribava. Felizmente, por uma singular reacção, agora que todos os homens perdiam o ânimo, recobrava-o D. Thomasia, e a esta circumstancia providencial deveu a misera caravana o chegar até o Rio Grande, bem que todos desfigurados como cadaveres, e o capitão mor mais morto que vivo; de modo que dahi a poucos dias entregou a alma ao criador.

Apezar do completo mallôgro dessa tentativa para se colonisar o Ceará, ella não foi de todo infructuosa; o territorio por essa banda foi explorado, ficando, em todo caso, no Brazil alguns que se fizeram praticos delle, entre os quaes devemos contemplar em primeiro logar a Martim Soares Moreno, que depois veiu a ser o verdadeiro fundador da capitania do Ceará. Honremos pois a memória do infeliz capitão mor Pero Coelho de Souza, que tanto trabalhou, sendo innocente victima de seus proprios esforços e da maldade alheia.

Em quanto Diogo Botelho aguardava o resultado dos esforços de Pero Coelho para colonisar o Ceará, chegavam-lhe a Pernambuco noticias que os Ilhéos e até a Bahia, onde estava de capitão Alvaro de Carvalho, se achavam em grande apêrto, em virtude das successivas invasões dos audazes e crueis Aimorés, que já ameaçavam as immediações da propria capital do Estado. Entendeu-se o governador com Manuel Mascaranhas, que até esse anno fôra capitão mór de Pernambuco (passando logo a sel-o Alexandre de Moura), o qual conseguiu arrebanhar do Rio Grande uns oitocentos Petiguares, os quaes se embarcaram em Pernambuco com a promessa de que, acabado o perigo, regressariam aos seus; facto este que nos faz duvidar que, ao anno anterior, e não a alguns autes, alludisse certo autor referindo uma revolta dos mesmos Petiguares, cercando na cidade de Natal a Feliciano Coelho, onde o viera ajudar o dito Mascaranhas; quando não consta que, depois

de confiada a cidade do Natal ao mando interino de Jeronymo de Albuquerque (o qual só depois de 1603 o teve effectivo por seis annos por nomeação regia), houvesse contra a mesma povoação nenhum ataque de Indios.

Chegados á Bahia os nossos oitocentos frecheiros petiguares, tendo por principal chefe ao Sorobabé, e tratando o capitão dessa capital de os dividir, enviando parte delles ao logar de maior perigo, que era nos Ilhéos, chegaram a apresentar resistencia contra a ordem para semelhante separação; mas cederam ás persuasões dos padres da Companhia e ao aparato de fôrça, inclusivamente, de outros Indios, com que se viram ameaçados, e seguiram para os Ilheos os que foram mandados.

Felizmente que, graças ás artes de Alvaro Rodrigues, da Caxoeira [1], muitos dos Aimorés foram reduzidos, e o perigo passou, mas foi logo succedido de outro, não do lado do sul, mas sim do norte da Bahia. Provinha o novo perigo de um grande numéro de pretos fugidos dos engenhos da Bahia e das fazendas de Sergipe, que, em grandes mocambos, se haviam aggrupado nos palmares do rio Itapicurú.

Lembrou-se felizmente então o governador, que ja se achava na Bahia, havendo deixado a Alexandre de Moura a superintendencia das capitanias do norte, o confiar aos proprios Petiguares o limparem este districto, offerecendo-lhes desde logo a propriedade dos pretos que conseguissem aprisionar, e o poderem recolher ás suas terras, apenas acabada a guerra. Reuniram-se todos os Petiguares, e por terra marcharam para o districto levantado, e tâo habil e valorosamente se conduziram, que reduziram os mocambos, effectuando alguns centenares de prisioneiros, que distribuiram entre si, havendo sido um dos que mais se distinguiram e foram bem aquinhoados o joven Camarão [2], ao depois célebre nas guerras contra os Hollandezes.

---

[1]) Assim o assegurou positivamente, depois delle morto, o governador D. Diogo de Meneses, em carta ao rei de julho de 1609 pedindo para

[2]) Assim o lemos em uma antiga relação anonyma Ms. da sujeição dos outros mocambos do lado de norte do rio de S. Francisco, que depois foram submettidos pelos Paulistas, tambem com Indios.

Do Sorobabé, ou talvez antes *Sorô bébê*, sabemos que, com estas novas glórias e riquezas, chegou a enfatuar-se tanto, que, regressando com os seus a Pernambuco, não quiz apresentar-se de volta no Rio Grande senão com grande estado. Para o que, com o producto dos pretos dos Palmares que lhe couberam, comprou bandeira de campo, tambor, cavallo ajaezado, ricos vestuarios, e só depois proseguiu, fazendo-se preceder de um Indio brandindo uma espada. No Rio Grande armou brigas com os padres, por não terem tido, á sua chegada as igrejas enramadas, nem haverem vindo a esperal-o, nem mandarem os columins para o festejarem com cantos e comedias. E tão insuportavel se fez a todos, principalmente quando bebia, que os habitantes se viram obrigados a prendel-o, e a envial-o para Pernambuco; donde, por ordem da côrte[1], foi embarcado para Lisboa, e dahi mandado internar para Evora, onde veiu a fallecer.

Em quanto porém no Ceará, nos Ilheós e no Itapicurú se passavam os importantes successos que historiámos, o governador seguia occupando-se, ja na Bahia, de outros muitos assumptos da administração.

Em 1603 favoreceu a introdução da industria da pesca das balêas, á qual deu nesse anno principio na Bahia um biscainho chamado Pedro de Urecha, o qual trouxe para isso dois barcos e alguma gente da Biscaya. Esta industria se desenvolveu de modo que, logo dahi a poucos annos, começou a arrematar-se o contracto della a seis centos e sete centos mil reis por anno.

A renda do Estado consistia, além da do estanco do páo brazil, nos dizimos, que a junta de Portugal em Castella, em agosto de 1601, déra por seis annos a Gabriel Ribeiro, na

---

o filho Affonso um habito de Christo, e dizendo „Alvaro Rodrigues, por sobrenome o da Caxoeira, aonde vivia, este *foi o que* fez as pazes com os Aimorés por lhe terem grão respeito e amisade. E nella ficaram com seus filhos, e lhes obedecem hoje como sol", etc.

[1]) Depois de 4 de nov. de 1608, pois, nesta data, escrevia D. Diogo de Meneses que „o *enviaria* como S. M. mandava" — Meneses escrevia *Zorobabel*, nome da Biblia.

razão de quarenta e dois contos de reis por anno, havendo sido orçados então os gastos annuaes nessa quantia e mais 351 $ 867 de reis; a saber: Rio Grande 3.225 $ 180; Parahiba 2.255 $ 070; Itamaracá 398 $ 660; Pernambuco 12·528 $ 417; Sergipe 296 $ 000; Bahia 19.732 $ 600; Ilhcos 40 $ 000; Porto Seguro 40 $ 000; Espirito-Santo 353 $ 120; Rio de Janeiro 2.005 $ 000; S. Vicente e Santo Amaro 1.467 $ 820.

Por esse tempo, quasi todas as rendas de Portugal e suas colonias eram dadas por contractos, c ás vezes sem fianças; de modo que com frequencia os contratadores faliam insoluveis.

O dito Gabriel Ribeiro em 1605 desistiu, em Valhadolid, de dois annos do desta renda, sendo-lhe perdoados vinte e um contos de reis que estava devendo.

O estanco do páo-brazil se arrendou pelo S. João de 1602, por dez annos, a João Nunes Corrêa e Luiz Godin, na razão de vinte e um contos de reis por anno; porém, em 21 de julho de 1603, se fez com o dito João Nunes novo contracto de composição, ficando desobrigado, e abonando sessenta e tres contos de reis. Sendo mandadas liquidar estas contas, em 21 de janeiro de 1606, resultou que os procuradores dos contratadores deviam á Fazenda 61.776 $ 000 reis.

Em meiados de 1604 forçaram o porto da Bahia sete navios hollandezes, e conseguiram nelle tomar uma urca, que estava carregada, e queimar outra. Commandava essa esquadra, segundo lemos, Paulo Van Carden. O governador geral e o capitão da cidade cuidaram, com toda a actividade, de resguardar a esta, contra qualquer tentativa de desembarque; e a metropole que, ja desde 24 de novembro, fôra pelo capitão de Pernambuco, Alexandre de Moura, informada de succedido, mandava logo (22 fev. 1605) louvar e agradecer a Diogo Botelho a vigilancia que tivera; attendendo depois á petição, que este mandára fazer, pelo sargento mor Diogo da Campos, de mais artilheiros e mosqueteiros em todos os postos fortificados do Brazil. Pelo mesmo Diogo de Campos foi então o governo da metropole informado do descobrimento da costa septemtrional, desde o Rio Grande até o Maranhão [1], bem como das

[1]) Prov. de 15 de março 1605.

explorações feitas nos Abrolhos e ilhéos de Martim Vaz e Trindade, as quaes foram mandados approvar e agradecer [1] ao governador, não se lhe deferindo porém a um pedido que dirigira, pela mesma occasião, para mandar fazer dois galeões.

A relaxação do serviço e tambem a dos costumes era tal, á chegada deste governador, que das devassas instauradas em quasi todas as capitanias, por sua ordem, resultaram provas de serios delictos e crimes. O porteiro da alfandega de Pernambuco, nella juiz das execuções Antonio Vaz [2], o escrivão da fazenda e alfandega da mesma capitania Antonio da Rocha, cavalleiro de Christo, e o seu feitor Antonio Barboza, reconhecidos reos em escandalosos descaminhos de páobrazil e do contrabando de um navio francez de Saint Maló, foram levados presos para o Limoeiro em Lisboa. Um Sebastião da Rocha chegou a oppor-se a mão armada contra os soldados que o capitão de Pernambuco Alexandre de Moura mandava ao porto dos Franceses, para deterem uma náo ingleza que ali commerciára. O capitão do forte de Recife João Rodrigues d'Almeida saiu implicado na cruel morte de Simão Ribeiro; outros foram declarados suspeitos de cumplices na morte de Roque de Andrade Caminha, como tambem nas vendas illicitas do páo-brazil, cujo córte foi então regulamentado [3]. Tambem foi mandada tirar no sul uma devassa pela morte de João Pereira Caldas, capitão de S. Vicente.

Além destes delinquentes, encontravam-se de repente outros muitos, disseminados por todo o Brazil, que só o eram em virtude das circumstancias. Taes foram todos os estrangeiros, e com especialidade os Hollandezes, Francezes e Inglezes. Muitos feitores de engenhos eram destas nacionalidades, e se haviam, durante annos, conduzido honradamente; mas, em

---

[1]) Prov. de 27 e 31 de out. 1605.

[2]) Antonio Vaz era velho de vida pouco regrada, suspendeu-o Diogo Botelho por erros de officio: era porteiro da alfandega e nesta juiz das execuções. Aggravou Antonio Vaz para o Reino, donde voltou provido pela Relação em tempo de D. de Meneses, que informado de quem era o individuo, mandou sobrestar na execução da sentença.

[3]) Regimento, de 12 de dezembro de 1605, cuja integra se encontra na collecção systematica de Nabuco.

presença dos ataques de seus compatriotas, e dos conloios provados com um ou outro, dificil era seguir tendo nelles confiança. Começára a metropole (9 de fev. de 1591) a restringir e até a prohibir (c. de lei de 18 de março de 1604) a vinda de outros; ordenando até (lei de 18 de março de 1605), a morte[1] e confisco dos que viessem; sentenciando-os logo summariamente; ordenando (27 de set.) que se fizessem internar a doze leguas da costa os que ahi estivessem, pena que faria esconder alguns delles que escapariam na primeira occasião.

Além dos estrangeiros, apresentavam-se ainda outros meio-inimigos, ou ao menos disso mui suspeitos. Eram os christãos novos, muitos dos quaes, de sangue portuguez, se encontravam disseminados por toda a costa, e alguns até com ordens sacras[2], e aos quaes a metropole, ora perseguia, ora favorecia. Depois de haver consentido que passassem muitos ao Brazil, prohibiu a vinda de outros[3]; mas, reconhecendo logo que isso não estava em harmonia com o desejo que mostrava de ver povoado o Brazil, cassou a prohibição[4]. Depressa, porêm, mudou de parecer: reunindo-se os judeos e christãos novos na metropole, e offerecendo, para as urgencias do Estado, a avultada quantia de um milhão e setecentos mil cruzados[5], incluindo nella duzentos para poderem commerciar livremente com as colonias[6], tudo lhes foi concedido; baixando até ordem rigorosa para que ninguem lhes chamasse jùdeos, nem christãos novos, nem confessos, nem marranos. Ao Brazil veiu a caber parte desta finta, que depois se fixou em desoito contos de reis; começando-se della a cobrança em fins de 1606, sendo feita mui irregularmente e com grandes abuzos.

---

1) Vej. o *Port. Regenerado* por Publicola, Parab. VII, cap. 7,° §. 16.

2) C. R de 4 de fev. de 1603, recommendando ao bispo do Brazil que provesse as igrejas em christãos velhos, pois constava que as mais dellas o estavam em novos.

3) Prov. de 30 de junho de 1567 e 2 de jun. e alv. de 8 de jul. 1573.

4) Alv. de 21 de maio de 1577.

5) Leis de 18 de jan. 1580, e 26 de jan. 1587.

6) Ditas de 31 de jul. e 24 nov. 160 (T. IV, 72 e 73).

e proseguindo-se ainda depois de cassadas as graças concedidas [1], e sendo assumpto não liquidado em 1617 [2].

Todos estes complicados assumptos não podiam deixar de induzir o governador a pedir com instancia que desde logo se lhe mandasse, para syndicar, um magistrado honesto, e não so a propor a criação dè duas novas ouvidorias, uma em Pernambuco e outra no Rio, como a pedir ao governo da metropole que désse ordem para que partissem os dezembargadores despachados para a Relação criada na Bahia, criação que ainda não fôra revogada. Deste assumpto começou logo a occupar-se o Conselho da India, requisitando (em 31 de janeiro de 1605), do desembargo do Paço, os despachos e provisões respectivos aos lettrados mandados ao Brazil, para saber se não os obrigavam a ir ainda „no tempo presente". Foi necessario nomeação de novos empregos, tanto de dezembargadores como de officios menores, sendo o Conselho bastante severo em não admittir excusas, e apressando a partida, que se retardou, porque julgou-se conveniente modificar um pouco o antigo regimento, e o novo não esteve prompto antes de 7 de março de 1609; de modo que os dezembargadores só partiram e a Relação chegou a instaurar-se no tempo do governador immediato, como diremos. Para porém se proceder desde logo a syndicar dos descaminhos da Fazenda, foi na côrte escolhido Sebastião Carvalho, magistrado honrado, feito por esta occasião dezembargador do Porto.

Cumpre declarar que para o melhor governo do Brazil veiu a ser de grande auxilio a criação, justamente por esta epoca, de um tribunal regio, por conta do qual passaram a correr a maior parte dos assumptos do mesmo governo. Referimo-nos á criação do *Conselho da India*, em 25 de junho de 1604, e regulamentado em 26 de julho do mesmo anno, ao parecer á imitação do que, com o titulo de *das Indias*,

---

[1]) D. de 13 de março de 1610.

[2]) Certidão de Christ. Vieira Ravasco (pai do P. Vieira) de 13 de fev. de 1617. A Côrte mostrou-se de novo generosa em 17 de nov. de 1629; mas clamou em contra o Cons. d'estado, em consulta de 29 de abril de 1630.

existia em Castella desde 1524. Este tribunal, como instituido para occupar-se especialmento do Brazil e da India portugueza, avocou a si muitos dos assumptos que antes corriam primeiro pela *Meza da Consciencia*, e depois pelo *Conselho da Fazenda*. Era o Conselho da India composto de um presidente, dois secretarios, e dois conselheiros militares e outros dois lettrados, um destes clerigo canonista. A este mesmo conselho devia ser dirigida toda a correspondencia dos governadores, bispos, ministros e mais autoridades do Brazil. Nelle se tratariam e consultariam os provimentos dos bispados, e officios de justiça fazenda e guerra, expedindo-se por elle as respectivas provisões, em nome do rei, competindo-lhe tambem os despachos e mercês dos serviços prestados. Por outra: desde a sua criação, e nos poucos annos que durou, foi este *Conselho da India* quem governou o Brazil, e nenhum navio podia de Lisboa partir para este Estado, sem mandar antes ao mesmo Conselho buscar os despachos. Chegou a ser ordenado que não se guardasse mandado algum que não viesse por intermedio delle, e que a propria *Meza da Consciencia* não tivesse, nos negocios do Brazil, ingerencia alguma senão nos artigos de defunctos e ausentes, redempção dos captivos, e jurisdicção contenciosa entre as partes. — Infelizmente este tribunal foi dahi a alguns annos [1] abolido, e só foi restabelecido para ficar subsistindo em 1642, depois da acclamação da casa de Bragança, com o nome, sem dúvida mais adequado, de conselho *Ultramarino*.

Segundo Jaboatão, Diogo Botelho retirou-se do governo em 1607. Em todo caso, ainda julgamos dever comprehender como de seu tempo uma segunda expedição á serra de Ibiapaba, igualmente mallograda, como a precedente. Foi esta emprehendida pelos padres da Companhia, depois do mallogro do capitão mor Pero Coelho, ao ser informados da bondade dos ares da mencionada serra e da excellencia e fertilidade do terreno das suas frescas veigas. Entendendo pois que os Indios daquelles sertões „haviam de abalar-se para os receber,

[1]) Já o estava em meiados de 1614, segundo consta de uma carta do governador Gaspar de Souza.

e leval-os a tomar posse de todos aquelles mundos" [1], fizeram valer os privilegios que lhes concedia um recente alvará (de 26 de julho de 1596), e pediram favor do governo para irem fundar missões na dita serra. Vieram com effeito ordens da côrte para que o governador geral e o capitão mor de Pernambuco os favorecessem, e desde logo este poz á disposição delles quarenta Indios e muitos artigos de resgate. Foram nomeados pelo provincial Fernão Cardim os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, os quaes, com a competente comitiva, partiram de Pernambuco no dia 20 de janeiro de 1607 [2].

Somente pela paschoa desse anno [3], que caiu em meiados de abril, chegaram os ditos dois padres a avistar-se com os *aldeados* da Ibiapába, dos quaes alguns se lhes uniram com varios Francezes. Acaso estes menos sinceramente; pois, ao que colligimos, trataram até de desacreditar, como hypocrita, o padre Pinto; o qual falleceu, deixando-o cair os Indios, da rede em que o levavam, em um tujucal, e não lhe acudiram quando fréchado no pescoço, foi acabado de matar com uma pua de taquára. O padre Figueira conseguiu esconder-se, e disfarçado passou ao Ceará e Rio Grande, por fortuna das lettras, que lhe deveram uma nova grammatica da lingua tupi, que veiu á ser impressa em 1621. Este malogro fez que a Companhia desistisse da pretenção em que já andava de obter para si o governo do Maranhão [4].

---

[1]) Diogo de Campos, *Jorn. do Maranhão.* p. 4.
[2]) C. de Alex. de Moura de 27 de jan. de 1607. Vej. tambem Abbeville fol. 76 v. e Barredo no fim do §. 109. Foram os padres por terra, carregados em tipoias, e não por mar, como se lê em uma chronica antiga.
[3]) Abbeville fol. 81 v. e 84 v. — Ha engano em attribuir essa morte como succedida no mez de janeiro de 1608.
[4]) Cons. de 13 de fev. de 1607.

SECÇÃO XXV.

GOVERNO DE MENESES. RELAÇÃO. CEARÁ. SEPARAÇÃO DO SUL.

Governador D. Diogo de Meneses. E' mandado partir. Demora-se em Pernambuco. Cuida nas fortificações. Seb. Carvalho. Seu elogio e descendencia. Relação na Bahia. Suas vantagens e inconvenientes. Ouvidoria no sul. Regimento da Parahiba. Pendencias do governador com o bispo e os Jesuitas. Os Indios e a inferioridade de seu trabalho. Leis acerca delles, origem d'abusos e immoralidade. Sublevação dos de Porto Seguro. Resistencia de Estevam Curado. Exploração da costa e mar dos Abrolhos. Outros serviços de D. Diogo. Colonisação do Ceará. Livro da „Razão do Estado". Governo do sul por D. Francisco. Seus grandes privilegios. Queixas de D. Diogo. Morte de D. Francisco. Succede-lhe um filho. Regulamento de minas.

O conselheiro Diogo Botelho teve digno successor em D. Diogo de Meneses e Sequeira, nomeado governador geral em 22 de agosto de 1606.

Havendo-se demorado mais de nove mezes sem effectuar a partida, teve o Conselho da India de instar por ella, em 31 de maio do anno immediato, lembrando a urgencia que havia de limpar a costa de corsarios e cohibir o commercio illicito de muitos navios estrangeiros. Ainda pouco antes, haviam quatro náos hollandezas ameaçado Pernambuco, contra as quaes conseguiu pôr-se em defensa o seu capitão Alexandre de Moura.

Pouco mais demorou então a partida o novo governador; e no fim desse anno já estava em Pernambuco, depois de haver primeiro aportado de arribada no Rio Grande, arribada que lhe deu occasião de conhecer as necessidades desta colonia, onde encontron o povo sem justiça e sem meios de a requerer, pelo que criou ahi um provedor e um tabelião, e lhe mandou depois individuos independentes, capazes de exercer os cargos da republica.

Neste último porto e no de Pernambuco deu logo muitas providencias para ser melhorada a sua defensa, e outrotanto

resolveu que se fizesse na Parahiba, para onde com esse fim destacou o sargento mór Diogo de Campos.

Em Pernambuco demorou-se o governador geral durante um anno; não só para, com a sua presença, dar alento ao melhóramento das fortificações, como para apoiar o dezembargador Sebastião Carvalho. Em seu tempo foi concluido pelo „engenheiro mór" Francisco de Frias, o forte do Picão ou de S. Francisco, começado no governo de D. Francisco de Souza.

Na syndicancia feita pelo dezembargador Carvalho, acerca dos descaminhos da Fazenda, que principalmente tinham tido logar em Pernambuco, com respeito ao páo-brazil, chegou a ser encontrado cumplice o proprio joven donatario Duarte de Albuquerque, a quem o Brazil veiu depois a dever bons serviços, além de um noticioso livro de memórias diarias da tal qual resistencia apresentada á conquista realisada pelos Hollandezes de toda a sua donataría. Além do que tinha havido acerca de descaminhos de páo-brazil, occupou-se tambem o mencionado dezembargador de fazer activar a cobrança da finta dos christãos-novos e a da imposição dos vinhos resolvida pela camara de Olinda em 1599, e que se fizera com muitas irregularidades; o que a camara da mesma villa tratou de desculpar, em carta de 10 de dezembro de 1608, com os gastos por ella feitos de navios para defender-se dos corsarios, e com os auxilios para a colonisação do Rio Grande, com a restituição ao Ceará, mui presenteados, dos Indios de lá trazidos á fôrça pelo barbaro Soromenho, e até com os auxilios dados aos Jesuitas para a sua projectada missão na Ibiapába.

Ao dar o dezembargador Sebastião Carvalho[1] por finda a sua commissão, regressava á metropole, recommendado pelo governador geral, por meio das seguintes linhas: „Fez seu

---

[1]) Sebastião Carvalho, no reinado seguinte (Liv. 15, 315) feito dezembargador do Paço, foi casado com D. Luiza de Mello, e pae de Sebastião de Carvalho e Mello, que falleceu em 19 de janeiro de 1719, aos 94 annos de idade (Gaz. de Lisboa de 26 de janeiro de 1719) Veja tambem Diniz, Poesias, V, 144. — Uma D. Luiza de Mello houve, por esse tempo, pernambucana, filha de D. Christovan de Mello e irmã da mulher de Jeronymo d'Albuquerque, cunhado do primeiro donatario.

officio neste Estado com tanto zêlo do serviço de V. M. que ainda que lhe pareça suspeito lhe hei-de falar verdade, — que merece que V. M. lhe faça muitas mercês e muitas honras; e lhe certifico, pela verdade que um vassallo deve a seu rei, que eu não sei quem melhor nem com mais pontualidade o fizera que elle; e assim é bem que V. M. faça differença daquelles que bem o servem dos que o não fazem, para que todos tenhamos animo para o fazer bem feito. E' mui prudente, e de tudo que V. M. o encarregar dará mui boa conta; e eu me vali delle no que pude; e como quem o experimentou falo deste modo."

Cumpre aqui declarar que, depois de nomeado D. Diogo de Meneses governador geral, e pouco depois de haver elle partido de Portugal para o seu destino, tivera logar a nova organisação dos capitanias do sul em governo separado, o qual foi confiado ao ex-governador D. Francisco de Souza, mandando-se por isso sustar todo o processo de sua residencia e syndicancia; concedendo-se-lhe ao mesmo tempo, para tratar do descobrimento de minas, grandes privilegios, maiores ainda que os que havia trazido Gabriel Soares; de tudo o que nos reservamos a tratar mais detidamente no fim da presente secção.

Ao chegar á Bahia, as primeiras providencias do governador se reduziram á installação da Relação, a final realisada nessa cidade; começando primeiro por ter que attender á conveniente aposentadoria do respectivo chanceller e dezembargadores, que ahi chegaram a 5 de junho de 1609. De chanceller sabemos que veiu Gaspar da Costa, homem honestissimo e que desde logo adquiriu na Bahia muito partido; mas pouco tempo viveu; pois que já, em principios de 1611, era no-

---

Mas, *para certa herança*, se provou juridicamente que a de que se trata fôra filha de Gaspar Leitão Coelho e D. Joana de Mesquita; mas se tal fosse não se descobre donde poude provir a essa D. Luiza o appellido de Mello, que tomaram os descendentes. Em todo caso, o dito Sebastião de Carvalho e Mello foi casado com D. Thereza Luiza de Mendonça, segundo Jaboatão (Chron. p. 207), neta do pernambucano Paulo de Moura, filho do governador D. Filippe de Moura e de D. Genebra Cavalcanti, e desse consorcio nasceu o, ao depois, Marquez de Pombal.

meado para lhe succeder nesse cargo o juiz dos feitos da Corôa e antigo ouvidor da alfandega de Lisboa, Ruy Mendes de Abreo. Dos demais dezembargadores sabemos os nomes, e tivemos presentes os decretos de nomeação; porêm ignoramos se todos elles chegaram a apresentar-se na Bahia. Foram: dos aggravos, Antão Mesquita de Oliveira e Francisco da Fonceca; extravagantes, Antonio das Povoas, Pedro de Cascaes e Manuel Pinto Rocha, antes corregedor em Vianna e indicado para ouvidor geral; e finalmente Manuel Jacome Bravo, Affonso Garcia Tinoco e Sebastião Pinto Lobo, que fôra juiz dos orfãos no Porto. — Destes ultimos, um foi tambem de aggravos, outro procurador dos feitos e outro provedor dos defunctos e residuos. Para guarda mór foi nomeado Antonio da Mota. Havia sido tambem nomeado Gaspar Pegado, e destinado até para juiz dos feitos, mas por fim foi excusado, fazendo-se porém isso „muito em segredo, para não servir de exemplo" aos outros, o que serve a confirmar que, mais ou menos, todos viriam contrariados; de modo que teve o governo que obrigal-os, a uns com graças, para si ou suas familias, a outros com ameaças de que, a não virem, não teriam outros empregos.

Para o Rio de Janeiro e Minas foi por este mesmo tempo criada uma ouvidoria, sendo nomeado primeiro ouvidor Sebastião Paruî de Brito, a cujo successor, Amancio Rebello, foi dado um regimento (5 de jun. de 1619) que corre impresso, e serviu de modêlo para o do Maranhão, no mesmo anno (7 de nov.).

A camara da Bahia, em carta ao rei de 27 de janeiro de 1610, agredeceu como grande favor o ter levado avante essa installação; allegando que antes o governador ligado com o ouvidor davam por assim dizer a lei; mas a verdade é que esta criação não correspondeu então ás boas intenções que haviam presidido á sua criação. Se por um lado assegurou as formulas nos processos e deu mais garantias ao direito dos particulares, por outro retardou o seguimento das causas, as quaes se tornaram menos summarias que antes, quando os governadores tinham poderes para dezembargar muitas que agora deviam passar ao Reino. Segundo o testemunho de um escriptor contemporâneo e insuspeito, o autor dos *Dialogos das Grandezas*

do Brazil, obra, cuja data se fixa pelas proprias observações que dedicou a esta criação, e cujo autor se diz ser o pernambucano Bento Teixeira, que pouco antes publicára o seu poema denominado *Prosopopeia*, muitas causas eram antes decididas entre os moradores por composição, e sem necessitarem de appellação, em virtude dos mutuos parentescos: e as causas das outras capitanias, tal como a de Pernambuco, que passaram a ir á Bahia, mais interessava ás partes que fossem antes a desembargar em Portugal, onde tinham seus correspondentes, e podiam enviar em generos a paga dos gastos, ao passo que á Bahia deviam levar dinheiro e irem agencial-as em pessoa. Isto sem contar em que, por qualquer culpa leve em que houvesse pronúncia de prisão, havia que recorrer á mesma Bahia por carta de seguro. Segundo outro escriptor, tambem contemporaneo, o judicioso autor do livro *Razão do Estado do Brazil*, na propria cidade da Bahia se tinha „a Relação por cousa pesada, e não muito conveniente; assim pela natureza dos pleitos, pelo pouco que havia que fazer nelles, como pela quantidade de lettras que se ficaram *anhidindo* aos muitos estudantes, clerigos e frades" que ja havia. O certo é que a experiencia veiu a provar que se augmentaram excessivamente as demandas, em razão da demasia de advogados doutores e rabulas, que accompanharam os dezembargadores, e dos competentes escrivães e sollicitadores, que não tratavam de nada mais do que de encherem-se á custa das partes[1]. Viu-se então a Bahia, como meio seculo antes se haviam visto muitas cidades de Portugal, molestada pela demasia dos lettrados. Em Portugal, a sobejidão delles havia sido tal que os povos pediam nas côrtes de 1562: „Que os estudos de Coimbra se desfaçam por serem prejudiciaes ao Reino... e não haverá tanto lettrado sobejo, nem tantas de-

[1]) ... „pondo o sentido e o coração na patria, tratam de se acolher tanto que da provincia confusa tem esfolade alguma coisa com que se fazer possam: d'aqui nasce tanto trocar, tanto mentir, tanta trapaça, que as novas dellas não fazem senão „acarretar bachareis" a pobre provincia, a qual com os.... religiosos e com a multidão de lettras que do Reino vão", etc. — „Razão de Estado", nas „Reflex. Crit." a Soares, pelo autor desta Historia, p. 94.

mandas." — Além de quê: os advogados rabulas eram um mal, pela sua ignorancia e seus enredos; os doutores pela ascendencia que tinham sobre os magistrados, de quem haviam sido condiscipulos ou contemporaneos em Coimbra, e em favor dos quaes estavam os últimos prevenidos pela amisade, ou, se haviam feito estudos mais brilhantes que elles, pela consideração e respeito a suas opiniões. Não deixa de ter inconvenientes a practica de escolher os magistrados da mesma classe, e até da mesma academia ou universidade que os advogados; quando para a imparcialidade e justiça, não só podem ser mui nocivas as amisades e sympathias da juventude, como ao magistrado mui prejudicial o habito de haver exercido a advocacia, ou simplesmente de se haver preparado para exercer esta profissão. O advogado tem por principal dever de seu cargo defender a causa do cliente, isto é deduzir razões e provarás em favor [1]. — O magistrado pelo contrário deve ser um homem impassivel; por cuja mente nunca passasse uma idéa de injustiça; — o menor pensamento de sofismar coisa alguma neste mundo.

No Brazil os inconvenientes da demasia dos lettrados se foram manifestando nos annos seguintes até sobrevir a guerra; e as funcções do nosso primeiro tribunal de justiça apenas duraram uns dezeseis annos, tornando as coisas ao estado anterior, pelo espaço de um quarto de seculo. Cumpre-nos consignar que ao estabelecimento desta primeira Relação deveu o Brazil o genio do padre Antonio Vieira, e os serviços de um seu irmão Bernardo Vieira Ravasco, ambos filhos de Christovam Vieira, que passou á Bahia, com o cargo de escrivão dos aggravos e appellações, antes de 1617, em todo caso; havendo até quem assegure que em fins de 1615.

Da lei que vinha reger pouco diremos; pois não se differença do codigo que ainda hoje serve de norma ás nossas relações; isto é, as chamadas *Ordenações Filippinas*, publicadas em 1603, e que consistem em uma reforma dos cinco livros

---

[1]) Veja-se o que no Liv. 3° cap. 3 das suas confissões diz o proprio s[to] Agostinho, que havia sido advogado; e veja-se tambem o §. 7 da lei da *Boa Razão*, de 18 de ág. de 1769.

das *Manuelinas*, segundo fica dito em outro logar. Estas Ordenações Filippinas consagraram ainda o anterior systema da autoridade dos praxistas e casuistas com preferencia á sã razão e ao sentido ou amago da legislação. No primeiro livro se inseriram os regimentos dos *Provedores* e *Contadores* encarregados de inspeccionar a Fazenda publica, as confrarias, capellas, hospitaes, gafarias e outros estabelecimentos pios e os testamentos; e os dos *Juizes de fóra* ou lettrados, cuja instituição então se começou a generalizar na metropole, em vez da dos juizes da terra ou leigos. Sôbre estes tinham aquelles as vantagens de saberem as leis e de julgarem sem tanta paixão; por isso mesmo que não deviam ser da terra (pelo que se chamavam *de fóra*), nem aparentados nella. Esta instituição contribuiu para cada vez se estreitar mais a unidade nacional, obrigando-se os individuos de umas provincias a servirem nas outras, com o que se iam desterrando os excessos de pernicioso bairrismo. No segundo livro das novas ordenações fizeram-se grandes alterações, em favor da Igreja e do clero, e tambem dos magistrados. Algumas dessas alterações ja se haviam levado avante, vinte annos antes, na reformação da justiça executada por Filippe II em 1583.

Em todo caso, como em virtude dos conflictos que vieram a seguir-se, de alguns dos dezembargardores com o bispo e os ecclesiasticos, e da occupação da Bahia pelos Hollandezes, a mesma Relação não tardou a ser supprimida, não entraremos aqui em especificação dos artigos do seu regimento, reservandonos a tratar deste, quando, com mui pequenas alterações, veiu definitivamente a pôr-se em vigor depois de 1652. Limitâmonos a dizer que, pelo regimento de 7 de março de 1609, se ordenou ao governador geral que respeitasse a jurisdicção ecclesiastica; recommendando-se lhe que, se o bispo se quizesse intrometter com censuras, aggravasse delle para o juiz da corôa, nos casos permittidos em direito. — Providenciou tambem a metropole acerca dos cofres dos orfãos e dos defunctos e ausentes, e dispondo que dos juizes de orfãos se tirassem residencias. Igualmente, por, alvará, de 18 de setembro de 1610, dispoz que o governador podesse passar alvarás ou provisões para os culpados em alguns crimes se poderem livrar por

procuradores, para certas fintas de obras dos concelhos, e entregas das fazendas dos ausentes, para se poderem seguir appellações e aggravos, terminado o devido tempo, e finalmente para se poderem provar certos contractos.

As informações que, acerca da Parahiba, deu sem dúvida á Côrte o governador geral, depois de ouvir o sargento mor, Diogo de Campos, ali por elle mandado, julgamos que foi devido o regimento, em dezesete capitulos, dado em 9 de maio de 1609, ao seu novo capitão Francisco Coelho de Carvalho, nomeado em 27 de setembro de anno anterior, durante nove annos, pelos serviços de seu pai o valente, activo e dedicado Feliciano Coelho. Por esse regimento, lhe ficou subordinada provisoriamente a capitania de Itamaracá. Nelle recommendou elrei a civilisação dos Indios, o reparo das fortalezas, o cuidado com as suas guarnições, o augmento da cultura das terras, devendo informar acerca das que se considerassem devolutas. Foi concedida ao dito capitão alçada no civel, nos bens de raiz, até dezeseis mil reis, e nos moveis até vinte; e no crime, nos peões e gentios e escravos, até dois annos de degredo e açoutes; podendo igualmente impôr a quaesquer habitantes até dez cruzados de multa. Igualmente lhe foi concedido o prover interinamente, por seis mezes, os officios da justiça e fazenda que vagassem; seudo-lhe mui recommendado não só que não se intromettesse nas atribuições dos officiaes de fazenda, contentando-se unicamente com o admoestal-os; mas tambem que respeitasse e mantivesse a liberdade das eleições das camaras, fazendo por compôr os bandos e parcialidades.

O governador D. Diogo de Meneses teve que prestar mui séria attenção ás questões acerca dos Indios, e viu-se algum tempo a braços com os Jesuitas e o bispo, que pretendiam participar da jurisdicção temporal ou governativa, que só a elle competia, como delegado immediato da regia autoridade. Trataremos deste e depois daquelles e aquell' outros. Entre o bispo e o governador havia começado uma grave desintelligencia, que se fez publica em questões de etiqueta na procissão do Corpo de Deus em Pernambuco, em 1608 (5 de junho), a qual historia por sí só é um romance. O certo é que

o bispo foi informado como o governador reprovava alguns dos seus actos, principalmente pelo que dizia respeito ao desejo de adquirir, ou antes de juntar cabedaes, com intento segundo se dizia, de resignar, e ir-se ostentar as honrarias bispaes na Europa, aonde já ia passando valores em lettras de cambio [1]. Não satisfeito o mitrado com estes desrespeitos ao decoro, e com muitas tropelias de jurisdicção, passou aos excessos de pôr interdicto na sé ao governador e ao thesoureiro geral, e de excommungar o dezembargador Pedro de Cascaes, que servia de provedor mór da fazenda; porque não pagavam de uma vez certos atrazados da folha ecclesiastica do modo que elle bispo entendia. Podéra com effeito crer-se que desejava liquidar seu negocio para voltar ao Reino. Appellou o provedor mór; e o bispo não acceitou a appellação; aggravou aquelle para o juiz da coroa; passou a Relação ao bispo tres cartas em nome d'elrei.... Não quiz levantar as censuras, — que haviam sido impostas por mão do seu vigario o deão da Sé, pois que elle bispo não saía de Pernambuco [2]. Mais: tão pouco executou outra sentença da Relação em que o juiz da confraria do Santissimo de Pernambuco aggravou para o dos feitos da coroa; e isto apezar de igualmente lhe escreverem tanto a Relação como o governador em nome d'elrei. — Para rematar o juizo ácerca da venerabilidade deste prelado baste dizer que havendo-lhe caido nas mãos um maço de cartas e de officios que, o governador dirigia ao Reino, não se contentando com abril-as, divulgou o conteúdo dellas, violando um dos sigillos mais sagrados, ainda para os que não vestem murça. Apezar de tantos abuzos e de tantas faltas,

---

[1]) „Sobre o mercador João Filter a pagar a D. Antonio Mascaranhas e D. Francisco de Bragança" diz o governador a elrei em 7 de fev. de 1611.

[2]) As questões dos magistrados com o clero na Bahia motivaram talvez o alvará de 31 de julho de 1612 para que os vigarios geraes do Brazil, não cumprindo a terceira carta rogatoria do juizo da Corôa, fossem emprazados para na primeira embarcação seguirem a dar razão do seu procedimento á Meza do Dezembargo do Paço. — Esta providencia baixava por influxo deste tribunal, protector nato dos da relação. Mas por outro lado a C. R. de 3 de Oct. de 1615 e o alv. de 27 de abril de 1640 recommendavam aos dezembargadores que andassem a tento nas differenças com os ecclesiasticos.

o bispo, ajudado pela influencia poderosa de certos religiosos, ficou victorioso, e apenas da côrte lhe veiu uma recommendação para que se conformasse com as concordatas com que os bispos no Reino se conformavam. A isto replicava o governador a elrei queixando-se, não ja da quebra que recebêra na jurisdicção [1], mas da inquietação que o bispo causava ao povo com as perseguições que lhe fazia, „so a fim de ajuntar dinheiro“; e acrescentava: „Não ha lei, nem bulla do Papa, nem concordata que se guarde, nem sentença de Relação, nem outra nenhuma cousa, senão dinheiro, e só este texto é bom e guardadouro, como faz a muito dinheiro que tem em uma arca em esse Reino, passado em mui boas lettras e caixas de assucar.“ — Ha que ponderar que os documentos publicos confirmam o *zelo* que devia ter o prelado nos assumptos ecónomo-financiaes; e quasi de todo justificam as graves accusações do governador, por certo dos mais illustrados que vieram ao Brazil. Em 30 de agosto de 1606 se haviam mandado pagar atrazados ao cabido da Sé da Bahia. Em 11 de fevereiro de 1607 a coroa quitára ao bispo e cabido da mesma sé certos direitos de que eram devedores. Em 11 de novembro do anno seguinte resolve negativamente a proposta da criação de mais dois bispados, um em Pernambuco, outro no Rio. — Quasi pelo mesmo tempo [2] augmenta consideravelmente não só o ordenado do bispo, como, e nesta parte com toda a justiça, muitos outros ecclesiasticos; com o que esta porção das despezas, incluindo a somma que recebiam os Jesuitas, foi logo elevada arriba de sete contos e oito centos mil reis, sem incluir a paga a alguns vigarios das provincias do sul. Mais: para dar completa satisfação ao cobiçoso prelado, vinha uma provisão (de 19 de nov. de 1611) dispondo que, nos arrendamentos que se fizessem dos dizimos, fossem logo separados os ordenados e as ordinarias dos ecclesiasticos; para o que ficavam estes munidos de poderes, a fim de independentemente

---

[1]) Sobre este ponto providenciou depois o Alv. de 27 de abril de 1616.
[2]) Segundo J. Pedro Ribeiro em 30 de set. de 1608: porêm o autor dos Annaes do Rio de Janeiro, Balthazar da Silva Lisboa, assevera mais de uma vez no tomo primeiro que o augmento teve logar por alvará de 23 de novembro deste anno.

do governador ou do provedor mór cobrarem, em dinheiro ou em genero, segundo melhor lhes parecesse. Foi-lhes mais concedido, não só o receberem em assucar, por taxa designada, podendo os do Rio cobrar em Pernambuco. Os da Bahia obtiveram até mais tardo (alv. de 16 de maio 1621) o poderem *apontar no tempo da çafra* os engenhos donde preferiam receber a sua terça em assucar, isto é onde, nesse anno, fosse elle melhor. Alêm da injustiça do privilegio de escolherem a forma da paga, a disposição em si era um verdadeiro escandalo.

Não se occultou ao governador, nem á Relação, nem ao povo do Brazil, o poderoso influxo que movia na côrte todo o negocio, com tanto exito; e talvez dahi proviesse a luta que logo se apresentou D. Diogo a sustentar contra os padres da Companhia, accusando-os pela sua demasiada e perniciosa ingerencia no governo temporal do Estado. Ouçamos as suas queixas: „E de os ecclesiasticos se metterem em governo vem a estas desaventuras; porque a causa principal do alevantamento de Angola foram os padres da Companhia; e agora neste interdicto tambem... deram parecer ao bispo... contra a jurisdicção de V. M.“

E mais adiante acrescenta: „E para que os padres da Companhia entendam quanto dependem de V. M. é necessario que se lhe dê uma reprehensão; pois comem tanto da fazenda de V. M. que só neste Estado tem perto de tres contos de renda, em que V. M. perde no modo do pagamento mais da terça parte [1], e o que grangeam com os Indios val mais que tudo.... destas cousas e d'outras mande V. M. informar e remedêe isto com lhe tirar as aldêas.... e os Padres se quizerem ensinal-os a ser christãos logar lhes fica sempre de fazel-o“ [2]. Mais de um anno antes, havia o governador ponderado ácerca da „má natureza destes padres e pouca razão

---

[1]) Contra „o detrimento notavel“ que recebia a Fazenda com o pagar aos Padres em assucar pelo preço que tivera em annos anteriores representava ja Christovam de Barros em carta de 18 de Nov. de 1578.

[2]) C. de D. Diogo ds 7 de fev. de 1611, que será publicada em outra occasião.

com que se queixavam dos governadores passados, e quão pouca verdade falavam em tudo, não tratando mais que de curar suas queixas, e offuscar a verdade" [1]. Deixemos aos que forem homens de ordem e de governo o sentenciar de que lado estava a razão.

Acerca do melhor meio de governar os Indios, ja pelo que dito fica, se sabe que o governador não votava pelas aldêas dos padres. Pelo contrário, era de opinião que religiosamente o Indio pouco ganhava, ao passo que as cidades perdiam população, as terras braços proprios á cultura, e o gentio não adquiria os habitos de civilisação, policia e pudor, que só as grandes povoações proporcionam. Apenas chegado, insistia na necessidade de serem os Indios declarados livres, dando-se-lhes um regulamento pelo qual podessem ficar as aldêas sujeitas mais directamente ao governo do Estado, pondo-lhes um capitão, e um meirinho e um sacerdote: para os ir assim habituando ao trato e gosos dos colonos; pois quanto á religião elles nada sabiam, e „apenas tomavam de cór o que se lhes ensinava". E ao passo de que supririam, de mistura com os escravos de Guiné, os braços que escaceavam; não iriam, tanto, como então, para os matos reunir-se aos negros fugidos ou canhambolas.

Para que se tenha clara idéa da irregularidade com que era feito o serviço pelos Indios da terra, e por conseguinte dos estimulos que dahi resultariam a formentar-se cada vez mais a introducção dos escravos d'Africa, e por conseguinte a fomentar-se o trafico, transcreveremos aqui os seguintes parágrafos da obra contemporânea „*Razão do Estado do Brazil*". Dizem assim:

„Os Indios da terra... que parecem de maior facilidade, menos custo, e maior numero, como andão metidos com os Religiosos, a quem vivem sujeitos,.... de maravilha fazem serviço, nem dão ajuda aos leigos que de sustancia seja, antes sendo chamados dos pobres moradores acontece levarem-lhes o salario de antemão; sem lhes fazerem nada, sendo causa

---

[1]) C. de 20 de janeiro de 1610.

que os pobres o percão, e as peitas que costumão dar-se a quem lhos administra, como tudo se saberá tirando-se devassa; daqui resultão grandes queixumes contra os Religiosos, os quaes se querem mostrar que castigão estas cousas com seus carceres privados ou açoutes, por levemente que sejão, estão os Indios tão mimosos e tão pouco praticos no uso da nossa justiça e obediencia, que logo se vão ao matto, donde fazem como dito é, abominaveis vivendas e rito, juntando-se com os negros de Guiné tambem fugidos, do que resultão mortes, furtos escandalosos e violencias, por cujo respeito se não pode atravessar o sertão commodamente de umas partes a outras, nem dilatarem-se as povoações pela terra dentro.

„Se os Portuguezes tomão as armas contra estas desordens, e com trabalho e custos de suas fazendas e vidas são contra estes mocambos ou ladroeiras, e desfazendo-as, trazem presos os ditos fugidos, logo a piedade dos padres e necessidade em que delles vivem os leigos buscão leis para os não castigarem, antes repartindo-os entre si os largam das prisões; das quaes tanto que se vem livres, tornão-se ás aldeas dos ditos padres, que como a gente livre e que elles tem em sua protecção, de boa vontade os recolhem e occultão, e se parece que ali todavia os buscão seus donos, tornão-se ao matto; de modo que fica sendo este dominio absoluto dos religiosos uma miseria secular dos leigos, que mostra não poder ter fim, e não tendo, bem se vê quão trabalhoso e quasi impossivel será o dito augmento.

„Destas desordens tanto introduzidas, nasce que nenhuma obra do bem publico se coalha, e assim os Indios, sem os buscar quem pode, vão por donde querem mais barbaros e mais ociosos que nunca.“

Apezar de haver D. Diogo exposto as suas idéas a este respeito, em carta ao rei, escripta em fevereiro de 1608, baixou da metropole uma lei, com data de 30 de julho de 1609, declarando os Indios inteiramente livres, e impondo penas severas aos que os tomassem ou conservassem como escravos. Protestaram contra semelhantes disposições o governador e povo todo do Brazil de modo tal que o rei se viu obrigado a reconsiderar o assumpto, e a revogar a mesma lei por meio de outra, em data de 10 de 1611, na qual começando por uma

recapitulação das leis sobre os Indios promulgadas desde 1570, prosegue autorisando os captiveiros feitos em guerras justificadas ou por motivos justos; limitando porém o prazo dos mesmos captiveiros a dez annos, e conclue adoptando a idea de aldeamentos, dirigidos por capitães escolhidos entre os colonos de vida exemplar, pelo governador, chanceller e provedor mór dos defunctos, reunidos, os quaes poderiam passar aos certões, acompanhados de algum ecclesiastico, para effectuarem os descimentos; podendo os Indios assim aldeados, serem sollicitados pelos colonos mediante contractos de locação de serviços. Todas estas disposições pecavam pela aberta que deixavam a serem sofismadas, dando origem a muitos abuzos, que concorriam a desprestigiar a autoridade da lei e do legislador, a tal ponto que mais favoraveis á moralidade publica houveram sido quaesquer providencias que se executassem fielmente, por mais crueis e rigorosas que fossem.

Pelo mesmo tempo que a côrte, em julho de 1609, se occupava, com ternura e carinho, de mandar declarar livres todos os Indios, os de Porto Seguro se mostravam insolentes e alevantados, pondo em apertado cerco e engenho de Gomes de Aragão; do que sendo informado na Bahia o governador, lhes mandou um soccorro ás ordens de Vicente Paes, indo em sua companhia, com os Indios da Caxoeira, Affonso Rodrigues, filho do colonisador dessa terra Alvaro Rodrigues, de quem já antes fizemos menção. Tardios porém houveram chegado taes soccorros, se não valêra aos de Porto Seguro a audacia e firmeza de Estevam Curado, que não tendo mais que duas armas de fogo e dez frecheiros ás suas ordens, conseguíra defender o mesmo engenho da furia e barbaridade dos selvagens.

Em todo caso, desse rebate em Porto Seguro resultou o fixar o governador para esse lado alguma attenção, mandando lá o sargento mór do Estado; do que resultou ficar completamente explorada por ahi toda a costa, desde a ponta de Corumbabo até o rio das Caravellas, comprehendendo os baixos dos Abrolhos, tarefa que foi levada á execução pelos dois pilotos Antonio Vicente e Valerio Fernandes.

Ajudado do dito intelligente e activo sargento mor, prestou o governador D. Diogo a mais seria attenção a tudo quanto

respeitava á economia e ordem no governo, e disso muito se occupava em sua propria correspondencia. Como o seu predecessor, foi de parecer que conviria fabricarem-se navios neste Estado, e mandando pelo mestre constructor Manuel Antonio proceder a um orçamento do preço por que se poderia fabricar uma náo de quatrocentas tonelas, resultou que, empregando a embira e amarras de piaçába, poderia ella, sem artilheria, vir a importar em quatro contos quatrocentos e oitenta e tres mil reis. Durante o seu governo, foi melhorado o contracto das balêas, sendo concedido por sete annos a dois socios, um dos quaes era francez, Julien Michel. Tambem teve logar, uma grande melhora nos engenhos, adoptando-se os tres cylindros, ainda verticaes, os quaes, por meio de entrozas, se faziam girar com a rotação do do meio. Attendeu tambem o governador a melhorar a defensa da Bahia pela construcção de um novo forte que foi chamado de S. Diogo, e que foi artilhado com tres colibrinas, uma espera e um passavolante turquesco. E ás suas informações deve ter sido provavelmente devida a providencia tomada pela metropole para que os serviços prestados no Brazil viessem aqui mesmo a ser recompensados, o que contribuiu a estabelecer certa unidade colonial, que depois se augmentou com a guerra hollandeza.

Os serviços, porém, que mais que nenhuns outros immortalizarão para sempre no Brazil o nome de D. Diogo de Meneses serão a colonisação do Ceará e proposta para ser colonisada a maior parte da costa do norte, e o magnifico livro intitulado *Razão do Estado do Brazil*, quando deixou o governo em 1612. Este último, se bem que redigido pelo sargento mor Diogo de Campos[1], foi evidentemente emprehendido por iniciativa do governador, e com muitas informações por elle pessoalmente fornecidas. Occupar-nos-hemos separadamente destes dois pontos.

Consultado officialmente[2] o governador acerca do modo

[1]) Na propria obra se lê a respeito de uma parte da costa, onde não estivera D. Diogo, que fôra „vista e visitada por quem fez esta relação etc."

[2]) C. R. de 11 de jan. de 1611.

como se deveria levar avante a colonisação da costa do norte, depois de mui aturados exames e conselhos, para os quaes teve de mandar especialmente ao Rio Grande a colher informações o dito sargento mor, seu braço direito, indicou a criação de tres novas capitanias: a primeira no Jaguaribe ou Ceará; a segunda no porto de Camucim; e a terceira no Maranhão. Desta indicação, enviada em 12 de março de 1612, resultaram sem duvida as ordens de 9 de outubro e 8 de novembro desse mesmo anno para se povoar o Maranhão, cuja execução coube ao seu successor. Ao governo de D. Diogo coube porém ainda a origem da primeira feitoria no Ceará, levada avante pela industria de Martim Soares, sobrinho do sargento mor, o qual havendo estado antes com Pero Coelho no mesmo Ceará, travára amisade com um chefe Indio do Rio Grande, por nome Jacauna, irmão do célebre Camarão, ao qual resolveu a acompanhal-o, com toda a sua horda, a fixar residencia junto do Rio Ceará. Quando ahi se achavam, foram informados, de que no actual porto do Ceará ou de Mocuripe, que não ficava longe de sua aldêa se achava fundeado um navio francez, e deliberaram tomal-o. Dirigiu a empreza o proprio Martim Soares, que se apresentou entre os seus Indios, nú como elles e com elles *coatiado* ou pintado por todo o corpo. Cairam os Francezes victimas da sua confiança, perdendo duas lanchas e o proprio navio, e ficando todos prisioneiros. Enviou logo Jacauna um seu filho ao governador, o qual se apressou a corresponder a tamanha attenção, mandando para ahi ficarem do o mando de Martim Soares, uma escolta de dez homens e um sacerdote; os quaes trataram logo de construir nesse mesmo logar, ainda junto do rio Ceará, um forte e uma hermida, com a invocação da Senhora do *Amparo*, que imprecavam com razão os que tanto deste necessitavam naquella soledade.

O livro „*Razão do Estado do Brazil*“ ainda em grande parte inédito, é uma verdadeira estatistica, respectiva ao anno de 1612, das oito capitanias, desde a de Porto Seguro para o norte, que vieram, logo depois, a contribuir com gente e recursos para a criação do novo Estado do Maranhão, a respeito do qual já inclue algumas notícias. Das mencionadas oito ca-

pitanias dá conta dos limites, rendimentos, cultura, população, armamento e municiamento. Foi redigido em Lisboa em 1613, de modo que inclue ainda algumas informações respectivas ao anno de 1612, depois de haver D. Diogo deixado o governo. Contêm dezesete mappas, sendo um geral do Brazil, outro da costa do norte, oito especiaes das oito capitanias, um do Espirito Santo, e os demais dos Ilheos e Abrolhos, rios de S. Francisco e Alagoas, plantas da Bahia, d'Olinda, do Recife, e da entrada da Parahiba, etc.

A receita total dessas oito capitanias, avaliada ainda pelo governador, dois annos antes (1610), em quarenta e dois contos, era ja orçada em cincoenta, e a despeza que pouco passava então de trinta e cinco contos, ascendia já a quasi quarenta e sete.

O Rio Grande era capitania pobre, de uns oitenta moradores brancos, dos quaes apenas vinte e cinco habitavam na capital. Limitava ao norte pelo Guarahy, ou actual Assú, e tinha umas desaseis aldeas d'Indios, mal governadas, um engenho no Cunhaú (de Jeronymo d'Albuquerque), alguma criação de gado, e proficuas salinas em Guamaré. Havia no forte nove peças de bronze, e desesete de ferro, maltratadas; elevando-se a guarnição a setenta e cinco soldados, com os competentes officiaes, cujos gastos se orçavam em 3.183.960, sendo o da igreja 268 $ 360 e o dos empregados 110 $ 000 reis.

A Parahiba, que alcançava até o Taperohú, actual Grahú, contava mais de setecentos moradores brancos, oito aldêas d'Indios, a cargo dos Franciscanos e Benedictinos, dez engenhos que enviavam por anno uns vinte e dois barcos d'assucar a Pernambuco, e rendia ao dizimo uns quatro contos. No Cabedêlo havia onze peças, dois camellos e quatro falcões de dado pedreiros, todos de bronze, os quaes se ordenára (dezembro de 1611) fossem a refundir-se em Pernambuco. Dava esta capitania ao alardo tresentos arcabuzeiros, em duas companhias, e mais trinta de cavallo. Gastos: com a igreja 358 $ 360; com os empregados do fisco 225 $ 000; com a milicia 1.841 $ 760.

Itamaracá, terminando da banda do sul no rio Igaruçú, contava mais de quinhentos moradores brancos, alguns bas-

tante ricos, dez engenhos, cinco aldêas d'Indios, entregues aos padres da Companhia, uma dellas (do Bói-assú) de cinco mil frécheiros. Orçava a receita em 2.400 $ 000 reis. Déra ao alardo uma companhia de duzentos e cincoenta de infanteria e vinte de cavallo. Gastos: com a igreja 172 $ 840; com o fisco 120 $ 000; redizima ao donatario 240 $ 000; ao sargento mór 40 $ 000 reis.

Pernambuco podia contar mais de quatro mil moradores brancos; elevando-se já o número dos engenhos a noventa. Além das ordenanças da villa capital, dava ao alardo mais mil homens de pé em nove companhias, afora duzentos de cavallo. — Nos fortes havia, na barra, desesete peças de bronze e nove de ferro, e na praia de Olinda mais quatorze destas últimas de pequeno calibre. A guarnição consistia em cincoenta arcabuzeiros, quinze mosqueterios e os competentes officiaes e inferiores. A receita total subia a 17.360 $ 000, dos quaes 12.800 $ 000, só dizimo. Gastos: com o culto 2.366 $ 000 reis[1]; com o fisco 948 $ 3000; redizima 1.280 $ 000; milicia 2.474 $ 000 reis, e particulares 370 $ 000[2].

A capitania de Sergipe, limitada ao sul pelo Rio Real, era pouco povoada. Dava ao alardo apenas cento e cincoenta homens d'ordenanças. Além das peças que ahi levára Christovam de Barros, tinha mais duas com dez soldados de guarnição. A receita do gado e meunças era apenas de 580 $ 000 reis; os gastos, com a igreja 148 $ 920; com a milícia 323 $ 920.

A Bahia, que se extendia para o sul até o rio Jaguaripe, dava ao alardo, só na cidade, tresentos homens, e no Reconcavo mais oitocentos, e cincoenta de cavallo. Contava cincoenta engenhos, dos quaes alguns havia que rendiam forros a seus donos oito contos de reis. Nos differentes fortes, duas portas da cidade e estancia dos Indios, encontravam-se umas vinte e tantas bocas de fogo, de todas as sortes e calibres, desde um canhão de bronze de 24 até os pequenos sacres

[1]) Matriz 325 $; dez vigarios, 739 $; dez coadjuctores 250 $; padres da Companhia 827 $; syndico dos Capuchos 80 $ reis.

[2]) Ao engenheiro 160 $; ao fundidor 50 $; ao sargento mór da capitania 80 $; casas do capitão mór 40 $; tença do habito a Affonso d'Albuquerque 40 $ reis.

pedreiros, camellos e um *selvagem*, além de outros oito canhões armazenados. A guarnição de linha ou de presidio, se reduzia a duas companhias, de oitenta praças cada uma, além dos competentes officiaes. As rendas da capitania passavam de dezoito contos de reis, e os gastos nella excediam-a de mais de quatro centos mil reis; importando estes na totalidado em 18.740 $ 240; a saber: 5.443 $ 640 reis[1] com o culto religioso, 4.954 $ 000[2]; para os ordenados do governador, Relação etc.; 1.059 $ 600[3] para os officiaes da fazenda; 143 $ 000 reis em tenças particulares; 270 $ 000 de entretidos pelo estado, e 6.870 $ 000[4] para pagamento da milicia.

A capitania dos Ilheos partia com a de Porto Seguro pelo Rio Grande, junto do Patipe. Déra ao alardo cento e sete moradores brancos, e possuia cinco engenhos. As fortificações reduziam-se a um reducto com dois falcões e uma trincheira com mais quatro de bronze; mas sem soldados. A receita orçava por 260 $; os gastos se reduziam: com a igreja a 98 $ 920; fisco 25 $ 133; redizima ao donatario 26 $.

Seguia-se a final Porto Seguro, terminando ao sul no Cricaré ou S. Matheus, capitania das mais pobres e a mais mal governada, possuindo apenas um engenho. Tinha um forte com duas peças de ferro, guarnecido por dez soldados e um cabo. A receita se orçava em oitenta mil reis annuaes, e a despeza em 442 $ 520 reis, a saber: a igreja 98 $ 920; o fisco 6 $ 400; a milicia 337 $ 200.

---

[1]) Sé, 2. 974 $ reis; Jesuitas, 1 $ 200; doze vigararias no Reconcavo 887 $ 640; seus coadjuctores 300 $; dois syndicos dos Capuchos 82 $ reis.

[2]) Governador, 1.200 $; 15 de sua guarda 300 $; chanceller 410 $; oito dezembargadores, seis a 350 $ e dois a 300 $, total 2.700 $; guarda-mor da Relação 50 $; meirinho da dita 160 $; alcaide mór da capitania 20 $; meirinho da ouvidor geral 84 $; procurador dos Indios forros 30 $ reis.

[3]) Procurador da fazenda 400 $ reis; contador mór 100 $; escrivão da fazenda 150 $; provedor da alfandega 30 $; thesoureiro geral 80 $; escrivão da alfandega 30 $; almoxarife 50 $; escrivão do thesouro 40 $; dito dos feitos da fazonda 40 $; dito dos armazens 30 $; porteiro da alfandega 29 $ 500; escrivão dos contos 50 $; procurador da fazenda 15 $; requerento da dita 15 $.

[4]) Capitão mór do mar 100 $; sargento mór do Estado 209 $ 600; dito da capitania 113 $ 600; ajudante do sargento mór 96 $; capitão da guarda do governador 80 $; e mais varios outros capitães, commandantes dos fortes, condestaveis, etc.

Resta-nos agora o occuparmos, segundo promettemos, do governo separado e isento, creado especialmente no sul, das capitanias do Espirito Santo, Rio e S. Vicente, em favor de D. Francisco de Souza, por instancias suas na propria côrte de Madrid, sem o apoio do governo de Portugal e o conselho da India, ouvido a esse respeito em consulta de 29 de abril de 1607.

Vimos como o dito D. Francisco, achando-se na Bahia de governador, ideou já mui provavelmente o vir a fazer-se herdeiro dos projectos de Gabriel Soares, alcançando para si proprio os mesmos privilegios, e que esta idéa influiria na resolução que tomou de ordenar que não proseguisse então na empreza o successor por elle designado.

A nomeação de D. Francisco, como governador da repartição do sul e superintendente das minas, deve-se ter realisado em novembro de 1607; pois, em 26 desse mez, mandou o governo de Lisboa sustar todas as ordens passadas para se tirar a residencia do anterior governo do mesmo D. Francisco, a cuja perniciosa influencia não duvidâmos attribuir o ter-se então mandado suspender a execução de um regimento para as minas, declarando-as livres, promulgado em Valhadolid em 15 de agosto de 1603, e que já até recebêra o *cumpra-se* no Rio de Janeiro, em março de 1605, e em Iguape, em 6 de abril deste anno; mas que não veiu a ser posto de uma vez em execução, senão depois de morto o dito D. Francisco, por carta regia de 29 d'agosto de 1617.

A criação de um governo ou capitania geral independente no sul não deixava de ter partidarios, e tinha até a seu favor uma clausula inserta na carta de nomeação de Affonso Albuquerque (filho do conquistador do Maranhão e moço fidalgo), de 12 de fevereiro de 1605[1], para capitão do Rio de Janeiro por seis annos, depois dos providos até 22 de outubro de 1604, na qual se diz: „E se por esta capitania do Rio de Janeiro estar muito distante da capitania da Bahia e parecer a Diogo Botelho, do meu conselho e governador geral das ditas partes,

[1]) Esta clausula foi inserta outra vez, depois da suppressão do governo do sul, nas nomeações de outros governadores do Rio.

que lhe deve commetter mais alguma jurisdicção da que tem po meus regimentos, lhe passará alvará." Porém D. Francisco nã se contentou com ser governador isento e superintendente da minas do seu districto. Requereu, e *por suas manhas*, agenci ando directamente na côrte em Castella, obteve não so, em 2 de janeiro de 1608, para si proprio, os privilegios e concessões que haviam sido conferidas a Gabriel Soares, e ainda outros mais, como veiu a alcançar um alvará (a 28 de março) para que, em quanto a minas, a sua jurisdicção se extendesse ao outro governo do Brazil.

As principaes concessões que obtivera, além das analogas outorgadas a Gabriel Soares, consistiam no goso, durante o seu governo, do titulo de grande, com uma guarda de honra de vinte homens; em poder nomear varios empregados com os correspondentes ordenados, trazendo desde logo comsigo, bem pagos pelo estado, um mineiro de ouro, com seu competente ensaiador, dois de prata, dois de ferro, um de esmeraldas, outro de salitre, e até um de perolas. E como se não fossem ja excessivas todas essas promessas e descommunaes todos esses gastos, promettia o rei que, quando viessem a ser productivas essas minas (que alias já estavam descobertas sem ser pelo agraciado), lhe seria conferido o titulo de marquez do primeiro logar que se povoasse, com cincoenta visinhos casados, com a renda de cinco por cento, com tanto que esta não viesse a exceder de trinta mil cruzados.

As concessões e graças foram tamanhas, especialmente no que respeita aos gastos da Fazenda pública, que chegam a autorisar a supposição de que D. Francisco as agenciou á custa das economias que teria enthesourado durante o seu primeiro governo....

Levou D. Francisco a assalariar gente, para levar comsigo, em Castella e Portugal, quasi todo o anno de 1608, e no fim delle, trazendo uma carta patente do proprio rei, então em Lerma, para D. Diogo de Meneses, ordenando-lhe que fizesse entrega das tres capitanias do sul, declaradas isentas do seu governo, partiu para o Brazil, e, sem se importar com uma provisão em que se lhe recommendára que seguisse em direitura ao seu districto, foi em 19 de fevereiro de 1608, aportar

primeiro em Pernambuco, onde justamente se encontrava então o governador D. Diogo de Meneses. Não poude este occultar o seu grande resentimento, e em carta ao rei de 22 de abril o desafogava, dizendo: „V. M. me mandou o viesse servir a este Estado, sem me declarar nenhuma separação, senão que o viria governar assi e da maneira que os passados; onde o tenho servido com toda fidelidade e satisfação de que V. M. me tem avisado." Todas as grandes promessas de avultadas rendas promettidas por D. Francisco, á custa de tantos gastos prévios, eram pelo mesmo D. Diogo judiciosamente combatidas com estas curtas frases: Crea-me V. M. que as verdadeiras minas do Brazil são assucar e páo brazil, de que V. M. tem tanto proveito, *sem lhe custar da sua fazenda um só vintem...*" „O mesmo negocio hade mostrar cedo a V. M. a perda que hade ter a sua fazenda,.. mas será então um mal que... não se poderá remediar".

Realisaram-se infelizmente os prognosticos do honrado estadista. D. Francisco seguiu para S. Paulo. Ahi sanccionou, em 11 de agosto, um contracto entre o seu filho primogenito D. Antonio e o provedor das minas Diogo de Quadros e Francisco Lopes Pinto para a erecção de uma nova fabrica de ferro, e nada mais fez; e os ordenados de todo o estado maior que comsigo trouxera, seguiam cobrando-se. Em 11 de junho de 1611 fallecia o mesmo D. Francisco, e, em conformidade de um dos privilegios que lhe haviam sido concedidos, deixava por successor o seu segundo filho D. Luiz, por achar-se ausente o primogenito.

Tomou o mencionado successor immediatamente posse em S. Paulo, e depois no Rio de Janeiro, em 13 de dezembro; mas vindo a ser, pelo alvará de 9 de abril do anno seguinte, revogada a provisão para a separação do governo do sul e de novo tudo annexado ao do norte, já confiado a Gaspar de Souza, teve o mesmo D. Luiz que fazer entrega do mando ao dezembargador Manuel Jacome Bravo, delegado do mencionado Gaspar de Souza, de quem, apezar das suas poucas habilitações, veiu a conseguir ser nomeado successor em 1616, a titulo de indemnisação equitativa, pelos direitos herdados e que lhe haviam sido retirados.

Dahi a mais de meio seculo, quando pelos esforços dos intrepidos Paulistas, as minas rendosas começaram a ser descobertas, e que os inuteis esbanjamentos de D. Francisco estavam esquecidos, lembrou-se um seu herdeiro com protecção na côrte, de requerer, *pelos serviços do seu avô*, o titulo de marquez das Minas, o qual lhe foi conferido pelo rei[1]. Ignoramos se este titulo *in partibus* ainda existe em Portugal. Se existe, não é por culpa nossa que a historia diz que elle está bem longe de significar uma glória nacional, conforme, para honra das nações monarchicas, convêm que succeda aos titulos que se declaram hereditarios. Nesta conformidade, em Portugal a glória do descobrimento das minas estaria com mais justiça personificada nos herdeiros de Salvador Corrêa, de quem sabemos que havendo-lhe o rei commettido, em novembro de 1613, o entabolamento, por confiar na „muita experiencia que tinha das cousas do Brazil e pelas muitas provas de sua verdade e zelo pelo serviço“, deixando „a sua prudencia o modo como nisso devia proceder“, contribuiu, com a maior abnegação, conjunctamente com seu filho Martim Corrêa, para que o mesmo rei expedisse a carta regia de 29 de agosto de 1617 e regimento de 8 de agosto de 1618, declarando as minas livres, para poderem ser exploradas por todos os seus vassallos, e mandando pôr em vigor o regulamento de Valhadolid de 15 de agosto de 1603; cuja execução havia sido mandada sustar pelos esforços interessados e egoisticos de D. Francisco de Souza; providencias que permittiram o desenvolver-se e espirito aventureiro dos Paulistas que vieram a ser os verdadeiros descobridores das minas *de Minas*.

---

[1]) Depois de fallecido D. Francisco, no cabeçalho do Reg. de 8 de ag. de 1618, se havia dito que „por muitas diligencias feitas por D. Francisco de Souza... se não poude por ellas averiguar a certeza das ditas minas, e não se tem tirado dellas proveito algum para minha Fazenda“.

SECÇÃO XXVI.

COLONISAÇÃO DO MARANHÃO. O BRAZIL ATÉ 1624.

Coincidencias. Jaques Rifault. Ravardière. Descreve-se o Maranhão. Occupam os Francezes o porto. Fortificam-se. Providencias dos nossos. Primeira expedição. Seu resultado. Outra expedição. Vai fundear no Preá. Hostilidades. Derrota dos Francezes. Mortos e feridos. Os Francezes e as colonias. Convenções. Icatú. Retirada dos Francezes. Narradores deste feito. Colonisação do Pará. Sua descripção. Posição preferida. Curupá. Estado do Maranhão e capitania de Caité. Fr. Christovam de Lisboa. Outras capitanias. Alagoas. Pernambuco e Parahiba. Sergipe. Espirito Santo e Rio. Baleas. Capitanias do sul. Santo Amaro e S. Vicente. Receios de invasão estrangeira, até de Turcos. Expulsão dos estrangeiros. Os Hollandezes. A guerra. Reflexões ácerca della. Falta de providencias. Companhia de commercio hollandeza. Seus privilegios. Expedição para o Brazil. Seus chefes e forças.

A occupação do Maranhão, por uma nação estrangeira, que D. Diogo de Meneses pensava impedir, propondo a criação, nessa parte da costa, de mais duas capitanias, além da do Ceará por elle installada, realisava-se justamente por essa mesma occasião. Jaques Rifault[1], arriscando-se, em 1594, com tres navios, a traficar na costa do norte do Brazil, e perdendo ahi dois delles, naufragando nos baixos da ilha que depois se disse de Santa Anna do Maranhão, viu-se obrigado a deixar na terra parte da tripolação destes, que não caberia no que lhe restava. No número dos que ficaram, alguns dos quaes vimos que foram aprisionados por Feliciano Coelho, distinguiu-se um Charles des Vaux, que conseguiu fazer-se amigo dos selvagens do Maranhão, e depois de haver-se encontrado nos conflictos da Ibiapába voltara á França, onde foi contar os prodigios da terra onde residíra algum tempo.

Tanto bastou para que, informado circumstanciadamente de tudo Daniel de la Touche, senhor de la Ravardière, que,

---

[1]) Feliciano Coelho escreveu Rifoles, e Pyrard, apezar de francez, disse (II, 568) Brifaut.

em 1605, obtivera do rei de França uma nomeação de seu logartenente para colonisar em Cayena, desistisse dessa concessão a troco de outra, em data do 1°. de outubro de 1610, para fundar uma colonia *ao sul da equinocial*, occupando cincoenta leguas para cada lado do forte que construisse[1]. Organisada uma companhia, que fez os primeiros gastos, vinham a final a partir de Cancale, em março de 1612 (isto é justamente quando D. Diogo dirigia á corte as propostas de que fizemos menção) tres navios, com muitos colonos e alguma gente de armas.

Fizeram esses navios escala na ilha de Fernão de Noronha, donde passaram á costa do Ceará, e, correndo com ella, chegaram a fundear ao abrigo da ilheta, que desde então se ficou chamando de Santa-Anna. Des Vaux, que ia na expedição, se incumbiu de levar aos seus Indios a notícia da chegada dos novos hospedes; e logo velejaram os navios para o principal porto da ilha.

Antes de tratar deste, digamos duas palavras de todo o districto conhecido pelo nome de Maranhão, que antes se deu ao rio Meary engrossado com as aguas do Pindaré.

A quasi duas terças partes da distancia que vai do cabo de S. Roque ao Amazonas, se engolfa a costa bastante para dentro, como se a alagassem ahi os muitos rios affuentes nesta paragem, que destinada a ser terra firme, como que se vinga de os rios lh'o não consentirem, apresentando tantos parceis e tantos escolhos, que podéra dizer-se que o mar aqui não se havia proposto de ser mar. Desses rios os mais caudalosos e que mais rasgam a costa são o Meary e o Itapicurú, que vindo da banda do sul, desde certa distancia um tanto parallelamente, depois de encontrarem a agua salgada, seguem ainda a par, inclinando-se um pouco para leste, formando as duas chamadas bahias, de S. Marcos ao poente, e de S. José, ao nascente, menos vasta do que a primeira. — Entre estes dois grandes rios se destaca naturalmente uma comprida peninsula ou nesga de terra mesopotamica, cujo extremo se esgarça do

---

[1]) J. C. da Silva, *L' Oyapoc et l' Amasone*, I, 9 e 10.

tronco principal e por conseguinte do continente, por um estreito furo ou canal chamado do *Mosquito*, e forma por si uma ilha de figura trapesoidal á qual se denominou tambem do Maranhão; e tem umas sete leguas na maior extensão de nordeste a sudoeste, e metade de largura, tomada perpendicularmente esta dimensão na linha de noroeste a sueste. A terra firme, da banda do poente, se avança para leste até a ponta de Itacolumi; de modo que deixa em parte abrigado um porto, que antigamente se dizia de Jeviré, o qual se fórma, ao N. O. da ilha, na juncção das aguas de dois rios, vindos do centro della, o Bacanga e o Turú, hoje denominado do Anil. Pode-se ter, sem dependencia de mappa, uma idéa aproximada da fórma desta ilha (valendo-nos de um simile que empregamos referindo-nos a outra) desenhando de perfil, voltada para o lado esquerdo, a parte dianteira do carão de um enrugado velho, com o labio superior summido e o inferior grande e caido, aberta a boca, o nariz grande, e de cavalete, a testa fugindo em linha recta para traz, e o queixo mui reintrante. Esse desenho, imitará proximamente a planta da face da ilha voltada do noroeste, ficando a cidade junto á venta, e representando esta o Turú ou Anil, a bocca o porto, e o paladar o rio Bacanga; vindo o canal do Mosquito a corresponder ao logar do pescoço. O promontorio ou peninsula, que se fórma entre esses dois rios, um tanto elevado, foi o local preferido pelo donatario francez para construir o seu forte; e temos hoje por mui provavel que seria o proprio onde, de princípio, se haviam estabelecido os filhos de João de Barros; pois é o local que ainda hoje se avantaja a todos os circumvisinhos; se bem que, com o crescimento successivo da cidade, veiu esta a ser um tanto ladeirenta, e como cabeça de tão grande districto tenha ainda o defeito de achar-se ilhada, e não poder, de algumas partes, chegar-se a ella senão atravessando em frente de uma barra.

Começou Revardière por fortificar esse local, cujo solo se mostra de um grés ferruginoso duro, por meio de uma cerca que guarneceu de vinte peças; e depois attrahiu para a ilha, com muitas dadivas e promessas, os Indios daquelles contornos, até cem e duzentas leguas. Em cada aldêa punha por

chefe um francez, com alguns soldados. Logo tratou de mandar explorar o paiz, de fortifical-o, e de fazer muitas roças. Chegou até o mesmo chefe a emprehender uma viagem ao Pará, indo por Tapuitapera, Cumâ, e Caité.

Deviam estas noticias chegar ao conhecimento da côrte, quer por via do proprio Brazil, quer da França, onde os preparativos se haviam feito sem grande segredo. O certo é que, nos mezes de outubro e novembro, expediu a metropole ordens terminantes ao novo governador geral Gaspar de Souza, nomeado desde o 1°. de março desse anno, aggregando-se-lhe outra vez (alv. de 9 de abril) as tres capitanias do sul, afim de que procedesse a fazer occupar o Maranhão. Não se dizia, ao menos por escripto, uma palavra de expulsão dos Francezes, de cujas forças parece nem havia exacta idea. Para isso começou o governador, como o seu predecessor por fixar a sua residencia em Pernambuco[1], afim de se achar mais perto: procedeu a todos os gastos, chegando até a tomar, arbitraria mas patrioticamente, uns cinco a seis mil cruzados, que estavam em deposito, da donataria de Itamaracá então em pleito. O governador se limitou a proseguir o plano proposto pelo seu antecessor, da criação de uma nova capitania além do Ceára, no porto de Camucim; e della elegeu por capitão ao mesmo Jeronymo de Albuquerque, que antes o fôra do Rio Grande, e era „experimentado nas cousas do sertão e dos Indios e grande truxamante[2] ou lingua entre elles, e com nome de seu bemfeitor e parente... mui acceito e conhecido em toda aquella costa[3]". Partiu Jeronymo de Albuquerque, e passando ao Ceará, ahi concertou com Martim Soares que fosse a reconhecer o resto da costa para sotavento, com o piloto Sebastião Martins, e a sondar a fôrça que tinham os Francezes no Maranhão, em quanto elle ia fundar uma povoação no Camucim, onde o mesmo Soares devia regressar com as noticias que alcançasse. — Partiu Soares para a banda

[1]) Deste e outros arbitrios lhe foram tomadas contas em (C. R. de 26 de ag. de 1614) ás quaes elle respondeu triumfantemente em 31 de janeiro 1615. (I, 11, 21.)
[2]) *Tapejar* se chama no norte do Brazil ao que no sul dizemos *vaqueano*.
[3]) Jorn. do Maranhâo, etc.

do Preá, e no mez de agosto se avistou com os Francezes do Maranhão, aos quaes deu por desculpa que andava embusca de um sitio a proposito para estabelecer um engenho de assucar; quando porêm quiz voltar a barlavento, não poude montar a costa, e foi arribado ás Antilhas, e no Brazil chegou a ser julgado perdido do que, alias, não esteve longe; pois, passando da ilha de S. Domingos para Hespanha, caiu captivo de um navio francez, depois de energica resistencia, da qual saiu muito ferido[1]. Albuquerque reconhecendo que no Camucim a terra era má, e que nem havia agua, pelo que naturalmnnte já antes fôra abandonada de Europeos, segundo indicavam ruinas de pedra e cal ainda patentes, se retirou a *Jeréré-coára*[2], ou o que vale o mesmo á bahia das Tartarugas; onde sob a invocação da Senhora do Rosario levantou uma povoação; e, como, depois de algum tempo de espera, não regressase Martim Soares, deixou nella quarenta homens ás ordens de um sobrinho seu, e regressou a Pernambuco. — Esses infelizes estiveram abandonados, defendendo-se dos Indios, e obrigados a comer hervas do campo, até que dahi a um anno lhes foi mandado de Pernambuco, nomeado para os commandar, Manuel de Souza d'Eça, em um navio com soccorros de gente e de mantimentos; os quaes soccorros chegaram justamente tres dias antes que ahi fundeasse uma náo dos do Maranhão, mandada por De Pratz, que não proseguiu em seu caminho senão depois de ver frustrado um ataque intentado contra o forte, com cem da tripulação que fez desembarcar.

Eram ja então mais terminantes as ordens do governo para se tratar da conquista das terras do Maranhão; e o Sargento mór Diogo de Campos, mui conhecedor do Brazil e que passára esse anno em Portugal, onde estava com licença, recebêra ordens terminantes para voltar ao Brazil a tratar desta conquista. Como já para ella estivesse nomeado capitão, o go-

[1]) C. de nomeaçâo de capitâo do Ceará por dez annos, de 24 de maio de 1619.

[2]) Jererécoára e o Camucim sâo os dois pontos mais salientes e de solo firme, em toda essa extensâo de costa, geralmente de areaes e medâos d'arêa.

vernador confiou a Diogo de Campos o posto de adjunto, para decidirem ambos os negocios em conselho. E em quanto o sargento mor em Pernambuco cuidava do aviamento das munições de guerra e de bocca, seguiu Albuquerque por terra para a Parahiba e Rio Grande, a juntar os Indios, esperando neste porto com elles a expedição maritima, nos preparativos da qual se gastaram mais de seis contos de reis.

Antes de partirem os navios de Pernambuco, chegaram pela Europa noticias de Martim Soares, e com ellas o piloto Sebastião Martins, que muito veiu a ajudar á nova empreza, pela circunstancia de haver reconhecido áquem do Maranhão o porto do Preá. — Patenteada a grande fôrça com que estavam os Francezes, ordenou o governador que a expedição se limitasse a ir primeiro fundar uma colonia áquem, no dito porto do Preá, no da Tutoya ou em Paranámerim, onde menos podessem aventurar-se; avisando o governador apenas ahi se estabelecessem. Embarcaram pois em Pernambuco, com Diogo de Campos, uns 300 homens; e partindo do Recife aos 23 d'agosto de 1614, foram a reunir-se a Jeronymo d'Albuquerque, que com Indios (em numero menor que este) os esperava no Rio Grande. — Seguiram para o Ceará, onde ficaram muitos Indios, além de quarenta da armada, em troco de uns dezoito frecheiros, que ahi se reuniram. Passaram ao Paranámerim e á bahia das Tartarugas, e aqui ainda diminuiu o número dos Indios, reduzindo-se a duzentos. Assim ao todo havia 500 homens d'armas: e no meio de não poucos perigos, foram fundear no Preá, e chegaram a resolver o estabelecer-se ahi, á margem direita da foz deste rio, no sitio em que desembarcaram, e a que deram o nome de *Quartel de S. Thiago.* — Achando-se este sitio pouco favoravel para estabelecer a povoação, sobretudo pela falta de um manancial de boa agua, mandou Albuquerque em um batel ao fluminense Melchior Rangel mui conhecedor da lingua dos Indios[1], com outros, em cujo número se encontrou o, então alferes, Pedro Teixeira, e, ainda de soldado, Antonio Teixeira de Mello, ao depois capitão mór

[1]) Segundo Berredo. Vej. tambem uma carta de Manuel de Souza d'Eça, Ms. 20. 846 do Mus. Brit.

na revolução contra os Hollandezes, a explorar algum porto mais pela bahia de S. José adentro. Voltou Rangel, com a noticia do que encontrou, quatro leguas distante do Rio Mony da margem direita. — Levaram ferro os navios, e atravez de milhares de perigos, por entre essas innumeras ilhas do archipelago, que chamaram das Onze mil Virgens, depois de navegarem ás vezes sobre lodo, entraram o canal de Mamuna, e chegaram por fim ao rio preferido, onde assentaram arrayal á margem esquerda delle, construindo um forte hexagonal sobre uma pequena eminencia no sitio chamado Guaxinduba[1]. Indicou o sitio para o forte o sargento mor, e logo o engenheiro Francisco de Frias dirigiu sua construcção. Um pequeno manancial separava o dito forte de um morro que do lado do norte lhe ficava a cavalleiro e que não foi occupado. O forte foi edificado no local em que hoje se diz *Villa Velha*[2] de Icatú, e o estar desse lado o arrayal foi provavelmente causa de que a bahia de S. Marcos se chamasse tambem do Arrayal.

Em quanto seguiam as obras do forte, que foi chamado de Santa Maria, começaram a acercar-se algumas canoas d' Indios, ora com apparencias de amisade, a qual o capitão mór se mostrava sempre propenso a acreditar, ora com intentos manifestamente hostis; pois alguns deram, de surpreza, em umas Indias que andavam mariscando e „com terrivel brutalidade", despedaçaram quatro moçoilas, e mataram um Indio que lhes acudira. Com este facto, que parecia não ser mais do que a cerimonia dos Indios de quebrar algumas cabeças, como signal de guerra, segundo seus usos e ritos, perderam muitos dos nossos a esperança de atrahir delles a amisade; pois que, depois de tal manifestação, sem a guerra „e sem se lhes dar uma grande rota"[3], não havia que pensar em pazes. Não foram porêm prejudiciaes estas aggressões preliminares; pois que pelos prisioneiros que, para salvar a mulher (que acabava

---

[1]) *Guasinduva* diz. o alv. de 3 de abril de 1618, pelo qual foi Pedro Teixeira nomeado capitão no Pará. Provavelmente de *Guassim* ou *guaxima*, e *tuba* muita.

[2]) Veja o Dicc. Historico-geogr. do Maranhão pelo Sr. Dr. Cesar Augusto Marques, 2ª. ed. p. 2 e 317.

[3]) Palavras de Diogo de Campos.

de ser surprehendida) fez, com grande coragem, o nosso principal Mandiocapuba, se poude conhecer melhor o estado, força e intentos dos Francezes, e mandar-se de tudo aviso, por dois caravellões, ao governador do Estado [1]. Deixando de occupar-nos por extenso dessas aggressões, bem como das primeiras investidas dos Francezes por mar, em uma das quaes nos tomaram uma caravella e dois barcos menores, que estavam quasi desguarnecidos, baste saber que por varios contratempos que nos foram favoraveis, os inimigos só conseguiram apresentar-se em fôrça, com sete embarcações e muitas canoas e igarités, diante do arrayal, mais de vinte dias depois que este fôra occupado, e que se estava fortificando. Se então se limitam a bloquear a recente colonia, talvez que ella se houvesse entregado, ou a sua gente mettido toda ao sertão antes de ser soccorrida. Felizmente porêm os Francezes, levados do seu natural ardor, resolveram atacar o arrayal, na madrugada do dia 19 de novembro de 1614. — Mandou Ravardière desembarcar uma força de duzentos Francezes e mais de mil e quinhentos Indios, ás ordens do seu immediato Pezieu. Occupou este a praia, e nella se fortificou com seis trincheiras de pedra ensôssa, e com muita arte as prolongou a cuberto do nosso forte até o morro padrasto a elle, no qual com faxinas se fabricaram parapeitos. Conheceu Albuquerque que já não devia esperar o ataque, e que era essencial tomar a offensiva, antes que os atacantes aperfeiçoassem seus reparos. Deixando pois de guarnição no forte unicamente uns trinta soldados, dos menos capazes de combater, dividiu a mais força em dois corpos, de setenta espingardeiros e quarenta frecheiros, além de um corpo de reserva quasi todo de Indios. Confiou o mando deste último ao seu sobrinho Gregorio Fragoso d'Albuquerque; e dos primeiros, tomou de um o mando, e entregou o outro ao seu companheiro Diogo de Campos. Encarregou-se o capitão mor de ir com a sua gente contornear o morro que occupava o inimigo, e de dar a tempo signal para Diogo de Campos atacar os da praia pelo outro lado. Em

[1]) A „Sua Senhoria“ diz Diogo de Campos. Tal era o tratamento que então teriam os governadores.

quanto effectuavam o movimento, veiu um parlamentario de Ravardière com uma carta, intimando a Albuquerque que se rendesse. — Abriu-a Diogo de Campos, e suspeitando no inimigo intentos de ganhar tempo, deteve o parlamentario e caiu sobre os da praia, tomando-lhes a primeira trincheira: seriam as dez da manhã. Vinham soccorrel-os os do morro, quando avançou a nossa reserva atacando-os, e aos primeiros, de flanco. Logo Albuquerque se apresentou do outro lado, a decidir a acção, o que succedeu em virtude da morte do chefe dos contrarios, o illustre Pezieu. Debalde ideou Ravardière um desembarque, com oitenta homens, para occupar o nosso forte. A maré tinha vasado, e suas lanchas não podiam aproximar-se, e eram varejadas pela nossa pouca artilheria. Por outro lado, tambem os combatentes não podiam embarcar-se: suas canoas estavam igualmente em secco, e em número de umas quarenta foram incendiadas pelos nossos Indios. Retiraram-se pois os contrarios para o alto; donde foram tambem desallojados, bem que com muito maior trabalho; e durante a noite a muito custo se recolheram ás embarcações, havendo para isso Ravardière tido que bordejar pela costa. A perda do inimigo em mortos passou de cem homens; nove ficaram prisioneiros. De nossa parte tivemos onze mortos e dezoito feridos, entrando neste numero Antonio de Albuquerque, filho do capitão mór, e o fluminense Belchior Rangel. Os Francezes desanimaram muito com um tal revez: e vieram a offerecer um novo exemplo de sua pouca propensão para as emprezas de colonias longinquas.

E como seja certo que a boa guerra traz boa paz, Ravardière depois de mandar pedir licença para enterrar os mortos, começou em praticas e correspondencias, que pouco a pouco se foram suavisando, a ponto de concluirem os dois chefes por combinar a suspensão de hostilidades por todo o anno immediato, durante o qual pediriam novas ordens das côrtes respectivas, onde cada qual mandaria um agente ou emissario. Nesta correspondencia ja aparece Jeronymo de Albuquerque assignando-se com o cognomen de Maranhão, que desde então tomou. — Para ir a Paris, com o agente francez, o capitão De Pratz, nomeou o capitão mór a seu sobrinho

Gregorio Fragoso, dando-lhe além das instrucções por escripto, uma carta de recommendação, habilmente redigida, para o embaixador hespanhol naquella côrte. Para Lisboa partiu o sargento mór Diogo de Campos, e em sua companhia, como agente por parte dos Francezes, um official por nome Mathieu Maillard[1] — que havia estado antes em Pernambuco.

Decorreram alguns mezes até que, mais de meiado o mez de outubro[2] do anno de 1615, chegavam a Jeronymo de Albuquerque tropas de soccorro. Conduzia-as o honrado capitão mór por largos annos de Pernambuco, Alexandre de Moura; e, porque era superior em cathegoria, devia empossar-se tambem do mando supremo de todas as fôrças, poupando, ao mesmo tempo, ao verdadeiro conquistador Jeronymo d'Albuquerque o desar de ser elle proprio obrigado a quebrar as treguas que estipulára, conforme se resolvêra. Desembarcadas as tropas, e installadas em um porto a que se deu o nome de *S. Thiago*, situado em paragem que dominava o porto, intimou o mesmo Alexandre de Moura a Ravardière que se rendesse, ao que este annuiu, compromettendo-se a partir no fim do anno, isto é dentro do termo de cinco mezes, sendo indemnisado do que deixasse na ilha. Em fé do quê, fez logo entrega do forte de Itapary (ou de S. José) que na mesma ilha ficava fronteiro ao nosso. Ainda não haviam decorrido tres mezes[3], quando a chegada de um poderoso reforço de sete navios e dois barcos menores, trazendo novecentos homens, e com elles, ja de volta, o activo sargento mór Diogo de Campos e o capitão Martim Soares, veiu ainda a fazer alterar o ajustado, e a apressar a partida dos Francezes, sem outra condição mais que a da concessão da livre retirada de suas pessoas e bens. No dia 3 de novembro fez Ravardière entrega

---

[1]) Estes partiram a 4 de janeiro, e chegaram a Lisboa á presença do arcebispo vice-rei, no dia 5 de março.

[2]) Partira de Pernambuco este soccorro levado em barcos, bastante grandes alguns, aos 5 de out. chegando ao Preá a 15. Vej. o *Roteiro* escripto pelo piloto mor desta expedição Manuel Gonçalves, Regefeiro de Leça.

[3]) A 17 de outubro fundearam no Pereá: donde sairam para a ilha de Santa Anna, e desta para o porto de S. Luiz, segundo o roteiro desta jornada escripto pelo piloto mór Manuel Gonçalves.

do forte chamado por elle de S. Luiz, e logo pelos conquistadores de S. Filippe. Os Francezes que o guarneciam se embarcaram para a Europa. Ravardière acompanhou a Alexandre de Moura a Pernambuco, e daqui passou a Lisboa onde o retiveram por tres annos preso na Torre de Belem, passando por fim a França, e chegando a Quillebeuf em 1620. A invocação do nome do rei S. Luiz foi conservada á cidade pelos vencedores; que dedicaram á Senhora da Victória a da primeira igreja matriz. A' camara da cidade foi pelo novo capitão mór concedida (12 de dez. 1515) uma legua de terra de patrimonio.

Com os Francezes tinham vindo alguns religiosos capuchinhos. Dois destes, Claude d'Abbeville [1] e Ives d'Evreux [2], foram chronistas dos feitos dos Francezes e suas relações com os Indios, cujas obras hoje conhecemos e dão, talvez mais que os de Soares e de Cardim, uma pintura exacta da vida intima dos nossos Tupis. Em Madrid publicou tambem, em 1617, o P^e^. Francisco Bourdemare uma relação em latim [3], que se crê perdida (como ia succedendo na totalidade á do P^e^. Ives), e na qual se trataria talvez da continuação dos dois anteriores, vinda de mais onze religiosos da mesma ordem, etc. De nossa parte foi historiador de quasi toda a jornada o sargento mór Diogo de Campos, a quem Berredo e Southey não fizeram mais que seguir, ás vezes sem a devida prevenção contra as suas exaggerações ou resentimentos, aliás pouco favoraveis á glória do prudente chefe pernambuco.

Segura a capitania do Maranhão, Alexandre de Moura em virtude de ordens que tinha, antes de regressar a Pernambuco, dispoz a fundação de outra nova, obra de cento e cincoenta leguas ao poente, nas aguas do Pará. Fiou o encargo, com o titulo de capitão mór, a Francisco Caldeira de Castello Branco, que viera por chefe do primeiro soccorro dando-lhe por piloto

---

1) *Histoire „de la mission Pêres Capucins en l'île de Maragnan"*, etc. Paris, 1614.

2) *„Suite de l'Histoire des Pêres capucins,"* etc. 1615; 1ª. edição destruida; de um exemplar da qual (incompleto), se fez, em 1864, uma nova edição, com eruditas notas de Mr. F. Denis, nas quaes trata com muito favor o A. desta Historia Geral.

3) Relatio de populis brasiliensibus, in 4°.

mór Antonio Vicente Cochado, e fazendo-o acompanhar do capitão Pedro Teixeira, que acabava de prestar serviços em Guaxinduva, e que outros mais assignalados veiu depois a prestar no Amazonas. Um dos encargos que levava Caldeira era saber „o que havia no cabo do Norte“[1]. Partiu Caldeira do Maranhão[2], com cento e cincoenta homens, em tres embarcações, e seguindo pela costa com toda a precaução, andando só durante o dia, entrou pelo Guajará e foi assentar a povoação. O districto primitivo da nova capitania não deixa de ter analogia com o do Maranhão que descrevemos. Em logar do rio Meary, temos aqui o grande Amazonas[3]; em vez do Itapicurú, enfiando-se pela bahia de S. José, temos o Tocantins e o golfo, que se chamou rio do Pará, communicando com o mesmo Amazonas pelo furo ou canal de Limões, e pelo de *Tagipurús*[4], o qual separa do continente a ilha de Marajó, de figura oval, e obra de seis tantos maior em superficie que a do Maranhão. Tem pois bastantes parecenças esta nova paragem com a do Maranhão; sendo principalmente a differença de ser na foz do primeiro rio da terra tudo mais grandioso: aguas, ilhas, porto, tudo parece formar um labyrinto sem fim. — Preferiu Caldeira uma paragem á quem da ilha de Marajó, analoga, respectivamente a esta, á do forte de Santa Maria da Guaxinduba relativamente á ilha do Maranhão. Deixando pois a ilha de Marajó á mão direita, foi costeando, desde a Tigioca, as terras e ilhas que ficam aquem daquella, communicando por vezes com os Indios, e contando-lhes as proezas contra os Francezes no Maranhão, até que navegadas umas trinta e cinco leguas (por este número as avaliaram então) encontrou um pontal de chão firme e elevado, de grés ferruginoso, igual ao da ilha do Maranhão, que julgou mais apropriado para a povoação que ia fundar. Era uma penin-

---

[1]) *Rel.* do cap. André Pereira, companheiro desta expedição. Ms.

[2]) No dia de Natal, segundo assevera o capitão André Pereira que ia na expedição.

[3]) „Trazem os homens cabello comprido como mulheres e de mui perto o parecem; de que pode ser nasceria o engano que dizem das Amazonas“. — Este desengano nos dá o capitão André Pereira, companheiro de Caldeira, e autor de uma relação que existe em Madrid.

[4]) Isto é dos „Canibaes de machados de pedra“.

sula formada á margem direita do rio Guamã, ao desembocar no Guajará; de modo que dos dois lados ficava essa peninsula defendida pelos proprios igapós ou alagados desses dois rios. No pontal mais saliente construiu o forte, a que deu o nome de *Santo Christo*, chamando á cidade de *Nossa Senhora de Belêm*. Bem sabiam, tanto Caldeira como os seus pilotos que se não achavam no verdadeiro tronco do Amazoas[1]; mas por ventura não houvera sido conveniente o terem ido mais longe; visto que mais fóra d'alcance ficariam de ser soccorridos, até por terra, da capitania do Maranhão.

Começou logo o trabalho da fortaleza; e não tardou a apresentar-se um Francez, que andava entre os Indios, fugido dos seus compatriotas do Maranhão; o qual deu notícia de como, mais pelo rio acima, vivia um Flamengo, ahi deixado por compatriotas seus, afim de aprender a lingua; acrescentando que, havia poucos dias, tinham partido daquelle mesmo porto, ora occupado pelos nossos, tres barcos hollandezes, notícia que foi confirmada pelo dito Flamengo, quando veiu á fala. Informou este que, mais ao norte, se achavam estabelecidos uns duzentos e cincoenta a trezentos de seus compatriotas, com duas tranqueiras para protegerem suas roças e plantações, especialmente de tabaco, algodão e urucú, traficando tambem em páo coatiára e outras madeiras.

Proseguiu Caldeira com maior actividade no acabamento do forte; e resolveu dar aviso, para Portugal e para o Maranhão, da situação em que se achava com inimigos tão perto. Não tendo porém mais que um navio á sua disposição, que destinou para Portugal, deliberou enviar ao Maranhão por terra, aproveitando-se das aguas de alguns rios, os dois capitães Pedro Teixeira e Antonio da Costa, com dois soldados e trinta Indios. Partiram estes emissarios do Pará no dia 7 de março (1616), e ao cabo de dois mezes de penosa viagem, livrando-se de uma traição que no Caité lhe armaram os Indios, conseguiram apresentar-se no Maranhão. Para ir á metropole,

---

[1]) O proprio capitão André Pereira que ia na expedição, diz que entrou a armada por um braço estreito que está na ponta a que chamam de Saparará, da *parte de leste*, etc.

com o piloto mor Antonio Vicente, foram escolhidos os capitães André Pereira e Antonio da Fonceca. Fizeram viagem pelas ilhas de S. Domingos e Terceira. Tendo-se deixado ficar nesta última o capitão Fonceca, seguiu o seu companheiro até Lisboa, onde expoz ao proprio vice-rei quanto se passava.

No Maranhão os soccorros foram em breve apromptados, e enviados em várias canoas, de que foi por capitão Custodio Valente. Consistiu em trinta arcabuzeiros, muitos Indios frécheiros e o valor de dois mil cruzados em fazendas de resgate. Tudo foi devido ao zelo e actividade do conquistador do proprio Maranhão Jeronymo de Albuquerque, então capitão mor, em consequencia da retirada para Pernambuco, em principios de janeiro, de Alexandre de Moura, conduzindo comsigo a Ravardière, apenas partidos os demais Francezes.

Em Lisboa andou mais lento o apresto do soccorro; não chegou a apromptar-se antes do anno seguinte 1617; mas foi mais efficaz. Para o conduzir havia sido nomeado primeiro Antonio Barrozo, em 14 de janeiro; mas por seu fallecimento, veiu a substituil-o Manuel de Souza d'Eça, commandante de um dos navios. Acompanhou aos mencionados o capitão André Pereira e o piloto mor Antonio Vicente Cochado, e quatro missionarios capuchos. Este reforço chegou ao Pará em 28 de julho. Provavelmente antes da partida de Lisboa teria sido expedida a carta regia de 4 do maio (confirmada em 18 de julho) declarando que se mandassem para o Maranhão todos os sentenciados a degredo para o Brazil; disposição que proseguiu em vigor, e que encaminhou para esse rumo todos os degradados com que as Ordenações haviam aquinhoado o Brazil.

Com o soccorro, levado do Maranhão por Custodio Valente, regressaria provavelmente Pedro Teixeira, que, nesse proprio anno de 1616, sabemos ter ido em pessoa, com duas canoas, atacar um navio hollandez, o qual á custa de trez feridas, conseguiu tomar e queimar, depois de haver retirado delle a artilheria que trouxe para a fortaleza do Pará. Depois foi mandado pacificar todo o districto do Caité e da „ilha de Todos os Santos, pela notícia que tinha daquella terra“ [1].

---

[1]) Alv. de 3 de abril de 1618 (44—42.)

Passado pouco maiz de um mez (em setembro de 1617) teve logar a deposição do capitão mor Francisco Caldeira. Um sobrinho seu matou infelizmente outro official: instaurou-se-lhe o processo; mas o capitão mor, sob pretexto de que o matador fazia falta ao serviço, mandou-o soltar. Clamaram em contra dois amigos do morto, e passaram a asylar-se no hospicio dos capuchos. Ordena o capitão mor que os arranquem dahi á força; mas, em vez de ser obedecido, viu cercada a casa de sua residencia; sendo logo deposto e acclamado em seu logar o capitão Balthasar Rodrigues de Mello.

Informados os Indios das immediações das desordens que se passavam entre os novos colonos, começaram a fazer-se arrogantes; e, sob o mando de um principal denominado *Guaimiába*[1] ou „Cabello de Velha", chegaram a pôr em apertado cerco a cidade, dando lhe um assalto, no dia 7 de janeiro de 1618; o qual felizmente foi repellido, caindo morto o dito principal.

Constando em Pernambuco o no Maranhão o perigo que ameaçava de novo o Pará, apressaram-se tanto o governador geral, como Jeronymo d'Albuquerque, a enviar-lhe o soccorro que cada um poude. O governador mandou quatro barcos com tropas ás ordens de Jeronymo Fragoso de Albuquerque, que nomeou capitão mor do Pará; e o capitão mor do Maranhão despachou por sua parte a Bento Maciel Parente, que se offereceu a passar ahi por terra; depois de ter reconhecido ser de pouco lucro seguir em novas expedições pelo Pindaré arriba; e por ventura desejoso de tentar fortuna em outra paragem, já que tão pouco bem lhe ia nesse Maranhão, que ao cabo lhe havia de vir a ser fatal.

Jeronymo Fragoso chegou, felizmente, ainda a tempo de fazer levantar o sitio que já estava de novo apertado, soffrendo a cidade até de fome. Enviou presos para a metropole, não só a Caldeira e seu sobrinho, como a Balthasar Rodrigues, capitão mor acclamado. — Seguiu logo em perseguição dos Indios sitiantes e de seus alliados, e, nesta campanha, chegou

---

[1]) *Garnipócaba* se lê em Jaboatâo, Preamb. p. 128; mas, ou se refere o outro, ou se equivocou na leitura de algum manuscripto em letra antiga.

a afastar-se da cidade umas duzentas leguas; vindo ainda a ajudal-o Bento Maciel, que passou a tal demasia em captivar Indios que teve que ir-lhe á mão o proprio capitão mor, que entretanto falleceu.

Por esse tempo havia tambem fallecido no Maranhão (11 de fevereiro de 1618) o seu capitão mor e conquistador Jeronymo de Albuquerque, succedendo-lhe seu filho Antonio d'Albuquerque; o qual julgou que podia seguir governando sem dependencia dos dois capitães que, para o ajudarem com o seu conselho, haviam sido indicados por seu pai, antes de fallecer, um dos quaes fôra o proprio Bento Maciel. Mathias d'Albuquerque, irmão do novo capitão mor, proseguiu nas guerras em que se achava empenhado no districto até o Pará, que se desejava pacificar, afim de deixar livre a communicação por terra entre as duas novas capitanias. Era Mathias ainda mais conhecedor que seu pai do modo de levar os Indios, mostrando-se com elles, primeiro valente e destemido, e, depois da victória generoso, mas não confiado.

Havendo o governador geral ordenado que Domingos da Costa Machado, capitão do baluarte S. Felippe, e segundo dos adjunctos indicados por Jeronymo d'Albuquerque, se associasse ao governo do dito Antonio de Albuquerque, este brioso joven, que havia sustido só o governo durante quatorze mezes, preferiu retirar-se a Portugal; vindo depois a ser nomeado capitão mór da Parahiba, e a prestar ahi novos serviços ao Brazil.

Conservou Domingos da Costa o mando pouco mais de tres annos, durante os quaes começou a prosperar muito o Maranhão, com a chegada de um grande número de colonos dos Açores, em virtude de um contracto feito pela corôa com Antonio Ferreira Bettancourt e Jorge de Lemos Bettencourt; havendo dado exemplo a esta emigração, e contribuido depois a animal-a, Simão Estacio da Silveira; que com esse intuito chegou pouco depois (1624) a publicar uma curiosa *Relação summaria das cousas do Maranhão*, apresentando as suas terras e situação em tudo mui superiores ás do Brazil.

Estes grandes grupos de familias açorianas, modestas, moralisadas e trabalhadoras, vieram contrabalançar o effeito

dos muitos degradados que começaram a ser enviados da metropole, no ardor de ver aqui augmentar-se rapidamente a povoação.

Foi em tempo de Domingos da Costa que a mesma metropole deliberou o crear no Maranhão um governo especial, independente do do Brazil; segundo já terminantemente se declara no alvára de 7 de novembro de 1619, pelo qual foi dado ao ouvidor Sebastião Barboza, entaõ nomeado, um regimento em dezenove artigos, com jurisdicção, por acção nova, até cinco leguas em derredor do districto onde estivesse, nas causas, tanto civeis como crimes, não só dos moradores e naturaes, como dos capitães, soldados e gente de guerra, sentenciando-os a final, ou dando appellação ou aggravo, nos casos excedentes á sua alçada, para a casa da supplicação de Lisboa. A alçada foi-lhe marcada até deseseis mil reis nos bens de raiz, vinte nos moveis, podendo impôr penas até de quatro mil reis. Conheceria das appellações e aggravos interpostos dos ouvidores capitães do seu districto. Aos escravos e peões, em causas crimes, podia mandar açoutar, e tanto a estes como aos de mór qualidade mandar degradados para fóra do seu districto, e em certos crimes atrozes poderia, combinando com o governador, impor pena última, excepto aos de mór qualidade. Poderia passar cartas de seguro e alvarás de fiança; e conceder perdões, com assentimento do governador, duas vezes por anno, pelo natal e endoenças. Faria o officio de provedor, em quanto este cargo não fosse creado; e preencher interinamente em ausencia do governador, os officios de justiça vagos. Tiraria annualmente não so as devassas designadas nas Ordenações, como outras acerca de contrabando do páo-brazil, commercio illicito com estrangeiros, descimentos de Indios, e dos homens casados com mulheres ausentes no Reino por mais tempo do que o permittido nas leis. Não poderia, finalmente, ser suspenso pelo governador; devendo este, em caso de commetter o ouvidor algum crime, autoal-o e envial-o perante o rei.

Entretanto, é certo que a organisação definitiva de um novo estado, independente do Brazil, e abrangendo as tres capitanias do Maranhão, Pará e Ceará, só foi effectivamente decre-

tada pela carta regia de 13 de junho de 1621; e que as recusàs de varios governadores escolhidos a tiveram empatada até 23 de setembro de 1623, em que foi nomeado Francisco d'Albuquerque Coelho de Carvalho, successor de seu pai Feliciano Coelho no mando da Parahiba. Houve idéa de crearse tambem no novo Estado outra diocese, incluindo nella a Pernambuco, porém não foi levada a effeito; autorisando-se apenas a fundação de conventos de capuchos. Fr. Christovam de Lisboa, irmão de célebre antiquario Manuel Severim de Faria, foi escolhido para custodio, visitador ecclesiastico e commissario da inquisição, a descontento dos Jesuitas, que começavam a pretender exercer ahi toda influencia.

Porêm é tempo de volvermos ao Pará, donde nos desviamos por occasião do fallecimento do Capitão mor Jeronymo Fragoso.

A surpreza que a todos causou esta inesperada morte, que não fôra prevenida devidamente, se deduz das differentes pretenções que se apresentaram á successão. Tomou primeiro o mando Mathias d'Albuquerque, a pretexto de ter uma provisão de seu primo Jeronymo Fragoso para governar em sua ausencia. Venceu-se porém logo que legalmente se devia proceder á eleição, e recaiu esta no capitão Custodio Valente, tendo por conselheiro e adjuncto o commissario dos capuchos Fr. Antonio da Merciana. Allegou tambem direitos Bento Maciel; mas triunfou por fim o capitão Pedro Teixeira, que, pelo sangue derramado das tres feridas que recebêra em combate, na propria capitania, tinha maior sequito. Recorreu Bento Maciel ao governador geral do Brazil, e conseguiu que este o preferisse para capitão mor, sendo confiada a Pedro Teixeira a commissão de abrir ou fazer mais praticavel a communicação terrestre-fluvial até o Maranhão, donde mais tarde seguiu de novo a guerrear com os Hollandezes, como diremos.

Bento Maciel dedicou-se com empenho a construir, para defender a cidade de Belem, um forte a que deu o nome de *Presepio*, todo de taipa, com portadas de alvenaria e tres baluartes com fosso. E nesta obra se achava, quando se viu surprehendido com a chegada do capitão Luiz Aranha de

Vasconcellos, nomeado pela governo da metropole, com ordens especiaes para reconhecer o Amazonas, onde se haviam installado, com dominio intruso, alguns subditos hollandezes e de outras nações, que a metropole ordenára dahi expulsar, quando ja antes, por aviso de 4 de novembro de 1621, pensára em providencias „afim de se povoar e fortificar a costa que corre do Brazil até S. Thomé dc Guyana e Bocas de Drago", — aviso este mui notavel, cuja noticia escapou á escrupulosa investigação de um fallecido e erudito collega e amigo, que deixou ao Brazil, acerca destas paragens, um livro-monumento.

Havia trazido Luiz Aranha provisões para que todos os capitães mores o ajudassem segundo podessem na importante empreza a que vinha; pelo que, aportando primeiro em Pernambuco, recebeu ahi de Mathias d'Albuquerque uma caravella com dezesete soldados e o piloto Antonio Vicente Colhado[1], então o maior pratico dos rios do Pará e Amazonas; e mais oito mil cruzados em fazendas. De André Pereira Themudo, capitão do Rio Grande recebeu quatro soldados. Antonio Moniz Barreiros deu-lhe, no Maranhão, mais quinze soldados; e ahi se acabou de preparar, aggregando a si muitas canoas e multidão de Indios frécheiros; e partindo para o Amazonas, em fins do proprio mez de maio.

Felizmente que, quando se iam aproximando do forte onde estavam os Hollandezes, se haviam posto de sobreaviso; pois estes, com quinze canoas e alguns centos de Indios, vieram tratar de lhes dar um ataque á meia noite. Durou a briga duas horas, ficando os nossos vencedores; e captivos os contrarios. Deposeram estes que na fortaleza visinha, chamada Muturú, não havia então mais de vinte soldados, com alguns escravos, que lavravam tabaco, os quaes, á intimação dos outros, vieram a entregar-se, com a artilheria, armas e escravos.

Daqui resolveu o capitão Luiz Aranha passar a atacar outro forte, no Gurupá, e mandando adiante uma canoa, com tres soldados e quarenta frécheiros, foi esta acomettida por doze canoas do gentio, ás quaes resistiram valorosamente, até che-

---

[1]) Não Machado, como se lê em Berredo (500).

garem os demais, que decidiram da victória, perdendo os aggressores quatro de suas canoas, e muitos mortos e feridos, perecendo dos nossos sete, ficando feridos vinte e cinco. Chegados ao forte de Gurupá, e intimado este a render-se, entregaram-se trinta e cinco de guarnição, com a artilharia e armas, informando a Luiz Aranha da existencia de duas feitorias occupadas por Inglezes.

Com intento por ventura da refazer-se, regressou então Luiz Aranha ao Pará; e ahi soube que Bento Mariel havia saido em seu auxilio, com setenta soldados e mil frécheiros, em um caravellão e vinte e duas canoas, levando por capitães a Pedro Teixeira, Ayres de Souza Chichorro e Salvador de Mello; vindo depois a reforçal-os, com mais tropa, o alferes Antonio d'Amorim. Saiu logo a encontrar a estes o capitão Luiz Aranha; e, unidas as fôrças, foram desalojar os intrusos dos seus reparos e casas fortes, passando depois á ilha dos Tucujús, que já encontraram desamparada.

Logo souberam que estava ali perto um barco inimigo; pelo que, deixando em terra parte da gente, se prepararam a abordal-o, quando rompesse a alva, com a caravella, o caravellão e dez canoas; mas tal resistencia encontraram, que não conseguiram tomal-o, somente incendial-o, morrendo toda a guarnição, depois de ter causado aos nossos notaveis perdas. Nestes ataques se encontrou Antonio Teixeira de Mello, ao depois capitão mór do Maranhão e heroe da sua restauração, contra jugo o hollandez.

Bento Maciel passou a levantar fortaleza em Gurupá, e começou a intitular-se „Primeiro descobridor e conquistador do rio Amazonas e Gurupá", titulo que alias, com menos sem razão, se arrogava Luiz Aranha; mas de que Bento Maciel veiu a receber maiores recompensas, obtendo (16 de março de 1624) carta de confirmação de duas leguas de terra que obtivera de sesmaria no Itapicurú do Maranhão, e passando depois (1625) á côrte a fazer melhor valer os seus serviços. No Governo geral do Brazil haviam succedido a Gaspar de Souza, primeiro D. Luiz de Souza; e a este, em outubro de 1622, o mallogrado Diogo de Mendonça Furtado.

Os serviços de Gaspar de Souza, na conquista do Mara-

nhão, que elle allegou em Madrid, grangearam-lhe a ampla recompensa da carta de doação (9 de fevereiro de 1622) de uma capitania, que passou a ser de juro e herdade, desde o Turi-assú ao Caité, com fundo de vinte leguas para o sertão. Ahi mandou pôr marcos, um dos quaes, em que se lia = Souza =, ainda em nossos dias foi encontrado nas Salinas. O donatario e seu filho fundaram as povoações de Caité (Villa-coera) e Souza, ao depois chamada Bragança.

As outras capitanias seguiam pelo mesmo tempo prosperando á sombra da paz. Ao Ceará regressára de capitão o fundador da colonia Martim Soares, que, resistindo, por duas vezes, ás ameaças de duas náos hollandezas, veiu ja a prometter o que foi dahi a trinta annos, — um dos campeões da restauração de Pernambuco. No Parahiba seguia o gentio completamente sugeito. O mesmo succedia na capitania de Itamaracá, adjudicada por fim ao conde de Monsanto, D. Alvaro Pires de Castro e Souza. A de Pernambuco ganhára com a assistencia ahi do governador Gaspar de Souza, e depois do seu successor D. Luiz de Souza, que só foi residir na cidade do Salvador, quando para isso recebeu ordem expressa da Côrte, acompanhada de uma provisão para que nenhum governador do Brazil tivesse jurisdicção nem cobrasse ordenado, a menos que não residisse na verdadeira capital do Estado. — A povoação do Recife crescia consideravelmente; bem como toda a dita capitania de Pernambuco, sob as ordens do capitão Mathias d'Albuquerque, irmão do donatario, e seu logartenente. A colonisação e cultura se extendera ao extremo meridional da capitania, e se desenvolvia consideravelmente nas visinhanças das *Alagoas,* nas villas da Magdalena e de Santa Luzia[1].

Constituiam Pernambuco e a Parahiba uma prelasia ou administração ecclesiastica independente dos bispos do Salvador, da qual fora nomeado administrador Antonio Teixeira Cabral[2]. Porêm em 1623 foi de novo tudo annexo ao bispado,

---

[1]) *Dial. das Grand. do Brazil.*
[2]) Fundada por um cego: já existia em 1612.

o que no anno seguinte foi confirmado pela carta regia[1] que mandou executar o breve d'annexação.

Em Sergipe, a fiscalisação ia regularmente, e a metropole se occupava de animar ahi o aproveitamento das nitreiras, propondo-se até a estabelecer uma fabrica de polvora no Brazil.

Na Bahia em 1622, tomára, posse do báculo o doutor em canones D. Marcos Teixeira. D. Marcos era ja bastante velho. Fôra arcediago e inquisidor em Evora, e depois membro da Meza da consciencia.

Durante o governo de D. Luiz de Souza teve logar uma expedição ás minas do Caramurú, ás ordens de Francisco Dias d'Avila, da qual fizeram parte o ao depois famoso Calabar[2], e um Hollandez chamado Guilherme Joosten Glimmer, que della transmittiu notícia a Marcgraf (Liv. VIII, cap. 2). Consta que o dito Francisco Dias[3] herdára de seu pai informações acerca dessas minas.

O Espirito Santo, privado dos braços dos Indios, recebia-os de Africanos; e por privilegio especial, não era obrigado a pagal-os a dinheiro; porém sim em assucares e outros generos.

A capitania de S. Thomé, que por morte de Pero de Goes passára a seu filho Gil de Goes da Silveira, foi por este e sua mulher Dª. Francisca de Aguilar Manrique, ambos residentes em Madrid, *deixada* á Corôa em 1619, (por escriptura lavrada em Lisboa por seu procurador Antonio Diniz em 22 de março), mediante uma tença de cem mil reis á dita sua mulher.

No governo do Rio de Janeiro se havia distinguido muito Constantino Meneláo que o exerceu de 1613 a 1617. Expulsou os inimigos de Cabo Frio, e construindo ahi uma fortaleza, de que fez capitão Estevam Gomes, assegurou a occupação

---

[1]) C. R. de 27 de Setembro de 1624.
[2]) Off. de J. de Walbeek de 2 de julho de 1633.
[3]) Podéra crer-se herdeiro de Roberio (Roberto?) Dias, ou de Antonio Dias Adorno; mas temos por mais provavel que de Belchior Dias Caramurú, que com este nome traduzido em *Moréa* (que alguns converteram em Moribeca) requerêra em Lisboa o descobrimento dessas minas.

desse districto, abundante em páo-brazil e em marinhas de sal. A colonisação e segurança para as bandas de Macahé foi comettida a Martim Affonso Arariyboya e seu sobrinho Manuel de Souza.

Durante o mando de Meneláo a cidade prosperou. Os engenhos augmentaram-se pelo Reconcavo. A povoação cresceu, e duas ruas chegavam já do morro do Castello ao de S. Bento; a camara municipal mostrou actividade e adquiriu certo ascendente, que foi proficuo durante o mando, menos recommendavel, do successor de Meneláo, cujos desacertos foram atenuados pela prudencia do que se lhe seguiu Francisco Fajardo, que em 1623 (11 de julho) passou felizmente o mando a Martim de Sá, que de novo bem mereceu de sua patria, nas sabias providencias que tomou contra as ameaças dos Hollandezes, augmentado o numero das fortalezas do porto. Em 1619 (5 de junho) foi pelo governo dado ao novo ouvidor Amancio Rebello Coelho um regimento em doze artigos, concedendo-lhe maior jurisdicção que a que tinham os corregedores das commarcas no Reino. Este ouvidor foi especialmente censurado de haver-se eximido de cumprir seus deveres no sentido de vingar as reaes prerogativas contra os abusos dos ecclesiasticos.

Ao sul do Rio de Janeiro se distribuiram novas e grandes sesmarias. Uma de seis leguas da terra, que foi dada em Santos (em 8 de junho de 1618) aos herdeiros de Thomé de Alvarenga, nas cabecèiras do Guandú, vieram os Padres a reunir á sua fazenda de Santa Cruz, pela exigua quantia de um conto de reis.

Na Ilha Grande se apresentára em 1614 o almirante Joris van Spilbergen, e lhe foram negados refrescos que pedia.

A opposição que seguiram fazendo os jesuitas, em particular aos habitantes de S. Paulo, encaminhou a muitos destes, cada vez mais ousados, e aproveitando-se do predominio que o irem a cavallo e o terem armas de fogo lhes dava sobre os Bugres, percorreram, para o sudoeste, a ourela de terras de campos virgens que se extende proximo ás cabeceiras dos rios que vão, pela margem esquerda ao Paraná, da foz do Tieté para baixo, e chegaram aos campos ao norte dos de Guarapuava, chamados missões de Guayrâ, onde captivavam mi-

lhares de Indios. Os captivos eram conduzidos prezos, alguns até o Rio de Janeiro; e em virtude das representações do governador Martim de Sá ao rei contra este abuso, foi commettido o negocio ao ouvidor da capitania. Por esse tempo dedicavam-se Gonçalo da Costa de Almeida e João Peres, „mestre e avaliador de perolas e aljofar na capitania de S. Vicente e outras partes do Brazil", a explorar essa indústria, para que obtiveram privilegio (alv. de 27 de abril de 1618), sem lhes resultar nenhum proveito. Por este mesmo tempo se debatiam, e logo se resolviam no sul as questões ácerca dos deslindes entre as antes chamadas capitanias de Santo Amaro e de S. Vicente. A primeira, originariamente de Pero Lopes, fôra adjudicada por sentença confirmada pelo rei (1617) em favor do conde de Monsanto, D. Alvaro Pires de Castro e Souza, que vinha assim a ser o sexto donatario legitimo. — A segunda primitivamente de Martim Affonso, fôra (igualmente por sentença que teve confirmação régia) adjudicada á condessa do Vimieiro, D. Marianna de Souza Guerra. Em quanto se decidiam as dúvidas que pendiam de sentença, fôra capitão de S. Vicente Martim de Sá, que, ausentando-se para o Rio, nomeou por logartenente a Fernão Vieira Tavares, o qual se apresentou na capitania tomando posse de todas as villas della. Logo porêm que o morgado de Martim Affonso foi adjudicado á condessa de Vimieiro, nomeou esta por delegado a João de Moura Fogaça, o qual, ao passar pela Bahia, fez ao governador geral preito e homenagem pela dita capitania, e alcançou, delle governador, ordem para que as camaras dessem por suspensa a autoridade de Tavares. Aggravou este para a Relação do Estado, expondo como apezar de haver sido julgado não pertencer ao seu constituinte a capitania de Martim Affonso, eram delle as villas do districto, por isso que se achavam todas para o norte da linha divisoria das mesmas capitanias, tirada leste oeste pelo meio da barra de S. Vicente. Por este lado tinha justiça e, em conformidade com o accordam da Relação [1], foram adjudicadas a seu successor Alvaro Luiz

[1]) Vej. este accordam na Mem. de Pedro Taques, IX, 168. Que elle é da Relação da Bahia deprehende-se do que se diz logo adiante (p. 172 e 294 e 295 do dito tomo).

do Valle[1] o ouvidor e capitão mór logartenente do conde de Monsanto, as villas e terras para o norte da dita linha divisoria, de fórma que a nobre capitania do honrado Martim Affonso se resignou d'ali em diante, injustamente, a ter por villa principal a da Conceição de Itanhaem. E dizemos injustamente porque, sendo certo que as villas de S. Vicente e Santos, situadas ao norte da linha tirada leste-oeste na barra, pertenciam de direito a Pero Lopes, com todo o terreno desde certa linha além da serra por diante, no caminho de S. Paulo, já tudo começava outra vez a ser do possuidor da costa para o norte da foz do Juquiriquerê; isto é, do herdeiro da capitania de Martim Affonso, a quem se deviam adjudicar então as villas de S. Paulo e de Mogy, as minas de Jaraguá, os engenhos ou fabricas de ferro de Ipanema etc., se os interessados fossem mais conhecedores da geographia ou tivessem visto um mappa exacto, que só por si apresentaria na maior clareza este negocio que a tantos preoccupou[2].

Cabe aqui dizer que, por todas as capitanias, os receios de alguma invasão estrangeira era como um sentimento público. Temiam-se Francezes, temiam-se Inglezes, temiam-se Hollandezes, e até se chegava a temer Mouros e Turcos. E não era muito que tivesse medo de Mouros quem não se achava em melhor condição defensiva do que os habitantes da ilha de Santa Maria dos Açores[3], a qual uns corsarios argelinos acabavam de saquear, nem do que os da de Porto Santo[4], aos quaes, por serem em menor número, haviam levado captivos, ministrando um facto historico, que nos explica como poderiam ter outr'ora, em tempos immemoriaes, sido povoados e depois despovoados, esses archipelagos do Atlantico[5]. Era a propria

---

[1]) Fr. Gaspar, p. 207.
[2]) P. Taques e Fr. Gaspar cançam-se querendo dar a razâo á casa de Vimieiro, por nâo atinarem o modo. Devemos aqui advertir que Taques é sempre autoridade mui superior a Fr. Gaspar: nâo arrazoa tanto, mas tem mais critica, e é mais seguro.
[3]) Em 1632 intentaram tambem os Turcos um ataque á ilha do Corvo; porêm foram rechassados.
[4]) Acerca deste ataque vej. I, 88, 70.
[5]) Neste número comprehendemos as Bermudas (Ity) que havendo-se encontrado povoadas em 1498, foram depois achadas despovoadas por Bermudez.

metropole quem ajudava a inspirar tantos temores, incluindo os de corsarios argelinos[1]; ora recommendando toda a vigilancia com os christãos novos, ora mandando internar até onde não houvesse perigo, ou expulsar do Brazil, os estrangeiros, não os consentindo nem para feitores de engenhos, ora pedindo de todos listas com a indicação de suas posses e haveres. — A perseguição dos estrangeiros datava já do seculo anterior[2]; e ainda em principios do anno de 1607 participava Alexandre de Moura quo em Pernambuco ia fazendo embarcar os que havia. — Porêm o certo é que o maior perigo não estava em terra: estava no mar, ou além delle, como a todos os colonos lhes dizia certo presentimento bem fundado. Só no decurso do anno de 1616 haviam os Hollandezes tomado vinte e oito navios da carreira do Brazil. Em 1623 subiu o número a setenta. Debalde ordenava a côrte que mettessem no fundo suas embarcações; que fossem sentenciados logo neste Estado os que se prendessem; debalde lembrava e repetidas vezes[3] ás differentes capitanias que entre si resolvessem a imposição de tributos para manter uma esquadra de guarda-costa: debalde ouvia pareceres de gente conhecedora do Brazil, incluindo o padre Fernão Cardim[4], acerca da construcção de navios neste Estado, ou do logar em que devia ter frotas. Marchava (para nos servirmos de uma idea que naquelles tempos seria mais hollandeza que brazileira) demasiado constitucionalmente, quando era sobretudo urgentissimo obrar, de modo tão arbitrario como é permittido a todo o governador de praça, apenas o estado de sítio se declara.

Não somos, mercê de Deus, fatalista na historia. — Cremos sim, que uma guerra de tempos a tempos pode erguer um paiz do seu torpôr; cremos que a estranha, quando a costa brazilica acabava de ser occupada na totalidade, com as cidades de S. Luiz e de Belem, no Maranhão e no Pará, poderia estabelecer, como estabeleceu, mais união e fraternidade, em toda a familia

---

[1]) R. de 5 de dez. de 1617.
[2]) Pirard (1610), citado por Southey, II, 670.
[3]) 14 e 28 d'ag.; 6 de nov., e 13 de dez. de 1618, Southey, I.
[4]) Deu o seu parecer (que originalmente se guarda na Acad. da Hist. em Madrid), no 1°. d'out. de 1618.

já brazileira; cremos que se estreitam muito nas mesmas fileiras os laços de que resultam glórias communs, e que não ha vinculos mais firmes que os sanccionados pelos soffrimentos; e tanto que ao estrangeiro que peleja ao nosso lado e que derrama o seu sangue pela nossa causa, lhe conferimos pelo baptismo do sangue a mais valiosa carta de naturalização... Porêm temos para nôs que quando o inimigo nos ameaça, ha que prepararmo-nos para o receber á porta da casa, e não dentro della, depois de nol-a haver saqueado, para nos matar com as nossas proprias armas, se não lhe pagamos os tributos que nos impôe. Ora taes preparativos mal se fizeram; pois deviam consistir principalmente em ter, não fortalezas fixas; mas praças de guerra moveis: — uma respeitavel marinha colonial. — Deixemos ao fatalismo embrutecedor o explicar-nos como o Brazil bradava aos ceus, pelos seus costumes pervertidos, pedindo uma invasão, que chegou a ter metade delle separada da outra metade, por tantos annos, que mal se explica como veiu a soldar-se. A pezar da nossa nimia tolerancia, que melhor avaliará o leitor para o diante: apezar de reconhecermos os bens que algumas provincias brazileiras devem hoje aos Hollandezes, cremos que se cometteram faltas graves, e que o governo não obrou neste ponto como pedia o caso. Dirão que havia chegado, na Terra de Santa Cruz, ao auge a corrupção, o roubo e o escandalo[1]. Cremol-o: mas tambem cremos em Deus, e em que vencido o inimigo, houvera tudo remediado com o poder da lei, um coração robusto, que a soubesse fazer cumprir. A existencia de Lycurgo podéra ser um mytho: fabula não é. A observancia da religião e o poder das boas leis podem melhorar os homens e as gerações; e são effectivamente quem os melhora para Deus e a sociedade.

As faltas do governo haviam de tal modo engolozinado os Hollandezes com tantas prezas feitas por elles, de um modo

---

[1]) „Que os ministros da justiça dobravam a rectidâo de suas varas ao pezo de quatro caixas de assucar; que ja se conjugava em todos os modos e tempos no Brazil o verbo *rapio*, para nos servirmos da expressâo empregada depois por Vieira, na famosa predica do *Bom ladrão*; que o habito de vestir pouco os escravos embotava os sentimentos de pudor e delicadeza, pelo que eram communs os vicios da

impune, que ja não se duvidava de qual era o aggressor mais imminente, quando renasceu com vigor na Hollanda o pensamento da organisação de uma Companhia de commercio occidental, analoga á que existia para o Oriente. E este pensamento encontrou agora partidarios; a Companhia se organisou; e os Estados Geraes das *Provincias-Unidas* (que assim se denominava a nova nação) a autorisaram por uma carta patente concebida em quarenta e cinco artigos, aos 3 de janeiro de 1621, justamente quando estava para findar a tregua de doze annos pactuada com a Hespanha em 1609, na qual, alias tão mal contempladas haviam sido as colonias de Portugal. — Essa tregua fôra como o primeiro reconhecimento de independencia, dado pela Hespanha á nova republica que se constituíra, primeiro pela perseguição e intolerancia religiosa do duque d'Alba, e depois pelo apoio valioso de Guilherme d'Orange e sua dynastia, a quem a nação veiu mais tarde a mostrar-se reconhecida, quando proclamou a realeza.

A' Companhia era cedido pelos Estados Geraes o direito exclusivo de commerciar durante vinte e quatro annos, em quasi toda a Africa e America, de nomear governadores e mais empregados, de concluir tratados de alliança e de commercio com os indigenas, e até de construir fortes, tudo mediante previo juramento, prestado ao chefe da Republica. Os Estados Geraes obrigavam-se a pagar á Companhia, para participar de seus beneficios, duzentos mil florins pelo tempo de cinco annos. O capital da mesma, começando por pouco mais de sete milhões de florins, avultou bem de pressa a dezoito milhões. Compunham-na cinco secções, de differentes estados, tendo cada uma daquellas seus chefes; ficando porêm a administração geral confiada a dezenove directores ou deputados das diversas secções, na ordem proporcional aos fundos de cada uma deste modo: oito por Amsterdam, quatro por Zelan-

---

libertinagem; que os assassinatos eram frequentes, e que muitas vezes a vingança da offensa era covardemente confiada a um escravo, que recebia, a troco do seu crime dos mais atrozes ante Deus e os homens, o premio da alforria; que... em fim tudo estava coberto do mormaço indicador da tempestade."

dia, dois por Groningue; e finalmente o decimonono nomeado pelos Estados Geraes. Estas proporções soffreram depois mudanças mais ou menos importantes.

Em quanto a nova companhia hollandeza se organisava, não faltou quem lembrasse a formação de outra na Peninsula hispana, para lhe fazer face. Eram autores da idéa varios judeos portuguezes, residentes na mesma Hollanda, e em cujo coração as injustiças e perseguições não haviam ainda apagado o amor da patria. Em 7 de janeiro dava Pedr' Alvares Pereira conta d'esse plano, que lhe era proposto por um Duarte Gomes de Solis, o qual punha para elle a condição unica de que se outorgasse aos judeos o direito de commerciarem nas colonias; direito que, aliás, a troco de um donativo de duzentos mil cruzados, lhes havia sido concedido em 1601 (C. de 31 de julho), se bem que pouco lhes durasse o beneficio; pois foi logo revogada a concessão em 1610, sem que o dinheiro se lhes restituisse. O certo é que o pensamento de uma companhia geral para o commercio do Brazil, em opposição a essa da Hollanda, e que veiu contribuir a hostilisal-a, só chegou a levar-se a effeito muito depois, e sempre com alguns capitaes de judeos.

Organizada a companhia, approvados os regulamentos, e emprehendidos ja inclusivamente alguns primeiros ensaios, o conselho dos dezenove decidiu tentar um ataque sobre o Brazil, e, para dar o golpe mais decisivo e mais seguro, resolveu acometter a cidade capital, — a Bahia, que era tambem a mais conhecida dos Hollandezes.

Na Hollanda foi o projecto approvado pelos Estados e pelo Stadthouder; e se esquipou uma grande armada de que foi nomeado almirante Jacobo Willekens; vice-almirante o bravo e venturoso Pieter Piet Heyn; e commandante das tropas e governador das futuras conquistas Johan Van-Dorth. Constava a expedição de vinte e tres navios e tres hiates, armados com quinhentas boccas de fogo, tripulados de mil e seiscentos marinheiros, e guarnecidos de mil e setecentos homens de desembarque.

Sarpou a esquadra do porto de Texel, e depois de alguns

contratempos, se foram os navios reunindo nas alturas da Bahia, até que se acharam em circunstancias de dar o ataque.

A guerra era mui legitima. Concluida a tregua no dia 9 de abril desse anno (1621), havia o proprio rei ordenado, por carta regia do dia 15 do dito mez, que os Hollandezes fossem tratados como *inimigos*.

SECÇÃO XXVII.

PERDA E RECUPERAÇÃO DA BAHIA. O SUL E O MARANHÃO.

Providencias tomadas pelo governador Diogo de Mendonça. Rivalidades do bispo. O inimigo acomette a Bahia. Desembarca, toma a cidade, e prende o governador. Juntam-se os moradores nos arredores e começam a hostilisar os intrusos. São mortos successivamente dois governadores da cidade. Primeiras providencias vindas da Corte. Mando de Nunes Marinho. Morte do bispo. Governo de D. Francisco de Moura. Chega a esquadra auxiliadora. Sitio posto á cidade. Sortida do inimigo. Sua capitulação. Regresso da esquadra auxiliadora. Governo de Diogo Luiz. Dois ataques do bravo Piet Heyn contra o Reconcavo, em 1627. Providencias insufficientes tomadas pela Côrte. Real d'agua. Suppressão de Relação. O sul e o norte do Brazil por esse tempo. Sublevações dos Indios no Reconcavo, no Rio Grande (do N.) Missões de Guayrâ. Rio de Janeiro. Campos. Ceará. Maranhão e Pará. Propostas de Bento Maciel. Capitanias de Cumâ e Cametá. Forte do Desterro no Amazonas.

Quando chegou a notícia dos intentos hostis da expedição hollandeza, estava de governador geral na Bahia Diogo de Mendonça Furtado, que havia ácerca d'ella recebido avisos directos da metropole, com ordens mui antecipadas para fortificar especialmente as entradas dos portos da Bahia e do Recife. Para dar o devido cumprimento a taes ordens, teve o mesmo governador que arbitrar uma nova contribuição; e apezar de ter encontrado na cobrança d'ella alguma opposição, seguiu providenciando ácerca da defensa da Bahia o melhor que soube: fez guarnecer de artilheria os fortes já feitos; levantou outro novo em uma lagem que havia no porto em frente da cidade, consistindo apenas em uma cerca de fachina e de cestões, dos quaes alguns ainda vazios.

Existiam n'esse momento na cidade uns tres mil homens d'armas; havendo o governador, pouco antes, ao receber as primeiras notícias de que para ali se dirigia o inimigo, convocado dos arredores todos os da ordenança, muitos dos quaes haviam acudido de menos boa vontade; e assim o manifestavam, com o apoio do proprio bispo da diocese, D. Marcos Teixeira

que, acabando de ter com o mesmo governador conflictos de jurisdicção e disputando-lhe até a precedencia, aproveitava este ensejo para lhe fazer opposição e alcançar popularidade.

Apezar de mui adiantado em annos, era o bispo ainda escravo dos estimulos da ambição. Por seus esforços, depois de propôr que se creassem alguns officiaes do Sancto Officio no Brazil, „que os havia mister pela muita povoação e qualidade da gente que n'elle habitava" tinha conseguido fazer-se nomear inquisidor commissionado no mesmo Brazil, e, oppondo-se ao pensamento manifestado pela corôa de criar um bispado no Maranhão, reunindo-se a esse novo bispado a administração ecclesiastica de Pernambuco e Parahiba, havia alcançado que tudo lhe ficasse sujeito. Encontrando alguma contrariedade da parte do desembargador Francisco Mendes Marecos, procurador da corôa, e que em desempenho de seus deveres defendia d'esta os fóros, havia, pouco antes, chegado ao excesso de excommungal-o.

No dia 8 de maio de 1624 foram avistadas as velas inimigas, e desde logo mandou o governador tocar a rebate, e, juntando-se de novo a gente, a distribuiu como julgou mais acertado. O bispo apresentou-se n'essa mesma tarde, com uma companhia de ecclesiasticos armados e, percorrendo as estancias, exhortava a todos á defensa, o que igualmente, a seu exemplo, praticaram varios individuos das ordens religiosas, os quaes aliás bastante faziam então avultar o número dos moradores da cidade.

Na madrugada do dia seguinte, o inimigo, com vento favoravel, enfiou a entrada, passando longe do alcance do canhão dos fortes. Eram trinta e tres navios. Cinco d'elles fundearam logo de fronte de Santo Antonio; em quanto os demais, com a almiranta, seguiram até pôr-se em linha defronte da cidade. Então disparou a mesma almiranta com polvora sêcca, e despediu um batel com bandeira de paz; mas á salva e ás indicações pacificas responderam os fortes com alguns tiros de bala; o que vendo os atacantes, começaram a disparar por bandas contra o forte de mar e a cidade, e os quinze ou dezeseis navios que estavam junto á praia, e cujas tripulações trataram logo de desamparal-os, depois de lançar-lhes fogo; mas tão mal posto este

que, com tres lanchas apenas, conseguiram os inimigos atalhal-o em oito d'elles, dos quaes se apoderaram á boca da noite. Parece que projectaram os atacantes abalroar o forte do mar; porém, receosos dos baixos, deram fundo, e começaram a batel-o, despendindo logo depois de bordo quatorze lanchas armadas. Por fim conseguiram assenhorear-se do mesmo forte, com perda apenas de quatro mortos e dez feridos.

Entretanto, desde as duas da tarde, uma força de mais de mil homens, com duas peças de artilheria, effeituára outro desembarque, do lado da barra, perto do pontal de Santo Antonio, e assenhoreando-se do forte ahi situado, se dirigiu para a cidade, sem encontrar a menor resistencia, em varios desfiladeiros no caminho, onde houvera sido facilimo apresental-a.

Para mais favorecer os atacantes, ao entrar a noite, ainda os arredores da Bahia se viam allumiados pelo clarão que despediam os navios que se incendiavam, e cuja combustão, facilitada pelo alcatrão dos massames, era alimentada pela carga de assucar que abarrotava alguns d'elles.

Os que por terra vinham do lado da barra seguiram até as portas da cidade, e foram sem a menor resistencia alojarse em S. Bento, extra-muros; e toda a gente de cavallo que o governador mandára ao seu encontro havia desertado.

Os moradores já aterrados com o grande estampido dos canhões, com o incendio de uns de seus barcos e tomada de outros, e finalmente com a perda dos dois fortes, ao ter noticia de achar-se o inimigo tão perto, tomaram-se de extraordinario panico e começaram logo n'essa noite todos a fugir, sem poder contel-os o governador. O proprio bispo, que tão valente se mostrára na vespera, se dirigiu ao collegio dos padres da Companhia, e induzia muitos a que fugissem com elle, levando comsigo quanto de mais precioso possuiam, arrebanhando dest'arte tambem apoz si muitas familias.

Detiveram-se estes fugitivos um pouco na quinta do mesmo collegio, a meia legua da cidade; e logo seguiram d'ali até o rio Vermelho. Levava este rio bastante agua e não se podia vadear. Achavam-se na sua margem milhares de pessoas, incluindo muitas mulheres e crianças. Aos lamentos de quem

já chorava tanta desgraça, vieram então juntar-se os ais e supiros de todos, quando alta noite, apoderados de medo, chegaram a crer realmente o que viam na fantasia; a saber que o inimigo vinha em perseguição d'elles, e ali os ia alcançar a todos em breve.

Entretanto os Hollandezes pernoitavam no forte do mar e no convento de S. Bento, fantasiando, por sua parte, os perigos que ainda teriam que passar no ataque da cidade, que reservavam para a manhã immediata.

Mas durante essa noite fugiam todas as tropas, ao serem informadas de retirada da cidade do bispo, e de grande parte dos moradores. No dia seguinte os aggressores entraram na cidade, e dirigindo-se ao palacio do governador, o prenderam, sem que este podesse impor nenhuma especie de capitulação.

Enviado á Europa, com os demais prisioneiros, que foram o seu filho Antonio de Mendonça, de 17 annos de idade, o sargento mor[1], o ouvidor geral Pedro Casqueiro, o provincial dos jesuitas Domingos da Cunha, e mais quatro padres, e quatro irmãos, de todos elles, nesse mesmo anno, depois de chegarem (em outubro) á Hollanda, foi publicada, em Amsterdam, uma gravura, com os respectivos retratos, em corpo inteiro, tendo em primeira plana o governador e o provincial, no fundo a vista da cidade do Salvador.

Assim, a milicia do paiz, sem a necessaria disciplina, abandonára os seus postos, á medida que o perigo d'elles se aproximava; e os moradores, vendo fugir os que deviam defendel-os, fugiam tambem, abandonando os seus lares, e procurando levar comsigo quanto podiam.

A muita facilidade encontrada pelo inimigo em assenhorear-se da cidade não o fez adormecer, nem descuidar-se de prover sem demora a augmentar a sua defensa; a fim de resistir aos que, em tão grande número, a tinham abandonado, e podiam, cobrando brios, procurar recuperal-a. Tratou logo de entrincheirar-se, cavando fossos, levantando parapeitos, construindo

---

[1]) Chama-se-lhe Pedro da Cunha, devendo dizer-se Francisco de Almeida; nome este que tambem vem na estampa applicado a um negociante. Deve ter havido engano no troca destes dois nomes.

baterias e plataformas, e artilhando-as convenientemente. Reforçou os parapeitos com pentes e palissadas, e accumulou nas entradas infinidade de estrepes. E todo o systema de defensa ganhou muito, amparado por uma especie de lagôa invadeavel, que engenhou do lado da terra, represando ahi as aguas correntes, por meio de um dique levantado defronte do convento de S. Francisco, e defendido por uma bateria. Ao mesmo tempo eram lançados bandos e proclamações, convocando os habitantes a regressar ás suas casas, promettendo-se-lhes a maior tolerancia e respeito á propriedade.

Em abono da verdade, cumpre dizer que mui poucos dos moradores acudiram ao chamamento.

A maior parte dos que haviam deixado a cidade se passaram do rio Vermelho á aldeia do Espirito-Santo, hoje Abrantes, a umas seis ou sete leguas da mesma cidade. Reunidos ahi ao bispo varios desembargadores, tendo a certeza da prisão do governador, decidiram que este se devia considerar morto para o estado, e que, n'este conceito, elles se achavam autorisados a abrir as vias de successão. Encontrou-se n'ellas designado Mathias d'Albuquerque, capitão mór em Pernambuco, que desde logo foi d'isso avisado; assentando-se, porém, que, em quanto este novo governador não chegasse, ou não indicasse quem o devia substituir, obedecessem todos[1] ao desembargador Antão de Mesquita de Oliveira, o qual entretanto se appellidaria capitão mór, e seria auxiliado, no que respeitava á milicia, por seis capitães que foram tambem nomeados.

Desagradou, segundo parece, a eleição do desembargador ao bispo D. Marcos, o que se nos apresenta como bastante provavel, ao lembrarmo-nos das provas de ambição que déra antes, disputando preeminencias ao proprio governador, nomeado pelo soberano. O certo é que Antão de Mesquita foi dentro de poucos dias deposto pelos officiaes da camara da cidade reunidos na Pitanga, os quaes elegeram por capitão mór ao mesmo bispo, e por coroneis de toda a milicia da terra aos moradores Antonio Cardoso de Barros e Lourenço Caval-

---

[1]) „De accôrdo com os officiaes da camara de Bahia, que estavam retirados na Pitanga,“ diz Bartholomeu Guerreiro.

canti d'Albuquerque, ambos naturaes do Brazil e que por ventura ajudariam tambem a depôr Antão de Mesquita.

Apoderado do governo, desenvolveu o bispo a maior actividade. Ordenou que seiscentos homens escolhidos em vinte e sete guerrilhas, ou companhias de emboscada, de vinte e cinco a quarenta individuos cada uma, se aproximassem da cidade, ás ordens dos mesmos coroneis; os quaes teriam á sua conta, um o districto do Carmo, e outro o de S. Bento, unicas paragens por onde, em consequencia do dique, a cidade era accessivel. E pela sua parte, elle bispo com os demais soldados, em numero passante de mil, deixando a aldêa do Espirito Santo, se aproximou tambem da cidade, a uma legua d'ella; assentando arrayal junto ao rio Vermelho, fortificando-o com fossos e trincheiras dobradas, „sendo o primeiro que, para as fazer, tomou a enxada e cesto". — Ainda em seu tempo, no mesmo arrayal foram assestadas „seis peças de artilheria, seis roqueiras e tres falcões de bronze".

Entretanto as companhias de emboscada se aproximavam muito da cidade e do lado do Carmo por vezes surprehenderam o inimigo, e lhe mataram ou aprisionaram alguns. Chegaram até a idear entrar pelo convento, e passar d'elle á cidade, surprehendendo-a; mas não correspondeu o resultado aos desejos. Aventurado foi porém o capitão Francisco Padilha, armando defronte de S. Filippe uma cilada ao governador da praça, Van Dorth, quando vinha de visitar Monserrate. Disparando contra elle, e matando-lhe o cavallo que montava, arremeteu a pé e o degolou. Dias depois foi igualmente surprehendido e aprisionado o commandante do forte de Itapagipe. — Seguiram-se outras emboscadas, mais ou menos felizes, sendo uma na ilha de Itaparica, onde, passando os Hollandezes a fazer carnagem, os capitães Affonso Rodrigues Adorno e Pero de Campos os foram surprehender, tomando-lhes duas lanchas e cinco roqueiras; e outra em que o inimigo deixou no campo, entre mortos e feridos, quarenta e cinco, graças ao arrojo do dito capitão Padilha e de tres outros mais, todos pelo bispo armados cavalleiros. Provavelmente foi n'esta refrega que morreu o coronel Albert Schott, successor de Van Dorth.

Em principios de setembro chegou ao arrayal Francisco Nunes Marinho, mandado de Pernambuco por Mathias d'Albuquerque, já de posse do governo, para servir de capitão mór, cargo este que havia exercido na Parahiba, onde estava residindo. Trazia algum soccorro de munições, e poderes para que o seu mando se extendesse tambem a Sergipe, Ilheos e Porto Seguro. No mesmo arrayal o bispo lhe entregou o governo, e d'ahi a um mez proximamente (8 de outubro) entregava a alma a Deus.

Para ajudar a Francisco Nunes Marinho mandára Albuquerque a Manuel de Sousa d'Eça, antes capitão no Ceará, e já despachado para o Pará.

Nunes Marinho assignalou-se por novas emprezas felizes, não só do lado do Carmo e de Itapagipe e ilha de Itaparica, como do lado de S. Bento e até da Villa Velha, o que obrigou os sitiados a roçar o mato e a cortar as arvores ao redor da praça, até onde poderam, e a abandonar o forte da barra, que ainda então occupavam.

O mando de Marinho foi ainda de menos duração do que o do bispo, pois não chegou a ser de tres mezes, passando-o (no dia 3 de dezembro) a D. Francisco de Moura, natural de Pernambuco, e que militára em Flandres: era sobrinho do famoso D. Christovão de Moura, e acabava de governar em Cabo Verde. Estava já pelo rei nomeado e prestes a partir, quando em Lisboa havia chegado a parte de Mathias d'Albuquerque de haver escolhido a Nunes Marinho, — pela muita confiança que n'elle punha. Trazia D. Franciso de Moura o titulo de „*capitão mór do Reconcavo,*“ e era portador de promessas e esperanças de um soccorro consideravel. Por quanto havendo chegado (em julho), a Lisboa e a Madrid, a notícia da occupação da Bahia, todos se haviam alarmado muito, já pela perda d'ella em si, já, principalmente na Hespanha, pelo perigo que d'essa perda resultava a todas as suas colonias da America.

Em conselho pleno de estado e guerra se havia resolvido[1] o apresto de uma poderosa esquadra, para seguir para a Bahia,

---

[1]) Simancas, Consultas Orig. Minist. de Guerra, Legalho 1325.

com um corpo de oito até doze mil homens de tropas, devendo ouvir-se a tal respeito a D. Fadrique de Toledo, como já predispondo-o ao mando d'ella. Para a esquadra e para o reforço de gente, deviam concorrer não só Portugal, como tambem os demais estados subordinados á mesma corôa, incluindo Napoles.

Bem saberia a côrte que um tão grande soccorro não se podia mui depressa arranjar só em Portugal; e a consciencia lhe diria que esta calamidade só a recebia aquelle reino por lhe estar sujeito.

Em quanto porém a esquadra se ficava preparando, enviava a côrte o dito D. Francisco de Moura. Além d'isso, havia expedido a favor de Mathias d'Albuquerque alvará de confirmação no governo do Brazil, dispensando-o da obrigação de residir na Bahia, segundo fôra ordenado desde 19 de março de 1614. — Igualmente recommendára a Francisco Coelho de Carvalho, que estava nomeado governador do novo estado do Maranhão, e já em caminho para elle, que, com a gente que levava, se detivesse em Pernambuco. Ao governador do Rio de Janeiro, Martim de Sá, ordenára que acudisse á Bahia com quanta gente e mantimentos podesse. Havia sido encarregado de trazer estas ordens Francisco Gomes de Mello, natural do Brazil, e pouco antes (13 de julho de 1624) nomeado capitão do Rio-Grande do Norte; não havia tardado elle em partir, com duas caravellas, em companhia de Pedro Cadena[1] de Villasanti, casado na Parahiba, e que ao depois (1637-1638) veiu a ser na Bahia provedor mór[2].

Por sua parte os Hollandezes não deixavam de receber tambem promessas, e deviam já considerar como prova da muita importancia que a Companhia Occidental ia dar á sua nova conquista, um extenso regimento, para o seu governo, datado de 19 de novembro; e que, se bem d'esta vez não teve applicação, veiu mais tarde a servir de modelo para outro de Pernambuco[3].

[1]) Não *Pedro Cudeña*, como se diz na traducção allemã da sua *Descripção do Brazil* em 1634, impressa em Brunswick em 1780.
[2]) Brito Freire, § 171 e 900.
[3]) Groot Placaert Boeck de 1664.

Consolavam-se tambem os Hollandezes com os reforços que recebiam, e com as prezas que faziam, algumas das quaes sem trabalho, indo alguns navios, ignorando que elles se achavam de posse do porto, ahi fundear. N'este número se contou um em que vinha, com sua familia e cabedaes, D. Francisco Sarmiento de Sotomayor, que havia sido governador do Potosi. E mais que tudo se consolavam os Hollandezes com as noticias que recebiam, de que tambem já nos portos de Hollanda se ficava aprestando uma grande armada para soccorrel-os.

O mando de D. Francisco de Moura se assignalou pela occupação de varios postos fortificados do Reconcavo, de que era capitão mór, empreza que commetteu a Manuel de Sousa d'Eça, e pela conveniente organisação, para melhor proteger os engenhos, de uma pequena esquadrilha de lanchas canhoneiras e barcos armados, da qual fez cabo a João de Salazar d'Almeida. O inimigo ainda em seu tempo intentou uma sortida, do lado do Carmo, mas foi escarmentado, como sempre; pelo que ordenou, sob pena de morte, que nenhum mais devassasse as muralhas da cidade.

Aos 22 de março se descobriram, fóra da barra, nas aguas da Bahia, muitas velas. Com a tendencia do espirito humano, de acreditar-se mais o que mais se deseja, cada uma das duas parcialidades imaginou que era a soccorrida. Porém embalde se alvoroçaram os Hollandezes. Aproximou-se a esquadra, começaram os nossos a fundear, e pelos pavilhões todos reconheceram que era a promettida da côrte catholica contra os Hollandezes, tendo por chefe o valente D. Fadrique de Toledo[1].

Na totalidade vinha a mesma esquadra a compor-se de cincoenta e dois navios de guerra sem contar os transportes, cujo numero era proporcionado á conducção da gente de soccorro, que na totalidade consistia em doze mil quinhentos e sessenta e tres homens, dos quaes uns quatro mil correspondiam ao contingente portuguez; onde era tanta a nobreza, segundo o testemunho unanime dos escriptores, que se chegou a asseverar que, desde as expedições de D. João I a Ceuta,

---

[1]) Não „Francisco Toletano", como escreveu o eloquente Barlaeus.

e de D. Sebastião a Tanger, não houvera exemplo de outra que de tão luzida e bem nascida gente se compozesse.

Fundeada a frota, ao nordeste da barra, foi logo a bordo D. Francisco de Moura e outras pessoas principaes do acampamento, e no conselho, que então teve logar, se assentou de fazer desembarcar primeiro quatro mil homens, a saber: mil e quinhentos portuguezes, dois mil hespanhoes, e quinhentos napolitanos.

Na manhã seguinte melhoraram os navios para dentro da bahia, tomando-lhe a barra em linha de noroeste a sueste, a fim de evitar que se escapasse a frota hollandesa, que constáva de vinte e cinco navios; pelo que esta se limitou a coser-se com a terra, buscando o amparo das baterias da praça.

No dia 30 se effectuou o desembarque folgadamente, com auxilio dos grandes barcos dos engenhos, cada um dos quaes conduzia junta uma companhia. Com os primeiros que desembarcaram seguiu D. Francisco de Moura. Tambem foi conduzida para terra alguma artilheria, a fim de ser assestada nas novas baterias que logo se começaram a construir.

Com a tropa chegada de reforço, o cerco da cidade se regularisou pela occupação de todas as alturas de redor, concentraram suas forças os sitiantes principalmente em cinco pontos.

Ameaçado por tantas forças, tratou o inimigo de concentrar as suas, abandonando o forte de Monserrate, e o da Agua dos Meninos, entre aquelle e a cidade. Com a occupação d'este último forte adquiriram os nossos um porto commodo para o desembarque das tropas e da artilheria, o qual até então se effectuára junto da barra com difficuldade.

Por outro lado certo desleixo dos novos sitiadores, confiados excessivamente na superioridade do numero, lhes veiu a custar bastante caro. O Hollandez descobrindo que a estancia de S. Bento se achava mui desguarnecida, e que os soldados ahi estavam em grande numero desarmados e trabalhando em terraplenar o caminho, e pouco vestidos, em virtude do calor, intentou sobre essa estancia, pela volta das onze horas da manhã, uma arrancada dirigida pelo capitão Kijf, a qual nos custou a perda de trinta e seis mortos e noventa e dois feri-

dos, pela maior parte castelhanos, e alguns de maior graduação. Menos felizes foram no dia seguinte, que intentaram outra saida; porém encontraram já todos de sobreaviso.

No dia 6 de abril se acercou da praça a esquadra libertadora, soffrendo vivo fogo das baterias, e expondo-se ao de tres brulotes que contra ella despediu a esquadra hollandeza; os quaes houveram podido incendiar as capitaneas, se não dão pressa a fazer-se de véla, apartando-se da direcção que traziam os mesmos brulotes do fogo. Afim de atacar a frota inimiga, cosida com a praia, para dentro do forte de S. Marcello, julgou-se preferivel o estabelecimento da bateria em terra: foi executada, defronte da direita da linha inimiga, tão felizmente que foram logo sete navios hollandezes a pique, incluindo a capitanea. O cerco foi-se apertando a tal ponto que paragens havia onde não mediava entre os amigos e inimigos mais que a distancia do fosso ou cava, que a uns e outros servia de resguardo.

Cumpre não esquecer de consignar que, durante o sitio, chegaram, com soccorros, de Pernambuco, Jeronymo de Albuquerque Maranhão, filho do conquistador d'este nome, e do Rio de Janeiro, o brioso joven Salvador Corrêa de Sá, neto do de igual nome, e a quem seu pae, o governador Martim de Sá, confiára o mando de duzentos homens, conduzindo muitos mantimentos, tudo em duas caravellas e quatro canoas remadas por indios, havendo percorrido ao longo da costa umas quatrocentas leguas. No Espirito-Santo havia Salvador Corrêa tido occasião de medir-se, com vantagem, com trezentos hollandezes que ahi tinham desembarcado de oito navios que no dia 10 de março [1] se haviam apresentado ameaçando a villa.

Em um momento se vira esta desamparada de mulheres e crianças, que se foram retirando para as roças. Mandára o capitão Francisco de Aguiar Coutinho tocar a rebate: compareceram os moradores; mas havia poucas espingardas. Chegando, porém, Salvador Corrêa, fez desembarcar quarenta colonos e setenta indios, e uns e outros, com a gente de capi-

---

[1]) Veja Manuel Severim na Rel. Universal de 1625 a 1626. Bart. Guerreiro, *Jornada* etc. fol. 34.

tania, guarneceram tres estancias ou trincheiras que se levantaram na praia. Desembarcado entretanto o inimigo, travou-se a peleja durante um quarto de hora, e o Hollandez se viu obrigado a retirar-se com alguma perda, limitando-se a nossa á morte de um soldado. Tentaram os aggressores outro desembarque no dia seguinte: porém não lhes foi melhor. Resolveram então assaltar as roças, e com quatro lanchas se foram rio acima, e tomaram varias canoas e um caravellão de Salvador Corrêa quasi desguarnecido. Festejavam ainda esta proesa no dia immediato, quando cairam em uma cilada que os nossos, dirigidos pelo mesmo Salvador Corrêa, lhes armaram; n'ella foi abalroada a lancha principal, ficando só dois com vida, e as outras lanchas apenas poderam escapar-se com grande perda. Desenganados os Hollandezes na presença de tantas tentativas mallogradas, fizeram-se de vela, ao cabo de oito dias. Durante elles metteram na villa mais de oitocentos pelouros, sem causar damnos de consideração. Ainda quando os podessem causar, taes damnos são sempre menores quo os resultantes do desembarque e occupação do paiz, quando os habitantes, acovardados pelo primeiro panico, não se resolvem a apresentar a tempo a resistencia necessaria á natural defensa.

Voltando, porém, ao sitio da Bahia, digamos como elle terminou. Familiarisando-se os sitiantes com os sitiados, disseram alguns d'estes que tratavam de capitular. Avançaram cabos dos nossos, e lhes foi perguntado se vinham munidos de poderes. Responderam que não, mas que podiam dirigir-se a D. Fadrique. Acceitou o inimigo o arbitrio, e no dia seguinte mandou um tambor, com uma carta nos seguintes termos:

„Nós, o coronel e mais individuos do conselho d'esta cidade, havendo sabido que da parte de v. ex.ª chamavam um tambor nosso para lhe fallar, enviamos este para saber o que v. ex.ª nos quer dizer, e confiamos cm quc v. ex.ª consentirá que volte, segundo os usos da guerra.“ Respondeu logo o general, dizendo que de sua parte nenhuma indicação fizera; mas que se „conforme a pratica dos sitios, tinham os sitiados que fazer algumas propostas, as ouviria cortezmente, quando não se oppozessem ao serviço de Deus e d'el-rei“. A nobreza d'estas phrases, a generosidade que ellas respiravam, o modo como

D. Fadrique dissimulava o estratagema do inimigo para não confessar sua fraqueza, lhes devia inspirar muita confiança em favor das negociações. Convocados conselhos de uma e outra parte, a final os occupantes da Bahia, esmorecidos, trataram de ver se, em quanto era tempo, obtinham uma capitulação honrosa, e propozeram como essencial condição a sahida da praça com armas, toque de tambor, e murrões accesos. Resistindo, porém, D. Fadrique mui firmemente á concessão d'estas honras, vieram os intrusos a acceitar as condições que, no quartel do Carmo, lhes dictou o vencedor, e que foram as seguintes:

— Que entregariam a cidade com toda a artilheria, armas, bandeiras, munições, petrechos, bastimentos, e os navios que estivessem no porto.

— Que n'esta entrega se incluiria todo o dinheiro, ouro, prata, joias, mercancias, utensilios, escravaria, e tudo o mais que houvesse na cidade e nos navios.

— Que se restituiriam todos os prisioneiros.

— Que os vencidos não tomariam armas contra a Hespanha até chegarem á Hollanda.

— Que poderiam voltar impunemente para a patria com toda a sua roupa.

— Que lhes seriam dadas embarcações em que se retirassem, com mantimentos para tres mezes e meio, e armas com que se defendessem, depois de deixar o porto; não podendo usar d'estas, em quanto ali estivessem; excepto os officiaes que levariam suas espadas.

Finalmente que n'aquella mesma noite entregariam uma das portas da cidade, recebendo em troco refens a contento.

Assignadas as capitulações, no dia primeiro de maio entravam os nossos na cidade.

Na disposição e conducção das baterias de sitio distinguiu-se bastante o contingente napolitano ás ordens do marquez de Cropani, tendo por sargento-mór Giovano Vicenzo Sanfelice, que, com o titulo de conde de Bagnuolo, veiu ao diante a representar papel importante. — Porém devemos declarar que, geralmente, os sitiantes não se recommendaram pela boa ordem, disciplina e fiscalisação nos fornecimentos; e cada parcialidade procedia com demasiada independencia, o que podéra ter pre-

judicado muito, se tambem entre os inimigos não houvesse falta de homogenidade; pois contavam em seus terços ou regimentos soldados flamengos, allemães, inglezes, francezes e até polacos, — tudo gente adventicia e mercenaria.

Não foi por falta de munições, nem de provisões, nem de soldados que a praça se rendeu: foi por falta de união e de disciplina; foi por não ter um chefe superior de prestigio. Haviam deposto tumultariamente a Schottens, elegendo ao capitão Johan Kijf, que era dado a bebidas espirituosas, e pouco antes havia recebido de um dos do conselho uma cutilada, e se achava tudo sem o prestigio necessario.

Segundo o testemunho de D. Manuel de Menezes, a guarnição constava ainda de mil novecentos e dezenove homens, incluindo cincoenta e seis officiaes: e „todos mancebos, gente escolhida par luzir entre qualquer infanteria do mundo."

Tres semanas depois de effectuada a capitulação, estavam á vista da Bahia trinta e quatro navios hollandezes, que vinham soccorrer a praça, e tiveram mais uma occasião de apreciar a conhecida maxima de guerra, de que muitas vezes algumas horas desaproveitadas podem decidir do exito de uma empreza.

Informado o almirante Hendriksoon da rendição da cidade, ainda assim entrou no porto, como desafiando os nossos a uma acção. D. Fadrique hesitou a princípio, e quando talvez ia a decidir-se, fez-se o inimigo na volta da ilha de Itaparica, do que resultou tocar nos bancos um navio de cada uma das esquadras, dos que demandavam mais agua. Hendriksoon, aproveitando-se da noite tratou de retirar-se, havendo D. Fadrique desistido do intento que teve de seguil-o, com tal prudencia que poderia chegar a qualificar-se de falta de confiança na superioridade de suas fôrças.

Esta armada hollandeza, passando á vista de Pernambuco com vinte e oito vélas, não ousou ahi fundear, e seguiu até a Parahiba, onde o temporal e a pouca franquia da barra lhe impediram tambem de aportar. Velejando, pois, para o norte, entrou na espaçosa bahia da Traição, para fazer aguada e refazerse de mantimentos. Aqui desembarcaram em terra uns seiscentos homens, em tres alojamentos que entrincheiraram; e eram os

doentes em tão grande número que a princípio morriam aos quinze e vinte por dia. Informado de tudo Mathias d'Albuquerque, enviou de Pernambuco, para desalojal-os, uma fôrça de sete companhias de Pernambuco e da Parahiba, com trezentos Indios, ás ordens do governador nomeado para o Maranhão, Francisco Coelho de Carvalho, filho de Feliciano Coelho.

Ao sentir a sua aproximação, embarcaram-se os Hollandezes, fazendo-se de véla no dia 1.º de agosto, e deixando compromettidos os Indios que se lhes haviam unido, e que foram acossados por Francisco Coelho, auxiliado por Antonio d'Albuquerque, capitão Parahiba, e por Francisco Gomes de Mello, capitão do Rio Grande. Foi n'esta occasião que entrou no serviço o ao depois tão famoso heroe André Vidal.

Ficaram assim infructuosos para os Hollandezes todos os gastos feitos com esta expedição de soccorro, e com mais razão ainda ficou sem ter effeito um edicto ou proclamação aos povos do Brazil, que no dia 26 de maio haviam promulgado os Estados Geraes, promettendo tolerancia religiosa, liberdade de commercio, segurança da propriedade e outras garantias, aos que se submettessem.

Aos da capitulação foram guardados pontualmente os ajustes; e D. Fadrique, entregando o governo da cidade a D. Francisco de Moura, e deixando ás suas ordens mil Portuguezes da expedição, se fez de véla com a armada. O temporal que lhe sobreveiu, o esgarramento de muitos navios, a perda de outros, tomados pelo inimigo, ou vencidos pelos elementos, não pertence já á nossa historia.

D. Francisco de Moura bem que, como dissemos, filho do Brazil, não ficou no mando de muito boa vontade, e não tardou a entregal-o a Diogo Luiz de Oliveira que, como diz um escriptor distincto, em Flandres aprendêra e ensinára a milicia.

O governador Diogo Luiz votou-se com actividade a restaurar as fortificações da cidade e a construir outras novas; mas empreza difficil, senão impossivel, era, com os meios de que dispunha, pôr-se a coberto do valor e audacia do inimigo. Em março de 1627 o valente Piet Heyn se apresentava outra

vez nas aguas da Bahia, e burlando-se das suas novas muralhas e de mais de quarenta canhões n'ellas assestados, ahi atacava, com feliz exito, a frota de vinte e seis navios (dos quaes quatro armados ou de guerra) que se achava fundeada junto á terra. O venturoso almirante, por um rasgo de audacia (imitado d'ahi a perto de dois seculos pelo intrepido Cochrane), adiantando-se da sua esquadra com a sua náo, foi com ella fundear entre os dois principaes navios de guerra da mesma frota, e apezar das desvantagens do combate, tendo contra si não só o fogo dos navios, como o da artilheria e fuzilaria de terra, conseguiu metter a pique a sotacapitanea da frota, e inspirar tal terror aos demais navios, que todos se lhe renderam, excepto tres menores que conseguiram escapar-se. A almiranta de Piet Heyn ficou tão crivada de ballas, que se afundou até dar em secco, pelo que teve de incendial-a, dando-se por bem indemnisado com a victória, e com os demais navios com carga de assucar, de que em troco conseguiu assenhorear-se. Segundo Jaboatão dezeseis d'esses navios tinham a bordo tres mil caixas.

Depois de se demorar no porto uns vinte e quatro dias, e de enviar carregadas quatro das melhores presas para Hollanda, queimando as que julgou menos aproveitaveis, e reforçando com várias a sua esquadra, seguiu o feliz almirante para o sul, a avistar o Cabo Frio; e havendo feito aguada em um porto visinho, entrou de novo na Bahia no dia 10 de junho, com quatro navios de guerra, e foi tomar dois mercantes que estavam fundeados em Itapagipe; d'onde passou em lanchas armadas a captivar outros tres, que haviam buscado refugio no fundo do Reconcavo; sendo hostilisado por forças postadas nas margens, das quaes conseguiu burlar-se, empavesando as mesmas lanchas com coiros de boi, que nos proprios engenhos encontrára.

De novo se demorou Piet Heyn incolume senhor do porto por mais de um mez, até o dia 14 de julho, em que resolveu recolher á Europa.

Os desastres no Brazil eram, para os Portuguezes, acompanhados de outros ainda maiores na sua India. Debalde havia a carta regia de 10 de dezembro de 1624 (aproveitando

até certo ponto a idéa offerecida pelos Judeus portuguezes, da Hollanda quanto ao Brazil) tentado organisar, para lhe acudir, uma „*Companhia de navegação e commercio da India, Mina e Guiné.*“

Para a Bahia sómente encontramos que se ordenasse mandar reforços de homens e munições, em maio de 1628, devendo com uns e outros attender-se tambem a Pernambuco.

Entretanto escassos seriam esses esforços, se nos guiamos pelas *supplicas,* que n'esse mesmo anno dirigia o soberano ás camaras do reino, solicitando meios com que acudir ás colonias portuguezas, onde o inimigo pretendia arraigar-se.

Corresponderam as camaras, ao menos com boas intenções, ao chamamento; pois que então teve origem a idéa, por ellas suscitada, do imposto chamado *real d'agua,* imposto que só depois começou a cobrar-se.

Com os perigos e ameaças dos Hollandezes na Bahia, se levantaram os Indios visinhos, chegando a fazer estragos em Jaguaripe, Paraguassú e até no proprio Reconcavo em Maragogipe: — pelo que se assentou (9 de janeiro de 1628) de mandar Antonio Rodrigues da Caxoeira e João Barboza a trazer Indios da Parahiba, para lhes fazer frente. Tambem foi contra elle Affonso Rodrigues Adorno, que, em 29 de março do anno seguinte, regressava, com muitos Indios prezos, os quaes foram distribuidos em tanto número que só ao governador couberam vinte e quatro *peças.*

No Rio Grande (do Norte) tambem por este mesmo tempo se sublevaram os Indios; pelo que foi de Pernambuco enviado contra elles Gregorio Lopes de Abreu, que chegou á serra da Capaoba (actualmente chamada da Raiz), onde se lhe submetteram os principaes Cipoúna e Tiquaruçú, bem que este último commetteu logo deslealdade, em virtude do que foi morto.

A occupação da Bahia pelos Hollandezes levou a metropole á resolução de abolir a Relação, applicando para a tropa os gastos que com ella se faziam. Deste modo acabou de conformar-se com a opinião de um escriptor contemporaneo, o autor dos *Dialogos das grandezas do Brazil,* que já havia abraçado na parte respectiva á criação de mais duas ouvidorias,

uma no Rio de Janeiro, outra no norte. Démos anteriormente notícia dos regimentos dados aos dois novos ouvidores, do norte e do sul: cumpre-nos tratar do que, em 14 de abril (1628), foi dado ao licenciado Paulo Leitão de Abreu, dezembargador da relação do Porto, nomeado ouvidor geral do Brazil. Em nossa opinião esse regimento foi modelado sobre o anterior que trouxera Pero Borges, quando veiu com Thomé de Souza, acrescentando-se-lhe talvez apenas os ultimos artigos, que a experiencia tinha mostrado necessarios. Este nosso juizo nos obriga a dar aqui uma notícia mais circumstanciada do seu conteúdo.

O ouvidor deveria residir na capitania em que estivesse o governador, salvo se o serviço exigisse que passasse a outra e o governador o mandasse. No logar em que estivesse, e cinco leguas em redor, conheceria por acção nova, com alçada no civel até cem mil reis, e dahi para cima com appellação para a casa da supplicação de Lisboa. Dentro da mesma alçada conheceria das appellações e aggravos que interpozessem os capitães e ouvidores, cuja alçada se reduzira a vinte mil reis [1], em vez de cem que lhe havia sido concedida pelas doações. No crime teria alçada até morte natural nos escravos, gentios e peões; mas a pena de morte não seria executada sem haver outro voto mais conforme, ou do governador ou do provedor mor. Em pessoas de mor qualidade, teria alçada até cinco annos de degredo e cincoenta cruzados de multa. So poderia proceder contra os capitães das outras capitanias havendo parte queixosa: não a havendo, concorde o governador, poderia emprazal-os para a Côrte, a fim de responderem perante o corregedor do crime. Quando se achasse em outra capitania, conheceria nas causas crimes, ficando suspensa, durante a sua residencia nella, a alçada concedida aos capitães em suas doações. Em todo caso, para elle deveriam appellar os capitães e ouvidores, nos casos superiores á sua alçada, tambem reduzida. No logar onde estivesse e até quinze leguas ao redor poderia avocar os feitos, proce-

[1]) Esta reducção sem dúvida se refere á epoca do regimento dado a Pero Borges.

dendo nelles conforme a sua alçada. Quando fosse ás outras capitanias, devia sem proceder a processo ou inquirição em fórma, tomar conhecimento do procedimento dos capitães respectivos, provendo igualmente a respeito das faltas das camaras das villas. As sentenças seriam dadas em nome do rei, e com os competentes sellos de chancellaria. Não deveria ser suspenso pelo governador, e em caso de culpa só poderia ser autoado e enviado á presença do rei. O artigo 21º. parece ter sido o último do regimento de Pero Borges, e diz respeito á revogação feita de muitos privilegios concedidos aos primeiros donatarios. O 22º. foi evidentemente acrescentado: inclue a prohibição, pouco antes dada contra os dezembargadores, para não poderem casar na terra.

Este regimento veiu logo, em 2 de abril de 1630, a ser substituido por outro, em trinta e cinco artigos, contendo além das mencionadas disposições, mais as seguintes: o ouvidor seria tambem auditor da gente de guerra: residiria na cidade da Bahia, donde não sairía senão em casos extraordinarios, e no último anno de seu triennio, a correger as outras capitanias e tirar residencia dos seus capitães e ouvidores: faria o officio de juiz dos feitos, para conhecer dos aggravos interpostos dos ministros ecclesiasticos que vexassem o povo com censuras: finalmente seria na sua jurisdicção inteiramente independente do governador, que não deveria intrometter-se nas cousas da justiça.

Cumpre-nos aqui acrescentar, que depois de abolida a Relação, dois dezembargadores della ainda ficaram na Bahia, um, Antão de Mesquita, servindo como ouvidor geral, e outro, Diogo de S. Miguel Garcez, de provedor mór dos defunctos.

Nesse tempo ordenára a metropole (alv. de 7 de junho de 1629) que a terça parte da carga dos navios fosse preenchida pelos lavradores e donos d'engenhos, tendo antes recommendado (alv. de 25 de março) que os navios não partissem para a Europa antes de outubro.

Nas capitanias do sul proseguiam as explorações dos Paulistas. Como os Indios se houvessem refugiado ás aldêas estabelecidas á margem esquerda do Paraná, e fossem reduzi-

dos pelos jesuitas do Paraguay, la mesmo os iam atacar e aprisionar os ditos Paulistas. Debalde decretou a côrte (em 18 de setembro de 1628) que se procedesse contra os culpados; estes a nada attendiam. Reuniam-se em bandeiras de centenares, levando comsigo dobrado número de Indios amigos. Não havia autoridade que os podesse conter nesta tendencia; e não era facil empregar a fôrça quando, se a houvesse, mais urgente se fazia ella para acabar de uma vez com as hostilidades dos Hollandezes. O 2º governador do Paraguay, D. Luiz de Cespedes, fez caminho por S. Paulo até a missão do Loreto, sôbre o Parapanema; e poude inteirar-se das muitas fôrças de quo dispunham os aventureiros. Cairam estes sobre as missões [1] da Encarnacion, nas cabeceiras do Tibagy; do Villa Rica do Espirito Santo, nas do pictoresco rio Vahy ou Ivay, e de outras muitas estabelecidas pelos jesuitas nos terrenos que ficam para o sul do Tieté, a que chamavam provincia de Vera. Cairam tambem sôbre a Guayrâ, cuja Cidade Real, á foz do Pequiry ou Itatim, a final invadiram, trazendo prisioneiros uns quinze mil Indios [2]. Debalde representaram os jesuitas contra taes abusos aos governadores hespanhoes; debalde vieram a S. Paulo e ao Rio de Janeiro, cujo governador ecclesiastico, o Dr. Matheus da Costa Aboim, se bem quo em seu favor e unido aos jesuitas, tinha o povo todo contra si, e até o proprio governador geral Diogo Luiz de Oliveira.

Nas ilhas de S. Sebastião o Grande, e na costa fronteira, progredia a colonisação, e augmentavam os solarengos provindos de S. Vicente e do Rio de Janeiro, que para ahi se estendiam de um e outro lado. — A villa de Angra dos Reis ja era tão importante que em 1626 [3] se deu nella princípio á construcção de uma nova igreja de pedra para freguezia.

[1]) Veja a este respeito o que com acrimonia contam os padres Techo e Charlevoix, seguidos por Southey (II, 309 e seguintes.) No grande mappa de D. Juan de la Cruz se encontram bem marcados (com alguma differença dos demais mappas) as posições das missões que mencionamos, além de outras destruidas ou abandonadas, como Tambo, Los Arcangeles, S. Antonio, S. Thomé, S. Miguel, S. Xavier e S. José.

[2]) S. Leop., p. 231. „Porêm que muito (prosegue este escriptor brazileiro) que os Paulistas no fundo dos sertões d'America captivassem e vendessem os Indios, quando não ha tres seculos que na Europa se julgava haver direito de vida e de morte sobre os prisioneiros feitos em guerra? — Grocio „De Jure belli et pacis", L. 3, cap. 7.

[3]) Pizarro, II, 61.

No Rio de Janeiro procedia com a maior actividade o governador Martim de Sá, cuidando das fortalezas da barra, e arranjando munições. Era então ouvidor geral destas capitanias do sul, incluindo a do Espirito Santo, o doutor Paulo Pereira do Lago, que, obrando em conformidade do seu regimento [1], e fazendo justiça recta ao povo, desagradou ao clero, e aos *pequenos potentados*, que então tinha o Rio. Accusaram-o estes ao governador geral, acoimando-lhe várias inculpações. — Chamou Diogo Luiz de Oliveira á Bahia o ouvidor; [2] mas este, escudado por uma disposição régia que mandava que os governadores o não poderiam suspender, continuou no seu posto, declarando que não reconhecia por competente para retiral-o senão á Casa da Supplicação de Lisboa e aos tribunaes. Indignado o governador, passou uma provisão [3] para que o Dr. Miguel do Cirne, provedor dos defuntos da Bahia, fosse suspendel-o, e mandal-o preso. Recusou a camara do Rio dar-lhe posse do cargo de ouvidor; porêm, encartado pelo governador no logar de provedor dos ausentes, publicou um bando [4], impondo penas aos que obedecessem ao dito Lago, ou impedissem a sua prisão.

O povo soffreu com silenciosa indignação este attentado dos dois sátrapas; e o magistrado recto, depois de „andar pelos matos, mais de dois annos, fez grandes despezas em ir ao Reino". O Dezembargo do Paço, em 14 de janeiro de 1644, condemnou a D. Leonor Tavora, viuva herdeira do governador, a indemnisar ao magistrado offendido as perdas soffridas, o ao pagamento das custas [5].

Foi Martim de Sá quem deu as primeiras sesmarias nos campos de Guaitacazes, não deixando de aproveitar boas porções delles, tanto para si, como para seu filho Salvador. A Martim de Sá deveu tambem o Rio de Janeiro a primeira idéa da fundação do hospital dos Lazaros.

---

[1]) 1630, mar., 21.
[2]) 1623, jun. 22.
[3]) 1631, nov., 30.
[4]) 1632, abr., 15.
[5]) Man. Alv. Pegas, Res. For. T. 5°. (imp. em 1735) p. 424 a 426, cap. 108.

As provincias intermedias do Espirito Santo, Porto Seguro e Ilheos, seguiram na mesma pobreza e nullidade que antes. A de Porto Seguro apenas se assignala por haver sido criada marquezado em 1627 (18 de abril), em favor de D. Anna de Sande, dama da Rainha, e então donataria da capitania. Entretanto lamentamos aqui de novo que essas duas antigas capitanias não tenham tido o seu Baena ou Fr. Gaspar.

Occupemo-nos agora das capitanias do novo Estado do Maranhão.

No Ceará resistiu o valente Martim Soares, em 1624 e 1625, ás assaltadas que por essa parte intentaram os Hollandezes.

No Pará, o Custodio Fr. Christovam de Lisboa, chegado em fins de abril de 1625, ahi déra calor a que nas aldêas dos Indios, se recrutassem muitos para ajudarem á expulsão dos intrusos Hollandezes e Inglezes, que, sob o mando dos seus chefes Hosdan e Porcel, ainda occupavam dois postos no Xingú e nos Tucujús. A frente de cincoenta soldados e dos ditos Indios, partiu para Gurupá o capitão Pedro Teixeira, levando ás suas ordens os Pernambucanos Pedro da Costa Favella e Jeronymo d'Albuquerque, e conseguiu expulsal-os, fazendo prisioneiro o dito Porcel.

Antes havia o mesmo Custodio apresentado em camara um alvará, que trouxera, com data de 15 de março de 1624, confiando exclusivamente á sua ordem a administração das aldêas, e privando assim os moradores de algumas mercês, abusivamente feitas, analogas ás *encommiendas*, concedidas na Nova-Hespanha; mas, havendo-se agitado os animos, fôra resolvido que tudo ficasse em suspenso até que chegasse o governador Francisco d'Albuquerque Coelho de Carvalho, que já se achava em Pernambuco. Conseguíra este partir de Lisboa, para Pernambuco, com os mencionados Capuchos, aos 25 de março de 1624, e aportando ahi, quando occorria a occupação da Bahia pelos Hollandezes, recebeu ordens para se demorar e prestar serviço, conjunctamente com Manuel de Souza d'Eça, que ia em sua companhia nomeado capitão do Pará, de modo que apenas em meiados de 1626 poderam ambos seguir para o

seu destino, da mesma sorte que o provedor-mor Jacome Raimundo de Noronha.

Manuel de Souza d'Eça[1] foi logo para o Pará, e ahi veiu a receber de Bento Maciel a capitania mor no dia 6 de outubro desse anno; mas o governador foi primeiro ao Ceará, donde seguindo á bahia de S. José, somente veiu a entrar na cidade de S. Luiz, conforme antes dissemos, no dia 3 de novembro, dia em que lhe entregou o mando o joven capitão mór Antonio Muniz Barreiros.

Deu ordens a melhorar-se, fazendo-se de pedra e cal, a fortaleza de S. Luiz, chamada do Baluarte, até então de fachina, construindo nella casas para a morada dos governadores; e depois de visitar o Pará, regressou a S. Luiz, em outubro de 1627, donde propoz a mudar a cidade de Belem do assento em que estava, e foi pela mesma côrte autorisado a realisal-o, o que não conseguiu levar a effeito.

Depois de entregar o mando, em junho de 1627, Bento Maciel, escolhido para acompanhar ás Antilhas a Jaime Porcel, que caira prisioneiro, com elle passou dahi á Hespanha onde se apresentou como procurador do Estado, em favor de serem conservadas aos moradores as administrações ou *encomiendas* dos Indios. No anno de 1625, em 20 de abril, estando ainda de capitão mór, mas á espera do seu successor já nomeado, havia-se elle offerecido ao rei para effectuar, sem nenhum onus para a corôa, o descobrimento e conquista do rio Amazonas e seus afluentes. A offerta havia sido aceita, ordenando elrei, por cedula de 8 de agosto de 1626, que devia levar comsigo dois religiosos e que o capitão mor de Pernambuco lhe forneceria duzentos arcabuzes, cem mosquetes e as competentes munições. — Esta concessão porém, se é que a chegou a receber antes de partir, era-lhe de todo inutil; pois deixava elle de poder comprir a sua promessa

[1]) Souza d'Eça, logo depois de nomeado, e ainda em Lisboa, requisitou levar comsigo de sargento mór ao fluminense Belchior Rangel, então na Europa, afim, dizia, de lhe não acontecer o mesmo que a Caldeira; e requisitou tambem ao Pe. Domingos Rodrigues, que havia concorrido para a pacificação dos Aymorés nos Ilheos, Porto Seguro e Espirito Santo. E' o que resulta de uma carta autografa sua que vimos em Londres (Mss. add. nº. 20.846).

desde que se pozessem em vigor as disposições do mencionado alvará (de 15 de março de 1624), delle só conhecido no mez de maio do anno seguinte, um mez justamente depois de haver feito a sua proposta. — Assim explica-se bem o interesse que lhe assistia de passar á côrte, e por ventura se offereceu expontaneamente a receber o encargo de procurador do Estado, que lhe daria mais facil accesso e certa representação.

Chegado á côrte apresentou logo uma petição[1] em favor do systema das administrações e encommendas.

Julgamos este documento de tanto interesse que aqui o passamos a transcrever, traduzido do castelhano. Diz assim:

„Senhor. Bento Maciel Parente, capitão mor que foi no Maranhão, diz que havendo descoberto e conquistado mais de quatrocentas leguas de terra, com muitas provincias de Indios, em que ha infinitas povoações, lhe incumbe, como conquistador e procurador d'aquelle estado, lembrar a V. M. a grande e principal obrigação com que aquellas terras foram dadas aos senhores reis passados; e para tratar da reducção e cathequisar estas nações gentias á nossa fé santa, digo, senhor, que as mesmas razões e considerações com que V. M. se moveu a mandar separar o governo do Maranhão, do estado do Brazil, por aquelle governo estar longe, e a viagem ser difficultosa por mar e por terra, e pela grandeza deste estado e a sua importancia; — por estas e outras mais particulares razões, deve V. M. ser servido mandar criar um bispo, e enviar religiosos, que com todo fervor tratem de cathequizar tão grande número de almas, com cuja presença e autoridade se conserve o que está conquistado e descoberto, e se conquiste o muito que ainda falta por aquelles grandes rios.

„E para a sustentação deste bispo e dos demais ministros ecclesiasticos, que forem enviados a esta nova monarquia, deve V. M. mandar encommendar os povos conquistados, e os demais que se forem conquistando; assim como se pratica nas Indias de Castella, que é a causa da conquista e povoação

[1]) Impressa por esse tempo em castelhano. Existe um exemplar na Coll. do abb.: Barboza da Bib. Pub. do Rio, donde a aproveitou para a reimprimir o Sr. Senador Candido Mendes.

dellas se estender com tão grande augmento pela terra dentro; considerando que por preceito divino estão todas as criaturas obrigadas a dar a deus e aos seus ministros o dizimo dos fructos que colhem da terra; na conformidade do quinto mandamento da santa madre igreja; e como, entre os Indios, não se podem bem averiguar estes dizimos, porque não respeitam este mandamento, visto não saberem contar até dez, ordenaram os predecessores de V. M. que pagassem taes dizimos por encabeçamento, como no reino de Portugal se pagam as sizas."

„Em tão justificado accordo teem fundamento as commendas, que não somente entre os Indios, mas tambem no dito reino de Portugal, e em todas as republicas politicas, são estabelecidas para premiar os naturaes, que com as armas conquistam e defendem os seus estados."

„Nas Indias de Castella cada casal paga certa pensão, segundo a fertilidade da terra que habita; e por este respeito parece que será conveniente que cada um dos Indios do Maranhão pague por anno trez ducados, ou em moeda, ou nos fructos que recolherem, ou em serviço pessoal; repartindo-se o producto em tres partes iguaes, uma para o bispo e clero e prégadores, outra para V. M., e outra para o commendador a quem se encommendar a administração da commenda."

„E é manifesto engano dizer ou pensar que este modo de povoar é injusto e violento para os Indios; e se alguem o disser será quem, com esta prevenção, pretenda administrar e usurpar estas administrações, ou tenha nisso outros respeitos interessados; porque esses dizimos são devidos por preceito divino; e os santos pontifices os tem applicado para os gastos destas conquistas, e as commendas são devidas e ordenadas para os que, com as armas, ajudam as conquistas, e servem nisto a deus e aos seus reis".

„E para isto, e conseguir-se o que se pretende com pouco custo, V. M. deve mandar adjudicar a esta conquista dois navios de bom porte; porque, uma vez armados e aprestados, se poderão sustentar com os fretes das torna-viagens; e nestes navios ha-de V. M. dar passagem franca a todas as pessoas benemeritas que pretendam ir para o Maranhão com provisão

de V. M.; afim de que o governador lhes dê terras e commendas; e a todos os que, quiserem ir a servir nesta conquista, e tambem aos religiosos, mandando-se lhes abonar o necessario para a viagem; encommendando aos prelados das religiões o cuidado de enviarem taes religiosos; pois se faz nisso tão grande serviço a deus e a V. M.; a fim de que esta nova vinha siga em augmento; levando estes religiosos comsigo muitos parentes e pessoas pobres e honradas, para viver e habitar nestas novas terras; esperando, com o favor destes religiosos, que se lhes deem commendas e terras que mandem cultivar; com o que se irá povoando o estado e se defenderá, e se dará vida e remedio a muita gente honrada e pobre, e se fundará naquelle novo mundo, um novo imperio para V. M., além do verdadeiro de Christo Senhor Nosso".

„E não ha inconvenientes em se encommendarem os Indios por esta fórma; pois que assim o estão nas Indias de Castella; de cujo conselho se pode V. M. informar; porque, tendo os Indios donos proprios, são defendidos e conservados, e curados em suas enfermidades, e exercitados na guerra; para que com as suas armas ajudem a defender a terra e a conquistar outras, e de todo se segue augmento desta conquista, e serviço de deus e de V. M."

„E estas coisas são mui alheias dos religiosos, a quem somente compete a dontrina christã e o cathecismo dos Indios; e para isto basta a terça parte dos dizimos, que, de mil visinhos, são mil ducados de renda, fóra as offertas e pé de altar; e assi todos mirarão pelos Indios, e não cada um pelo seu particular; o que é a causa de se consummirem as conquistas, e não irem adiante, nem entrarem pela terra dentro a povoar; e cessarão a tyrannia e as traças com que se procura captivar a estes Indios, induzidos em guerras, nas quaes se comem uns a outros, e se perdem muitas almas; e nem V. M. nem os seus vassallos gosam da companhia e serviço delles; sendo assim que em toda a Europa servimos uns a outros, e lá, com a doutrina e o temor das nossas armas, se farão politicos e domesticos, e officiaes de todos os officios; do que estes reinos obterão grandes proveitos."

Igualmente apresentou o mesmo Bento Maciel um longo

memorial, acompanhado de um mappa, contendo arbitrios para melhor se conservar e sustentar o novo estado; consistindo principalmente em o dividir de novo em capitanias, concedidas a particulares, conservando a coroa as duas já fundadas no Maranhão e no Pará, designando-lhe as raias. — Além da do Ceará, lembrava uma em Jericoacoára até o Parnahiba, outra além do Maranhão, desde Tapuitapéra; outra no Caité, já começada a povoar por Francisco Coelho em Gurupy; e ademais destas, ainda além da ponta de Separará (Tigioca), mais cinco, a saber, uma na ilha de Joanes, outra em Camutá, outra até o Xingú, outra nas ilhas do Amazonas, desde a foz do Xingú, e finalmente a quinta do cabo do norte até o Oyapoc. Isto além de outras mais que se poderiam demarcar pelo Tocantins arriba. Neste memorial insiste já na necessidade de fundar, afim de conter as piratarias dos Hollandezes, uma forte povoação de uns trezentos casaes no rio Genipapo, á margem esquerda do Amazonas, idéa que nelle prevaleceu e á qual veiu a dever a sua origem o forte do Desterro, por elle fundado, ainda antes de lhe ser feita a doação da capitania do Cabo do Norte; o que só veiu a ter logar por carta de 14 de junho de 1637, de que ao depois trataremos; cumprindo desde já chamar aqui a attenção sobre o notavel facto de haverem-se pouco a pouco vindo a realisar as propostas do mesmo Bento Maciel criando-se proximamente com os mesmos limites, quasi todas as capitanias por elle designadas. Uma dellas, a do Caité, estava já decretada, como vimos, desde 9 de fevereiro de 1622, em favor de Gaspar de Souza e seus herdeiros, e das outras iremos tratando nesta historia.

Pela sua parte Bento Maciel não parece ter sido despachado logo na côrte em conformidade dos seus desejos; e não sabemos que partisse senão em 1631, mandado a combater em Pernambuco, depois de preceder uma consulta do governador de Portugal, Conde de Basto, em favor dos seus serviços feitos anteriormente, com promessas de futuras recompensas.

O successor da dito Bento Maciel, Manuel de Souza d'Eça, autorisou duas expedições contra os Indios, uma por Pedro Teixeira, contra os Tapuyassús, junto do Tapajós, e outra por Pedro da Costa Favella contra os Pacajás; mas viu-se

mui contrariado pela ingerencia que no seu districto, autorisados pelo governador, se quizeram arrogar o filho deste, Feliciano e o custodio Fr. Christovam, especialmente no que respeitava aos Indios, o que occasionou a suspensão do mesmo capitão mor durante nove mezes. Em abril de 1628 se estabeleceram porêm de novo os Hollandezes no Tucujú, mandados pelos mesmo Porcel (Jaime, Jaques ou Diogo) que ahi levantou o forte quadrado, chamado de Taurege (ou Torrego), com barbacã e fosso, que guarneceu com quatro pedreiros e uma peça d'artilheria. Foi incumbido de os desalojar o Pernambucano Pedro da Costa Favella, levando comsigo trinta e tantos soldados e oitocentos Indios. Chegou a emprehender alguns ataques, mas, falto de munições, viu-se obrigado a retirar a Gurupá. Reforcado porém ahi por Pedro Teixeira, partiram ambos para o Tucujú, e ahi obrigaram o forte a render-se por capitulação, em fins de outubro, entregando-se de novo Jaime (Jaques ou Diogo) Porcel, a quem foi concedida passagem para Lisboa. Uns oitenta soldados que defendiam o forte foram distribuidos, uns para o Maranhão, outros para Gurupy. Dois ou tres dias depois de effectuada a capitulação, chegavam ao forte, trazidos pelo capitão Nort, grandes soccorros em dois navios, um patacho e duas ou tres lanchas. Chegavam a desembarcar, mas, com a perda de uns quatro mortos se recolheram, e seguiram a estabelecer-se no forte Camaú, na ponta de Macapá, donde foram tambem mais tarde desalojados, como veremos.

SECÇÃO XXVIII.

DESDE A INVASÃO DE PERNAMBUCO ATÉ CHEGAR NASSÁU.

Novos planos contra o Brazil. Preferencia dada a Pernambuco. Falta de prevenções. Mathias de Albuquerque. Sua partida, e providencias. Chegam as fôrças hollandezas. Desembarcam. Tomam Olinda e o Recife. Entrincheiram-se. Guerrilhas. Arrayal do Bom Jesus. Primeiro ataque. Toma Albnquerque a offensiva Valor dos Pernambucanos. Itamaracá. Providencias tomadas pela Côrte. Oquendo. Combate naval. O inimigo abandona Olinda. Intenta em vâo tomar a Parahiba, o Rio-Grande e Cabo de Santo Agostinho. Deserçâo do Calabar. Suas consequencias. Partida de Weerdenburgh. Ataque do Arrayal. Apresentação de Henrique Dias. Toma o inimigo. Itamaracá. Novos encontros e sortidas. Primeira invasâo ás Alagoas. Soccorros aos nossos e providencias da Côrte. Toma o inimigo o Rio-Grande. Ameaça a Parahiba e segue para o cabo de Santo Agostinho. Ataque frustrado contra o Recife. O inimigo occupa o Pontal e o defende. Ataca sem exito o Arrayal. Recebe reforços. Assenhorêa-se da Parahiba. Capitulações com os moradores. E' snbmettido o territorio desde a Parahiba até o Arrayal. Ataques infructuosos contra este. Albnquerque occupa Serinhaem e manda gnarnecer Porto-Calvo. Perda desta posiçâo. Sitio do Arrayal e sua capitulaçâo. Sitio e rendiçâo da Nasareth. Retira-se Albuqnerque de Serinhaem. Vence Albuquerque em Porto-Calvo. E' justiçado o Calabar. Retiram-se os nossos ás Alagoas. O inimigo occupa Porto-Calvo e guarnece a Peripueira. Soccorros aos nossos. D. Luiz de Rojas rende a Albuquerque. Elogio deste chefe. Rojas marcha para Porto-Calvo. Retira-se Schkoppe. Rojas é batido por Arcizewsky e morre na acçâo. Snccede Bagnuolo no mando. Vem a Porto-Calvo, e manda avançar guerrilhas que chegam até a Parahiba. Apuros da Côrte para enviar soccorros. Considerações.

O saque do Reconcavo da Bahia, alcançado com tanta vantagem por Piet Heyn, sería por si um grande estímulo para a Companhia Occidental não desistir de novos ataques contra o Brazil. Achava-se porém escassa de fundos, e porventura não se arriscaria a outra grande expedição, com tropas de desembarque, se lhe não vem em auxílio um grande thesouro, que lhe caiu nas mãos, graças a uma nova victória alcançada no mar pelo proprio invasor do Reconcavo, Piet Heyn, contra D. Juan Benevides, tomando-lhe varios galiões, que continham o valor de uns nove milhões de ducados, preza considerada das mais valiosas de que ha exemplo nos annaes maritimos.

Com tão grande auxílio de capitaes, a Companhia se decidiu a mandar uma nova expedição ao nosso littoral.

Resolveu, porêm, não insistir em occupar a Bahia, que provavelmente encontraria prevenida, e que, escarmentada com a última invasão, peor receberia de novo o seu dominio. Lançou pois de preferencia suas miras cubiçosas a Pernambuco, mais perto da Europa, e cuja occupação julgou mais facil e mais rendosa, em consequencia até das devastações que acabava de soffrer a Bahia.

O plano da preferencia dada a Pernambuco não se teve na Hollanda em grande segredo, e foi mui a tempo communicado para Madrid e para Lisboa.

Se immediatamente a côrte se decide a tomar as unicas providencias adequadas, se inspirada pelos factos recentes da perda da Bahia, e da sua recuperação pela armada de D. Fadrique de Toledo, se resolve a mandar logo outra poderosa frota ás costas de Pernambuco, talvez haveria conseguido deixar de todo escarmentada a Companhia Occidental. A propria demora que teve, para organisar-se e para partir, a esquadra hollandeza, e os tropeços que ainda se lhe apresentaram na viagem, vendo-se parte d'ella obrigada a combater com uma esquadra hespanhola que encontrou, casualmente mandada pelo proprio D. Fadrique de Toledo, pareciam estar providencialmente favorecendo o Brazil para ser soccorrido mui a tempo.

Em vez porém de se decidir logo a fazer um esforço maior, enviando nova esquadra restauradora, a côrte limitou-se a dar ordens para Lisboa que d'ali mandassem algum soccorro a Pernambuco; e, como se achasse então accidentalmente em Madrid Mathias de Albuquerque, o qual, por occasião da invasão anterior, substituindo no governo a Diogo de Mendonça Furtado, dera de si tão boa conta, lhe ordenou que para lá regressasse como „superintendente na guerra, e visitador e fortificador das capitanias do norte" com isenção do governador da Bahia, devendo passar por Lisboa, e levar d'ahi os soccorros que se haviam mandado aprestar.

Albuquerque partiu immediatamente. Porém á foz do Tejo viu, com tanta surpreza como pena, que taes soccorros pro-

mettidos se reduziam apenas a vinte e sete soldados e algumas munições.

Sem embargo, conforme lhe era ordenado, fez-se de véla; e desembarcando em Jaraguá no dia 4 de outubro, e seguindo dahi por terra, já a 18 de outubro (1629) se achava em Pernambuco dando providencias.

Varios contemporaneos são concordes em assegurar que Albuquerque fez por então quanto estava ao seu alcance. Proseguiu fomentando as obras da defensa do porto, trabalho em que já encontrou o proprio capitão-mór que ali estava, André Dias da Franca, ajudado pelo sargento-mór do estado Pedro Corrêa da Gama, que servira em Flandres, e que antes fôra mandado ahi da Bahia pelo governador geral Diogo Luiz de Oliveira. Attendeu ao armamento e disciplina da milicia da terra, a qual constava de tres companhias de linha, com cento e trinta praças unicamente, e mais quatro companhias de milicias na villa e uma no Recife, todas com seiscentas e cincoenta praças. Organisou mais duas companhias de gente de mar. Recommendou, por toda a capitania e pelas visinhas, que os homens de armas e os Indios amigos estivessem de sobreaviso, a fim de acudirem onde se mostrasse o inimigo. Mandou que pela costa se postassem atalaias para, por meio de fogueiras de distancia em distancia, darem signal dos navios que se avistassem. Ordenou ao sargento-mór das milicias, Ruy Calaza Borges, que fosse desalojar alguns Hollandezes que estavam formando um estabelecimento na ilha de Fernando de Noronha; o que elle executou com tanta felicidade que d'elles aprisionou sete, tomando-lhes uma lancha, com seis roqueiras. E por fim, quando chegou o momento do perigo, não fugiu d'elle; pelo contrário tratou de sair-lhe ao encontro.

No dia 9 de fevereiro aportou ao Recife um patacho, enviado pelo governador das ilhas de Cabo-Verde, João Pereira Corte Real, trazendo a Pernambuco a segurança de que para ali partira a esquadra inimiga. Immediatamente o governador deu a todos o grito de álerta. Espalhou os competentes avisos, para dentro e fóra da capitania, convocando a gente á capital, e publicando até bandos, concedendo em nome do soberano perdão aos reos homisiados que se apresentassem a tomar as

armas. Melhorou ainda mais a defensa dos fortes, e a das duas povoações, flanqueando por algumas baterias o muro que corria ao longo da praia em Olinda, e cercando toda a povoação do Recife de palancas ou palissadas, supportadas por duas fileiras de vigas atravessadas. Attendeu tambem a fechar, por meio de barcos, reunidos ou mettidos a pique, a principal entrada do porto e as suas duas barretas. Distribuiu as fôrças pelos differentes postos, nomeando os competentes chefes superiores e subalternos, e, com a sua presença, procurou acudir a toda a parte, e dar calor a tudo.

Cinco dias depois de chegar o aviso, aos 14 de fevereiro, apresentava-se a esquadra hollandeza, com cincoenta e seis navios. Era d'ella chefe o veterano na milicia do mar Henrique Cornelis Loncq.

De accordo com o commandante das fôrças de terra, Theodoro Weerdenburgh, foi resolvido effeituar-se o desembarque por duas partes; encarregando-se Loncq de dirigil-o pelo porto, em quanto Weerdenburgh iria com outras tropas ás praias ao norte de Olinda.

Não conseguiu Loncq o intento. Um dos seus navios, que mais se adiantára, encalhou na barra. As lanchas que iam com gente, encontrando o porto fechado, e bem defendido tiveram de retroceder. Foi, porêm, mais feliz Weerdenburgh; pois levando comsigo uns tres mil homens, poude facilmente desembarcar além de Olinda, nas praias chamadas do Pau Amarello, á margem direito da foz do rio [1]. Saltaram as tropas em terra na tarde do dia 15, sem que a isso se oppozesse, como devia, o ex-capitão-mór Dias da Franca, a quem fôra incumbida a guarda d'esse lado, tendo ás suas ordens sufficiente gente armada, incluindo cem de cavallo. Em vez de empregal-a em cargas repetidas contra os que desembarcavam, regressou Dias da Franca á villa, com os de cavallo, deixando o inimigo dormir tranquillamente essa noite na praia.

Na manhã de 16 seguiu o inimigo pela costa, caminho de Olinda, em tres columnas, fazendo-se acompanhar ao longo

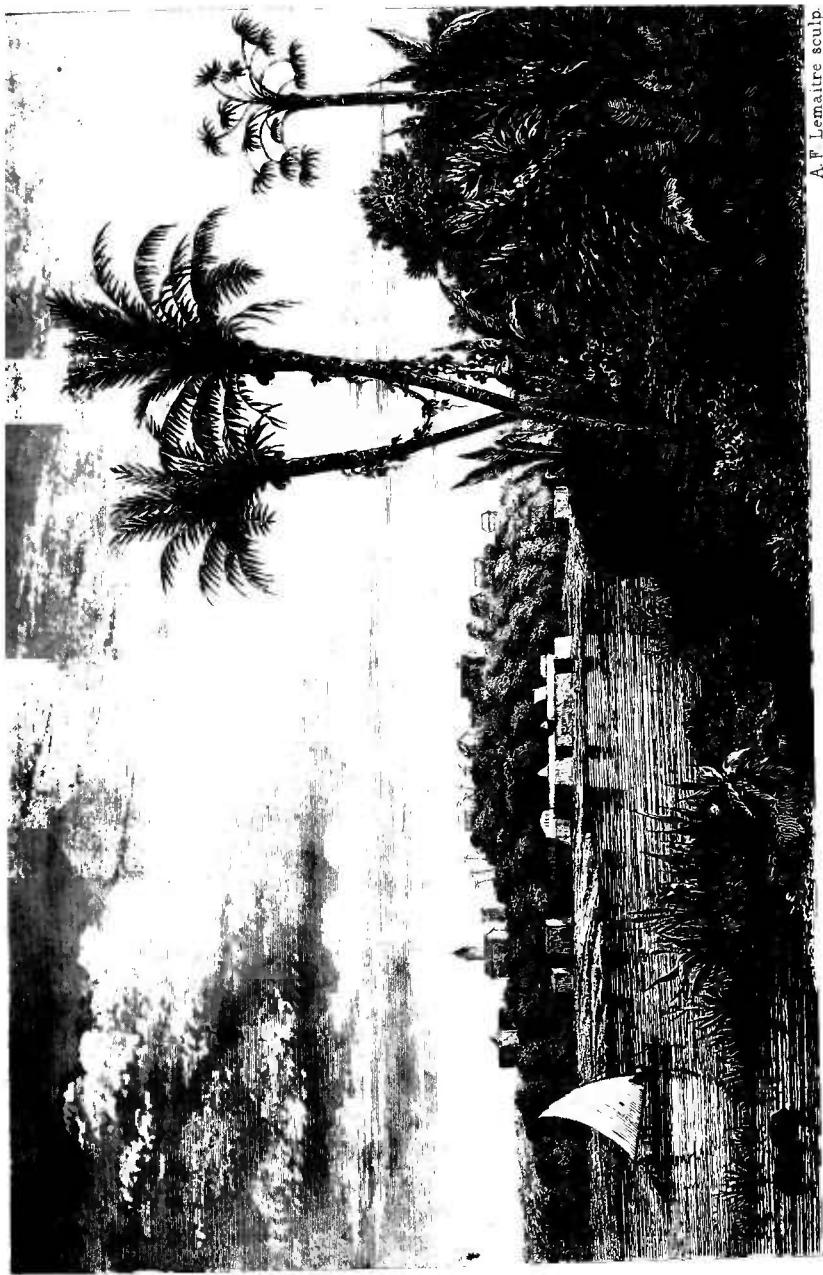
[1]) Vej. a estampa da tomada de Pernambuco dedicada a Loncq por Nicol. Joan. Piscator, pub. nesse mesmo anno de 1630.

da mesma costa por barcaças armadas, e tendo por guia Antonio Dias Papa-robalos, judeu que estivera annos antes commerciando em Pernambuco c passára á Hollanda.

O governador, confiando a defensa do Recife ao sargento-mór do Estado Pedro Corrêa da Gama, dirigiu-se pessoalmente para o lado atacado, e pretendeu apresentar resistencia na margem do rio Doce, onde a maré cheia detivera o inimigo. Tinha comsigo oitocentos e cincoenta homens, c os collocou em ordem de batalha. Ao baixar a maré, lançou-se o inimigo á passagem do rio, protegido pela artilheria de suas lanchas ou barcaças. Aguentaram os nossos o primeiro impeto ajudados por uma trincheira ali ligeiramente feita á margem direita da foz do rio; mas logo começaram a retirar-se, de modo que Albuquerque, vendo-se apenas com uns cem combatentes, teve de recolher-se a Olinda, tomando posição na platafórma do convento de S. Francisco, que dominava o caminho da praia. Chegando ahi o inimigo, preferiu ir occupar primeiro a parte alta da villa, apoderando-se do collegio dos jesuitas, onde se haviam recolhido muitos moradores.

Perdido, porêm, o mesmo collegio, e sendo as trincheiras da praia ameaçadas por novas fôrças, viu-se Albuquerque obrigado a retirar. Assim ficou o inimigo senhor da villa, havendo os nossos tido de perda quarenta e cinco mortos e cincoenta e seis feridos, entrando no número dos primeiros o bravo capitão de linha Antonio Pereira Temudo.

Perdida a villa, todos os moradores e suas familias fugiram de Olinda para os matos. Albuquerque se recolhia ao Recife, acompanhado unicamente de vinte homens, e desamparado de todos os mais.

Tambem do Recife todos fugiam, e só á força de rigor foi possivel pôr algum cobro a essa tendencia.

Vendo em torno de si tão poucos defensores, Mathias d'Albuquerque tomou a resolução de augmentar com elles as guarnições dos dois fortes, do Picão (S. Francisco da Barra) e de S. Jorge, que no isthmo lhe ficava fronteiro, de fazer recolher n'estes a maior parte das munições, e de incendiar os armazens do Recife e os navios que estavam carregados, fazendo encalhar alguns d'estes no canal da barra, a fim de,

ao menos, privar o inimigo de utilisar-se dos grandes valores que elle não tinha fôrças com que defender. O importe dos objectos consumidos pelas chammas foi orçado em quatro milhões; mas não se queimou tudo quanto havia; por quanto o inimigo fez alarde de haver-se apoderado ainda de mil e quinhentas caixas de assucar e de tres mil pipas de vinho.

Que differente teria sido a sorte dos aggressores e a dos Pernambucanos, se estes se houvessem desde principio prestado com obediante abnegação á defensa de seus lares, e se o governador houvesse podido limitar-se a defender o porto do Recife!

Incendiado o Recife, passou o governador a residir na casa da Asseca, situada do outro lado, em frente do forte de S. Jorge, do qual se podia n'aquelle tempo passar a ella na baixa-mar. Ao mesmo tempo mandou occupar o posto visinho de Santo Amaro, confiando a tarefa ao capitão de linha Martim Ferreira, com vinte soldados. Igualmente resolveu organisar, á maneira do que se praticára seis annos antes na Bahia, várias guerrilhas, com o nome de companhias de emboscadas, entrando em cada uma d'ellas alguns Indios, afim de vedar as communicações dos habitantes com a villa occupada pelo inimigo, de impedir que estes se fossem espalhando e estudando os arredores, e de fazer a todos, pelo simples facto de se familiarisarem nas hostilidades, menos propensos a reconciliar-se com o invasor.

Pela sua parte igualmente tomava este as prevenções que pensava mais a proposito. Seguro de que, recobrados os moradores do primeiro panico, reunidos a outros que convocassem, não deixariam de ir atacal-o, tratou de se fortificar principalmente na parte alta de Olinda. Vendo, porém, que não era atacado, que começava a ser sitiado por terra, e que sem porto, quando o inverno se aproximava, estava já quasi bloqueado por mar, resolveu assenhorear-se do Recife. Tentou pois de novo tomar este porto, forçando-lhe a entrada. — Procedendo, porém, a reconhecel-o no dia 19, confirmou a impossibilidade da empreza, em consequencia dos muitos barcos ahi mettidos a pique, e das baterias dos fortes que defendiam a mesma entrada. Resolveu pois começar por occupar o forte principal, chamado de S. Jorge, dirigindo-se a elle de Olinda pelo isthmo.

A. F. Lemaitre sculp.

ANTIGA POVOAÇÃO DA PARAHIBA.

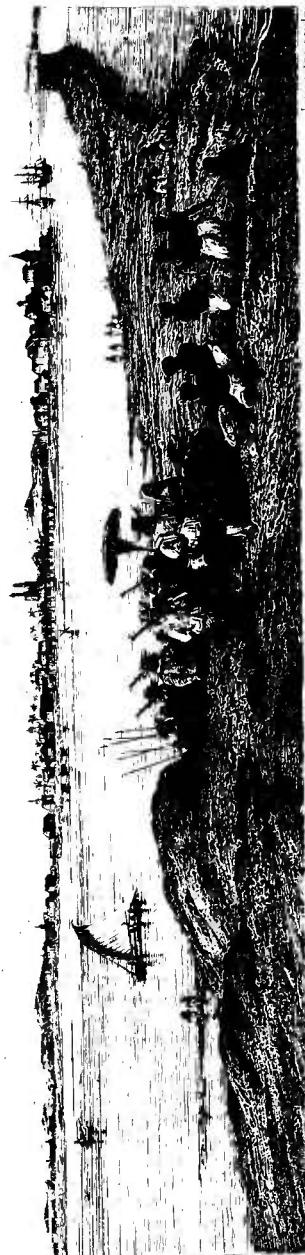
Consistia este em um edificio a modo de palacio feudal, de quatro frentes, com torres circulares nos angulos, e era em dois andares, com cinco troneiras por face em cada andar. Estava situado em frente da barra [1] um tanto avançado da povoação no isthmo que conduz a Olinda. Commandava-o Antonio de Lima, e não tinha mais que trinta e sete homens de guarnição. Teve logar o ataque depois da meia noite, e tão vigorosa foi a resistencia que o inimigo viu-se obrigado a afrouxar e a retirar-se, ao cabo de duas horas, havendo os nossos perdido cinco mortos e oito feridos.

O exito obtido n'esta defensa augmentou o valor aos nossos, e, levada a noticia aos districtos visinhos, porventura apressou a marcha dos que se preparavam a acudir. Das aldeias dos Indios correram muitos com o padre Manuel de Moraes, e lhes foi dado para defender o posto de Santo Amaro, deixando-o Martim Ferreira. Á freguezia de Ipojuca foi buscar gente Antonio Ribeiro de Lacerda, ahi querido e respeitado. Da Villa Formosa veiu, com cincoenta homens, o seu valente capitão Pedro d'Albuquerque. Da Parahiba chegaram cem homens, ás ordens de Mathias d'Albuquerque Maranhão, a quem foi dado o mando superior da estancia de Santo Amaro.

Intentou o inimigo, no dia 24 de fevereiro, um reconhecimento até perto da casa onde estava Albuquerque, mas viu-se obrigado a retirar precipitadamente, deixando muitos mortos. Naturalmente tinha este reconhecimento por fim proteger tambem por esse lado o ataque, que na vespera fôra pelos do conselho, que já funccionava em Olinda, resolvido que se désse ao forte de S. Jorge, por meio de aproxes em regra. Ácerca d'este novo ataque diz Weerdenburgh, na sua parte official:

„Immediatamente ordenei que se fizessem fachinas e cestões, os quaes estiveram promptos a 25; e no dia 27 comecei a obra, com quinhentos homens, ás ordens do tenente-coronel Elts, que n'esta noite levantou uma trincheira contra o forte... E no dia seguinte, tendo conduzido a artilheria, quando o major Honcks acabou de tarde o serviço, eu ahi me dirigi e

[1]) Proximamente onde está hoje o Brum.

fiquei até o dia immediato, em que, ao alvorecer, a bateria estava concluida, e assestados n'ella tres meios-canhões, que dispararam todo o dia.

„Na manhã seguinte, de 2 de março, depois de ter ainda disparado desde mui cedo, pela volta das nove horas, inçaram do forte uma bandeira branca, como signal de querer parlamentear, e mandaram um capitão; ao qual concedi que deixariam toda a artilheria, munições de guerra e viveres (os quaes não encontrámos, e cremos que de noite os lançariam ao mar), e sairiam sem bandeira, morrão apagado e prestando juramento de não tomar as armas contra os Estados Geraes por seis mezes."

Pouco depois entregou-se, como era natural, o pequeno castello do mar ou do Picão, de figura circular, o qual ficára de todo desamparado. O commandante do forte de S. Jorge, Antonio de Lima, e todos os seus officiaes e soldados obraram, como da primeira vez, prodigios de valor. A guarnição estava d'esta segunda vez muito mais reforçada, achando-se até dentro os poucos soldados de linha que restavam da companhia que fôra do bravo Temudo, ora mandada por Francisco de Figueiroa.

Da capitulação dos fortes se lavrou no dia 2 de março um termo ou assento, que assignaram o almirante Loncq e o commandante Weerdenburgh, e pela nossa parte Manuel Pacheco de Aguiar, commandante do forte do mar, Antonio de Lima e Pedro Barbosa [1].

O forte sómente se entregou na ultima extremidade, e quando caidas as muralhas e descavalgadas as peças, que eram de ferro e assestadas em platafórmas engenhadas sobre vigas, e feridos ou mortos um grande número dos defensores, não se podia mais sustentar. Assim acreditêmos que, se não tinham entendido que nas condições da capitulação entrava a de não servirem por seis mezes, teriam infallivelmente de haverse submettido a isso, insistindo o vencedor. Porêm, tanto Antonio de Lima, como Francisco de Figueiroa e outros, pre-

---

[1]) O teor da capitulação foi publicado nesse proprio anno de 1630 na folba *Cort Verhael* etc., Amsterdam, By Claes Jansz Visscher, 8 pag. in 4.

Lemaitre sculp

O RECIFE DE PERNAMBUCO
Em tempo do dominio hollandez.

feriram entregar-se á prisão, sem prestar o juramento de não tomar as armas por seis mezes. Reteve-os, pois, o inimigo, e só vieram a passar ao nosso campo, d'ahi a pouco mais de quatro mezes, sendo Antonio de Lima mandado preso á Bahia, a responder, segundo os usos, a conselho de guerra [1].

Com a occupação dos fortes, ficou o inimigo senhor do Recife e do porto, que logo tratou de pôr expedito e livre. Ao engenheiro Commersteyn foi confiada a fortificação. Os armazens e casas do Recife, que se não haviam incendiado, foram postos a coberto dos tiros que lhes podessem do continente ser dirigidos. E tendo, no dia 3, sido feito um reconhecimento na ilha visinha, chamada de Antonio Vaz, nome do seu primeiro dono, ou tambem de Santo Antonio, por um convento que ahi tinham os capuchos, e achando-se essa ilha desamparada até pelos frades do mesmo convento, logo o inimigo a occupou e a incluiu no plano do systema de defensa por elle adoptado para assegurar a posse do porto. Aqui, entre pantanos e areaes, achavam-se os Hollandezes como na sua terra, e por isso tiraram de tudo tanto proveito. Uma planta do Recife foi logo levantada pelo engenheiro Van Buren, e outra da ilha de Santo Antonio pelo engenheiro Drewis.

O convento foi fortificado por meio de um recinto abaluartado rectangular, a que deram o nome de forte Ernesto; fizeram-se mais outras trincheiras; reparou-se o forte de S. Jorge; e se acabou adiante d'este, e defronte da barra, um que já estava pelos nossos em construcção, com o nome de Diogo Paes, e que o inimigo, reformando-o, veiu a denominar do *Bruyn*, nome que injustamente adoptámos, bem que alterado no de *Brum*.

Todas estas obras eram pelo inimigo effectuadas com grandes difficuldades, por falta de madeiras e de materiaes, e em virtude dos grandes calores; de modo que diariamente lhe crescia o número dos doentes, entre os soldados destinados aos trabalhos.

Por sua parte Albuquerque, vendo-se com mais gente, se limitou a augmentar o número das guerrilhas ou companhias

---

[1]) C. R. de 25 de outubro de 1630.

de emboscadas, com seus capitães, entre os quaes se achavam os benemeritos Pernambucanos Estevão de Tavora, e Simão Figueiredo, ao depois jesuita. Subordinou as quatro instituidas contra Olinda a Mathias d'Albuquerque Maranhão, com estancia em Santo Amaro; algumas novas a Lourenço Cavalcanti d'Albuquerque, da Goiana, com estancias nas Salinas e Asseca, e o titulo de governador d'esse districto, outra (com estancia em umas casas de João Velho Barreto, no actual bairro da Boa-Vista) ao valente Pernambucano Luiz Barbalho, e finalmente tambem algumas a Antonio Ribeiro de Lacerda, da Ipojuca, com estancia nos Afogados, a fim de resguardar a Varzea.

Para quartel general escolheu a paragem mais a proposito nos arredores, bastante central, quasi a igual distancia de Olinda e do Recife, e onde se reunia a maior parte dos caminhos d'estas duas povoações para o interior, em consequencia das voltas do Capiberibe e das cheias do Biberibe.

Aproveitando-se de uma casa que ahi havia, de um Antonio de Abreu, augmentou-lhe os meios de defensa, fazendo cortaduras nos caminhos, e acrescentando-lhe depois varios postos e baterias. A este posto, assim fortificado, tambem reminiscencia do arrayal do rio Vermelho na Bahia, no tempo do bispo D. Marcos, se deu o nome de *Arrayal do Bom Jesus.* Ainda d'elle ahi descobre manifestos vestigios o antiquario entendido, procurando-os pelas evidentes indicações que da posição do mesmo posto nos deixou, em varios logares, o proprio donatario da capitania, seu minucioso chronista; a saber: á margem esquerda do Capiberibe, além, um tiro de arcabuz, do riacho Paranamerim, ás vezes secco; proximo de um outeiro, sobre o qual (por occasião da cheia do Capiberibe em 1632) se addicionou ao mesmo Arrayal um forte reduto, e finalmente áquem do engenho *do Monteiro,* nome este bem conhecido, pelas suas casas de campo, nos suburbios do Recife.

Com tal empenho se votou Albuquerque a fortificar esta paragem que, intentando, no dia 14 de março, contra ella um ataque o tenente-coronel Van der Elst, a encontrou já em estado de apresentar resistencia, até que acudiram, com as tropas de suas estancias, Luiz Barbalho e Lourenço Caval-

canti, e fizeram pagar caro ao inimigo a retirada, deixando no campo muitos mortos; não havendo sido a nossa perda senão de dezeseis, entre mortos e feridos.

Com esta victória, apesar dos novos reforços que de contínuo, e quasi por cada navio da Europa, recebia o inimigo, os nossos cobraram brios, e começaram a emprehender ataques de surpreza, distinguindo-se os que tinham logar no proprio isthmo, perturbando a communicação entre a villa e o Recife. Não tardaram até a atacar formalmente os intrincheiramentos que o inimigo proseguia na ilha de Santo Antonio. Commetteram a empreza Luiz Barbalho e Antonio Ribeiro de Lacerda, que, com as tropas de suas estancias, foram atacar a um tempo as trincheiras por dois pontos differentes. Teve logar este ataque simultaneo na madrugada de 24 de maio. Accommetteram os nossos com tal impeto que, em menos de um quarto de hora, haviam entrado na primeira e segunda trincheira mais de trezentos. Ahi se travou a peleja corpo a corpo. Os nossos conseguiram a princípio maior vantagem: descavalgaram as peças e feriram quasi todos os officiaes inimigos, incluindo o tenente-coronel Van der Elst, e o principal engenheiro Commersteyn. Sendo porêm mortalmente ferido, de uma bala de artilheria, o chefe Ribeiro de Lacerda, começaram todos a retirar-se, deixando dentro das trincheiras dezenove mortos. Depois já o chefe inimigo se viu obrigado a declarar de officio que combatia com um „povo valoroso e agil".

Este assalto não foi o unico emprehendido pelos nossos, com mais audacia que fortuna e bom discernimento. Em logar de estudar quaes eram os pontos importantes, para os guarnecer e intrincheirar, abdicava em geral o chefe esse cuidado ao inimigo, e apenas este os havia occupado e se achava em estado de apresentar n'elles resistencia, era resolvido o ataque, tendo n'este o inimigo as vantagens da defensiva. Foi assim que, apenas o forte fronteiro á barra se viu levantado e guarnecido de artilheria, já com o nome de forte do *Bruyn* [1],

---

[1]) Depois lhe addicionaram os Hollandezes a obra cornea, que estava concluida em 31 de março de 1631, segundo participa Weerdenburgh n'essa data.

ordenou Albuquerque ao intrepido Luiz Barbalho que fosse, com a sua gente, assaltal-o de noite das duas para as tres da madrugada. Executou Barbalho a ordem (8 de julho), e por tal fórma que o juizo do chefe ácerca dos Pernambucanos foi ainda mais favoravel [1].

Perto de um mez depois, quando o inimigo levantava do outro lado da ilha de Santo Antonio o forte das *Cinco-Pontas*, a que se deu o nome de *Frederico Henrique*, acudiram logo os nossos a atacal-o, com oitocentos homens, incluindo trezentos Indios; e foram obrigados a retirar-se, com perda de quatorze mortos e oito feridos, dando azo aos contrarios a conhecer os fracos da sua fortificação, que depois melhoraram, com revelim e hornaveque, e mais um reduto avançado a que deram o nome de *Amelia*.

E o mesmo succedeu mais ao diante quando, ao mando de Callenfels, occuparam o pontal da Asseca; e levantaram ahi o forte de Tres-Pontas que denominaram de *Weerdenburgh*. Os nossos atacaram logo no proprio dia 3 de fevereiro de 1631, e tiveram que retirar-se, ao cabo de duas horas, com perda de treze mortos e vinte e um feridos. Repetiu-se ainda semelhante erro d'ahi a perto de cinco mezes, quando o inimigo se lembrou de construir o forte do *Buraco*, a que deu o nome de „*Madame Bruyn*"; pois ainda que Luiz Barbalho o desalojou, não tendo mantido o posto, foi elle de novo investido com mais fôrça, e depois tenazmente guardado.

E se, em semelhantes ataques, o inimigo apreciava melhor o valor dos nossos, era isso uma desvantagem, porque melhor se prevenia; e se d'elles resultava o irem-se elles familiarisando mais com o fogo e fazendo-se aguerridos, não ha dúvida que identicos fins se poderiam conseguir, adquirindo a tempo vantagens decididas os que expunham tão heroicamente as vidas.

---

[1]) „Acho este um povo de soldados vivos e impetuosos, aos quaes *nada mais falta que boa direcção*: e que não são de nenhum modo como cordeiros... o posso eu affirmar porque por vezes o tenho experimentado" (Weerd. offi. de 27 de julho). Este ataque teve logar na madrugada de 18 de julho, e não de 13 de junho, como se lê nas *Mem. Diarias*.

Nos intervallos que mediaram entre estes ataques, em que os nossos tomaram a offensiva, tiveram logar outros, nos quaes esta veiu da parte contrária, quasi sempre em sortidas para fazer fachinas, etc., e duas vezes para accommetter o nosso posto nas Salinas, chegando até a assaltal-o (10 de agosto); e depois (23 de setembro) a incendiar a casa que n'elle havia, o que dava sempre logar a pelejas. Tambem faziam os inimigos excursões pelos arredores para colherem fructas, e uma vez (16 de janeiro de 1631) foram apanhados pelos nossos nas matas de cajueiros, perto de Olinda, causando-lhes grande perda, da qual elles pretenderam tirar desforra atacando-os durante quatro dias successivos, de 28 a 31 de janeiro.

Entretanto haviam recebido os invasores frescos soccorros, bastante consideraveis; ao passo que mui diminutos recebêra Albuquerque; se bem que eram grandes as recommendações da metropole para se resistir de todos os modos, e que se promettia uma armada, da qual já se indicava que viria por almirante D. Antonio de Oquendo.

Ao chegarem a Lisboa as notícias da perda de Olinda e do Recife, achava-se interinamente de governador de Portugal D. Diogo de Castro, que logo fez ouvir com urgencia o conselho de estado, e ao remetter para Castella a consulta, a acompanhava da súpplica ao rei de que em pessoa baixasse á costa (a Lisboa) para, com a sua presença, vir alentar o apresto dos soccorros, que tanto importava aos proprios dominios de Castella se expedissem em grande fôrça e com a promptidão possivel, ponderando ao rei que então no mar estava principalmente a sua sorte.

A primeira providencia que acudia á mente do governo de Madrid foi uma ordem para que em Lisboa se fizessem preces, e se castigassem os delictos, inclusivamente *pela repartição do Inquisidor Geral.* Não nos indignemos, nem nos riamos. Eram as idéas do tempo na metropole e na côrte, e demo-nos por mui felizes de não termos vindo ao mundo no tempo em que a nossa terra estava sujeita a taes influencias. O proprio rei, em meio de seus folguedos proverbiaes, era escravo submisso da inquisição.

O certo é porém que a noticia não deixou de causar bastante abalo em Madrid. Não podendo ou não querendo baixar a Lisboa, o rei decidiu mandar ahi um seu irmão, o infante D. Carlos, mas nunca chegou a partir. Ao mesmo tempo creou junto a si tres ministerios, exercidos por Portuguezes, para os negocios de Portugal e suas colonias; e com esta providencia houve muita actividade nos despachos.

Não devia deixar de contribuir para tantas providencias o modo como Weerdenburgh terminava o seu officio de 7 de março, que logo corria publicado por toda a Europa: „É esta uma paragem (dizia) da qual todo o Brazil se pode conquistar; e espero ao vêr o medo com que está o paiz, que poderei fazer progressos que dêem a vv. s.as nome eterno. Porque d'aqui se póde enfrear e guardar o Brazil todo com poucos gastos, arruinar a navegação do inimigo nas costas... e attrahir os habitantes a mutua amisade e alliança."

Ás camaras de Portugal, e com especialidade á de Lisboa, escreveu o rei, [1] recommendando a pontual cobrança do real d'agua, e exigindo-lhes novos tributos, que perfizessem um milhão de renda fixa, com que se podessem manter duas armadas nas conquistas, indicando, por primeira vez, a idéa do estanco do sal, que veiu depois a estabelecer-se. Mas d'esta vez os povos não se prestavam de boa vontade a novos tributos e esforços extraordinarios, como em 1624, quer porque ficassem exhaustos, quer porque discorriam mais contra a dynastia, que era para elles causa de tantos trabalhos.

Em quanto, porém, em Hespanha e Portugal se demorava o apresto da armada promettida, a Companhia hollandeza, que tinha d'ella noticia, mandava a toda a pressa apparelhar outra, ás ordens do valente almirante Adrian Janssen Pater, e ao mesmo tempo começou a enviar a Pernambuco varios navios com muitos soccorros de provisões e de tropas, perfazendo o número total d'estas, em fins de 1630, uns tres mil e quinhentos homens.

Julgando os do conselho que podiam dispor de parte

[1]) C. R. de 28 de maio 20 e 30 de junho e 9 de agosto de 1630.

d'estas fôrças, e tirar proveito dos navios chegados, em quanto a armada de Oquendo se não apresentasse, resolveram tentar a occupação da ilha de Itamaracá, a qual ao menos lhes serviria a provel-os de lenha. — Prepararam pois a expedição, confiando o mando dos navios a Maerten Teyssen e o das tropas de terra ao tenente-coronel Callenfels. Fizeram-se de véla no dia 22 de maio; e chegando ao porto do sul da ilha, contentaram-se de occupar uma restinga, quasi ilhada, fronteira á barra, levantando um forte de quatro frentes abaluartadas, com um revelim ou hornaveque, do lado de um isthmo que se extende para a ilha. A esse forte denominaram de *Orange*. Ahi ficaram de guarnição, ás ordens do official polaco Crestofle d'Artischau Arcizewsky, quinhentas e tantas praças [1].

Tambem só quando n'essa ilha appareceu a aggressão, se lembrou Albuquerque de acudir-lhe com remedio, despachando immediatamente, com alguma tropa, ao capitão Bento Maciel Parente, que em Pernambuco se criára, e acabava de chegar da Europa, com os primeiros soccorros; indo com elle o senhor de engenho da Goiana, Jeronymo Cavalcanti, com a gente que servia ás suas ordens; a fim de por ahi organisar tambem companhias de emboscadas para incommodar o inimigo. Mathias d'Albuquerque Maranhão chegou tambem a ir até ali, com os da Parahiba, mas foi mandado retirar para os arredores do Recife logo que se entendeu que os Hollandezes se limitavam a conservar o forte que haviam levantado.

Passado mez e meio (1°. de julho) intentava o inimigo assenhorear-se do nosso porto dos Afogados. Commandava-o Francisco Gomes de Mello, tendo ás suas ordens, entre outros capitães, a Francisco de Figueiroa. O ataque foi repellido valentemente, ainda que com perda de tres mortos e cinco feridos, sendo a do inimigo, por elle confessada [2] de um morto e vinte e tres feridos.

Quando assim os Hollandezes se faziam senhores d'esse pontal da ilha de Itamaracá e pretendiam extender a sua linha,

---

[1]) Off. de Weerdenburgh de 31 de maio de 1631.
[2]) Off. de Weerdenburgh de 3 de agosto de 1631.

desde o Recife até o posto dos Afogados, já velejava no Oceano a esquadra de Oquendo, comboiando um soccorro de tropas para todo o Brazil. Conduzia uns mil homens para Pernambuco, duzentos para a Parahiba, e oitocentos para a Bahia, que deviam primeiro ahi desembarcar. Se como seis annos antes, em vez de soccorros, manda a côrte ao Brazil uma poderosa armada *de restauração*, os intrusos houveram agora sido expulsos, e não teriam dominado ainda por vinte e tres annos, e sido causa de tantas perdas para o estado e de tantas calamidades para os particulares.

Chegou Oquendo á Bahia aos 13 de julho, e aos 18 de agosto seguinte deixou o valente almirante Pater as aguas do Recife, para sahir-lhe ao encontro.

Em quanto não chegaram a avistar-se, occorreram no Recife dois pequenos successos dignos de menção. Foi o primeiro o incendio de todo o deposito de fachina, que tinham no isthmo, á sombra do forte de Brum, realisado pelo valente Luiz Barbalho no dia 24 de agosto. Cinco dias depois teve o outro logar. Havia o inimigo construido na ilha de Santo Antonio quatro redutos avançados do lado do continente, que faziam como a sua primeira linha de defensa por esse lado. Resolveu Albuquerque o ataque de um d'esses redutos, e deu o encargo ao capitão Martim Soares Moreno, que havia tres mezes chegara ali vindo do Ceará, com muitos Indios. Accommetteu Martim Soares o reduto, e o tomou por assalto, levando á degola parte da guarnição e aprisionando o sargento.

As esquadras de Oquendo e de Pater não se avistaram senão a 12 de setembro. Cada um dos dois chefes, ao examinar as forças do contrário, julgava a victoria segura: Pater fiado na maior pujança de algumas de suas náos, em não ter barcos que comboiar, na sua resolução e audacia, e no plano, que já levava, de deixar a esquadra contrária sem chefe, accommettendo a um tempo a capitanea e a almiranta, e tomando-as por abordagem com muita gente que para isso trazia. Oquendo, fiado na superioridade numerica de suas fôrças, contando dezoito vasos de guerra e mais cinco fretados; pelo que

chegára a dizer, ao avistar as dezeseis naves inimigas, que eram ellas (palavras formaes) *pouca roupa.*

A um tiro da capitanea de Oquendo se dispozeram os navios de guerra em batalha, collocando-se os transportes ao abrigo d'elles, e, a um novo tiro de bala da mesma capitanea, içou esta o pavilhão real, e viu dirigir-se a ella o chefe inimigo; ao passo que o vice-almirante Thysoon tomava á sua conta a vice-almiranta hespanhola, de vinte e seis peças de bronze, a qual antes de fazer fogo, recebeu uma tremenda banda, além de outra de um galeão, que veiu em auxílio da de Thysoon, e que, ao passar-lhe pela popa, disparou sobre ella de tal modo que a abriu e metteu a pique; havendo-lhe sido de nenhum soccorro o que atravessando-lhe a proa, pretendeu subministrar-lhe o galeão S. Boaventura, que foi victima de sua zelosa intenção, accommettendo-o o inimigo até o tomar.

A capitanea hollandeza, de cincoenta e seis canhões, buscando a hespanhola, de trinta e quatro, atravez do fogo de quatro navios, que ficavam a barlavento, atracou-se-lhe por bombordo, deitando-lhe arpéo, para segurar a que já julgava presa sua. Travou-se então mais renhido este combate parcial: um galeão inimigo veiu, em auxílio da sua capitanea, abordar a nossa por estibordo; e um navio portuguez, o Prazeres Menor, ao mando de Cosme do Couto, querendo soccorrer a Oquendo pela proa, foi mettido a pique, e o seu commandante caiu prisioneiro[1].

Durava a acção desde as oito da manhã, e eram já quatro da tarde, quando se manifestou o incendio na Principe Guilherme, capitanea inimiga. E o fogo ia já communicando, por seis ou sete partes, á hespanhola a ella aferrada, quando a conseguiu salvar o capitão João do Prado, subministrando-lhe um cabo ou rajeira.

Abordou ainda com outro inimigo um dos galeões da frota hespanhola; e os demais contentaram-se de impedir que elles fossem soccorrer a sua capitanea ou caissem sobre os transportes. O inimigo perdeu, além da propria capitanea, outro

---

[1]) Só d'ahi a um anno poude escapar-se do navio em que o retinham preso, atirando-se ao mar, e nadando para terra sem ser sentido.

navio denominado *Provincia de Utrecht*, do qual apenas cincoenta pessoas conseguiram não afogar-se. A capitanea de Oquendo salvou-se; mas ficou impossibilitada de marear. E por esta circumstancia, e pela de julgar preferivel a tudo deitar a salvo em terra os soccorros que vinham para Pernambuco e Parahiba, tratou Oquendo de evitar novo encontro, que aliás anciava ter o inimigo.

A circumstancia de ter conseguido deixar impunemente estes soccorros deve ter sido a mais attendida para haver sido pela Hespanha contada esta acção como victória, e ainda hoje é considerada como tal em um quadro d'aquella época, pintado a oleo, que se vê em Madrid, no museu naval. A perda total de um e outro lado se avaliou em mais de mil homens. Da parte da frota hespahola faltaram, entre afogados e prisioneiros e mortos, quinhentos e oitenta e cinco, e ficaram feridos cento e um. Do almirante Pater se conta que, ao vêr incendiada a sua capitanea, não se quiz salvar, podendo fazel-o; e que, preferindo a morte nas aguas, elemento das suas glórias, á das chammas, „se envolveu no estandarte da Hollanda e se deitou ao mar e morreu afogado."

O soccoro trazido por Oquendo para Pernambuco foi deixado na Barra Grande, a trinta leguas do Arrayal, e como era todo de tropas novas no Brazil, só chegou a ser utilisado depois de algum tempo, e de não pequenos trabalhos.

No emtanto o inimigo o julgou mais importante, e só depois d'elle se resolveu a abandonar Olinda, como desde mais de um anno propozera por vezes [1] Weerdenburgh. — Foi a villa despejada no dia 24 de novembro, sendo barbaramente entregues ás chammas todas as casas que não foram pelos proprietarios resgatadas pelas sommas que arbitrou o inimigo. Alliviados do grande cuidado de guarnecer essa villa, no que tinham empatada parte de suas fôrças, conseguiram os invasores reunir algumas para emprehender um ataque contra a Parahiba. Já, porêm, ahi haviam sido recebidos os soccorros trazidos por Oquendo, quando se lhe apresentaram os atacantes, effectuando a 9 de dezembro um desembarque, nas

---

[1]) Off. de 27 de julho de 1630 e 12 de fevereiro e 24 da março de 1631.

immediações do forte do Cabedelo; e começando logo uma trincheira, a fim de o bater em brecha. Commandava as fôrças hollandezas o tenente-coronel Callenfels.

Á trincheira do inimigo resolveu o commandante do forte, João de Mattos Cardoso, oppor outra trincheira na distancia de oitenta passos da sua muralha. A direcção d'essa trincheira foi confiada ao engenheiro Diogo Paes, vindo de Pernambuco. Esforçou-se Callenfels por impedir a sua construcção, e n'este esforço travou uma primeira lucta, em que perdeu mortos, vinte e tantos.

Não conseguindo o empenho, voltou no dia seguinte ao ataque, intentando-o por quatro pontos differentes, na hora da maior calma: de novo foram todos repellidos, bem que a confusão chegou a ser grande, havendo-se visto misturados amigos e inimigos, em muitos ataques parciaes e corpo a corpo; tendo, porém, os sitiantes contra si a metralha dos canhões do forte, viram-se obrigados a tocar a retirada; sendo mais de cento e quarenta os mortos, incluindo o franciscano fr. Manuel da Piedade, que com um crucifixo nas mãos se lançára no meio da refrega.

Preparava-se o Hollandez a dar uma nova investida, quando temendo ser tambem incommodado pela artilheria de um forte que da outra banda tomára a seu cargo o velho morador Duarte Gomes da Silveira, companheiro de Feliciano Coelho nas guerras do sertão, e ahi dono de extensas fazendas de criação de gados, ou imaginando maior o reforço que pelo rio vinha da capital, se embarcou para o Recife, com perda de cincoenta mortos e cento e quarenta feridos [1], e mais quarenta enfermos; havendo tido os Pernambucanos mais de oitenta feridos, quasi igual número de mortos, entrando n'esta conta varios Indios, inclusos dois principaes [2]. Apesar d'este revez os senhores do Recife não tardaram a preparar-se para uma nova expedição contra o Rio-Grande do Norte. Propondo-se o chefe militar Weerdenburgh lavar a affronta das suas

---

[1]) Off. de Weerd. de janeiro de 1632.

[2]) Fr. Paulo do Rosario no seu escripto (em estylo de sermão) dá uma lista de todos os nomes.

armas, quiz ir n'ella em pessoa: partiu a vinte e um do mesmo mez de dezembro, mas, passando á vista da Parahiba para o norte, foi logo ali suspeitado o plano de uma tentativa contra o Rio-Grande, e para ahi seguiu immediatamente Mathias de Albuquerque Maranhão, com tres companhias e uns duzentos Indios, os quaes chegaram tanto a tempo, que nem Weerdenburgh ousou tentar ataque.

Viram-se, pois, os Hollandezes obrigados a regressar ao Recife, a comer fiambres salgados, e a seguir outra vez a este respeito como se estivessem navegando; apezar de acharem-se em terra firme, havia quasi dois annos.

Não querendo dar-se por escarmentados, intentaram ainda d'ahi a dois mezes, um novo ataque. E fazendo primeiro negaça contra a ilha de Itamaracá, foram depois fundear na calheta ao norte do Cabo de Santo Agostinho, cuja defensa estava confiada ao capitão Bento Maciel Parente, com sessenta homens; os quaes foram depressa soccorridos por mais de cem, que do porto dos Afogados levou em pessoa Francisco Gomes de Mello: o qual, apezar de já haver sido capitão no Rio-Grande, e ser de jurisdicção superior a Maciel Parente, quiz a bem do serviço dar exemplo de muita abnegação, collocando-se sob as ordens d'este. Ajudados pela localidade, conseguiram os nossos em dois redutos, cada um com duas peças, impedir o desembarque, tentado por tres vezes pelo inimigo, com tão grande perda, quc teve de tornar de novo para o Recife.

Esta tentativa fez aos Pernambucanos reflexionar no muito que ganharia o inimigo, se lhes tomasse o porto do Cabo de Santo Agostinho, por onde o arrayal principalmente se provia então. Foi pois resolvido que o conde de Bagnuolo, com o seu terço de trezentos Napolitanos, passasse a defendel-o bem. Infelizmente toda a defensa reduziu-se á construcção do primitivo forte da Nazareth, em um medão ao norte do porto, em sitio arido, e que nem defendia o porto, nem a barra; deixando de occupar-se, com grandes fôrças e trincheiras, o Pontal, onde se faziam os desembarques e havia já algumas barracas de homens do mar.

Mais de dois annos haviam decorrido desde a chegada dos

Hollandezes, e se encontravam elles ainda encurralados dentro do Recife e do pequeno forte de Orange na ilha de Itamaracá, e já na Hollanda se começava a discutir a idéa do abandono do Brazil, quando uma lamentavel occorrencia veiu mudar a face dos acontecimentos, atiçar a guerra, e prolongar a duração do dominio estranho. Referimo-nos á deserção, das fileiras dos nossos para as do inimigo, de Domingos Fernandes Calabar, natural de Porto-Calvo. Consta, pelo testemunho de dois escriptores que conheceram pessoalmente o mesmo Calabar, e que deram seus depoimentos ante a posteridade, alguns annos [1] depois da morte do mesmo transfuga que a origem da deserção procedeu de temor do castigo, em virtude de grandes crimes commettidos.

Havia sido o Calabar um dos primeiros Pernambucanos que se alistára no serviço contra os hollandezes, e fôra até honrosamente ferido no primitivo ataque intentado pelo inimigo contra o Arrayal do Bom Jesus, em 14 de março de 1630. Vamos agora a vêr como á sua infeliz deserção deveram os Hollandezes os immediatos passos que deram, com exito decidido, no empenho de assenhorear-se do paiz.

A primeira empreza, concebida e dirigida pelo Calabar, foi a de um ataque de surpreza contra a villa de Igaraçú. O conhecimento que tinha do local e do facto de que um rio navegavel para canoas partia d'aquella villa a desembocar não longe da paragem occupada pelos Hollandezes com o seu forte de Orange, em frente da mesma ilha, cujas cimas se avistam da propria villa de Igaraçú, levaram o Calabar a lembrar as vantagens que os intrusos poderiam alcançar realisando aquella surpreza, em que não correriam risco algum; tendo simplesmente a cautela de ordenar que do dito forte de Orange se enviassem com antecipação algumas barcaças, para transportar por mar os expedicionarios, depois de darem a assaltada.

Acceitou Weerdenburgh o plano, e tudo se preparou, segundo dispoz o Calabar, que se offereceu a acompanhar em

---

[1]) O seu confessor na hora da morte fr. Manuel Calado, doze annos depois: o donatario da capitania, d'ahi a seis annos mais.

pessoa a expedição, o que Weerdenburgh aliás houvera exigido, para d'este modo tel-o em refens. Prepararam-se quinhentos [1] homens, levando uns trinta e tantos pretos [2] para conduzir os feridos; partiram todos no dia 30 de abril, acompanhando a atrevida expedição o proprio Weerdenburgh. Encaminhou-os o Calabar por junto de Olinda, onde foram presentidos pelas vigias, que deram logo aviso ao Arrayal.

Como tinha chovido antes, estavam alguns rios mui crescidos, e a custo poderam ser passados a váu. Se n'essa noite, depois que estavam já em caminho, houvesse chovido como nas anteriores, ahi teria ficado toda a expedição, sem poder passar para diante nem para traz, e sería encontrada pelas fôrças de D. Fernando de la Riba Aguero, mandadas por Mathias d'Albuquerque, apenas avisado d'essa ousada tentativa. Este perigo avultado pela escuridão da noite, sobre tudo desde que, pela volta das tres da madrugada, se poz a lua, chegou a ser presentido por Weerdenburgh, por cuja mente mais de uma vez passaria n'essa conjunctura a idéa de que o Calabar lhe teria armado uma traição, quando ao dar officialmente parte da empreza escrevia: „em todos estes perigos estavamos dependentes da fidelidade ou infidelidade de *um negro*, que nos servia de guia, e não deviamos pôr muita confiança n'essa gente estupida.“ [3] O proprio Weerdenburgh confessa que se ali o encontram os inimigos, não só o projecto se teria frustado, como „houvera custado a cabeça a todos“. Com esta idéa proseguiu no maior silencio que poude, sem alarmar os habitantes dos povoados e engenhos por onde passava. E encontrando, já pela madrugada, uns carros, para que os carreiros não fossem dar notícia da marcha, nem se encommodar com o ter que conduzil-os presos, commetteu a barbaridade de ahi os mandar assassinar mui a sangue frio,

---

[1]) Não 1500, como dizem varios autores. Seguimos n'esta narração ao proprio Weerdenburgh, no off. de 9 de maio de 1632.

[2]) Não 400, para conduzir os despojos, como escreveu Southey (I, 480), e se lê, sem nenhum correctivo, na traducção (II, 254).

[3]) Alle dese piricúlen rústen doen ter tydt op de troúwe ofte ontroúwe *van eenem Neger*, die mij als gúijde diende, op welck dom Volck sich nochtaus weynich is te verlaten“, — Weerdenh. off. de 9 de maio de 1632.

barbaridade que deveria desculpar-se pelo medo, se o mesmo Weerdenburgh não se regosijasse d'ella ainda dias depois.

A final só na manhã seguinte (1°. de maio) poderam apresentar-se diante de Igaraçú. Weerdenburgh, deixando tres companhias ás ordens do major Rembach, accommetteu com a demais tropa. Foram logo mortas „várias pessoas de distincção", e presos alguns ecclesiasticos. A insignificante resistencia que, em meio da surpreza e sobresalto, vieram ainda os moradores a apresentar, custou mesmo assim aos atacantes oito mortos e mais de vinte feridos, comprehendendo varios officiaes, incluso o major Rembach.

Weerdenburgh fez recolher as mulheres „bonitas em grande numero", segundo elle, na igreja da misericordia, mandou vasar umas duzentas pipas de vinho, que foram encontradas, para evitar que, com a embriaguez, a sua gente não podesse proseguir na marcha, permittiu o saque da villa, e, depois de lançar fogo a todas as casas, recolheu-se a toda a pressa para o forte de Itamaracá, deixando burlados os que já do Arrayal chegavam afim de atacal-o.

Como era natural, o exito d'esta empreza augmentou muito a fôrça moral dos Hollandezes e o credito para com elles de Calabar, que continuou sendo o seu fiel guia, a principio por todos os contornos do Recife, e mais tarde por toda a capitania e pelas visinhas.

Tiveram logar as primeiras sortidas, umas vezes para atacar as estancias[1] dos nossos, outras para fazerem fachina, com particularidade no sitio das Salinas, e finalmente outras para apanhar fructas nos pomares que havia nos arredores de Olinda. Tambem, á imitação dos nossos, executaram os Hollandezes com felicidade duas embuscadas, uma na Tacaruna e outra na ponte do Biberibe, junto á villa, conseguindo n'esta ultima fazer prisioneiro o capitão Francisco Rebello.

Emprehenderam mais duas sortidas por mar ao Rio-Formoso, preando e queimando quanto encontraram, motivo por

---

[1]) O ataque emprehendido contra Luiz Barbalho em 21 de dezembro não teve logar em 1633, nem com 1800 homens (como diz o sr. Mello mas em 1632, e com menos de uma terça parte d'esse número d' elle

que se resolveu o governador a fortificar esse porto com um reduto, cujo mando confiou a Pedro d'Albuquerque, ahi capitão d'auxiliares.

Pouco depois foi Bagnuolo assestar uma bateria contra o forte d'Orange, em Itamaracá. Reforçado porém o mesmo forte pelos do Recife, e vendo-se que nenhum resultado se obtinha com os tiros que contra elle se disparavam, retirou Bagnuolo a bateria, regressando aos acampamentos.

Entretanto haviam sido attendidas na Hollanda as instancias de Weerdenburgh, pedindo reforços, e em fins de 1632 chegavam não poucos, devidos por ventura aos raios de esperança que começavam a bruxulear na nova conquista. Mas para mandal-os, havia a Companhia tido que emittir acções no valor de mais de um terço do capital; e isto quando já as mesmas acções se cotavam com sessenta por cento de perda. Vinham com os novos reforços dois emissarios escolhidos d'entre os proprios directores; sendo Mathias Van Ceulen, de Amsterdam, e João Gysselingh [1], de Middelburg, os quaes trouxeram a Weerdenburgh a licença, que, em consequencia da morte de seu pai, havia solicitado para regressar á Europa; como executou apenas deu todas as convenientes informações aos dois commissarios.

Estes, por sua parte, entregaram-se aos assumptos do governo com a maior actividade. Despacharam, para serem deitados nas costas do Rio-Grande, afim de ahi attrahirem os Indios descontentes, tres que já haviam estado na Hollanda. Logo, conservando toda a confiança no Calabar, resolveram valer-se d'elle, para extenderem o seu dominio.

A primeira paragem contra que se dirigiriam foi a do Rio-Formoso, de cujo reduto, segundo ha pouco dissemos, fôra feito commandante Pedro d'Albuquerque. Teve logar o ataque na madrugada de 7 de fevereiro de 1633. A defensa foi heroica, e constitue entre nós uma lenda semelhante á do passo das Termopylas entre os Gregos. De vinte homens se compunha apenas a guarnição; mas opposeram-se a quatro ata-

---

[1]) *Vancol e Guezelin* escreve Albuquerque; *Vancol e Chisilim* diz Calado.

ques de um número mui superior. Mortos porém desenove dos combatentes, o que restava, Jeronymo de Albuquerque, parente do capitão, escapou a nado com tres feridas, ficando o último estendido no forte, com duas, e assim caiu prisioneiro. O inimigo respeitou tanto valor. Conduziu-o ao Recife; d'onde, depois de são, foi mandado levar ás Antilhas, e d'ahi passou á Europa; onde permaneceu até ser nomeado governador geral do Maranhão, de cujo conquistador era neto natural; vindo pouco depois a fallecer no Pará em 1644.

A occupação do Rio-Formoso, a idéa de que ella devia ser seguida da de outros pontos, e principalmente a notícia dos tratos já entabolados com os Indios, para os quaes poderiam ser ao inimigo de muito auxilio as artes e astucias do Calabar, obrigaram ao governador a capitular com a traição. Procurou pois, diz o donatario da capitania, „por todos os meios possiveis reduzil-o; assegurando-lhe *não só o perdão de seu delicto*, mas ainda mercês, se voltasse ao serviço d'elrei; e esta diligencia repetiu por muitas vezes;" mas nada conseguiu.

Comprehende-se a repugnancia e negativa do Calabar de voltar para o serviço dos seus patricios, depois de haver-lhes causado tamanhos males. O general sustentaria a palavra dada, de acolhel-o bem; o rei poderia enchel-o de graças e mercês; mas o Calabar não ficaria com isso tranquilo e seguro. Em cada familia mal tratada em Igaraçú e Rio-Formoso devia por certo contar alguns inimigos, da represalia dos quaes poderia sempre recear-se.

Com a partida de Weerdenburgh, o mando das tropas ficou entregue ao velho Lourenço Rembach, seu companheiro na arriscada tentativa de Igaraçú, da qual saiu ferido, segundo vimos.

Chegado á Hollanda, exhibiu o mesmo Weerdenburgh á companhia[1] um relatorio ácerca dos assumptos da colonia, indicando a conveniencia de serem a ella mandados mais tres a quatro mil homens adestrados, a fim de occuparem todos a ilha de Itamaracá, plano que por sua parte haviam apoiado[2]

[1]) Em 11 de julho.
[2]) Em off. de 14 de fevereiro.

os mencionados dois governadores, que logo o fizeram extensivo aos portos do cabo de Santo Agostinho e Parahiba.

Em quanto porém não chegavam a esse respeito novas ordens e maiores reforços, foi resolvida a occupação do posto dos Afogados, paragem importante, e que os nossos haviam descuidado de fortificar bem. Atacou o inimigo em tão grande fôrça que conseguiu occupal-o, apezar de um pequeno reforço que do Arrayal mandou Albuquerque. A perda d'esta posição foi de mui fataes consequencias. O inimigo construiu um forte abaluartado de quatro frentes (a que depois deu o nome de *Principe Guilherme*), e desde logo ficou o Arrayal exposto a ser flanqueado, e sem os recursos que lhe ministravam os visinhos moradores da Varzea, os quaes todos julgaram mais prudente abandonar suas casas e sitios. O inimigo não tardou (21 de março de 1633) a surprehender o posto que havia n'um engenho na Varzea, logo além da ponte da Magdalena e perto do Arrayal. E tres dias depois, em quinta feira santa, guiado pelos conselhos do Calabar, emprehendeu um ataque contra o proprio Arrayal, ás 11 do dia, hora em que fazia a todos na igreja. Avançou pela Varzea, passando o Capiberibe, junto ao riacho Paranamerim, então quasi secco. O ataque foi rechassado de modo que o inimigo soffreu grande perda, deixando quinze prisioneiros, e tendo varios officiaes feridos, contando n'esse número, e mortalmente, o seu chefe Rembach. Os nossos tiveram vinte e cinco mortos e quarenta feridos, incluindo os capitães Martim Soares e Estevam de Tavora.

Seguiram-se duas acquisições feitas pelos Pernambucanos. — A primeira foi a do valente capitão Francisco Rebello; depois de haver permanecido quatro mezes preso a bordo de uma náo, conseguiu escapar-se, lançando-se ao mar e seguindo a nado para terra. A segunda foi a de um corpo de valentes pretos, mandados pelo bravo Henrique Dias da mesma côr, e que logo d'ahi a dois mezes (15 de Julho) começou a derramar seu sangue pela causa que abraçára, sendo ferido, na Varzea, de uma bala de mosquete.

Mas não podiam estas acquisições mudar a sorte da guerra que o Calabar havia feito pender para o inimigo, e que era

sustentada pelos novos reforços e pela actividade dos dois commissarios, interessados na prosperidade da Companhia.

Resolveram estes apoderar-se de toda a ilha de Itamaracá, e com mui pouca perda sahiram-se bem da empreza, rendendo-se-lhes a villa da Conceição, sua capital, que guarnecia com cento e tantos homens Salvador Pinheiro, capitão e ouvidor do donatario, que então era o conde de Monsanto. Esta insignificante villa, situada em um monte, do lado do sul do canal que cerca a ilha, havia sido circundada por um extenso recinto que contorneava toda a chapada do mesmo monte, recinto que necessitaria, para ser defendido, de uma guarnição dez vezes maior. Assim, ao ser accommettida, teve de render-se. Em reconhecimento ao chefe, Sigismundo Schkoppe [1], que dirigiu o ataque, os commissarios deram á povoação o nome de villa de Schkoppe; e, para defendel-a, entrincheiraram a igreja, e do lado opposto, por onde seguia o caminho para o interior da ilha, levantaram uma torre castrense. Afim de evitar que da ilha se extendessem ao continente, mandou logo Albuquerque algumas tropas a Igarassú, as quaes havendo contido o inimigo por esse lado, não poderam alcançar a defender a Goiana, onde foram pilhar quanto poderam, queimando quatro engenhos.

Ao mesmo tempo os do Recife intentavam, do lado dos Afogados, duas sortidas a engenhos situados d'ali a uma legua de distancia, tendo logar, das duas vezes, pequenas escaramuças, saindo da primeira ferido o chefe preto Henrique Dias. Pouco tempo depois propunha-se o inimigo atacar de novo o Arrayal, com grandes fôrças. Saindo do forte dos Afogados, aproximára-se pela margem direita do Capiberibe, e se fortificára em tres pontos, ja diante do mesmo Arrayal, e quasi ao alcance da sua artilheria. Porém, havendo feito vir embarcada do Recife alguma artilheria e munições, ao subirem estas o Capiberibe, em um barco e tres lanchões, foram estes atacados e tomados á viva força pelos nossos, que se apoderaram de seis canhões de bronze e cinco de ferro, e de todas as munições e mantimentos. Com este revez o inimigo levantou campo, e se retirou sem ser perseguido.

Albuquerque foi, por este successo, louvado e premiado

com uma commenda lucrativa; e com tanta maior razão, quanto esta victória havia sido alcançada, apezar do voto de Bagnuolo, mandado por escripto do cabo de Santo Agostinho. Opinava Bagnuolo, e talvez com razão, como a experiencia veiu a provar, que melhor fôra concentrar todas as forças em outro arrayal junto ao mesmo cabo; a fim de poderem, reunidas, prestar-se mutuo auxílio; e tambem defender aquelle porto, então da maior importancia.

Do mencionado pequeno revez, vingou-se o inimigo intentando novas sortidas. Foi a principal a que fez contra Igarassú o tenente coronel Byma; logo auxiliado pelo coronel Sigismundo, com maior fôrça, ao ter notícia das que contra Byma havia enviado Albuquerque, ás ordens do Camarão, e depois de Luiz Barbalho e Riba Aguero. Mandou Albuquerque novas fôrças, com outros cabos, incluindo Henrique Dias, que por esta occasião foi outra vez ferido e com duas balas. — Tanto Byma, como Sigismundo, depois de pequenos encontros, recolheram-se do lado de Itamaracá, regressando por seu turno os nossos aos acampamentos.

Outras sortidas emprehendeu o inimigo para o lado do sul; em uma d'ellas, matou o antigo sargento mór de milicias Ruy Calaza Borges, que vinha da Ipojuca (onde era casado), a apresentar-se: saindo-se porém mui mal de outra emprehendida pelo tenente coronel Byma, em 21 de outubro, com cento e setenta homens, contra o engenho de Santo Amaro na Moribeca. A tempo foram mandadas fôrças nossas a perseguil-o. E marchando por um lado primeiro Barbalho, com cento e cincoenta, e obrigando-o a recolher-se, veiu, já perto do posto dos Afogados, a encontrar-se com o sargento mór Pedro Correa da Gama, que, com duzentos homens, ahi lhe embargou o passo, de modo que perdeu mais de setenta homens e todo o producto do saque, conseguindo escapar-se, abandonando o cavallo que montava, e escondendo-se, até se aproveitar da noite para se metter no forte; havendo capitulado em uma casa uns dezenove, com direito de regressarem ás suas proprias fileiras.

Antes d'esta última sortida havia deixado o Recife o Calabar, guiando o commissario Gysselingh em uma invasão, por elle Calabar ideada, desde o Porto das Pedras até as duas Alagoas.

Embarcando-se com uns seiscentos homens, em alguns navios ao mando de Lichthardt, foram todos aportar na Barra Grande, aos 11 de outubro; e, no dia seguinte, passaram ao Porto das Pedras, onde só chegaram á meia noite. Depois de ahi tomarem o assucar que encontraram, incendiando os barcos, que não lhes poderiam servir, passaram ao Camaragibe, preando os gados e entregando ás chammas o que não poderam conduzir comsigo. Seguiram logo ao porto dos Francezes, onde igualmente queimaram varios barcos fundeados, e mais de cem caixas de assucar; e d'ahi tomaram até a Alagoa do sul ou Manguaba, lançando fogo á villa de Nossa Senhora da Conceição (hoje cidade das Alagoas), que, apesar de recentemente fundada (desde 1611), já contava, segundo a propria confissão dos invasores, edificios de bonita architectura; e o mesmo pretenderam fazer á villa de Santa Luzia, na Alagoa do Norte: mas não o poderam realisar, em virtude da resistencia que ahi oppoz o valente capitão Antonio Lopes Filgueiras, á custa da propria vida. Por fim regressaram ao Recife, a 9 de novembro, trazendo por despojos duzentas e cincoenta caixas de assucar e noventa e oito toros de brazil.

No emtanto recebia Mathias d'Albuquerque algum soccorro, que não deixava de ser de valia, no meio da penuria em que se achava. E ao mesmo tempo lhe chegavam reiteradas promessas de que outros novos soccorros se ficavam apromptando, e a certeza de que, tanto em Madrid como em Lisboa, se esmeravam os governantes em tomar providencias para que os mesmos soccorros se enviassem.

Já antes de regressar Oquendo havia a Côrte deliberado que, á custa dos dois reinos, se preparasse outra frota de cincoenta galeões, vinte e quatro dos quaes deveriam ser armados por Portugal, consignando para isso o quinto das tenças e outro quinto dos bens da corôa, o subsidio das camaras, junto a um emprestimo forçado em Lisboa de quinhentos mil cruzádos. Havendo encontrado muita opposição a idéa d'este último emprestimo, foi na capital do Tejo creada uma Junta [1] para reunir os necessarios fundos, cobrando certos atrazados,

---

[1]) Regim. em 26 artigos de 26 de junho de 1631.

fazendo composições com os devedores, etc. Ao mesmo tempo criou-se de novo [1] o estanco do sal, já ephemeramente [2] ensaiado no reinado de D. Sebastião e que d'esta vez ficou como imposto permanente, e se fez extensivo á Bahia [3] e a todo o Brazil.

Parece porém que, em virtude do mau humor em que estavam os povos, todas as providencias mencionadas não produziram os effeitos promptos que se desejavam, de modo que, havendo a Côrte, ao regressar Oquendo, resolvido que com a maior brevidade partisse a nova armada, confiando o mando d'ella ao restaurador da Bahia, dirigiu no dia 1.º de dezembro de 1631 uma carta regia, ordenando uma finta na quinta parte de todas as tenças, rendas da Corôa, commendas e quaesquer mercês redituaes.

Esta carta regia, foi seguida de outra, de 3 de outubro, requisitando que cada villa ou logar de Portugal désse desde logo um ou dois recrutas para o Brazil. E, a fim de mais estimular a apresentação de voluntarios para servirem n'este Estado, se resolveu [4] que para as nomeações de seus officios seriam d'ali em diante preferidos os que servissem n'esta guerra.

Repetidas instancias para a partida de voluntarios e collecta de soccorros foram pela côrte ainda feitas posteriormente, autorisando de novo o imposto do real d'agua [5] e o acrescentamento da quarta parte do cabeção da siza.

Independentemente porêm dos reforços que, em maior escala se esmerava a côrte de preparar, chegavam algumas tropas, alistadas na ilha da Madeira, em uma pequena frota de duas naus e cinco transportes, commandada por Francisco Vasconcellos da Cunha; porém viu-se perseguida pelos navios hollandezes por fórma tal que teve que pelejar, e uma das naus foi a pique, e a outra e os transportes viram-se obrigados a varar

---

[1]) Alv. de 4 de agosto de 1631.
[2]) Revogada por alv. de 2 de setembro 1578.
[3]) Prov. de 7 de maio de 1632.
[4]) C. R. de 2 de novembro de 1633.
[5]) C. R. de 26 de setembro de 1634; Alv. de 17 de junho de 1635; C. R. de 23 de abril e 12 de julho de 1635.

em terra, para salvar a gente. Sairam a prestar soccorro quatro sumacas, porém com tão pouca felicidade que o inimigo conseguiu incendiar tres. Tantos foram os contratempos passados, que de seiscentos homens que vinham, se extraviaram duzentos e vinte, e apenas chegaram ao Arrayal cento e oitenta, havendo ficado na Parahiba duzentos. Pouco tempo depois chegou mais alguma gente em duas caravellas.

Estes pequenos reforços que recebia Mathias d'Albuquerque, longe de fazer esmorecer o inimigo, parece que contribuiam a lhe augmentar os brios. Desde que em 9 de novembro haviam voltado os navios idos ás Alagoas, começou a aprestar-se para emprehender novos ataques do lado opposto. Julgou facil o do Rio-Grande, e assentou de começar por elle a conquista do littoral além da ilha de Itamaracá.

No dia 5 de dezembro saiu do Recife o commissario Van Ceulen, com quatro companhias de fuzileiros e quatro de mosqueteiros, sob o mando superior do tenente coronel Byma, em uma esquadrilha dirigida por Lichthardt, que depois de deitar as tropas junto do Cabo-Negro, tres leguas do sul da foz do Rio-Grande, seguiu a forçar a barra, e a desembarcar pelo rio acima alguns marinheiros armados, os quaes logo, protegidos pela infanteria, que atravessava os médãos a marcha forçada, combinariam o ataque do forte dos Reis-Magos. Aberta a brecha, e ferido o capitão Pedro Mendes de Gouvêa, a guarnição veiu a capitular, no dia 12 de dezembro, com as honras da guerra. A partecipação official do inimigo, que hoje conhecemos, não nos autorisa a crer que houvesse na entrega o menor assomo de traição. Ao forte dos Reis-Magos passou o inimigo a denominar de *Ceulen*.

Bagnuolo achava-se na Parahiba, activando a construcção do forte ao norte da barra, e poz-se em marcha, mas com tal lentidão que chegou tarde.

Os moradores dos campos recolheram a um engenho de Francisco Coelho, onde se dirigia a atacal-os o Calabar, com alguma fôrça, quando lhe armaram uma cilada, e teve de retirar-se. Receando emprehender outro ataque, mandou o mesmo Calabar novos convites ao poderoso chefe Janduy, que vivia nos sertões, a umas oitenta legoas, a fim de que viesse á

costa, onde encontraria muito gado e tudo quanto podesse desejar. Baixou Janduy com os seus Indios, e, caindo inesperadamente no engenho de Francisco Coelho, ahi assassinaram a este, bem como á mulher e cinco filhos, e a uns sessenta moradores que no mesmo engenho se haviam reunido. Depois passou o Janduy ao forte, onde foi mui agasalhado pelo Calabar, em pago de suas atrozes selvagerias. O terror e medo dos gentios começava a fazer cada dia mais supportavel a idéa do jugo dos herejes. Não conseguiu porêm o inimigo arrebanhar outros Indios visinhos, que já estavam de pazes com os moradores. Sem darmos inteiro credito a todos os raciocinios ácerca da fidelidade e constancia que os nossos chronistas attribuem ao principal Simão Soares Jaguarary, depois de ter estado preso e cruelmente mettido em ferros, é sem dúvida que elle e outros, apezar da proverbial volubilidade dos barbaros, não se passaram aos Hollandezes; para o que não contribuiria pouco o facto de estar entre os nossos, e tão considerado, o seu sobrinho Puty ou Camarão, já agraciado com brazão d'armas, e quarenta mil réis de soldo, e feito [1] capitão-mór, não só dos Petiguares, de cuja nação era, mas de todos os Indios do Brazil. O Jaguarary veiu, d'ahi a poucos annos, a receber uma penção de cento e cincoenta reaes de soldo.

Engodados os Hollandezes com a facil occupação do Rio Grande, disposeram-se a emprehender a da Parahiba.

Fizeram os convenientes preparativos, e, passado pouco mais de dois mezes, se apresentavam diante do Cabedelo. — Julgando porém mais prudente apoderarem-se primeiro do forte de Santo Antonio, na margem opposta, foram desembarcar uns mil homens na enseada de Lucena, os quaes marcharam logo em direito ao forte; mas quando menos o pensavam, encontraram-se no caminho com uma trincheira que acabavam de construir os da Parahiba. — Atacada a trincheira, saiu logo do forte em seu auxilio o capitão Lourenço de Brito Corrêa, que, solto ahi pouco antes pelo inimigo, preferíra não seguir para a Europa no momento do perigo. Levantou então o aggressor em frente outra trincheira, mas de tal sorte se

---

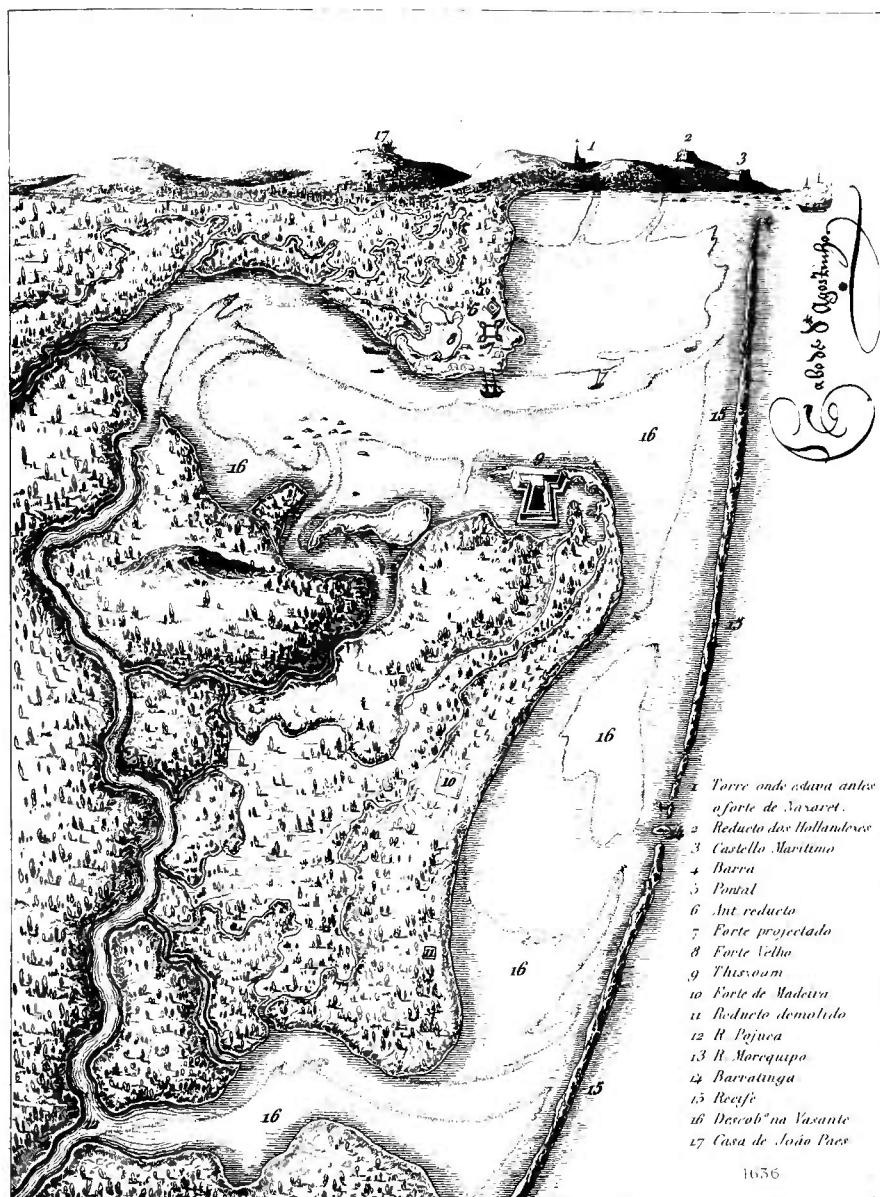
[1]) C. R. de 14 de maio de 1633.

viu n'ella inquietado, principalmente pelo flanco e retaguarda por uma partida de tresentos soldados e duzentos Indios, com que acudiu o capitão-mór Antonio d'Albuquerque, que preferiu levantar campo, e ir tentar fortuna do lado do Cabo de Santo Agostinho, havendo quem pretenda que este ataque á Parahiba tinha antes por fim provocar ahi uma diversão de fôrças.

D'esta ausencia de tantas tropas do Recife pensaram aproveitar-se os nossos, afim de intentar um ataque contra esta praça, na noite do 1.º de março (1634). — Encarregou-se Martim Soares de o dirigir. Em quanto alguns davam rebate do lado do forte das Cinco-Pontas, passavam outros o Biberibe a váu, entrando uns no Recife pelo lado fronteiro da ilha, onde havia uma simples estacada, e outros pela porta do lado do Brum. — Chegaram muitos a passar o rio e a entrar nas trincheiras; mas vendo-se em pequeno número, e o inimigo já advertido, e tocando por toda a parte a rebate, apressaram-se a retirar, antes que os impossibilitasse a maré, e conduziram comsigo os feridos.

D'ahi a tres dias, a esquadra hollandeza, que deixára a Parahiba, chegava ao Cabo de Santo Agostinho. Fôra a defensa d'este confiada ao sargento mór Pedro Corrêa da Gama, com tresentos infantes. Porém Mathias d'Albuquerque mandou logo ahi algum soccorro, e seguiu em pessoa, levando comsigo toda a gente disponivel. De ordinario, n'estas expedições para o sul e para o norte, os Hollandezes as levavam á execução, aproveitando favoraveis cordas de vento; de modo que chegavam sempre antes que os soccorros mandados por terra, mas d'esta vez os defensores se apresentaram a tempo.

Os atacantes quizeram effeituar com a primeira divisão o desembarque na praia de Itapoã, ao norte do Cabo; mas encontrando ahi resistencia, deliberaram ir fazel-o um pouco mais ao norte. Foram porêm seguidos ao longo da costa pelos defensores do Cabo, ajudados de outros que vinham do Arrayal, ás ordens do capitão Riba Aguero; de modo que tiveram prudentemente que desistir do desembarque e mudar de plano. A segunda divisão, composta de onze navios (dos quaes se perdeu um), forçou a barra, e seguiu pelo lagamar, para

onde era o porto dos navios, a occupar o *Pontal*, não artilhado, nem guarnecido. A terceira divisão, confiada ao capitão Calabar, constava de todas as lanchas, com o maior das tropas de desembarque, em número de mil homens.

Occupado o Pontal, era chegado o seu turno de obrar. Em vez de enfiar pela barra, defendida pela artilheria dos fortes, ordenou o Calabar que as suas lanchas entrassem pela *barratinga* ou aberta, pouco ou nada frequentada, que, meia legua ao sul, havia no recife que ahi se estende e fórma o porto ao sul do cabo, e foi occupar todo o terreno na ilha fronteira, entrincheirando-se em um forte que vemos appelidar, ora com o nome de *Gysselingh*, ora com o de *Thysson*, havendo-se dado o nome de *Duss* ao do Pontal.

Tendo o inimigo o pé já assim posto em terra, não parecia empreza facil o desalojal-o. Tentou-o sem embargo Albuquerque, com o mau fado com que se lançava sempre ao ataque dos postos depois de fortificados. — Com perda de uns oitenta, entre mortos e feridos, comprehendo neste número o capitão de emboscados Estevam de Tavora, a quem já tantas outras vezes anteriormente haviam procurado as balas, teve de retirar-se.

Escarmentado com este revez, e ainda com outro em um novo ataque contra o Pontal, que intentou dias depois, contentou-se Mathias d'Albuquerque de velar á defensa dos fortes da Nasareth e da Barra, e de levantar um reduto na praia por onde ia o caminho para o Pontal.

Occupada porêm a ilha fronteira, então denominada do Borges, d'ahi veiu o inimigo a tentar sortidas contra o districto da Ipojuca, no qual já havia quinze engenhos d'assucar. Para se oppôr a estas sortidas, deliberou Albuquerque crear tambem ali, com auxílio dos reforços que recebeu da Bahia e da Parahiba, companhias de emboscadas, á maneira das que de tanto proveito haviam sido antes.

Quando foi sabido no Recife que Mathias d'Albuquerque e muita da sua gente se haviam ido para o Cabo, foi intentado um ataque ao Arrayal. Na madrugada do dia 30 de março se havia apresentado em frente d'estc, com uma trincheira feita, o tenente coronel Byma, e dahi começára o bombardeo. Diri-

PLANTA DO PORTO DO CABO DE S.TO AGOSTINHO

Gravada em presença de um desenho contemporaneo

Lemaitre, 23 quai de l'Horloge. Imp. F. Lamoureux, Paris.

giu porém contra elle tão habilmente o commandante do Arrayal uma sortida, que o obrigou a retirar-se, com perda de muita gente e munições. N'este accommettimento recebeu Henrique Dias uma quarta ferida de bala.

Convencidos os dois commissarios que, com mais dois mil homens de tropas, poderiam reduzir tudo á sua obediencia, assentaram de passar á Hollanda, a fim d'ahi agenciar pessoalmente estes reforços, por meio da convicção que não se consegue infundir senão de viva voz. Tão felizes foram, que já em fins de outubro estavam de regresso, trazendo comsigo o dito refôrço, ao mando do polaco Christovam Arcyzewski, antigo commandante do forte d'Orange na ilha de Itamaracá.

Desde logo foi resolvida a occupação da Parahiba. A expedição partiu do Recife no dia 25 de novembro, indo encarregado do mando das tropas Sigismundo Schoppe, levando ás suas ordens o mesmo Arcizewski e o tenente coronel Hinderson, e de almirante da esquadra o perseverante Lichthardt.

A Parahiba achava-se então mui bem fortificada. Além de ter guarnecido o forte do Cabedelo, e o de Santo Antonio, do outro lado da barra, se havia levantado na ponta da Restinga, do lado da barra, e cruzando os seus fogos com os dos ditos dois fortes, uma bateria de sete peças, com bastante munição e bastimentos. Além d'isso da barra para o sul e para o norte, bem como no Varadouro e no alto da Capital havia várias baterias; e para se oppôr ao ataque nada menos que oitocentos homens estavam sob as armas.

No dia 4 de dezembro se apresentou o inimigo com umas cincoenta barcaças, com tropa de desembarque diante do cabo Branco; e, ao signal de içar uma bandeira vermelha, lançava a gente em terra na enseada de Jaguaribe visinha, á vista do governador Antonio Albuquerque; o qual, não podendo impedir o desembarque, pretendeu apresentar depois resistencia, com fôrças muito menores e sem auxiliar-se de nenhumas trincheiras; mas foi desbaratado, perdendo quinze mortos e vinte e tres feridos, e ficando, entre outros, em poder dos contrarios Bento do Rego Bezerra. O inimigo se foi logo aproximando do forte do Cabedelo, e já passou a noite meio fortificado com uma guarda avançada mui junto d'elle.

Antonio d'Albuquerque reconheceu que era na guarda dos mesmos fortes que podia pôr a maior confiança, e menos debil se houvera sentido para a defensa se a capital da Parahiba se encontrasse junto ao mesmo Cabedelo, como a Fructuoso Barbosa havia primitivamente sido ordenado pelo rei que a construisse, no regimento que lhe deu. Em uma peninsula defensavel, de melhor porto, não dependente das marés e lavada dos ares do mar, ainda em nossos dias sería esse local, onde se vão agrupando grande número de moradores, o preferido para a residencia das autoridades e o estabelecimento da alfandega, muito mais facilmente fiscalisada, se á mudança não se opposerem os mesmos estorvos que Olinda oppoz muito tempo á prosperidade do Recife.

Tratou pois Albuquerque de reforçar as guarnições dos fortes; a do Cabedelo já o não conseguiu senão de noite, e com grande perigo pela guarda que o inimigo tinha ali embuscada. Com este reforço foi mandado entrar no forte o engenheiro Diogo Paes, para dirigir as obras durante o sítio, que se previa como inevitavel.

Acudiu tambem o governador ao forte da ilha da Restinga, e ao de Santo Antonio, que logo assentou ser o mais a proposito para d'elle passar os soccorros aos outros dois.

O inimigo foi avançando para o forte do Cabedelo por tres partes, estabelecendo os competentes aproxes [1] e baterias. Como do forte da Restinga lhe faziam muito fogo e o tomavam de flanco, resolveu primeiro apoderar-se d'elle, tarefa que foi incumbida ao major Hinderson, com algumas companhias, em sete barcos e varias barcaças, as quaes entraram a barra de madrugada, desembarcaram na extremidade oeste da ilha que então pertencia aos Benedictinos, e foram investir o mesmo forte da Restinga pela retaguarda, por onde era aberto. Como não havia n'essa bateria mais de quarenta defensores, teve de render-se, morrendo vinte e seis, deitando-se alguns á

---

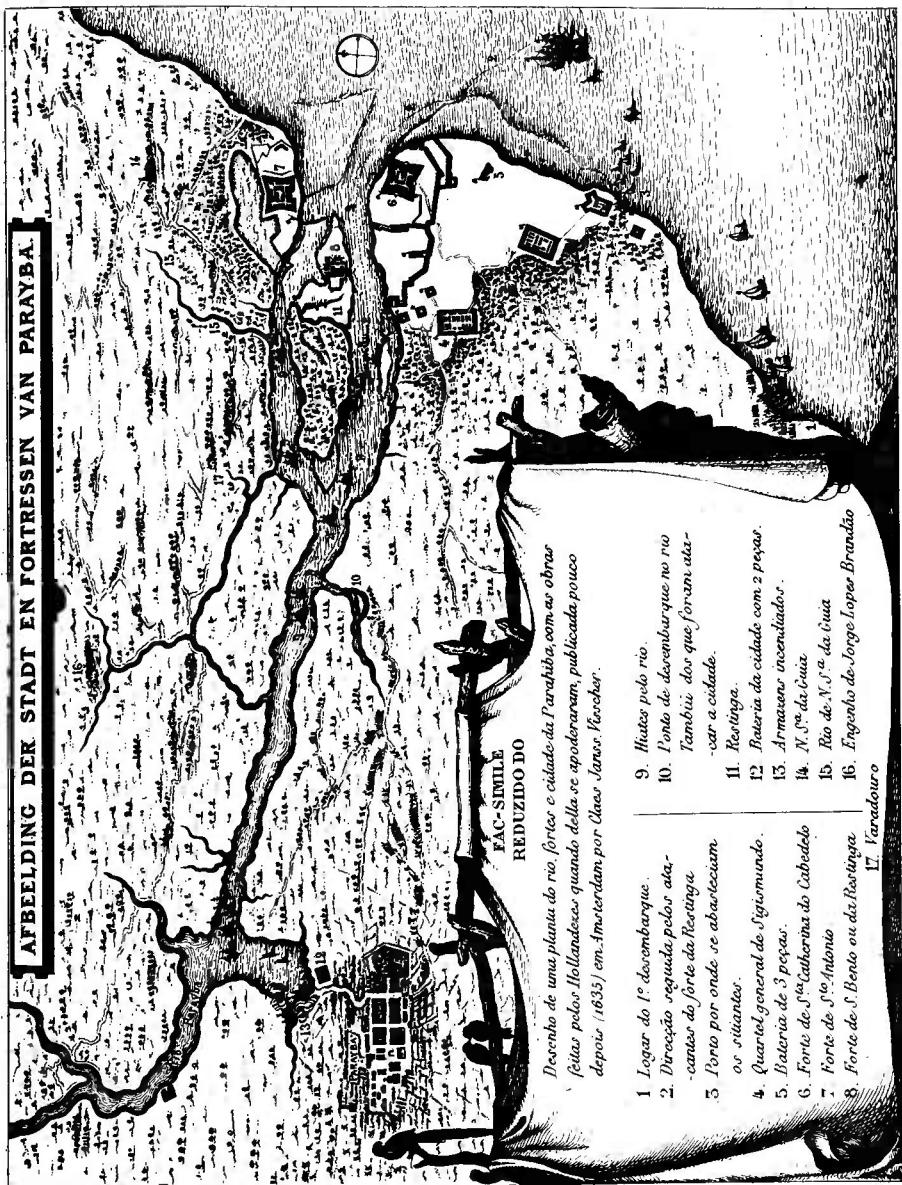
[1]) Existe gravada, impressa nessa epoca em Amsterdam por Claes Janss. Visscher, uma planta do porto e cidade da Paraiba, com todos os fortes e aproches, com o titulo de *„Afbeelding der Stadt en Fortressen van Parayba"*.

agua para escapar-se a nado. O commandante Pedro Ferreira de Barros, talvez por não saber nadar, caiu prisioneiro.

No dia seguinte proseguiu o inimigo atirando fortemente contra o forte de Santa Catharina ou do Cabedelo, o que não impediu que durante a noite se continuasse mandando alguns soccorros e tropas de refresco, conduzindo-se os feridos, para serem tratados no forte de Santo Antonio, onde não tardaram a ter por companheiro o commandante João de Mattos Cardozo, ferido em um queixo.

Seguia o inimigo com o sítio, arrojando já muitas bombas, e continuava a remessa de soccorros, cada vez mais a custo introduzidos.

Entretanto chegou á cidade da Parahiba o conde de Bagnuolo, e convocando ali ao governador, para com elle conferenciar, foi assentado em que se mandariam, ás ordens de Riba Aguero, duzentos e cincoenta homens, que ultimamente tinham chegado, pela parte do Cabedelo, a inquietar o inimigo pela retaguarda. Quando Riba Aguero se aproximava do forte, no decimo quinto dia de sítio, viu-se já n'elle arvorada a bandeira hollandeza; pois tivera que capitular, depois de cinco dias de privações, e dois sem ter já quem manobrasse a artilheria, desde que fôra ferido o novo commandante Francisco Peres do Souto, com uma bala igualmente nos queixos, como o seu predecessor. A guarnição se rendeu com todas as honras da guerra, saindo com as bagagens, bandeiras despregadas, morrões accesos, bala em boca e toque de caixa.

O sitio do Cabedelo custou aos defensores oitenta e dois mortos e cento e tres feridos. O fortim de Santo Antonio, na margem fronteira, apenas resistiu quatro dias mais. O seu commandante Luiz de Magalhães, depois de tomado o Cabedelo, representou que lhe faltavam munições, e que não contava com os artilheiros, que eram inglezes e hamburguezes, e, intimando-lhe o inimigo a rendição, passou a consultar a este respeito ao governador. Quiz este ainda applicar-lhe o unico remedio possivel, que era tirar-lhe o mando e confial-o a outro; porêm o novo chefe, achando já a guarnição desmoralisada, não poude contel-a, e foi obrigado a capitular, apenas se viu

que o inimigo ia tentar um desembarque. Este forte se entregou com as mesmas clausulas que o do Cabedelo.

Rendidos os fortes, conheceram os moradores que a capital não poderia apresentar nenhuma defensa, e começaram a tratar de obter do inimigo salvos-conductos; servindo-lhes de intermediario o mencionado Bento do Rego Bezerra, que depois de prisioneiro havia entrado em accommodações com o invasor. Tambem o proprio governador reconheceu a impossibilidade de se defender na cidade, e andou procurando paragem mais apropriada, onde fixar um arrayal, do qual com auxilio dos moradores podesse incommodar o inimigo. Porêm não tardou a reconhecer que n'esse empenho não encontraria, entre aquelles, fieis e decididos auxiliares. O veneravel Duarte Gomes da Silveira, um dos companheiros de Feliciano Coelho, que tanto o ajudára contra os Indios da Capaoba (actual Serra da Raiz), para cujas bandas era possuidor de uma fazenda de gados, e que tantos serviços prestára no ataque anterior, em que até perdêra seu unico filho, foi apresentar-se ao inimigo, e vindo depois a Antonio d'Albuquerque, este, sem lhe respeitar as cãs, o prendeu, e em ferros ia remettel-o ao Arrayal, quando deveu o ser libertado a uma fôrça hollandeza, disposta expressamente para esse fim. Já a intolerancia dos seus o fizera á fôrça amigo dos contrarios, que bastantes serviços lhe deveram, durante o seu dominio; felizmente não (como o Calabar) mortes e soffrimentos de compatriotas, mas pelo contrário de tolerancia, de mansidão e de paz. Foi por esta occasião que o jesuita Manuel de Moraes, já sacerdote e confessor, se bandeou com os Hollandezes, e tão de véras que, indo para a Hollanda, se fez calvinista e casou em Amsterdam.

O governador Antonio d'Albuquerque, reconhecendo que já de nada podia servir na Parahiba, foi apresentar-se a Mathias d'Albuquerque, com Bagnuolo e Martim Soares Moreno, que estava de guarnição no Cunhaú.

O inimigo tomou posse da capital da Parahiba, e pretendeu mudar-lhe o nome de *Felipea* no de *Frederica*, em honra do *Stathouder* da Hollanda; mas tal nome ficou, do mesmo modo que o primeiro, só no papel. Logo, reconhecendo que lhe resultaria vantagem de não vêr a terra desamparada e os enge-

PLANTA DO SITIO DA PARAHIBA

(1634)

nhos abandonados, continuou a dar salvos-conductos a todos os que os pediam, e até se prestou a fazer com os habitantes uma especie de pacto, pelo qual lhes assegurava as suas propriedades e o uso livre de sua religião, uma vez que elles se obrigassem a satisfazer os mesmos tributos que antes. Este pacto ou antes outorga, de que se lavrou um apontamento ou certidão em 13 de janeiro (1635), do concedido „aos senhores d'engenho, lavradores e mais moradores da Parahiba" pelos governadores, em nome do Principe d'Orange, dos Estados Geraes e da Companhia, serviu como de norma ás capitulações, com que se foram depois submettendo outros moradores.

Eis o resumo de cada um dos artigos:

1.º Afiançamento da liberdade de consciencia e do serviço do culto como anteriormente, com a devida protecção ás imagens e sacerdotes.

2.º Garantia de paz e de justiça e de protecção contra quaesquer inimigos.

3.º Segurança da propriedade, mediante a continuação da paga dos mesmos direitos e alcavalas, não se impondo novos tributos.

4.º Concessão de toda protecção aos tratos e negocios.

5.º Franquia de passaportes aos que para seus negocios se quizessem ausentar por mar ou por terra.

6.º Isenção aos moradores e seus filhos de serem obrigados a tomar armas contra fôrças vindas da metropole, permittindo retirarem-se a tempo os que não quizessem ficar na terra, se ella estivesse em risco de ser recuperada.

7.º Direito de recorrerem aos tribunaes do paiz contra os proprios governantes, nos casos contenciosos.

8.º De terem juiz seu nas questões entre uns e outros, que sentenciasse *segundo as ordenações e leis portuguezas.*

9.º Finalmente de poderem trazer comsigo armas, inclusivamente para se defenderem dos salteadores e levantados.

Em quanto estes acontecimentos se passavam na Parahiba, repellia Luiz Barbalho dois ataques dirigidos contra o Arrayal, no segundo dos quaes foi ferido (pela quinta vez) o valente Henrique Dias.

Submettida a Parahiba, resolveram os Hollandezes occupar todo o territorio intermedio até o Recife, e foi d'essa tarefa incumbido o coronel Arcizewski, entregando-se-lhe as fôrças disponiveis, com as quaes marchou para o sul.

Foram encarregados por Albuquerque, senão de lhe fazer face, pelo menos de irem pouco a pouco retirando-se com os Indios, destruindo quanto não podessem transportar, primeiro Martim Soares, e depois Luiz Barbalho, os quaes ainda conseguiram apresentar resistencia, bem que fraca, o primeiro em Mossurepe, e o segundo em S. Lourenço e depois na Moribeca, retirando-se depois para junto d'Albuquerque. Passou este chefe a entrincheirar-se em Serinhaem, a fim de tratar de conservar assim o unico porto que lhe restava, proximo do Arrayal. Ao mesmo tempo reforçou quanto poude o mesmo Arrayal, conservando no commando d'elle a Andres Marin. Logo depois foi mandado Luiz Barbalho a reforçar a fortaleza do Cabo, ficando n'ella como governador adjuncto ao sargento mór Pedro Corrêa da Gama, que já ahi se achava.

Além d'estas tres paragens, resolveu tambem Albuquerque, fazer occupar a de Porto Calvo, como chave dos districtos meridionaes, donde julgava poder receber mantimentos e soccorros. A situação de Porto-Calvo, em uma especie de peninsula, entre dois rios que nas margens se alagam e empantanam, e cujo isthmo se defende até por uma camboa ou esteiro, parecia além d'isso mui defensavel, por meio de uma linha de fortes exteriores, mas necessitava de muitas fôrças para guarnecel-a. Albuquerque poude porêm apenas destacar para ahi, ás ordens de Bagnuolo, umas companhias do terço italiano, que unicamente serviram a chamar para essa paragem, patria do Calabar, a attenção d'este, e por consequencia a do inimigo; de modo que das quatro paragens a que Albuquerque se propoz reduzir toda a defensa, foi justamente esta a primeira perdida.

O almirante Lichthardt, entrando na Barra-Grande, soube que Bagnuolo occupava Porto-Calvo; e por suggestões do Calabar, propoz-se a atacal-o n'aquella paragem, que o mesmo Calabar conhecia muito.

No dia 13 de março (1635) partiram pois Lichthardt e o

mesmo Calabar, levando ás suas ordens duzentos e oitenta homens[1].

Bagnuolo apenas fôra informado de que barcos hollandezes haviam entrado na Barra-Grande, desembarcando tropas em terra, começou á pressa a entrincheirar-se na igreja velha da povoação; mas no dia 15, recebendo aviso de que o inimigo se áproximava, destacou, ás ordens do capitão D. Fernando Riba Aguero, uns quarenta homens para occuparem um pequeno cerro na vanguarda, mas á vista da povoação. Quasi ao mesmo tempo chegava ahi Lichthardt e o derrotava, obrigando Riba Aguero, para não cair prisioneiro, a metter-se por uns alagados, e depois por matos e desvios, a fim de ir onde estava o general Mathias d'Albuquerque.

Durante esta primeira escaramuça o Conde, que ficára a meia distancia da povoação, com duzentos homens, em logar de ir com elles em auxílio da sua vanguarda, esperou a pé quedo que o inimigo o viesse buscar. E ao começarem os primeiros tiros, o seu sargento mór, Mancherio, tambem napolitano, montado em um cavallo não costumado a elles, introduziu de tal sorte a desordem nas proprias fileiras que com ella apressou a derrota e fuga de todos e a entrada do inimigo em Porto-Calvo, ao passo que Bagnuolo, com a gente que poude reunir, seguiu para o Rio das Pedras, e d'ahi para a Alagoa do Norte.

No Arrayal, o inimigo, dirigido por Arcizewski, começava a apertar o sitio tanto quanto podia. Primeiro se apoderára de um engenho (do Monteiro) que ficava á retaguarda do mesmo Arrayal, além de mais dois postos, um na frente a tiro de canhão, e outro que assegurava a sua communicação com o forte dos Afogados. D'ahi a dias conseguiu occupar o outeiro que chamaram „do Conde de Bagnuolo" que ficava a tiro de mosquete, e mui provavelmente sería o que está entre os riachos Paranamerim e Agua Fria. Ahi collocou tres canhões, com os quaes, e com outros que já tinha assentado em um dos portos do Capiberibe, começou a ferir vigorosamente.

---

1) Off. de Lichthardt e Ridder, de 19 de março de 1635.

Passado pouco mais de um mez, o inimigo, á custa de uma refrega, da qual saiu Arcizewski ferido em um braço, occupou uma paragem a tiro de pistola do forte, na qual assentou tres morteiros, com que logo começou o bombardeo; de modo que foi necessario no forte do Arrayal fazer subterraneos o paiol e hospitaes.

Dentro de pouco, o grande aperto do sítio trouxe aos defensores a inevitavel escacez, e logo a falta completa de mantimentos. Para alliviar a fome começaram a fazer-se sortidas, cada vez com mais frequencia e mais mortiferas. Por outro lado, dentro do forte, como succede em todas as praças quando o sitio começa a apertar-se, não havia animal de que se não tirasse partido para alimento. Não só os cavallos, os cães e os gatos, mas até os proprios ratos se aproveitavam. Começaram logo a escacear as munições, e não tardou a faltar a polvora. Era chegado o momento de propôr capitulação. Teve esta logar, ao cabo de mais de tres mezes de sitio, no dia 6 de junho, saindo a guarnição com as bagagens e todas as honras da guerra. Além dos escravos e paisanos, eram quinhentos e quarenta e sete praças, que foram entregues á discrição do vencedor, o qual impoz barbaramente, a todos, preços para seu resgate, mui superiores aos que elles poderiam satisfazer. O número dos feridos dos do Arrayal, durante o sitio, passou de cento e quarenta. Entre os que capitularam encontraram-se o, ao depois famoso, madeirense João Fernandes Vieira, e o bravo e fiel Henrique Dias.

A Companhia decretou em honra de Arcizewski uma medalha de prata, da qual ainda se encontram exemplares na Hollanda.

Seguiu-se a rendição da fortaleza da Nasareth, no Cabo de Santo Agostinho. Dirigiu ahi em pessoa o sitio o valente Sigismundo Schkoppe, primeiro coronel e governador das armas oppressoras, tendo o quartel general no engenho dos Algodoaes, quasi uma legua da mesma fortaleza. No dia 11 e 12 de março á noite intentára o inimigo apoderar-se de improviso d'esta fortaleza: havendo porêm os defensores repellido os assaltos com denodo, começou a sitial-a mais em regra, e não emprehendeu novo ataque, senão dahi a mez e meio, accommettendo

um reduto feito nas casas de João Paes Barreto, então um dos mais ricos proprietrios do Brazil. Repetiu quinze dias depois, infructuosamente, outro ataque contra a trincheira d'Agua, que ficava a tiro de mosquete da praça. Mas não tardaram os sitiados a ser os aggressores forçados pela necessidade. Começaram a sentir falta de mantimentos, e a fome os obrigou ao recurso das sortidas, para buscar o necessario. D'est'arte pareciam mais fortes justamente quando se achavam nos ultimos transes.

A final a rendição do Arrayal veiu precipitar a da fortaleza da Nasareth, que teve logar perto de um mez depois. Não tanto porque influisse ella para diminuir a força moral dos defensores, como porque o inimigo, com grandes reforços que recebeu das tropas, que tinha sitiando o mesmo Arrayal, conseguiu apertar muito mais o sitio, reduzindo os sitiados á escacez e á mingua. A capitulação foi assignada no dia 2 de julho, em dez artigos que aqui resumiremos:

1.º A fortaleza e sua artilheria, vitualhas e munições seriam entregues a Van Schkoppe ou a seus deputados.

2.º Os governadores, capitães e mais officiaes, soldados e pessoas de guerra poderiam saír com as insignias, armas e bagagens, bandeiras tendidas, cordas e caixas temperadas. Vinte escravos se tirariam para se repartirem pelos officiaes, os outros se haviam de entregar.

3.º Sairiam tambem os religiosos com suas mobilias.

4.º A infanteria toda, e os religiosos, seriam embarcados para as Indias de Castella, e teriam no caminho bastimentos e ração, como soldados. O capitão de artilheria Lourenço Vaz, condestaveis e artilheiros sahiriam como a infanteria.

5.º O governador mandaria cinco companhias tomar a entrega de dois baluartes, antes de começar a saír a guarnição.

6.º Com os moradores que entrariam na fortaleza antes cercada, não se entendiam estes artigos; e com suas fazendas, ficariam á ordem do governador e dos conselheiros.

7.º Dos seus escravos se trata no artigo segundo.

8.º Os individuos a quem se achasse alguma fazenda illicita,

ou pertencente aos moradores presentes ou ausentes, não seriam comprehendidos n'estes artigos.

9.º Estes não se entenderiam com os rendidos.

10.º O capitão D. Joseph de Soto Ponce de Leon ficaria por fiador do ajustado, e como em refens.

É de notar que ainda que em vista da lettra do artigo 4º. parecia que Barbalho devia embarcar-se, com a guarnição que se rendêra, para as Indias-occidentaes, os inimigos o levaram para a Hollanda, segundo consta officialmente por duas cartas regias. A dita guarnição consistia em uns seiscentos homens.

Já não restava a Albuquerque outro recurso senão o de retirar-se de Villa Formosa, do melhor modo que lhe fosse possivel. A firmeza com que procurou sustentar-se na fraca posição em que estava, só para com a sua retirada, que todos aconselhavam, não desmoralisar os defensores do Arrayal e do Cabo, é para nós o acto d'esta campanha que mais nos excita por elle a nossa admiração e sympathia. Não abandonou esse posto senão justamente depois de lhe chegar a notícia que a fortaleza de Nasareth se havia rendido. — E o mais é que durante os quatro mezes que permaneceu em Villa Formosa não deixou de achar-se tambem a braços com o inimigo, que reunira uma grande fôrça no visinho engenho da Pindoba. O expediente das companhias de emboscada, que tanto lhe havia aproveitado em outras occasiões, ainda lhe valeu n'esta, prestando de novo mui valiosos serviços o heroe indio Camarão. Uma d'essas companhias foi a dos Baptistas, treze irmãos (de pai e mãi) d'este appellido, de que era chefe o mais velho, Manuel; — sendo que quasi todos se sacrificaram em defensa da patria.

Começou Albuquerque a retirada de Villa Formosa no dia 3 de julho; tomando o mando do districto Gaspar Van der Ley, que ahi se casou e ficou estabelecido.

Agora era de vêr aquella marcha de retirada militar: como uma emigração do patrio lar, deixando abandonados bens, fazendas e parentes. Com effeito, acompanhavam a Mathias d'Albuquerque muitos dos moradores com suas mulheres e filhas, em quasi todas as quaes o valor se lhes redobrava no momento do perigo, como tantas vezes succede ás do seu sexo.

Rompiam a marcha, para descobrirem melhor o caminho e os matos visinhos, sómente Indios armados, que em ambos os exercitos, exerciam a um tempo as funcções de exploradores e de gastadores. Seguiam-se algumas companhias de tropa regular, e logo os moradores, com uns duzentos carros, acompanhados de outros das mesmas companhias. — Cubriam a retaguarda, ás ordens do Camarão, outros Indios, em número de oitenta.

Todos se dirigiram a Porto-Calvo, sabendo que esse passo se achava fortificado e guarnecido por uns trezentos e cincoenta defensores ás ordens do major Alexandre Picard, que esperava a cada momento ser reforçado, quer de outros tantos, situados na Barra-Grande, quer da banda do Cabo, onde, desde que se entregára a fortaleza da Nasareth, deixára de ser necessaria a presença de tanta tropa.

No decimo dia de marcha chegava todo o immenso comboy ás immediações de Porto-Calvo, cujo ataque estava decidido; pois por ahi passava o caminho de carros unico que havia para as Alagoas. — Talvez n'esse logar houvesse ficado sepultado Mathias d'Albuquerque, com todos os seus, a não lhe valer então o auxilio de um dos moradores, por nome Sebastião do Souto.

Ao ter Souto conhecimento da aproximação da nossa gente, veiu falar com Albuquerque e informal-o do que havia, offerecendo-se a ajudal-o, e dando-lhe um plano para atacar o inimigo. Ao regressar Souto a Porto-Calvo, chegou com reforço de uns duzentos homens o Calabar; c Souto para o fazer saber a Albuquerque, expoz-se aos tiros dos piquetes ou avançadas, ás quaes conseguiu atirar uma carta contendo o aviso.

Guiada por Souto, a gente de Picard caíu nas ciladas que armára Albuquerque, o qual logo mandou sitiar e escalar a igreja velha de Porto-Calvo, que o inimigo havia cingido de um parapeito de fórma quadrilonga, com estacada e fosso e artilheria nos quatro angulos.

A desesperação dos atacantes lhes ministrou valor mais que usual, e, sem nenhuns auxilios usados nos sitios e escaladas, lançaram-se ao forte, e o galgaram, tomando prisioneiros

quarenta e seis do inimigo; havendo conseguido retirar-se uns duzentos, deixando seis peças e muitas munições. Na embriaguez da victória, quizeram os venecedores perseguir os inimigos, pretendendo tambem levar de assalto a igreja nova, a que se haviam recolhido; mas tiveram que retirar-se com alguma perda. Mais felizes foram porêm no Varadouro, perto do visinho Rio-das-Pedras, onde havia um reduto guarnecido de vinte soldados, que logo o abandonaram, fugindo pelo rio abaixo, e depois em outros postos e casas a que o inimigo se recolhêra. Foi então que o donatario da Capitania, que ali tambem ia, resolveu mudar no de Bom Successo o nome da villa; mas o do Porto-Calvo ficou prevalecendo sempre.

Mathias d'Albuquerque, fazendo logo seguir para as Alagoas os emigrados e os feridos e bagagens, assentou de expôr-se ao risco de encontrar-se com forças superiores que o inimigo mandasse, mas não seguir, sem que primeiro capitulasse Picard, nos edificios a que se refugiára com o Calabar.

No sexto dia de sitio (19 de julho) o inimigo mandou um tambor propondo capitulação. Foi esta admittida, concedendo-se que os estrangeiros sairiam livres com suas bagagens, e seguiriam para a Bahia, d'onde seriam conduzidos á Hollanda. O inimigo exigia que na capitulação fosse tambem comprehendido o Calabar; mas, resistindo a isso Albuquerque, foram as condições aceitas, entregando-se, além do major Picard, vinte e cinco officiaes e officiaes inferiores, trezentos e sessenta e sete soldados armados, vinte e sete feridos e enfermos, não passando os sitiantes de cento e quarenta, fóra os indios.

A entrega do Calabar haverá sido, sem dúvida, pouco generosa da parte de Picard; mas não foi o primeiro caso, nem será o último, de realisar-se o proverbio a respeito do differente apreço que se dá á traição e ao traidor.

Se da parte dos Hollandezes teve tal pago, quando já lhes servia mais de carga que de proveito, da parte dos seus compatriotas tinha caido debaixo da espada da lei. Não faltou quem dissesse que o Calabar não fez muito empenho em não ser sacrificado, acreditando estar de Deus que viesse a morrer entre catholicos e com todos os sacramentos. Não é porêm impos-

sivel que elle confiasse na frase com que nas condições da entrega se conveiu por fim a seu respeito de que „ficaria á mercê de el-rei,“ esperançado talvez de ter algum meio de escapar-se, se em tempo de guerra andassem com elle, de uma parte para outra, á espera de ordens da metropole.

Submettido a conselho de guerra, este foi de opinião que unica mercê que devia esperar era a de preparar-se a bem morrer, assistido pelo padre Frei Manuel do Salvador, autor (com o nome de Calado) do livro intitulado „Valoroso Lucideno“; no qual assegura haver-se o mesmo Calabar confessado „com muitas lagrimas e compuncção, segundo demonstrava,“ e „com muito e verdadeiro arrependimento de seus pecados, segundo o que o juizo humano pôde alcançar.“ D'esses pecados o Todo Podoroso lhe tomaria contas, e com a sua immensa misericordia poderá tel-os perdoado; porêm dos males que causou á patria, a historia, a inflexivel historia lhe chamará infiel, desertor e traidor [1], por todos os seculos de seculos.

Mathias de Albuquerque deixou no oratorio ao Calabar, confiado aos da retaguarda, mandou enterrar os canhões encontrados no forte (e que não se decidiu a levar) em certo sitio junto ao rio: promoveu ao posto de alferes a Sebastião do Souto, e começou a marcha para as Alagoas.

Ao cabo do terceiro dia, aos 22 de julho, a justiça tirou o Calabar do oratorio, e lhe deu morte de garrote, deixando o seu corpo esquartejado na povoação, que n'esse momento abandonava aos Hollandezes, que já vinham chegando.

Apenas foi justiçado o Calabar, o restante das tropas seguiu para as Alagoas, ainda pelo caminho da costa. Pouco depois entrava o inimigo em Porto-Calvo. O seu primeiro cuidado foi tributar as honras funebres ao Calabar. Depois publicou bandos convocando os moradores a seus lares; e por fim, á voz de Arcizewski, seguiu tambem para o sul, chegando no

---

[1]) O historiador do lado hollandez, Barlaeus, foi o primeiro a dar-lhe o justo pago, quando disse: *Dominico Calabari qui Lusitanus cum à Regiis-partibus ad nos descivisset, in arce captus, strangulatusque, jugulo defectionem expiavit, et dissectos artus infidelitatis ac miseriae suae testes ad spectaculum reliquit*“. Quando aquelles a quem prestou serviços assim o julgam, não póde julgal-o menos severamente a historia nacional.

dia 15 de agosto, á Peripueira, dez leguas de distancia da Alagoa do Norte, e ahi fez alto e se entrincheirou: occupando d'este modo o caminho de Pernambuco para as Alagoas pela costa.

Diminuto como era este refôrço, se em fins de novembro, ao passar pelo Recife, ataca a esquadra inimiga, seguramente a bate; mas, em logar de assim o praticar, foi até as Alagoas, a desembarcar em Jaraguá.

Os Hespanhoes que vinham ficaram ahi, e marcharam depois para Porto-Calvo; os Portuguezes, em numero de setecentos, seguiram para a Bahia.

D. Luiz de Rojas y Borja trazia o posto de mestre de campo general. O conde de Bagnuolo ficaria no de capitão general da cavalleria (arma que não havia), e da artilheria, que toda se reduzia á que então chegava, isto é a doze canhões de varios calibres e alguns artilheiros, mandados pelo tenente de mestre de campo general (tenente coronel) Miguel Giberton, official que muito se distinguíra nos sitios em Flandres. Vinham tambem alguns sapadores subordinados a um flamengo chamado André. Para o Camarão mandava o rei o titulo de Dom, que d'aqui em diante lhe daremos. A Duarte d'Albuquerque vinham ordens para que tomasse a seu cargo o governo civil de Pernambuco, de que era donatario, e seu irmão Mathias d'Albuquerque era chamado á Côrte.

Deixou este conspicuo chefe o exercito em 16 de dezembro de 1635, depois de haver militado com tanta constancia e firmeza no Brazil, d'esta vez durante seis annos. O sentimento geral que observou na sua partida serviria de fazer-lhe esquecer alguns desgostos anteriores. Não cobrára jámais ordenados, e grangeára sempre merecida reputação por sua honradez e prudencia. Regressando á metropole, não foi porêm gosar de descanso, nem de dias felizes. *A Mesa da Consciencia* lhe mandou tirar devassa por todo o seu procedimento como governador, incluindo a perda de Pernambuco, da qual ja se achava mais que absolvido pela carta regia de 26 de janeiro de 1631[1]. Foi tirada a mesma devassa pelo Doutor Francisco

[1]) Vej. *Hist. das Lutas*, 2ª. ed. p. 136.

Leitão, aggregando-se a ella depoimentos de testemunhas que não descubriam seus nomes, como na inquisição.

A esquadra em que vinha D. Luiz de Rojas passou á vista do Recife, e os Hollandezes que ahi se achavam, recearam um desembarque, do qual não sería impossivel que tivesse resultado o recobrar-se essa praça, então quasi desguarnecida; visto que as fôrças se achavam no sul, na passagem da Peripueira; mas o general D. Lopo de Hozes y Cordova preferiu proseguir a effectuar com mais segurança nas Alagoas o desembarque dos soccorros que trazia, e juntamente o novo governador do Brazil D. Pedro da Silva, acompanhado de Filippe Bandeira de Mello; a quem, pelos serviços que prestou no desembarque em Jaraguá, nomeou capitão e ouvidor de Porto-Seguro.

D. Luiz de Rojas, desembarcando no porto de Jaraguá, começou desde logo a trabalhar com a maior actividade. Mandou para a villa de Santa Luzia a artilheria e bagagens, que não queria conduzir comsigo; dispoz a abertura de um novo caminho para marchar até Porto-Calvo, sem passar pela costa, onde o inimigo occupava o passo da Peripueira; ordenando que seguisse adiante, com vinte homens, a recolher notícias, o alferes Sebastião do Souto.

Antes de emprehender a marcha, convocou os officiaes a conselho, e Bagnuolo se oppoz a ella; prevaleceu porêm o voto da maioria, com o qual se conformou. E, deixando a guarda da villa de Santa Luzia a Bagnuolo, com setecentos homens, emprehendeu a marcha para Porto-Calvo, em janeiro de 1636, com o restante, que prefazia mil e quatrocentos, fóra os Indios.

Sigismundo Schkope, que se achava em Porto-Calvo, ao ter notícia da marcha de Rojas, abandonou á pressa essa paragem; e foi, na Barra-Grande, embarcar-se para o Recife. Ao mesmo tempo Arcizewski, informado da marcha de Rojas, vinha da Peripueira em auxilio de Schkope, que suppunha em Porto-Calvo. Se Rojas estava resolvido a emprehender um ataque, com razão deviam os seus brios augmentar-se com a retirada de Schkope. Assim pois, deixando quinhentos homens em Porto-Calvo, e levando só comsigo uns oitocentos, fóra a troça do Capitão-mór D. Antonio Camarão, partiu, en-

tendendo que ia tomar o inimigo pela retaguarda, julgando-o na Peripueira.

A instancias de Martim Soares Moreno, mandou, á boca da noite, explorar os arredores por alguns Indios; e o resultado foi saber, d'ahi a pouco, que o inimigo já estava a seu lado, e tinha realisado com elle Rojas o proposito que a seu respeito levava este general. Logo ali houve um pequeno tiroteio em que cairam, de um e outro lado, varios mortos, feridos e prisioneiros.

Reconhecendo-se Rojas com fôrças menores que as do inimigo, julgou, contra a opinião de outros, que menos mal lhe resultava em arriscar uma acção que no emprehender uma retirada. Deu pois as ordens para o ataque, no dia immediato, 18 de janeiro. Occupava o inimigo certa espessura junto a um bosque, e começaram os nossos o ataque, despedindo tropas para um e outro flanco. Sustentou o inimigo vigorosamente as posições que occupava, até que, notando desordem em nossas fileiras, carregou sobre ellas, e as poz em debandada; não podendo contel-as o proprio general Rojas, que, ao querer acudir-lhes, foi ferido em uma perna; e logo, quando o punham de novo a cavallo, recebia outra bala no peito, e caía redondamente morto.

A derrota dos nossos foi tão grande que muitos só deveram o escapar-se a um precipicio pelo qual se arrojaram, sem por elle quererem igualmente precipitar-se os vencedores.

Não faltou quem acreditasse e até escrevesse que Rojas havia caido victima de uma bala dos seus proprios soldados; — accrescentando que elle assim o julgára ao expirar; mas basta uma ligeira idéa do modo como se passou a acção para se propender a acreditar que as balas que recebeu viriam antes do campo inimigo. Pois ainda quando entre os seus houvesse algum queixoso capaz de vingar-se covardemente, não é provavel que procurasse para cumprir seus desejos o momento em que já, como todos os demais, deveria antes cuidar de salvar-se. Sabemos que dias antes, na marcha, havia o general feito arcabuzar um Indio, só pela falta de haver saído do caminho a uma roça; excesso de rigor que fôra levado a mal por todos os outros Indios; mas nem com esta consideração

nos atrevemos a admittir, sem muitas provas, propositos tão infamantes. Demais, a suppôr que um tal assassinato viesse dos Indios, não houvera a morte provindo de uma bala, mas sim de uma frécha.

Na referida acção, que se chamou da Mata-Redonda, tiveram os nossos trinta e tantos mortos, e igual número de feridos; contando-se entre os últimos os capitães João de Magalhães e João Lopez Barbalho: o sargento-mór dos Italianos Heitor de la Calce caíu prisioneiro. Arcizewski ficou senhor do campo, e os nossos se retiraram á povoação sem ser perseguidos. Talvez o inimigo se via falto de munições, pois nem sequer voltou ao posto da Peripueira, mas sim a Villa-Formosa, deixando entretanto n'aquelle uma pequena guarnição.

Por morte de Rojas, as vias de successão, que logo se abriram, confiavam o mando ao conde de Bagnuolo. Immediatamente foi este avisado, e se poz em marcha, por um novo caminho que fez abrir, pelas cabeceiras dos rios Santo Antonio Grande, Camaragibe e Tatuamunha, mais para o sertão, porêm muito mais secco e nivelado que o outro mais á costa, que seguíra Rojas, tão cheio de pantanos e morros que dia houve em que se haviam transposto sessenta e seis d'estes, tão ingremes que alguns cavallos os não subiam.

No dia 19 de março chegou a Porto-Calvo; e immediatamente fez avançar alguma força a occupar a linha do Una, d'ali dez leguas, com ordens de despachar para a frente pequenas escoltas, que tivessem em contínua alarma o inimigo. A Martim Ferreira, já sargento-mór, ordenou que fosse governar o deposito e quartel que deixára na Alagoa do Norte. Depois mandou a Francisco Rebello, com quatrocentos e cincoenta homens, dos quaes duzentos Indios, que igualmente avançasse para arrebanhar os moradores que quizessem reunir-se e assolar e queimar tudo até onde lhe fosse possivel. Chegou o Rebello de improviso a um engenho de João Paes Barreto, no Cabo, e ahi surprehendeu setenta soldados hollandezes, dos quaes foram trinta passados á espada, entregando-se quarenta. Em vez de os enviar desde logo a Bagnuolo, proseguiu com elles até S. Lourenço, cinco leguas do Recife, onde fazendo alto, viu-se a seu turno atacado inopinadamente (no

dia 25 de abril [1]) por uma fôrça de oitocentos homens destacada do mesmo Recife, e guiada pessoalmente pelo membro do conselho Jacob Stachower, que o bateu e conseguiu libertar os quarenta presos. Este Jacob Stachower se fizera lavrador, associando a si João Fernandes Vieira, a quem muito favoreceu para chegar este a adquirir grandes cabedaes e fazer-se notavel na provincia, como veremos.

E mandava Stachower as tropas que ahi atacavam, porque, pouco antes, os cinco individuos do Conselho politico haviam assentado, a fim de darem as providencias com mais promptidão, de se derramarem, com todos os poderes, par toda a extensão que occupavam, incumbindo-se o mesmo Stachower de seguir as tropas em operações; ficando Ipo Eysens encarregado do mando desde Itamaracá para o norte; Schott do districto do cabo de Santo Agostinho até o rio de Jangadas; e Balthazar Wintjes, com Elias Herckman, do Recife.

A expedição de Rebello produziu no emtanto, entre outros favoraveis resultados, o de permittir que se lhe reunissem alguns que o dezejavam; e n'este número entrou Henrique Dias, com sua mulher, filhos e varios parentes; pois, havendo aquelle chefe capitulado no Arrayal, fôra pelo inimigo conservado em liberdade, e aproveitava a occasião para reunir-se ás antigas bandeiras. Quasi ao mesmo tempo que o Rebello invadia até S. Lourenço, eram os nossos atacados, sem importantes resultados, nas margens do Una, bem como os que se achavam na Alagoa do Norte o eram pela guarnição hollandeza da Peripueira.

Pouco depois emprehendiam-se novas correrias, que chegaram a pôr o inimigo em grandes cuidados e apuros.

Primeiro saiu, com trezentos e cincoenta homens, o capitão João da Silva e Azevedo; mas não foi muito longe, porque não era elle, nem a sua gente, a mais a proposito para similhantes emprezas, e regressaram immediatamente, em virtude de umas grandes chuvas que lhes impossibilitaram as marchas.

Partiram logo D. Antonio Camarão, com uns trezentos Indios, e Henrique Dias já condecorado com o titulo de „Go-

---

[1]) Officio de Weerdenburgh de 8 de junho de 1636.

vernador dos pretos," os quaes fizeram proezas, chegando até a Goyana; e ao regressar, defenderam-se, durante dois dias (23 e 24 de agosto), contra mui superiores fôrças regulares, com que junto a S. Lourenço os atacou Arcizewski. Voltaram a Porto-Calvo, d'ahi a trez mezes e meio, com um grande número de moradores, que preferiram os soffrimentos de acompanhal-os ás vexações e tyrannias do jugo de um conquistador cobiçoso, as quaes já haviam saboreado amargamente. Para tão feliz regresso não deixou de os favorecer outra excursão, que para o lado d'onde vinham, ordenou Bagnuolo que fizesse o ajudante Sebastião do Souto, com oitenta homens.

A 29 de agosto tinham chegado os nossos á Alagoa do Norte, e ahi, de accordo com Bagnuolo, haviam resolvido passar á do Sul, mais defensavel, e mais central para os tres portos visinhos, Jaraguá, Francezes e Alagoas.

Durante tanto tempo decorrido, se haviam feito de todo prestes e partiam da Hespanha as fôrças que dissemos ficarem-se apromptando. Eram apoiadas por uma esquadra combinada de vasos das duas corôas e da de Napoles. Vimos como o rei contava que sería d'esse novo reforço chefe e heroe da restauração da Bahia em 1625, D. Fadrique de Toledo. Este experto general porém declarou que não se compromettia a aceitar o mando, a menos que lhe dessem doze mil homens de tropa de desembarque. Houve então idéa de nomear-se D. F. da Silva, portuguez, que muito se distinguíra nas guerras de Flandres; porêm este novo cabo declinou aceitar o mando, a pretexto de lhe ser estranho o exercicio da guerra no aquemmar. Foi então nomeado D. Antonio d'Avila e Toledo, marquez de Velada, grande de Hespanha, que dera de si boa conta governando Orán. Não podendo porêm este chefe partir immediatamente, foi o mando das tropas confiado ao seu immediato D. Luiz de Rojas y Borja, que havia militado em Flandres, e acabava de ser presidente em Panamá.

Seguiu-se uma nova excursão de Francisco Rebello, acompanhado de João Lopes Barbalho e outras.

Ainda que a princípio soffreu Rebello falta de mantimentos,

com maior razão quando dos que levava teve que ir distribuindo com muitos emigrados, vindos de Goyana com D. Antonio Camarão, e que tinham ido ficando exhaustos pelos caminhos, não deixou de chegar á Parahiba, e fazer ahi grandes avarias ao inimigo e seus engenhos e roças, matando até a Ipo Eysens, membro do Conselho que ahi governava.

Em auxilio de Rebello mandou Bagnuolo a Sebastião do Souto, já feito capitão, e ao governador Henrique Dias, os quaes, depois de reunidos, foram pelo inimigo encontrados em 17 de novembro, sendo derrotados ao cabo de duas horas de acção.

Recolhidos Sebastião do Souto e Henrique Dias, sairam a outra excursão os capitães Francisco Peres do Souto e Paulo de Parada; [1] mas não passaram da Goyana, onde queimaram varios engenhos.

Seguiu-se uma nova excursão confiada ao capitão pernambucano Estevam de Tavora, que enviou Henrique Dias, com cem homens, até uma legua ao sul do Recife; e outra emprehendida pelo capitão Souto e o ajudante André Vidal, que chegaram até a Parahiba, patria d'este último, destruindo a ferro e fogo quanto encontraram, avaliando-se em quarenta mil arrobas o assucar que incendiaram. D'esta pasmosa excursão sairam feridos tanto o capitão Souto, de uma fréchada em um braço, como o Vidal de uma chuçada no peito. Este official a quem mais tarde novos meritos chegaram a coroar com os louros da victoria e a adornar com a palma do civismo, orçaria então pelos trinta annos de idade, e contava já onze de serviços militares.

A sorte de Pernambuco dependia agora de quem primeiro, Hespanha ou Hollanda, mandasse uma forte armada com sufficientes tropas, para fazer n'esta conjunctura um esforço maior.

Bem o reconhecia a côrte de Madrid; mas todas as suas ordens e recommendações para a cobrança de impostos extraordinarios (aliás muito menores do que os que se votaram em

---

[1]) Mais tarde general da frota do Mexico e depois da artilheria na Catalunha.

côrtes e se decretaram depois da acclamação de D. João IV) excitavam opposição e descontentamentos, e a Junta de Pernambuco (creada em 26 de junho de 1631) nada fazia. Chegou o rei a conceder que vendessem habitos e mercês [1] aos que prestassem soccorros, mas nada valia para obtel-os. Foi estranhado o Conde de Miranda, pela irregularidade com que procedia nos preparativos de mar, e nomeado em seu logar o Marquez de Gouvea; mas os descontentamentos cresciam e chegaram a converter-se em motins e em tumultos, entre os quaes vieram a dar grandes apprehensões os que tiveram logar em 1637, principalmente em Evora e no Algarve, vindo taes tumultos a retardar pelo menos os preparativos de novas fôrças de soccorro de Portugal e a desviar sobre a fronteira d'este reino parte das que Castella dispunha para o Brazil.

No meio d'estas difficuldades foram indicados á Côrte dois arbitrios, um pelo povo de Lisboa e outro pelo conde do Prado; propondo este que el-rei deixasse a Portugal livre o direito do administrar a sua receita, na certeza de que d'este modo esse reino não se poderia queixar, e sería o primeiro interessado a adiantar quanto fosse necessario á recuperação do Brazil, da qual resultaria grande augmento á receita do Reino.

Em 3 de dezembro escrevou o rei uma extensa carta [1] á Princeza Margarida, governadora de Portugal, dando-lhe conta de tudo, e recommendando-lhe que ouvisse, ácerca dos arbitrios que se propunham, o parecer dos tribunaes do reino.

Os tribunaes foram ouvidos, começando pela Meza da Consciencia. Não vimos os seus pareceres, mas provavelmente seriam, como outros que costumam dar certas corporações que só devem á rotina a sua existencia, mais de fórma e de palavras banaes que de substancia e de responsabilidade, como pedia o caso; pois deviam começar por confessar á Côrte que a razão do descontentamento dos povos era a origem d'elles; e que os Hollandezes não os hostilisariam, se tivessem outro rei.

---

[1]) C. R. de 14 de dezembro de 1636.

[2]) Acha-se integralmente transcripta na nossa *Historia das Lutas*, Liv. 4°. pag. 145 a 160 da 2ª. edição, (1872.)

Além de que, no Reino nenhuns tributos chegavam; porque havia muitos abusos e muitos desperdicios, de modo que, mais que novos tributos, se fazia necessaria a installação de um systema economico, começando-se a reforma pelos individuos dos proprios tribunaes cujos pareceres se pediam.

Os cargos, principalmente da Fazenda, se proviam mais pela qualidade e influencia da parentela dos agraciados do que pela sua capacidade; e nas accumulações havia tanto abuso que alguns mal podiam desempenhar todos os cargos que reuniam; e n'este número entrava o presidente da Junta do soccorro do Brazil, e varios dos seus membros.

Assim pois, em quanto em Portugal se consultavam os pareceres de tribunaes, e as sempre morosas juntas pouco adiantavam, porque de ordinario não fazem mais que assignar o trabalho de um só, que aliás o activa e apura menos, por isso que não recebe integras para si, nem a responsabilidade, nem a gloria, e em quanto os povos continuavam descontentes, attribuindo, como era razão, a origem de tantas calamidades á sua união com a corôa de Hespanha, os Hollandezes se mostravam cada vez mais empenhados em que fosse protegida pelos Estados Geraes a nova conquista em Pernambuco; e como povo essencialmente pratico, como todos os que são mais feitos ao mar que á terra, apparelhavam uma esquadra, organisavam um pequeno exercito auxiliar, e modificavam o systema de governo da mesma conquista, concentrando toda a autoridade em poder de um só chefe. E este chefe era nada menos do que um Principe que, aos mais qualificados dotes de capitão prestigioso, reunia os de prudente juiz e honrado administrador.

SECÇÃO XXIX.

GOVERNO DE NASSAU ATÉ A ACCLAMAÇÃO DE D. JOÃO IV.

Nomeação de Nassau. Tres Conselheiros supremos. Conselho Politico Regimento do Governo. Chegada de Nassau. Elogia o paiz. Como encontra o Recife. Organisa um exercito de operações. Marcha para o sul. Bate a Bagnuolo junto a Porto-Calvo. Toma esta paragem, capitulando Giberton. Segue até o rio de S. Francisco. Erra em não haver proseguido até a Bahia. Regressa ao Recife, mandando a frota cruzar para o sul. Lichthardt incendeia Camamú e desembarca nos Ilhéos. Vota-se Nassau á administração. Falta ao capitulado com os moradores. Energico protesto de Duarte Gomes. Melhora Nassau o Recife. Duas Pontes. Palacios. Fortificações. Pintores Post e Eckout. Litteratos Plante e Barlæus. Piso, Margrav e Ruiters. Escabinos. Escultetos. Brazões a quatro provincias. Occupação da Mina e do Ceará. Defende Nassau a liberdade do commercio. Visita os territorios até o Rio-Grande. Avança Schkoppe até Sergipe. Bagnuolo se retira á Torre de Garcia d'Avila. Schaap bloquea na Bahia. Notícias que recolhe. Por ellas decide Nassau o ataque da Bahia. Entra no porto. Desembarca. Acode Bagnuolo á cidade. Sitio d'esta. Ataques mallogrados. É levantado o sitio. Recompensas. Considerações.

Alguns grandes inconvenientes que a metropole hollandeza havia notado pela falta de unidade no governo da sua nova conquista e a certeza de que taes inconvenientes se fariam mais sensiveis agora que a mesma conquista se havia extendido tanto e ia carecer de maior guarnição e de um maior número de empregados, fizeram nascer na mesma metropole a idéa de confiar d'ella o mando a um chefe superior de prestigio, com a autoridade e titulo de „governador capitão general e almirante de terra e mar", sendo auxiliado pelas luzes de tres conselheiros supremos intimos, cujas reuniões presidiria, com voto de qualidade em caso d'empate. Além d'este conselho supremo, haveria outro conselho politico, de nove membros, que seriam empregados como auxiliares em varios ramos da administração. Ao pensamento d'esta nova organisação se associou, desde logo, a idéa de que o chefe mais a proposito sería o conde de Nassau, João Mauricio, primo do Stadthouder, principe d'Orange, e de que, como conselheiros

intimos, deviam ficar, os dois que já estavam, Ceulen e Gysselingh, aggregando-se-lhes um novo, Adrian van der Dussen. No dia 2 de agosto de 1636, foi a offerta feita a Nassau, para durar cinco annos [1], com a retribuição de mil e duzentos florins por mez e 2 por % de todas as prezas; e sendo a mesma offerta por elle acceita, se tratou de redigir, com sua acquiescencia, um regulamento para o governo da colonia, constante de 99 artigos, que leva a data de 23 d'esse mencionado mez d'agosto [2].

Por esse regulamento Nassau foi autorisado a preencher os postos militares quando estivesse em campanha, devendo ser conferidos pela junta ou concelho, por elle presidido, os empregos civis não providos da metropole.

O conde de Nassau chegou ao Recife aos 23 de janeiro de 1637. Alojou-se na ilha de Santo Antonio ou Antonio Vaz; e dez dias depois d'ahi escrevia que encontrára „o paiz dos mais bellos do mundo, e a situação d'aquella praça bastante forte e vantajosa."

Ainda então o povoado do Recife, propriamente dito, era mui limitado; e em metade proximamente do seu solar, da banda meridional, não havia nenhuma casa. Estava entretanto bem defendido por uma trincheira levantada fóra das últimas casas do lado do isthmo, e mais adiante pelo forte triangular de S. Jorge e pelo do Brum, com seu competente revelim, tendo por avançada o Buraco, então chamado Madama Brum. A ilha que hoje constitue o bairro de Santo Antonio tinha, por fóra do convento dos capuchos, um recinto de tres frentes, com dois baluartes e meio; e, para o lado do palacio actual, o forte Ernesto, abaluartado, com um reduto avançado, e mais adiante o forte ilhado de Weerdenburgh, na Asseca. Para a banda da terra firme ou actual bairro da Boa-Vista, estavam, mais além de uns alagadiços, tres redutos, dos quaes o ultimo ia cruzar seus fogos com o forte das Cinco Pontas, denominado de Frederico Henrique. Tinha este, assim como o seu revelim e hornaveque, os fossos aquaticos.

---

[1]) Off. de Nassau de 10 de janeiro de 1641, *in fine*.
[2]) Groot-Placart Boeck de 1664, P. 2ª. p. 1247.

Tomando conta do governo, Nassau não tardou de organisar um corpo de tropas para a frente d'elle saír a campo. Esse corpo de tropas chegou a subir a tres mil soldados, oitocentos marinheiros armados e seiscentos Indios e pretos.

Com uma parte d'esta fôrça, ás ordens de Sigismundo van Schkoppe, marchou Nassau por terra até a foz do rio Una; seguinde outros, ás ordens de Arcizewski, embarcados até a Barra-Grande. Chegaram estes ultimos ao dito porto no dia 12 de fevereiro; e ahi esperaram que Nassau passasse o Una, d'ali cinco leguas, no dia 16. — No dia 17 as duas tropas, pondo-se de accordo, seguiam para Porto-Calvo, onde Bagnuolo se achava em fôrça que não chegava a quinhentos homens.

Soube Bagnuolo mui a tempo que a forças inimigas eram mui superiores, e que lhe sería impossivel obter sobre ellas vantagens em uma acção campal. Parecia pois natural que tratasse de evitar esta, destacando, como antes, guerrilhas, que fossem pelos sertões incommodar o inimigo e ameaçal-o pelo flanco e retaguarda. Em vez de seguir este plano, Bagnuolo propoz-se a defender Porto-Calvo, encurralando-se em dois redutos, ficando elle em um, e confiando o outro ao commandante da artilheria Miguel Giberton. Por excesso de precaução começou a mandar retirar para as Alagoas alguma roupa e bagagem, com o que contribuiu desde logo a introduzir, entre os seus, certa desconfiança, princípio de desmoralisação.

Constando-lhe que se aproximava Nassau com grande fôrça, não se atreveu a esperal-o com firmeza nos fortes em que se entrincheirára; e, a pretexto de o mandar reconhecer, destacou a encontral-o, ás ordens do seu immediato Almiron, um corpo de mais de oitocentos homens, incluindo os Indios do Camarão, em número de tresentos, e a troça de Henrique Dias, de oitenta. D'este modo nem ao menos alentava os seus dando-lhes o exemplo de ser o primeiro a afrontar o perigo. Tão cauto se mostrou a este respeito por vezes o mesmo Bagnuolo, que parecia ou temer as balas, ou julgar a sua vida muito essencial para o exito da guerra, ou ter falta de valor para tomar sobre si, sem compartilhar com outro, a responsabilidade de qualquer revez.

Avançou Almiron para o lado d'onde sabía vir o inimigo. Chegando á margem do Comendatuba, imaginou que ali o conteria, levantando uma estacada, com os flancos apoiados em dois semelhantes, entrincheiramentos avançados.

A boca da noite appareceu o inmigo coroando as alturas pela frente, e no dia seguinte ao amanhecer, depois de observar bem todo o acampamento, dispoz-se ao ataque.

Ordenou que os seus Indios fossem, escondidos pelos matos, contornear os nossos pelos flancos, passando o rio acima e abaixo do acampamento. E apenas notou que os mesmos Indios haviam já introduzido confusão, ordenou ao seu regimento que atacasse pelo flanco esquerdo. A peleja durou mui pouco tempo. Os nossos começaram a fugir pelos montes que tinham á retaguarda e que conduziam á povoação ou ao caminho para as Alagoas que alguns logo tomaram. A maior parte das tropas do inimigo, incluindo os marinheiros todos, nem no fogo entraram; de modo que a sua perda não passou de seis mortes e trinta e cinco feridos [1], sendo a dos nossos muito maior, pois eram fuzilados quando corriam pelo monte acima. Almiron deveu o não perder-se ali de todo aos actos de bravura que praticaram alguns dos chefes subalternos, como Francisco Rebello e Henrique Dias. Este último chefe foi n'esta occasião, por sexta vez n'esta campanha, ferido de bala, que lhe acertou no punho esquerdo, occasionando-lhe a perda da respectiva mão, que veiu a ser-lhe amputada. F. Post, que acompanhava a Nassau, eternisou esta victoria do seu heroe em um bello quadro que foi gravado em 1644 e se acha na obra de Barlæus.

Depois d'esta derrota, Bagnuolo, em vez de passar a apresentar de novo resistencia nos dois postos que de ante-mão preparára em Porto-Calvo, ficou tão acovardado, que resolveu emprehender n'essa mesma noite uma vergonhosa fuga [2] para as Alagoas, abandonando um dos ditos dois postos, sem dar nenhum aviso aos que guarneciam o outro, ao mando de Giberton.

---

[1]) Em mais de 150 homens avaliou Albuquerque a perda do inimigo.
[2]) É a expressão usada por Barlæus.

Nassau, depois de mandar perseguir até duas leguas a retaguarda de Bagnuolo, fazendo ainda alguns prisioneiros, tomou posse do forte abandonado, cujos tres canhões começaram logo a disparar contra o outro. Informado porém de que tinha diante de si no outro forte um soldado valente e experimentado, resolveu proseguir com tento. Estabeleceu uma parallela do lado de leste do forte, e, por meio da sapa foi avançando até o sul d'elle; commettendo a Schkoppe que avançasse por dentro da povoação, e ao abrigo d'ella, desde a igreja parochial, onde estabeleceu baterias de bater; e recommendando a Lichthardt que guardasse a retaguarda, occupando o ponto de juncção dos dois rios que cingem a Porto-Calvo.

Ao cabo de treze dias de sitio, em 4 de março, Nassau escreveu a Giberton em francez: „Senhor: por saber que sois tão grande soldado, não vos quiz render sem assestar primeiro baterias contra vós.... Bem conheceis que vos não podeis sustentar.... Vosso muito affeiçoado *João Mauricio.*"

Julgou Giberton dever submetter-se á capitulação, e no dia 5 [1] de março se entregou com as honras da guerra, juntamente com oito capitães, tresentos soldados hespanhoes e cento e dez Italianos, sem contar os doentes e feridos, os quaes todos foram transportados para a ilha Terceira. — Com a rendição do forte adquiriu o inimigo sete bandeiras, vinte e dois bellos canhões de bronze, além de outros de ferro, quatro grandes morteiros e muitas munições, incluindo quinhentas toneladas de polvora [2]; pois que n'esse local havia Bagnuolo feito reunir todos os depositos, julgando-o mais defensavel, como o teria sido, se não se retira, desmoralisando os que deixava sós em presença do inimigo.

Animado por tão facil victória, não podia Nassau dar ferias a aproveitar-se da estrella que tanto para elle brilhava. Destacando para o sul por terra a Sigismundo Schkoppe, com alguma força, foi elle, com outras, embarcar-se na Barra-

---

[1]) Nassau, segundo uma copia da carta de 8 de março que seguimos, diz que a 3; mas póde ter havido engano. Preferimos a versão das *Mem Diarias.*

[2]) Carta de Nassau escripta de Porto-Calvo em 8 de março de 1637.

Grande, d'onde passou a desembarcar em Jaraguá [1]; e d'ahi seguiu por terra até o Rio de S. Francisco onde chegou a 27 de março.

Ahi fez construir no morro que domina a povoação do Penedo (de S. Pedro) um forte, a que deu o nome de *Mauricio*, e pela mesma occasião dispoz que, por meio de outros postos, fosse occupada a margem do grande rio, que por então escolheu por fronteira das suas conquistas, — e que ideou colonisar em grande, de modo que, no proseguimento d'essa idéa ainda, cinco annos depois, teve que voltar de novo a visitar este districto.

Bagnuolo foi-se retirando ou antes fugindo até S. Christovam de Sergipe, onde chegou no último de março; e nem ahi pararia, se Nassau não se houvesse proposto a não extender-se além do mesmo rio de S. Francisco; do que muito se arrependeu depois; accusando-lhe mais tarde a consciencia que se tem d'esta vez continuado a perseguição de Bagnuolo, houvera até chegado a assenhorear-se da Bahia. Em vez d'isso Nassau, ordenando a retirada para a Hollanda do polaco Arcizewski, ao pareeer por não estar com elle e em boa intelligencia, eonfiou a Schkoppe a guarda da fronteira de S. Francisco, e dispondo, por dar alguma oeeupação á esquadra, que Lichthardt fosse cruzar para o sul, regressou ao Recife a entregar-se a regularisar a administração do paiz.

Liehthardt, por sua parte, tratou de fazer aos nossos o mal que poude. Fez avarias contra varios barcos do commercio da Bahia, passou a saquear e incendiar a Camamú e chegou a effectuar um desembarque na villa dos Ilheos e a saqueal-a. Com o que, indignados os habitantes se alçaram, fazendo no invasor atroz carnificina, e obrigando-o a recolher-se aos seus barcos.

Na capital dedicou-se Nassau com empenho aos assumptos do governo, e a fazer prosperar o estado. Conciliando a severidade eom a prudencia, conseguiu que todos os magistrados e empregados cumprissem com os seus deveres, premiando os

[1]) Em Barlæus se lê erradamente *Sergoæ;* mas, mais adiante, ao enumerar os portos, se escreve correcto dizendo-se (no accusativo) *Jarayuam.*

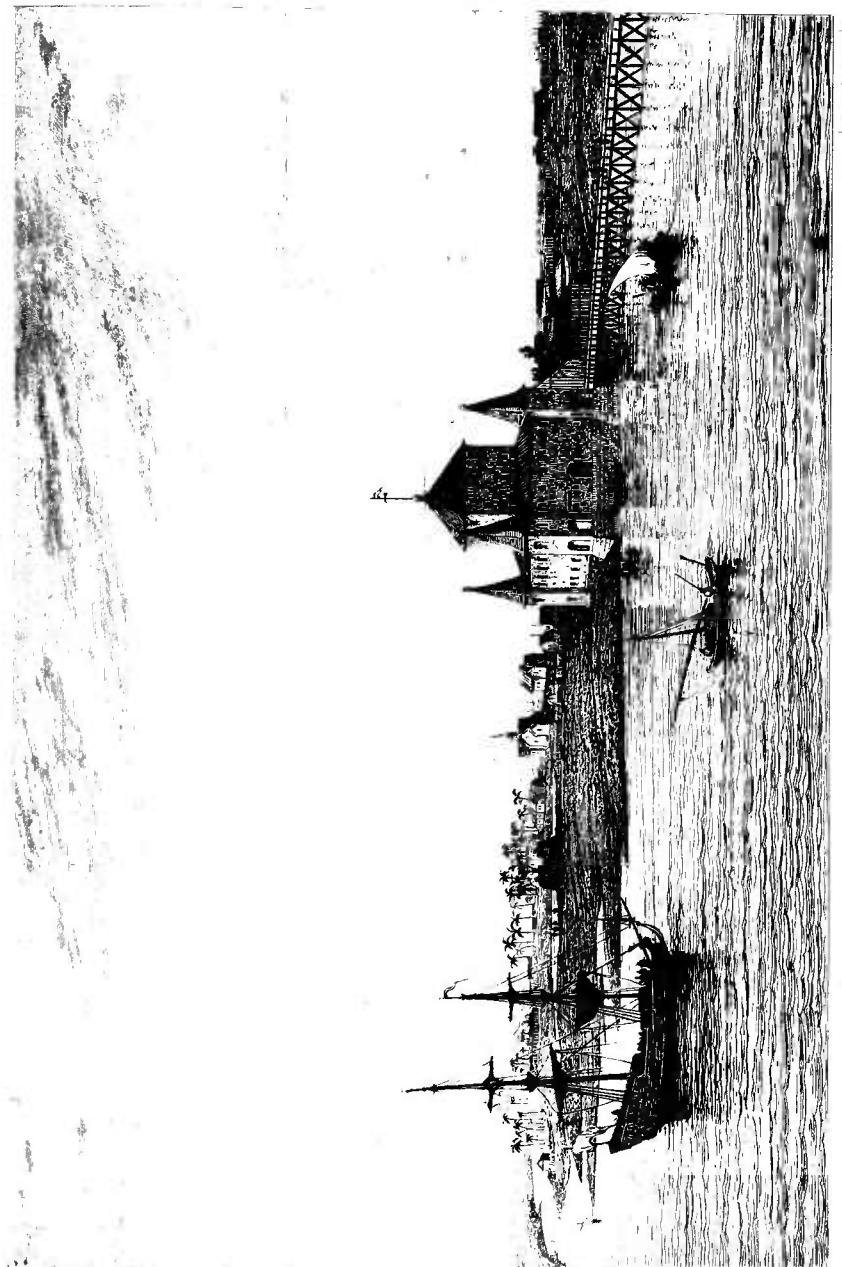
bons, corrigindo e estimulando os tibios, e dimittindo os incorregiveis. Dest'arte restituiu á religião o devido acato, á lei e ás autoridades o necessario respeito, e deu a todos tranquillidade e segurança; e procurou assentar as bazes da organisação de uma nova sociedade livre, formada de elementos differentes, mas gosando todos de identicas immunidades. Reorganisou os hospitaes, attendeu aos orfãos, e despediu os Indios, para que fossem cultivar a terra. Igualmente mandou pôr em leilão os engenhos abandonados por seus senhores, alcançando por essse meio a dupla vantagem de serem os mesmos engenhos de novo restaurados, e de ficar ao fisco o valor das vendas.[1]

Aos antigos colonos que se haviam submettido, ou se quizessem submetter, assegurou o maior respeito á propriedade, tanto nos bens, como nos escravos; cohibindo porém que usassem com estes de rigorosas sevicias.

Empenhado entretanto em crear certa homogeneidade no estado, ordenou que tudo se decidisse conforme as leis hollandezas; introduziu os pezos e medidas de Amsterdam, e prohibiu ao clero o prestar obediencia ao bispo da Bahia, exigindo que os moradores corressem com os gastos do respectivo culto.

Foi então que o velho Duarte Gomes da Silveira (que na Parahiba tanto contribuira a que os moradores se sujeitassem ás capitulações, de quem em outro livro tratámos) levantou a voz, dirigindo, em data de 1.º de junho, uma energica representação aos Estados Geraes, pedindo-lhes não fossem os moradores obrigados a mais contribuições que antes, e rogando lhes dessem sacerdotes catholicos pagos; pois sem elles não podiam cumprir os deveres religiosos, nem gosar da liberdade que sôbre isso lhes fôra afiançada.

As justas súpplicas de Duarte Gomes não foram ouvidas, mas archivam-se: e archivadas permaneceram até nossos dias, e serão por toda a eternidade um protesto contra os quebrantadores da fé publica; protesto, ao qual nos associamos a gritos, ao notar que a constancia do mesmo Duarte Gomes, de Arnáu de Olanda, de Francisco Berenguer de Andrada, de Bernardim de Carvalho e de outros illustres Pernambucanos,

em reagir contra a injusta violencia, chegou a ser classificada de revolucionaria, pelo quê o primeiro foi, já octogenario, mandado encerrar no forte do Cabedelo, e os demais uns igualmente presos, e outros deportados.

Queriam os do Conselho que a capital batavo-pernambucana se transferisse para a ilha de Itamaracá, imaginando por ventura que ali estaria mais segura contra qualquer ataque. Predominou porêm contra tal projecto o voto de Nassau, de deixar a séde do governo no mesmo logar em que estava, na ilha de Santo Antonio; reforçando-a por novas fortificações, e unindo-a, por meio de pontes, ao Recife e ao Continente, e construindo mais adiante os edificios necessarios.

Ainda que todas estas obras foram sendo successivamente executadas durante os oito annos de seu governo, para não cortar mais ao diante o fio da narração, nos occuparemos desde já por uma vez d'ellas e de outros pormenores da administração.

A conclusão das duas pontes, uma da ilha para o Recife, onde ainda se acha [1], e outra da mesma ilha para o Continente, um pouco mais acima do logar em que hoje se vê a existente, ambas com capacidade para passarem até carros, apresentaram na execução, em consequencia da rapidez da corrente nas vasantes, difficuldades grandes, que não se houveram vencido a não ser muito ajudadas pelo empenho que n'isso poz Nassau, assistindo pessoalmente ás obras e até adiantando fundos para o seu acabamento.

A parte septemtrional da ilha de Santo Antonio, (no espaço que hoje occupa o palacio do governo, o theatro e a praça), reservou Nassau para a sua residencia, a que deu o nome de *Vrijburg*. Ficava, como uma especie de cidadella, separada do resto da ilha por fossos aquaticos, defendida na frente pelo convento dos capuchos já bem fortificado. Todo o dito espaço era occupado não só pelo palacio de residencia, com duas

---

[1]) Na que dava para o Recife se via não ha muito a seguinte inscripção: Fundabat me illustrissimus heros Joannes Mauritius Comes Nassoviæ etc.: dum in Brasilia terra supremum Principatum Imperiumque teneret. Anno Dui MDCXXXX.

Lemaitre sculp

ALCACER DA BOA-VISTA (SCHOONZIGT) EM PERNAMBUCO.

A. Lemaitre 23 quai de l'Horloge _ Imp. F. Lamoureux, Paris

altas torres como de igreja, com frente para o Recife, isto é, para o mar, d'onde se avistavam na distancia de seis a sete milhas e serviam de baliza aos navegantes, como tambem por um espaçoso quintalão, com ruas de coqueiros ou palmeiras, trazidas já grandes, em número de setecentas, dos arredores; com viveiros para peixes, bananal, pomares de espinho e de outros fructos [1], etc.

Quando Nassau tomou posse do governo, havia na ponta do norte da ilha apenas um pequeno reduto, companheiro de outros tres que para o lado de terra faziam como uma linha interrompida, cuja esquerda se apoiava no forte das Cinco-Pontas, e ficavam além de uma esguia camboa (que vinha quasi desde Palacio até o forte das Cinco-Pontas) e varios charcos, que mediavam na ilha desde este último forte até dois grandes revelins, que haviam sido construidos na centro da mesma ilha ao lado do forte Ernesto.

Nassau reduziu a uma só praça abaluartada todo o espaço desde o mesmo forte Ernesto ao das Cinco-Pontas, convertendo em fossos aquaticos a camboa e os charcos que ali havia, aprofundando-os n'uns logares e entulhando em outros, etc.

Além d'isso prolongou esse fosso até os Afogados, aproveitando as suas terras para um marachão ou aterro, do lado do mar, que servia ao mesmo tempo de estrada ou caminho público.

Além do palacio de *Vrijburg*, com frente para o mar e um caes para essa banda, fez Nassau construir outro, com o nome de *Boa-Vista*, com a frente para o continente, e situado á direita do encontro da ponte que para o mesmo continente communicava. Era um edificio quadrado, com seis janellas por frente, tendo em cada canto um pavilhão que rematava em coruchéo. No centro d'este edificio se elevava outro, tambem quadrado, de mais dois andares, com tres janellas de frente em cada andar.

D'est'arte se viu, como por encanto, durante o governo de

---

[1]) Segundo Barlæus, que dá tambem o número das outras arvores. — Veja tambem Calado, pag. 53.

Nassau, levantar-se na ilha de Santo Antonio um novo bairro, tendo pessoalmente o mesmo Nassau o cuidado de traçar e alinhar as ruas [1].

Por todo o Brazil não houvera anteriormente obras tão consideraveis, e tão habilmente executadas; nem podiam encontrar-se para as obras melhores engenheiros do que na Hollanda, que á sciencia hydraulica deve a existencia de algumas de suas provincias. As obras publicas emprehendidas levavam em si mesmas o cunho da boa administração; e essas paginas do livro da civilisação de um paiz que primeiro lê o forasteiro, eram em Pernambuco todas em abono do chefe hollandez.

E não só a architectura foi protegida por Nassau, como tambem a pintura; e de seu tempo são talvez os primeiros quadros a oleo, que do natural se fizeram ácerca de assumptos do Brazil, e talvez da America. Francisco Post, irmão do architecto, e ambos filhos do pintor de vidraças João Post, de Harlem, fôra um dos que acompanhára a Mauricio de Nassau. — A elle se devem muitos desenhos de paisagens e marinhas que ornam as obras hollandezas contemporaneas: e nas estampas da obra de Barlæus se vê algumas vezes sua firma. Nos museus da Hollanda e nos de Hamburgo, Berlim e Praga, se conservam ainda quadros que pintou, dois dos quaes passaram á Baviera, e ahi se guardam; e naturalmente outras paizagens e esboços se vêem na preciosa collecção de uns mil quatrocentos e sessenta desenhos originaes do Brazil, que (em quatro volumes) existem na bibliotheca real de Berlím, por haverem sido cedidos por Mauricio ao Principe Frederico de Brandeburgo. Tambem esteve com o mesmo Nassáu em Pernambuco de 1641 a 1643 o pintor A. Eckout, irmão do discipulo de Rembrandt. Delle ainda hoje existem varios grandes quadros, dos mais antigos pintados na America, no museo ethnographico de Copenhagen [2].

---

[1]) Calado, p. 52.

[2]) Citaremos os dois n. 123, o 124 e 125 e os n. 132 e 140 por elle assignados. Vej. o nosso folheto = *Em serviço ao norte da Europa*, imp. em Stockholm em 1874, pag. 6.

Da litteratura era cultor (não fallando de Barlæus, que nunca foi ao Brazil) Francisco Plante, capellão de Nassau, e autor de um poema em latim a este dedicado, que depois se publicou.

Foi porém nas sciencias que se fizeram mais recommendaveis os serviços prestados pela influencia de Mauricio de Nassau no Brazil. O seu sabio medico Willem Piso angariára para o acompanharem dois joves allemães: um mathematico H. Cralitz, e outro botanico G. Marcgrav. — Infelizmente Cralitz falleceu, pouco depois de chegar a Pernambuco, e a geographia ficou privada de seus auxilios. É certo que não poucos recebêra antes (1630) do cosmographo Ruiters, de quem, vimos [1] cartas hydrographicas originaes em Amsterdam.

Em logar das nossas camaras municipaes, com seus juizes e vereadores, se instalaram, desde 1636, em todas as villas, com analogia ao que tinha logar na provincia de Hollanda, camaras de escabinos. O número d'estes parece que variava, segundo a importancia das povoações, de tres a nove, e cada uma das duas nacionalidades portugueza ou hollandeza, em separado, tinha igual número, sendo porém ordinariamente hollandez o esculteto que presidía; o que dava sempre a maioria em favor dos dominadores. O esculteto era a autoridadc executiva, ou delegado da administração e promotor público do logar; e ao mesmo tempo exactor da fazenda.

Fiel ás tradições da Europa, em que tinham tomado tanta parte os seus antepassados, deu Nassau brazões d'armas a todas as provincias dependentes do seu governo, como antes practicára a Hespanha com todas as capitanias e provincias da America, que colonisára. A provincia de Pernambuco era representada por uma donzella, com uma canna de assucar na mão direita, vendo-se em um espelho, que sustinha a mão esquerda. Itamaracá, terra proverbial de boas uvas no Brazil, tinha tres cachos d'ellas; a Parahiba, já famosa pela bondade de seu assucar, contava d'elle cinco pães; e as campinas do Rio-Grande do Norte eram symbolisadas por uma ema. Estas

---

[1]) 2 de setembro de 1853.

concessões, cujo alcance não póde ser por ventura apreciado pelo vulgo, tinham origem em pensamentos elevados, de representar tambem o paiz na arte heraldica, a qual se reduz a uma linguagem hyerogliphica e symbolica, que fala ao coração, e que por todos os homens civilisados é entendida, qualquer que seja a sua lingua [1].

Entregue se achava Nassau a fazer prosperar a capital, e tinha já reconhecido a vantagem, de ter para todas as obras grande número de Africanos, quando recebeu um aviso de Nicolau Van Ipern [2], commandante da colonia hollandeza *Nassau*, na costa da Mina, prevenindo-o da facilidade com que, mediante alguma fôrça que fosse de Pernambuco, poderiam fazer-se donos do castello de S. Jorge da Mina.

Resolveu-se Nassau a tentar esta conquista, e commetteu o exito d'ella ao coronel João Koen [3], confiando-lhe o mando de oitocentos soldados e quatrocentos marinheiros, em nove barcos, que se fizeram de vela a 25 de junho de 1637.

Fica a fortaleza da Mina em um pontal, entre o mar e um rio que se mette pela terra dentro. Dirigiu-se Koen contra a fortaleza, apresentando-se do lado do norte além do rio, occupando ahi um cerro, chamado de Santiago, d'onde fez disparar alguns tiros, e logo intimou ao governador que capitulasse.

A praça era fortissima, e tinha os fossos abertos em rocha; mas o covarde governador não apresentou n'ella a menor resistencia, e logo capitulou; esquecendo-se do exemplo que lhe havia dado, no fim do seculo anterior, o seu predecessor D. Christovam de Mello, quando com sós oitenta praças havia resistido a quinhentos Hollandezes. „Se em vez d'isso, diz

---

[1]) Sem mostrar nenhumas saudades de que se votassem ao esquecimento esses brazões imposto pelo dominio estrangeiro, não podemos deixar de sentir vêr abandonados os da *pomba da Arca e frechas do martyrio*, concedidos por decretos ás nossas duas primeiras cidades, substituidos até nas obras de arte pelas prosaicas palavras: **BAHIA E RIO DE JANEIRO.**

[2]) Assim se lê este nome na trad. allemã de Barlæus. No original latino se lê *Iprensis*.

[3]) Pronuncie-se Kun: Kühn se escreve na traducção allemã de Barlæus. Coinius na edição latina deste autor. Nas *Mem. Diarias* anda este nome errado a ponto de se desconhecer. Diz-se *João Lonio*.

Nassau, elle se houvesse deitado a dormir, a praça não seria tomada, e os sitiantes, obrigados pelas doenças, se haveriam retirado em paz!"

Não conhecemos o nome do commandante, nem nos interessa averigual-o. Os que o cheguem a conhecer o stygmatisarão como convém para oprobrio de tanta covardia. A capitulação effectuou-se no dia 29 de agosto do anno supra mencionado.

Um resultado tão feliz, e tão facilmente alcançado, provocou em Nassau estimulos a aventurar-se a uma nova conquista: a do Ceará. Deram azo a ella os offerecimentos que d'ali lhe mandou fazer, por emissarios, um principal por nome Algodão, naturalmente a isso reduzido por varios Indios que, levados da Bahia da Traição á Hollanda em 1625, haviam sido, já com essas miras, deixados em terra (no Ceará) em 1636. — Para com a Companhia, pretextou Nassau as vantagens que d'essa conquista resultariam, fornecendo não só ambar, como sal, genero este que tinham de ir buscar a uma das ilhas de Cabo-Verde.

Reduzia-se então o Ceará a uma pequena colonia, á margem direita do rio do mesmo nome, não longe de sua foz (no local ainda chamado *Villa-Velha*, quasi duas leguas ao poente da capital de hoje) assente em um campo á borda do mato. Não passava de uma igreja, e, além dos Indios, uns vinte soldados, que faziam a guarnição [1] de um forte quadrado, com quarteis e armazens dentro, flanqueado por dois pequenos baluartes, tambem quadrados, nos dois angulos diametralmente oppostos.

Foi confiada esta nova expedição ao major Joris (Jorge) Garstman, levando comsigo unicamente duzentos homens, fôrça por certo mais que sufficiente.

Partiu Garstman do Recife em outubro, e em dezembro chegou ao seu destino. Depois de haver dado aviso ao principal Algodão (a quem os seus appellidariam provavelmente *Maniú*) e reunindo-se-lhe este, com duzentos dos seus, depois

---

[1]) Paucorum incolorum, qui arcem ipsam tenebant. Barlæus.

de vigorosa resistencia e perdendo alguns, deu o assalto, fazendo prisioneira a guarnição.

Em 1637 resolveu a Companhia reassumir a si, por monopolio, todo o commercio do Brazil.

Empenhou-se Nassau quanto poude para que o mesmo commercio se declarasse livre, a fim de que melhor se fomentasse o crescimento da população, sem prejuizo notavel immediato da mesma Companhia, que para o futuro poderia solidamente indemnisar-se de tudo, quando Pernambuco já estivesse mais rico e robustecido. — N'este empenho fez-se apoiar em representações dos moradores, sendo mui notavel uma (de 5 de dezembro) da Camara de Olinda; porque n'ella se insiste, não só nas vantagens para a Companhia de conceder ella a dita liberdade de commercio, como todas as demais liberdades, excepto só a de receberem mais judeos, aos quaes preferiam que não se lhes concedesse na colonia, como succedia, mais larguezas e direitos do que gosavam na propria Hollanda. A questão foi resolvida definitivamente em 1639, sendo o commercio declarado livre, e ficando sómente á Companhia o monopolio do páu e dos escravos e munições.

Para melhor convalescer, depois de uma violenta doença, emprehendeu Nassau uma viagem para o norte, e foi visitar a Parahiba e o Rio-Grande. Aqui recebeu a varios enviados dos Indios, que o mimosearam com um presente de suas armas e ornamentos de pennas. Na Parahiba, onde pozera de governador o illustrado Elias Herckmann, conhecido na republica das letras (e que depois (1641) viajou o sertão chegando a terras da comarca actual do Brejo d'Arêa) mandou reparar o forte do Cabedelo, ordenando que, em honra do nome de sua mãi [1], se ficasse chamando Forte Margarida.

Entretanto não deixavam de passar algumas novidades pelo sul, além de rio de S. Francisco.

Como Bagnuolo, durante sete mezes que permaneceu na capital de Sergipe, não deixava de mandar por capitães de

---

[1]) Não de sua irmã (á sororis nomine) como diz Barlaeus, seguido por Southey no tom. I pag. 548 (da 1.ª ed.)

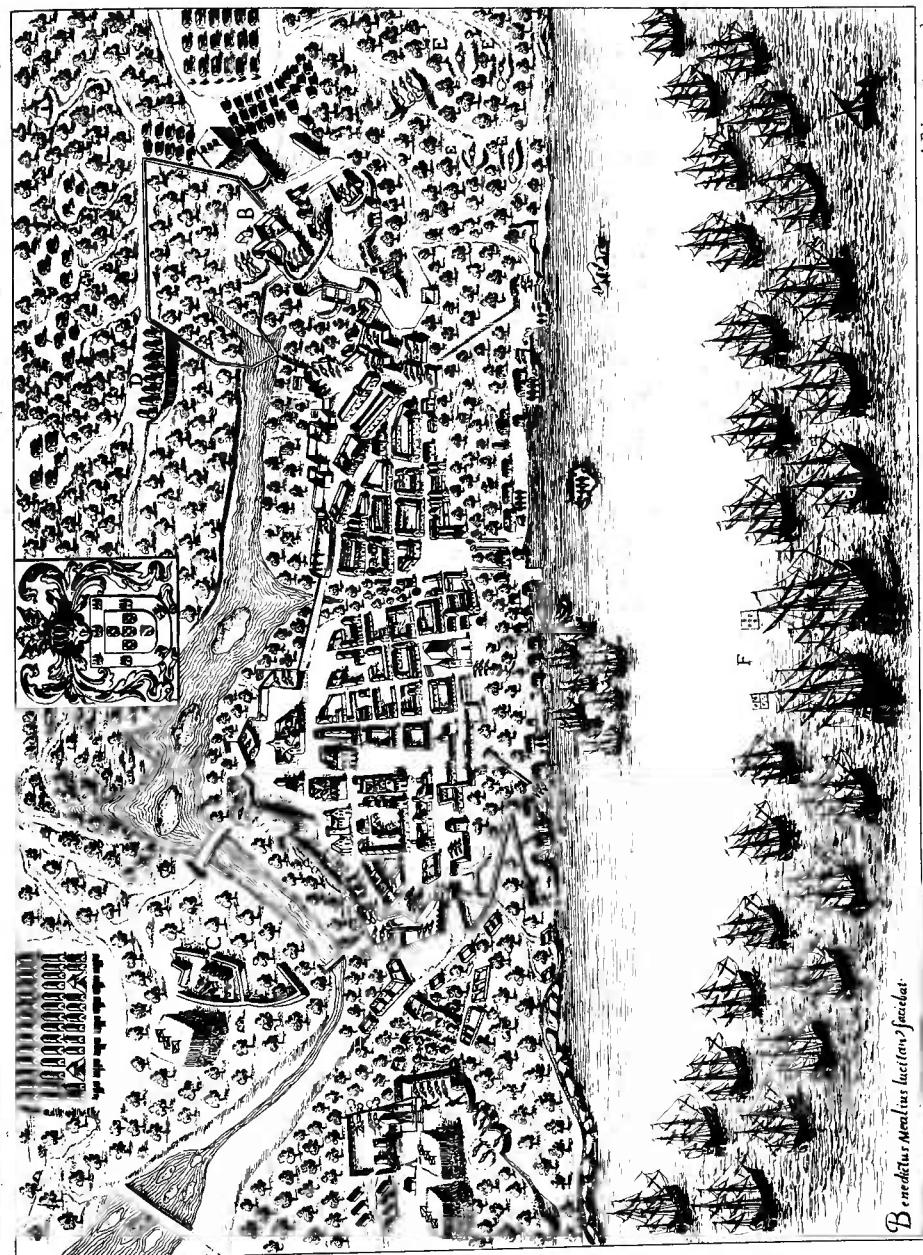
emboscadas inquietar de contínuo por essa banda os Hollandezes, resolveu Schkoppe reunir as fôrças que tinha dispersas, e, á frente d'ellas, em número de mais de tres mil, começou a avançar para Sergipe. Bagnuolo que apenas teria então uns dois mil homens ás suas ordens, julgou preferivel retirar-se precipitadamente, e não foi parar com as suas tropas, senão na Torre de Garcia d'Avila. E pouco depois, seguiu com todas as tropas para a mesma Bahia, a fim de a defender contra a aggressão que se lhe preparava.

Pelo mesmo tempo, o valente capitão de mar Schaap, que com varios navios vigiava a costa, encontrou alguns barcos hespanhoes, pela altura da mesma Torre, um pouco mais ao sul, e conseguiu capturar um, no qual apprehendeu importantes correspondencias em que se relatava o estado em que ficava Portugal, a opposição aos novos tributos, os tumultos de Evora, o descontentamento de todo o Alemtejo [1] e Algarve, as apprehensões da Côrte, em guerra com a França, e até se dizia que havia temores de favorecer-se muito o Brazil, para que com isso Portugal não se enriquecesse e se tornasse forte, e que, estando já preparada uma esquadra, que devia ser commandada pelo conde de Linhares, havia este sido envenenado, etc.

De todas estas notícias era Nassau informado apenas regressava ao Recife. Logo soube que Schkoppe havia entrado em S. Christovam, capital de Sergipe, no dia 17 de novembro, e que a retirada de Bagnuolo havia sido censurada pelo governador da Bahia, de modo que estes dois chefes estavam em completa desintelligencia.

Em presença de tantas circumstancias favoraveis, Nassau que já sentia sobre a consciencia como um peso de não haver desde principio perseguido Bagnuolo até tomar a Bahia, assentou que a sua boa estrella o não desampararia na occasião, ao parecer, ainda mais propicia que agora se lhe apresentava.

---

[1]) *Alantœi et Algarucensium* escreve Barlæus. A adulteração na primeira d'estas palavras, que se refere á provincia transtagana, obrigou ao interprete allemão a pôr *Antlea,* sem ligar a esta palavra nenhuma idéa.

Convenientemente preparadas as tropas e a esquadra, fez-se de vella das aguas do Recife no dia 8 de abril, e tão favoraveis lhe sopraram os ventos que d'ahi a seis dias se achavam todos os seus navios em frente da Bahia.

Antes de entrar, seguiu levado pelos ventos e correntes, ou por ventura de intento, mais para o norte, até a altura da foz do rio Vermelho. Em todo caso isso que parecia contrariedade redundou em seu beneficio; por quanto as tropas que já occupavam os suburbios da Bahia, acreditando que para essa banda ia ter logar o desembarque, tiveram que effectuar a toda a pressa uma inutil marcha, para terem de regressar no dia seguinte.

No dia 16, com vento e maré a favor, entrava pela Bahia toda a esquadra de Nassau, e velejando a distancia sufficiente da cidade para nada ter que recear dos tiros que lhe eram dirigidos, se metteu pelo Reconcavo; e ás 4 da tarde foi fundear, além de Itapagipe, defronte das praias entre as ermidas de S. Braz e da Escada, nas quaes desde logo começou o desembarque das tropas; de modo que, já n'essa mesma noite, poderam estas acantonar nos cerros visinhos, sem lhes faltar lenha, nem boa agua. O dia immediato foi destinado ao descanso e á necessaria distribuição das munições e etapes de marcha. Entretanto não deixou Nassau de ordenar ao capitão das suas guardas, Carlos Tourlon, que fosse, com tresentos homens, explorar o terreno por onde devia romper a marcha para a cidade. Regressou o mencionado explorador, informando de como as tropas bahianas occupavam, não longe, uma especie de desfiladeiro, de difficil ataque, que já guarneciam com apparencias de o quererem defender.

Então lembrou-se Nassau de fingir que ia effectuar um novo desembarque junto da cidade; e ordenou ao commandante da frota, o vice-almirante João Mast, que, com quatorze dos navios, se dirigisse para essa banda.

Este ardil não foi para Nassau de tanta vantagem como imaginára. Fez sim pensar na possibilidade de um ataque contra a cidade, então quasi desguarnecida, mas deu logar a que se reunisse no Pirajá um conselho, a que assistiu Luiz Barbalho (que da Europa, onde fôra ter, depois da capitulação

A. F. Lemaitre sculp.

COPIA DE UMA PLANTA DA BAHIA EM 1625.

A. Quartel general do Carmo _ B. Aquartelamento de S. Bento _ C. Palmeiras _ D. Quarteis de D. Francisco de Moura, Duarte d'Albuquerque e tropas do Brazil _ E. Plataforma de D. Manuel de Meneses _ F. Esquadra Réal.

do forte da Nasareth, regressára á Bahia no anno anterior, já feito mestre de campo) e do qual resultou a resolução a que talvez deveu a cidade o salvar-se. Triumphou n'esse conselho a opinião de Bagnuolo, que, escarmentado com a perda de Porto-Calvo, sustentou que sería menos prudente expôr a defensa da cidade ao revez que podia resultar de uma batalha, na qual toda a vantagem estaria a favor do inimigo, com tropas mais aguerridas; ao passo que, para a defensa da cidade, poderiam ajudar os seus proprios moradores.

Quando porém as tropas se retiravam, deixando livre a Nassau os passos difficeis, em terras de um engenho que havia em Itapagipe, de um Diogo Moniz Telles, alborotava-se em massa o povo da Bahia, tocando os sinos a rebate, e protestando contra os que assim mais uma vez voltavam caras ao inimigo.

Acudiram a socegar os alborotados, entre outros, o bispo e Duarte de Albuquerque. „A muito custo finalmente calmou-se a explosão e cederam ás satisfações e ás esperanças do que se lhes promettia obrar.“

Para melhor os conter, sairam varias partidas a encontrar o inimigo, as quaes serviram igualmente a encaminhal-o onde os nossos os esperavam mais preparados: — a uma obra cornea que se havia levantado diante do convento do Carmo, e onde hoje se vê o forte de Santo Antonio.

De caminho para a cidade, pôz o inimigo cêrco ao forte de S. Bartholomeu, do qual logo depois se apoderou, bem como dos de S. Filippe e Santo Alberto, que haviam sido abandonados: e que estavam todos votados a ter essa triste sorte, desde a sua construcção, segundo os homens mais entendidos do tempo.

Apresentou-se Nassau diante das nossas trincheiras no dia 20, e foi logo saudado por alguns tiros de bala. Tratou de assestar duas baterias nas alturas fronteiras ao forte de Santo Antonio, que se melhorava cada dia, e cuja defensa cresceu consideravelmente com a protecção que lhe subministrou um reduto lateral, mais terra dentro, a construcção e defensa do qual tomou a si o valoroso Luiz Barbalho, cujo nome se per-

petúa, na fortaleza muralhada e de cantaria, que mais tarde veiu a substituir o mesmo reduto.

Para que os trabalhos n'estas trincheiras podessem proseguir com toda confiança, se dispozeram na frente, ao lado dos caminhos, varias companhias emboscadas, que vieram a prestar relevante serviço.

Logo no dia 21, ás oito horas da noite, accommetteu o inimigo a mesma trincheira de Santo Antonio, e cumpre confessar que tudo estava ainda então em tanta desordem que, se houvesse trazido maior fôrça, poderia até haver-se mettido na cidade pela porta do Carmo, que nem se poude fechar; não só pelo seu máu estado, como porque por ella era a unica serventia com que se podia soccorrer a paragem atacada. Entretanto o haver sido o ataque intentado com pouca fôrça permittiu que o repellissem as companhias emboscadas, distinguindo-se então por seu valor o capitão pernambucano Estevão de Tavora, que, ferido gravemente no peito, morreu d'ahi a poucos dias, legando á patria um nome heroico, com a notavel circumstancia de lhe haver sido dado por successor no mando da companhia que lhe estava confiada o parahibano André Vidal, cujos grandes serviços e dedicação iremos commemorando.

Contido o inimigo com este revez, começaram os nossos a tomar a offensiva, emprehendendo sortidas para capturar prisioneiros e arrebanhar gados, dos quaes, com este recurso, houve sempre na cidade grande abundancia, ao passo que os sitiantes soffriam ás vezes mingua de carnes verdes. N'estas sortidas se distinguiram muito, além do mesmo André Vidal, os capitães Francisco Rebello (Rebellinho), Ascenso da Silva e Sebastião do Souto, o do ardil de Porto-Calvo, que pouco depois, no grande ataque d'este sitio, acabou, como Tavora, gloriosamente seus dias, ferido de uma bala no peito [1].

Vendo Nassau que não podia prolongar muito o sitio, resolveu fazer um grande esforço para penetrar na cidade, e o emprehendeu, entrada a noite, aos 18 de maio. Mas de novo encontrou grande resistencia nas guardas avançadas que esta-

---

[1]) Calado, pag. 43.

vam emboscadas, e que lhes fizeram muitos prisioneiros. Favorecido pelo luar, voltou de novo o inimigo ao ataque, pelas oito horas da noite. Simulando primeiro querer accommetter o reduto de Barbalho, lançou-se, logo com toda a fôrça, contra a trincheira de Santo Antonio; e muitos chegaram a entrincheirar-se n'uma parte do seu fosso que não podia ser batida pelos tiros dos parapeitos. E já d'ahi lançavam para dentro granadas, e se propunham a subir, quando se viram atacados pelos nossos que sairam das trincheiras. Acudiram novas tropas a reforçal-os. Mas contra ellas saiu do seu reduto, com toda a gente disponivel, o valente Luiz Barbalho, que, atacando o inimigo pela retaguarda, o desmoralisou e o fez retirar com tanta precipitação como desordem, havendo perdido o engenheiro Berchen, bem como o capitão Houwyn, que caíu traspassado de uma lança. Além d'estes officiaes perdeu o inimigo mais oito, tendo igual número de officiaes feridos, incluindo entre estes, em uma perna, o major Hinderson; elevando-se o dos soldados, segundo o seu computo, a duzentos e vinte e dois. Caíram em poder dos nossos cincoenta e dois prisioneiros, os quaes se devem por ventura comprehender no número dos noventa e cinco soldados que o inimigo contou como havendo ficado mortos no campo. De nossa parte a perda não sería menor, pela propria confusão da ataque effectuado de noite.

O dia immediato foi de treguas e de luto, e destinado para o enterro dos mortos.

Na noite de 25, Nassau mandava retirar todas as suas tropas, sem que d'isso tivessem os nossos a menor notícia; de modo que, ainda pela manhã, disparavam balas e bombas para o campo inimigo como se elle estivesse occupado.

Nassau encontrou-se como vexado ao dar conta [1], depois de chegar ao Recife, de todo o desastre; e confessa ter emprehendido o ataque por lhe constar que Bagnuolo e o governador se achavam desavindos; porém que encontrára justamente o contrário; „pela mesma razão (acrescenta) quo n'outro

---

[1]) Em carta de 29 de junho seguinte.

tempo Herodes e Pilatos tinham-se mostrado muito amigos;"
— rasgo de erudição que não aquilata muito bom gosto.

E a verdade é que, se effectivamente existíra alguma rivalidade entre os dois chefes, ella desappareceu de todo na hora do perigo; havendo o governador chegado ao extremo de delegar em Bagnuolo o poder supremo que lhe confiára o rei, ou por verdadeira abnegação e patriotismo, ou por descarregar-se de toda a responsabilidade, se os resultados fossem desastrosos. Porém é certo que outra houvera sido a sorte da Bahia, se o inimigo, antes de a atacar, não lhe houvesse mandado os melhores defensores, expulsando de Sergipe para ahi as tropas de Bagnuolo, que, se houvessem ficado em Sergipe, não poderiam, ainda a marchas fôrçadas, acudir a tempo na hora do perigo.

Em Lisboa e em Madrid foi mui bem recebida a notícia d'este primeiro revez de Nassau; e, a mãos largas, foram recompensados todos os que para elle concorreram. Contentar-nos-hemos com fazer menção dos principaes. O governador foi feito conde de S. Lourenço [1], e Bagnuolo principe em Napoles; a D. Antonio Filippe Camarão foi concedido (C. R. de 4 de setembro de 1636), na ordem de Christo, uma commenda lucrativa (dos Moinhos de Soure em Portugal) que lhe fôra antes promettida, e a Luiz Barbalho foi conferida (C. de 15 de fevereiro de 1640) outra commenda, igualmente antes promettida.

O revez que recebeu Nassau no ataque da Bahia não deixou de influir bastante no seu animo, e pelo modo como d'elle procura justificar-se, nas correspondencias posteriores, se vê que sôbre isso lhe pesava a consciencia, e os que de perto o trataram dizem que assim se lhe notava, por mais que elle pretendesse disfarçal-o. Na Bahia perdeu, não só prestigio, mas muito boa parte de seu exercito, que veiu a fazer-lhe falta; pois ao regressar ao Recife, em vez de reforços, recebeu ordens de entregar ao almirante Cornelis Cornelissen Jol as fôrças que podesse, para uma expedição (que se mallogrou) ás Antilhas; e teve que privar-se da melhor parte da sua esquadra e de seiscentos soldados.

---

[1]) Livro 37 de Filippe III, fl. 65 e 88.

SECÇÃO XXX.

DESDE O SITIO DA BAHIA ATÉ A RESTAURAÇÃO DO MARANHÃO.

Rendimentos cobrados pelos Hollandezes. Esquadra do Conde da Torre. Demora-se na Bahia. Fundeia nas Alagoas. Pretende desembarcar em Páo Amarello. Quatro batalhas navaes. Desembarque no porto dos Touros. Prodigiosa marcha até a Bahia. Bloquea- a o inimigo. Ataca Itaparica e o Reconcavo. Em Sergipe sae derrotado. Koen pilha e incendeia Camamú. Ataca o Espirito-Santo. Vice-rei Montalvâo. Castigo do conde da Torre. Expulsa Nassau os religiosos. Pactua treguas com Montalvâo. Refens. Cidade Mauricia. Revoluçâo de 1640 em Portugal. E' deposto Montalvâo. Junta de governo. Embaixador portuguez na Haya. Consequente suspensâo. Falta Nassau aleivosamente a ella. Manda occupar Sergipe, Loanda e ilha de S. Thomé. Tratado de treguas. E' occupado o Maranhâo. Morte de Bento Maciel. Represalias. Plano para restaurar-se Pernambuco e o Maranhâo. Juizo acerca de Fernandes Vieira. Serviços superiores de Vidal. Revoluçâo no Maranhâo. Soccorro do Pará. Recebe tambem reforços o inimigo e emprehende uma sortida. Morre heroicamente Antonio Moniz. Succede-lhe A. Teixeira. Levanta o sitio. Derrota a Evers. Passa a Alcantara. Volve á ilha. Embarca-se o inimigo. Vidal e' nomeado governador pelo rei. Miseria do donatario de Tapuitapera contra Teixeira de Mello. Retira-se Nassau para a Europa. Triumvirato no Recife.

O revez experimentado por Nassau na Bahia não chegou quasi a ser sentido entre os povos dos districtos do norte sujeitos ao seu dominio. O número dos engenhos de assucar augmentava a olhos vistos; e em Pernambuco já moiam cento e vinte e um; em Itamaracá e Goyana vinte e tres, e na Parahiba vinte e um, em vez de dezoito que pouco antes ahi se contavam. — Os rendimentos publicos annuaes, procedentes dos tributos que pagavam os habitantes, iam crescendo. O producto das decimas, e do tributo dos engenhos e meúnças arrematados em hasta publica, prefazia duzentos e setenta e seis mil e quatrocentos florins; mas calculava-se dever subir a tresentos e cincoenta mil florins. O rendimento das alfandegas se orçava em setecentos mil florins, sendo quatrocentos equivalentes aos direitos da importação, e tresentos aos da exportação dos assucares. Os tributos dos escravos impor-

tados subiam a seiscentos mil florins; o valor das presas e despojos a tresentos mil, e finalmente o producto dos bens e engenhos vendidos a dois milhões e quatrocentos mil.

A não terem chegado á Hespanha as notícias dos apuros em que ficava a Bahia, quando sitiada por Nassau, nenhum grande esforço se houvera ali feito para mandar ao Brazil uma forte armada de soccorro; mas houve um momento em que as notícias idas foram tão aterradoras que, dentro de poucas semanas, se improvisou uma esquadra, e se reuniram para ella sufficientes fôrças. Havendo porêm chegado logo, antes de partir a esquadra, notícia de que o sitio da Bahia havia sido levantado, retirando-se envergonhado o inimigo, chegou a discutir-se em Madrid o mandar a Fuenterrabia, contra os Francezes, a mesma esquadra; mas por fim triumphou o pensamento de envial-a antes ao Brazil para tentar, por meio d'ella, expulsar de todo de Pernambuco os intrusos.

Creou-se uma junta para ultimar os aprestos, e, propoz-se o governo a fazer um contracto com certo capitalista, que pouco depois se comprometteu a prover ao Brazil com a somma de um milhão, contribuindo para o resgate os bens ecclesiasticos e os das ordens militares. Para oppôr ao conde Mauricio de Nassau outro chefe altamente condecorado, resolveu a Côrte conferir ao da esquadra de soccorro o titulo de „Capitão general de mar e terra“. E havendo recusado este posto o conde de Linhares, que voltava de ser vice-rei na India portugueza, foi o cargo offerecido a outro conde, o da Torre, militar de prestigio e conselheiro d'estado.

D'estas últimas resoluções não havia porêm sido completamente informado Nassau; o qual, pelo contrário, sabendo como a Hespanha se achava então a braços com a França, que fazia pelo grande Condé sitiar Fuenterrabia, não julgava possivel que ella podesse ao mesmo tempo attender ao Brazil. Apezar d'esta crença, não deixava de solicitar soccorros da Hollanda, para supprir as baixas que iam tendo logar. E representava que a não ter a Companhia em Pernambuco uma fôrça de quatro mil homens para cima, não poderia elle afiançar ali a paz, a fim de que os moradores se entregassem com alguma confiança ás suas indústrias. Além das fôrças de

terra opinava que devia haver sempre na costa uma frota de dezoito bons vasos de guerra.

Em meio d'estas representações, foi com verdadeira surpreza que Nassau recebeu a notícia de que uma poderosa esquadra, composta de vinte e cinco baixeis de Portugal, e oito de Castella, partíra de Lisboa aos 7 de setembro (1638), e velejava para o Brazil, notícia que, no dia 23 de janeiro de 1639, viu por seus proprios olhos confirmada, ao descobrir nas aguas do Recife nada menos que trinta e tres vasos de guerra. Tão desprevenido se achava então, que não falta quem pretenda que, se o conde da Torre intenta n'essa occasião um ataque contra o Recife, o houvera tomado, capitulando o mesmo Nassau.

Porêm, por obedecer ás suas instrucções, o conde da Torre, como já antes praticára com igual infelicidade D. Luiz de Rojas, não se atreveu a intentar nenhum ataque, e seguiu para o sul, a entrar primeiro na Bahia. — Ao receber d'isso a certeza, Nassau respirou. — Já havia pouco antes despachado um barco veleiro para dar de tudo aviso a doze barcos que tinha bloqueando a Bahia, com o que, não só os salvou, como poude, com a vinda d'elles, preparar no Recife uma esquadra a fim de fazer face á que se apresentava. A tudo deu logar a longa demora do conde da Torre na Bahia, provinda em parte da escacez que ahi foi encontrar de mantimentos e de tudo. Quem lesse as cartas [1] de lamurias que escrevia da Bahia e visse um generalissimo tão pae de necessidades, ao passo que os inimigos se mostravam tão habeis em crear recursos, daria desde logo pouco pelo exito da causa que lhe fôra confiada.

Entretanto os intentos do conde da Torre, de atacar a Pernambuco por terra e por mar, se descobrem nas disposições que tomou. Ordenou desde logo a André Vidal que, com alguma fôrça, avançasse pelos sertões até a Parahiba, a fim de lhe dar notícias do que se passava em terra, em um ponto da costa em que se conveiu de chegarem á falla. Logo depois,

---

[1]) De uma d'estas cartas, de 26 de maio, póde vêr-se a copia na Bib. Eborense.

em principios de agosto, depachou igualmente o Camarão, com os seus Indios, ordenando-lhe, nas instrucções que lhe deu em 31 de julho, que, passando o rio de S. Francisco, e reunindo-se á gente que encontraria na aldeia que sabía, e provido ahi de bastimentos, fosse procurar entender-se com o chefe Indio Rodella, e com elle e a sua gente seguisse, pelos sertões, até a Ipojuca, Cabo, S. Lourenço e Varzea a reunir gente e a inquietar o inimigo, sem jámais se expôr a ficar cercado. Devia tambem tratar de se conservar em intelligencia com Vidal, já mandado até a Parahiba, e ter espias para saber do seguimento da armada, a fim de servir a esta quando necessitasse communicar com a terra.

Nos momentos de ir deixar a Bahia, achando se até já embarcado em 17 de novembro, enviava o conde ao Camarão, por João Lopes Barbalho, que ora mandava tambem a Pernambuco por terra, novas instrucções, insistindo nas recommendações anteriores e acrescentando que não désse quartel, que incendiasse tudo quanto não lhe aproveitasse, e que tratasse de guerrear só á maneira India, por meio de assaltos e emboscadas. Para governo de João Lopes Barbalho, que ia marchar á frente de cem infantes, entregava-lhe por essa occasião seu tio Luiz Barbalho umas recommendações, escriptas no dia 16, em que lhe dizia que, na importante commissão em que ia, „uma das maiores até então feitas na guerra", não se fiasse nem de si mesmo, que obrasse em tudo com a possivel segurança, etc.

A marcha d'estes caudilhos, atravez do territorio sujeito aos Hollandezes, bem como o desembarque de munições que depois effectuou o conde da Torre nas costas das Alagoas, não deixaram de dar logar a perseguições contra alguns dos moradores, accusados de haverem fornecido mantimentos e communicado com os nossos. O escolteto das Alagoas Arnout van Liebergen foi o autor d'essas perseguições, não sem nascerem contra elle suspeitas de menos desinteressado, pelo que foi mandado para a Hollanda, onde tratou de justificar-se dando á luz em 1643, em Amsterdam uma extensa *Apologia*, com muitos documentos.

Emquanto o conde da Torre na Bahia se preparava para

passar a investir Pernambuco [1], não estava Nassau por sua parte ocioso no Recife. Equipava alguns navios, disciplinava a milicia e instava por novos reforços da sua metropole, d'onde, felizmente para elle, chegavam já alguns, ás ordens do polaco Arcizewsky, que por terceira vez vinha ao Brazil; e que por se conduzir, segundo o mesmo Nassau, menos circumspectamente, elle conseguiu que os do Conselho annuissem a fazel-o regressar, embarcando-se, pela Parabiba, em fins de maio (1639).

Ainda em 9 de julho instava Nassau por mais reforços, ao enviar para a Hollanda notícia individuada das fôrças dos nossos, accrescentando que, pela correspondencia official que apresára, viera no conhecimento de que o conde da Torre trazia ordens, que não havia cumprido, de deixar as tropas de desembarque na Bahia, e que novas ordens lhe chegavam para, em todo caso, conservar-se com a esquadra nas costas do Brazil durante dois annos. — Dizia mais que na Bahia era, como em Pernambuco, mui grande a escacez dos mantimentos; e que por esse motivo não havia o conde podido seguir viagem. A final, em principios de outubro, recebeu Nassau a ainda illusoria notícia de que o conde da Torre havia deixado a Bahia no dia 15 de setembro; e no dia 8 accrescentava que, havendo já passados vinte a tres dias sem elle apparecer, propendia a crer que se haveria retirado para a Hespanha comboiando a carga dos assucares. Provavelmente a saida a 15 de setembro teria sido parcial de alguns navios, unicamente para cruzar; pois a frota não partiu definitivamente da Bahia senão aos 19 de novembro. Eram umas oitenta e seis velas que conduziam uns onze a doze mil homens, dos quaes porêm apenas uns dois mil eram de desembarque.

Apenas Nassau foi da mesma partida informado, pela chegada ao Recife no dia 29 do mesmo mez de W. Cornelissen Loos com treze navios, tratou de guarnecel-os de tropas, e a outros barcos mercantes mais que ahi então tinham che-

[1]) „Vidalium et Magalhainsium duces cum modico agmine in pagos Brasilianorum immisit, sparsis litteris," etc. (Barlæus.)

gado, e que fez artilhar. E conseguindo vêr promptos e bem equipados quarenta e um vasos, deu ordem a que elles fossem, a quatro milhas ao mar de Olinda, esperar a esquadra do conde da Torre, dupla em fôrça.

Este último chefe, depois de haver corrido a princípio com os ventos para o sul, veiu a apresentar-se diante do porto das Alagoas no dia 13 de dezembro, com intento de communicar com a terra a fim de alcançar notícias do inimigo, e de deixar algumas munições para os que haviam seguido por terra. Soube o almirante inimigo que estavam ali alguns navios, e para ahi se dirigiu, pensando surprendel-os com vantagem, encontrando-os ancorados. Haviam-se já porêm feito de vela a maior parte dos mesmos, e só haviam ficado quatro, effectuando a descarga projectada, os quaes, para salvar-se a gente, tiveram que dar á costa.

Á vista do que, a esquadra hollandeza, acudindo a todas as partes, partiu logo para o Recife em cujo fundeadouro já se achava no dia 10 de janeiro (1640). — N'esse mesmo dia chegou ahi a notícia de que o conde da Torre se aproximava da banda do norte. Como justamente d'essa banda soprava o vento, a esquadra hollandeza teve que fazer-se ao largo. Rodando porêm o vento para o sul no dia 12, poude logo aproximar-se da costa, e viu, pelas sete da manhã, que os nossos se achavam diante das praias de Páo Amarello, com a pretenção de effeituar um desembarque de tropa, parte da qual já se achava em lanchas.

Ao avistar a inesperada esquadra hollandeza, a nossa, que se havia dispersado um tanto, não teve outro partido senão deixar-se ir com o vento, correndo a costa para o norte e evitando combater. Animaram-se os Hollandezes, e foram-lhe na alheta com todo o panno, e em frente da ilha de Itamaracá a encontraram, ás tres da tarde, por serem os nossos galeões mais alterosos e ronceiros. O almirante hollandez, atravessando valentemente pelo meio da nossa esquadra foi, como fizera o mallogrado Pater contra Oquendo, em busca da náo almiranta do conde da Torre, e combateu com ella e com quatro galeões, que vieram em seu soccorro, durante tres horas; mas, não havendo tido de perda mais que quatro feri-

dos e tres mortos, teve a infelicidade de entrar elle no número d'estes.

Esta primeira acção, que cessou pela noite, teve logar um pouco ao norte da ilha de Itamaracá, defronte da Ponta de Pedras, paragem mais oriental de todo o Brazil.

Na manhã seguinte o pavilhão almirante hollandez foi arvorado pelo vice-almirante Jacob Huyghens, o qual, observando ainda que a nossa esquadra evitava o combate, se dirigiu para ella, e a encontrou ás dez horas da manhã, entre a Goyana e o Cabo Branco. Esta nova acção foi mais renhida que a primeira, e durou até a noite. Uma das náos inimigas (Geele Son) [1] foi a pique, afogando-se o commandante e quarenta e quatro soldados.

Ao terceiro dia as duas esquadras, decaindo sempre para o norte levadas pelo vento e as correntes, se achavam defronte, a duas milhas de distancia, do forte do Cabedelo ou de *Margarida*, como Nassau quiz nomeal-o. A almiranta hollandeza começou por metter-se entre as almirantas de Castella e de Portugal, que lhe fizeram fogo mui vivo, do qual resultou mais estragos ao velame e mastreação que á guarnição.

Entretanto a náo *Swaen*, do vice-almirante hollandez Alderiksen, vendo-se desmastreada, teve que lançar ferro. Accommetteram-a logo varios de nossos navios, quatro dos quaes conseguiram dar-lhe abordagem, e dentro d'ella se achavam duzentos ou tresentos dos nossos, quando o chefe inimigo se lembrou de mandar picar as amarras para escorrer com as aguas e dar á costa.

Apenas o notaram os atacantes, se foram desatracando. Só não fez outro tanto Antonio da Cunha d'Andrada, do soccorro das Ilhas, e commandante da náo Chagas, de vinte e um canhões; pois não havendo notado que a *Swaen* já havia encalhado, encalhou tambem, e veiu a ser levado prisioneiro para terra, com duzentos homens, incluindo quatro frades e quatro officiaes. Na Chagas encontraram os inimigos bastantes valores.

Seguiram-se dois dias sem hostilidades, porém no outro, aos 17 de janeiro, resolveu-se Huyghens a atacar, quando as duas

---

[1]) Navis *Solis flavi* traduz Barlæus.

esquadras estavam na altura de Canhaú. O conde da Torre, accommettido violentamente, viu-se obrigado a retirar-se da acção—e fazer-se ao largo, sendo substituido por outros galeões, que trataram de fazer vigorosa resistencia ás duas vice-almirantas inimigas.

Os Hollandezes cantaram victória, e com razão. A sua perda, sem incluir o navio que foi a pique, ha sido quasi insensivel em comparação da nossa, pois tiveram apenas 22 mortos e 82 feridos. O pintor Francisco Post encarregou-se annos depois de commemorar estas quatro acções navaes, e as quatro gravuras d'ellas, com a sua assignatura, adornam a magnifica edição em folio da obra de Barlæus.

A nossa perda foi immensa; não tanto pela náo Chagas, que foi tomada, nem pelos mortos e feridos nos quatro combates, mas pelas consequencias. Pernambuco não foi restaurado, como podéra havel-o sido, se desembarcam convenientemente as tropas que para isso vinham; e toda a esquadra se desmantelou vergonhosamente. Dois galeões e um navio mercante tinham naufragado nos baixos do Cabo de S. Roque. Uns navios faltos de agua e de mantimentos, por seu proprio arbitrio, foram parar ás Antilhas; outros buscaram com os doentes e feridos refrigerio no Maranhão, e algum houve em que a guarnição succumbiu. — O grande almirante e generalissimo conde da Torre só com um bergantim que montava dez peças se atreveu, fazendo-se ao largo, a refugiar-se á Bahia; onde já se achava em fins de abril, quando ahi se apresentou de novo o inimigo com a sua esquadra, levando tropas de desembarque, como veremos. Outros navios mais com tropas poderam ainda entrar na Bahia, e depois d'ahi passaram á Europa.

Com toda a razão, pois, não só Mauricio de Nassau cantou a victória, como foi ella perpetuada em uma medalha, em que ainda hoje se lê em hollandez a seguinte modesta inscripção: „Deus abateu o orgulho do inimigo aos 12, 13, 14 e 17 de janeiro.“ [1]

---

[1]) Godo sloeg's vijands hoogmoed den 12, 13, 14 en 17 januarij 1640. (Netscher p. 112.)

Os navios da desbaratada esquadra de soccorro que traziam ainda tropas de desembarque, conseguiram lançal-as em terra no porto dos Touros, que fica na paragem em que a nossa costa começa a tomar de um modo mais pronunciado para loeste. Esse desembarque porém parece ter provindo mais das necessidades que as mesmas tropas soffriam nos navios, por ventura de agua e mantimentos, que de nenhum proposito de emprehender com elles vantajosamente qualquer ataque. Eram umas mil e tresentas praças; e á sua frente se achou, por fortuna, para as commandar, o activo e destemido Pernambucano Luiz Barbalho, tendo ás suas ordens, entre outros valentes officiaes, a Francisco Barreto, poucos annos depois por duas vezes vencedor nos Guararapes.

Bem sabía Luiz Barbalho qual era a missão que a Providencia lhe reservava, depois de tão grandes desastres, no retiro em que o haviam deixado com tantos dos seus compatriotas. Permanecer ahi defendendo esse posto, era-lhe impossivel. Em poucos dias pereceriam todos por falta de alimentos. Não lhe restava pois mais recurso que retirar-se por terra á Bahia, d'ali mais de quatrocentas leguas, abrindo-se o passo a ferro e fogo [1] entre os inimigos, e resolveu pôl-o em prática. Com valor e constancia se arrostou a essa retirada, comparavel á dos dez mil Gregos, ao regressar da Persia; sendo porém para sentir que o Xenofonte pernambucano nos não deixasse, como o atheniense, a narração dos serviços que então lhe deveu a patria. Sabemos comtudo que, no decurso d'essa jornada, teve muitos recontros e pelejas, primeiro logo no Rio Grande, investindo cem soldados e tapuias que estavam de emboscada, e dos quaes ficaram mortos trinta, sendo os mais postos em fugida; depois no assalto do engenho de Goyana, em que foram mortos mais de quatrocentos [2], com o sargento mór Piccard e o capitão Lochman, recolhendo-se os mais a uma casa forte, contra a qual pelejou durante tres horas; seguindo-se outras refregas até o Rio de S. Francisco,

---

1) „*Viamque sibi* ferro *invenire*" diz Barlæus.
2) Cem soldados de linha (*gregarius ordinis centum*) confessa Barlæus.

com as tropas que Nassau, apenas teve dolorosamente notícia do desastre da Goyana, procurou reunir onde poude. Para isso fez desembarcar da esquadra, com o capitão Jacob Alard, mil e duzentos homens, entre soldados e marinheiros; ordenou aos majores Mansfeld e Hoogstraten quo fossem para S. Lourenço, ao capitão Hous que levantasse gente na Moribeca, a Koen que fosse a Serinhaem, ao capitão Eins que de Iguaraçú se lhes unisse, com a sua companhia. — O commandante das guardas Tourlon chegou a fazer, com as suas tropas, dezesete leguas em doze horas, mas não podendo alcançar a Barbalho, que se havia mettido ao mato, contentou-se de fazer assassinar, sem dar quartel, aos estropiados que prendia.

Segundo encontramos em várias patentes de premios e recompensas concedidos aos que acompanharam a Barbalho n'esta prodigiosa jornada, os outros recontros tiveram logar em Serinhaem, no engenho do Salgado, nas Alagoas, além de mais duas acções „a peito descoberto" nos campos de Unháú." Em 8 de maio já participava Nassau que o mesmo Luiz Barbalho, com todas as tropas que reunira havia conseguido passar ao sul do Rio de S. Francisco; acrescentando que na marcha havia, como era natural, soffrido fomes, sêdes e miseria; sendo acossado de perto pelas tropas hollandezas, que n'essa perseguição tinham perdido, além dos dois officiaes já mencionados, mais outros tres, e haviam aprisionado, aos nossos, onze officiaes e poucos soldados; porque em geral a estes não se dava quartel. Barbalho tinha nas Alagoas feito incendiar os dois unicos engenhos que ainda ahi permaneciam em pé.

Temos por mais que provavel que em sua retirada fosse Barbalho aggregando a si os differentes destacamentos que, ás ordens do Henrique Dias, André Vidal, D. Antonio Camarão e João Lopes Barbalho, se acharam disseminados por toda a extensão do territorio dominado pelo inimigo.

A gente que desembarcára com Henrique Dias havia sido encontrada, á borda de um mato, pelo capitão das guardas de Nassau Carlos Tourlon, que com setecentos homens fôra buscal-a, e lhe fizera um grande número de prisioneiros, ficando no campo oitenta e sete mortos, e constando que havia sido ferido o proprio Henrique Dias.

Quanto a Vidal sabemos que na Parahiba angariára aos senhores d'engenho, a fim de que tivessem preparado farinhas e mais alimentos para quando chegasse a esquadra, e que então se alçassem contra os dominadores, e que conseguira hostilisar a muitos proprietarios, queimando engenhos e cannaviaes[1]; pelo que Nassau resolvêra pôr a sua cabeça a preço, offerecendo por ella dois mil florins, ao que respondêra Vidal com editaes em que promettia seis mil cruzados „pela cabeça de João Mauricio, conde de Nassau[2]." Este último chegou a acreditar e a participar[3] que Vidal havia sido feito prisioneiro; porêm o seu panegyrista, escrevendo annos depois, contenta-se em affirmar[4] que o mesmo Nassau offerecêra sôbre isso premios aos soldados.

Do Camarão sabemos que se achava ás margens do Una, com os seus guerreiros, quando ao aproximar-se-lhe o coronel Koen, com mil soldados, se retirou mui a tempo pelos matos e sertões, evitando combate, segundo lhe fôra recommendado.

João Lopes Barbalho havia sido primeiro encontrado pelo capitão Tack, com duas companhias de atiradores, em um desfiladeiro da Ipojuca. Ahi resistíra por meia hora, deixando alguns mortos; e causando aos Hollandezes a perda de oito mortos e dezeseis feridos, conseguira retirar-se para o sertão de S. Lourenço. Havendo porém ido a perseguil-o major Mansfeldt, logo á primeira carga se retirou com a sua gente para o mato, atirando esta fóra até as armas e tambores, para se escapar melhor. O proprio João Barbalho chegou a perder o chapéu, em cuja copa levava, não só muitas cartas dos moradores, que assim ficaram compromettidos, como as instrucções que lhe dera seu tio, e as que trouxera para o Camarão; á qual circumstancia devemos o ter tido d'ellas conhecimento;

---

1) „Vidalius .... *homo audax*, callidus et prout animum intendisset, pravus aut industrius, in Paraibæ terris populationibus incendiisque grassatus, maximis damnis afflixerat Lusitanorum molas, agrosque cannis passim sacchareis consitos". (BARLAEUS.)

2) *Calado, Valor. Luc.* pag. 117.

3) André *Fidal* escreve elle (pronunciando provavelmente á allemâ o V). C. de 28 de fevereiro.

4) „In ejusdem Vidalii et Magalheinsi prædatorum capita, præmiis ingentibus exciti fuere circumquaque præsidiarii."

pois que, havendo sido enviadas á Hollanda, ahi foram archivadas e conservadas até o presente.

Cumpre-nos acrescentar que entre essas cartas, perdidas na fuga por Lopes Barbalho, havia algumas contra o Camarão, a quem Nassau julgou opportuno envial-as, a ver se lhe abalava com isso a lealdade. Não sabemos se foi n'esta ou em outra occasião que o mencionado major Mansfeldt, perseguindo a nossa gente, foi encontrando pelo caminho um grande número de embornaes, que estavam cheios de assucar, á falta da farinha, e que botavam fôra os que se retiravam para melhor poderem correr.

Não contente porêm Nassau com o destroço da armada do conde da Torre, e com a perseguição das tropas do Camarão, Henrique Dias e Barbalho, vendo-se favorecido por um refôrço da Europa de vinte e oito barcos de guerra, com dois mil e quinhentos homens, assentou de mandar proseguir em toda a sorte de hostilidades contra os portos do sul, e principalmente contra a Bahia, já que, com as fôrças de que dispunha, não julgou prudente seguir a opinião dos do Conselho de acommettel-a de novo.

Em primeiro logar tinha feito partir para o rio de S. Francisco com oito navios, levando setecentos soldados e duzentos Indios, o almirante Cornelio Jol, o Perna de Pau, a ver se ainda ahi encontrava em sua marcha a divisão do Barbalho, ou pelo menos alguns restos d'ella; parece porêm que já chegou tarde.

Pouco depois fez partir para a Bahia o vice-almirante Lichthardt, com os restantes vinte navios, levando comsigo dois mil e quinhentos homens de tropas, ás ordens do coronel Carlos Tourlon, com instrucções de ahi levar tudo a ferro e fogo, em represalia das que o conde da Torre havia dado ao Camarão, e que Nassau vira de seus olhos.

Lichthardt se apresentou na Bahia em fins de abril, e foram sem conta os destroços e mortes que causou na ilha de Itaparica e no Reconcavo, dos quaes o proprio inimigo fez alarde: só engenhos foram queimados vinte e sete. A propria cidade da Bahia esteve ameaçada, e talvez não deixaria de ser atacada e tomada, se mui a tempo ahi não chega Luiz Barbalho, com os seus cançados mil e duzentos homens, vindos prodi-

giosamente pelos sertões desde o porto dos Touros, no Rio Grande do Norte. Ao mesmo tempo chegou ordem a Lichthardt para regressar com a esquadra a Pernambuco, a fim de ir com Jol a outra diligencia das bandas da ilha de Cuba, para onde proseguiu no mez de julho; e onde não foi por certo mui afortunada, mas cujos pormenores nos não importam relatar.

A essa esquadra se reuniram alguns dos navios que tinham ido ao Rio de S. Francisco, ficando outros ás ordens do capitão Magalhães e do Camarão. Foram porêm estas, reforçadas por João Lopes Barbalho[1] e depois pelas do general D. Francisco de Moura[2] e pelas do proprio mestre de campo D. João de Sousa, desalojar os Hollandezes ahi fortificados[3]; sendo talvez então que caiu prisioneiro o major Van den Brande, que ao depois, como coronel, morreu nos Guararapes.

Koen se viu pois obrigado a partir, com os navios que comsigo tinha, no dia 1 de outubro, e passou ás aguas da Bahia, informado, por uns pescadores que tomou, como sería imprudente entrar, ou conservar-se por ali, resolveu acommetter a Camamú, que invadiu e incendiou, no dia 17, seguindo viagem depois de ter feito aguada. Dirigiu-se ao Espirito Santo, e logo ahi se apoderou (no dia 27) de quatrocentas e cincoenta e uma caixas de assucar.

A guarnição e alguns habitantes haviam-se recolhido ao castello, situado em um alto; e Koen julgando-o mais accessivel, resolveu atacal-o com quatrocentos homens, no dia seguinte; porêm, manobrando bem cinco pequenos canhões que n'elle havia, os defensores rechassaram rigorosamente o inimigo, que ahi teve sessenta soldados mortos e oitenta feridos, entrando n'este número o major Hous, ao depois derrotado nas Tabocas, feito prisioneiro na Casa Forte, e morto na primeira batalha dos Guararapes.

Depois de tentar incendiar a povoação sem o conseguir,

---

1) C. do conde da Torre de 20 de junho de 1640.
2) Mello, II, 152.
3) Uma d'estas victórias teve logar no dia 1 de agosto. Veja-se Mello, I, 143.

por serem as casas de pedra e cal, Koen se fez ao mar no dia 13 de novembro (dia em que se viu no Brazil um notavel eclipse do sol), e para seu maior castigo deu d'ahi a pouco o escorbuto a bordo, e tiveram que recolher-se.

No emtanto havia chegado á Bahia, feito „vice-rei e capitão general de mar e terra do estado do Brazil empreza e restauração de Pernambuco", o Marquez de Montalvão D. Jorge Mascarenhas, e tomára posse em 5 de junho. Havia-o nomeado a Côrte apenas informada dos primeiros revezes soffridos pelo conde da Torre, a fim de proseguir na idéa de oppor ao prestigio do chefe hollandez outro chefe de prestigio e alta cathegoria. Só porém aos 22 de julho (1640) é que veiu a ser assignado pelo rei o decreto desautorando completamente o mesmo conde da Torre, privando-o do titulo, das commendas lucrativas e cargos que disfructava, e mandando-o preso para a Torre de S. Julião, na barra do Tejo; onde permaneceu mui pouco tempo, por occorrer, logo depois de ahi entrar, a restauração do 1.º de dezembro; e haver o mesmo conde tido occasião de prestar a esta o serviço de fazer com que se rendesse o commandante da mesma Torre, não obstante ser castelhano [1].

Do lado dos Hollandezes eram por esse tempo os conselheiros e directores Mathias van Keulen e Jo. Güselingh rendidos por Hendr. Hamel e Dirck Kodd van der Burgh, e Adrian van Bullestrate.

Entre os effeitos lamentaveis, produzidos no Brazil pelos revezes da desastrada frota do conde da Torre, devemos ainda mencionar dois; a saber: o novo alento e ensoberbecimento que elles foram dar aos Indios inimigos, e o pretexto a Nassau para expulsar do territorio conquistado a maior parte dos frades, que ainda n'elle residiam. Uns tres mil Indios, com suas familias, entrando no número o Janduy [2], desceram até o Rio Grande, Goyana e Itamaracá, a reforçar as fileiras dos

---

[1]) Fr. Ant. *Seyner*, *Historia del levantamiento de Portugal*, Zaragoza, 1644, pag. 96 e 97.
[2]) *Johannes de Wy*, escreve Barlæus.

já arregimentados por Nassau, sob o mando do coronel Guilherme Doncker. Quanto aos frades, Nassau allegou que elles se haviam pronunciado, auxiliando os da frota, senão sempre com mantimentos, pelo menos com informações. Assim pois, fez reunir os benedictinos, carmelitas e franciscanos, em número de sessenta [1], na ilha de Itamaracá, e os embarcou a todos para as Antilhas, o que não deixou de causar muita sensação no povo.

Nassau não tardou em reconhecer o mau effeito que produzíra essa resolução; pois ás justas queixas dos moradores de nada poderem emprehender por falta de segurança individual, e com receios continuados das invasões dos *campanhistas* vindos da Bahia, se aggregava agora o não terem número sufficiente de ministros para a celebração do culto divino. Tratou pois de acudir ao primeiro mal, induzindo aos poucos ecclesiasticos que haviam ficado a fazerem-lhe uma representação, pedindo-lhe que usasse para com os prisioneiros a maior tolerancia e moderação. Deferiu Nassau, dizendo que quando o governo da Bahia ordenasse que os campanhistas se retirassem e não fossem incendiar os cannaviaes e os engenhos, elle resolveria favoravelmente. Pediram os ecclesiasticos licença para mandarem com essa resolução um corneta á Bahia; e sendo isso concedido por Nassau, foi a mencionada clausula aceita por Montalvão. D'esta fórma se havia insensivelmente chegado a entabolar uma tregua, que se tratava de formalisar, enviando-se refens de parte a parte, conforme foi exigido por Montalvão. Foram escolhidos para refens, por Nassau o tenente coronel Henderson e o major Day, e por Montalvão o já mestre de campo Martim Ferreira e o sargento-mór Pedro Arenas.

Ao dar Nassau conta deste arranjo aos Estados Geraes, em carta de 10 de janeiro de 1641, data já esta carta, não da ilha de Santo Antonio ou Antonio Vaz, mas sim da *Cidade Maurícia* (Mauritzstad), nome este que os conselheiros politicos

[1]) „Numero sexaginta, ob clandestina cum hoste consilia, etc.“ (Barlæus). — Veja tambem Calado pag. 51.

e a camara haviam deliberado que passasse a ter, de então em diante, a cidade actualmente chamada do Recife.

E nessas negociações de treguas provisorias, precedidas de trocas de refens e de prisioneiros, se achavam, tendo sido aplanadas todas as difficuldades pelo espirito conciliador de Montalvão e do conselheiro Dirk Kodd van der Burgh, que a isso fôra á Bahia, quando veiu inopinadamente surprehendel-os, em fevereiro d'esse mesmo anno de 1641, a noticia da revolução que se effectuára em Lisboa no 1.º de dezembro de 1640, e communicára, como chamma electrica, a todo o reino; em virtude da qual ficava acclamado rei, com o titulo de D. João IV, o Duque de Bragança, descendente dos reis avoengos portuguezes e successor legitimo do afortunado Manuel, por sua avó a senhora D. Catharina, neta d'esse rei em cujo reinado o Brazil se patenteára ao mundo civilisado.

Ao receber a noticia, por uma caravella entrada na Bahia no dia 15 de fevereiro, o vice-rei procedeu com a maior circumspecção e prudencia. Mandou pôl-a incommunicavel; e esmerou-se em tomar providencias para que se fizesse pacificamente a transformação que devia operar-se. Como faziam parte da guarnição umas seiscentas praças de tropas hespanholas e napolitanas, tratou antes de tudo de mandar que sómente estivessem em armas as demais. Ordenou a seu filho D. Fernando que com o seu terço occupasse o terreiro da Companhia, e a João Mendes de Vasconcellos, que estava de guarda, que com outras tropas fosse postar-se na praça do palacio.

Apoiado por estes preparativos, mandou pouco a pouco chamar o bispo, o capitão general de artilheria D. Francisco de Moura, os mestres de campo, o ouvidor geral, o provedor mór da fazenda e os prelados das religiões; e fazendo entrar um por um no seu gabinete, lhe lia em particular a carta regia que recebêra; e logo o fazia passar a outra sala, a esperar ahi, sem communicar com os que ainda não o haviam visto. — Depois de ter seguro o voto de todos, os reuniu ahi mesmo em conselho pleno; no qual se votou que se procedesse immediatamente á acclamação do novo rei [1];

[1]) *Restauração de Portugal prodigiosa,* por Gregorio d'Almeida; parte II, cap. 14. fol. 129 v. e seg.

partindo desde logo todos d'ahi para a sé, a assistir ao competente *Te Deum* de acção de graças.

Para felicitar o rei acclamado e dar conta do occorrido, ordenou desde logo Montalvão que, no dia 26, partisse o seu filho D. Fernando, indo em sua companhia os dois illustres jesuitas escriptores Simão de Vasconcellos e Antonio Vieira.

A acclamação de D. João IV fez-se com felicidade analoga por toda a extensão do Brazil, não submettido aos Hollandezes. No Rio de Janeiro parece haver hesitado Salvador Corrêa [1], mas viu-se obrigado pelos jesuitas a proclamal-a. Em S. Paulo seguiu o povo com igual bom senso, graças, segundo a tradição, á abnegação de Amador Bueno.

O grande acontecimento da restauração de Portugal promettia fazer mudar a situação do Brazil. A guerra dos Hollandezes lhe proviera de ser parte da Hespanha; e a Portugal e á Hollanda interessava o alliarem-se para guerrear o inimigo commum. — Levado por estes instinctos, escreveu Montalvão a Nassau em 2 de março uma attenciosa carta dizendo-lhe que esperava começaria entre Portugal e os Estados Geraes „aquella paz e união com que sempre se trataram."

Respondeu Nassau [2] mui cortezmente no dia 12, abundando no interesse que tinha pela paz entre a sua nação e a portugueza, dando os parabens, e accrescentando que, pela sua parte, ia ajudar a festejar a nova; e que além dos seus delegados, que partiriam, mandava onze prisioneiros que ali tinha.

As ordens para se effectuar na Bahia a aclamação de D. João IV haviam sido acompanhadas de outras, confiadas pessoalmente ao jesuita Francisco de Vilhena, providenciando no caso de que o vice-rei do Estado se mostrasse contrário a ella. Effectuada porêm sem novidade a mesma acclamação, parecia natural que se considerassem essas ordens nullas e sem valor.

Não o entendeu porêm assim o jesuita. Haviam já partido para Portugal os emissarios encarregados de cumprimentar o novo soberano da parte do vice-rei e do povo, quando Vilhena,

---

[1]) Fr. Antonio Seyner, *Historia* citada, pag. 46.

[2]) Veja-se o teor desta correspondencia na nossa *Hist. das Lutas*, 2ª. Ed. p. 218 a 221.

por ventura em virtude de algum despeito ou resentimento por ambição de dominio mallograda, resolveu-se a exhibir em camara essas ordens. Em obediencia a ellas, o governador foi logo deposto e preso e enviado a Lisboa; sendo proclamada em seu logar uma Junta de Governo, composta do bispo, de Luiz Barbalho e de Lourenço de Brito Corrêa, que estava servindo de provedor mór.

Nas mãos d'este triumvirato se achava o governo geral do Estado, quando chegou á Bahia a notícia de que havia sido recebido na Haya como embaixador de Portugal Tristão de Mendonça Furtado, e que ficava negociando pazes e até uma alliança offensivo-defensiva com os Estados Geraes.

A simples recepção do embaixador era um acto publico, em virtude do qual por direito de gentes, entre os dois Estados, as hostilidades se deviam considerar pelo menos suspensas. Porêm os dois governos quizeram a este respeito deixar um ao outro bem manifestos os seus intentos. Os Estados Geraes ordenaram, em 13 de fevereiro de 1641, que os Portuguezes fossem considerados como amigos; e por sua parte Portugal correspondeu immediatamente a essa declaração, por meio da carta regia de 20 de março, dispondo outro tanto com respeito aos Hollandezes.

Para fixar melhor, durante a suspensão das hostilidades, os direitos de ambas as partes, resolveu o governo provisorio que desde logo passasse ao Recife o tenente-coronel Pedro Corrêa[1] da Gama, acompanhado do licenciado Simão Alvares de la Penha, restituindo desde logo uns trinta prisioneiros, ficando ainda na Bahia presos os majores van der Brande e Garstman. Ao mesmo tempo levou Pedro Corrêa da Gama autorisação para poder mandar recolher todos os guerrilheiros e campanhistas que não deixavam de infestar o territorio de Pernambuco; sendo que, ainda em maio, o Camarão se achava no Rio de S. Francisco, e em abril haviam pelos ditos campanhistas sido queimados tres engenhos, e até um grande número de carros, estes na propria Varzea do Recife. Admit-

---

[1]) Em Barlæus lê-se erradamente Corera.

tida a suspensão das hostilidades, não tardou a apresentar-se no Recife, munido do competente salvo-conducto que recebêra, o tenente Paulo da Cunha Souto Maior, que pouco antes havia offerecido dois mil cruzados pela cabeça de Nassau, em represalia da offerta de quinhentos florins que este chefe fizera pela d'elle Paulo da Cunha. Para se entenderem com os mencionados emissarios da Bahia ácerca dos direitos de cada qual durante a suspensão das hostilidades, nomeou Nassau os conselheiros Theodoro Kodd van der Burgh e Nunin Olfers, dando-lhes por interprete o secretario do Conselho Abraham Tapper, com recommendação de redigirem em latim quanto se pactuasse. A Paulo da Cunha, antes de seguir para a Bahia, convidou á sua meza, praticando com desenfado ácerca das ameaças que se haviam mutuamente feito, quando inimigos.

Quem diria, em presença d'este proceder de Nassau, das expressões da sua carta a Montalvão, da nobreza de seu sangue, e dos seus precedentes, que elle obrava com duplicade, e que necessitava da suspensão das hostilidades para, com fé punica, abuzar d'ella! Entretanto o facto passou-se, e não nos é hoje possivel duvidar d'elle, quando é cynicamente confessado pelo proprio Nassau, em carta aos Estados Geraes do 1.º de junho de 1641. Escreve o dito chefe que, antes de receber as ordens (de 28 de março) que lhe mandava a Assembléa dos XIX, prevendo que a revolução de Portugal deveria necessariamente conduzir ás pazes, e aproveitando-se do que pactuára e da retirada dos nossos guerrilheiros das fronteiras, havia elle disposto que das fôrças até ahi destinadas a fazer-lhes frente, passassem, umas a occupar Sergipe, e se embarcassem outras contra Loanda; justificando esta última ordem com a vantagem de ter, para os engenhos de Pernambuco, escravos mais baratos.

Em presença da propria confissão de Nassau, não podemos pôr em dúvida este facto da sua vida que nada o honra, e que veiu a fazer diminuir em nós o respeito e quasi estima que tinhamos por esse chefe inimigo. A historia, mestra da vida e conselheira dos povos e principes no porvir, não pode deixar de reprovar tão feio proceder, que veiu a dar motivo para justas represalias.

Foi pois, por ordem espontanea de Nassau, abusando dos ajustes para a mutua cessação das hostilidades, e antes de receber sôbre isso, segundo elle proprio diz, as suggestões que não tardaram a chegar-lhe da Hollanda, que o commandante das tropas no Rio de S. Francisco, Andreas, auxiliado de um refôrço, que o mesmo Nassau lhe mandou em quatro barcos, passou a tomar aos nossos o territorio de Sergipe até o Rio-Real, fazendo ahi entrincheiramentos. E foi igualmente por deliberação de Nassau que se preparou a expedição contra Angola, ás ordens do almirante Cornelio Jol, o Perna de Páo, assegurando-se mentirosamente aos nossos commissarios que viam partir a frota, que ella era destinada a ir atacar, nas Indias occidentaes, o inimigo commum.

Sergipe foi logo occupada, não havendo ahi tropas para apresentar resistencia.

Outro tanto succedeu a Loanda, e ilha de S. Thomé. Partiu Jol do Recife aos 30 de maio, e no dia 25 de agosto, com perda apenas de tres mortos e oito feridos, se assenhoreou d'aquella cidade, e, no dia 11 de outubro seguinte, conseguiu igualmente tomar a povoação da ilha de S. Thomé, onde n'esta occasião deixou o mesmo Jol a vida, atacado das carneiradas da terra. Outro tanto succedia a varios dos seus officiaes e a mais de duzentos Indios, de tresentos que levára do Brazil.

Apenas inteirado o governador da Bahia da occupação de Sergipe, e depois da de Loanda, mandou ordens, para representar e protestar em Pernambuco contra ellas, ao licenciado Simão Alvares de la Penha; mas Nassau eximiu-se de lhe dar nenhuma reposta por escripto; allegando de palavra, quanto a Loanda, não estar Angola na sua jurisdicção, o que não era verdade. A notícia d'essas aleivosas occupações, feitas pelos Hollandezes, haviam tambem em todo Portugal causado a maior consternação, e foi ordem para contra ellas protestar na Hollanda o embaixador portuguez. Entretanto o marquez de Montalvão, que, depois de chegar á côrte, fôra pelo rei premiado, chamando-o aos seus conselhos, reconhecendo que Nassau melhor que ninguem podia desenredar, querendo, estas últimas complicações, resolvêra dirigir lhe, mui habilmente, em

12 de março de 1642, uma carta[1] em que o pretendia angariar com offertas para que se mostrasse favoravel aos Portuguezes.

Em abono da verdade, cumpre acrescentar que Nassau não se deixou seduzir pelas promessas que lhe eram feitas. Enviou lealmente cópia d'essa carta aos Estados Geraes; e com tanta maior razão quando, ao recebel-a, não era só Loanda que por seu influxo se havia perdido, mas tambem já o Maranhão. Corrêra porém que de Lisboa se lhe havia offerecido para captal-o o marquezado de Villa Real.

A mandar occupar o Maranhão se havia Nassau decidido, de accordo com outras novas ordens da Hollanda, ao experimentar com quanta facilidade e vantagem, á sombra da boa fé dos nossos, lhe era dado fazer a guerra, e depois de haver recebido o texto do tratado que em 12 de junho (1641) fôra assignado na Haya, estipulando a cessação das hostilidades por dez annos; as quaes (pelo art. 8.º) „nas terras e mares pertencentes ao districto da jurisdicção concedida pelos Senhores das Ordens Geraes á Companhia da India Occidental" (isto é no Brazil e na Africa) só deveriam começar a contar em cada logar desde que ahi fosse apresentada a *ratificação* do tratado. D'este modo, tão mal concebido foi o mesmo tratado, e tal demora houve da parte de Portugal em ratifical-o, que mais justificada veiu a ficar a conquista do Maranhão, emprehendida depois de receber-se o teor d'elle, que a de Sergipe e de Loanda, effectuadas antes d'elle ser conhecido. A expedição contra o Maranhão partiu do Recife no dia 30 de outubro, e chegou ao seu destino a 25 de novembro, data em que ainda em nenhuma paragem do Brazil podia haver noticia da ratificação, que, por parte de Portugal, só foi assignada aos 18 do mesmo mez de novembro.

O tratado constava de trinta e cinco artigos. Pelo 34.º foram reciprocamente admittidos os consules nos portos de uma e outra nação. O 26.º estipulou a liberdade religiosa. Pelo 21.º foi reconhecido, ao governo hollandez, o dominio

---

[1]) Vej. o teor desta carta na nossa *Hist. das Lutas*, Liv. VII. — Barlæus a reproduz em latim pouco fielmente.

adquirido pela conquista; assim como pelo 22.º o foi, aos subditos hollandezes, o direito ás propriedades e engenhos de que estavam de posse. O artigo 17.º estipulava que nenhum subdito portuguez poderia fretar nem comprar navio, para a navegação do Brazil, que não fosse hollandez. Finalmente varios artigos tratavam da India-Oriental, e outros eram relativos a uma frota de vinte navios com que a Hollanda devia desde logo soccorrer Portugal.

Occupemo-nos porém do Maranhão. A esquadra destinada a assenhorear-se do porto e da cidade compunha-se de treze navios de guerra, tres bergantins e outros tres barcos menores. Era d'ella vice-almirante o conhecido Lichthardt, e ia por chefe da tropa, que consistia de uns mil soldados, o coronel Koen; tudo subordinado ao conselheiro politico Pedro Jansen Bas. Fundearam primeiro todos no Preá, aquem do Maranhão, e d'ahi mandaram explorar o que se passava, para seguirem com mais confiança.

Aos 25 de novembro se apresentou a esquadra, sem bandeira, diante do porto. Foram de terra disparados primeiro alguns tiros de polvora secca. Porém, não sendo içada ainda nenhuma insignia, e continuando os barcos a aproximar-se do ancoradouro, começou o forte da cidade a disparar com bala, e logo se travou o fogo de parte a parte; mas os navios passaram avante, havendo unicamente perdido dois homens, e foram fundear para a banda de dentro da ponta do Desterro, onde a terra faz volta para o *Portinho*, que fica além da cidade.

O governador Bento Maciel Parente, na presença de um ataque tão estranho como por elle inesperado, encarregou ao provedor mór Ignacio do Rego Barreto, que, em companhia do jesuita Lopo do Couto, fosse avistar-se com o commandante da esquadra. Quando porêm estes dois emissarios chegaram a bordo, foi-lhes dito que o chefe se achava em terra, com a fôrça, que já ahi se formava, para marchar contra a cidade. Dirigiram-se pois para a paragem do desembarque, e, ao que se lhes apresentou como chefe disseram, de parte do

governador, haverem ali sido recebidas ordens regias annunciando as treguas celebradas na Haya havia mais de cinco mezes. Bem conheceria o chefe inimigo o tratado, e o direito ás hostilidades que lhes dava o artigo 8.º d'elle, se ali não houvesse chegado ainda a notícia da ratificação, como bem presumia. Pediu pois para ver essas ordens; e com a maior boa fé saiu o governador da fortaleza, levando-as na mão; pensando que, com isso, ia poupar muito sangue, e cumprir os seus deveres como leal cavalheiro e bom christão. Examinou o chefe inimigo as taes ordens, e desde logo se tranquillisou, ao ver que ainda n'ellas se não falava da ratificação, a qual como ora sabemos, apenas havia sido assignada por Portugal na semana anterior. Duvidou, ao que parece, Maciel Parente, pouco ao corrente das fórmas diplomaticas, de seus argumentos, e resistindo-se a acreditar que o governo da metropole havia andado com pouca previsão e bastante negligencia. Viu-se porém obrigado a ceder ao número das fôrças desembarcadas, mediante uns simulacros de concessões, que lhe foram feitas, de que as hostilidades não proseguiriam, em quanto cada um dos chefes passava a pedir ordens á sua respectiva metropole; lavrando-se d'isso um termo, que foi assignado pelo governador e por Lichthardt e pelo director Bas. Os Hollandezes entraram logo no forte e na cidade, e arriando as bandeiras, içaram as suas; e no dia seguinte foram apresentar ao governador para assignar um novo termo, rasgando o anterior, que diziam estava menos bem redigido.

O velho Bento Maciel foi logo embarcado, e conduzido para o Rio-Grande; donde, preso, o levavam por terra até o Recife, quando falleceu, antes de chegar á Goyana [1]. A guarnição que havia na praça, apenas de cento e trinta soldados, foi embarcada, dizendo-se a todos que para a ilha da Madeira; mas partiram em uns barcos tão máos que deram graças a Deus quando se viram chegados, uns á ilha de S. Christovam das Antilhas, e outros (uns quarenta), com o capitão Pedro Maciel, ás aguas do Pará, levados por um barco, a que se passaram no mar, pelo máo estado do em que iam.

[1]) Calado, pag. 118.

Apoderaram-se os Hollandezes, não só da artilheria dos fortes, que consistia em cincoenta e cinco canhões, e juntamente de muitas munições, como de quanto havia pertencente ao fisco e de toda a riqueza das igrejas.

Existiam então, no districto da cidade, cinco engenhos e tres engenhocas, que todos forneciam por anno umas seiscentas caixas de assucar. O conquistador multou aos moradores no valor de umas seis mil arrobas, valor que foi sem demora pago. Em cada um dos engenhos mandou pôr guardas, convertendo os donos d'elles em verdadeiros feitores seus.

O provedor mór esteve retido em custodia até ser embarcado para a Hollanda; onde, em 2 de agosto de 1642, apresentou ao embaixador extraordinario de Portugal Francisco de Andrade Leitão uma certidão, cuja cópia temos presente, de cujas informações se serviria o dito embaixador para a nota [1] que, em 13 de maio, dirigiu aos Estados Geraes reclamando contra esta nova violencia.

As tres aldeias da ilha, bem como os moradores de Tapuitapera (Alcantara), prestaram homenagem ao vencedor.

Apenas constaram na Hollanda as notícias da occupação do Maranhão, apressaram-se os Estados a enviar ordens ás suas autoridades no Brazil, em datas de 22 de fevereiro e 15 de março (1642), para que cumprissem e fizessem cumprir á risca o tratado de treguas.

Era porém chegada para os nossos a hora das represalias. Os Hollandezes, fiados na validade do pactuado, em virtude das ratificações, iam dormir o mesmo lethargo da confiança em que os nossos haviam jazido, fiados na honra de Nassau; e da mesma sorte que elles tinham abusado da boa fé, iam ser victimas da sua confiança n'ella. A elles, que haviam ensinado o caminho, cabe toda a responsabilidade. E graças a Deus: porque a não haverem procedido tão mal, por ventura o norte do Brazil sería, senão ainda colonia d'elles, como Batavia, pelo menos mui provavelmente de nacionalidade differente da do sul. Ainda assim, tão amortecido se achava o

---

[1]) Dada á luz n'esse mesmo anno em Lisboa no folheto „*Discurso politico*" etc.

espirito público, ou tão pequenos eram os recursos que tinham os povos submettidos para sacudir o jugo, que foi necessario ajudal-os das capitanias visinhas.

Os primeiros planos para se levar isso a cabo em Pernambuco, pelos esforços dos seus proprios habitantes, haviam tido logar antes de ser occupado o Maranhão, e até já antes das entrevistas de treguas entre Nassau e Montalvão. Se não foi André Vidal o autor da idéa, desde que no tempo do conde da Torre chegou, com um punhado de homens, quasi a dominar em toda a capitania da Parahiba e a ameaçar e aterrorizar as visinhas, elle veiu depois a patrocinar de tal fórma a mesma idéa que podemos dizer que a perfilhou, que a fez familiar na Bahia, e veiu a ser, por assim dizer, a alma do plano que foi posto em execução, depois de abraçado pelo governador Antonio Telles, que tudo sacrificou para esse fim, e a quem talvez algum dia Pernambuco honrará com uma estatua.

Em Vidal obravam (como diz o grande panegyrista de Vieira, Fr. Manuel Calado) não só os impulsos do patriotismo, como tambem os da religião. Nos districtos de seu dominio iam os Hollandezes, de dia em dia, reduzindo as igrejas catholicas, e creando em seu logar outras protestantes.

A preferencia com que os nossos procuravam captar a João Fernandes Vieira não tinha outra origem mais que o ser elle, de todos os moradores de Pernambuco, o que gosava de mais favor entre os dominadores, e um dos que ahi, em seu nome e do seu committente Jacob Stachower, mais fundos manejava.

Sabemos, por documentos officiaes, que no dia 23 de maio de 1642, achando-se Vidal em Lisboa, e ao que parece já para regressar ao Brazil, d'onde tinha vindo, o rei D. João lhe fez pessoalmente promessa de lhe dar, quando se restaurasse, o governo do Maranhão, ainda então sob o dominio hollandez. Era ministro da corôa Montalvão, o qual, com a notícia de haver sido occupado o mesmo Maranhão, devia ter perdido toda a esperança de poder contar com Nassau, e haveria já reconhecido que não tinha outro remedio senão usar do recurso de autorisar as insurreições. Vidal, favorecido com a mencionada promessa, feita por ventura na propria hora da

despedida, embarcou-se para o Brazil, acompanhando a Antonio Telles da Silva, nomeado para succeder no governo geral a Montalvão, como „capitão geral de mar e terra." Chegado com este governador á Bahia no principio da última quadra do mez de agosto, foi logo Vidal pelo mesmo governador encarregado de passar ao Recife, a pretexto de entender-se com o conde de Nassau acerca dos assumptos de Angola, a respeito dos quaes lhe escrevêra Montalvão; mas com o verdadeiro intuito de tratar de fomentar ahi a insurreição, mostrando secretamente documentos para prova de como os serviços n'ella feitos seriam bem aceitos e recompensades pelo rei, e vindo já autorisado, pelo proprio rei, para distribuir para esse fim em Pernambuco até seis habitos de Christo. Conseguiu Vidal conversar não só com João Fernandes Vieira, a quem foi procurar em companhia do benedictino fr. Ignacio, mas tambem com outros moradores, e de tal modo contava já com a revolução no Maranhão (que aliás só rebentou no último dia d'esse mez de setembro), que parece ter dado d'ella notícia como coisa assentada, o que não deixou de alarmar muito o povo, que fallava de insurreição; chegando a acreditar-se que estava entre os conjurados o proprio commandante da guarda de Nassau, Carlos Tourlon, casado com a bella pernambucana D. Anna Paes, viuva de Pedro Corrêa da Silva.

No Maranhão o jugo dos oppressores era mais forte, o espirito publico, por isso mesmo que esse jugo havia durado menos, não estava tão amortecido, e a conspiração teve a fortuna de encontrar á sua frente nobres caracteres, como foram os senhores de engenho Antonio Moniz Barreiros e Antonio Teixeira de Mello.

Que essa insurreição no Maranhão foi realisada com previo assentimento da Côrte, o deduzimos nós, não tanto do facto da promessa do governo d'esse Estado, feita quatro mezes antes a Vidal, e do pensamento que chegou a haver, segundo parece, de secundal-a em Pernambuco e de se dar ahi d'ella notícia antes de rebentar, como principalmente do facto de haver sido soccorrida do Pará de gente e de munições, apenas ahi chegou a notícia do seu rompimento; sendo que as autoridades se não haveriam atrevido a tomar a responsabilidade

de mandar taes soccorros, se a esse respeito não houvessem já recebido ordens. E esta foi tambem a opinião do inimigo; pois Nieuhoff diz mui expressamente, que a perda do Maranhão em 1644 „para confessar a verdade, foi devida á combinação dos Portuguezes, com os habitantes do Grão-Pará e os naturaes da terra.“ — Sigamos porém narrando como se operou essa insurreição no Maranhão.

Haviam ahi os Hollandezes imposto aos senhores de engenho exacções tão arbitrarias que malieiaram não seriam ellas cumpridas sem que em cada engenho houvesse uma escolta. Estavam porém os soldados d'estas mal armados, mal pagos e alguns até soffrendo de febres e outras molestias. Facil era obter sobre elles, com toda a segurança, uma primeira victória. Planisaram pois os conspiradores um levantamento geral, e desde logo elegeram por chefe a Antonio Moniz Barreiros, um dos senhores d'engenho da terra e que já havia sido antes capitão-mór do mesmo Maranhão, a pedido de seu pae, do mesmo nome, habitante de Pernambuco, e que, no governo de Diogo de Mendonça, fôra feito provedor mór da fazenda, com a condição de que faria construir no Maranhão por sua conta dois engenhos de assucar, encargo que elle commettêra ao dito seu filho.

Aprazou-se o rompimento, segundo dissemos, para a noite de 30 de setembro. N'essa noite foram a um tempo surprehendidas e feitas prisioneiras ou degoladas as guarnições dos cinco engenhos, e de madrugada se foram todos reunir diante do forte do Calvario, do Itapicurú, que conseguiram surprehender, aprisionando o seu commandante, que dormia, segundo costumava, em uma casa fóra do forte, e passando a apoderar-se do mesmo forte, matando simplesmente algumas sentinellas. A uns cincoenta ao todo das guarnições dos Hollandezes foi pelos nossos dado quartel, e n'este número entrou o dito commandante do Calvario, Maximiliano Schade, o seu immediato e um soldado por nome Cornelis Jansen, que foi pelos nossos considerado de toda confiança. A Schade somos devedores de uma exposição [1], apresentada em Amsterdam em

[1]) Um summario d'esta exposição foi impresso em 1646, no folheto „*Extract ende Copye*“, etc.; porém foi do proprio original que tomámos as notas de que aqui nos valemos.

4 de novembro de 1644, em que, contando quanto lhe passou, subministra varios dados que hoje servem á historia.

A não ter sido tão habilmente combinada e feita de surpreza a occupação do forte do Calvario, não se houvera a sua posse alcançado facilmente. Era situado em um cotovelo ou pontal á margem do rio. Sobre o mesmo tinha uma frente flanqueada por dois orelhões, que formavam como dois baluartes. Para a banda da terra seguia o mesmo forte estreitando e afucinhando, sempre com flanqueamento mutuo, terminando em uma especie de revelim; o que constituia tres recintos que os atacantes teriam que tomar para d'elle se apoderar, se antes não fossem soccorridos da cidade, como era natural.

Os sublevados passaram sem demora á ilha, acommettendo e levando á degola a primeira guarda dos Hollandezes que n'ella encontraram. Logo foram assentar campo a tres leguas da cidade, com avançadas junto do rio Cotim, certos de que o inimigo não deixaria de vir atacal-os, e de terem d'esta fórma, quando ainda não eram mais de duzentos a seu favor, a escolha do sitio para a acção. — Assim succedeu. Moniz foi a tempo avisado de que, no dia seguinte, uma fôrça inimiga, de cento e vinte homens, o iria atacar no logar em que se achava. Preferiu pois desde logo levantar campo, e ir ao encontro do inimigo, armando-lhe junto ao mesmo rio Cotim, uma cilada, onde ella fosse menos esperada.

Foi o plano tão bem executado que dos Hollandezes apenas escaparam seis, perecendo todos os mais, e com elles o seu commandante.

Com esta victória, que ministrou aos sublevados armas e munições, animou-se Moniz a ir sitiar a cidade. Com a pouca gente que lhe restava, limitaram-se os Hollandezes a guarnecer a parte alta da mesma cidade, entrincheirando-se nas immediações do actual palacio do governo, e deixando de fóra varias casas e igrejas, occupou logo uma o Moniz, ordenando que outros se postassem em um edificio no canto da rua que vae para Santo Antonio.

Seguiram-se alguns tiroteios sem nenhuns resultados até que, no dia 3 de janeiro, chegaram do Pará, em auxílio dos Maranhenses, os capitães Pedro da Costa Favella, Bento Rodri-

gues de Oliveira e Ayres de Sousa Chichorro, em cincoenta e quatro canoas, conduzindo cento e treze soldados, seiscentos Indios, alguma artilheria e poucas munições. A chegada d'este soccorro fazia honra aos do Pará; pois, para envial-o, se haviam suspendido as rivalidades existentes entre a camara e o capitão Pedro Maciel, apoiado por seu irmão João Velho do Valle, capitão do Cabo do Norte. Todos se alojaram no quartel do Carmo, passando o Moniz, com os seus, para o outro posto, com avançadas onde hoje estão a igreja do Rosario e o recolhimento da Annunciação.

No dia de Reis, 6 de janeiro, se arvorava nos nossos parapeitos a bandeira portugueza, trazida pelos do Pará, e era saudada com alguns tiros contra a praça, gritando os sitiantes que eram *recados* que mandava o rei de Portugal.

Se então Moniz effectua um assalto, é mais que provavel que os Hollandezes teriam capitulado. Deixou porém passar mais de uma semana sem nada intentar, pensando talvez que pouparia muitas vidas e que os Hollandezes seriam obrigados a render-se. Porém em logar d'isso, viu no dia 15 d'esse mez, receberem elles reforços trazidos em sete barcos, e bastante se arrependeria de não haver antes intentado o ataque. Chegavam de refôrço (aos Hollandezes) trezentos soldados e duzentos Indios, ao mando do tenente coronel Hinderson que fôra ferido no sitio da Bahia, e que depois de haver estado na mesma cidade de refens em 1641, tinha sido mandado á conquista de Loanda, d'onde acabava de regressar.

Logo no dia seguinte, saiu Hinderson, á frente de quatrocentos soldados e cento e cincoenta Indios, contra o quartel do Carmo, onde, como vimos, se achavam as fôrças vindas do Pará. Esse posto foi tomado sem grande difficuldade, sendo passados á espada todos os que o defendiam.

Seguiu-se o ataque do outro posto. Ahi se defenderam os Maranhenses energicamente, de modo que obrigaram os Hollandezes a retirar-se, com perda de não poucos mortos e de sessenta a setenta feridos. A perda da nossa parte foi proporcionalmente mais pequena em número; mas muito maior moralmente, porque n'esta heroica defensa succumbiu o capitão-mór Antonio Moniz.

O mando foi logo confiado a outro senhor de engenho respeitavel, o madeireuse Antonio Teixeira de Mello, que nesta guerra perdeu um filho, por ventura morto igualmente no mencionado ataque.

Durante nove dias se mantiveram as duas forças em quasi muda expectativa, até que, na noite de 25, os nossos resolveram retirar-se. N'essa noite, ordenando o chefe hollandez que um sargento, com doze soldados e dez Indios, fosse apoderar-se de um posto dos nossos, em chegando a elle, reconheceram que havia sido abandonado, bem como todos os demais.

Nessa mesma noite se havia retirado Antonio Teixeira para dali a meia legua, a „uma posição bastante forte, além de um desfiladeiro, tão estreito que não podia passar por elle mais que um homem de cada vez“. Era ás cabeceiras do Cotim, logar onde haviam conseguido a primeira victória.

No dia 26 mandou ahi o Hollandez explorar o terreno cento e cincoenta Indios ás ordens do capitão Jacob Evers [1], mas chegados ao desfiladeiro, ahi foram todos acomettidos e mortos.

Antonio Teixeira ainda se conservou na ilha [2] por espaço de tres mezes; durante os quaes, raro era o dia em que os Hollandezes não tinham que recolher alguns mortos ou feridos; e o mais triste para elles era que se encontravam sem medicamentos. Por fim, escassos de munições e de viveres, os nossos se viram obrigados a passar o Tapuitapera (hoje Alcantara) do outro lado da bahia, em principios de maio. Dahi partiram para o Pará a solicitar munições de guerra os chefes do soccorro que de lá viera. Graças a um navio que com ellas chegára da Bahia [3] ao Pará, essas provisões não se fizeram esperar; e, — ja com ellas, não tardou Teixeira de Mello a aproximar-se da ilha; collocando-se provavelmente na Estiva, junto ao rio do Mosquito, donde continuava a inquietar o inimigo,

---

[1]) Não João Lucas, como diz o P^e^. José de Moraes.
[2]) Em Moruapy, que segundo um mappa antigo era no centro da ilha, junto ás cabeceiras do Tibery. Seria o mesmo sitio em que haviam estado antes.
[3]) *Schade*, Repres. citada.

por terra e por agua, muito ajudado nestas incursões pela intrepidez de Manuel de Carvalho Barreiros, irmão do fallecido capitão mór. Depois passaram os nossos á ilha, e provavelmente foi desta vez que se estabeleceram no chamado *Arrayal*, em frente do Itapicurú, donde podiam desse rio ser facilmente soccorridos de mantimentos.

A final o inimigo enfadado de tanto soffrer, vendo que não lhe chegavam os soccorros, que pedira mais de uma vez, achando-se com mui poucos recursos de mantimentos e munições, julgou que devia, em quanto era tempo, aproveitar-se dos poucos que lhe restavam para emprehender a viagem de retirada.

E, encravando toda a artilheria do forte, partiu no dia 28 de Fevereiro de 1644 em uns [1] chavecos velhos, que estavam no porto, a desembarcar no Ceará; donde seguiram todos por terra até o Rio-Grande, ficando no mesmo Ceará uma guarnição mui diminuta, ás ordens de um chefe Gideon Morritz, que pouco depois foi toda victima de uma invasão dos barbaros revoltados, que igualmente arrasaram todas as obras feitas nas salinas visinhas de Upanema.

Ao chegar a notícia da restauração á Bahia, Vidal escrevia para Lisboa recordando a promessa do rei; o qual, ao receber a sua súpplica, lhe mandava passar a carta patente de 11 de agosto de 1644, nomeando-o governador e capitão general do Maranhão, em conformidade da promessa que fizera em 23 de maio de 1642.

Cumpre-nos dizer que, logo depois que o Maranhão foi libertado pelo esforço dos seus bravos habitantes, e do dos seus visinhos do Pará, e apenas d'isso teve notícia o miseravel donatario de Tapuitapera, que nenhuma ajuda havia dado aos que assim combatiam por arrancar das mãos dos Hollandezes a sua capitania, a estes subordinada, em vez de enviar presentes e recompensas ao seu libertador Antonio Teixeira de Mello, passou a accusal-o ante os tribunaes, fazendo-o responsavel por quatro mil cruzados de damnos e prejuizos, em consequencia de haver obrigado os seus colonos aos tra-

[1]) Quatro, segundo Baena, *Eras*, p. 65, outros dizem dois.

balhos da guerra! E o mais é que houve em Portugal um tribunal que (por sentença de 12 de dezembro de 1646) o condemnou a realisar semelhante pagamento. E o miseravel donatario era nada menos que um desembargador, cujo nome deve a historia deixar gravado, para memória e escarmento. Chamava-se Antonio Coelho de Carvalho. A doação havia-lhe sido feita por um irmão, e, a influxo seu, confirmada pela corôa.

Talvez como tenue indemnisação de tanta injustiça, o rei, depois de restaurado Pernambuco, vendo Antonio Teixeira de Mello reduzido á pobreza, lhe fez mercê (por carta do 1.º de setembro de 1654) da capitania do Pará, por seis annos, annullando, nesta mesma data, o „despacho do habito de Santiago e doze mil reis de pensão, com que a instancias do cidade de S. Luiz estava respondido".

Quando a noticia da rendição do Maranhão chegou a Pernambuco, achava-se em vesperas de partida o conde de Nassau, que, depois de se despedir dos principaes do Recife, convocados para isso no dia 6 de maio, seguiu por terra até a Parahiba, e ahi se embarcou para a Europa quasi tres mezes depois, a 22 de maio d'esse mesmo anno de 1644.

O governo da colonia escravisada ficou em mãos de tres conselheiros secretos: Henrique Hamel, antigo negociante de Amsterdam, A. van Bollestrate, outr'ora carpinteiro em Midleburgo, e Kodd van der Burgh, que logo se ausentou, deixando em seu logar o mesmo Pedro J.[1] Bas, ja de regresso do Maranhão. Era secretario J. van Balbeeck.

Na Hollanda agitava-se por esse tempo a questão de refundir em uma só as duas companhias, oriental e occidental; a pretexto de que se aquella tinha grandes lucros é porque esta lhe aparava os golpes no caminho. A final vingou a idéa de se prorogarem os prazos das duas companhias separadas, pagando porém a oriental, pela concessão, um milhão e quinhentos mil florins, somma que serviu a descarregar o estado de uma parte da que devia á mesma companhia occidental.

[1]) Tal é a inicial do seu sobrenome Jansen, que se lê em um officio por elle assignado, e que foi tomada por S., por um copista, em virtude de menos attenta leitura.

NOTAS MAIS ESSENCIAES.

1.ª

ACERCA DE JOÃO RAMALHO E DE UM BACHAREL NA CAPITANIA DE S. VICENTE

(pags. 120 a 122).

Em nossa opinião existiram, de principio, na antiga capitania de S. Vicente, dois differentes colonos portuguezes, ambos com descendencia.

Um era bacharel e fôra deixado degradado, mui provavelmente pela frota de 1501; vistoque Pero Lopes, que em 1531 diz, ao encontral-o perto da Cananéa, que ahi estava havia trinta annos.

Este bacharel percorreria, com os seus Indios, toda a costa visinha para o norte e para o sul; pois tudo nos induz a crer que seria o mesmo encontrado quatro annos antes por Diego Garcia, embora ja então avalie nos mesmos trinta annos (*que ha bien 30 annos*) o dito tempo de residencia, quando contratou com elle o acompanhal-o ao Rio da Prata, e o fornecer-lhe 800 Indios escravos para mandar a Hespanha.

O outro era o bem conhecido João Ramalho, que habitava e dominava nos elevados Campos visinhos á actual cidade de S. Paulo, e a quem Thomé de Souza promoveu a Capitão e alcaide mor do Campo, vindo a ser tambem vereador da Camara de Santo André, em cujas vereanças de 1555 a 1558[1] se encontra o seu nome assignado *de cruz*, ou antes com uma simples risca em fórma de ferradura (sendo as palavras de seu nome em letra do escrivão), prova de como não sabia escrever, e por conseguinte que não seria bacharel. Este Ramalho devia ter vindo a estas terras em 1508; pois em uma carta escripta da propria capitania de S. Vicente, ao que parece de Piratininga, pelo jesuita Balthasar Fernandes, por commissão do Pe. Rector Joseph de Anchieta, em 22 de abril de 1568, a nosso ver só a elle se podem referir estas palavras: „Hum homem branco, que *ha 60 annos que está nesta terra* entre este gentio, que agora he quasi de cem annos, estando entre os indios e vivendo não sei de que maneira, e não querendo nada de nossas ajudas nem ministerio, deu-lhe Deus de rosto com hum accidente, alem de muitos corrimentos e pontadas que tinha: veio em tanto hum filho seu, que pousava daqui uma legua, a dizer-nos que seu pai morrera, e suspeitando nós que não seria ainda morto: forão dous padres cedo a correr por aguas que estavão pelo Campo por onde havião de passar por ser grande chea. Chegados á casa do miseravel velho que não queria nada de deus, veio deus a visitar com os nossos, porque o que estava dantes ja morrendo, em máo estado, acudiu lhe deus com a confissão que elle fez boa, pondo-se em bom estado e commungando; mas não morreo daquelle accidente, senão anda para isso aparelhado e posto na verdade, esperando por sua hora. Cedo lhe virá". —

Nem se diga que este mesmo João Ramalho seria o proprio designado como bacharel por Pedro Lopes, e Diego Garcia, e que um e outro lhe chamariam bacharel, porque seria este nome uma sua alcunha. O último destes

1) Rev. do Inst. vol. II, p. 527.

dois escriptores diz positivamente: „Alli *vive un bachiller*"; o que não pode dar logar á dita interpretação, talvez admissivel no texto de Pero Lopes. Demais: Sabemos que Cabot tambem veiu a encontrar, por essas mesmas alturas, um pouco mais ao sul, a um bacharel, cujo nome nos é revelado ser Gonçalo da Costa, conforme publicamos na pag. 83 da 1.º vol. da nova edição da *Hist. Geral.*

Deste modo, se o texto jesuitico acima se applica, segundo cremos, a João Ramalho, de quem parece não terem tido conhecimento os navegadores que se limitaram a correr a costa, bem que este não era fallecido em 22 de abril de 1568, pouco mais tempo viviria; e não éimpossivel o suppor-se que o testamento de que dá fé Fr. Gaspar da Madre de Deus [1], como feito perante o tabelião Lourenço Vaz, em presença do juiz ordinario Pedro Dias, aos 3 de maio, deva refirir-se ao anno de mil quinhentos e *setenta* (não *oitenta*), e que nos annos de assistencia tambem tenha havido errada leitura, devendo ser *sessenta* e não *noventa.*

Infelizmente foram inuteis todas as nossas averiguações em S. Paulo, em 1480, para encontrar o texto ou notas originaes desse testamento.

2.ª
ACERCA DO CALABAR, pag. 517.

Na 1.ª edição da *Historia das Lutas* dissemos, por primeira vez, na pag. 58, como nesta obra repetimos, que os crimes do Calabar, segundo uma de duas testemunhas, que fôra nada menos que o sacerdote que ouvira o reo de confissão na hora da morte, haviam sido „grandes furtos", em virtude dos quaes o desertor receava ser perseguido „pelo provedor André d'Almeida".

Sem accusar o sacerdote de haver revelado os segredos da confissão, fizemos a devida justiça á consciencia do padre, que publicou quanto sabia, *doze annos depois* de ter sido confessor. Ao cabo desses doze annos, o sacerdote tinha-se convertido em autor, narrava o que tinha por certo, e não cita como o soubera; nem talvez já se lembraria de distinguir o que sabia pelo confessionario de que soubera de outro modo. Mas o que é sem duvida é que em 1648 o autor Fr. Manuel Calado, que, com o nome que Fr. Manuel do Salvador havia sido o proprio confessor do Calabar em 1635, incluiu estas linhas na pag. 14 do seu *Valeroso Lucideno:* „E a causa de se metter (o Calabar) com os inimigos foi o grãde temor que teve de ser preso, e castigado asperamente por o Prouedor André de Almeida por alguns furtos graues, que auia feito na fazenda del Rey".

Nunca dissemos que o confessor do Calabar declarára *saber pelo confessionario* quanto nos revela; por tanto devemos suppor que não seja a nós que se refere o nosso collega Sr. Dr. Macedo, quando, em um seu livro recentemente publicado (I, p. 493—494), diz: „É tambem absolutamente inexacto que o confessor do Calabar declarára que este, na sua hora extrema de condemnado em 1635, confessára, ter sido perpetrador daquelle crime de furto: é inexacto; porque frei Manuel Calado *nem o revelou, como se escreveu* (quem?), e nem ousaria revelal-o com escandaloso abuso do confessionario".

Da mesma côr do Calabar era o capitão Domingos Fagundes, a quem fizemos mais justiça (vej. p. 616 e segs.) que o nosso amigo, o qual nem o menciona no seu livro dos 365 Preferidos.

[1]) Rev. do Inst. II, p. 426.

INDICE DO TOMO I°.

GRAVURAS

DESTE TOMO PRIMEIRO.

Se com as estampas acima, se distribuirem o Mappa do Brazil, com a designaçâo das primeiras donatarias, e o *fac-simile* da 1ª. folha das Instrucçôes a Cabral, corresponderâo estas á pag. 71 e aquelle á 134.

CORRIGENDA:[1]

(TOMO PRIMEIRO.)

V—1, To*c*queville: VI—16, *a* vida: VII, 9 *as* uaçôes: VIII, 10, enxurradas: IX, 10 — Inevi*ta*vel: X, autepen. Risque *particulares*: XIII, 12, *e que*: XIV, autepeu., pel*o*: XVI, 8 *relativas*: XVII, autep., por. XX, uota, l*a*bores: XXVIII, 17, 18 e 20, pr*e*posiçâo: 7, 17, parasytas l. *plantas*: 8, 29, t*o*jos: 9, 18, cult*u*ra: 10, 18 *de* serem: 11, 3, tâ*o*. 11, 7 avia*r*io: 12, 31, tarautul*as*: 12, 35, *e* a: 15, 12, apartados: 16, 18, risque *se*: 17, 1 vez*e*s: 17, 20, su*b*stantivo: 19, 9, P*u*ris: 19, 25 risque um *mais*: 22, 4, risque um *se*: 24, 19, deuomina*das*: 27, 29, c*o*udecoraçâo, qu*e*: 30, 17, *ou* entretecidos: ib., 20, aos *de* que: 32, 2, sobre o: ib., 24, proclama*v*am: ib., últ. cento *e*: 35, 18, era aiuda: 38, 12, toda a: 41, ult. fréchas: 42, 18, r*e*solveria: 44, 4, tor*ê*: 44, nota, cap. 19: 40, 27, d*e*positava: 48, 7, habi*ta*da: 49, 31, uome*s*: ib., 32 e 33, igualment*e* ... prisioueir*o*s: 50, 11, 14 e 21, d*e* .. s*e* .. testemunh*a*: 51, peuult. coc*a*: 54, uota, aucieus Egyptiens: 55, 8, d*e*: ib., 25, chamar*e*m: 56, 32, eram gregos: 57, 29, communi*ca*çâo: 58, 25, de*ve*: 62, 30, um: 63, 21, povoad*o*r: 65

---

[1]) Deixamos de catalogar algumas outras erratas mais manifestas: o primeiro uumero indica a pagiua, o immediato ou immediatos, a liuha, e as lettras *em italico* aquellas em que uo texto se deu o erro que se accusa. Couviria que os leitores fizessem desde logo as emendas indicadas nos logares competentes.

31, quando: 67, 22, *a* ceder: 68, 3, do apuro: 69, 24 e 25, parte *do territorio* .. desconhecido: 75, 23, dos: 76, 15, *o* receio: 77, 30, por: 78, 2, a terra *mais* a *loeste*: 79, 25, *o* poente: 80, 11, do rio: 81, 23, de mandar: 87, 7, da not. 2ª, essa: 89, 26, pelas: 90, risque as lin. 7 e 8 e a comp. nota: 94, 4, Waldzeemüller: 95, lin. últ. do texto, *factura* do dito: ib., lin. últ., f. 25 *v.* e ... 42 do *Livro da Mina*: 96, 30, *o* acolhia: 97, 7, offerecidos: 68, 13, rio: 99, n. 1, botocudo: 101. Acrescentem-se no fim do texto estas linhas: Segundo nossas conjecturas, a descoberta fôra simultanea, em 1502. Mui provavelmento Solis, o Bofes de Bagaço, fazia parte da pequena expedição commandada por D. Nuno Manuel: 102, 29, empatadas: 103, 21, *e* admiram: 105, 28 e 30, mais .. e *o* mais: 106, 12, correr a costa: ib., 23, pouco antes: 110, 31, Acuña: 122, 28, *mais de* vinte: 129, 4, regressára: 133, 13, tal: 144, 12, pela: 145, 27, ordenações: 148, últ., *não* fizessem: 150, 2, risqne-se o periodo = Nas cidades etc. =: ib., 7, *o* orgaisarem: ib., 10, pezos: 151, 15, intitulado: ib., 26, magistratura: 152, 25 e 27, grandes ... pelo: 154, 35, afastadas: 159, 32, Diremos *tambem* que: 163, 2, heresias: 167, not. 2, tratará: 169, 18, ilha que *os Indios denominavam de Guaimbé*, nome etc.: 170, 2, 33, 34 e últ., contratára ... sensivelmente ... de comprido ... *o* fundeadouro: 171, 28, esperança: 172, 25, provincias: 173, 2 da n. 2ª, encontrado: 175, 15, 16 e 17, de tantos ... trabalho da construcção ... capellinha de S. Pedro Martyr: 184, da nota 2ª, da: 189. 25 e últ., os .. *ter sido* acrescentado: 190, 8 e 30, *e*: ib., 1ª da nota, 10, 11 e 12: 193, 10, depois os: 195, 11, rio: 196, 24, risque um = sido =: ib., 28, „genros Paulo Dias e Affonso Rodrigues, natnral este de Obidos e casado" etc.: 199, 30, os mãos: 204, 6, 18, 19, 28, novos, ... das .. cujos ... da: 205, 19, jangada: 206, 15, não aiuda: 215, 17, *o* amor: 220, 23, nas civis: 221, 9, número *se*: 222, 34, decorosos: 224, 27, entendessem: 226, 10, 13, do ... mesmas: 231 — Depois da lin. 19 lêa-se: D. João de Castro confiava tanto na sua honradez e prudencia que, poucos annos antes, pedia com instancia ao rei que lh'o mandasse para o ajndar no governo da India. 232, 19, veiu a governar-se: 236, 1ª. e 7ª. da nota, João ... sendo: 237, 5ª. da 1ª. nota. A data do *Diario Official* está errada: Será de dezembro?: 239, 24, esteiro: 240, 26, judiciosas: 250, 13, levasse: 251, 2 da nota 2ª. dez. de 1550: 253, últ. do texto, terras: 256, 19, mais de *quarenta*: 261, 25, companheiros: ib., nota 4, risquem-se as sete primeiras palavras: 264, nota, Tebiriçá: 265, 28, Moniz: 266, 6, de rendas: 267, 3 da nota, Freire: 268, 17, estava *a*: 272, 9, 1555: 278, 9, viveres: 292, 10, Mamposteiro: ib., 23, das: 294. 30, dois *mil* e duzentos cruzados: 295, 17, risque = fazer =: 302, 17, admiram: 303, 5ª da nota 5ª, 1812 (não 1612): 305, antepen., de março: 306, 10, pessoa: 311, 5. do Castello: 326, 21, governo do *norte*: ib., 32, Sebastião: 327, 29, *a* tal: 327, ult. fossem: 330, 3, porém: 331, 15, Jequiriçá: 336, a nota deve trocar-se com a 1ª. da pagina seguinte: 338, 19, 22, um ... de toda: 344, últ., *a* elrei: 345, 29, Valdez: 346, 29, Paranápanema: 347, 2, nos primeiros *mappas*: 353, 28, para *o*: 355, 2, 22 de: 362, 32, capitania: 364, 11, *moçacara (Mboçácara*, o que é muito honrado, Montoya, Tes. f. 215): 367, 10, tarefas: ib., 35, *as* obras: 372, penult., ausentar-se: ib., últ., Reconcavo: 380, 6, cujo: 381, últ., 50 $ rs: 382, 1, *o* foro: 383, 24, por ventura *pelas immediações do* proprio chamado *depois de*: 384, 19, governador: ib., 31, aqui *as*: 387, 26, em: 393, 10, para ella: ib., 21, Feliciano *Coelho*: 394, 9, das Neves: ib., 11, seguir *Feliciano Coelho*, á freute: 395, 17, ou: 396, 19, votado *aos*: 397, 30, Biraçoyava: 399, 6, uma: 400, 26, Essas ordens: 401, 18, delinquentes: 404, 15, ao: 407, 35, antes: 408, o seguimento da 1ª. nota acha-se na pagina immediata. 419, 31, 1. = Relação não = em logar de = criação não =: 422, segue depois da lin. 13 = que so foi introduzida no Brazil em fins do seculo immediato (1696) =: 423, 23, sendo-lhe: 427, 25, fomentar-se: 428, últ. 10 *de Setembro* de 1611: 430, 6, toneladas: 431, 27, ficarem *ao* mando: 432, 23, 3.183 $ 960: 434, 1ª. das notas, Jesuitas, *um conto e duzentos*: 439, últ., 1609 (não 1608): 439, 1, Colonisação do Maranhão-*Para*: 441, risque-se desde = Pode-se (lin. 11) ate pescoço (lin. 23), periodo ja impresso om outra pagina anterior: 443, 11, naturalmente: 448, 16, lea *forte* onde se diz = porto =: 449, 10, 1615 (não 1515): ib., 1ª. das notas, mission *des Peres*: 452, 13, risque o final do periodo depois de Moura: 453, 18, *e* no: 457, 4, a *mesma* metropole: ib., 15, Cochado: 459, risquem-se as linhas de 5 a 8: ib., troquem-se as duas notas: 467, 22, companhia *hollandeza*,: 472, 1ª. da nota, Chama-se-lhe *na estampa*: 479, 29, com *menos facilidade*: ib., 36, sôbre: 482, 15, para: 494, 24, doutrina: 496, penúlt., ponta: 510, 23, prestaram: 542, 3, vencedores: 543, 6, que *a*: 544, depois da 4ª. lin. devem ler-se as 22 desde a 14ª. ate a 35ª. de p. 549. 553, 1ª. Nassau *ate levantar o sitio da Bahia* (vej. o indice): 558, 20, elle em: 585, 9, depois de = ordens = houve um salto, e deve seguir-se: = do coronel Koen, que foi mandado, com mais tresentos homens, invadir para as bandas do Rio Real, o que elle executou destruindo quanto poude, sem que lhe ousassem offerecer resistencia as fôrças ahi deixadas por Barbalho ás ordens =: 588, 6 e 7, risquem-se as palavras depois de = Montalvão = ate = Bahia =, inclusivè: 591, 17, duplicidade: 601, 2, setecentos indios: ib., 7, Valle, capitão *mor*. Os titulos estão mais correctos no Indice geral, que nos que acompanham cada secção.